

2º CICLO

ARQUEOLOGIA

Lucernas romanas importadas no Norte
de Portugal. Contributo para o seu
estudo.

Flávia Maria Magalhães Nunes

M

2016



Flávia Maria Magalhães Nunes

**Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal.
Contributo para o seu estudo.**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Volume I

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal. Contributo para o seu estudo.

Flávia Maria Magalhães Nunes

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Membros do Júri

Professora Doutora Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Professor Doutor Ángel Morillo Cerdán
Faculdade de Geografia e História da Universidade Complutense de Madrid

Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

Aos meus pais, meus maiores Mestres!

Sumário

Volume I

Agradecimentos	VII
Resumo	IX
Abstract.....	X
Índice de figuras	XI
Índice de tabelas	XII
Índice de Histogramas	XIII
Introdução	1
Parte 1 – As lucernas no mundo romano	3
1.1. Origem e funcionalidades	3
1.2. As partes de uma lucerna.....	5
1.3. Técnicas de Fabrico	7
1.4. O estudo das lucernas romanas.....	11
Parte 2 - Estudo dos materiais.....	29
2.1. Objetivos e metodologia	29
2.2. Enquadramento geográfico	32
2.3. Enquadramento histórico do norte de Portugal	36
2.4. Área geográfica considerada	41
2.5. Crono-tipologia.....	48
2.6. Áreas de produção	79

2.7. Análise iconográfica	82
2.8. Marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos	95
2.9. Padrões de importação no contexto do norte de Portugal. Algumas reflexões.	117
Parte 3 – Considerações finais.....	121
Referências bibliográficas	131
Estampas.....	132

Volume II - Anexos

Anexo 1 – Crono-tipologias	2
Anexo 2 – Áreas de Produção	40
Anexo 3 - Iconografia	50
Anexo 4 – Marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos.....	54
Anexo 5 - Gráficos.....	57
Anexo 6 - Tabelas.....	62
Anexo 7 – Mapas.....	67
Anexo 8 – Fichas de Inventário.....	69

Agradecimentos

O meu profundo reconhecimento constitui uma homenagem sentida a todos os que me apoiaram, encaminharam e aconselharam, permitindo a realização da presente dissertação e a minha concretização pessoal.

Cumpre-me distinguir, em primeiro lugar, o agradecimento pelo contributo do orientador científico deste trabalho, Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais, por todos os ensinamentos transmitidos, acompanhamento, empréstimo de bibliografia, e pela pronta disponibilidade demonstrada na partilha da sua ampla experiência como ilustre investigador.

Desejo expressar o meu sincero agradecimento ao Dr. Miguel Nogueira, da Oficina do Mapa, pelo contínuo acompanhamento neste processo. O seu apoio na organização dos dados, e subsequente tratamento de análises e produção cartográfica, enriqueceram em muito este trabalho.

Reconheço igualmente o contributo de todos os museus, câmaras municipais, gabinetes de Arqueologia, casas da cultura e demais instituições visitadas que permitiram o estudo das lucernas, revelando uma pronta disponibilidade e espírito de cooperação. A sua importância atinge uma valia tão significativa que, sem elas, não teria sido possível aferir qualquer resultado. Destaco a colaboração do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa em Braga, na pessoa da Dra. Isabel Silva, pela receptividade demonstrada no acesso às suas coleções lucernárias assim como o registo fotográfico e gráfico de grande parte das peças mencionadas no presente estudo. No âmbito desta instituição, reconheço o sincero contributo da desenhadora D. Amélia Marques, na transmissão de técnicas de desenho e método de trabalho. Do foro pessoal, reconheço a sua amizade, carinho e apoio. Sublinho igualmente a colaboração da D. Clara Lobo, amiga sempre pronta, no acompanhamento deste trabalho e pelo seu vasto conhecimento dos materiais. Por último, acentuo a colaboração da Dra. Maria José Sousa, expressa na célere e rigorosa ajuda e cedência de informação relativa às peças.

Sublinho também a cooperação do Museu Municipal de Penafiel, na pessoa da Dra. Maria José dos Santos, pela receptividade e apoio. Ressalvo ainda a colaboração do gabinete de Arqueologia de Chaves, na pessoa do Dr. Rui Lopes, expresso na orientação prestada e na profunda flexibilidade. Às restantes instituições, ficam aqui expressas as minhas sinceras gratidões pela cooperação e pela amabilidade de me receber.

Gratifico à Andreia Esteves toda a amizade. Durante cerca de dois anos

partilhamos as experiências inerentes a este estudo, iniciando com a pesquisa bibliográfica, passando pelo exaustivo trabalho de campo de visita às instituições, pelo registo fotográfico e gráfico das peças, e terminando nas longas viagens de desabafos, choros e risos. Atrevo-me a dizer que ambas conhecemos os nossos medos, as nossas lutas e as nossas ambições. Expresso igualmente o meu profundo agradecimento à Joana Ruella, amiga incondicional por quem tenho uma grande estima, pelo contributo na revisão literária deste trabalho. Sublinho a cooperação da Daniela Freitas e do Dr. Vítor Teixeira, pela disponibilidade e apoio demonstrados na execução das fichas de inventário no *Programa Access* e formatação inerente. Ressalvo também a cooperação dos colegas de Mestrado demonstrada na troca de esclarecimentos académicos e obras bibliográficas. Sublinho igualmente o apoio das colegas do 304, em especial à Sandra Lima, pelo incentivo e auxílio no tratamento das fotografias. Congratulo o imenso apoio da Jéssica Pinto refletido nas dicas para o tratamento dos desenhos técnicos e fotografias.

Por último, desejo expressar profunda gratificação aos meus pais, às minhas irmãs e ao Tiago Semblano. O sucessivo apoio, compreensão e encorajamento transmitidos nos momentos mais desesperantes, revelaram-se de extrema importância para a continuação da realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo o estudo das lucernas romanas importadas no norte de Portugal. Estas provêm de achados realizados neste território e distribuem-se, atualmente, por 24 instituições.

Das cerca de 800 lucernas identificadas foram consideradas neste estudo 291, dado o estado excessivo de fragmentação das restantes. A maioria já se encontra publicada ou referida nos relatórios de escavações, sendo que apenas uma pequena parte se encontra inédita.

Deste vasto acervo foi possível integrar 244 lucernas em 28 tipologias. Destas, 195 têm decoração no disco, na orla, na asa ou no *rostrum*, e apenas 34 apresentam marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos.

Do ponto de vista cronológico a variabilidade é igualmente notória, com exemplares datáveis a partir dos finais do século I a.C. e os inícios da centúria seguinte, e outras, mais tardias, datáveis até os meados do século VI. O auge das importações ocorre, todavia, no século I, acompanhando os restantes materiais importados característicos desse período, como é o caso da *terra sigillata* alto-imperial, das paredes finas e das ânforas. Durante os inícios do século II ainda se documentam algumas importações. Apenas a partir de meados desta centúria e, no decorrer dos séculos III e IV, assiste-se a uma quebra significativa nas importações. Entre finais do século IV e os inícios do século V, as importações voltam a crescer, diminuindo logo na centúria seguinte.

Como seria de esperar, a grande maioria das produções é de origem itálica, seguida daquelas de origem hispânica e africana. Com exceção de 9 lucernas em bronze, fabricadas segundo a técnica da fundição oca e por moldagem, a quase totalidade é de cerâmica e, na sua maioria, obtida a partir de moldes. Apenas alguns exemplares da forma Hispânica 50 de TSHT foram fabricados a torno.

Esta grande variabilidade formal e de fabrico permitiram tecer algumas considerações sobre os padrões de importação no norte de Portugal no decorrer do período romano.

Palavras-chave: Período romano; lucernas importadas; Norte de Portugal.

Abstract

This work had as its objective the study of the roman lamps imported in the North of Portugal. These come from diverse interventions made in this area and are currently distributed by 24 institutions.

Of the 800 identified lamps, 291 were considered in this study, given the excessive state of fragmentation of the remaining. Most are already published or referred to in excavation reports, and only a small part is unprecedented.

From this vast collection was possible to integrate 244 lamps in 28 typologies. Of these, 195 have decoration on the disc, on the edge, on the handle or on the *rostrum*, and only 34 have inscriptions and *graffiti*.

The variability is also evident from a chronological point of view, with datable specimens from the late first century BC and the beginning of the following century, and other, at a later time, datable to the mid-sixth century. However, the rise in imports happens in the first century, accompanying the rest of the imported materials characteristic of that period, such as the high-imperial *terra sigillata*, the thinned wall ceramics and amphorae. During the beginning of the second century some imports are still documented. Only from the middle of this century, and during the third and fourth century, we can witness a significant drop in imports. Between the end of the fourth century and the beginning of the fifth century, imports grow back again, diminishing the very next century.

As expected, the vast majority of production is of Italic origin, followed by those of Hispanic and African origin. With the exception of 9 bronze lamps, manufactured according to the technique of hollow casting and molding, almost all of them are ceramic and, in its majority, obtained from molds. Just a few examples from the type Hispanic 50 of the late Hispanic *terra sigillata* were manufactured on a pottery wheel.

This large form and manufacturing variability allowed us to make some observations on the import standards in the north of Portugal during the Roman period.

Keywords: Roman period; imported lamps; North of Portugal.

Índice de figuras

Fig. 1 - Partes de uma lucerna: 1 – <i>Infundibulum</i> (reservatório ou depósito); 2 – <i>Rostrum</i> (bico); 3- <i>Discus</i> (disco); 4- <i>Margo</i> (orla); 5- Molduras e caneluras; 6- <i>Ansa</i> (asa); 7- <i>Volutas</i> ; 8- Orifício de alimentação; 9 - Orifício de iluminação/combustão; 10- Orifício de arejamento/ventilação; 11- Aletas; 12- Apêndices).....	7
Fig. 2 – Interior de uma lucerna com representação da mecha ou torcida (<i>ellyphnium</i>) e combustível líquido	7
Fig. 3 – Técnicas de fabrico manual, a torno e a molde.....	9
Fig. 4 – Representação de detalhes não incluídos no modelo original.....	9
Fig. 5 - Principais oficinas de lucernas em <i>terra sigillata</i> africana conhecidas na Tunísia (Bonifay, 2004: 78, fig.40)	82
Fig. 6 - Proveniência por áreas e centros de produção das lucernas importadas recolhidas no norte de Portugal	118
Fig. 7 - Lucernas romanas em bronze encontradas no Norte de Portugal.....	120
Fig. 8 – Lucernas encontradas por município no norte de Portugal.....	127
Fig. 9 – Locais de proveniência das lucernas e sua distribuição na rede viária e fluvial	129
Fig. 10 - Distribuição das lucernas importadas na cidade de Braga.....	130

Índice de tabelas

Tabela 1 – Locais de proveniência das lucernas estudadas e contabilizadas, por distrito	47
Tabela 2 – Motivos decorativos apresentados no disco das lucernas	91
Tabela 3 – Motivos decorativos representados na orla das lucernas	93
Tabela 4 - Fórmulas registadas nas marcas de oleiro	100
Tabela 5 – Quantidades e percentagens totais das tipologias das lucernas	125

Índice de Histogramas

Histograma 1 - Quantidade das lucernas estudadas e contabilizadas	48
Histograma 2 - Quantidade das lucernas em cerâmica	49
Histograma 3 - Quantidade de lucernas em cerâmica por tipologias.....	50
Histograma 4 - Quantidade de lucernas em bronze e suporte de lucerna por tipologia.	51
Histograma 5 – Tipos de lucernas de volutas	53
Histograma 6 – Tipos de lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico	59
Histograma 7 – Tipos de lucernas de disco.....	63
Histograma 8 – Tipos de lucernas tardo-antigas de origem africana.....	70
Histograma 9 - Lucernas por áreas de produção.....	79
Histograma 10 -Temas decorativos representados no disco	84
Histograma 11 - Motivos decorativos representados na orla das lucernas	92
Histograma 12 - Motivos decorativos representados na asa das lucernas	94
Histograma 13 - Motivos decorativos representados no <i>rostrum</i> das lucernas.....	94
Histograma 14 - Marcas de oleiro.....	99
Histograma 15 - Símbolos anepígrafos	111
Histograma 16 – Quantidade de lucernas dos períodos alto e baixo imperiais	121
Histograma 17 – Quantidade de lucernas no decorrer do período imperial.....	122
Histograma 18 – Percentagens totais dos exemplares por tipos	123
Histograma 19 – Percentagem de lucernas no decorrer do período imperial	126
Histograma 20 – Sítios com maior percentagem de achados.....	128

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo o estudo das lucernas romanas de importação até à data encontradas no norte de Portugal.

O estudo destes materiais cerâmicos colocou-nos, todavia, alguns problemas de classificação devido ao facto de frequentemente lidarmos com fragmentos de reduzidas dimensões. Este está estruturado em 3 partes, remetendo-se para Anexos, outros elementos complementares.

Na **1ª Parte** equacionam-se dados relativos à origem e funcionalidade das lucernas no mundo romano e procede-se à sua descrição e técnicas usadas no processo de fabrico. Como complemento, destacámos as principais obras de referência que serviram de base a esta dissertação e apresentámos uma breve compilação da bibliografia dedicada a este tema em âmbito peninsular e, em particular, no norte de Portugal.

Na **2ª Parte** equacionam-se os objetivos e as metodologias adotadas. Nesse sentido elaborámos um enquadramento histórico e geográfico do território estudado, incluindo uma breve descrição dos locais onde foram recolhidos os exemplares importados. Procede-se, de seguida, à análise crono-tipológica destas lucernas, incluindo os aspetos iconográficos e epigráficos. A ausência de dados estratigráficos para alguns exemplares levou-nos a integrá-los numa cronologia geral de produção, de acordo com a cronologia consagrada nos estudos da especialidade. Outras vezes, não foi possível atribuir uma forma específica a determinados exemplares, dado o excessivo estado de fragmentação. Uma percentagem significativa dos materiais estudados provém de coleções particulares, posteriormente cedidas a instituições públicas, razão pela qual não vêm acompanhadas de elementos estratigráficos. Nesta parte do trabalho considerámos ainda as áreas de produção, identificadas de acordo com os critérios crono-tipológicos e da análise das pastas e epigrafia. Como referimos, atentamos também no estudo da iconografia e procedemos a uma breve descrição das cenas representadas, referindo, quando possível, os respetivos paralelos. Por fim, estudaram-se as marcas, os símbolos anepígrafos, as letras isoladas e os grafitos, de acordo com os dados proporcionados pela bibliografia consultada.

Na **3ª Parte**, abordámos as questões relacionadas com padrões de importação e a sua dispersão no norte de Portugal. Como se constatará, a análise destes dados permitiu-nos um melhor conhecimento dos ritmos de importação e da importância comercial

destes bens neste território, com especial destaque na zona litoral e nos locais situados junto das vias terrestres e fluviais. De todos estes locais, cabe destacar a cidade de *Bracara Augusta*, que como capital conventual, foi responsável pela redistribuição de grande parte das lucernas importadas no território considerado. Como se compreenderá, a grande maioria, pelo menos aquelas oriundas da Península Itálica e do Norte de África, chegaram por via marítima, junto com outros materiais de importação. Outras, como aquelas de origem bética e fabricadas no vale do Ebro, poderiam ter chegado pelas vias terrestres.

Como já referimos, reservamos para Anexos (1-8), uma diversidade de informações complementares.

Parte 1 – As lucernas no mundo romano

*Bebamos.
Porque havemos de esperar pelas lucernas?
O dia tem a extensão de um dedo.
Traz as taças grandes, meu amor, as coloridas taças.*

*O filho de Sémele e de Zeus aos homens
o vinho deu para esquecimento de seus males.
Enche-as até transbordarem –
Uma parte de vinho para duas de água.
E que uma taça empurre a outra.*

Alceu
(Ilha de Lesbos, c. 620 a. C.- c.580 a.C.)

1.1. Origem e funcionalidades

A lucerna, termo que deriva do grego *luknos* ou *lychnus*, consiste num objeto de forma côncava onde se deposita um combustível líquido (normalmente azeite) e que com o auxílio de uma mecha era usada para a iluminação. Normalmente em argila, as lucernas podiam também ser fabricadas em bronze (mais raramente em prata), em vidro e pedra.

Para além de permitir a vivência em ambiente noturno, as lucernas aparecem associadas a rituais religiosos e funerários.

A sua adoção e difusão relacionam-se com a existência de uma substância fundamental, o azeite. Existiram variedades distintas deste líquido, supondo-se que se reservava o de menor qualidade para a iluminação (Morillo Cerdán, 2015: 323).

Embora se conheçam na civilização micénica, provavelmente influenciadas pelas importações egípcias, os fenícios são os primeiros a difundir as lucernas em todo o mediterrâneo, pelo menos a partir do I milénio a.C. Estas eram simples e consistiam numa simples taça aberta e dobrada num dos extremos para colocar a mecha.

Mais tarde, no decorrer do século V a.C., as lucernas irão difundir-se nas produções áticas. A produção em maior escala decorrerá, todavia, na época helenística e, mais a ocidente, através dos etruscos e das colónias gregas da Magna Grécia e da Sicília (Morillo Cerdán, 2015: 323).

Cerca do ano 300 a.C., documentam-se os primeiros exemplares de lucernas do sul de Itália em Roma, concretamente na necrópole do Esquilino (Dressel, 1899). Durante os séculos III-II a. C. aparecem documentadas imitações locais de lucernas helenísticas em Roma. O aparecimento de lucernas com morfologia tipicamente romana apenas ocorre no século I a.C. (Amaré Tafalla, 1988a: 16-17).

As lucernas estão presentes em contextos utilitários, mas também estão associadas a locais de carácter religioso, profano e supersticioso (Almeida, 1953: 90). Estão igualmente presentes em contextos de ócio, nomeadamente em espetáculos teatrais e na organização de festejos noturnos. Refira-se, a título de exemplo, os *Ludi gladiatores*, uma das representações noturnas que Calígula e Domiciano elaboraram à luz de lucernas suspensas ou aplicadas em suportes (Walters, 1914: 14 *apud* Pereira, 2008: 9).

Mas é no mundo funerário que estas se destacam, depositadas enquanto simples oferendas ou com um sentido mais profundo (Walters, 1914: 15), constituindo um dos materiais que se entendia ser indispensável para o seguimento da vida além-túmulo.

As lucernas adotam também funções mais abstratas, e em circunstâncias distintas. Estas podiam estar coligadas com algumas superstições em que a direção e oscilação da chama poderia emblemar um bom ou mau augúrio. Por vezes estas eram “*motivo de ofertas pessoais, com pequenas mensagens epigrafadas na área do disco*” (Caetano, 2001: 31).

Eram ainda utilizadas como “cronometradoras” de tempo, servindo para medir o tempo de trabalho dos mineiros. “*A lucerna, colocada em pequenos nichos nas hasteais das galerias, teria um depósito com duração de nove horas, correspondendo ao período de trabalho*” (Martins, 2008: 61- 62).

A necessidade de peças com a presença de um depósito maior evitaria, assim, a persistente urgência de manutenção das mesmas, e a existência de um *rostrum* mais aberto e alongado permitiria uma maior iluminação.

Por vezes a carência de um grande número de lucernas, quer para a exploração mineira, quer para fins militares, poderia incentivar o fabrico local, como no caso de *Herrera de Pisuerga* (Palencia) durante os reinados de Augusto e Tibério, associado à presença da *Legio IIII* Macedónica (Morillo Cerdán, 1993: 357).

1.2. As partes de uma lucerna

Como forma de apresentação das partes de uma lucerna optámos por manter a designação latina a par da atual, enquadrando, deste modo, as diferentes terminologias adotadas pelos investigadores. Considerámos igualmente apresentar a imagem de uma lucerna, de modo a facilitar a visualização das diferentes partes mencionadas no decorrer do texto (**Fig. 1 e 2**).

Um dos elementos de primordial importância numa lucerna é o *infundibulum* (reservatório ou depósito de combustível), que servia para armazenar gorduras de origem vegetal (especialmente azeite) ou animal (caso da banha de porco e o óleo de baleia) em estado líquido. No prolongamento do *infundibulum* encontra-se o *rostrum* (bico) que servia para estabilizar a mecha.

Na parte superior temos o *discus* (disco) que serve como cobertura do recetáculo do combustível, protegendo-o do desperdício. A introdução deste elemento é uma inovação especialmente associada aos romanos (Zozaya, 1990: 56 *apud* Serrano, 2011: 47). Este, frequentemente decorado, é, por norma, plano ou côncavo. A concavidade deteria uma função preeminente pois permitia a reposição do combustível, através do orifício de alimentação para o interior do *infundibulum*.

A rodear o *discus* dispõe-se a *margo* (orla), tendo muitas vezes a função de “emoldurar” os relevos representados no disco. As molduras podem ser em feição de anel, salientes, com ou sem decoração.

No sentido oposto ao *rostrum* apresenta-se a *ansa* (asa), constituinte que pode estar presente ou não numa lucerna. O posicionamento oposto ao orifício de iluminação prende-se com a comodidade do seu manejo e transporte, de modo a não se verter o combustível. Inicialmente a asa seria perfurada tornando-se mais tarde maciça.

O orifício de iluminação é uma abertura no *rostrum* onde se dá a colocação e combustão da mecha, que absorve o combustível líquido. Alguns autores atribuem-lhe a designação de “orifício de combustão” (Pereira, 2008: 23).

Outra abertura de peculiar relevância, disposta no disco das lucernas, associa-se à introdução do combustível dentro do reservatório, designando-se “orifício de alimentação”.

Menos comum é a presença do orifício de arejamento, apenas perceptível em alguns exemplares, encontrando-se, habitualmente, na parte mais elevada da lucerna, entre o *rostrum* e o orifício de alimentação. A sua funcionalidade não está isenta de

dúvidas. Contudo, é comumente aceite a conjectura de, por um lado, possibilitar o arejamento da combustão aquando a obstrução do orifício de alimentação e, por outro, permitir um melhor manuseamento da mecha com o auxílio de um pequeno instrumento (Amaré Tafalla, 1987: 31).

De modo a sustentar o corpo da lucerna, o fundo é plano, por vezes epigrafado na face externa.

Com um carácter mais ornamental que funcional são os exemplares com volutas, bem como com protuberâncias diversas, aletas, elementos em forma de crescente lunar ou folha junto à asa, entre outros (Caetano, 2001: 9).

Certos tipos de lucernas mais antigas possuem volutas, um ornamento em forma de espiral ou caracol, vulgarmente dispostas na área de união do disco com o bico. Em ocasiões, as lucernas romanas podem ainda exibir aletas, extensões de dimensões e formas variáveis que sobressaem da *margo* para o exterior. A função original de manuseio vai-se perdendo, passando a ter um carácter puramente ornamental.

Os apêndices, representados apenas nalguns tipos de lucernas, são pequenas projeções, maciças ou perfuradas, na *margo*. Quando perfurados, serviam de suspensão da lucerna. Mais tarde, constituem um elemento meramente decorativo.

Finalmente, a mecha ou torcida (*ellyphnium*) seria produzida a partir de matéria vegetal, provavelmente folhas de *verbascum* (Pinto, 1929: 177), linho, papiro, ou medula de junco (Teixeira, 1938: 379). O número podia variar, sendo proporcionais à intensidade da iluminação pretendida.

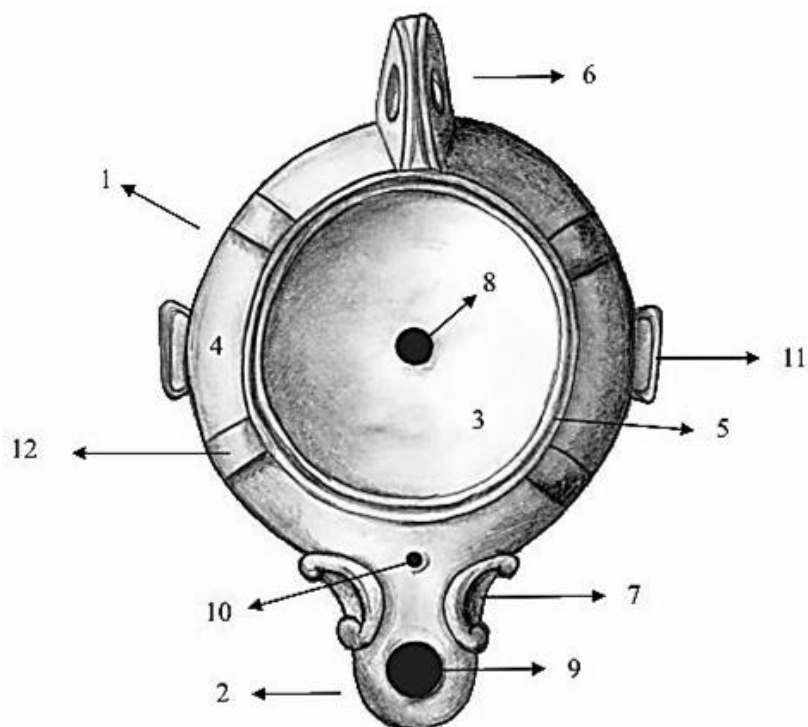


Fig. 1 - Partes de uma lucerna: 1 – *Infundibulum* (reservatório ou depósito); 2 – *Rostrum* (bico); 3- *Discus* (disco); 4- *Margo* (orla); 5- Molduras e caneluras; 6- *Ansa* (asa); 7- *Volutas*; 8- Orifício de alimentação; 9 - Orifício de iluminação/combustão; 10- Orifício de arejamento/ventilação; 11- Aletas; 12- Apêndices).



Fig. 2 – Interior de uma lucerna com representação da mecha ou torcida (*ellyphnium*) e combustível líquido¹

1.3. Técnicas de Fabrico

A técnica utilizada pelos oleiros romanos não parece ter sofrido grandes inovações, mantendo-se constante durante um longo período de tempo (Deneauve,

¹ Fonte: http://www.valongoambiental.com/files/guiao_exposicao.pdf, consultada a 22 de julho de 2016

1969: 79). Como já referimos, para além da cerâmica, as lucernas podiam ser fabricadas em metal, em vidro e em pedra.

No presente estudo apenas se documentou a presença de exemplares produzidos em cerâmica (a grande maioria) e em bronze (ver **Anexo 2, fig.6**). A quase totalidade das lucernas foi fabricada a molde, ainda que se conheçam produções a torno ou mesmo manuais (**Figura 3**). Neste processo o oleiro desempenhava um papel importante, pois os exemplares fabricados por cinzeladores e escultores apenas se reservavam para raros exemplares de luxo. Por conseguinte, a argila, matéria-prima primordial e abundante contribuiu para o estabelecimento de *officinae* nas mais diversas regiões (Amaré Tafalla, 1984: 13).

Frente às outras tecnologias de fabrico, a aplicação da técnica do molde bivalve no processo de manufatura imprime características muito particulares a uma lucerna. Esta técnica introduz-se no mundo romano no 1º quartel do século III a.C. e vai ganhando terreno durante a centúria seguinte até se converter no modo de fabrico generalizado a partir do período augustano (Morillo Cerdán, 2015: 336). Consiste na elaboração prévia de um modelo maciço, onde se inclui todos os detalhes de uma lucerna, incluindo, por vezes, a asa. A decoração e a marca de oleiro podem já estar presentes no modelo, mas o mais habitual é serem adicionados posteriormente.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 162; 2015: 336), praticamente não se conhecem do ponto de vista arqueológico referidos modelos. A partir destes elaboravam-se jogos de moldes bivalves em grandes quantidades, permitindo a sua substituição em caso de rotura e desgaste. “*A elaboração teria em conta razões de ordem económica e prática, privilegiando-se exemplares duradouros que permitissem auferir maior lucro*” (Serrano, 2011: 80).

Estes moldes são em argila ou em gesso (Almeida, 1953: 57), sendo a sua extração a partir do modelo facilitada mediante a utilização de gordura ou azeite. Antes da secagem e da cozedura, os moldes seriam retocados, adicionando-se marcas ou decorações.

No processo de fabrico da lucerna aplicava-se manualmente a argila na parte interior das duas valvas (denota-se, por vezes, claras digitações do oleiro nas paredes internas). Uma vez obtidos os dois positivos da peça, as valvas eram unidas, deixando o interior oco. Posteriormente adicionavam-se os detalhes não incluídos no modelo original, como, por exemplo, a asa, as marcas, os orifícios, entre outros (**Figura 4**). As

lucernas eram deixadas a secar para mais tarde se adicionar um engobe (obtido com uma solução coloidal da mesma argila) para lhes auferir resistência e impermeabilidade.



Fig. 3 – Técnicas de fabrico manual, a torno e a molde²



Fig. 4 – Representação de detalhes não incluídos no modelo original³

Depois do processo de secagem, as lucernas eram colocadas no interior dos fornos, mediante separadores, e eram cozidas a uma temperatura entre os 800 e 1000° C. Como revelam análises arqueométricas (Morillo Cerdán, 1999: 337), a temperatura da cozedura podia variar consoante as áreas de fabrico (García Giménez *et al.*, 2006).

Voltando ao fabrico de lucernas mediante o molde bivalve. Graças a esta técnica foi possível uma produção em grande escala, alcançando todos os cantos do Império. Mas neste âmbito deve ainda referir-se a prática da remodelagem, ou seja, os modelos criados não são mais que cópias de lucernas pré-existent (Caetano, 2001: 21-22 *apud* Serrano, 2011: 51) negligenciando, assim, a originalidade. Este feito dificulta a identificação da produção de respetiva lucerna, que apenas se poderá revelar, com base

² Fonte: http://www.valongoambiental.com/files/quiao_exposicao.pdf, consultada a 22 de julho de 2016

³ Fonte: http://www.valongoambiental.com/files/quiao_exposicao.pdf, consultada a 22 de julho de 2016

na análise macroscópica das pastas, um trabalho moroso e complexo, nunca isento de dúvidas.

O fabrico de lucernas a torno rápido foi sendo substituído pela técnica anterior. Por norma consistia na criação de taças com um rebordo estrangulado, criando-se o suporte adequado para segurar a mecha embebida no combustível. A tendência de envasamento do bordo para o interior traduziu-se na produção de um recipiente fechado, apenas com orifício no disco destinado a encher o reservatório de combustível líquido.

Durante o Baixo-império, reativa-se a técnica de elaboração de exemplares a torno, que se encontra bem documentado neste estudo pela presença de lucernas em *Terra Sigillata* Hispânica Tardia da forma 50.

À semelhança do anteriormente referido, numa primeira fase procedia-se à colocação da argila no torno em posição central, seguindo-se o estrangulamento da parte inferior e a definição das paredes e do bico. Efetuava-se o levantamento do perfil e torneava-se o bico colocando os dedos em forma de pinça. Posteriormente procedia-se ao estreitamento da base e, finalmente, ao corte da peça com a corda de oleiro.

O fabrico manual de lucernas parece estar, até ao momento, escassamente documentado (Amaré Tafalla, 1987: 22). Cabe salientar que se trata de um método extremamente simples, consistindo no manuseamento da pasta cerâmica até que esta ganhe a forma pretendida (Pereira, 2002: 24).

No que concerne ao fabrico de lucernas que têm por base a utilização de bronze, consideram-se dois tipos essenciais: a fundição por moldagem e a fundição oca. A fundição consiste no processo de verter metal líquido para um molde, que apresenta uma cavidade com a forma desejada, permitindo, posteriormente, que arrefeça e solidifique. A parte solidificada denomina-se de peça fundida. Quando retirada do molde ou, noutros casos, aquando a quebra deste, completa-se o processo. Normalmente a fundição é utilizada quando se pretende executar peças complexas ou nos casos em que os outros métodos de fabrico têm um custo mais elevado (Pinto, 2002:71).

1.4. O estudo das lucernas romanas

1.4.1. Obras de referência nos estudos da especialidade

As lucernas constituem um tipo de material que desde muito cedo suscitou atenção por parte dos estudiosos e humanistas. A partir do Renascimento, a “redescoberta” do mundo clássico impulsionou a coleção de objetos antigos, reunidos por um critério exclusivamente colecionista. Começam a reunir-se grandes coleções arqueológicas, principalmente em Itália, já desde meados do século XVII (Liceto, 1653; Bartoli e Bellori, 1961; 1702 e 1728; Causes, 1746). Desde finais do século XVIII, as escavações de Pompeia e *Herculaneum* revelam um mundo riquíssimo de objetos da vida quotidiana, entre as quais se encontram as lucernas e que passam a figurar em várias obras.

Após um hiato que representa a primeira metade do século XIX, as primeiras escavações, assim como o acervo de objetos por parte dos impérios coloniais, estimulam o advento de um considerável número de artigos em Itália e França sobre esta temática. Para Morillo Cerdán, estes trabalhos continuam a fixar-se unicamente nos aspetos primorosos da lucerna, prescindindo do seu significado cronológico, dedicando-se preferencialmente aos exemplares com temas cristãos procedentes do Norte de África (Morillo Cerdán, 1999: 45).

A Dressel atribui-se a primeira classificação sistemática que, através das suas escavações em Roma, produz uma tabela de formas publicadas no *CIL* (Dressel, 1899). Segundo Morillo Cerdán, o critério de organização não é uniforme, fixando-se essencialmente em partes distintas das lucernas para definir distintos grupos. Apesar desta circunstância, constitui, atualmente, uma das classificações mais completas e profícuas.

Fink define a forma do bico como o principal critério de classificação e diminui o número de tipos. Estabelece pela primeira vez a relação entre a forma e a presença de marcas (Fink, 1900). A tipologia, de inegável qualidade, teve uma difusão muito mais restrita que a de Dressel. Nestes anos, publicam-se as primeiras coleções lucernárias, como as de Zara (Bersa, 1902-1915), Bari (Basset, 1903), as do Museu Alaouí (Coudray La Blanchere e Gauckler, 1897; Hautecoeur, 1909 e 1910) e do Museu de Leiden (Brants, 1913). Em 1914 publicam-se os catálogos de lucernas do Museu Britânico (Walters, 1914) e do Hermitage de Leningrado (Waldhauer, 1914). O primeiro multiplica excessivamente o número de tipos existente. Descreve minuciosamente cada

peça e intui os grupos cronológicos. O segundo, muito breve e baseado num pequeno catálogo anteriormente publicado por Loeschcke sobre a Coleção *Niessen de Colonia* (Loeschcke, 1911), destaca-se pelas excelentes ilustrações.

O estudo monográfico de Loeschcke sobre as lucernas do acampamento romano de *Vindonissa* (Windisch, Suíça), precedido por vários trabalhos sobre lucernas de contextos e coleções alemãs (Loeschcke, 1909 e 1911), foi publicado em 1919 (Loeschcke, 1919). Este autor utiliza uma metodologia completamente moderna. A sua classificação baseia-se pela primeira vez numa estratigrafia arqueológica, mediante a observação direta de grandes coleções italianas como a do Museu de Nápoles. Um dos maiores contributos corresponde à delimitação morfológica das lucernas de volutas com *rostrum* triangular e sua atribuição cronológica aproximada. Situa pela primeira vez as *Firmalampen* no sistema evolutivo das lucernas romanas. Os seus resultados são essencialmente úteis para os acampamentos do *limes* germânico.

Fremersdorf inaugura, com a primeira publicação, em 1922, das escavações de um forno e uma oficina de lucernas em Weisenau-Maguncia, um estilo muito diferente, que teve escassos seguidores até ao momento. Levanta interessantes questões acerca da técnica de fabrico destes materiais, assim como das produções de carácter militar. Emprega fluentemente os dados cronológicos derivados da repetição sobre formas distintas dos mesmos motivos decorativos e dos materiais associados (Fremersdorf, 1922).

O período de entre as duas Guerras Mundiais significa uma pausa relativamente ao aparecimento de estudos monográficos. Apenas se publicam alguns trabalhos, nos quais se destaca o estudo de Broneer (1930) sobre as lucernas encontradas nas escavações de Corinto. Este critério de classificação estabelecido por Loeschcke incorpora os exemplares fabricados em âmbito grego. Distingue pela primeira vez entre as formas oriundas do Mediterrâneo Oriental e as importadas do Ocidente, como as de volutas e as *Firmalampen*. Mantém uma cronologia algo diferente da de Loeschcke, de acordo com a área geográfica estudada (Morillo Cerdán, 2015: 327).

Outra publicação digna de menção é a de Ivanyí (Ivanyí, 1935). Esta investigadora recompila um volumoso conjunto de mais de 5000 lucernas procedentes de Hungria, que constitui um bom reportório morfológico e iconográfico. Cria tipos próprios, mas aponta a sua correspondência com os de Loeschcke. As datações parecem bastante rigorosas, especialmente no caso das *Firmalampen*, embora algo distintas das

de *Vindonissa*. Neste mesmo período dão-se a conhecer as coleções de museus como Orán, Calvet de Avignon e Nîmèges, assim como de contextos arqueológicos de cidades, como Antioquia, Eisenstadt, Klagenfurt e Éfeso (Morillo Cerdán, 1999: 46).

Após um hiato de dez anos decorrente da II Guerra Mundial, a investigação sobre lucernas experimenta uma revitalização substancial. A este período corresponde a publicação dos grandes catálogos de Museus, que combinam o evidente interesse pelas peças com o ponto de vista arqueológico, oferecendo uma cronologia contrastada de cada forma. Constituem reportórios iconográficos excepcionais pelo volume de peças e o cuidado na descrição e reprodução gráfica. Proporcionam um banco de dados imprescindível. O primeiro destes *corpora* é o realizado sobre materiais do Museu de Mainz (Maguncia), (Menzel, 1954). Este autor evita criar uma nova tipologia, limitando-se à descrição de cada exemplar inserido em grupos ordenados cronologicamente. Introduce o costume de recolher paralelos decorativos para cada peça. No mesmo ano, Lerat publica as lucernas das coleções de Besançon (Lerat, 1954), classificação muito completa, estruturada e documentada do ponto de vista cronológico. Todavia, a excessiva proliferação de categorias e subgrupos com nomenclaturas mistas de letras e números complica a leitura das formas. Apesar disso, um dos aspetos mais interessantes consiste na inclusão das correspondências formais relativamente a outras tipologias.

Em 1958 publica-se o estudo póstumo de Haken sobre o Museu de Praga (Haken, 1958), de indubitável qualidade. O seu principal objetivo foi definir a evolução tipológica das lucernas de “cabeça de ave” tardo-republicanas e as Dressel 22.

Na década de 60 do século XX surgem os trabalhos de Ponsich (1961) e Deneauve (1969). O primeiro inclui a totalidade das peças de Marrocos, combinando os critérios cronológicos e formais de modo a estabelecer um reduzido número de grupos muito bem individualizados, de acordo com uma série de variantes. Proporciona um resumo das tipologias anteriores e a comparação das mesmas num quadro cronomorfológico. Incorpora ainda informação estratigráfica de primeira mão e contribui para uma melhor definição das tipologias. Deneauve estuda as lucernas da região de Cartago e apresenta um vasto reportório iconográfico, ainda hoje muito útil para os investigadores.

Os catálogos do Museu de Varsóvia (Bernhard, 1955), do Antiquarium Comunale de Roma (Marcando, 1962) e dos museus húngaros (Szentleleky, 1969) são outros trabalhos a ter em conta.

Entretanto, foram sendo publicados alguns trabalhos de menor extensão, ainda que de grande interesse. Lamboglia mantém a classificação tipológica de Dressel, dotando-a de conteúdo cronológico (Lamboglia, 1949; Lamboglia e Beltrán, 1952). Goldman dá a conhecer as lucernas de Tarso (Goldman e Follin Jones, 1952) e aparecem igualmente os materiais da Ágora de Atenas (Howland, 1958; Perlzweig, 1961) e Delos (Bruneau, 1965). Labrousse publica as lucernas do *Museu de Lectoure* (Labrousse, 1959) e de Toulouse e Albi (Labrousse, 1962). Em 1968 publicam-se as *sigillatas* claras de Tunísia, clarificando-se a posição das chamadas lucernas “paleocristãs” com uma produção de *sigillata* (Solomonson, 1968).

Durante as décadas seguintes do século XX, o número e a qualidade dos estudos progrediu de forma considerável. Continuam a publicar-se catálogos de Museus e coleções mas, junto a estas, aparecem conjuntos arqueológicos procedentes de escavações e trabalhos dedicados a questões mais concretas e específicas. A metodologia avançou consideravelmente.

Entre os catálogos principais encontram-se os do Museu de Berlim (Heres, 1972), o Museu Britânico (Bailey, 1975; 1980 e 1996) e os materiais suíços (Leibundgut, 1977). Todos eles recolhem um elevado número de peças, datadas a partir das suas semelhanças com exemplares documentados estratigraficamente. O monumental estudo de Bailey, que atualiza as antigas obras de Walters, é minucioso e sistemático, embora algo complexo do ponto de vista da cronologia, estabelecida segundo mínimas variantes formais (Morillo Cerdán, 2015: 329).

No norte de Itália levou-se a cabo uma publicação sistemática das coleções mais importantes, entre as quais se destaca as do Museu de Aquileia (Buchi, 1975; Di Filippo, 1988 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 47). O centro e sul de Itália mostraram-se muito menos pródigos em publicações de materiais, destacando-se o excelente estudo das lucernas tardo-antigas africanas depositadas no Museu Nacional Romano (Barbera e Petriaggi, 1993), bem como as lucernas de Cerdeña com marcas de oleiro (Sotgiu, 1968) e as do Museu de Nápoles (Pavolini, 1977).

Outras coleções importantes dadas a conhecer são as do Museu de Chipre (Oziol, 1977), a Coleção Schloessinger (Rosenthal e Sivan, 1978), a Universidade de

Tubinga (Cahn- Klaiber, 1977), o Real Museu de Ontario (Hayes, 1980), o Museu de Trier (Goethert-Polaschek, 1985), a Biblioteca Nacional de Paris (Hellmann, 1985 e 1987) e o Museu do Louvre (Lyon-Caen e Hoff, 1986).

Paralelamente, nas últimas décadas do século XX aumentou-se significativamente a publicação de materiais pertencentes a conjuntos arqueológicos. As lucernas constituem um capítulo independente praticamente em cada um destes estudos e seria impossível recolhe-los aqui todos. Conhecemos obras monográficas dos contextos de Magdalensberg (Farka, 1977), Aleria (Oziol, 1980), Alesia (Carre, 1985), Montans (Berges, 1989), Saint-Bertrand-de-Commingues (Bonnet e Delplace 1989), Alba-la-romaine (Ayala, 1900), as catacumbas de Comodilla em Roma (Marconi Cosentino e Ricciardi, 1993), Cosa (Fitch e Goldman, 1994), Asberg (Liesse, 1994) e Xanten (1995). O trabalho de Berges demonstra com total certeza a existência de uma produção local de lucernas em Montans. Publicam-se igualmente numerosos conjuntos menores.

Junto a alguns trabalhos de carácter geral (Beltrán, 1978 e 1990; Amaré Tafalla, 1988; De Carolis, 1988), proliferaram os dedicados a problemas concretos. Destacam-se, pela sua importância, as questões associadas à evolução e cronologia das lucernas republicanas, as representações iconográficas, o funcionamento interno das oficinas e a relação entre a produção e as marcas de oleiro. Estas constituem as linhas de investigação mais atuais.

O estudo de A. Ricci sobre a cronologia de lucernas romanas republicanas constitui um marco de primeira ordem (Ricci, 1974). Esta investigadora precisa pela primeira vez o marco temporal de um material bastante mal conhecido até este momento. Por outro lado, é um dos primeiros trabalhos que apela à necessidade de manter a terminologia de autores consagrados, antes da dispersão tipológica que se havia produzido. A esta podemos acrescentar a classificação de Espérou (1978).

Outro aspeto muito vinculado às lucernas tardo-republicanas e proto-augustanas relaciona-se com a evolução das *Vogelkopflampen*, desde a forma clássica até à Dressel 22 (Colini, 1966-68; Pisani, 1969-70; Pavolini, 1976-77 e 1981; Morillo Cerdán, 1996).

Pavolini dedicou grande parte dos seus trabalhos, ao estudo do tecido produtivo da Itália tardo-republicana e Imperial (Pavolini, 1976-77; 1981; 1982; 1987; 1990; 1993).

A inspiração iconográfica das lucernas é tratada em algumas publicações isoladas (Hafner, 1949; Vegas, 1966; Gualandi, 1977; Carretero, 1989 e 1991; Hellmann, 1987; Amaré Tafalla; 1989, Amaré e Liz; 1994; Morillo Cerdán, 2001).

Um bom número de investigadores, principalmente franceses, aborda a problemática derivada das marcas de oleiros e a localização de oficinas produtivas (em particular Harris, 1980; Bemont e Bonnet, 1984; Bemont e Lahanier, 1984 e 1985; Bonnet, 1982 e 1988; Bonnet e Delplace, 1981 e 1983; Maestripieri e Ceci, 1990). Especial transcendência reveste o contexto em Pompeia de uma pequena oficina que fabricava lucernas, entre outros materiais (Cerulli, 1977).

Em 1981 celebra-se a Mesa Redonda convocada pelo C.N.R.S., com as lucernas como tema monográfico (Morillo Cerdán, 2015: 331). A publicação recolhe artigos de alguns dos mais importantes especialistas.

Desde finais dos anos oitenta do século XX que tem surgido uma nova corrente de investigação, que aplica ao estudo das lucernas as novas técnicas analíticas de tipo físico e químico (Hugues *et alii.*, 1988; Schneider e Wirz, 1991 e 1992; Schneider, 1993; Ceci e Schneider, 1994; Pavolini, 1992; Bernal e García Giménez, 1995; García Giménez *et alii.*, 1999).

Desde finais dos anos noventa do século XX, deteta-se um certo abrandamento na investigação sobre lucernas, coincidindo com uma mudança de foco na Arqueologia no seu conjunto, que se prolongou até aos nossos dias. Reduziu-se significativamente o número de monografias publicadas. Destacam-se as dedicadas a Argélia (2000 e 2007), *Glanum* (Bemont, 2003) e Grã-Bretanha (Eckardt, 2002), todas elas publicadas na coleção *Monographies d'Instrumentum*, surgida nos finais dos anos noventa, e que desempenhou um importante papel de publicação neste campo. Outros conjuntos publicados nestes anos são os de Golfo de Fos (Rivet, 2003), o Museu de Nyon (Chrzanovski, 2000) e Frankfurt am Main-Nied (Huld-Zetsche, 2014), bem como o estudo sobre iluminação em relação aos cultos isíacos (Podvin, 2011).

Na investigação lucernária destes últimos anos destaca-se L. Chrzanovski, quem, além de vários trabalhos gerais (Chrzanovski, 2003; 2006), e uma interessante recompilação bibliográfica (2006), impulsionou vários congressos internacionais sobre iluminação na antiguidade, o primeiro dos quais se celebrou em 2003 (Chrzanovski, 2005).

1.4.2. *Península Ibérica*

No que respeita à Península Ibérica, o panorama da investigação lucernária era até há poucos anos, bastante sombria. Não conhecíamos mais que um número muito reduzido de conjuntos, procedentes dos fundos de museus e coleções, sem informação cronológica de primeira mão. O começo do interesse pela questão é adiado até a década de quarenta do século XX. Em 1942, aparecem os pequenos catálogos sobre os materiais do Museu Arqueológico Nacional de Madrid (Alvarez Ossorio, 1942) e o Museu de Mérida (Gil Farrés, 1947-48). Os trabalhos de Palol sobre Ampurias (Palol, 1948-49) e de Fernández Chicarro sobre o Museu de Sevilha (Férmendez Chicarro, 1952-53) supõem um avanço considerável.

Em 1953, José António Ferreira de Almeida realiza um ambicioso projeto de recolher todas as lucernas de Portugal num único volume (Almeida JAF, 1953). Recompila um bom número de peças, mas as suas atribuições cronológicas apenas estão contrastadas com as do resto do Mediterrâneo. Um ano antes havia saído à luz o catálogo do Museu Machado de Castro, em Coimbra (Bairrão, 1952).

Durante os anos seguintes continua a publicação de algumas coleções importantes, tanto em Espanha (Eguaras, 1954; Apraiz, 1958; Berges, 1963), como em Portugal (Nunes, 1960). Começam-se a dar a conhecer lucernas encontradas em contexto de escavação (Freire, 1959; Albuquerque, 1946 e 1960).

Desde finais dos anos sessenta do século XX que se incrementa drasticamente o número de trabalhos dedicados a este material arqueológico. Continuam a aparecer catálogos de museus e coleções. Publicaram-se as lucernas dos museus de Zaragoza (Beltrán Lloris, 1966), *Conimbriga* (Belchior, 1969), Machado de Castro (Alarcão, 1971), Museu Arqueológico Nacional (Remesal, 1974), Alcácer do sal (Figueiredo, 1974-77), Paço Ducal de Vila Viçosa (Alarcão e Da Ponte, 1976), Orense e Pontevedra (Fariña, 1976), Córdoba (Rodríguez Neila, 1977 e 1978-79), Astúrias (Férmendez Ochoa, 1980), Casa de la Condesa de Lebrija (López Rodríguez, 1981), Alicante e Elche (Modrzewska, 1989; Olcina *et alii.*, 1990), Albacete (Sanz Gamo, 1982) e Tarragona (Bernal, 1993).

Começam a publicar-se de modo mais sistemático conjuntos de lucernas encontrados em escavações arqueológicas, que proporcionam cronologia de primeira mão. O exemplo mais antigo é o de *Conimbriga* (Alarcão e Da Ponte, 1976) e oferece uma datação estratigráfica das formas perfeitamente contrastada.

Separados por poucos anos, aparecem os estudos sobre a *villa* romana de Torre Llauder (Clariana, 1976), Osuna (Rodríguez Neila, 1977), Barcelona (Granados e Manera, 1980), La Bienvenida (Fernández Ochoa *et alii.*, 1987), Numancia (Romero Carnicero, 1989) e *Segobriga* (Abascal, 1989). O trabalho sobre os materiais tardo-republicanos de Ampurias é um estudo exemplar (Arxe, 1982).

Luzón (Luzón, 1967) e Sotomayor (Sotomayor *et alii.*, 1976, 1979 e 1981) revelam a existência de produções locais de lucernas em Rio Tinto e Andújar, respetivamente. O breve artigo de López Rodríguez, publicado em 1982, contém interessantes observações sobre as mesmas (López Rodríguez, 1982).

O conhecimento acerca dos materiais de Aragón e outras regiões como Navarra e *La Rioja* é muito mais completo do que o de outras zonas da Península, graças ao trabalho de Amaré. Esta investigadora publicou diversos conjuntos e coleções lucernárias (Amaré Tafalla, 1983; 1984; 1985; 1986; 1986b; 1986c; 1987a; 1987b; 1987c; 1987d; 1988b; 1988-89; 1989-90). A mesma dá a conhecer a existência de oficinas de lucernas em Tarazona (Amaré *et alii.*, 1983), Córdoba (Amaré, 1988-89) e Astorga (Amaré e García Marcos, 1994), aos que devemos acrescentar outros novos em Tarragona (Bernal, 1993), *Herrera de Pisuergra* (Morillo Cerdán, 1992 e 1993) e Mérida (Rodríguez Martín, 1996), entre outros.

Figura de especial excelência foi a de Balil, cujo trabalho de recompilação de marcas de oficina é incalculável. Levantou a maioria das questões que devem ser investigadas acerca das referidas marcas, assim como as peculiaridades da metade Setentrional da Península quanto à produção de lucernas (entre outros Balil, 1966; 1968; 1968-69; 1980; 1982; 1983; 1984 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 333).

Alguns trabalhos isolados dedicam-se a temas específicos, como os paralelos iconográficos (Vegas, 1966; Amaré, 1983; 1985; 1986c; Amaré e Liz, 1994; Puya García de Leaniz, 1988; Carretero, 1989 e 1991; Morillo Cerdán, 2001) e o achado de moldes (Sánchez Jiménez, 1953; Rigaud de Sousa, 1965-68; 1966; 1969; Corzo, 1981-82; Garabito *et alii.*, 1993; Amaré e García Marcos, 1994).

Devemos distinguir igualmente trabalhos sobre tipologias (Morillo Cerdán, 1990) daqueles relacionados com aspetos gerais sobre as lucernas (Beltrán, 1978 e 1990; Amaré Tafalla, 1988a e 1966; Celis, 2005).

Nas últimas décadas deram-se a conhecer vários estudos regionais abarcando as regiões da Bética (Moreno Jiménez, 1991), Murcia (Amante, 1993), a região

setentrional (Morillo Cerdán, 1999) e o noroeste da Península (Casas Genover e Soler Fusté, 2006b).

Devemos igualmente referir as monografias ou capítulos específicos sobre os contextos de que são exemplo *Pollentia* (Palanques, 1992), *Herrera de Pisuerga* (Morillo Cerdán, 1992), Astorga (Morillo Cerdán, 2003a), La *villa* de Torre Águila (Rodríguez Martín, 2005 a) Braga (Morais, 2004; 2005), Ampurias (Casas Genover e Soler Fusté, 2006a), Capote (Morillo Cerdán, 2003b), Rosinos de Vidriales (Carretero, 2000), Valencia del Ventoso (Berrocal, 2009), *Villa* de Olmeda (Morillo Cerdán, 2012b), El Andévalo (O' Kelly, 2013b), Necrópole da Lage do Ouro (Crato) (Caetano, 2002), “Casa do Procurador” de Aljustrel (Pita, 1995) e o Teatro romano de Lisboa (Dias Diogo e Sepúlveda, 2000 e 2001).

Também se deram a conhecer coleções como as do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida (Rodríguez Martín, 2002; Fallola e Murciano, 2010), da Real Academia da História (Rodríguez Martín, 2005b); Museu de Évora (Morais, 2011), do Museu D. Diogo de Sousa (Morais, 2008) ou da Câmara Municipal de Torres Vedras (De Sepúlveda e Cordeiro da Sousa, 2000).

Publicaram-se alguns estados da questão sobre lucernas Hispanorromanas (Bernal, 1990-91; Morillo Cerdán e Rodríguez Martín, 2008) e progrediram-se nos estudos de exemplares vidrados (Morais, 1996a; 2005; Morillo Cerdán, 1999: 85) ou lucernas mineiras (O' Kelly, 2013a). Dão-se a conhecer novas oficinas como as de Sevilha (Vásquez Paz, 2012), Elda (Poveda, 2012; 2013) e, talvez, *La Cabañeta* (Minguez e Mayayo, 2014), e perfila-se o conhecimento de outros como, Braga (Morais, 2012), além de se identificar novas produções, como as lucernas a torno (Quevedo Sánchez, 2012) ou as lucernas de canal em *terra sigillata* (Morillo Cerdán, 2012a). Também se continuaram a realizar análises arqueométricas (Bernal e García Giménez, 1995; García Giménez *et alii.*, 1999; Morillo Cerdán, 1999; García Giménez *et alii.*, 2006) e deram-se a conhecer exemplares singulares de pedra (Morillo Cerdán e Del Hoyo, 1999).

1.4.3. Norte de Portugal

Em 1897, Henrique Botelho publica em *O Archeologo Português*: “Antiguidades de Trás-os-Montes”, dando notícia do aparecimento de «duas lâmpadas» encontradas em duas sepulturas distintas descobertas no sopé do Pico da Senhora da Graça (Botelho, 1897: 71).

No ano de 1909, Albano Bellino publica também em *O Archeologo Português*: “Cidades mortas (estudo póstumo). Relatório das minhas explorações nas estações archeologicas suburbanas de Braga e, nomeadamente no Monte Redondo”, fazendo alusão a uma «*lucerna de barro*» encontrada no Monte Redondo (Bellino, 1909: 24).

Rui de Serpa Pinto faz referência, em 1929, na *Revista de Guimarães*, às lucernas da coleção do Museu Martins Sarmiento (Pinto, 1929), salientando um aspeto que se relaciona com a menor quantidade de lucernas no norte do país, justificando, deste modo, o interesse retido na coleção do Museu Vimaranesense.

No final dos anos 30 do século XX, Carlos Teixeira procede à publicação de dois estudos na revista *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnografia do Porto*, acerca do espólio recuperado nas intervenções de Braga, onde se inclui uma análise às lucernas de *Bracara Augusta* (Teixeira, 1936 e 1938).

Já em 1941, é integrada na revista *Prisma* uma publicação do mesmo autor com o título “Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na serra de Valongo)”, onde estuda a lucerna proveniente da mina das Banjas.

Dos muitos estudos realizados nesta área, destacam-se os relativos à mineração e estudo dos materiais arqueológicos exumados nas minas, nomeadamente o estudo de Octávio Ferreira, em 1954, na mina das Banjas e o estudo de Mário Cardozo, no mesmo ano, sobre as lucernas da mina de Jales, Tresminas e Poço das Freitas (Boticas).

Na década de 60 do século XX, Luís de Albuquerque fez ainda uma publicação sobre esta temática na revista *Estudos, Notas e Trabalhos dos Serviços de Fomento Mineiro*, onde descreveu o conjunto de dez lucernas provenientes de Tresminas.

Dada a escassez dos exemplares em bronze, evidencia-se também o trabalho de Octávio da Veiga Ferreira e Pires Teixeira, em 1955, sobre a lucerna proveniente da mina de Jales, bem como a referência a alguns tipos de lucernas aparecidos em minas, nomeadamente a proveniente da mina de ouro das Banjas e da companhia mineira de Valongo (Ferreira e Teixeira, 1955: 392-397).

No ano de 1956, António Lima (Lima ACP, 1956: 222) integrou no *Boletim Cultural do concelho de Santo Tirso* o texto “O lugar da Torre”, fazendo alusão a um bico de lucerna.

A referência a achados de lucernas, entre outros materiais como mós, moedas, fíbulas e argolas aparece no estudo de Joaquim Ferreira Coelho, em 1965, intitulado: “Considerações sobre achados arqueológicos em Codeços, Paços de Ferreira” (Coelho, 1965: 227).

Já no que toca à década de 60, salientam-se duas publicações de José Rigaud de Sousa, que dão conta do aparecimento de um molde de lucernas proveniente de Braga, depreendendo a existência de um centro produtor em *Bracara Augusta* (Sousa, 1965-1966: 165-172). No ano seguinte o autor dá a conhecer, num artigo intitulado “Inventário de materiais para a arqueologia Bracarense”, um conjunto de 13 lucernas intactas e cinco fragmentos (Sousa, 1966: 589 - 599).

No ano de 1969, o mesmo investigador faz uma publicação na revista *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, dando a conhecer o “Novo molde” identificado em Braga, corroborando as anteriores conclusões a que havia chegado (Sousa, 1969: 301-321).

Em 1972 escreveu as *Notas sobre a Alta Idade Média no Noroeste de Portugal*, onde faz referência a algumas *villae* e castros, mencionando a existência de lucernas em Lousada e no sítio da Fonte do Milho (Poiães, Peso de Régua) (Almeida, 1972: 113-136). Um ano mais tarde, é publicado um artigo na revista da *Faculdade de Letras da Universidade do Porto* sobre a cidade de Vila do Conde, mencionando e descrevendo as duas lucernas exumadas na Necrópole das Caxinas. Nesse mesmo ano, num artigo referente à mineração em Jales e Tresminas, referiu as lucernas exumadas nestas minas. O Castro do Monte Mozinho foi foco do seu estudo, nomeadamente os resultados das escavações, onde referiu e descreveu as lucernas desta proveniência. Em 1977 lançou a segunda parte deste artigo, desta vez referente às escavações compreendidas entre os anos de 1975 e 1976, onde fez referência aos novos achados de lucernas.

No ano de 1980, Mário Cardozo debruça-se sobre a Citânia de Briteiros e o Castro de Sabroso, através da redação de um artigo intitulado: “Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso. Notícia descritiva para seguir de guia ao visitante”, referindo o achado de uma lucerna completa de canal, exposta atualmente na Casa da Cultura Castreja, em Briteiros (Cardozo, 1980: 9-14).

Teresa Soeiro publicou em 1984 “Apontamentos sobre a ocupação entre o Sousa e o Tâmega em época romana”, onde aponta referências a achados de lucernas ao longo do território estudado, nomeadamente nas minas da Quinta, Lugar de Eja e Monte Mozinho, procedendo a uma descrição exaustiva dos achados. No mesmo ano, Manuela Delgado publicou dois estudos onde mencionou o aparecimento de lucernas: o primeiro, em 1984, na análise de uma sepultura encontrada no largo de Carlos Amarante, e o segundo num estudo sobre o salvamento do quarteirão da rua Gualdim Pais.

Já no ano de 1986, Armando Coelho, na monografia: *Paços de Ferreira. As origens do povoamento: do megalitismo à romanização*, fez menção à lucerna recolhida na necrópole do Outeiro dos Foguetes em Seroa, fazendo a descrição da peça, acompanhada do respetivo registo gráfico.

Considera-se que o primeiro estudo exaustivo relativo às lucernas bracarenses se deve a Manuela Martins e a Manuela Delgado (Martins e Delgado, 1989/90: 41- 186), com uma publicação em coautoria sobre as necrópoles desta cidade, onde fizeram registo das lucernas aí exumadas. Mencionaram ainda as formas, notando que, de um total de 17 lucernas, apenas duas teriam sido encontradas *in situ*, ambas pertencentes à necrópole de Maximinos. As autoras apresentam descrições minuciosas e a representação gráfica de todas as lucernas, que apontam para diversas cronologias.

Em 1990, volvidos mais dois anos, também Carlos Alberto Brochado de Almeida edita um artigo sobre a “Proto-história e Romanização na Bacia Inferior do Lima. Estudos regionais em Viana do Castelo”, onde referiu o aparecimento de uma lucerna em Vila Mou (Almeida, 1990: 209).

Calo Lourido (1991) e Dinis Pereira (1993) trazem até nós mais referências do aparecimento de uma lucerna no Monte de S. Mamede, Guizande (Braga). Um ano depois, João Batista Martins realizou um estudo sobre a História de Boticas, no qual faz referência a uma lucerna proveniente da Mina do Poço das Freitas.

Em 1994, Isabel Cordeiro e Anabela Carvalho publicaram o “Roteiro do Museu do Abade de Baçal em Bragança”, dedicando-se um capítulo à Arqueologia, fazendo menção à lucerna em bronze encontrada em Vinhais e à lucerna em cerâmica descoberta em Valpaços.

Carla Maricato, no ano seguinte, escreveu um artigo para a revista *Troogle* com respeito à mineração e, nomeadamente, a lucernas exumadas nas minas de Santa Justa.

Em 1996, Gilda Pinto apresentou a sua dissertação de Mestrado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, acerca da Necrópole de Croca em Penafiel, onde fez referência a uma lucerna fragmentada com a marca *Lvcreti* exumada numa das sepulturas (Pinto, 1996).

É importante ainda destacar que é apresentada em 1997, a tese de Doutoramento de Lino Tavares Dias sobre *Tongobriga*. Além dos vários aspetos de cariz arquitetónico, este investigador fez um estudo arqueológico dos materiais, nomeadamente as lucernas, focando-se ao nível do seu contexto arqueológico e estratigráfico, situando-os num tempo e espaço.

Rui Morais é um dos investigadores que tem vindo a ganhar destaque nos estudos sobre *Bracara Augusta*, incidindo também sobre os materiais arqueológicos e destacando as lucernas. Destacam-se algumas publicações deste autor que se inserem na temática lucernária nesta época. Em 1997-98 dois estudos são editados - o primeiro, sobre duas lucernas vidradas exumadas na cidade, vem a tornar-se um artigo pioneiro ao nível destes exemplares, extremamente raros. Não obstante, como refere o autor, constituem exemplares relativamente escassos, na medida em que lhes foi aplicada a técnica do vidrado de chumbo. Nesta mesma altura, o seu estudo debruçou-se sobre as questões da escassez, ou hegemonia, do azeite no Noroeste Peninsular, o que, intrinsecamente se relaciona com as questões da luminária (Morais, 1997-98).

Em 1998, Carlos Alberto Brochado de Almeida, na sua Tese de Doutoramento, mais especificamente no capítulo IV, *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho. Esposende*, refere fragmentos de lucernas encontrados no Castro de S. Lourenço em Vila Chã (Almeida CAB, 1998: 90). O mesmo investigador, no seu estudo realizado no âmbito da proto-história de Vila Nova de Cerveira, referiu as lucernas exumadas no Forte de Lovelhe (Almeida, 2000).

Já em 2001, Teresa Soeiro fez uma publicação na revista *Portugalia* sobre o Setor B do Monte Mozinho, onde fez referência a três fragmentos de lucernas exumadas. Um ano depois, foi apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto a Dissertação de Mestrado de João Abreu, onde detém considerações acerca das necrópoles presentes no território Português. Ao abordar genericamente o material exumado, este investigador fez referências a diversas lucernas, nomeadamente de São Vicente do Pinheiro, das Necrópoles de Monteiras e Monte Mozinho, do Monte de Nossa Senhora da Graça, de Valpaços e Bragança (Abreu, 2002).

Rui Morais publica, em 2002, na revista *Conímbriga* o estudo intitulado “Um molde de lucerna encontrado em *Bracara Augusta*” (Morais, 2002: 181-196). Neste estudo o autor reflete sobre as produções locais que existiriam na cidade, bem como o fabrico das lucernas.

António Lopes, na sua Tese de Doutoramento *Proto-História e Romanização: o Baixo Minho* que apresentou à FLUP, mencionou o achado de lucernas em Rasas de Cima, Vila Mou e no Couto da Pena em Vilarelho (Lopes, 2003).

O lançamento de uma publicação intitulada *Bragança: Um Olhar sobre a história*, por António Lima e Jorge Menéndez, no ano de 2004, veio demonstrar um conjunto de quatro fragmentos de lucernas importadas, fazendo uma breve descrição com recurso a fotografia.

Contemporaneamente, Rui Morais, publicou um outro artigo intitulado: “Um caso único em marcas de lucernas: uma figlina em *Bracara Augusta* documentada pela oficina de *Lucretius*” (Morais, 2004: 227-243), onde se começou a atestar a importância desta cidade como um dos importantes centros produtores à escala regional. Já em 2005, foi apresentada a sua Tese de Doutoramento à Universidade do Minho, que se debruçou sobre a *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta* dedicando o capítulo V ao estudo das lucernas regionais e importadas, exumadas até aquele momento na cidade (Morais, 2005).

O mesmo investigador publica ainda, no mesmo ano, “From oppidum to dives *Bracara*: the city trade through the Amphorae”, dando a conhecer cinco fragmentos de lucernas em *terra sigillata* africana provenientes de Braga (Morais, 2005: 55-67).

Alberto Saraiva de Sousa, à mesma data, na sua publicação sobre Vila Pouca de Aguiar: *Terra de Aguiar de Pena. Das origens ao povoamento e à formação do concelho. Contributo para uma monografia do concelho de Vila Pouca de Aguiar*, faz uma descrição das lucernas provenientes da mina de Jales (Sousa, 2005). Ainda em 2005, foi lançado num simpósio sobre mineração onde se referenciaram as lucernas de Tresminas (Brandão, *et al.* 2005).

Em 2006, Maria Silva e Natália Félix, num artigo da revista *oppidum*, dissertam sobre a mineração no concelho de Paredes, referenciando a presença de nichos para colocação de lucernas e lucernas exumadas nas minas de Castromil e das Banjas.

No mesmo ano, Carlos Alberto Brochado de Almeida fez uma publicação sobre o Castro de S. Lourenço, onde refere de uma forma muito genérica, as lucernas aí

encontradas. O mesmo autor publicou um outro artigo intitulado “A *villa* do *Castellum* da Fonte do Milho. Uma antepassada das atuais quintas do Douro”, onde descreveu a lucerna encontrada no Castro da Fonte do Milho, seguindo a exposição de Russel Cortez em 1951 (Almeida, 2006).

No ano de 2007, Armando Coelho Ferreira da Silva, através do Gabinete de Arqueologia de Vila Nova de Famalicão, publica o catálogo *Pedra Formosa. Arqueologia experimental de Vila Nova de Famalicão*, onde são dadas a conhecer duas das lucernas exumadas no referido concelho. Ainda nesse ano, Álvaro Moreira publica o catálogo do Museu Abade Pedrosa em Santo Tirso, fazendo referência às lucernas aí expostas, provenientes do castro de Alvarelhos, Trofa (Moreira, 2007).

Carlos Alberto Brochado de Almeida, no ano de 2008, faz publicar o estudo: *Sítios que fazem história. Arqueologia do concelho de Viana do Castelo. I – da Pré-História à Romanização*, onde faz alusão ao fragmento de lucerna recolhido na Citânia de Santa Luzia.

No mesmo ano, José Marcelo Mendes Pinto publicou um artigo na revista *Oppidum*, onde refere o achado de uma lucerna atípica na Quinta dos Padrões. À mesma data, Teresa Pires de Carvalho publicou na mesma revista um artigo sobre a nova escavação (realizada em 2004) que ocorreu na necrópole do Monte Mozinho e com ela, as lucernas exumadas em cada sepultura, perfazendo um total de nove (Carvalho, 2008).

O ano de 2008 foi profícuo neste assunto, e um terceiro artigo é publicado ainda por Maria Antónia Silva e Natália Félix, intitulado “Mineração romana no concelho de Paredes”, dando conta do aparecimento de nichos em algumas galerias das minas da região, bem como da lucerna encontrada na mina das Banjas, referida em 1941 por Carlos Teixeira.

Carlos Batata publicou, também nesse ano, a carta Arqueológica de Vila Pouca de Aguiar, sendo que a mesma incorpora o estudo das lucernas exumadas em Jales e Tresminas, provido dos respetivos desenhos e elementos descritivos, bastante relevantes.

A Tese de Doutoramento de Carla Martins foi apresentada também em 2008 à Universidade do Minho, cuja temática é a exploração mineira em época romana, onde referiu e descreveu todas as minas do território Português, os procedimentos de exploração, a funcionalidade das lucernas nas minas, bem como a descrição das que foram exumadas nestes contextos em Portugal, com destaque para as de Tresminas e

Jales. Ainda, Helena Carvalho publicou a sua Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho sobre “O povoamento romano na fachada ocidental do *Conventus Bracaraensis*”, onde descreveu, sumária e pontualmente, o aparecimento de algumas lucernas em determinados locais do território, como por exemplo, Vila do Conde, Quinta dos Padrões, Minas das Banjas e da Quinta, S. Vicente do Pinheiro, Lugar de Eja, Monte Mozinho, S. Mamede (Guisande), Esposende e Rasas de Cima (Carvalho, 2008).

Em 2009, Teresa Soeiro, nos *Cadernos do Museu de Penafiel*, lançou uma publicação intitulada “Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos”, onde fez uma descrição das lucernas exumadas nesta necrópole, provida de ficha descritiva, registo gráfico e fotográfico. No mesmo ano, Rui Morais e Manuela Delgado publicam o artigo: “Guia das cerâmicas de produção local de *Bracara Augusta*”, sendo que as lucernas são novamente motivo de estudo (Delgado e Morais, 2009). Álvaro Moreira publicou, também neste ano, a sua Tese de Doutoramento, onde incluiu o estudo das lucernas em cerâmica e em bronze exumadas no castro de Alvarelhos.

Um ano mais tarde, o mesmo investigador, juntamente com Armando Silva, redige o capítulo “A Romanização do Vale do Rio Leça” presente na obra: *O Rio de Memória*, que nos fala da Arqueologia no território do Leça. Na mesma obra foi inserido um catálogo descritivo de algumas peças, onde se incluem as lucernas da Maia, Guifões e Paços de Ferreira.

Acerca das escavações realizadas na necrópole da Via XVII, onde foram encontradas mais de meia centena de lucernas, a maioria das quais de produção local, surge a Dissertação de Mestrado de Cristina Braga (Braga, 2010) sobre os *Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo da necrópole da Via XVII*, apresentada à Universidade do Minho. No mesmo ano, Luís Fontes, Manuela Martins *et al.*, publicam: “Salvamento de *Bracara Augusta*. Ampliação do Túnel da Avenida da Liberdade (BRA 08-09 TAVL). Relatório Final”, respeitante aos *Trabalhos Arqueológicos da UAUM*. Nesse mesmo ano, os mesmos investigadores publicam: “Salvamento de *Bracara Augusta*. Quarteirão dos CTT/Interligação Túnel Avenida da Liberdade (BRA 09 CTT-ITAVL). Relatório Final”, *Trabalhos Arqueológicos da UAUM*. Ainda em 2010, Rui Morais publica um artigo através da *Rei Cretariae Romanae Favtorvm* intitulado: “Estúdio preliminar de la *terra sigillata* hispánica tardía de *Bracara Augusta*”, onde dá

a conhecer um conjunto de seis fragmentos de lucernas em TSHT 50 (Morais, 2010: 437-461).

Um outro estudo realizado por este investigador incidiu sobre as lucernas regionais recolhidas na escavação da necrópole da Via XVII. Este estudo foi lançado em 2012, na obra *Cerámicas hispanorromanas II - Producciones regionales*, onde incluiu um artigo alusivo aos diversos materiais produzidos em *Bracara Augusta* (Morais, 2012: 369-391). Nesse mesmo ano, Rui Morales, Adolfo Fernández e Fernanda Magalhães publicam: “El sondeo nº8 de «as Cavalariças»: un contexto Augusteo”, onde são feitas referências a quatro fragmentos de lucernas (Morais *et al.*, 2012: 499-520).

Os autores Rui Morales, Adolfo Fernández e Cristina Braga escrevem, em 2013, o artigo “Contextos Ceramicos de la Transición de Era y de la primera mitad del s. I provenientes de la Necrópolis de la Via XVII de *Bracara Augusta*” (Morais, *et al.* 2013: 313-326), onde expõem os materiais importados exumados na necrópole da Via XVII, estando entre eles lucernas importadas.

Em 2013 é divulgado por Sérgio Carneiro (Carneiro, 2013) um artigo alusivo às termas medicinais de Chaves, onde refere poucos vestígios de achados de lucernas. À mesma data, Luís Fontes lança uma proposta de valorização do complexo mineiro do rio Neiva, onde mencionou a lucerna de Poço das Freitas (Fontes, 2013).

Rui Morales, juntamente com Maria José Sousa e Javier Domínguez, em 2014, publicam um artigo na revista *Portugalia* sobre a Arqueologia da música, onde procedem à análise dos detalhes das representações de um órgão hidráulico e uma *tibia utricularis* em lucernas.

Em 2014, Teresa Soeiro e Calo Lourido lançam um artigo referente às escavações antigas do Monte Mozinho, voltando a publicar as lucernas deste local.

Nesse mesmo ano, Rui Morales, Teresa Soeiro e Adolfo Fernández publicam “Necrópolis de finales del s. I a.C. a mediados del s. I d.C. en el *Conventus Bracaraugustanus*. El caso de la necrópolis de la Vía XVII de *Bracara Augusta* (Braga) y de Monteiras (Bustelo, Penafiel) ”, onde descrevem algumas lucernas importadas recolhidas na necrópole da Via XVII e atribuem comparações entre uma lucerna recolhida nesta necrópole e uma outra na necrópole de Monteiras do tipo Dressel 3 (Morais *et al.*, 2014: 1259-1264).

Dos estudos mais recentes, publicados ao nível de lucernas no Norte de Portugal, pode integrar-se um conjunto de dois artigos inseridos nas monografias *Ex officina*

Hispana II, em 2014, cujos editores científicos foram Rui Morais, Adolfo Fernández e Maria José Sousa. Os artigos referem-se ao estudo dos materiais provenientes de duas zonas distintas da cidade de Braga: uma relativa à rua D. Afonso Henriques, e outra a uma sondagem das termas do Alto da Cividade, onde se estudam e referenciam lucernas.

Os autores Rui Morais e Maria José Sousa, em 2015, publicaram *nos Cuadernos de la Secah*, um artigo onde é evidenciado o estatuto de *Figlina* de *Bracara Augusta*, bem como os vestígios relacionados com este cariz produtor que a cidade adotou, onde se inserem as lucernas e moldes exumados.

No mesmo ano, Carlos Alberto Brochado de Almeida e Paula Ramalho publicam novos dados acerca das escavações no Forte de Lovelhe em Vila Nova de Cerveira e dão conta do aparecimento de fragmentos de lucernas importadas.

Da exposição efetuada pode reter-se que, a partir dos anos cinquenta do século XX, as publicações dedicadas às lucernas romanas existem em maior número. Tornam-se alvo de maior interesse dos investigadores, traduzindo-se tal facto na consequente proliferação de monografias e outros estudos de carácter específico.

Parte 2 - Estudo dos materiais

2.1. Objetivos e metodologia

O trabalho que agora se apresenta tem como objetivo o contributo para o estudo das lucernas romanas importadas encontradas no norte de Portugal.

A estrutura foi-se forjando à medida que os dados foram sendo recolhidos. Os nossos objetivos foram sendo, também eles, afinados no decorrer do estudo. Para além da compilação das lucernas romanas importadas, levámos em consideração os contextos. Nesse sentido, procedemos à análise crono-tipológica e iconográfica das lucernas e tentámos atribuí-las aos respetivos centros de produção.

Num primeiro instante procedemos à recolha dos dados bibliográficos disponíveis. Efetuou-se, assim, uma pesquisa bibliográfica alargada, através da consulta das bases de dados de distintas bibliotecas públicas e de pesquisas em suporte eletrónico. Após a compilação de toda esta informação realizamos um “trabalho de campo” exaustíssimo, percorrendo todas as instituições que albergam lucernas provenientes de achados antigos e de escavações mais recentes no norte de Portugal, nomeadamente, museus, casas da cultura, gabinetes de Arqueologia, laboratórios, centros interpretativos e empresas de Arqueologia.

Nem sempre foi possível o seu acesso, principalmente, por pertencerem a campanhas de escavações recentes, cujos resultados ainda não foram dados a conhecer. Nestes casos, limitamo-nos a utilizar apenas a informação conhecida nos relatórios e/ou outras publicações.

Quanto aos exemplares estudados, procedeu-se à análise crono-tipológica e de fabrico, bem como ao registo fotográfico e respetivo desenho. Apenas se desenharam lucernas inteiras ou parcialmente completas, assim como decorações no disco, na orla e no *rostrum*.

Procedeu-se, ainda, à recolha dos dados arqueológicos através da consulta dos relatórios de campo e da pesquisa bibliográfica sobre os respetivos locais. A existência de referências estratigráficas, obtidas mediante uma metodologia moderna, de acesso a alguns dados, dificultou uma melhor contextualização dos exemplares estudados.

Como já tivemos oportunidade de referir, foram contabilizadas 786 lucernas não tendo sido contempladas neste estudo 495 dado o estado excessivo de fragmentação. Apesar desta circunstância, decidimos contabilizar todos estes fragmentos de modo a

nos proporcionar uma análise quantitativa o mais realista possível. Noutros casos, ainda, não pudemos incluir lucernas à guarda naquelas instituições pelo facto de não possuírem um local de proveniência segura.

No que diz respeito à classificação das lucernas em cerâmica seguimos a proposta de Morillo Cerdán (1999) e para aquelas em bronze a de Valenza Nazarena Mele (1983). De modo a não sobrecarregar o texto optámos por remeter para Anexos uma breve descrição das tipologias importadas no norte de Portugal (**Anexo 1**). Como se constatará, no capítulo dedicado à descrição tipológica demos maior atenção a determinados tipos. Esta aparente desproporção está relacionada com o número de exemplares documentados e está de acordo com os dados proporcionados na bibliografia da especialidade.

Para cada lucerna, quando possível, atribuímos uma área de produção, que se distribui pela itálica, hispânica e africana. Nalguns casos, foi possível a atribuição a um centro produtor específico. Como no capítulo anterior, submetemos para Anexo (**Anexo 2**) uma descrição genérica das referidas produções.

Relativamente à iconografia, seguimos a antiga classificação de Loeschcke (1919: 170), atualizada por D. M. Bailey (1980: 88), que estabelece cinco grupos principais de decorações no disco. Quanto às ornamentações presentes na orla, na asa e no *rostrum* seguimos a classificação de Morillo Cerdán (1999: 261). Os motivos iconográficos repartem-se por vários temas, sendo que para cada uma deles se tentou, sempre que possível, estabelecer paralelos. À semelhança dos capítulos anteriores, remetemos para Anexos (**Anexo 3**) algumas considerações gerais acerca da iconografia.

Quanto à análise epigráfica das lucernas, optou-se pela clássica divisão, marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos. Procurou-se estabelecer, quando possível, a relação entre cada uma. Também em Anexo (**Anexo 4**) apresentamos de forma sucinta algumas apreciações acerca da temática epigráfica, com destaque para as marcas de oleiro.

De modo a tornar este trabalho mais completo, procedeu-se ao desenho de grande parte dos exemplares estudados, seguido do tratamento vetorial dos perfis através do programa *Adobe Photoshop*, ficando os restantes elementos a grafite.

No que concerne à apresentação das peças, procedemos à organização de um catálogo, que é composto por 102 estampas e contempla grande parte das peças analisadas, nomeadamente 245. Optamos por excluir das estampas 46 fragmentos, quer

pelo estado de fragmentação, quer pela semelhança formal e decorativa que apresentavam em relação aos restantes exemplares contemplados. No que concerne à organização das estampas, iniciamos com as lucernas em cerâmica, seguidas das em bronze e, por fim, as marcas (organizadas alfabeticamente). Neste ponto sentimos sérias dificuldades, uma vez que nos deparamos com a existência de desenhos efetuados por vários autores, cujo método de apresentação e escala utilizada não coincidem na maioria das vezes. Noutros casos, apenas conseguimos obter imagens das peças através da digitalização de publicações já muito antigas, conferindo pouca qualidade.

Finalmente, de modo a facilitar o estudo das lucernas realizamos uma base de dados a partir do programa *Microsoft Excel* que nos facultou a obtenção de dados quantitativos e a criação de distintos histogramas, tabelas e mapas que contemplamos ao longo do texto e em Anexos (**Anexo 5, 6 e 7**, respetivamente).

Estes mesmos dados foram posteriormente exportados para o programa *Microsoft Access*, possibilitando-nos a criação de uma ficha de inventário para cada peça que remetemos para Anexo (**Anexo 8**). Nestas fichas (**ver Anexo 6, tabela 1**) incluem-se os dados relativos ao contexto de campo (número de inventário, unidade estratigráfica, quadrado ou setor), bem como outros elementos identificativos das lucernas (tipologia, parte do fragmento a que corresponde, presença ou ausência de marca ou decoração, matéria-prima, entre outros) e outros dados relacionados com o fabrico e a cronologia. Elementos descritivos relativos às dimensões, estado de conservação, referências bibliográficas e paralelos são também considerados. Contemplam ainda as fichas desenhos ou fotografias das peças, mas apenas para os que figuram em estampa.

Por último, procedemos a uma análise da dispersão espacial das lucernas através do programa *ArcGIS*, com vista à obtenção de mapas e padrões de distribuição, de acordo com as vias terrestres e fluviais de época romana, retirados de um mapa do território apresentado por Jorge de Alarcão (1998: 51-57; 2002: 40, 92, fig.8, 20). Procedeu-se ainda à georreferenciação das lucernas na planta da cidade de Braga, segundo Morais (2005: I: 61, fig.16 A). Este método teve o intuito de perceber a distribuição das mesmas nesta cidade romana, uma vez que foi aí que se registou o maior número de importações.

Não tivemos a pretensão de realizar um trabalho definitivo sobre os materiais de iluminação romanos, nem tão pouco esgotar o tema, no que ao núcleo estudado diz respeito, tendo em conta o tempo útil disponível para a concretização desta dissertação.

Pretendemos apenas que este estudo possa constituir uma proposta interpretativa minimamente válida, relativa às lucernas recolhidas neste território.

2.2. Enquadramento geográfico

O norte de Portugal enquadra-se administrativamente nos distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança, e uma parte do extremo norte dos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda. Está limitado, a norte e a este por Espanha, a sul pela Região Centro (Aveiro, Viseu Dão-Lafões e Beiras e Serra da Estrela) e a oeste pelo Oceano Atlântico. Este espaço corresponde ao território do Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes.

O Entre-Douro-e-Minho inscreve-se, do ponto de vista litológico, no Complexo Centro Ibérico, constituído pelas formações xisto grauváquicas e estriadas por alinhamentos quartzíticos de direção NO/SE e O/E, caracterizadas por relevos vigorosos e de topo aplanado, correspondentes às serras da Peneda, Soajo, Amarela e Gerês, dispostos em anfiteatro até ao mar. A área litoral é constituída por uma faixa litoral com superfícies aluviais planas em direção ao mar (Pimentel, 1997:49 *apud* Morais, 2005: 10).

A cobertura vegetal é constituída pelas chamadas plantas “reliquias” (tojos, giestas, entre outras) e plantas nativas (carvalhos, castanheiros, entre outras), bem como outras de crescimento espontâneo que se multiplicam por meio de culturas mais ou menos artificiais (Ribeiro, 1967: 102). Nas zonas mais baixas de planície, a cobertura vegetal caracteriza-se pela policultura intensiva dos cereais (Morais, 2005: 11) e estão demarcadas por campos de legumes e de milho, separados pelo sistema da vinha alta.

No Iº Milénio a.C. esta região sofreu uma desflorestação gradual, coetânea com o desenvolvimento de espécies arbóreas que exigem muita humidade e a extensão da agricultura cerealífera (Martins, 1990: 197-98).

Segundo Manuela Martins (1998: 203), a criação de animais, a recolção, a caça e a pesca marítima e fluvial devem ser consideradas atividades de grande importância no sustento das comunidades proto-históricas.

Estas comunidades beneficiaram da proximidade da costa e de três dos seus maiores rios, Minho, Lima e Cávado. A costa, com fraca altura de mar e cheia de parcéis, com a rebentação a considerável distância, carece de condições favoráveis à navegação. Excecionalmente, alguns acidentes, promontórios e baías naturais, proporcionaram excelentes lugares de ancoradouro. A comprová-lo temos a existência

de lugares que, tendo servido na Antiguidade como ancoradouros, permanecem hoje em dia com idêntica função (Naveiro López, 1991b: 22). Como complemento à existência de zonas com funções portuárias, existiam edifícios que tinham como função comum servir de referência ou aviso aos navegantes, designadamente os faróis ou torres de sinalização. A existência de instalações portuárias romanas ao longo da costa do NO poderia, no entanto, não pressupor a construção de instalações complementares a estes portos, mas somente o seu funcionamento como simples pontos de transvase de produtos, independentemente de uma atividade comercial maior que devia realizar-se nos núcleos urbanizados. Nesta perspetiva, a comercialização dos produtos poderia processar-se através de pequenas embarcações de carga e descarga, que poderiam aceder a qualquer ponto da costa, penetrando inclusivamente até ao interior pelas vias fluviais, sobretudo em época romana.

Alberto Sampaio (1923: 39-40) realçou a elevada densidade populacional nesta região, pelo menos desde a época dos “castros”, e atribuiu aos romanos a descida das comunidades castrejas para as terras baixas, levando à criação de centros urbanos e de unidades agrárias, especialmente representadas por *villae*.

Neste território a ocupação romana obedeceu a dois tipos de povoamento: um concentrado, que inclui povoados fortificados e povoados abertos, e outro disperso, caracterizado por novos tipos de habitat (*uillae*, casais, unidades industriais e *mansiones*) (Martins, 1995: 82-101).

O interior Norte de Portugal corresponde ao território designado por Trás-os-Montes e ao qual se atribui duas grandes regiões climáticas distintas: a Terra Fria e a Terra Quente (Alves, 1938: 643-644; Vasconcelos, 1980: 112-115 109; Lemos, 1993, Ia: 91; Sanches, 1997: 25; Redentor, 2002: 21).

A Terra Fria ocupa a parte setentrional do território transmontano, da serra do Gerês aos planaltos da Lombada e de Miranda, e a Terra Quente à restante parte do território transmontano (Lemos, 1993, Ia: 91; Redentor, 2002: 21).

Do ponto de vista geológico, este território encontra-se posicionado na extremidade sudoeste da Zona da Galiza Média/Trás-os-Montes e em parte da Zona Centro-Ibérica, que surge a envolver a primeira (Ribeiro, 1974: 14-15). As manchas granitóides, não são muito extensas (Ribeiro, 1974: 123-126), mas foram estas, com toda a certeza, as fontes de abastecimento de granito na época romana (Redentor, 2002: 22).

A estrutura geológica de Trás-os-Montes reflete-se na sua complexa litologia, mas também na sua orografia, que se caracteriza pela alternância entre relevos montanhosos e planaltos, que surgem a delimitar depressões e vales profundos, frequentemente encaixados (Redentor, 2002: 22), atravessados por rios e seus afluentes: Rabaçal, Tuela, Sabor e Douro.

O estudo do povoamento de época romana em Trás-os-Montes realizado por Sande Lemos (1993) destaca a preferência pela ocupação dos planaltos e do fundo das depressões, bem como das manchas com potencialidade agrícola. Esta análise é corroborada por Armando Redentor, na sua tese de mestrado sobre a “Epigrafia romana da região de Bragança” (2002).

Durante a fase pré-romana, a economia destas comunidades era de base agro-silvo-pastoril, verificando-se que os territórios de cada povoado tinham tendência a abranger um conjunto de recursos diferenciados que lhes permitissem a sobrevivência, baseada num quadro de autarcia económica (Lemos, 1993, Ia: 226-249). Estes implantavam-se preferencialmente em esporões ao longo da rede hidrográfica (*id.* 192-224). Os concelhos de Vinhais e Bragança concentram a maior densidade de povoados fortificados proto-históricos, pois aí se conjugam valores elevados de pluviosidade, com bons índices de escoamento e com solos pouco ácidos (Lemos, 1993 Ia: 166-170).

Os povoados fortificados da Terra Fria bragançana têm, no geral, dimensões reduzidas, sobretudo se comparadas com as dos povoados da Terra Quente, e estruturas defensivas diversificadas. A maior parte dispõe de uma linha de muralha, mas outros casos há com mais estruturas defensivas, podendo integrar torrões.

Sande Lemos (1993, Ia: 176), ao analisar os achados de materiais metálicos e cerâmicos datáveis do Bronze Final, admite que a fortificação de alguns povoados possa ter acontecido nesse período. Quanto à cronologia, indica que poderá centrar-se por volta dos séculos VI-V a.C., de acordo com datações de ¹⁴C obtidas nos povoados de Zamora Ocidental (Lemos, 1993 Ia: 188-192; 1996: 148).

A desigual mancha de ocupação na distribuição destes povoados fortificados levou F. Sande Lemos (1993 Ia: 241; 1996: 151-152) a sugerir a existência de pequenos povoados que albergavam uma família extensa a par de outros de maiores dimensões unidos por laços de linhagens. As áreas sem ocupação funcionavam como espaços de exploração dos vários povoados pertencentes às mesmas linhagens.

Esta ideia remete-nos diretamente para a esfera social, isto é, para a questão de saber qual o substrato étnico que ocuparia a região no I milénio a.C. As fontes clássicas e epigráficas permitem-nos associar à Terra Fria o povo dos Zoelas, embora a definição dos limites territoriais seja um problema mais intrincado.

Sob o ponto de vista dos recursos económicos no norte de Portugal devemos destacar a importância da mineração. Embora se saiba que a exploração destes recursos seja anterior à vinda dos romanos, principalmente os recursos auríferos (Domergue, 1990: 166 *apud* Morais, 2005: 14), é a partir do período de Augusto que esta atividade passa a ter uma importância de destaque na região (Morais, 2005: 14; Redentor, 2011: 37).

Entre os sítios mais importantes do *territorium metallorum* romano contam-se as jazidas de Três Minas, de Gralheira e Campo de Jales (Mina dos Mouros). Estes conjuntos são um importante testemunho da valorização de jazidas primárias numa zona periférica, adquiridas pelo domínio imperial e fiscal (Wahl, 1998: 57).

Nas minas de Jales, a cerca de 6 km das referidas foram encontrados trincheiras e poços onde foram recolhidos, à semelhança de Três Minas, diferentes materiais de época romana datáveis do período alto-imperial (Almeida, 1970: 296). Jales corresponde, efetivamente, a uma grande jazida de mineração aurífera em território português.

No distrito de Bragança existem vestígios de mineração romana em Ervedosa (Couto mineiro de Vinhais, freguesia de França), em Urrós (no Buraco dos Mouros, Torre de Moncorvo), no Lugar do Seixo (Ansiães), em Macedinho (Vila Flor) e, provavelmente, em S. Salvador e Vila Verde (ambas no concelho de Mirandela), onde existem restos de explorações representados por galerias, poços e trincheiras (1970: 298).

Mais a sul, nas proximidades da cidade de Chaves, destaca-se o chamado Poço das Freitas, com uma abertura de 100x80m, situado entre Nogueira, Sapelos e Bobadela (1970: 297).

Na região do Alto Minho, as mais importantes encontram-se no distrito de Viana do Castelo, onde se registaram escombreciras na Serra da Arga, filões em Grovelos, poços e galerias em Montemor, e desmontes, poços e galerias em Tinas (Almeida, 1970: 289).

No limite sul do território do Noroeste peninsular, na Serra das Banjas, há uma grande zona com mais de 60 km de comprimento, na direção de Paredes, Valongo, Gondomar, passando depois o rio Douro para Castelo de Paiva, onde se extraiu grande quantidade de minérios auríferos em época romana. Desta ampla zona destacam-se as minas auríferas da região de Valongo (Pinto, 1993), a par de outros núcleos como Santa Justa, Pias, Santa Iría e Banjas (Dias de Carvalho, 1978: 13).

No contexto da mineração, a rede viária foi primordial na política económica do poder romano dado que a sua construção e consequente conservação facilitou a rápida saída dos metais e matérias-primas extraídos nesta região. As comunicações, tanto terrestres, como marítimas e fluviais, foram, de facto, essenciais. A demonstrá-lo, a existência de um conjunto de vias (XVII, XVIII, XIX e XX “*per loca marítima*”), a que vinham unir-se ramais e vias secundárias.

2.3. Enquadramento histórico do norte de Portugal

A inserção das terras do Noroeste peninsular no mundo romano fez com que vastas áreas, ainda numa fase pré-urbana de povoamento, comessem a ser objeto de uma campanha estatal, tipicamente mediterrânea. Para isso contribuíram as forças militares romanas que funcionaram como uma das primeiras vias de “romanização” deste território (Morais, 2005: 25).

Antes do período augustano, ter-se-iam já criado as condições necessárias para que as legiões se limitassem a controlar as principais vias de comunicação e a impulsionar a organização de “mercados” ou “*synodoi*”, com o intuito de instalar novas relações sociais e económicas (*id.*, *ibid.*). Mas foi a partir deste imperador que se instalou no Noroeste uma “*articulação conjunta do território*”, com a fundação de cidades em nós estratégicos de comunicação, ao serviço de uma “*reforma administrativa de carácter totalizador*” (Fernández Ochoa, 1993: 227 *apud* Moraes, 2005: 25).

Contudo, ainda que a fase principal dessa conquista se tenha efetuado sob a égide de Augusto, os primeiros combates nesta área haviam começado já no séc. II a. C. para terminarem em definitivo no reinado de Cláudio ou Nero (Tranoy, 1981: 125).

No ano de 139 a.C. ocorre a primeira expedição, quando o procônsul Q. *Servilius Caepio* ordenou um ataque conjunto contra Viriato pelo sul e pelo norte da península.

A segunda expedição ocorre entre 138-136 a. C., sob a égide do procônsul D. *Iunius Brutus*. Em 137 a.C., atravessa o Douro, e entra na *Callaecia* até ao curso do rio

Minho. A partir deste momento, os Galaicos passaram a ficar sob o controlo teórico da Hispânia Ulterior. Segundo J. M. Blázquez (1975: 198), esta campanha poderia ter tido como finalidade conhecer as explorações auríferas da região do Noroeste, uma vez que o comércio de estanho se efetuava por via marítima (Estr. III, 176). É certo que a partir daquele momento as regiões a norte do Douro parecem ter-se aberto a contactos comerciais com o sul da Península e com o mundo romano (Morais, 2005: 26).

Nesta fase destacam-se ainda novos movimentos militares, dirigidos pelo procônsul *P. Licinius Crassus* (de 96 -94 a.C.), *M. Perpena* (em 74 a.C.) e *C. Iulius Caesar* (em 61 a.C.). A expedição de *C. Iulius Caesar* teve como objetivos o domínio de territórios da Lusitânia e a obtenção de metais preciosos, provavelmente ouro, de modo a obter os fundos necessários para o pagamento das suas avultadas dívidas em Roma e enriquecer o erário público. Esta campanha levou César até à cidade de *Brigantium* e à rendição das populações indígenas do Noroeste (Díon Cássio, XXXVII, 52; 53, 4), iniciando desta forma a sua submissão (Plut. Caes. 12). Após a sua morte, as revoltas centradas nas Astúrias e Cantábria continuam.

O segundo momento corresponde ao período de Augusto. O fim das guerras na Cantábria proporcionou o processo de romanização que, tal como afirma Rui Morales (2005: 27), “(...) *se processa, por um lado, com a atuação pública do Estado e dos seus agentes diretos e, por outro, pela iniciativa dos privados, fossem eles da elite local ou provincial*”.

Tal como foi mencionado anteriormente, antes desta pacificação, o sistema de ocupação no Noroeste da Península era ocupado por povoados, designados “castros”. Após a conquista romana, nem todos perduraram nem responderam aos mesmos impulsos. Estas comunidades sofreram alterações e adaptações com o poder romano.

A intervenção pessoal do *princeps* no confronto com os povos do Norte peninsular é então justificada pela necessidade de pacificação total da Península, num momento em que se inaugurava uma nova constituição e se afirmavam os seus poderes vitalícios.

No ano 27 a. C., Augusto dirige-se à Hispânia com o intuito de acabar definitivamente a conquista da Península (Arce, 1976: 122). No ano seguinte desembarca em Tarraco, onde inaugura o seu oitavo consulado (Tovar, 1975: 116; Arce, 1976: 115), fazendo deste modo frente aos seus inimigos do Senado, consolidando o seu prestígio com a eliminação dos núcleos rebeldes e adquirindo um maior controlo do exército.

A estadia do imperador na cidade entre os anos 26-24 a.C., quando regressa de uma campanha no Norte, na região Cantábrica, confirma-a então como nova capital. Esta ação tem sido inserida no contexto duma declarada propaganda política e ideológica, dado que a vitória sobre estes povos garantia a Augusto uma notável fama como construtor da paz, garantia da prosperidade da Península e controlo económico destas regiões (Tranoy, 1981: 134-35). As guerras seriam assim justificáveis, tendo em conta a riqueza mineral do Noroeste em estanho e especialmente ouro.

No que concerne à reorganização e estabelecimento de novas fronteiras, deve ressaltar-se o papel dos exércitos. Embora esteja documentada uma quantidade numerosa de contingentes militares que participaram nestes episódios bélicos, os testemunhos escritos sobre o desenvolvimento das campanhas militares são diminutos e incompletos.

Na primeira divisão das terras conquistadas no Norte peninsular durante as guerras cantábricas de 29-19 a. C. a zona do Noroeste e a asturiense faziam parte da Lusitânia e, a região dos Cântabros, da Citerior (Plínio, N. H. 3, 6).

Contudo nos anos 16-13 a. C., Augusto, por ocasião da sua segunda viagem ao Norte da Península, procedeu a uma nova reorganização das províncias, fazendo com que toda a área do noroeste peninsular passasse a fazer parte integrante da província da Citerior (Díon Cass. 54, 25). A inclusão do Noroeste na Citerior deveu-se seguramente ao facto desta província ser de categoria imperial, não senatorial, dependendo do *princeps* em caso de necessidade de intervenção, dado que a conquista não foi exatamente paralela com a pacificação (Arias Vilas, 1992a: 33).

Traçada a nova reestruturação das províncias, impôs-se a implantação de centros urbanos, com estruturas sociais e políticas passíveis de consolidar a presença romana na região e facilitar a integração das populações indígenas. Assim, Augusto fundou três núcleos urbanos no Noroeste peninsular, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*, que tiveram origem em acampamentos militares e *Bracara Augusta*, onde os dados arqueológicos disponíveis até ao momento apontam para uma origem civil (Magalhães, 2013: 15).

Estes centros, de extrema importância para a pacificação, controle e organização da região, passaram a funcionar como capitais administrativas (Carvalho, 2008: 96).

A data exata para a consagração da nova *urbs* é ainda desconhecida, apesar da abundância de epígrafes de carácter honorífico e monumental, datadas da época de Augusto. No entanto, grande parte dos investigadores sugere o ano 16/15 a.C. como a

data mais provável para a criação da cidade, associando a fundação à presença de Augusto na Hispânia.

A definição do estatuto jurídico da cidade tem igualmente gerado diferentes interpretações, havendo autores que consideram que a promoção municipal aconteceu sob os flávios, enquanto outros, como P. Le Roux (1994: 229-241), defendem que a cidade terá beneficiado do direito latino desde a sua fundação.

A consagração final da autonomia política do Noroeste dá-se, no entanto, nos finais do séc. III com a divisão da Tarraconensis, por Diocleciano, que criou a província da *Gallaecia*, entre 284 e 288-9. Na verdade, a especificidade do NO que levaria ao sítio em definitivo desta nova província está bem patente na anterior manutenção por parte do governador *Rutilius Pudens Crispinus*, em 238-241, do título de legado da província da Hispania Citerior e da *Gallaecia* (Tranoy, 1985: 73).

A par da criação destas cidades no Noroeste, sob o reinado de Augusto, a conquista romana implicou a construção de vias:

- a Via XVI, citada no itinerário de Antonino, permitia a ligação com a Lusitânia, num itinerário que percorria a zona ocidental do território atualmente português. O troço *Bracara - Cale* constitui parte do itinerário entre Olisipo a *Bracara Augusta* (Mantas, 1996; 2000);

- a Via XVII que ligava duas capitais conventuais, *Bracara* e *Asturica Augusta*. Os achados de miliários sugerem que entre *Aquae Flaviae* e Castro de Avelãs tenham existido dois itinerários distintos, tendo sido principal o meridional (Lemos, 2011: 32);

- a Via XVIII, denominada *Via Nova* nos miliários, ligava *Bracara*, passando pela portela do Homem e atual província de Orense, a *Asturica*. Esta permitia a ligação de diversos *populi* e *civitates*, servindo uma zona rica em explorações de ouro;

- a Via XIX ligava *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti*, seguindo por Ponte de Lima (*Limia*), Tuy (Morais, 2005: 66);

- a Via XX que unia *Bracara* a *Asturica Augusta*, num percurso que deveria percorrer a orla marítima (*per loca marítima*), passando por *Brigantium*. O trajeto desta via é controverso, devido à ausência de miliários (Carvalho, 2008: 110).

Uma outra via não citada no itinerário de Antonino correspondia à via que, de *Bracara Augusta*, conduzia a Emerita, por Viseu e Egitania (Morais, 2005: 66).

A conjugação das vias terrestres com aquelas fluviais e marítimas foi fundamental. Para Morillo Cerdán (2003), as campanhas germânicas de Augusto modificaram

definitivamente o Atlântico numa rota marítima de grande escala, ligando o Mediterrâneo ao Norte da Europa.

Para o mesmo autor, em meados do século III, a rota atlântica sofrerá com a crise económica universalizada que se fará sentir por todo o Império. Já nos inícios do século IV, através de uma circulação mais circunscrita que garantirá um comércio de âmbito mais regional, esta tendência é parcialmente invertida (Morillo Cerdán, 2003).

Segundo Rui Morais (2005: 48), a rota atlântica constituía um eixo de circulação com numerosas vantagens, comparativamente às rotas terrestres, tanto em termos de celeridade e custos, como de segurança.

As infraestruturas criadas para apoio ao trânsito marítimo, bem como a adequada articulação com as vias terrestres e fluviais, que asseguravam a distribuição interior dos produtos transacionados através da rota atlântica, foram certamente importantes (Carvalho, 2008: 116).

No contexto do noroeste peninsular, esta rota atingiu uma relevância primordial, *“tendo no porto de Gades (Cádiz) uma plataforma fulcral de ligação com o Mediterrâneo”* (Morais, 2005: 50). Por conseguinte, a morfologia, as características das correntes e a densa rede fluvial da referida região, proporcionaram a instalação costeira de lugares de escala de importância desigual, alguns dos quais, simples ancoradouros.

Para além da foz dos rios Minho e Douro, que serviram, como marcantes pontos de apoio ligados à pequena e grande cabotagem, as desembocaduras dos principais rios navegáveis do Entre-Douro-e-Minho, nomeadamente o Ave, o Cávado, o Neiva e o Lima, haverão cumprido também uma função essencial ligada à navegação de pequena cabotagem.

2.4. Área geográfica considerada

Como já referimos, o território abrangido pelo nosso trabalho correspondente ao norte de Portugal, é rico em testemunhos de natureza arqueológica. A área considerada irá ser apresentada por distritos localizados no litoral, Viana do Castelo, Braga e Porto, e distritos do interior, Vila Real e Bragança (**Tabela 1**).

A área geográfica abarcada pelo distrito de Viana do Castelo apresenta condições naturais privilegiadas, com um subsolo rico em matérias-primas e abundantes terrenos férteis e bem irrigados, razão pela qual foi desde muito cedo palco de uma intensa ocupação humana. Na Idade do Ferro, viu os seus montes polvilharem-se de povoados fortificados e já no início deste milénio, sentiu as profundas alterações produzidas pelo processo de romanização da Península (Leal, 2008). Neste distrito encontrámos lucernas provenientes da Citânia de Santa Luzia, de Vila Nova de Cerveira e de Arcos de Valdevez. O aparecimento de lucernas na Citânia de Santa Luzia não nos surpreende. Trata-se de um povoado de grandes dimensões, um dos mais conhecidos povoados da Idade do Ferro e da romanização do Noroeste Peninsular, localizado numa posição estratégica e com um enorme domínio visual sobre a paisagem. Do mesmo modo, não surpreende que também ocorram no Forte de Lovelhe (Vila Nova de Cerveira), um sítio arqueológico que mostra a evolução de um pequeno espaço transformado em *vicus* sob a alçada romana, reocupado durante o período suevo-visigótico. Refira-se ainda um exemplar encontrado em Arcos de Valdevez, apesar de não sabermos o contexto arqueológico do achado. Sabemos que terá sido recolhido entre os anos de 1919-20 pelo Abade de S. Paio de Jolda, que o doou ao Museu Nacional de Arqueologia.

Os índices de maior registo ocorrem no distrito de Braga, especialmente de *Bracara Augusta* (Braga). Graças ao Projeto Salvamento de Arqueologia Urbana da Universidade do Minho (1975), muito se sabe sob a cidade romana, desde a sua evolução urbanística (Martins, 1990) aos aspetos relacionados com a sua economia e comércio (Morais, 2005). Como já referimos, trata-se de uma cidade fundada por volta dos anos 16/15 a. C., no reinado de Augusto. Como capital de *conventus* exerceu a tutela sobre outros *populi* da região e poderá ter recebido o estatuto de *municipium* no período flávio (Morais, 2012: 62). No período baixo-imperial acabaria por tornar-se capital da província da *Gallaecia* que, instituída entre 284 e 288-289, reuniu os três *conventus* jurídicos do Noroeste (*id.*, 63). O protagonismo da cidade ao longo do

período imperial fez dela um dos principais centros redistribuidores. A grande maioria das lucernas, em particular aquelas completas, provém das necrópoles. Na periferia desta cidade registam-se ainda vestígios em Esposende, nomeadamente no Castro de São Lourenço (Vilã Chã). Em Vila Nova de Famalicão, cujos vestígios se distribuem cronologicamente entre o III^o milénio a.C. e o século XV, destaca-se a presença de lucernas no Outeiro do Castro da Bóca (freguesia de Vale de S. Cosme), na Estação Arqueológica de Perrelos (Delães) e no Castro de Penices (Gondifelos). Merece ainda destaque a Citânia de Briteiros, situada no lugar de S. Salvador (freguesia de S. Paio), um grande povoado fortificado (Cardozo, 1980: 11). Martins Sarmiento dá-nos referência da recolha de lucernas e fragmentos aqui recolhidos. O conjunto estudado carece de contexto arqueológico, desconhecendo-se mesmo, nalguns casos, o paradeiro dos fragmentos.

O distrito do Porto caracteriza-se pela presença de consideráveis vestígios arqueológicos documentados, tanto em contexto urbano, como no território envolvente. Os fragmentos de lucernas encontrados provêm do Centro Histórico da cidade, designadamente do “Espaço Público do Morro da Sé” (freguesia da Sé) e da Ribeira, no âmbito da construção do Hotel Carris. Mais significativas são, todavia, as lucernas encontradas no território situado entre os rios Sousa e Tâmega, sobretudo na parte jusante daqueles rios, perto da sua interseção com o Douro. Esta região tem sido alvo de escavações e levantamentos arqueológicos, quer no *territorium* de *Tongobriga* (Freguesia de Freixo), quer na região do Vale do Sousa, onde se localiza o povoado de Monte Mozinho e a necrópole de Monteiras (Bustelo).

Ptolomeu integra a cidade de *Tongobriga* no território dos *Callaeci Bracari*. As escavações efetuadas nesta estação permitiram um entendimento de algumas das particularidades do aglomerado, que tem sido interpretado, desde então, como capital de *civitas* (Alarcão, 1988; 1995-96; Dias, 1997). Esta área está igualmente assinalada pela relevância da exploração aurífera, evidenciando-se o couto mineiro da Serra das Banjas, que se caracteriza por uma grande área com mais de 60 km de comprimento, de onde se extraiu grande porção de minérios auríferos em época romana.

Um dos locais mais importantes neste estudo corresponde ao Povoado de Monte Mozinho, local onde foi encontrado um considerável número de lucernas (c. de 26 exemplares). As zonas escavadas permitem aferir que o castro teve várias fases de ocupação. A mais antiga, desde a sua fundação até meados do século I, corresponde,

eventualmente à época de maior densidade populacional, desde a coroa à muralha mais exterior (Soeiro, 1984: 127). Arquitetonicamente, caracteriza-se pela presença de casas-pátio com construções circulares, muitas das quais com os característicos vestíbulos em forma de caranguejo. Dos vestígios materiais recolhidos, destacam-se os objetos em bronze (*fibulae*, fivelas ou alfinetes) e as peças cerâmicas (Soeiro, 1998: 25).

A partir da 2ª metade do século I, correspondente à segunda fase, “deteta-se uma mudança nos hábitos dos habitantes do castro, que passaram a utilizar vários produtos importados, desde cerâmicas finas, nomeadamente a *sigillata hispânica*, vidros, novos objetos de adorno ou instrumentos de escrita, caso dos tinteiros em *sigillata hispânica* (*id.*, *ibid*). A nível da organização urbana do povoado, sobrepõem-se às antigas casas-pátios, novos quarteirões e arruamentos, coexistindo duas formas de urbanismo: o castrejo e o romano (*id.*, 26). A partir do final do século II pouco se conhece acerca das ocupações de Monte Mozinho, embora esteja comprovada a sua ocupação contínua até finais do século V, época em que o castro terá sido abandonado. Este período caracteriza-se pela ocupação de vastas áreas do povoado, quer no exterior da segunda muralha, quer junto da muralha mais extensa.

Fora da muralha mais exterior, documentam-se vários espaços cemiteriais, tanto das primeiras centúrias da Era, como do Baixo-Império, século IV e V. No caso das sepulturas do século I a III, verifica-se um ritual de incineração, posteriormente substituído por rituais de inumação. Em ambos os casos o depósito de objetos era constante, desde peças em bronze, vidros, moedas e recipientes cerâmicos (Soeiro, 1998: 32).

A posição estratégica deste povoado permitia controlar distintas áreas, destacando-se as minas de ouro da Serra das Banjas e, mais além, as de Valongo, ambas caracterizadas pela presença de lucernas.

Na necrópole de Monteiras apenas contámos com 1 exemplar. A intervenção de campo revelou a presença de sepulturas correspondentes a incinerações e inumações. Segundo Teresa Soeiro (2009-2010), a necrópole foi utilizada entre o 2º quartel do século I e o século IV. As sepulturas de incineração eram constituídas por pequenos covachos que continham cerâmica castreja, comum romana, cerâmica cinzenta fina, vidros e lucernas. As sepulturas de inumação, retangulares e cavadas no solo, caracterizam-se pela presença de algumas cerâmicas comuns, vidros e moedas do séc. IV (Soeiro, 2009-2010).

No litoral, destaca-se o povoado de Monte Castelo (Guifões, Matosinhos), um sítio marcante situado na confluência do rio Leça (Silva, 1986: 84) e de onde provém cerca de 9 exemplares, ainda que muito fragmentados. A este acrescenta-se ainda o Castro de Alvarelhos (Trofa), situado junto à passagem da Via XVI (Carvalho, 2008: 219), local onde se encontraram 14 lucernas, 3 das quais em bronze. No lugar de Outeiro dos Foguetes (Paços de Ferreira), correspondente a uma necrópole, foi encontrada uma lucerna completa, apesar de não possuímos informação quanto à sua exata localização (Silva, 1986: 97; 118-119; 124-125; 131-132).

A área geográfica compreendida pelo distrito e sede de concelho de Vila Real é uma das mais importantes da província de Trás-os-Montes. As lucernas documentadas provêm dos concelhos de Chaves (*Aquae Flaviae*), Vila Pouca de Aguiar, Boticas, Montalegre e Valpaços.

A cidade de *Aquae Flaviae*, que terá tido origem num aglomerado populacional e correspondido à capital de *civitas* dos *Turodi* (Carvalho, 2008: 129), é o segundo local com o maior número de lucernas (c. de 57 exemplares, um dos quais em bronze) de todo o norte de Portugal. Estas provêm das escavações do Arquivo Municipal, das Termas, do Largo do Pelourinho e da Rua do Poço. No período flávio, esta cidade terá sido elevada a *municipium*, momento em que se renovou a nível urbanístico e exercitou direito de tutela sobre diversas outras da região, como se testemunha na conhecida inscrição de “Padrão de Povos”, encontrada no rio Tâmega. O espólio e estruturas detetadas permitem dar a conhecer novos dados acerca da organização da cidade e do modo de vivência das comunidades (Rodríguez Colmenero, 1997: 115-116; Carneiro, 2013: 796). Neste território, a via XVII e as suas ramificações, tornam *Aquae Flaviae* numa importante plataforma de circulação de produtos, equipamentos e pessoas, que se desenvolve devido à exploração mineira testemunhada na região envolvente. É o caso do chamado Poço das Freitas (Bobadela, Boticas), associado à extração do ouro, bem como do complexo mineiro romano de Tresminas, que constitui um dos sítios mais importantes do *territorium metallorum* romano, verificando-se a presença de diferentes achados de época romana, datáveis do período alto-imperial, em particular 9 lucernas (Morais, 2005: 15). Em articulação com a referida via XVII (milha XLVI), no concelho de Montalegre, o Castro de Valongo serve de marco natural de delimitação entre as freguesias de Reigoso e Vila da Ponte. A este pequeno povoado está associada a descoberta de um achado isolado, representado por uma lucerna. Integra ainda esta área

transmontana, a Vila de Valpaços. No ano de 1993, no pátio de um prédio urbano, foi encontrada uma bilha de cerâmica comum e duas lucernas, conjunto datável do alto império. Segundo Castro Lopo (1954: 29), uma vez que se tratam de peças intactas, é de admitir que provenham de uma necrópole, eventualmente associada a um povoado situado no local da Vila.

O espaço geográfico compreendido pela região de Bragança assinalava-se, até há bem poucos anos, pela escassez de trabalhos arqueológicos cientificamente conduzidos, quer no concelho, quer na cidade, pelo que a história do território do Município basicamente se auxiliava na documentação escrita e em vestígios arqueológicos, por vezes isolados ou sem contexto, ou de proveniência incerta. São exemplos disso, o achado isolado de uma lucerna em bronze proveniente do concelho de Torre de Moncorvo, provavelmente inserida numa área de mineração romana, e de um candelabro, também em bronze, proveniente de Vinhais, cujas fontes, por um lado, o associam a contexto mineiro (Martins, 2008: 61-62) e, por outro, a um pequeno outeiro circular situado no extremo sul da aldeia de Fresulfe, a que a população chama castro de Dine (Lemos, 1993 IIa: 428, nº213).

Os trabalhos arqueológicos recentemente desenvolvidos no Centro Histórico da cidade, nomeadamente na Praça Camões e na rua Abílio Beça, mostram-se relevantes, quer pelos vestígios materiais detetados, quer pelo esclarecimento da ocupação cronológica do sítio. No concelho de Miranda do Douro, registamos a presença de um achado exumado durante os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na Concatedral (Antiga Sé). Tendo em conta o conjunto de materiais detetados e a presença de ossadas, poderá tratar-se de um contexto funerário. Ainda neste concelho, o povoado proto-histórico e romano da Idade do Ferro localizado na aldeia de Picote, caracteriza-se pela presença de um rico acervo de materiais, onde se destaca a descoberta de um fragmento de lucerna em *terra sigillata* hispânica tardia da forma 50.

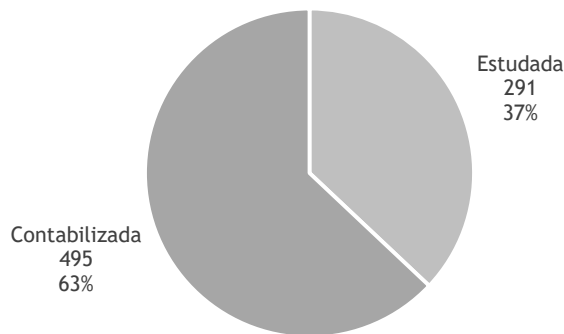
Caracterização do local	Estudada	Contabilizada	Total Geral
BRAGA	199	443	642
<i>Sede do Conventus</i>			
<i>Bracara Augusta</i>	168	443	611
Necrópoles			
Necrópole da Avenida da Liberdade	1		1
Necrópole da Avenida Central	1		1
Necrópole da Via XVII	22		22
Necrópole de Santa Eulália	1		1
Povoados Fortificados			
Castro de Penices	1		1
Castro de São Lourenço	2		2
Citânia de Briteiros	1		1
Castro da Bóca	1		1
Estação Arqueológica			
Estação Arqueológica de Perrelos	1		1
BRAGANÇA	9	1	10
<i>Civitas</i>			
<i>Zoelorum</i>	5		5
Povoados Fortificados			
Castro de Dine	1		1
Povoado Proto-Histórico e Romano de Picote	1		1
Terronha de Pinhovelo		1	1
Sem contexto			
Torre de Moncorvo	1		1
Miranda do Douro	1		1
PORTO	43	15	58
<i>Civitas</i>			
<i>Tongobriga</i>	3		3
<i>Cale</i>	2		2
Necrópoles			
Necrópole de Monteiras	1		1
Necrópole do Outeiro dos Foguetes	1		1
Povoados Fortificados			
Castro de Alvarelhos	7	7	14
Castro de Guifões	8	1	9
Castro de Monte Mozinho	19	7	26
Minas			
Couto Mineiro das Banjas	1		1
Mina da Serra de Santa Justa e Pias	1		1
VIANA DO CASTELO	5	1	6
Povoados Fortificados			

Citânia de Santa Luzia	1		1
Forte de Lovelhe	3	1	4
Sem contexto			
Arcos de Valdevez	1		1
VILA REAL	35	35	70
Civitas			
<i>Aquae Flaviae</i>	22	35	57
Povoados Fortificados			
Castro de Valongo	1		1
Necrópole (?)			
Vila de Valpaços	2		2
Minas			
Tresminas	9		9
Mina do Poço das Freitas	1		1
Total Geral	291	495	786

Tabela 1 – Locais de proveniência das lucernas estudadas e contabilizadas, por distrito

2.5. Crono-tipologia

Como referimos e se constata no **Histograma 1**, o presente estudo inclui um conjunto de 786 lucernas. Destas, 291 foram motivo de estudo detalhado e as restantes 495 apenas foram contabilizadas dado o estado excessivo de fragmentação (ver anexo 7, mapas).



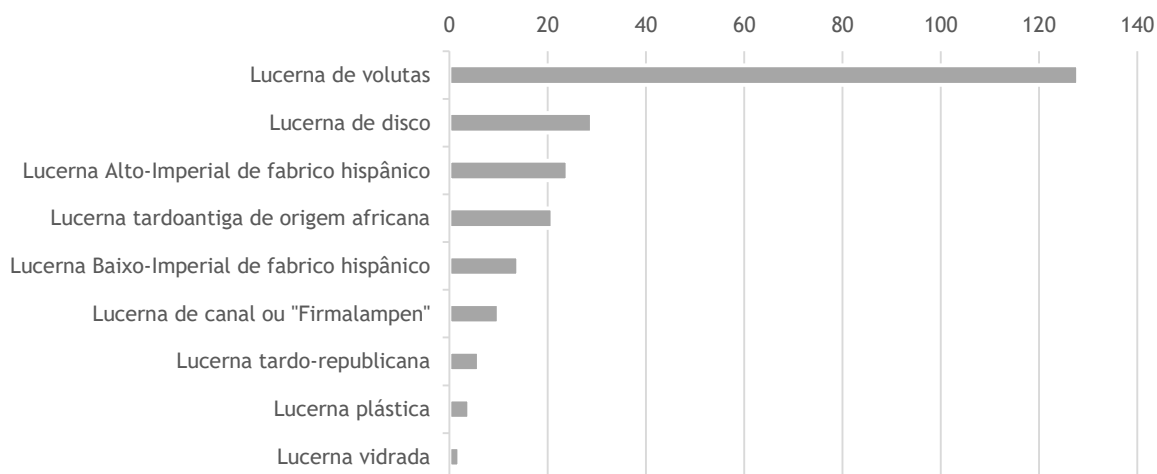
Histograma 1 - Quantidade das lucernas estudadas e contabilizadas

Entende-se por peças estudadas aquelas correspondentes a exemplares completos ou parcialmente completos e fragmentos significativos com decoração ou epigrafia. Quando possível atribuímos uma classificação crono-tipológica e atentámos no estudo dos aspetos iconográficos.

Como já referimos, incluem-se neste estudo lucernas em cerâmica e em bronze. Os exemplares em cerâmica correspondem a lucernas tardo-republicanas e integradas nas chamadas lucernas de volutas, de disco, de canal, alto imperiais de fabrico hispânico, baixo-imperiais de fabrico hispânico, tardo-antigas de origem africana, vidradas e lucernas plásticas. As lucernas indeterminadas correspondem a fragmentos que se encontram em excessivo estado de fragmentação, não tendo sido possível integrá-los nos tipos anteriormente mencionados. O conjunto apresenta uma grande variedade tipológica, formal e decorativa, compreendendo alguns exemplares idênticos ou análogos às lucernas de outras proveniências.

Como podemos observar no **Histograma 2**, as lucernas de volutas predominam com a presença de 128 exemplares. Seguem-se as lucernas de disco, com 29 exemplares, as lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico, com 24 exemplares, as lucernas tardo-antigas de origem africana, com 21 exemplares, e as lucernas baixo-

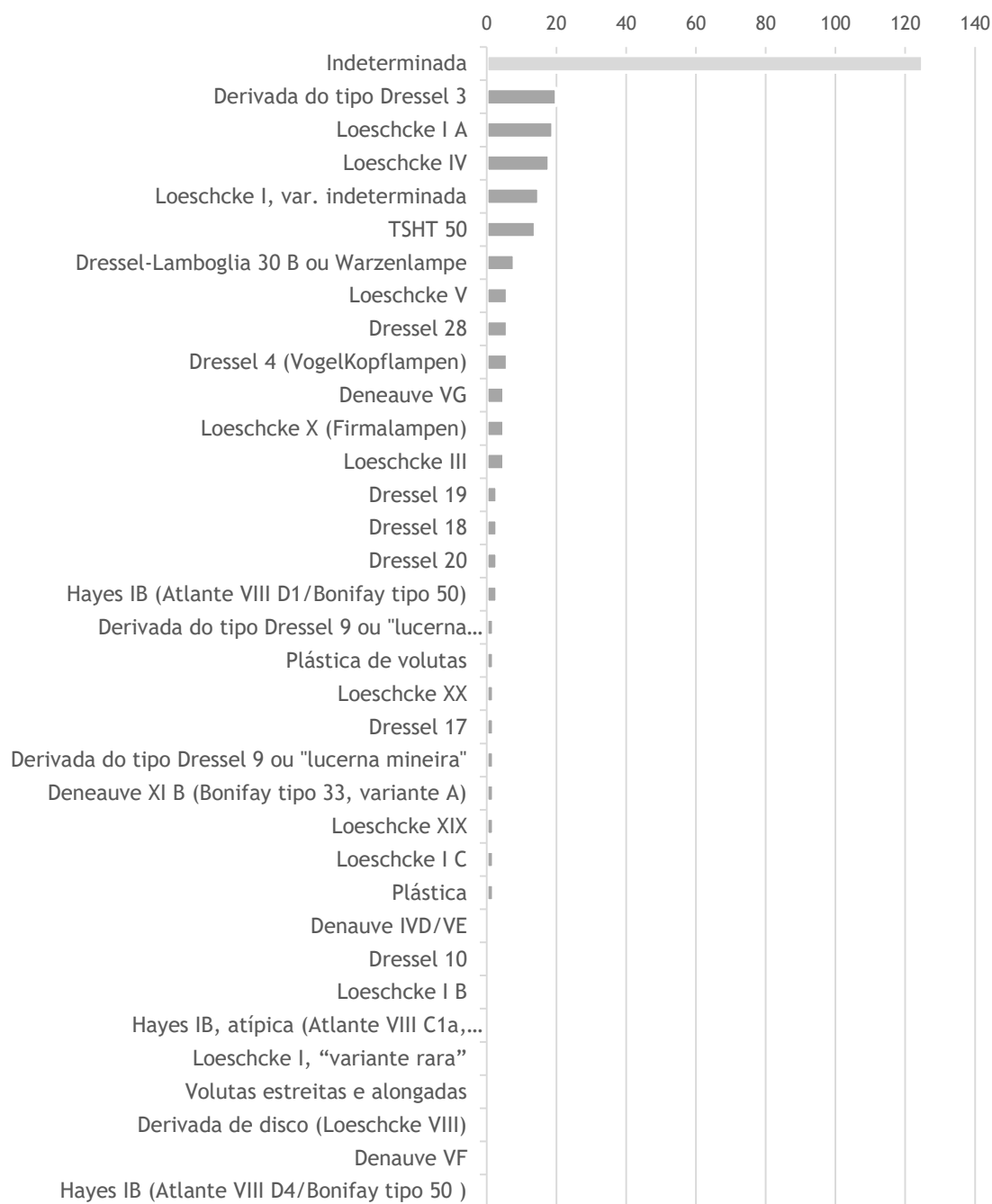
imperiais de fabrico hispânico, com 14 exemplares. As lucernas de canal estão apenas representadas por 10 exemplares, seguindo-se as lucernas tardo-republicanas, com 6 exemplares. Com um número ainda mais reduzido, registam-se as lucernas vidradas, com 2 exemplares e apenas 1 exemplar de lucerna plástica.



Histograma 2 - Quantidade das lucernas em cerâmica

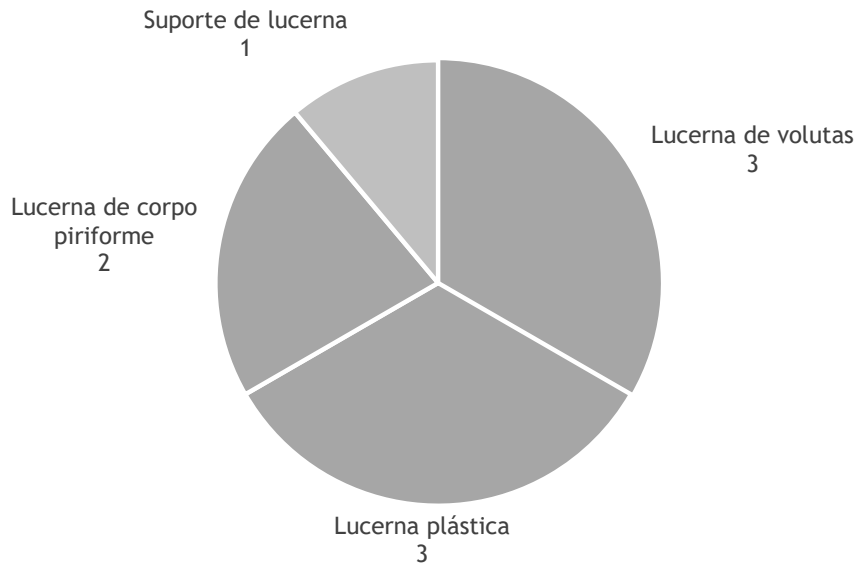
Deste conjunto identificámos 28 tipologias, excluindo, naturalmente, os cerca de 125 fragmentos indeterminados.

Como se pode ver no **Histograma 3**, o tipo melhor representado corresponde às lucernas derivadas do Tipo Dressel 3, com 20 exemplares, seguindo-se as lucernas Loeschcke IA, com 19 exemplares, Loeschcke IV, com 18 exemplares, Loeschcke I (variante indeterminada), com 15 exemplares, Forma 50 da TSHT, com 14 exemplares, Dressel-Lamboglia 30B, com 8 exemplares, os Tipos Loeschcke V, Dressel 28 e Dressel 4, com 6 exemplares, os Tipos Deneauve VG, Loeschcke X e Loeschcke III, com 5 exemplares, e os Tipos Dressel 18, 19, 20 e Hayes IB, com 3 exemplares. As restantes tipologias documentam-se apenas com 2 a 1 exemplares.



Histograma 3 - Quantidade de lucernas em cerâmica por tipologias

Como se pode apreciar no **Histograma 4**, as lucernas em bronze apenas estão representadas por 9 exemplares, repartidos por tipos de volutas, com 3 exemplares, por tipos de corpo piriforme, com 2 exemplares e pelas chamadas lucernas plásticas, com 3 exemplares. A estas acrescenta-se, ainda, um suporte de lucerna em bronze.



Histograma 4 - Quantidade de lucernas em bronze e suporte de lucerna por tipologias

De seguida apresentar-se-á um enquadramento crono-tipológico das lucernas estudadas, de acordo com a bibliografia consultada e dos dados proporcionados pelos diferentes contextos arqueológicos do norte de Portugal.

2.5.1. Lucernas *tardo-republicanas*

De acordo com os dados conhecidos, as lucernas romanas importadas mais antigas recolhidas no norte de Portugal enquadram-se em tipos tardo-republicanos. Destas apenas se constata a presença de 6 exemplares do Tipo Dressel 4 (*Vogelkopflampen*), distribuídos pelas cidades de Braga (4 exemplares), Valpaços (1 exemplar) e Arcos de Valdevez (1 exemplar).

2.5.1.1. Lucernas do tipo Dressel 4 (*Vogelkopflampen*)

Estas lucernas, de origem centro-italica, são as mais antigas aqui recolhidas. São características de uma época de transição, do período augustano, e apresentam particularidades comerciais e de produção idênticas às lucernas alto imperiais (Morillo Cerdán, 1999: 57).

Ao todo contabilizaram-se 6 exemplares (**nº1-6**), 4 dos quais provenientes de Braga (Maximinos, Carvalheiras e Colina da Cividade) (**nº3-6**). Os 2 restantes são provenientes de Valpaços e Arcos de Valdevez, e sem contexto arqueológico (**nº1; 2**). Apesar desta circunstância, estes dois exemplares estão integralmente conservados e

apresentam dimensões entre 8 e 10,5 cm de comprimento, 5 e 5,7 cm de largura e 2,2 e 2,8 cm de altura.

Nenhum dos exemplares possui marca e a decoração apenas está presente no *rostrum* (nº 2-4), como é característico destas lucernas. As pastas variam entre tons esbranquiçados e amarelados, e os engobes variam entre a cor alaranjada e acastanhada, podendo também registar-se em tonalidades claras.

2.5.2. *Lucernas de volutas*

Como vimos, as lucernas de volutas são o tipo mais comum no norte de Portugal, com cerca de 128 exemplares. Estas predominam na cidade de Braga (81 exemplares), seguidas das cidades de Penafiel (13 exemplares) e Chaves (11 exemplares). Em quantidades mais modestas, detetam-se noutros contextos, como é o caso do Povoado de Alvarelhos e de Guifões (2 exemplares cada), do Forte de Lovelhe (2 exemplares), do Complexo Mineiro de Tresminas (2 exemplares) e as cidades de Bragança e Porto (1 exemplar cada). De acordo com a bibliografia consultada, pudemos constatar que as lucernas de volutas aparecem repartidas por todo o território no século I, em diferentes contextos (urbano, povoados, necrópoles e sítios mineiros).

Por norma, a decoração no disco e naturalmente a existência de volutas, permite integrar alguns fragmentos nas lucernas de volutas. Apesar desta circunstância apenas foi possível classificar pouco mais de metade (cerca de 74) e atribuí-las a três grupos específicos. Estes enquadram-se nos Tipos Loeschcke IA, IB, IC, III, IV, V, Dressel 10, Deneauve VF, IVD/VE e V G.

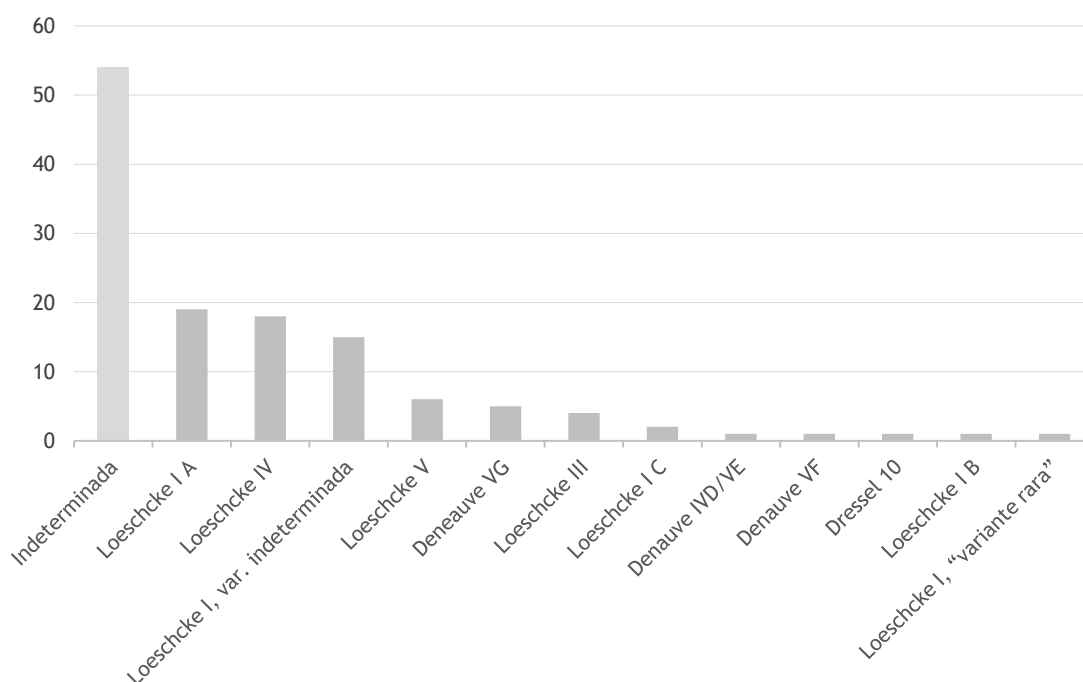
Os primeiros tipos provêm de oficinas centro-italicas. Como mostra o **Histograma 5**, 19 exemplares pertencem ao tipo Loeschcke IA (nº7-23), 1 ao tipo Loeschcke IB (nº37), 2 ao tipo Loeschcke IC (nº38, 39), 15 a um destes 3 tipos anteriores (nº25-36) e 1 ao tipo Loeschcke I, “variante rara” (nº224).

Com a mesma proveniência, mas de produção mais recente, conhecem-se 5 exemplares do tipo Loeschcke III (nº40-43, 182), 18 do tipo Loeschcke IV (nº44-60), 6 do tipo Loeschcke V (nº61-66), 1 dos tipos Dressel 10 (nº236), Deneauve VF (nº67) e Deneauve IVD/VE (nº 68), e 5 do tipo Deneauve VG (nº69-72, 226). Restam 54 fragmentos que pertencem, provavelmente, à família das lucernas de volutas (nº73-102).

O predomínio das lucernas de volutas, correspondentes a formas enquadráveis nas tipologias de Loeschcke, Dressel e Deneauve, tem uma clara repercussão do ponto de vista cronológico.

Os tipos Loeschcke IA e IB, representam as formas mais antigas, não ultrapassando os finais do período de Tibério e perdurando de forma residual nos inícios do reinado de Cláudio. Seguem-se-lhes os tipos Loeschcke III e Deneauve IVD/VE e VF, genericamente situáveis na 1ª metade do século I.

As formas mais recentes estão representadas pelos tipos Loeschcke IV e V e por cinco exemplares atribuíveis ao tipo Deneauve VG. Com uma cronologia geral de produção situável entre o reinado de Augusto e as primeiras décadas do século II datam, à semelhança de outros locais, do 2º e 3º quartel do século I.



Histograma 5 – Tipos de lucernas de volutas

2.5.2.1. Lucernas do tipo Loeschcke IA

Contámos com 19 exemplares pertencentes à variante Loeschcke IA (nº7-24). Esta categoria é a melhor representada dentro do tipo I de Loeschcke, distanciando-se das variantes B (com apenas 1 exemplar) e C (com 2 exemplares).

Estas lucernas provêm de Braga (11 exemplares) e Chaves (6 exemplares), tendo-se apenas identificado 1 exemplar no Forte de Lovelhe (Vila Nova de Cerveira) e na

Serra de Montezelo – Couto Mineiro das Banjas, Sobreira (Paredes). A totalidade integra-se no período de Augusto-Tibério e provém das oficinas centro-italicas.

Estes exemplares carecem sistematicamente de asa e é raro o aparecimento de orifícios de arejamento, bem como o canal aberto entre o disco e o *rostrum*. No conjunto estudado constata-se a existência de variantes já muito próximas, do ponto de vista morfológico, da forma Loeschcke IB, facto que nos leva a considerá-las de uma fase de transição (nº21).

Com exceção de 1 exemplar completo (nº7), as restantes lucernas desta variante estão fragmentadas, o que nos impede de obter dimensões precisas. Estes caracterizam-se, todavia, pela sua elevada qualidade técnica e artística, especialmente no léxico iconográfico que ornamenta o disco. As representações aludem aos deuses do Olimpo, como a representação de Ganimedes e a águia (nº8), à fauna, com a representação de aves – íbis (nº7) e à vida quotidiana, com as cenas de anfiteatro – gladiadores (nº9).

Apenas se constatou uma marca de oleiro em relevo, PHOETASPI, proveniente do Couto Mineiro das Banjas (nº23).

As argilas apresentam uma característica cor amarelada e possuem uma textura suave e arenosa. Os engobes são densos e brilhantes, de cor amarelada ou acastanhada.

2.5.2.2. Lucernas do tipo Loeschcke I B

Podemos identificar apenas 1 exemplar (nº37) pertencente a esta variante, embora existam numerosos fragmentos inclassificáveis que a esta poderiam pertencer. O referido exemplar está incompleto, faltando-lhe parte da orla, do *infundibulum* e do fundo. Este é proveniente de Braga (Carvalheiras) e foi encontrado em níveis do século I, podendo enquadrar-se no período de Tibério-Cláudio.

À semelhança do exemplar anterior possui uma pasta amarelada, própria das oficinas centro-italicas. O engobe é *mate* e de cor castanha-avermelhada.

2.5.2.3. Lucernas do tipo Loeschcke IC

Se as lucernas das formas Loeschcke IA e IB constituem um grupo bastante homogéneo, a variante Loeschcke IC apresenta rasgos bastante peculiares. Isto permite distingui-los dos tipos anteriores com bastante facilidade. Contudo, apesar da facilidade de identificação, a sua presença nos contextos do norte de Portugal é esporádica.

Apenas se constatou a presença de 2 exemplares (nº38-39). Uma das peças

provém do Castro de Alvarelhos (Área Artesanal e Habitacional Norte, UE04) e a outra da Necrópole da Via XVII, em Braga. Aparecem associados a níveis do século I d.C., podendo enquadrar-se no período de Nero-Vespasiano. O exemplar completo (**nº39**) apresenta 10,3 cm de comprimento, 7,3 de largura e 2,8 de altura.

Os motivos decorativos no disco estão associados à religião e mito, onde figuram duas cornucópias afrontadas (**nº38**) e um motivo ligado à fauna com a figura de um golfinho (**nº39**).

As pastas são ocre e alaranjadas, grossas e bem depuradas. Os engobes são alaranjados e podem adotar um tom acastanhado.

2.5.2.4. Lucernas do tipo Loeschcke III

Esta variante é das menores representadas nas lucernas de volutas. A inconfundível fisionomia da asa e o tamanho maior dos exemplares facilita consideravelmente a sua identificação.

No norte de Portugal, até à data, apenas se registaram 4 fragmentos (**nº40-43**), todos provenientes de Braga (Termas, Rua Frei Caetano Brandão, Rua São Geraldo e Avenida da Imaculada Conceição) e enquadráveis na 1ª metade do século I.

Possui normalmente maiores dimensões de que as variantes anteriores. No nosso caso não encontramos nenhum exemplar completo, razão pela qual não podemos aferir as suas dimensões. Apenas se constatou a presença de um exemplar *bilychne*, por nós incluída no grupo das lucernas vidradas (**nº182**).

Um dos exemplares deste tipo ostenta decoração no disco (**nº43**). Contudo, dado o estado de fragmentação em que se encontra, considerámo-la indeterminada. Os restantes constituem asas plásticas de forma triangular, uma decorada com uma folha de acanto (**nº40**) e a outra com traços incisos (**nº42**).

As pastas são de cor amarelada e bem depuradas. Os engobes apresentam tons amarelados ou acastanhados. Estas características permitem associa-las a oficinas centro-italicas.

2.5.2.5. Lucernas do tipo Loeschcke IV

Esta variante está presente com 18 exemplares (**nº44-58**). Do ponto de vista quantitativo, constitui a segunda variante mais importante das lucernas de volutas, imediatamente depois do tipo Loeschcke IA (19 exemplares). 15 Fragmentos provêm de

Braga (Necrópole da Via XVII, Carvalheiras, Cividade, Cerca do Seminário de Santiago e Praia das Sapatas). Mais uma vez, a cidade assume um papel preponderante na importação deste tipo de lucernas. As duas restantes foram descobertas no Castro do Monte Mozinho (Penafiel) e no Forte de Lovelhe (Vila Nova de Cerveira).

Cronologicamente estas lucernas enquadram-se no período de Augusto e os inícios do século II (com auge no 2º e 3º quartel do século I).

Contámos apenas com 2 exemplares completos (**nº44; 48**), em que as dimensões variam entre os 9 e 10 cm de comprimento, 6,5 e 7cm de largura e 2,4 cm de altura.

Deste conjunto, apenas 3 apresentam um orifício de arejamento, ora circular, ora oblíquo (**nº58; 60**) e apenas 1 exemplar apresenta uma asa de disco elevada (**nº60**).

O reportório decorativo no disco destas lucernas é de certa qualidade, embora se aprecie um empobrecimento generalizado na execução técnica. Os motivos mais frequentes são relativos à vida quotidiana, com a representação de cenas eróticas (*symplegma* erótico) (**nº44; 45**) ou de anfiteatro (gladiadores) (**nº49**). Devemos ainda mencionar a presença de uma fiada de círculos sobre a *margo* de uma lucerna (**nº60**) e a marca MVNREST (*Lucius Munatius Restitutus*) num exemplar de Braga (**nº227**).

As pastas são geralmente finas e bem depuradas, de tonalidade amarelada. Os engobes apresentam uma cor castanha ou avermelhada, muitas vezes com reflexos metálicos. Mais uma vez, estas características apontam para uma origem centro-italica.

2.5.2.6. Lucernas do tipo Loeschcke V

O conjunto de lucernas da forma Loeschcke V, não constitui um número muito expressivo, reduzindo-se a 6 exemplares (**nº61-66**). Destes, 4 procedem da cidade de Braga (Necrópole da Via XVII e Teatro), e 1 de Vila Pouca de Aguiar (Complexo Mineiro Romano de Tresminas - Galeria do Texugo) e Penafiel (Castro do Monte Mozinho), respetivamente.

Esta variante enquadra-se entre os finais do reinado de Cláudio e os inícios do século II (auge: c. de 75/80 até reinado de Adriano).

Não se constata a presença de nenhum exemplar completo. A decoração é mais fruste que as anteriores e apresentam motivos associados à religião e mito (Vitória alada) (**nº62**) e florais (roseta) (**nº64**).

As pastas, bastante bem depuradas, apresentam uma cor ocre ou alaranjada, enquanto os engobes são avermelhados ou acastanhados. Estas características apontam

para uma origem típica das oficinas hispânicas.

2.5.2.7. Lucernas do tipo Dressel 10

A presença desta variante é meramente testemunhal. Apenas se conservou 1 exemplar proveniente da Necrópole de Santa Eulália, em Vizela (**nº236**). Este contexto carece de estratigrafia, pelo que nos levou a integrá-la dentro do período cronológico estabelecido para esta variante, que corresponde à 2ª metade do século II d.C.

Esta identificação é bastante problemática, uma vez que o exemplar apresenta características que diferem em alguns pontos das habituais. A decoração na orla é vegetal, simples e pouco cuidada. A asa, em vez de ser de disco, é perfurada, maciça e de perfil arredondado. O exemplar apresenta, ainda, uma decoração sobre as molduras e caneluras que rodeiam o disco, consistindo em vários cachos de uvas toscos e esquemáticos, muito semelhante aos que aparecem nas lucernas de disco da forma Dressel 28.

Apesar destas diferenças, o exemplar deverá vincular-se ao tipo Dressel 10. Contudo, pode configurar uma interpretação peninsular, ainda que próxima de alguns exemplares tunisinos. O aspeto tosco e a descuidada realização desta peça, com asa descentrada, é outro aspeto digno de realce. Poderá ter sido empregue a técnica do sobremolde sobre uma lucerna original do tipo Dressel 10, efetuando mais tarde alguns retoques. Em todo o caso, preferimos inclui-la dentro desta categoria. O disco está decorado com um motivo associado à religião e mito, no qual se representa a figura do jovem Ícaro no momento de iniciar o voo. Apresenta, no fundo externo, um símbolo anepígrafo, que consiste em pontos circulares incisos organizados em círculo, formando duas filas, e, no centro destas, oito fiadas diagonais. Tem 15,6 cm de comprimento, 9,8 cm de largura e 6 cm de altura.

A pasta, de coloração rosada, apresenta micas e possui vestígios de um engobe de cor acastanhada. Estas características poderão revelar uma origem norte-africana.

2.5.2.8. Lucernas do tipo Deneauve VF

À semelhança da variante anterior o exemplar deste tipo recolhido em Braga (**nº67**) possui características atípicas. Desconhecemos o contexto estratigráfico da peça, pelo que nos leva a incluí-la na cronologia geral proposta para este tipo, os meados do século II.

A pasta, fina e bem depurada, apresenta uma coloração bege, enquanto o engobe, de boa qualidade, é de cor acastanhada. Estas características apontam para uma origem centro-italica.

2.5.2.9. Lucernas do tipo Deneauve IVD/VE

De novo, à semelhança das duas variantes anteriores, apenas se documentou 1 exemplar, atípico (nº68). Este exemplar também foi recolhido em Braga (Rua de São Geraldo) e provém de um contexto estratigráfico datável entre o período de Augusto a antes de meados do século I.

Também neste tipo se encontra uma influência de outros tipos, cujos rasgos correspondem quase na totalidade ao tipo Deneauve IVD-Loeschcke II, salvo pela presença de pequenas aletas laterais.

A pasta, fina e bem depurada, apresenta uma coloração amarelada, enquanto o engobe, de boa qualidade, é de cor acastanhada. Estas características apontam para uma origem centro-italica.

2.5.2.10. Lucernas do tipo Deneauve V G

Esta variante está representada por 5 exemplares (nº69-72). Destes, 3 provém de Braga (Necrópole da Via XVII e das Termas) e 1 de Penafiel (Castro de Monte Mozinho) e Marco de Canaveses (*Tongobriga*). Estas lucernas documentam-se em níveis datados entre o período de Augusto e os finais do século I/inícios do século II (auge no 2º e 3º quartel do século I).

Apenas um exemplar chegou até nós completo (nº226). Apresenta 8,3 cm de comprimento, 7,3 cm de largura e 3 cm de altura. Este exemplar tem uma marca incisa em *planta pedis* com as letras M L que está rodeada por três traços em zigue-zague. Devemos, ainda, mencionar, que na parte inferior do disco esta lucerna apresenta duas pequenas molduras que formam uma bordadura, incluindo pequenos traços em relevo transversais. Esta ornamentação apenas se verifica em exemplares hispânicos descobertos em Carmona e na *Necrópolis de Eras del Bosque*, em Palencia (Morillo Cerdán, 1999: 99). A procedência desta lucerna e dos restantes fragmentos poderá estar relacionada com oficinas Peninsulares ou Itálicas. De qualquer das formas, à semelhança do que acontece com os tipos Loeschcke V, Dressel 10 e Deneauve IVD/VE, a variante VG constitui um tipo muito secundário dentro do comércio

lucernário.

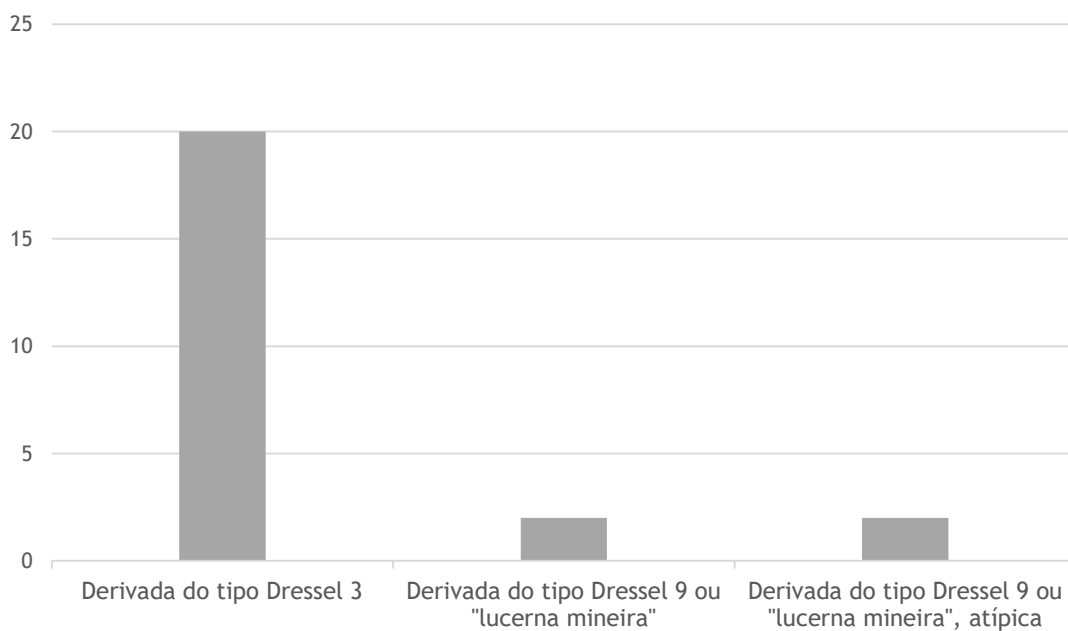
As pastas, muito bem depuradas, adotam uma ampla gama de colorações, que vão desde o esbranquiçado ao ocre, passando pelo amarelado e alaranjado. Os engobes são aderentes, de boa qualidade, de tons avermelhados ou acastanhados.

2.5.3. *Lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico*

As lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico são dos tipos mais comuns no norte de Portugal, com um total de 40 exemplares (nº103-115, 231, 233).

As cidades de Chaves (18 exemplares), Braga (11 exemplares) e Bragança (4 exemplares), concentram a maior parte de peças documentadas. Em quantidades mais reduzidas, detetam-se noutros contextos, como Penafiel (3 exemplares), Valongo e Tresminas (1 exemplar). Estas lucernas estão bem documentadas em todo o território português, encontrando-se em contextos urbanos, povoados, necrópoles e sítios mineiros datados do século I. Grande parte (16) correspondem a fragmentos de reduzidas dimensões e estão em mau estado de conservação, pelo que optamos não inseri-los neste trabalho.

Como mostra o **Histograma 6**, dos 24 exemplares apresentados, 20 são do tipo Dressel 3 (nº 103-112) e 4 atribuíveis às chamadas lucernas derivadas do tipo Dressel 9 ou “lucernas mineiras” (nº 113-115), incluindo dois com características atípicas (nº113, 115).



Histograma 6 – Tipos de lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico

2.5.3.1. *Lucernas derivadas do tipo Dressel 3*

Neste estudo documentou-se um total de 20 lucernas do tipo Dressel 3. Estas predominam em contextos arqueológicos do século I d.C.

Os distritos de Braga, Bragança e Vila Real concentram a grande maioria dos achados. Entre eles destaca-se a cidade de Braga (7 exemplares), seguindo-se Bragança (4 exemplares), *Aquae Flaviae* (3 exemplares) e Penafiel (2 exemplares, 1 proveniente da necrópole de Monteiras e outro do Castro do Monte Mozinho). Com apenas 1 exemplar temos os sítios mineiros de Valongo e Tresminas e o Castro de Guifões (Matosinhos) e a Citânia de Briteiros (Guimarães).

Grande parte dos contextos carece de estratigrafia, pelo que nos levou a integrá-las dentro do período cronológico estabelecido para esta forma, que corresponde a meados do século I d.C.

Do ponto de vista morfológico, estas lucernas, também conhecidas pela designação de “tipo Andújar”, não se afastam dos “padrões teóricos” conhecidos, na oficina de Andújar.

Embora se constate a presença de três exemplares completos (**nº103, 110, 241**), apenas se obteve as dimensões de dois (o outro, de paradeiro incerto, apenas se conhece por fotografia – **nº110**). O comprimento varia entre os 9,3 e os 10 cm, a largura entre os 7,1 e os 8 e a altura entre os 2,7 e 2,8 cm.

Apesar das semelhanças com as produções de Andújar, encontramos algumas diferenças. As aletas laterais apresentam frequentemente uma decoração até à data não identificada em Andújar e que consiste em vários círculos impressos separados por traços transversais (**nº106, 107, 240**). Por vezes também se encontram apenas traços isolados (**nº240**).

Um dos exemplares documentados apresenta três pequenos orifícios na separação da orla com o *rostrum* (**nº106**), tratando-se, possivelmente, de orifícios de arejamento, embora sejam pouco frequentes neste tipo de peças.

Documentaram-se algumas marcas de oficina. Estas são principalmente anepígrafas, nomeadamente quatro círculos em relevo dispostos na extremidade de diâmetros opostos (**nº240**), a representação de *planta pedis* incisa (**nº233**) e um traço em zigue-zague e em relevo (**nº241**). Constata-se a presença de uma única marca de oleiro, *Procul*, podendo tratar-se de *Proculis* (**nº231**).

À exceção de um dos exemplares, cuja pasta adota uma coloração alaranjada

com engobe da mesma cor (**nº231**), os restantes caracterizam-se por uma pasta bem depurada, com presença de pequenos vacúolos de cor esbranquiçada ou amarelada, própria das oficinas de Andújar. No geral, apresentam uma textura macia, porosa, que se desfaz ao toque. Praticamente em nenhum caso se cobre a superfície exterior da peça com engobe, o que contribui para a fragilidade das pastas. Como se sabe, não só em Andújar se documentaram centros de produção. Também em *Corduba* e *Emerita Augusta* se testemunha esta realidade. Do ponto de vista operativo, a capital da Lusitania, patriarca da via que conduz até *Asturica Augusta*, oferece a vantagem de uma maior proximidade geográfica que a distante Córdoba. *Emerita Augusta* constitui sem dúvida o centro de redistribuição e comercialização regional de bens de consumo como vinho e azeite, assim como de produtos manufaturados, entre as quais se encontram as lucernas (Morillo Cerdán, 1999: 104).

Apesar da maior parte dos exemplares possuir características de fabrico afins às produções béticas, apenas uma análise mineralógica exaustiva, que tenha em consideração amostras dos distintos focos produtivos e dos contextos de proveniência deste tipo de peças poderá aclarar definitivamente o problema de origem e áreas de comercialização das mesmas.

2.5.3.2. Lucernas derivadas do tipo Dressel 9 ou “mineiras”

As lucernas derivadas do tipo Dressel 9 ou “lucernas mineiras” estão representadas por 2 fragmentos com um fabrico característico deste tipo de lucernas nos povoados mineiros do Sudoeste peninsular (**nº114**), e 2 fragmentos, com características atípicas dentro desta produção (**113; 115**), com um fabrico muito grosseiro que encontra um paralelo específico numa lucerna proveniente das minas de Aljustrel, atualmente em depósito no Museu Nacional de Arqueologia.

Todos os fragmentos foram recolhidos em Braga, provenientes das Carvalheiras, Sé Catedral, de Maximinos e da Colina da Cividade.

À exceção de um fragmento de asa, todos os exemplares pertencem à primeira variante estabelecida por López Rodríguez, caracterizada pela orla decorada. A decoração é muito semelhante em todos os exemplares, representada por pérolas ou glóbulos de grandes dimensões em relevo.

O disco de um dos exemplares (**nº113**) possui uma fruste ornamentação representando uma vitória alada de frente, com as asas abertas elevadas à altura da

cabeça. Segura com o seu braço esquerdo uma palma e, com o braço direito levantado, ostenta uma coroa de louros.

Um outro exemplar (**nº115**) possui no disco a fruste representação de uma palma. Devido ao estado de fragmentação, não é possível perceber se estava contemplado com outras ornamentações.

Não se constatou a presença de marcas, símbolos epigráficos e grafitos que, geralmente são abundantes neste tipo de produções lucernárias.

Estas lucernas possuem uma cronologia geral de produção situável no século II e inícios da centúria seguinte. É provável, todavia, que os escassos quatro exemplares documentados na cidade de Braga possam pertencer ao auge da circulação destes produtos que ocorre na 2ª metade do século II.

As pastas são duras e pouco depuradas, com presença de desengordurantes de grande calibre. As colorações variam entre o alaranjado, o avermelhado ou o amarelado. A superfície externa das peças é, geralmente, coberta com um engobe amarelado ou acastanhado.

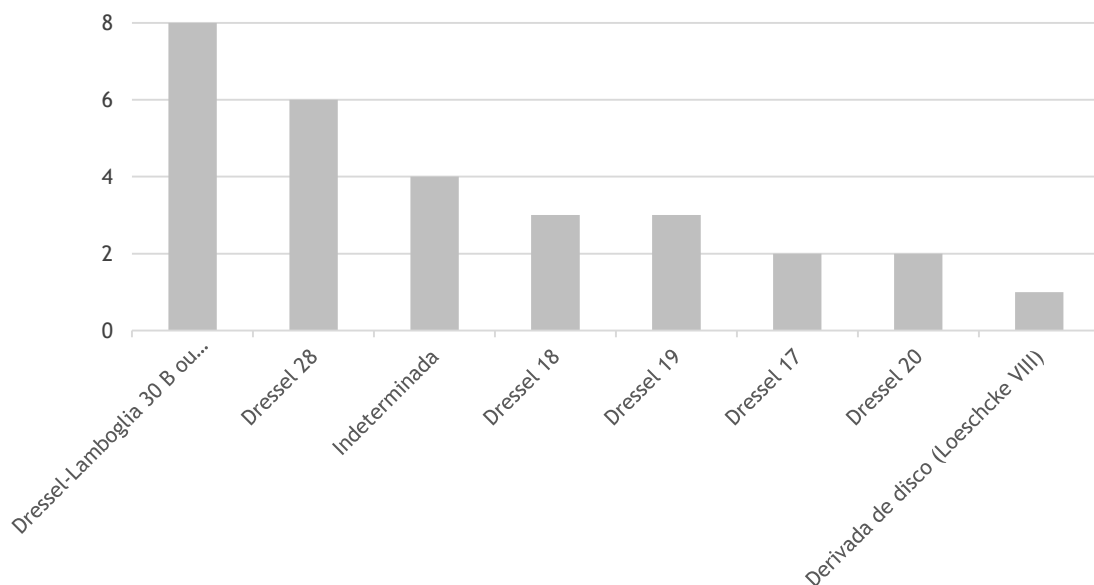
2.5.4. Lucernas de disco

As lucernas de disco são dos tipos mais comuns no norte de Portugal, com um total de 36 exemplares.

A cidade de Braga concentra a grande maioria das peças documentadas (28 exemplares). Em quantidades mais reduzidas, detetam-se noutros contextos, como Penafiel (2 exemplares), Matosinhos, Paços de Ferreira, Valpaços, Miranda do Douro, Chaves e Viana do Castelo (1 exemplar cada). O estado de fragmentação de algumas lucernas não nos permitiu enquadrá-las em tipos específicos. Como se vê no **Histograma 7**, deste conjunto foi-nos possível atribuir 8 fragmentos ao tipo Dressel-Lamboglia 30B (**nº130-138**), dos quais 7 provêm da África Proconsular, e um apresenta um fabrico característico da bética costeira, eventualmente da região gaditana (Morais, 2005 I: 330). Do tipo Dressel 28 contabilizam-se 6 exemplares provenientes da África Proconsular (**nº125-129, 243**). Os tipos, Dressel 18 (**nº118-120**), 19 (**nº121-123**) e 20 (**nº124, 214 e 216**), oriundos das oficinas centro-italicas contam apenas 3 exemplares e o tipo Dressel 17 com a mesma proveniência, conta com apenas 2 exemplares (**nº126, 127**). Apenas 1 fragmento corresponde ao tipo derivado de disco (Loeschcke VIII) com uma produção hispânica (**nº139**).

Restam 4 fragmentos que pertencem, provavelmente, à família das lucernas de disco (nº137, 140, 141, 235).

As lucernas de disco mais tardias, representadas pelos tipos Dressel 20, 28 e Lamboglia 30B apresentam uma peculiaridade muito interessante. Segundo Rui Morais, se atendermos às cronologias gerais de produção deste tipo de lucernas em todo o império, facilmente se constata a substituição de uns tipos pelos outros: “o tipo Dressel 20, datável do período flávio aos inícios do século II, foi sendo substituído pelo tipo Dressel 28, a partir da 2ª metade do século II e estas últimas, que perduraram ao longo do século III, vão ser, por sua vez, substituídas pelas formas Dressel-Lamboglia 30B, maioritariamente presentes nos séculos III e IV” (Morais, 2005 I: 330).



Histograma 7 – Tipos de lucernas de disco

2.5.4.1. Lucernas do tipo Dressel 17

Apenas 2 exemplares (nº116; 117) representam o tipo Dressel 17 na região norte de Portugal.

Procedem, respetivamente, de Valpaços e Braga (Carvalheiras). O exemplar recolhido em Valpaços (nº116) pertence à variante com bico alongado e superfície em ressalto em torno do orifício de iluminação. Esta variante está integrada na classificação de Bisi como no tipo IXA (Bisi, 1977: 88 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 112). Uma vez que carece de contexto arqueológico, atrevemo-nos a inseri-lo no período cronológico determinado para as lucernas deste tipo, entre o 2º e 3º quartel do século I d.C. Este

exemplar tem de comprimento 8,8 cm, 6,6 cm de largura e 2,5 cm de altura.

O segundo exemplar (**nº117**), proveniente das Carvalheiras, é de reduzidas dimensões. Distingue-se pela presença de aletas laterais, constituindo uma característica morfológica atípica dentro desta categoria. Szentleleky considera a presença de aletas como uma característica típica do século I, especialmente do 2º e 3º quartel (Szentleleky, 1969: 53-56 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 112).

No geral, as pastas são finas e bem depuradas, alternando de tons alaranjados a esbranquiçados. O engobe é de cor alaranjada-acastanhada.

Tendo em conta as características dos exemplares estudados atribuímos uma origem centro-italica.

2.5.4.2. Lucernas do tipo Dressel 18

Apenas se documentaram 3 exemplares do tipo Dressel 18 (**nº 118-120**) provenientes de Braga (necrópole da via XVII e Quinta do Fujacal) e Miranda do Douro (altar-mor da Catedral).

Um dos exemplares de Braga e o de Miranda do Douro chegaram até nós completos (**nº118; 119**). As dimensões variam entre os 7,5 e 8 cm de comprimento, 6,6 e 6,8 cm de largura e 2,3 e 2,8 de altura.

O exemplar de Miranda do Douro (**nº118**) carece de contexto estratigráfico, pelo que nos atrevemos a inseri-lo no período cronológico estipulado para este tipo, a segunda metade do século I d.C. Os exemplares de Braga enquadram-se na mesma cronologia. Estes exemplares não possuem decoração no dico, estando esta apenas representada na orla, ornamentada por uma fiada de pequenos óvalos.

As pastas são alaranjadas, muito bem depuradas, com a superfície engobada da mesma cor. Tendo em conta o fabrico das peças, atribui-se-lhes uma origem centro-italica.

2.5.4.3. Lucernas do tipo Dressel 19

Este tipo apenas está representado por 3 exemplares (**nº121-123**). Um deles provém das escavações do Arquivo Municipal de Chaves (**nº123**), e os restantes de intervenções efetuadas na cidade de Braga (Maximinos e Fujacal).

O primeiro foi recolhido na unidade estratigráfica 925 (sondagem 9), que corresponde a uma camada de nivelamento ou destruição datada desde os Flávios a meados do século II d.C.

Os dois exemplares de Braga não estão datados, facto que leva a integrá-los na cronologia proposta para este tipo, que se inicia com os Flávios e perdura até meados do século II d.C. (auge 80 / 110 d. C.).

Todos os fragmentos apresentam a orla decorada, com uma fiada de folhas de hera impressas em forma de coração e o disco com traços dispostos de forma oblíqua.

Nenhum deles apresenta marcas, inscrições epigráficas e grafitos.

As pastas são de tonalidades bege/ alaranjada, e o engobe vermelho-alaranjado, de boa qualidade. Estas características apontam uma origem centro-italica.

2.5.4.4. Lucernas do tipo Dressel 20

À semelhança do tipo anterior apenas se registou a presença de 3 exemplares (nº124, 214, 216).

Dois exemplares provêm de Braga (um dos quais vidrado a que nos iremos referir mais adiante) e outro do Castro do Monte Mozinho (Penafiel).

Tendo em conta os contextos estratigráficos de proveniência, pudemos enquadrá-los nos finais do século I e a 1ª metade do século II d.C.

O exemplar de Mozinho (nº216), integralmente conservado, tem 8,5 cm de comprimento, 6,7 cm de largura e 2,6 cm de altura. O outro exemplar apresenta-se parcialmente fraturado na orla e no *rostrum* (nº124).

Em ambos os exemplares, se vê a característica separação entre o bico e o corpo da lucerna mediante uma linha horizontal incisa que termina com duas pequenas incisões circulares.

Apesar de fragmentada, a lucerna de Braga tem uma decoração no disco onde se representa Cupido como caçador.

O exemplar de Monte Mozinho ostenta a marca de oleiro C.OPPI.RES, que corresponde ao oleiro itálico *Caivs Oppivs Restitvtvs*. Esta lucerna apresenta ainda uma peculiaridade única e muito interessante, que se prende com o facto de ainda conservar restos de resíduos no interior do depósito.

As pastas, bem depuradas, adotam colorações ocre ou esbranquiçadas, e os engobes variam entre o acastanhado e o bege. À semelhança das lucernas de disco acima estudadas atribuímos uma origem centro-italica.

2.5.4.5. Lucernas do tipo Dressel 28

Este tipo está presente com 6 exemplares (**nº125-129**), constituindo o segundo grupo mais numeroso no âmbito das lucernas de disco. Esta representatividade está em parte relacionada com a facilidade de reconhecer a partir de fragmentos, graças à habitual decoração da orla com motivos vegetais.

A maior parte concentra-se em Braga, com 4 exemplares (Termas, Carvalheiras, Praia das Sapatas e Edifício Cardoso da Saudade). Outros dois exemplares provêm de Monte Mozinho (**nº125**) e da Necrópole do Outeiro dos Foguetes em Paços de Ferreira (**nº243**).

De acordo com os dados estratigráficos, estas lucernas datam da 2ª metade do século II d.C. e o século III d.C.

Apenas um dos exemplares apresenta o disco decorado com um motivo associado à religião e mito, na qual figura o busto de Hélios com diadema (**nº125**). Na orla, ostenta uma fiada de óvalos.

Os restantes exemplares, com decorações apenas presentes na orla, estão distribuídos por motivos vegetais ou geométricos. Dos primeiros, destacam-se os ramos e folhas de videira (**nº126**), os cachos de uvas (**nº128**) e as peltas (**nº127**). Dos motivos geométricos, destaca-se a fiada de óvalos (**nº125**).

Relativamente às marcas de oficina, apenas se constatou a presença de uma letra isolada, na qual figura a letra P, incisa (**nº243**).

As pastas, que variam entre os tons ocre ou alaranjado, são bem depuradas e possuem um engobe acastanhado ou avermelhado, indicando uma origem itálica e/ou africana.

2.5.4.6. Lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 30B

As lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 30 B figuram com 8 exemplares (**nº130-136**), constituindo o tipo mais documentado dentro das lucernas de disco.

À exceção de um fragmento proveniente da Citânia de Santa Luzia (**nº130**), todos foram descobertos nas escavações efetuadas na cidade de Braga (Teatro, Termas,

Quinta do Fujacal, Carvalheiras e Cavalariças).

O exemplar proveniente de Santa Luzia carece de dados estratigráficos, pelo que nos levou a inseri-lo na cronologia proposta para este tipo, nomeadamente o século III/IV (ainda que esporadicamente presente nos inícios do século V). Os restantes exemplares inserem-se nesta cronologia.

Apenas uma lucerna apresenta decoração no disco, onde figura a representação de uma roseta (**nº130**). A mesma peça ostenta na orla ramos e folhas de videira em relevo.

As restantes caracterizam-se pela presença de motivos vegetais na orla, na qual se repete o mesmo motivo, mas em variantes diferentes, ou seja, duas, três, quatro, cinco ou sete fiadas de pérolas ou glóbulos em relevo (**nº131-136**).

As pastas variam entre a cor ocre e alaranjada e são muito bem depuradas. Nem sempre estão cobertas por engobe, mas quando acontece, este apresenta uma cor muito semelhante à da pasta.

Com exceção de um exemplar de provável origem Bética (**nº133**), eventualmente da Baía Gaditana, os restantes apresentam características próprias das oficinas do Norte de África.

2.5.4.7. Lucernas derivadas de disco (Loeschcke VIII)

Apenas se documentou a presença de um fragmento de lucerna derivada de disco (**nº139**). Este fragmento é proveniente do castro de Guifões, mas carecemos de contexto estratigráfico. Tal facto levou-nos a inseri-lo na cronologia proposta para este tipo, o século III e os inícios do século IV d.C. Uma vez que se trata de um fragmento de reduzidas dimensões, não foi possível determinar as dimensões. O fragmento tem a orla decorada a toda a volta com incisões estreitas paralelas, dispostas radialmente.

A pasta, de cor ocre, apresenta alguns desengordurantes micáceos. Parece-nos que não se regista a presença de engobe. Pelas características, julgamos poder ser de uma oficina Hispânica.

Segundo Morillo Cerdán (1999:127), Astorga poderá ter sido um dos centros produtores deste tipo.

2.5.5. Lucernas de canal

As lucernas de canal estão representadas por 11 exemplares (**nº142-148, 220, 239, 244**). Esta quantidade é bastante reduzida, em relação às lucernas de volutas, de disco e às tardo-antigas de origem africana.

Como habitual, a maioria provém de Braga com 7 exemplares. Os restantes 4 exemplares detetam-se no Complexo Mineiro de Tresminas.

Apenas um exemplar deste tipo não se encontra inserido no trabalho, pois o estado de fragmentação em que se encontrava, não o justificou.

Dado o estado de fragmentação apenas foi possível definir a tipologia a 5 exemplares, 3 do tipo Loeschcke X (e 2 atribuíveis a lucernas de canal em *terra sigillata* hispânica alto-imperial (**nº143, 239**)).

2.5.5.1. Lucernas do tipo Loeschcke X

As lucernas do tipo Loeschcke X estão representadas por 5 exemplares oriundos das oficinas norte-italicas, uma vez que os dois fragmentos em *terra sigillata* hispânica alto-imperial serão retratados no próximo item. Destes, 2 exemplares procedem do Complexo Mineiro Romano de Tresminas. Os restantes foram encontrados na Galeria do Texugo, no Povoado da Veiga de Samardã, e em Braga (Termas).

Tendo em conta os dados estratigráficos estas lucernas datam dos finais do século I e os meados do século II d.C.

Apenas um exemplar chegou até nós completo (**nº145**). Contudo, não é possível aferir as suas dimensões, uma vez que a peça se encontra sob guarda científica do responsável da escavação e a fotografia que possuímos não apresenta escala.

Um dos fragmentos (**nº142**) detém particularidades muito distintas, pois possui uma asa de suspensão vertical e perfurada, disposta no eixo com o *rostrum*, em cujos lados se abrem dois orifícios simétricos de alimentação. Este tipo de peça, cuja utilidade reside na utilização do orifício da asa para colocar um gancho metálico de suspensão, possui um fabrico característico das oficinas norte-italicas e, possivelmente, provinciais (Morillo Cerdán, 1999: 138).

As pastas, muito depuradas, possuem uma cor vermelho tijolo. A superfície externa é suave e apresenta engobe vermelho acastanhado.

2.5.5.2. Lucernas de canal em terra sigillata hispânica alto-imperial

Como referimos, registam-se 2 fragmentos de lucernas de canal em *terra sigillata* hispânica alto-imperial (**nº143, 239**), ambas recolhidas em Braga. Apesar do elevado estado de fragmentação sabemos que pertencem ao tipo Loeschcke X (Morais, 2005: I 342, 365, Nº14 e 155; II 425, 461, Nº14 e 155; Morillo Cerdán, 2012: 299-308, fig.1, nº9 e 10).

Ambos procedem das Termas e estão detetados dos finais do século I e os meados do século II d.C.

Um dos exemplares possui um símbolo anepígrafo (**nº239**). Este consiste na representação de três pequenos círculos em relevo, que incluem no seu interior outros pequeníssimos círculos. Sobre estes círculos a representação de um outro desta vez sem decoração interior.

As pastas, rosadas, duras e muito bem depuradas, encontram-se cobertas com um engobe denso e brilhante, de cor laranja/avermelhada, característica das produções riojanas da TSH alto imperial.

A concentração geográfica de lucernas deste tipo nos vales do Ebro e do Douro e a marca OF.MAT.BL conhecida nas olarias de Tricio são prova inequívoca de um fabrico no Vale do Ebro (Morillo Cerdán, 1999: 142).

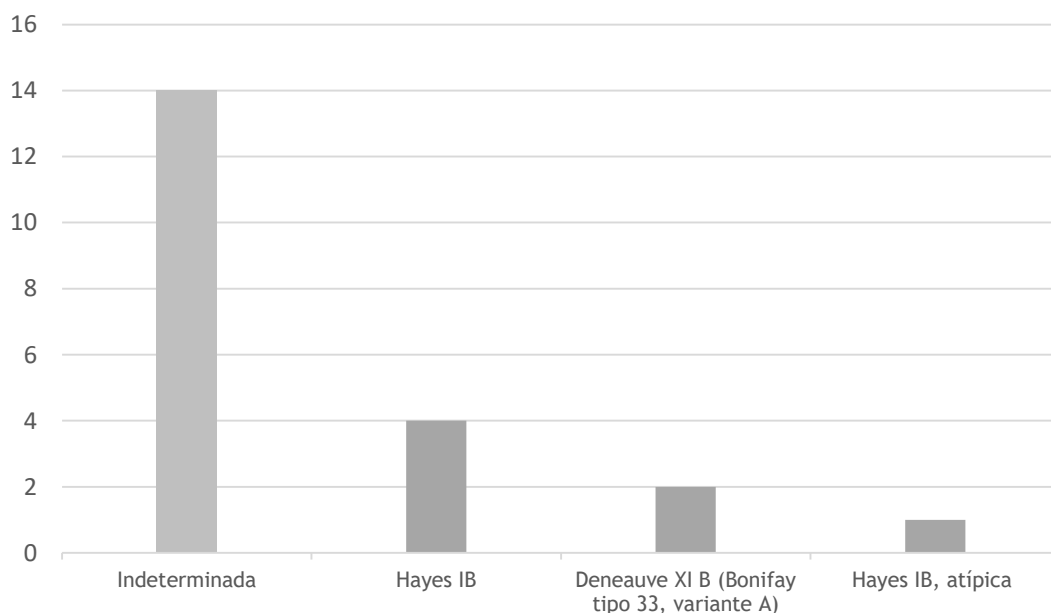
Segundo Amaré Tafalla, devemos interpretar os exemplares em *terra sigillata* como uma tentativa fracassada de determinadas oficinas na área de Tricio se introduzir no mercado lucernário, oferecendo um produto de mediana qualidade (Amaré Tafalla, 1985: 797).

2.5.6. Lucernas tardo-antigas de origem africana

As lucernas tardo-antigas de origem africana estão representadas com 21 exemplares (**nº149-168**). Destes, 18 são de Braga. Os restantes, com 1 exemplar, foram encontrados em Delães, Vila Nova de Famalicão, Castros de Valongo e Guifões.

Como se observa no **Histograma 8**, 7 exemplares são enquadráveis em tipologias específicas. Destes, 5 pertencem ao tipo Hayes IB, incluindo um exemplar completo com características atípicas, e 2 ao tipo Deneauve XI B (Bonifay tipo 33, variante A).

A presença destas lucernas no norte de Portugal sugere uma forte contração do comércio lucernário e uma diminuição das importações a partir de um momento indeterminado do século IV d.C.



Histograma 8 – Tipos de lucernas tardo-antigas de origem africana

2.5.6.1. Lucernas do tipo Deneauve XI B (Bonifay tipo 33, var. A)

Do tipo Deneauve XI B temos 2 exemplares (**nº149-150**) recolhidos em Braga (R. D. Afonso Henriques e Maximinos), constituindo o tipo mais escasso das lucernas tardo-antigas de origem africana.

O exemplar de Maximinos (**nº150**) carece de dados estratigráficos, pelo que nos levou a inseri-lo no século IV e os inícios do século V d.C. O outro exemplar insere-se, igualmente, na referida cronologia.

Um dos exemplares (**nº149**) chegou até nós completo e possui 7,4 cm de comprimento, 5,2 cm de largura e 2,4 cm de altura. Na orla figura a representação de uma roseta de pétalas côncavas dispostas em espiral. No outro exemplar (**nº 150**) figuram sulcos raiados em torno de um pequeno disco preenchido na sua quase totalidade por um orifício central de alimentação.

As pastas são duras, muito depuradas, de cor vermelho-alaranjada. O engobe é brilhante e denso, com uma tonalidade idêntica à pasta.

Ambos provêm da África Proconsular e são fabricados em *terra sigillata* africana e correspondentes ao fabrico C e D.

2.5.6.2. Lucernas do tipo Hayes IB/Atlante VIII

Este tipo está representado por 5 exemplares (nº151-155). Destes, 3 provêm de Braga, respetivamente (D. Afonso Henriques, Carvalheiras e Colina da Cividade). Os restantes foram descobertos na Estação Arqueológica de Perrelos (Vila Nova de Famalicão) e no castro de Valongo (Vila da Ponte).

Com exceção dos exemplares de Braga (nº151-153), os restantes (nº154-155) carecem de contexto estratigráfico, pelo que só podemos assinalar os limites cronológicos propostos para este tipo, que corresponde aos finais do século IV/inícios do século V e a 2ª metade do século V/ 1ª metade do século VI d.C.

O único exemplar completo (nº155) tem entre 9,4 e 11,2 cm de comprimento, 7 e 7,6 cm de largura e 3,4 cm de altura. A decoração no disco é centrada e ilustram temas relacionados com a fauna (vieira) (nº151, 152), motivos geométricos (medalhão octogonal) (nº154) e religião e mito (representação de Pégaso) (nº155). A orla pode estar decorada por incisões paralelas e fiadas de pétalas ou glóbulos em relevo.

Os cinco exemplares estão fabricados em *terra sigillata* africana correspondentes aos fabricos C, D1, D2 e D4, com pastas duras e bem depuradas, de tonalidades alaranjadas, com exceção da lucerna proveniente de Castro de Valongo (nº155) que apresenta uma pasta de cor acastanhada. Neste exemplar, embora o fabrico não seja de cor avermelhada, como é característico destas produções, Bailey (1988: 447; Q 3509, plate 141, fig.158) refere um exemplar afim de cor acastanhada, proveniente de *El Djem* (centro produtor de *terra sigillata* e lucernas localizado na Tunísia).

Os restantes exemplares, a avaliar pelas suas características morfológicas e de fabrico, correspondem a produções do Norte da Tunísia, podendo pertencer ao centro produtor de *El Mahrine*.

2.5.7. Lucernas baixo-imperiais de fabrico hispânico

As lucernas do baixo-império de fabrico hispânico correspondem a produções subsidiárias em TSHT, pertencentes às formas 50 e 63. No norte de Portugal apenas se documentaram fragmentos do primeiro tipo.

2.5.7.1. Lucernas em TSHT 50

Estas lucernas estão relativamente bem documentadas no norte de Portugal com 34 exemplares (nº169-181).

Fabricadas a torno, caracterizam-se pela simplicidade do seu fabrico. Possuem um corpo bitroncocónico, disco convexo e circular, liso e sem decoração. No centro dispõem de um grande orifício de alimentação e o bico é concebido mediante um leve alongamento do bordo. A asa é em forma de laço e projetada para o interior. O pé, quase inexistente, possui a característica moldura hispânica.

Do total de 34 exemplares, 33 provêm de Braga (**nº169-180**) e 1 de Picote (Miranda do Douro) (**nº181**).

Destaca-se a presença de um exemplar de pé alto e cilíndrico (**nº177**), proveniente das escavações efetuadas na Cerca do Seminário de Santiago (Rua D. Afonso Henriques).

De acordo com os dados estratigráficos, estes fragmentos provêm de estratos datados do século IV d. C e a primeira metade do século V.

As pastas são duras e bem depuradas, de cor rosada ou alaranjada. O engobe é denso e brilhante, de cor vermelha/alaranjada, como é característica das produções do Vale do Ebro.

2.5.8. Lucernas vidradas

As lucernas vidradas estão representadas por 2 exemplares (**nº182, 214**), ambos recolhidos em Braga.

Uma das lucernas, integrada no tipo Dressel 20 (**nº214**) e datada dos finais do séc.I e os inícios do séc.II, foi encontrada intacta numa sepultura correspondente à necrópole da via XVII (atual Avenida da Liberdade). A outra lucerna, recolhida nas escavações contíguas ao edifício termal, está reduzida a um fragmento em forma de cabeça de cavalo e que servia de apêndice a uma lucerna *bilychne* do tipo Loeschcke III (Morais, 2005 I: 359). De acordo com os dados estratigráficos foi recolhida num contexto de meados do século II.

De acordo com as características de fabrico, com uma pasta ocre, bem depurada e um vidrado de chumbo de cor verde, podemos atribuir a estes exemplares uma origem itálica.

2.5.9. *Lucerna plástica em cerâmica*

A lucerna plástica (nº183) constitui um exemplar único no território estudado. Provém do Castro de Monte Mozinho e correspondente à campanha de trabalhos arqueológicos efetuados no ano de 1975-76.

Caracteriza-se pela representação de uma figura feminina, com manto, que deixa as costas e as nádegas nuas (Soeiro, 1984: 203, fig. XCIV.18). Está muito fragmentada, faltando-lhe a cabeça e o pescoço, bem como o seio esquerdo, os joelhos e os pés, servindo estes últimos muito possivelmente de *rostrum*. As mãos apertam-se contra o peito. O manto, desenhado por incisões bastante inseguras, de traçado com recordação helenística, só se vê na parte da frente. Na parte de trás, a figura mostra as costas e as nádegas nuas e aplanadas, permitindo que fosse colocada na posição de sentada. Faltam-nos a cabeça que conteria, talvez, o critério mais seguro para a sua identificação, bem como a zona dos pés.

Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1977: 18), poderá tratar-se da representação da deusa Cybele, uma divindade oriental cujo culto teve certo desenvolvimento nesta região e que, em certa medida, se poderá relacionar com a exploração aurífera. Esta deusa, ligada à fecundidade - note-se que a estatueta mostra as costas e as nádegas nuas - tinha o epíteto de *Mater Deum*. A propósito, Carlos Alberto Ferreira de Almeida lembra-nos um altar votivo em Marco de Canaveses, dedicado a esta deusa (Almeida, 1977: 33).

Esta lucerna poderá datar-se, pelo seu estilo de recordações ainda helenísticas, da primeira metade do séc. I.

Encontramos um exemplar que possui algumas afinidades proveniente da primeira campanha de escavações do *Projeto Gabii* (Universidade de Michigan), em Osteria Dell' Osa (Roma).

Infelizmente foi encontrado fora de contexto, numa área onde, no passado, haviam sido acumuladas terras resultantes de escavações efetuadas entre o Santuário de Juno Gabina e a Igreja de San Primitivo, ao longo do percurso da Via Prenestina.

A lucerna apresenta uma pasta de cor bege, depurada e com inclusões calcíticas. A superfície é áspera ao toque, com a maioria das áreas lisas e brilhantes e com presença de vestígios de engobe de tom avermelhado. À semelhança do exemplar identificado no Mozinho, não apresenta sinais de combustão nas partes preservadas (Pilo, 2014: 174).

Igualmente representa-se uma mulher nua e sentada num assento de forma aproximadamente trapezoidal de bordos moldados. A figura é totalmente oca. A cabeça encontra-se perdida, fragmentada pela base do pescoço. O corpo é robusto, com abdómen e seios proeminentes e caídos. Na parte de trás da peça, está presente uma asa perfurada. A fratura na parte da frente do banco, entre as pernas da mulher, poderá ter sido ajustada para o *rostrum*.

A escolha em representar seios caídos e grandes, e barriga redonda e pronunciada, juntamente com a estrutura maciça e robusta, manifesta a vontade de caracterizá-la como uma mulher anciã, muito provavelmente relacionada com a esfera da deusa Afrodite, numa pose com um forte valor evocativo. Para a mesma autora (Pilo, 2014: 176) um certo tipo de gosto para o “grotesco” é bem enraizado nas produções orientais. Contudo, na era imperial as lucernas que oferecem particular iconografia obscena e indecente, também são comuns no Mediterrâneo Ocidental, muitas vezes produzidos localmente. A lucerna plástica de Gabii pode atribuir-se ao tipo L da classificação de Bailey (1980: 254-260) difundida entre os finais de Tibério e o período de Antonino.

2.5.10. Lucernas indeterminadas

As lucernas indeterminadas correspondem a fragmentos, cujo excessivo estado de fragmentação, não permitiu a sua atribuição a nenhum dos tipos anteriormente mencionados, nem os enquadrar noutros documentados nos locais do mundo romano.

Estão representadas por 445 fragmentos.

A cidade de Braga concentra a grande maioria das peças (398 exemplares). Em quantidades mais reduzidas, detetam-se noutros contextos, como Chaves (24 exemplares), Castro de Alvarelos e Monte Mozinho (9 exemplares), Guifões (4 exemplares), Lovelhe (2 exemplares), Tresminas (2 exemplares), Vila Chã, Bobadela, Macedo de Cavaleiros, Freixo e Rua do Infante no Porto (todos com 1 exemplar).

Do já referido total de 445 fragmentos, a maioria (398) integra fragmentos de dimensões bastante reduzidas e em muito mau estado de conservação, tratando-se de partes pouco significativas, pelo que optamos por não inseri-los neste trabalho.

As restantes 47 peças (nº184-204) constituem, igualmente, fragmentos de reduzidas dimensões. Contudo, foram incluídos na análise, graças à presença de decoração, em particular na área do disco, e de marcas e grafitos.

2.5.11. Lucernas em bronze de volutas

As lucernas em bronze de volutas estão documentadas no norte de Portugal por 3 exemplares completos (nº205-207). Uma pertence ao tipo de volutas estreitas e alongadas (nº205), enquadrando-se cronologicamente no século I d. C., e as duas restantes ao tipo Loeschcke XIX (nº206, 207), atribuíveis ao século I e inícios do século II d. C.

Estas possuem paralelos com lucernas recolhidas nas cidades de Pompeia e *Herculaneum*.

Embora não se conheçam muitas lucernas desta tipologia, a grande maioria dos autores propõe uma origem itálica (Pozo, 1997: 206).

2.5.11.1. Lucernas do tipo de volutas estreitas e alongadas

Este tipo está representado por exemplares provenientes de *Tongobriga* (nº205). Não possuímos dados cronológicos, mas encontramos um paralelo proveniente de Pompeia, atualmente em depósito no Museu de Nápoles (Valenza Mele, 1983: 33-34, Nº48; Fig.48-48a), que nos indica tratar-se de uma produção do século I d.C.

2.5.11.2. Lucernas do tipo Loeschcke XIX

Este tipo está presente com 2 exemplares. Destes, um foi recolhido no Castro de Alvarelhos (nº206), na área habitacional sudeste (corte estratigráfico 9, UE 02) e atribui-se à fase IV-V do castro (Moreira, 2009: 737, Nº17; 945, estampa CCII, Nº8). Conhecem-se exemplares análogos provenientes de Pompeia (Valenza Mele, 1983: 47-50, Nº84; Fig.84-84a).

O outro (nº207), dado como proveniente de Torre de Moncorvo, e atualmente na coleção Barros e Sá, carece de contexto arqueológico.

À semelhança da lucerna anterior, conhecem-se exemplares idênticos provenientes de Pompeia e *Herculaneum* (Valenza Mele, 1983: 47-50; 75, Nº185, Fig.185-185a; Spagnolis e Carolis (1988: 102, nº48) e *Vindonissa* (Loeschcke, 1919: 322, 453, nº1054, est. II, XXI).

2.5.12. Lucernas em bronze de corpo piriforme

Conhecem-se 2 exemplares (nº208, 209) deste tipo encontrados no Castro de Alvarelhos (Trofa). Estas lucernas possuem um corpo alongado ligado diretamente ao bico e um orifício de alimentação em forma de lágrima.

Estes exemplares integram-se na forma XX de Loeschcke e datam do século I d.C. à 1ª metade da centúria seguinte, altura em que se deixam de fabricar com estas características.

2.5.12.1. Lucernas do tipo Loeschcke XX

Estas lucernas estão representadas por 2 exemplares correspondentes a uma asa plástica (nº209) e uma lucerna completa (nº208).

Ambos provêm do Castro de Alvarelhos, da Área Habitacional Sudeste, na unidade estratigráfica (02), datada dos séculos IV-V. Esta cronologia não coincide com aquela conhecida para estes exemplares, datados entre o século I e a 1ª metade do século II. Tendo em conta que estamos perante lucernas de luxo é possível que, em Alvarelhos, estas tenham perdurado como bens de prestígio em data tão tardia.

O primeiro exemplar, correspondente à asa plástica, apresenta o remate emoldurado por um florão de três pétalas de onde emerge um prótomo de felino, provavelmente uma pantera (Moreira, 2009: 737, Nº 17 (1); 945-46, Estampa CCII, Nº9). Esta decoração é muito característica das asas das lucernas piriformes. Citando Eva Bónis (1981: 124), a confirmação daquela tipologia foi devida à descoberta de um exemplar em Aquincum, publicado por Melinda Kaba (Kaba, 1957: 18, 425, 429). Conhecem-se ainda exemplares intactos análogos provenientes de Pompeia (Valenza Mele, 1983: 91-95; 111, Nº269; fig.269-269a; Spagnolis e Carolis, 1988: 164, nº100).

O segundo exemplar, completo, apresenta as características formais deste tipo, com o remate da asa plástica representado pela cabeça de um cavalo de desenho pormenorizado e realista. A crina, estilizada, é representada por linhas incisadas com orientação oblíqua, estando todos os pormenores anatómicos da cabeça do cavalo bem representados e devidamente proporcionados (Moreira, 2009: 736, Nº16; 946-47, Estampa CCIII, Nº10).

Conhecem-se exemplares similares provenientes de *Herculaneum* (Valenza Mele, 1983: 91-95; 116, Nº285; fig.285-285a; Bailey, 1996: 12-13, 41, pl.50, 182, Q 3675).

Ambas as lucernas foram possivelmente fabricadas segundo a fundição por moldagem.

2.5.13. Lucernas plásticas em bronze

Este tipo está presente com 3 exemplares (nº210-212).

O primeiro e segundo exemplares (nº210, 211) foram produzidos, possivelmente, através da técnica de fundição oca, o terceiro, à semelhança da tipologia anterior, através da fundição por moldagem (Pinto, 2002: 99-102).

2.5.13.1. Lucerna de “cabeça de nego ou etíope”

Este exemplar (nº210) provém do Castro de Dine, freguesia de Fresulfe (Vinhais), e incorpora as coleções do Museu Regional Abade de Baçal, em Bragança.

Trata-se de uma lucerna com forma de “cabeça de negro”, voltada para cima. O carácter estilístico revela-se na sua estrutura e na sua fisionomia com características *sui generis*, proporcionando-lhe um aspeto claramente negroide e exótico da figura (Pinto, 2002: 68-71, 247-48, N.º 102, estampa 103). Conhecem-se exemplares intactos que se incluem na mesma tipologia, datados do século I d.C. (Bailey, 1996: 12-13, 16, pl.15,182, Q 3580; Valenza Mele, 1983: 152-154, fig.361).

2.5.13.2. “Cabeça de bacante”

Esta lucerna (nº210) foi encontrada no Castro da Bóca, freguesia de S.Cosme do Vale (Vila Nova de Famalicão) e incorpora as coleções do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

A peça identifica um tipo bastante concreto, revelador de uma versão de interpretação báquica. O corpo encontra-se trabalhado numa cabeça de bacante, ou baco jovem (?), envolvida por folhagem e corimbos. A ladear o *rostrum*, encontram-se duas volutas laterais, estreitas e alongadas. As características da peça conferem-lhe uma qualidade artística apenas encontrada em peças de importação (Pinto, 2002: 68-70, 246,703, 806, nº100, estampa 101)

Conhecem-se alguns paralelos em lucernas datadas do século I ou II d.C. (Bailey, 1996: 12-13,16, pl.15, Q3577; Perlzweig, 1963, Nº46). A área de produção é desconhecida. Um exemplar muito semelhante a este foi descoberto na Alemanha (Valenza Mele, 1983: 152-154, fig.361, 361a).

2.5.13.3. Lucerna com “cabeça e rosto feminino” e dois rostra

Este exemplar (nº211) foi descoberto nas intervenções arqueológicas efetuadas no Largo do Pelourinho em Santa Maria Maior (Chaves) e integra a coleção arqueológica do Museu da Região Flaviense.

Esta lucerna caracteriza-se pela ostentação de dois *rostra* com volutas, apelidadas de *bilychnis*. Possui um corpo de forma globular, equivalente às lucernas do mesmo tipo em cerâmica (Sepúlveda, 2003: 36).

Poderá ver-se nesta lucerna a representação de uma cabeça humana feminina, provavelmente com a personificação de Mitra. Citando as palavras de António Pinto (2002: 70), “*é um caso que suscita interesse, quer pela raridade, quer pelo tratamento técnico, executado com alguma subtilidade, bem manifesto na intencionalidade realista do rosto.*”

Esta lucerna está munida de uma asa, que termina num motivo floriforme. Esta, para além de emoldurar, tinha a função de ajudar a sustentar a peça, criando contrapeso em relação aos *rostra*.

Encontramos alguns paralelos nos seguintes sítios arqueológicos e/ou Museus: Limes renanos (Vindobona, *Vindonissa*), Panónia, Itália (*Herculaneum*, Pompeia, Museu Cívico de Bolonha), Espanha (Bética, Ibiza, Lancia-Leon, M. N.A. Madrid, Tarragona), Marrocos (Banasa, Thamusid, Volubilis).

O exemplar de Chaves é característico dos meados do século I d.C. e inícios do século II.

A representação de uma roseta de quatro pétalas (no alto da cabeça) constitui um motivo muito frequente naquele período.

Um exemplar intacto datado do século IV, adquirido em Townley (Bailey, 1996: 12-13, 16, pl.14, 184, Q 3576) é idêntico ao de Chaves, essencialmente quanto à presença de dois *rostra* (desta vez, sem volutas) e figuração humana, onde está representada a cabeça de um sátiro, barbudo e com orelhas de animal.

Embora não se conheçam muitas lucernas deste tipo, a grande maioria dos autores propõe uma origem Centro-Itálica (Pozo, 1997: 212; Pinto, 2002: 102).

2.5.14. Suporte de lucerna em bronze

As lucernas podiam ser transportadas pegando-se-lhes pela asa, método mais comum, ou em suportes de metal, como a palmatória em bronze encontrada em Celsa (*Los bronzes*, 1990: 278, nº218).

Existiam também candelabros altos e esguios, com um ou vários braços, que tinham na parte superior, suportes planos onde eram colocadas lucernas.

Substituindo os candelabros, utilizavam-se suportes de outras formas, como é o caso do lampadário de *Tarraco* (Caetano J., 1993: 9).

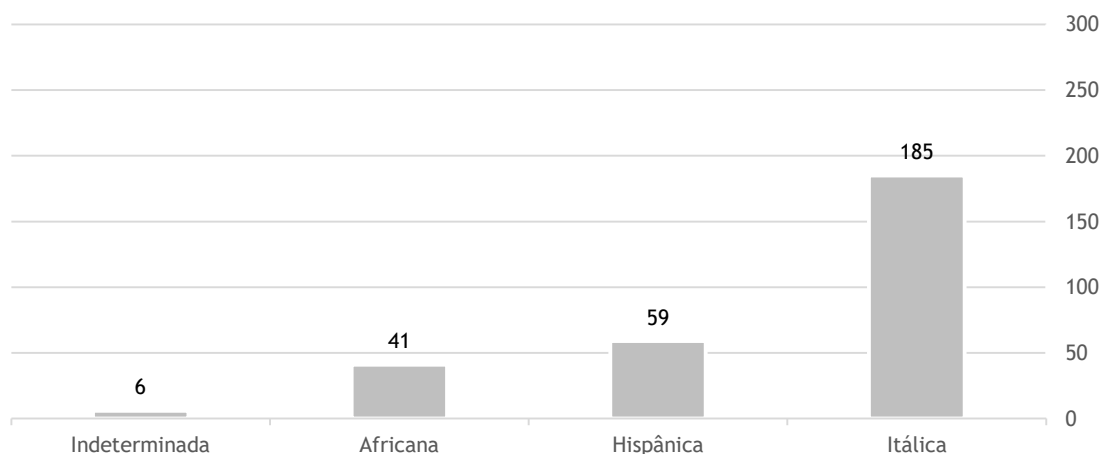
Algumas eram penduradas com correntes que saíam dos braços dos candelabros ou do teto ou mesmo a partir de plataformas redondas, metálicas, que estavam suspensas no teto (Caetano, 1991).

Foi recolhida na cidade de Braga, nomeadamente na intervenção arqueológica efetuada no antigo Albergue Distrital (associada a vestígios de uma *domus*), uma peça em bronze (**nº213**), cuja atribuição tipológica suscita certa complexidade. Márcio Lourenço (2012: 38-39), ao estudar os objetos do quotidiano de *Bracara Augusta*, atribui a esta peça a designação de “candela” ou “lucerna aberta”. Neste sentido, conhecemos um paralelo idêntico proveniente de Porolisso (Dácia) que ostenta a mesma morfologia (Roman, 2009:71, nº196, fig.6). Ainda assim, pela forma que adota, poderá tratar-se de um suporte de lucerna em bronze que serviu de apoio, eventualmente, a uma lucerna de disco. Além do fundo e *infundibulum*, apresenta apenas o arranque de asa e o *rostrum*, que se encontra parcialmente fraturado.

Carecemos de dados concretos que auxiliem a sua atribuição a um determinado período cronológico e respetivo local de produção. Contudo, tendo em conta a análise da forma e o contexto em que surgiu, é dado como oriundo de uma oficina itálica.

2.6. Áreas de produção

Como se observa no **Histograma 9**, as lucernas contempladas neste estudo são de origem itálica, hispânica e africana, com destaque para as primeiras.



Histograma 9 - Lucernas por áreas de produção

Nos parágrafos que se seguem iremos apresentar uma breve descrição daquelas áreas de produção e considerar as primeiras tipologias consagradas nos estudos de especialidade.

Algumas produções podem ser atribuídas a centros produtivos já identificados e, nalguns casos, responsáveis pelo fabrico de outros tipos de cerâmicas.

2.6.1. Produções Itálicas

As lucernas de produção itálica recolhidas no norte de Portugal estão documentadas por 185 exemplares. A região de Braga detém o maior número (118). As restantes provêm de Arcos de Valdevez, Valpaços, Lovelhe (Vila Nova de Cerveira), Chaves, Sobreira (Paredes), Alvarelhos, Gondifelos e Fresulfe (Vila Nova de Famalicão), Penafiel (Oldrões), Bragança, Freixo (Marco de Canaveses), Tresminas (Vila Pouca de Aguiar), Sé (Porto), Guifões (Matosinhos) e Torre de Moncorvo.

Da Itália-central contabilizam-se 146 exemplares. Destes, 6 correspondem a lucernas tardo-republicanas (**nº1-6**), 120 atribuem-se a lucernas de volutas (tipos Loeschcke IA, B, C, I, variante indeterminada e “rara”, Loeschcke III, IV, V, Deneauve VF, IVD/VE e VG) (**nº7-102, 224, 226**), 10 a lucernas de disco (tipos Dressel 17, 18, 19 e 20) (**nº116-124, 214, 216**), 2 a lucernas vidradas (tipo Loeschcke III e Dressel 20) (**nº182, 214**) e 8 fragmentos indeterminados.

Do Norte de Itália contabilizam-se apenas 8 exemplares que pertencem a lucernas de canal do tipo Loeschcke X (**144-148, 220**).

Dos restantes 31 exemplares não identificamos a área de produção, apenas que têm proveniência itálica.

Os 9 exemplares restantes, em bronze (**nº205-213**), pertencem a lucernas de volutas (1 do tipo de volutas estreitas e alongadas e 2 do tipo Loeschcke XIX), a lucernas de corpo piriforme (2 do tipo Loeschcke XX), a lucernas plásticas (4) e, por fim, 1 suporte de lucerna. Apenas 1 fragmento de disco de tipo indeterminado é produzido em *terra sigillata* itálica (**nº203**).

As pastas variam entre as cores ocre, bege e alaranjada, e apresentam-se finas e bem depuradas. A mesma variedade observa-se na coloração dos engobes, avermelhados ou alaranjados.

2.6.2. Produções Hispânicas

As lucernas de produção hispânica estão representadas por 59 exemplares.

Mais uma vez, Braga ostenta o maior número de exemplares, seguindo-se as áreas de Tresminas (Vila Pouca de Aguiar), Oldrões e Bustelo (Penafiel), Guifões (Matosinhos), Chaves, Valongo, Guimarães, Bragança e Vila Chã (Esposende).

Neste conjunto foi possível diferenciar alguns centros produtores, nomeadamente da Bética e da Tarraconense. Da Bética contabilizam-se cerca de 30 exemplares (**nº103-112, 133, 231, 233, 237, 240- 242**). Destes, 7 podem atribuir-se às produções de *Los Villares de Andújar*, *Córdoba* ou *Emerita Augusta* (**nº103, 104, 108, 109, 231, 233, 237,**) 1 à zona costeira da bética (**nº133**). Os restantes (8) são de mais duvidosa atribuição.

Da província da Tarraconense, conhecem-se 16 exemplares atribuídos ao Vale do Ebro. Destes, 2 fragmentos são em *terra sigillata* hispânica alto-imperial (**nº143, 239**) e 14 fragmentos em *terra sigillata* hispânica tardia da forma 50 (**nº169-181**).

Documenta-se, ainda, a presença de 2 fragmentos de lucernas derivadas do tipo Dressel 9 (“lucernas mineiras”), com um fabrico característico deste tipo de lucernas no Sudoeste Peninsular (**nº114**), e 2 fragmentos com características atípicas dentro desta produção (**nº113, 115**). Dos restantes 9 exemplares apenas sabemos que são típicos das oficinas hispânicas.

2.6.3. Produções Africanas

Com exceção de Braga, a presença de lucernas africanas apenas está pontualmente representada nos sítios de Santa Eulália (Vizela), Oldrões (Penafiel), Delães (Vila Nova de Famalicão), Vila da Ponte (Montalegre) e Guifões (Matosinhos).

Os 41 exemplares estudados têm a sua origem na África Proconsular. Destes, 1 pertence a uma lucerna de volutas (tipo Dressel 10) (**nº236**), 16 a lucernas de disco (tipos Dressel 28 e Lamboglia 30 B) (**nº125-138**), 14 a lucernas tardo-antigas de origem africana (**nº149-168**) e 3 a lucernas de tipo indeterminado (pelo excessivo estado de fragmentação).

Do centro e do norte da Tunísia documentam-se 2 exemplares com um fabrico em TSA, variante C (**nº150, 153**), 1 exemplar pertencente à variante D1 (**nº151**), 1 exemplar à variante D2 (**nº152**) e 1 da variante D4 (**nº154**). As lucernas pertencentes às três últimas variantes provêm, provavelmente, do centro produtor de *El Mahrine* (Mackensen, 2004: 141). Na **Figura 5** contemplam-se as principais oficinas documentadas na Tunísia associadas ao fabrico de TSA, com destaque para o referido centro produtor.

As pastas são duras e muito bem depuradas, de cor vermelha-alaranjada, enquanto o engobe, denso e brilhante, adota uma tonalidade alaranjada característica destas produções.

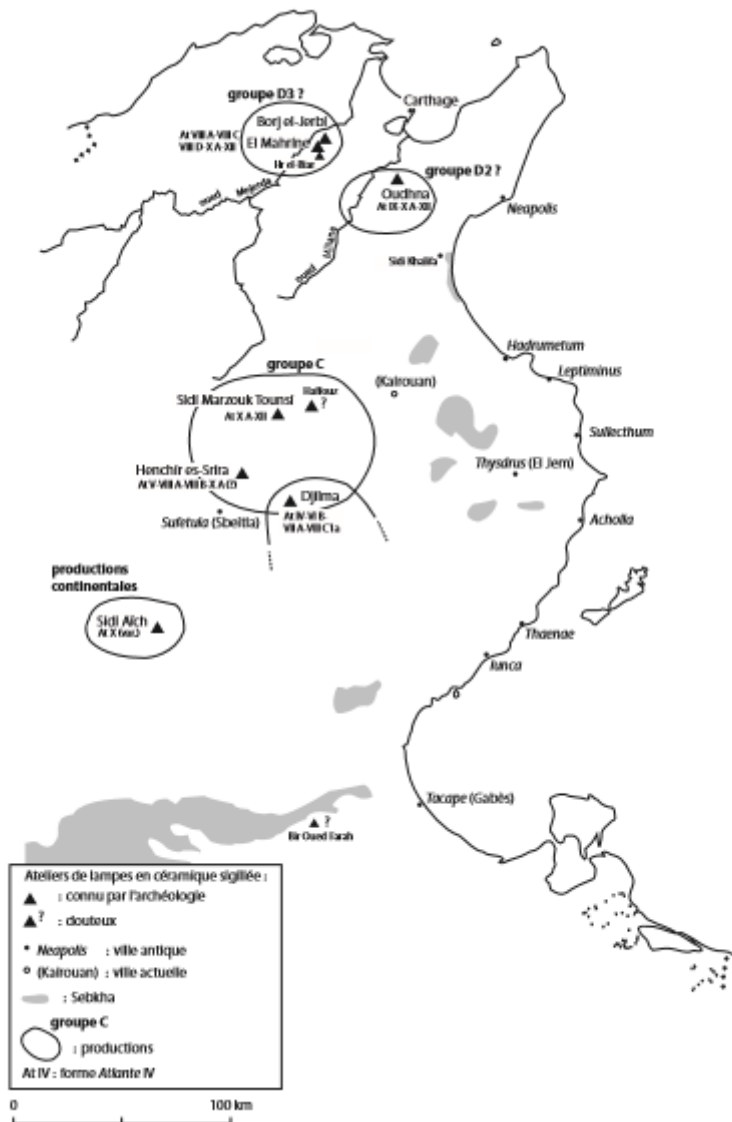


Fig. 5 - Principais oficinas de lucernas em *terra sigillata* africana conhecidas na Tunísia (Bonifay, 2004: 78, fig.40)

2.7. Análise iconográfica

Para a análise iconográfica das lucernas até à data recolhidas no norte de Portugal seguimos a antiga classificação de Loeschcke (1919), atualizada por Bailey (1980) e de Morillo Cerdán (1999).

Num total de 291 exemplares, apenas 119 apresentam decoração. Ainda assim, foi possível constatar um elevado número de representações enquadradas em distintas temáticas. Uma encontram paralelos aproximados na bibliografia consultada, outros, carecem, de momento, de paralelos conhecidos.

Estas decorações presentes nos discos, nas orlas, nas asas plásticas e não plásticas, e nos *rostra*, correspondem na maior parte dos casos a motivos vegetais, geométricos, tipológicos ou faunísticos. Devemos igualmente destacar a presença de 4 lucernas com decoração plástica (uma produzida em cerâmica e as restantes em bronze).

A comparação entre os temas e os motivos decorativos documentados neste estudo permite constatar que a região do Norte de Portugal não difere de outras regiões do Império.

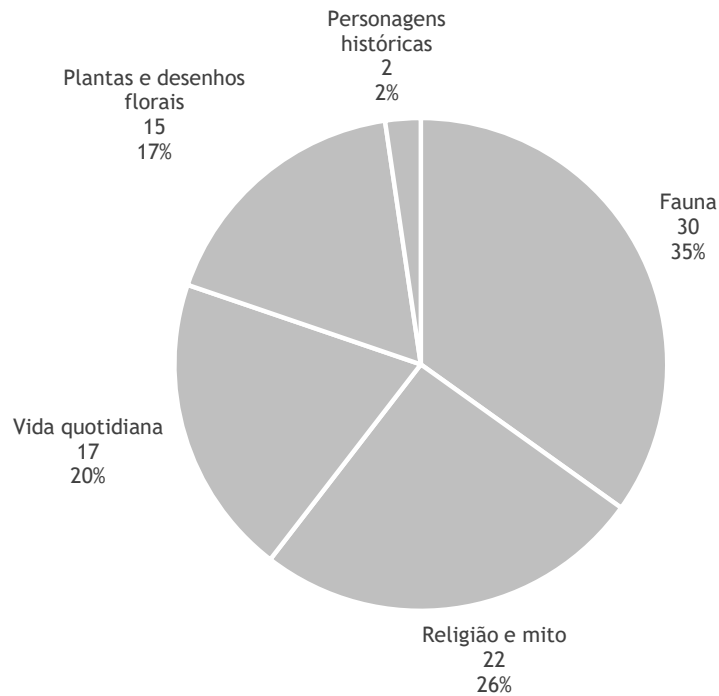
Apesar da já referida fragmentação da maior parte dos exemplares, o reportório decorativo é rico e abundante. Como é habitual, a riqueza ornamental está especialmente bem documentada nas primeiras variantes de lucernas de volutas (Loeschcke IA, IC, III e IV) e nas lucernas plásticas em bronze, que alcançam um requinte técnico e uma complexidade iconográfica.

2.7.1. Decoração no disco

Como referimos, nesta análise seguimos a antiga classificação de Loeschcke (1919: 170), atualizada por D. M. Bailey (1980: 88), que estabelece cinco grupos principais de decorações: I. Religião e Mito, II. Personagens históricas, III. Vida quotidiana, IV. Fauna e V. Plantas e desenhos florais.

Apesar do elevado estado de fragmentação da grande maioria dos exemplares, que impede conhecer com exatidão os motivos utilizados na sua ornamentação, foi possível enquadrar alguns destes nos grupos acima referidos.

Como mostra o **Histograma 10** e **Tabela 2**, predominam os temas relacionados com a fauna (30 exemplares), seguidos dos temas relacionados com a religião e mito (22 exemplares), com a vida quotidiana (17), com plantas e desenhos florais (15) e personagens históricas (2 exemplares). Como seria de esperar, grande parte ocorre em lucernas de volutas (58), destacando-se os tipos Loeschcke IA, IC, I, variante indeterminada, III, IV, V, Dressel 10 e Deneauve V G.



Histograma 10 -Temas decorativos representados no disco

2.6.1.2. Grupo I: *Religião e mito*

As representações mitológicas que ilustram deuses, heróis, lendas, divindades orientais ou animais fantásticos, são abundantes e variadas.

Neste grupo, identificou-se um total de 22 exemplares, 2 dos quais ilustram animais mitológicos, como é o caso da lucerna vidrada Dressel 20 com a representação de duas serpentes afrontadas (nº214) e de uma lucerna africana do tipo Hayes IB, atípica com a imagem de Pégaso (nº155).

Na sociedade romana, os animais fantásticos da mitologia são um tema sugestivo e atrativo para o gosto do público em geral, rapidamente incorporado por ceramistas lucernários no seu repertório decorativo, onde se apresenta em inúmeras versões e atitudes (Morillo Cerdán, 1999: 195).

Outras variantes iconográficas reproduzidas em lucernas representam-no a galope ou em voo para a direita, tal como se constata, entre outros, num exemplar proveniente de Vindonissa.

O tema *Deuses do Olimpo* está representado em 4 fragmentos de volutas do tipo Loeschcke I, variante indeterminada e numa lucerna do tipo Loeschcke IA, oriundos das oficinas centro-italicas, na qual figuram as deusas Minerva (3 exemplares) (nº33-35) e

Diana (1 exemplar) (**nº76**) e a imagem da águia de Zeus acompanhada de Ganimedes e Eros bebé (1 exemplar) (**nº8**). Para este último exemplar encontramos um paralelo idêntico numa asa de lucerna do tipo Loeschcke III, com a representação da águia de Zeus (Bailey, 1980: 4, fig.3, Q1930).

As *Divindades Menores* assumem um papel preponderante de entre as temáticas que integram o grupo da religião e mito, encontrando-se aqui presente com 13 exemplares.

De entre elas, destaca-se a representação da Vitória Alada que figura em 3 lucernas de volutas, duas do tipo Loeschcke V (**nº62, 63**) e uma de tipo indeterminado (**nº83**), bem como numa lucerna derivada do tipo Dressel 9, atípica (**nº113**).

No âmbito desta temática iconográfica contamos com as distintas representações de Cupido. O seu rosto está presente numa lucerna de volutas de tipo indeterminado (**nº82**) e apresenta-se como *caçador* num exemplar de disco do tipo Dressel 20 (**nº124**), para a qual conhecemos um exemplar iconográfico idêntico (Bailey, 1980: 14-15, fig.17, pl.157, Q 1287).

A representação de Dionísio e seus seguidores está presente num fragmento de disco de lucerna indeterminada (**nº185**). Para este exemplar, conhecemos um paralelo iconográfico completo da forma Loeschcke IV, de produção itálica, alto-imperial (Bailey, 1980: 9, fig.13, pl.64, Q 2432).

Outro motivo decorativo associado ao tema das *Divindades Menores*, documentado num único exemplar, é o busto raiado de Hélios (**nº125**), que se apresenta num fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel 28. Caracteriza-se por um busto masculino, que olha em frente, com a cabeça coroada de raios.

A estes motivos acrescenta-se a representação da imagem juvenil de Ícaro a iniciar o voo (**nº236**), que figura numa lucerna de volutas do tipo Dressel 10 e que julgamos ser oriunda das oficinas da África Proconsular. Provém da necrópole de Santa Eulália em Vizela, e integra-se, cronologicamente, na segunda metade do século II d.C.

Faz ainda parte deste género a decoração de duas lucernas de volutas (tipo Loeschcke IA e outra indeterminada) de fabrico centro-itálico onde representa as estatuetas dos *Lares Compitales* (**nº77**) e a imagem de um Tritão a segurar uma concha (**nº81**). O primeiro provém das escavações nas Termas romanas da cidade de Braga e o segundo do Forte de Lovelhe, Vila Nova de Cerveira.

Ainda no âmbito das *Divindades Menores*, acrescenta-se 1 exemplar de tipo

indeterminado, onde aparece uma figura feminina de perfil para a esquerda, com o braço direito levantado e a mão esquerda atrás das costas (**nº186**). Trata-se de uma representação indeterminada, podendo, eventualmente, estar associada a uma Vitória Alada. À semelhança dos exemplares anteriores, é oriundo das oficinas centro-italicas.

A temática, *Mito e lenda*, está presente em 2 exemplares de volutas do tipo Loeschcke IC e indeterminado, de igual proveniência centro-italica. Nesta figuram, respetivamente, a imagem de duas cornucópias da abundância estilizadas (**nº7**), e uma figura nua, provavelmente representando um génio com asas e tridente (**nº79**).

Deste conjunto as imagens que mais se repetem são a Vitória Alada (4 exemplares) (**nº 62, 63, 83, 113**) a Minerva (3 exemplares) (**nº33-35**) e as figurações de Cupido (3 exemplares) (**nº82,124,188**). As restantes encontram-se apenas representadas por 1 exemplar, como por exemplo, o caso da deusa Diana (**nº76**), a imagem de Ícaro (**nº236**), uma figura nua (provavelmente um génio com asas e tridente) (**nº79**) e as estatuetas dos *Lares Compitales* (**nº77**), entre outros.

Grupo II: Personagens históricas

Como se referiu, apenas 2 exemplares correspondem a este grupo. Trata-se da representação de Hércules, presente num fragmento de volutas de tipo indeterminado (**nº78**) e noutro fragmento indeterminado (**nº187**). Ambos são oriundos das oficinas da Itália. O primeiro exemplar provém das escavações efetuadas no Albergue Distrital em Braga e o segundo no Castro de Alvarelhos, Trofa.

Grupo III: Vida quotidiana

Este grupo é o 3º melhor representado, com um conjunto de 17 exemplares. Predominam os motivos relacionados com cenas de anfiteatro (8 exemplares) e de carácter erótico (5 exemplares), sobre as cenas de circo (2 exemplares), de género (1 exemplar) e de pugilato (1 exemplar).

De entre as cenas de anfiteatro, figuram motivos associados a lutas, com a representação de gladiadores (**nº9, 49, 85, 86, 193, 194**), corridas de cavalos (**nº87**) e a exibição de um jinete armado com espada e escudo gálico (**nº88**). Estas decorações encontram-se em lucernas de volutas (1 do tipo Loeschcke IA, 1 do tipo Loeschcke IV e as restantes indeterminadas), oriundas da região centro-italica.

Seguem-se os motivos de carácter erótico, representados por três duplas heterossexuais sobre *triclinum* (nº44, 45, 90) e pela representação de uma dupla de anões, provavelmente cómicos, sobre *triclinum* (nº89). A este grupo acresce-se ainda a imagem de um homem montado num crocodilo (nº91), provavelmente associado a algum motivo nilótico (Morais, 2005 I: 360). À semelhança dos exemplares anteriores, estes motivos figuram em lucernas de volutas, duas do tipo Loeschcke IV e as restantes indeterminadas, também provenientes de oficinas centro-italicas.

As cenas de circo estão presentes em 2 exemplares. Um deles pertence a uma lucerna de volutas e a outra a uma lucerna de canal. Estas caracterizam-se pela representação de um auriga a fustigar uma biga (nº88) e pela figura de um jubilator ou jinete (nº87).

A única cena de género presente encontra-se documentada num fragmento de disco de uma lucerna indeterminada, onde figura um Krâter (nº184), parcialmente completo e em relevo. Provém das escavações arqueológicas efetuadas no Arquivo Municipal da cidade de Chaves.

Por último, e à semelhança do exemplo anterior, as cenas do pugilato estão presentes num exemplar de volutas de tipo indeterminado, com a representação de um pugilista derrotado (nº80), e que à semelhança das anteriores provém das oficinas centro-italicas.

Grupo IV: Fauna

As representações faunísticas são muito comuns dentro do reportório iconográfico das lucernas romanas, constituindo um dos grupos mais numerosos. O seu tratamento estilístico pode variar de representação para representação. Encontramos reproduções de animais isolados, concebidos como um motivo decorativo simples e aleatório, válido para qualquer produção artística. Isto leva a que a maior parte das representações faunísticas se encontre muito mais estritamente relacionada do ponto de vista iconográfico com as suas homólogas em *terra sigillata* (Morillo Cerdán, 1999: 226).

Os mamíferos, tanto no reportório dos jogos de gladiadores (leões, ursos, panteras), como da vida quotidiana (touro, cães, cavalos), predominam nas representações. O leão e o golfinho parecem ser especialmente atrativos. As aves, especialmente a águia, aparece com certa frequência. Outras espécies como insetos e aracnídeos encontram-se de forma esporádica.

No nosso estudo contamos com 30 exemplares representados por vieiras, mamíferos e aves. As representações mais comuns são as vieiras, com figurações muito distintas (17 exemplares), seguidas dos mamíferos (9 exemplares) e dos temas relacionados com aves (3 exemplares). Apenas 1 exemplar apresenta decoração indeterminada.

As vieiras figuram exclusivamente nas lucernas “derivadas do tipo Dressel 3” (nº103-112), com exceção de uma tardo-antiga de origem africana do tipo Hayes IB (nº151). As primeiras são de produção hispânica, claramente inspiradas em modelos itálicos. A pasta de cor bege, suave e arenosa, pode indicar uma origem bética, a partir dos quais se conhecem vários centros de produção, como por exemplo, *El Jienense de Andújar* e *Córdoba*, ainda que se tenha documentado também uma produção em *Emerita Augusta*.

O exemplar tardo-antigo possui um fabrico em *terra sigillata* africana D1, oriundo das oficinas da África Proconsular.

No norte de Portugal este motivo foi identificado em Braga, Bragança, Chaves, Castro de Guifões, Monte Mozinho, Citânia de Briteiros, Necrópole de Monteiras e Mina da Serra de Santa Justa e Pias.

Seguem-se os motivos relacionados com a representação de mamíferos, que figuram em lucernas de volutas, 1 do tipo Loeschcke IC (nº39) e 4 de tipo indeterminado (nº 92, 94-96), 1 do tipo Dressel 18 (nº119) e indetermináveis (nº190-192), a maior parte de origem centro-italica.

As aves estão ilustradas por uma provável íbis (nº7), representada numa lucerna de volutas do tipo Loeschcke IA, por um galo voltado para a direita, com uma das patas levantadas e a segurar uma palma (nº189) e uma águia-real pousada, de perfil para a direita (nº93), ambas em fragmentos indeterminados.

Grupo V: Plantas e desenhos florais

Deste grupo conhecem-se 15 exemplares. Destaca-se a presença de uma lucerna tardo-republicana do tipo Dressel 4 (nº3), 9 lucernas de volutas (nº19, 29, 30, 64, 98-

100), 1 derivada do tipo Dressel 9, atípica (**nº115**), 2 de disco, pertencentes ao tipo Dressel 28 (**nº129**) e Dressel-Lamboglia 30 B (**nº130**) e 3 lucernas tardo-antigas de origem africana (**nº152, 156**).

O exemplar de disco do tipo Dressel-Lamboglia 30 B e a lucerna tardo-antiga são oriundos da África Proconsular. O exemplar do tipo Loeschcke V constitui uma produção tipicamente hispânica, e a lucerna derivada do tipo Dressel 9, atípica, provém, provavelmente, das oficinas do Sudoeste Peninsular. Os restantes são oriundos das oficinas centro-italicas.

Os motivos florais que predominam são as rosetas (**nº64, 99, 152**), as rosáceas (**nº19, 30, 98, 100**) e as palmas (**nº115**).

Documenta-se ainda a representação de uma coroa vegetal, ilustrada por uma coroa de folhas de oliveira (**nº101**).

Em três exemplares (**nº 36, 43, 102**), denota-se a configuração de motivos florais indeterminados, dado o excessivo estado de fragmentação em que se encontram.

Grupo VI: Outras decorações

Como é natural, documentaram-se ainda motivos não integráveis nos grupos anteriores, com representações geométricas e decorações plásticas, especialmente nas lucernas em bronze.

A decoração geométrica está presente em 9 exemplares (**nº23, 226, 121-123, 154, 206**), representados por lucernas de volutas (Loeschcke IA, Deneauve VG e Loeschcke XX) de disco (Dressel 19) e tardo-antigas de origem africana (Hayes IB).

De entre os motivos geométricos destaque-se a representação de traços dispostos de forma oblíqua (5 exemplares) (**nº121- 123, 226**).

Como vimos, a decoração plástica figura em 4 lucernas. Destas, 3 são em bronze (**nº210-212**) e 1 em cerâmica, que representa uma figura feminina recolhida no Povoado do Monte Mozinho (**nº183**).

A estes exemplares podemos ainda acrescentar o fragmento vidrado em forma de cabeça de cavalo da lucerna *bilychne* do tipo Loeschcke III, oriundo das oficinas centro-italicas (**nº182**).

Decoração no disco	Contabilização
Não apresenta	172
Não apresenta	172

Fauna	30
Aves (águia real)	1
Aves (galo)	1
Aves (íbis?)	1
Indeterminada	1
Mamíferos (canídeo)	1
Mamíferos (cão de caça/urso?)	1
Mamíferos (carneiro)	1
Mamíferos (dois cães alternados com duas lebres dispostos em círculo)	1
Mamíferos (golfinho)	1
Mamíferos (javali atacado por um cão)	1
Mamíferos (javali)	1
Mamíferos (leão a atacar um cervo)	2
Vieira	17
Religião e mito	22
Animal mitológico (duas serpentes afrontadas)	1
Animal mitológico (Pégaso)	1
Deuses do Olimpo (Águia de Zeus e Ganimedes)	1
Deuses do Olimpo (Diana)	1
Deuses do Olimpo (Minerva)	3
Divindades Menores (Busto de Hélios com diadema)	1
Divindades Menores (Cupido como caçador)	1
Divindades Menores (Cupido)	2
Divindades Menores (Dionísio e seus seguidores)	1
Divindades Menores (figura feminina)	1
Divindades Menores (Ícaro)	1
Divindades Menores (Lares Compitales)	1
Divindades Menores (Tritão segurando uma concha)	1
Divindades Menores (Vitória alada)	4
Mito e lenda (cornucópias afrontadas)	1
Mito e lenda (génio com asas e tridente)	1
Indeterminada	20
Indeterminada	20
Vida quotidiana	17
Cenas de anfiteatro (gladiador)	7
Cenas de anfiteatro (jinete armado com espada e escudo gálico)	1
Cenas de circo (auriga fustigando uma biga)	1
Cenas de circo (Jubilator)	1

Cenas de género (cratera)	1
Cenas do pugilato (pugilista derrotado)	1
Cenas eróticas (homem montado num crocodilo)	1
Cenas eróticas (symplegma erótico)	4
Plantas e desenhos florais	15
Coroa vegetal (coroa de folhas de oliveira)	1
Flor (rosácea)	4
Indeterminada	3
Palma	1
Roseta	6
Outras decorações	13
Geométrica	9
Plástica	4
Personagens históricas	2
Hércules	1
Hércules barbado	1
Total Geral	291

Tabela 2 – Motivos decorativos apresentados no disco das lucernas

2.7.2. Decoração na orla, na asa e no rostrum

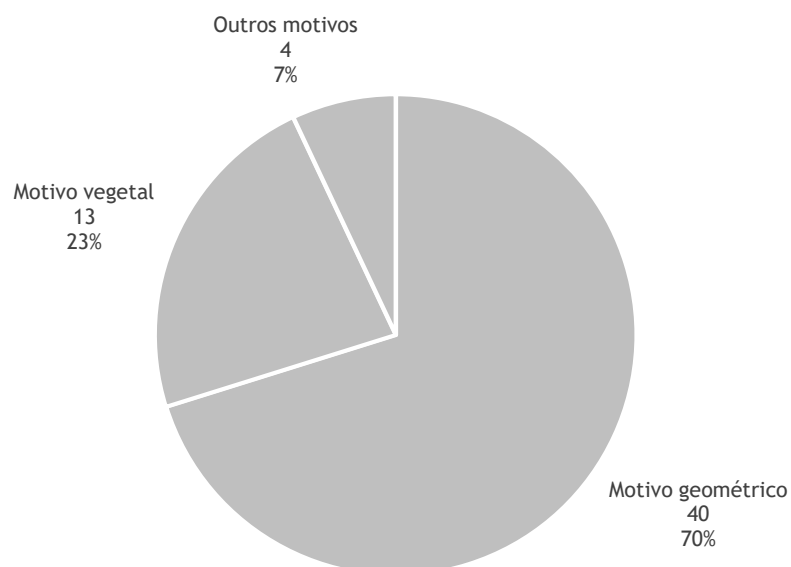
A decoração na orla é muito frequente em determinados tipos de lucernas romanas, em particular nalgumas lucernas de disco, ainda que o reportório se restrinja praticamente a composições simples, geométricas ou vegetais.

No conjunto estudado também contamos com numerosas representações, que exemplificam perfeitamente a variedade de motivos.

Como mostra o **Histograma 11** e a **Tabela 3**, destacam-se as figurações geométricas (40 exemplares), seguidas dos motivos vegetais (13 exemplares) e dos motivos representados nas lucernas plásticas.

Dos motivos geométricos representados na orla destacam-se as incisões paralelas (nº4, 139, 148, 150-152, 156, 158), as fiadas de círculos (nº 60, 134, 147), de pérolas (nº24, 113-115, 131-135, 137-138, 155) e de óvalos (nº97, 98, 118-120).

Os motivos vegetais estão representados por cachos de uvas (nº128, 236), fiadas de folhas de hera impressas em forma de coração (nº121-123), ramos e folhas de videira (nº126), peltas (nº 127), folhas de palma (nº159-160) e de louro (nº196).



Histograma 11 - Motivos decorativos representados na orla das lucernas

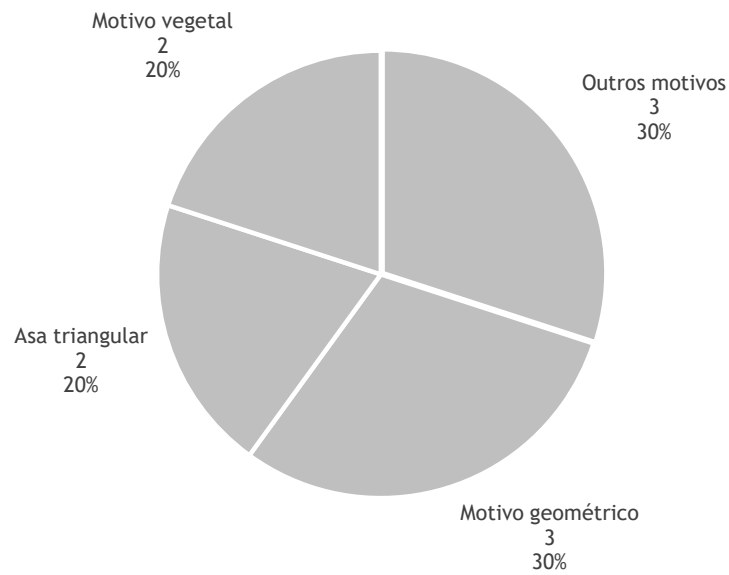
Decoração na orla	Contabilização
Não apresenta	232
Não apresenta	232
Motivo geométrico	40
Banda oblíqua estriada	1
Círculos concêntricos de pontos incisos	1
1 Fiada de círculos	1
1 Fiada de óvalos	8
1 Fiada de pérolas ou glóbulos	6
2 Fiadas de pérolas ou glóbulos	4
4 Fiadas de pérolas ou glóbulos	1
5 Fiadas de pérolas ou glóbulos	1
7 Fiadas de pérolas ou glóbulos	1
1 Fiada de seis círculos concêntricos	1
3 Fiadas de círculos	1
Incisões paralelas	5
Linguetas	1
Sulcos raiados	1

Traço paralelo inciso que termina num círculo inciso de ambos os lados da orla	1
Traços em relevo transversais	1
Traços paralelos a toda a volta	1
Traços paralelos incisos	3
Três semicírculos concêntricos	1
Motivo vegetal	13
Cachos de uvas	2
Coroa de louro	1
1 Fiada de folhas de hera impressas em forma de coração	3
Folha de palma	3
Peltas	1
Ramos e folhas de videira	2
Roseta	1
Outros motivos	4
Plástica	4
Indeterminada	2
Indeterminada	2
Total Geral	291

Tabela 3 – Motivos decorativos representados na orla das lucernas

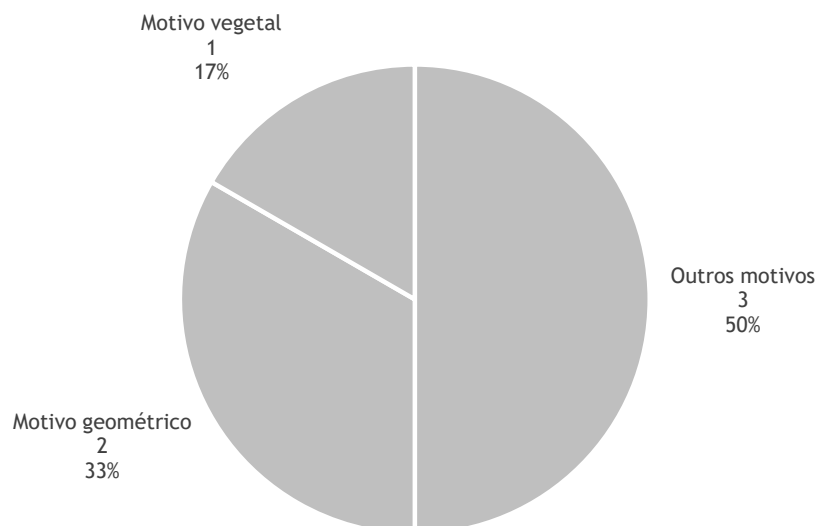
Embora a decoração nas asas das lucernas não seja abundante, conhecem-se algumas que a possuem. Neste âmbito cabe destacar as asas “plásticas” ou triangulares das lucernas de volutas do tipo Loeschcke III decoradas com a forma de crescente lunar, de vulva feminina, em forma de coração e de palmetas ou folhas de acanto, embora se conheçam figurações animais e, inclusivamente, humanas (Morillo Cerdán, 1999: 270).

Como se pode apreciar no **Histograma 12**, podemos destacar 11 exemplares com decoração na asa. Destes, 3 pertencem a lucernas com motivos geométricos (**nº128, 132, 206**), 2 asas triangulares (**nº40, 42**), 2 exemplares com motivos vegetais (**nº142, 209**), 3 exemplares em bronze com motivos faunísticos (**nº208, 209, 211**) e 1 com motivos indeterminados (**nº210**).



Histograma 12 - Motivos decorativos representados na asa das lucernas

A decoração no *rostrum* das lucernas não é muito habitual. Como se constata no **Histograma 13**, apenas se documentaram 6 exemplares com este tipo de decoração, 2 com motivos geométricos (**nº156, 206**), 1 com motivo vegetal (**nº13**) e 3 com outros motivos, neste caso especificamente associados às lucernas do tipo Dressel 4 (*Vogelkopflampen*), onde figuram as características “cabeças de ave” (**nº2-4**).



Histograma 13 - Motivos decorativos representados no *rostrum* das lucernas

2.8. Marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos

Neste ponto do trabalho apresentámos as marcas de oficinas recolhidas até à data nos contextos do norte de Portugal. Estas podem dividir-se em quatro grupos distintos, integrando marcas, letras isoladas, símbolos anepígrafos e grafitos.

Tendo em consideração o volume documentado, as marcas de oficinas presentes são bastante reduzidas. De facto, num conjunto de 291 exemplares (fragmentos e lucernas intactas), contamos com 34 marcas, reunindo marcas de oleiro, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos.

Apesar deste escasso número, não nos podemos esquecer de que *Bracara Augusta* é, no contexto do Noroeste Peninsular, o lugar com maior número de marcas até à data documentadas, com um valor inclusivamente superior a *Asturica Augusta* que apenas conta com 44 marcas, ainda que apenas num total de 665 exemplares (Morillo Cerdán, 1999: 281; Morais, 2005: 362).

As 34 marcas até à data recolhidas repartem-se por 20 marcas de oleiro, 11 símbolos anepígrafos, 1 letra isolada e 2 grafitos.

A cidade de Braga concentra a grande maioria (25 exemplares). Em quantidades mais reduzidas, detetam-se noutros contextos como Penafiel (2 exemplares), Paredes, Tresminas, Santa Eulália, Bragança, Alvarelhos, Poço das Freitas e Paços de Ferreira (1 exemplar cada).

2.8.1. Marcas

A forma mais usual nas marcas das lucernas menciona apenas o nome, sendo variável a inclusão de gentílios consoante a época e a proveniência.

As marcas registadas em produções itálicas de lucernas de volutas e de lucernas *Firmalampen* apresentam unicamente o *cognomen* do fabricante. Em contrapartida, as produções de lucernas de disco possuem formas onomásticas mais completas com *praenomen* e *nomen* ou *nomen* e *cognomen* (Balil, 1969: 12). Documenta-se ainda, em casos esporádicos, o típico *tria nomen* latino de forma abreviada, como é exemplo a fórmula C.OPPI.RES, correspondente ao nome latino, *Caius Oppius Restitutus*.

Na maioria das vezes as marcas figuram sob uma linha retangular, sendo menos frequentes aquelas inseridas em cartelas retangulares. Por vezes, surgem nas distintas partes da lucerna, nomeadamente na orla, na asa ou no disco. Neste último caso, para alguns investigadores, os textos aí expressos podem constituir mais do que simples

marcas, propondo tratarem-se de dedicatórias (Balil, 1969: 9 – 10).

Como se poderá facilmente depreender, as marcas vão variando ao longo do tempo. Nas lucernas tardo-republicanas e de volutas, estas são normalmente efetuadas em letra cursiva, enquanto a argila ainda se encontra fresca. Quando se trata de pequenos círculos (bem documentados na obra de Ricci, 1973: 229), estes são diretamente impressos sobre a argila fresca. Com a produção em grande escala, desenvolvida a partir do período flávio, difunde-se a prática de incluir a marca no molde inferior, evitando assim o hábito de marcar cada peça individualmente (Morillo Cerdán, 1999: 279). Como tal, a marca poderia surgir em relevo ou em negativo.

A existência de marcas com nomes análogos faz pressupor a presença de *officinae* que alberguem núcleos familiares ao longo de varias gerações. Exemplo desta realidade são as marcas OPPI, C.O.R. e C. OPPI.RES., produzidas em momentos distintos pela mesma família de oleiros (Morillo Cerdán, 1999: 279).

As grandes *officinae* de produção de lucernas podem ter na sua dependência pequenos centros artesanais, dirigidos por pequenas famílias, que fabricavam para abastecer uma cidade ou região envolvente.

Documentam-se, por vezes, nomes de origem grega ou servil, como é o exemplo de *Fabricius* ou *Alexi*, ambos descobertos em Santa Bárbara (Maia e Maia, 1997). Esta ocorrência parece evidenciar a presença de libertos na produção de lucernas. Por vezes, as marcas surgem aliadas a contramarcas, interpretadas como técnicas de controlo para o pagamento dos trabalhadores livres (Balil, 1969: 9-10).

A origem das marcas está já documentada na Grécia, durante a época helenística (Balil, 1969: 7). É durante o século II a.C. que esta prática aparece em Roma, nas formas tardo-republicanas Dressel 1, 2, 3 e 4. Consistia em simples signos anepígrafos, monogramas ou letras isoladas (Morillo Cerdán, 1999: 280) e corresponderiam a pequenas oficinas familiares destinadas a abastecer os mercados da cidade e da sua zona periférica. Este tipo de marcas parece estar documentado, sensivelmente, até ao ano 20 a.C. Posteriormente começam a surgir com o *cognomen* do oleiro em genitivo, escritas em letras itálicas. Estas podem surgir ainda nas formas republicanas mais tardias, como é o caso da Dressel 4 (Morillo Cerdán, 1999: 280).

Aquando da produção das primeiras variantes de volutas, centradas no período de Augusto, as marcas sofrem uma decadência, por razões ainda indefinidas. Na verdade, o costume de marcar este tipo de peças perde o carácter obrigatório,

propagando-se uma organização produtiva característica de numerosas oficinas de pequenas dimensões, que fabricavam exemplares de grande qualidade técnica e artística (Morillo Cerdán, 1999: 280). Durante a época de Júlio-Cláudio, as marcas são ainda pouco frequentes, ressurgindo as letras isoladas e os signos anepígrafos, dos quais se destacam, nesta última variedade, os círculos impressos.

A partir dos meados do século I d.C., os exemplares de lucernas marcados aumentam significativamente, embora só no período flávio alcancem novamente o auge. Tendo este fator em conta, deparamo-nos com alterações nas *officinae*, as quais conservam uma concentrada produção num reduzido número de grandes oficinas (Morillo Cerdán, 1999: 280).

O fabrico em grandes quantidades permite a inclusão da marca no molde, difundindo-se o uso desta como identificadora de cada oficina em particular, num momento de grande afluência pelos mercados. Assim sendo, assiste-se a uma descentralização da produção em Roma até às suas províncias. Naturalmente aumentam os oleiros conhecidos, bem como os seus produtos. Contudo, as pequenas oficinas locais não desaparecem (Morillo Cerdán, 1999: 280).

Posteriormente, nos inícios do século II d.C., a produção itálica reduz consideravelmente face às lucernas de disco norte-africanas. Este período caracteriza-se pelo aparecimento dos típicos *tria nomina*, alguns dos quais de origem servil.

Na segunda metade do referido século, esta realidade acentua-se, confinando-se a produção e o comércio itálico à área tirrénica. A organização produtiva das oficinas reflete, entre outros factos, as mudanças provocadas pelas circunstâncias socioeconómicas (Morillo Cerdán, 1999: 280). Desta forma, a presença de mercados restritos faz com que cada centro produtor procure identificar a sua oficina com as que lhe estão dependentes, bem como distinguir-se dos seus competidores próximos.

Nos meados do século III d.C., a mudança socioeconómica do Império e a ruína da classe média urbana estimula o desaparecimento das grandes oficinas produtoras de lucernas. Acompanhando esta realidade ocorre a descentralização produtiva. Consequentemente, com a redução do número de produtores, a presença de marcas vai-se tornando mais diminuta, devido à redução significativa dos principais centros de comércio. Neste período aparecem ainda algumas marcas, características de letras isoladas, signos ou monogramas.

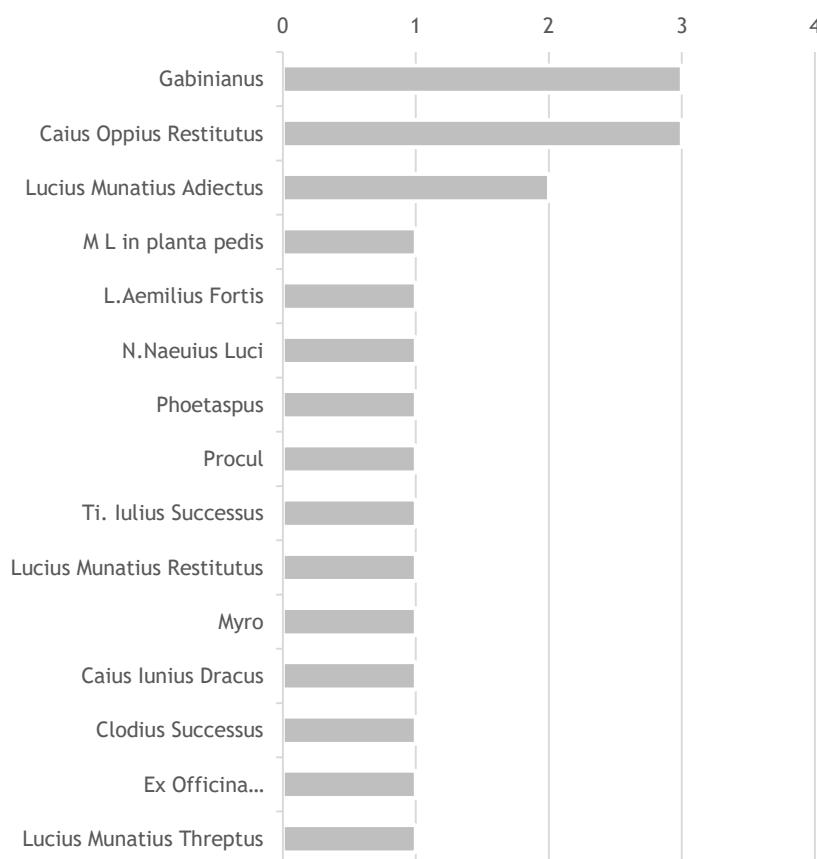
As marcas de oleiro representam neste estudo o capítulo mais amplo dentro das marcas de oficina. As fórmulas gentílicas variam sensivelmente de marca para marca, devido essencialmente a fatores de índole cronológica e geográfica. Registam-se *cognomis* isolados e marcas onde se faz alusão ao nome completo do oleiro, passando por uma diversa série de convenções intermédias mais ou menos abreviadas.

De um total de 291 exemplares lucernários, apenas 20 apresentam marcas (**nº23, 214- 232**). Estas figuram em 14 exemplares de volutas (Loeschcke IA, Loeschcke, “variante rara”, Loeschcke IV, Deneauve VG e de tipo indeterminado), 1 exemplar derivado do tipo Dressel 3, 2 exemplares de disco (um dos quais a lucerna intacta vidrada do tipo Dressel 20), 1 fragmento de canal de tipo indeterminado e 2 exemplares de tipo indeterminado.

Como se observa no **Histograma 14** e **Tabela 4**, contamos com 15 marcas distintas de oleiros, algumas pouco legíveis ou incompletas, das quais 11 estão presentes em exemplares com um fabrico típico das oficinas centro-italicas, nomeadamente: PHOETASPI (*Phoetaspus*), [L M]·ADI (*Lucius Munatius Adiectus*) (2 exemplares), MVNREST (*Lucius Munatius Restitutus*), M L no interior de *planta pedis* (indeterminado), C.CLO.S [VC] (*Clodius Successus*), GABINIA (*Gabinianus*) (3 exemplares), [MY] RO (*Myro*), NNA/NNA (*N. Naevivs Luci*), C.OPPI.RES (*Caius Oppius Restitutus*) (3 exemplares), SVCC [ESSE] (*Ti. Iulius Successus*), CIVNDRAC (*Caius Iunius Dracus*).

Constata-se ainda a presença de oleiros norte-italicos em lucernas de canal ou *Firmalampen*, com destaque para a marca FORTIS (*L. Aemilius Fortis*).

As 3 restantes marcas assinalam produções típicas das oficinas Hispânicas, entre as quais: PROCVL (*Procul*), a possível sucursal Bracarense de MVNTREPT (*Lucius Munatius Threptus*) e outra onde apenas se regista IIX [OF] (*Ex Officina*).



Histograma 14 - Marcas de oleiro

Oleiros e marcas de oleiro	Contabilização
Não apresenta	271
Não apresenta	271
Gabinianus	3
[G] ABINIA	1
[GA] BINIA	1
GAB [INIA]	1
Caius Oppius Restitutus	3
C·OPPI· [RES]	1
C·OPPI·RES	2
Lucius Munatius Adiactus	2
[L M]·ADI	2
Myro	1
[MY] RO	1
Ti. Iulius Successus	1
SVCC [ESSE]	1
Caius Iunius Dracus	1
CIVNDRAC	1
Proculis	1
PROCVL	1

Lucius Munatius Restitutus	1
MVNREST	1
Indeterminado	1
M L in planta pedis	1
Lucius Munatius Threptus	1
MVNTREPT	1
N. Naevivs Luci	1
NNA/NNA in planta pedis	1
Ex (Officina)	1
IIX [OF]	1
L.Aemilius Fortis	1
FORTIS	1
Clodius Successus	1
C.CLO.S [VC]	1
Phoetaspus	1
PHOETASPI	1
Total Geral	291

Tabela 4 - Fórmulas registadas nas marcas de oleiro

Do total de 20 marcas de oleiro, 17 provêm das escavações efetuadas em Braga, distribuindo-se os restantes 3 exemplares pelos Municípios de Penafiel (Castro do Monte Mozinho), Paredes (Couto Mineiro das Banjas) e Vila Pouca de Aguiar (Complexo Mineiro Romano de Tresminas).

Os oleiros melhor representados são GABINIA (*Gabinianus*), com 3 exemplares provenientes de Braga e COPPIRES (*Caius Oppius Restitutus*) com 2 exemplares, 1 de Braga e outro de Penafiel (Castro do Monte Mozinho), ambos datados do período Alto-Imperial.

Com 2 exemplares, igualmente provenientes de Braga, temos [L M]·ADI (*Lucius Munatius Adiectus*). As restantes marcas estão apenas documentadas por 1 exemplar.

Como referimos, a marca de um oleiro itálico ou africano não implica, necessariamente, que o exemplar em que se documenta seja proveniente desta região. O desenvolvimento de imitações locais, mercê da técnica do sobremolde, dificulta muito o estudo de identificação dos centros produtores.

Na apresentação que se segue, optámos por ordenar por ordem alfabética os nomes dos oleiros, independentemente de *cognomen*, *nomen* ou *praenomena*.

C. IVNIVS DRACO

CIVNDRAC

Trata-se de *C. Iunius Draco*, marca frequentemente associada a produções de origem norte-africana e itálica (Balil, 1984: 194; Morillo Cerdán, 1999: 57).

Segundo Rivet (2003: 28), a oficina encontrava-se em África (Tunísia, Tripolitana?). Por sua vez, Fioriello (2003: 60) sugere que se estende, sobretudo, pela África Setentrional. O mesmo autor refere uma difusão pela Itália Meridional e Insular.

Balil (1968-69: 167) acredita que se tratasse de uma oficina africana que vendia abundantemente os seus produtos no sul e centro de Itália, Sicília, Sardenha, Narbonense e Tingitana. Bonnet (1988: 107) argumenta que se trata de uma oficina, cuja presença é simultânea em Itália, Túnez e Gália. Tratar-se-ia de uma oficina única nestas regiões.

Esta marca aparece, geralmente, associada a lucernas de disco e de canal. As decorações nas lucernas de disco associadas a esta marca são a coroa de louros ou, eventualmente, de carvalho, e a representação de um escravo com uma ânfora. A forma, marca e decoração, repetem-se num exemplar de Egnazia, datado da 2ª metade do século II d.C.

As 16 marcas recolhidas em Ampúrias, embora não todas idênticas, apresentam as mesmas características, que consistem basicamente na letra C impressa e na letra N invertida.

Foi considerado, com base nas características da marca, dois períodos de produção. O primeiro reporta-se aos finais do século I e inícios do século II, enquanto o segundo se deveria situar no século III (Bonnet, 1984: 104-107 *apud* Genovér e Fusté, 2006: 50).

Esta marca distribui-se por distintas áreas, nomeadamente Corinto, Cartago, Egnazia, Montmarin, Museu Britânico, Ampúrias, Granada, Baixo Guadalquivir, Granada, Sevilha, entre outros (Rodríguez Martín, 2005: 45).

Documenta-se esta marca num exemplar de disco do tipo Dressel 20 (**nº214**), proveniente da Necrópole da Via XVII (Avenida da Liberdade), em Braga.

À semelhança de outros exemplares documentados, apresenta em nexos as letras V e N (invertida).

CLODIVS SVCCESSVS

C.CLO.S [VC]

Trata-se de *Clodius Successus*, um prolífero produtor de lucernas itálico que trabalhou durante os finais do período flávio até os inícios do período antonino (Bailey, 1980: 94 *apud* Morais, 2005: I 363, N°1; II 459, N°1).

Documenta-se esta marca num exemplar de volutas (**n°215**) proveniente de Braga (sem contexto estratigráfico). Pode ler-se C.CLO.S [VC] incisa, incluída numa cartela retangular de ângulos arredondados, fraturada à direita.

C (AIVS) OPPI (VS) RES (TITVTVS)

C·OPPI·RES/ C·OPPI·[RES]

Trata-se de C (*aivs*) Oppi (*vs*) Res (*titvtvs*), o mais prolífero fabricante de lucernas do seu período (Bailey, 1980: 99) e que pertence a uma ampla família dedicada a este mesmo ofício, em cujas assinaturas se encontram OPPI, C.O.R., L.OPPI.RES., M.OPPI.SOS e M.OPPI.ZOS. As produções dos Oppi inundam os mercados do Mediterrâneo Ocidental durante um século (Morillo Cerdán, 1999: 300).

A marca C.oppi.res está associada a diferentes tipos de lucernas, nomeadamente Dressel 7, Loeschcke I, III, IV, V, IX, X, Dressel 17, 19, 20, 22, 23, 26 e 28. Os mais frequentes são Loeschcke V, Dressel 20 e Dressel 22 (*id. ibid*).

As marcas deste oleiro estão datadas dos finais da dinastia Flávia aos inícios do período de Antonino (Bailey, 1980: 99).

A difusão desta marca foi muito ampla. Aparece em todas as províncias ocidentais, e inclusivamente, alcançam pontos do Mediterrâneo Oriental como Cos, Chipre ou Éfeso.

As opiniões acerca da localização da oficina deste oleiro variam consoante os autores. Para uns localizava-se no Norte de África, embora outros se inclinem para a Península Itálica.

A descoberta de uma oficina lucernária na Colina do Janículo, em Roma, onde apareceram associadas as marcas OPPI, C.O.R e C.OPPI.RES, permite avançar a hipótese da localização da oficina matriz dos Oppi se situar nesta Urbe, na qual se pode estabelecer uma ou mais sucursais na África Proconsular (Morillo Cerdán, 1999: 300).

No norte de Portugal, documenta-se esta marca, incisa e em letras bem definidas, em 3 exemplares. Destes, 2 (**nº 217, 218**) pertencem a lucernas de volutas (tipo indeterminado) e o terceiro, a uma lucerna de disco do tipo Dressel 20 (**nº216**).

Os dois primeiros provêm de escavações efetuadas na cidade de Braga, nomeadamente, nas Carvalheiras e nas Termas. O terceiro foi descoberto no Castro de Monte Mozinho, em Penafiel.

EX (OFFICINA)

IIX [OF]

Trata-se do formulário EXOF - Ex (*Officina*), típico das produções peninsulares.

Ocorre o mesmo tipo de marca em *terra sigillata hispânica* alto-imperial com um fabrico característico das produções de Tricio.

Esta fórmula está incluída numa cartela retangular, mutilada à direita, num exemplar de tipo indeterminado (**nº219**), proveniente das escavações efetuadas na Sé de Braga. Pode ler-se IIX, sendo que os dois primeiros traços verticais constituem a representação arcaica do E.

L.AEMILIVS FORTIS

FORTIS

Trata-se de L.Aemilius Fortis, um dos primeiros e o mais prolífero produtor de lucernas do tipo *Firmalampen* que trabalhou no Norte de Itália. A oficina matriz localizava-se em Savignano sul Panaro, localidade situada perto de Módena, onde, junto a restos de um forno, se recolheu uma elevada quantidade de lucernas com a marca FORTIS, vários moldes e uma tégula com a marca *ad forn (aces, -acem) Cat (...)* /L. *Aemilii/Fortis* (Morillo Cerdán, 1999: 293).

As suas distintas variantes gráficas, muitas vezes associadas a símbolos, letras ou elementos figurados, como a palma, a coroa ou a hera, aparecem numa ampla gama de formas de canal, nomeadamente, em distintas variantes dos tipos Loeschcke IX e Loeschcke X, com particular destaque para esta última.

Estas marcas estão presentes em praticamente todo o Império.

O achado de vários moldes em Panónia atesta a existência de sucursais ou imitações locais nas áreas mais distantes do Vale do Pó. Não sabemos se o Noroeste da Península Ibérica se encontrava entre as regiões periféricas que recorriam às cópias

locais para servir a sua demanda, embora a concentração de exemplares assinados por *Fortis* nesta região aponte nesta mesma direção. Esta hipótese foi sugerida por Balil ao apontar as *Firmalampen* como os tipos de lucernas mais utilizados no centro e noroeste da Península.

Com início de produção no reinado de Vespasiano, a julgar pela presença destas marcas em Pompeia e *Vindonissa* (Loeschcke, 1919: 94 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 293), o auge de produção desta oficina situa-se nos finais do século I e as primeiras décadas da centúria seguinte (Bailey, 1980: 96). Alguns exemplares com esta marca encontram-se em contextos do período Severo (c. de 200/230 d. C.) (Bailey, 1980: 96), perdurando, nalgumas regiões periféricas, no século IV (Morillo Cerdán, 1999: 293).

No norte de Portugal, esta marca, em relevo com letras bastante cuidadas e regulares, está documentada numa lucerna de canal (**nº220**), de tipo indeterminado, proveniente da Rua Santo António das Travessas, em Braga.

GABINIA

[G] ABINIA/ [GA] BINIA/ [GAB] INIA

A marca Gabinia corresponde à oficina de um oleiro cujo *cognomen* seria provavelmente *Gabinianus*. Bailey refere a possibilidade de se tratar de uma mulher (Bailey, 1989: 96). Em alguns casos, aparece a variante gráfica Gavinia.

Documenta-se em exemplares do tipo Loeschcke IV e V, Dressel 15, 17, 18, 19, 20, Deneauve VG e Loeschcke IX. O mais comum aparenta ser o tipo Dressel 20 (Morillo Cerdán, 1999: 294). As marcas desta oficina datam dos finais do período Flávio ao período Antonino (*id.*, *ibid.*). Em contextos arqueológicos do norte de África, Itália Central, Sardenha e a Península Ibérica, aparecem numerosos exemplares desta oficina. A maior concentração regista-se na África Proconsular, onde alguns investigadores localizam a oficina matriz. Outros, porém, consideram que este oleiro tem uma origem centro-italica (Bailey, 1968-69: 160; Bonnet, 1988: 110). A presença de numerosos exemplares na Mauritânia Tingitana indica provavelmente a existência de uma sucursal.

Esta marca é usada igualmente na oficina de Montans. Encontra-se bem documentada na Hispânia, especialmente na Bética e na Lusitânia, embora também esteja presente na costa catalã e no Vale do Ebro.

Documenta-se esta marca, incisa e em letras bem definidas, em 3 exemplares. Destes, 2 pertencem a lucernas de volutas (tipo indeterminado) (nº222, 223) e o terceiro a uma lucerna indeterminada (nº221). Provêm de escavações efetuadas na cidade de Braga, nomeadamente das Termas, da Rua Damião de Góis e da Rua de São Geraldo, nº34.

LVCIVS MVNATIVS ADIECTVS

[L M]·ADI

A marca L.M.ADI, à semelhança de outras fórmulas como L.MV.ADIEC, L.M.ADIEC e LMAD, é utilizada pelo ceramista *Lvcivs Mvnativs Adiectvs* para identificar a sua produção. *L. Mvnativs Adiectvs* compartilha o mesmo *praenomen* e *nomen* com um amplo grupo de oleiros lucernários: *L. Mvnativs Amaranti*, *L. Mvnativs Hel*, *L. Mvnativs Phile*, *L. Mvnativs Restitvtvs*, *L. Mvnativs Svccessvs* e *L. Mvnativs Treptvs*. Esta coincidência gentilícia permite apontar a hipótese da existência de um único proprietário ou *patronus*, que encarregava aos seus libertos a gestão de distintas oficinas, explicando-se assim as estreitas relações tipológicas, gráficas e decorativas entre si (Morillo Cerdán, 1999: 297).

Estas marcas estão presentes em lucernas de volutas e de disco. Entre as primeiras encontram-se os tipos Loeschcke III, IV e V e Deneauve V G. O tipo Dressel 20 é absolutamente maioritário dentro da produção. Também chegaram até nós alguns exemplares do tipo Dressel 27 e, inclusivamente, do tipo Loeschcke IX. O período de atividade desta oficina data dos finais do período Flávio ao reinado de Trajano (Bailey, 1980: 98).

As marcas deste oleiro repartem-se pelas zonas costeiras do Mediterrâneo Ocidental, em especial Tunísia, Sardenha, Lácio, La Narbonense, Baleares e a costa catalã (Morillo Cerdán, 1999: 297).

Bailly situa a sede desta oficina na África *Proconsularis*, opinião compartilhada por Bonnet, que a localiza em Constantina. Bailey, pelo contrário, atribui uma origem centro-italica, região exportadora para o Norte de África (Bailey, 1980: 98). Joly sugere a existência de duas oficinas, uma itálica e outra africana. A marca deste ceramista é também usada na oficina local de Montans (Berges, 1989: 110 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 298).

No que se refere à Península Ibérica, as marcas desta oficina concentram-se na costa catalã (villas de Torre Llauder e Can Majoral, villa de Tolegassos), nas Baleares (Palma de Mallorca e Pollentia) e na zona meridional (Mengibar [Jaén], Baixo Guadalquivir e Faro) (*id.*, *ibid.*).

No norte de Portugal, esta marca incisa e em relevo com letras bem definidas, encontra-se em 2 exemplares. Um deles pertence a uma lucerna de volutas (tipo Loeschcke I, “variante rara”) (nº224) e outra a um tipo indeterminado (nº225). Ambas provêm de Braga, uma da Necrópole da Via XVII e a outra de proveniência desconhecida.

INDETERMINADO

M L in planta pedis

Os dois únicos exemplares com uma morfologia semelhante à que aqui apresentamos constata-se na Bética nas formas Deneauve VE e Dressel 20 (Moreno Jiménez, 1991: 295, nº336 e 2703, marca 144, *apud* Morillo Cerdán, 1999: 287). No Museu de Mainz aparece uma marca similar numa lucerna do mesmo tipo que a de Palencia, embora os três traços em zigue-zague sejam interpretados como peltas (Menzel, 1954: 46, nº241, fig.19, 8).

Cronologicamente esta marca deverá situar-se nos meados do século I d.C., embora se careça de dados arqueológicos que a datem de forma mais precisa.

No norte de Portugal, a marca *in planta pedis* apenas está documentada por uma lucerna de volutas do tipo Deneauve V G (nº226). Consiste nas letras *M L* em relevo, rodeada por três traços incisos em zigue-zague.

Este exemplar provém das escavações efetuadas na Necrópole da Via XVII (Avenida da Liberdade), em Braga.

LVCIVS MVNATIVS RESTITVTVS

MVNREST

Trata-se de *Lucius Munatius Restitutus*, um oleiro centro-italico que à semelhança do oleiro anterior partilha o mesmo *praenomen* e *nomen* com um amplo grupo de oleiros. O período de atividade desta oficina data dos meados do século I à 1ª metade do século II (Deneauve, 1974: 165).

Esta marca, incisa e em letras bem definidas, está presente num exemplar de volutas do tipo Loeschcke IV (nº227), descoberto nas escavações efetuadas na Cerca do Seminário de Santiago, em Braga.

LVCIVS MVNATIVS THREPTVS

MVNTREPT

Trata-se de *Lucius Munatius Threptus* que, à semelhança de *L. Mvnativs Svccessvs*, encontra-se vinculado ao amplo círculo dos *Munatii*, com os quais partilha algumas características tipológicas e decorativas (Bailey, 1980: 98). A marca deste oleiro pode aparecer em duas variantes: MVNTRET e LMVN.THRE (Morillo Cerdán, 1999: 299).

Esta marca encontra-se mais frequentemente em lucernas do tipo Dressel 20, embora também se encontrem nos tipos Loeschcke IV, V, VIIL e Deneauve VIIC.

O período de maior atividade decorre entre os finais da dinastia Flávia e os inícios da dinastia Antonina (Bailey, 1980: 98).

As produções de *L. Mvnativs Threptvs* encontram-se repartidas por todo o Mediterrâneo Ocidental. As maiores concentrações registam-se na costa central tirrénica e na *Província Proconsularis*, embora as marcas alcancem a Dalmácia, o norte de Itália, a França, a Península Ibérica e a Mauritânia Tingitana. Mais uma vez, os investigadores mostram-se divididos no que respeita à localização da oficina matriz. A maioria aceita uma localização nos arredores de Roma (Bailey, 1980: 98). Balil, por sua vez, situa a oficina no norte de África (Balil, 1968-69: 174). Constatou-se a existência de uma sucursal em Montans, que emprega a técnica do sobremolde.

O caso de Montans parece ser idêntico ao de Braga, onde apareceram dois moldes com a marca deste oleiro (Rigaud de Sousa, 1966: 598). Este investigador interpreta este achado como o testemunho de uma sucursal do oleiro itálico. Balil esclarece esta afirmação, considerando que esta oficina não constitui uma sucursal no sentido estrito, uma vez que o aparecimento da marca em relevo no molde significa que não se usam moldes originais na laboração das peças, mas recorre-se à técnica do sobremolde. A dispersão dos exemplares com a marca *Mvntrept* na Península Ibérica abala a existência desta oficina Bracarense (Amaré Tafalla, 1989-90: 161), cuja área de comercialização se estende por todo o Noroeste peninsular. Desta oficina procedem dois

exemplares de Peroguarda, Monte Mozinho, *Conimbriga*, Museu do Douro (Régua) e Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa). Dentro deste grupo devemos incluir também a marca de *Iuliobriga*, que se distingue com uma lucerna idêntica, tanto na forma como na decoração, ao exemplar do Monte Mozinho. Um exemplar de Ourense, parcialmente conservado, podia também ser atribuído a esta oficina lucernária.

As marcas de Ampúrias e Mataró, demasiado afastadas de Braga, devem vincular-se possivelmente à oficina original deste oleiro. Estes exemplares alcançam a costa catalã através do comércio Mediterrâneo.

No norte de Portugal, documenta-se esta marca, incisa e em letras bem definidas, num exemplar de volutas, de tipo indeterminado (**nº228**). Este foi descoberto nas escavações efetuadas na Necrópole da Via XVII (Túnel da Avenida da Liberdade), em Braga.

MYRO

[MY] RO in planta pedis

Trata-se de um oleiro centro itálico que provavelmente trabalhou no período de Nero até finais da dinastia Flávia (Bailey, 1980: 98). Segundo Bailey (*id.*, *ibid.*), este oleiro foi um dos primeiros produtores da Itália Central a copiar as lucernas de tipo *Firmalampen* Norte-Itálicas, muito provavelmente depois de 70 d.C. Na opinião de Moreno Jiménez (1991: 267), esta marca estende-se a África, Hispânia, Gália e Germânia.

Os diversos exemplares distribuem-se pelo Algarve, Faro, Balsa, Tarragona, Alicante, Tossal de Manises, Cádiz, Bolónia, Verona, Pompeia, *Vindonissa*, Corinto, entre outros (Rodríguez Martín, 2005: 48).

Podem surgir marcas com *Myro in planta pedis* (as mais numerosas) ou apenas em relevo, *Myro*.

No norte de Portugal, esta marca em relevo e *in planta pedis*, está presente num exemplar de volutas, de tipo indeterminado (**nº229**), descoberto nas escavações efetuadas nas Carvalheiras, em Braga.

N.NAEVIVS LUCI O?

NNA/NNA

Trata-se de um oleiro centro itálico que trabalhou desde os finais da dinastia Flávia até ao período de Adriano (Bailey, 1980: 99).

Documenta-se esta marca, em relevo com linha separadora, *in planta pedis*, numa lucerna de volutas, de tipo indeterminado (**nº230**).

Mais uma vez esta marca foi encontrada em Braga, apesar de não possuírmos contexto estratigráfico.

PHOETASPV

PHOETASPI

Trata-se de *Phoetaspus*, um oleiro itálico com oficinas no Norte de Itália e que exportou para as províncias do Norte e Leste, sobretudo em época Cláudia (Soeiro, 1984: 148).

Nas marcas das grandes oficinas do Vale do Pó pode aparecer exclusivamente o *cognomen* do oleiro ou proprietário (Morillo Cerdán, 2015: 372).

Segundo Bailey (1976: 101-102), o oleiro pôde trasladar a sua oficina para um ponto tão distante como o Egito.

Esta marca, em relevo e em letras bem definidas, está presente no norte de Portugal numa lucerna de volutas do tipo Loeschcke I A (**nº23**), proveniente da Serra de Montezelo, especificamente do Couto Mineiro das Banjas.

PROCVLIS

PROCVL

Balil (1966: 117-123) ao estudar as marcas de oleiro presentes em lucernas de fabrico hispânico integra a presente marca. Contudo, pouco sabemos sobre este produtor. Entre nós, esta marca, em relevo e caracteres capitais, disposta na horizontal, figura numa lucerna derivada do tipo Dressel 3 (**nº231**), descoberta no Complexo Mineiro Romano de Tresminas.

Ti. IVLIVS SVCCESVS

SVCC [ESSE]

Tendo em conta o escasso número de exemplares documentados com esta marca, o oleiro *Ti. Ivliivs Svccessvs* deveria ocupar-se de uma pequena oficina, provavelmente relacionada com a família lucernária dos *Munatii* (Morillo Cerdán, 1999: 295).

Estas marcas estão escassamente representadas no mundo romano, dispersando-se pelo Sul da Gália e Península Ibérica, mas com maior difusão em Itália, razão pela qual se atribui uma origem centro-italica (Bailey, 1980: 97). Bailey situa esta marca entre os finais da dinastia Flávia até aos inícios do período Antonino (Bailey, 1980: 101).

Entre nós, esta marca incisa e em letras bem definidas está presente numa lucerna de volutas de tipo indeterminado (**nº232**), proveniente das escavações das Termas em Braga.

2.8.2. Símbolos anepígrafos

Os símbolos ou signos anepígrafos predominam durante o século I a.C., em lucernas tardo-republicanas do tipo Dressel 2, 3 e 4, mas também estão presentes nas primeiras formas de volutas.

Estes normalmente abstratos são muito variados, sendo mais comuns os círculos impressos, que podem aparecer isolados ou compondo combinações simples ou mesmo monogramas de grande complexidade (Morillo Cerdán, 1999: 278).

Segundo Bonnet (1988) estes signos poderão exibir o grau de qualidade da peça em que são aplicados.

Para Morillo Cerdán, os símbolos anepígrafos poderiam constituir marcas de qualidade ou de controlo da produção ou mesmo senhas distintas de cada oleiro (Morillo Cerdán, 1999: 279).

Como se observa no **Histograma 15**, apenas contámos com 11 exemplares com símbolos anepígrafos (**nº208, 233-242**).

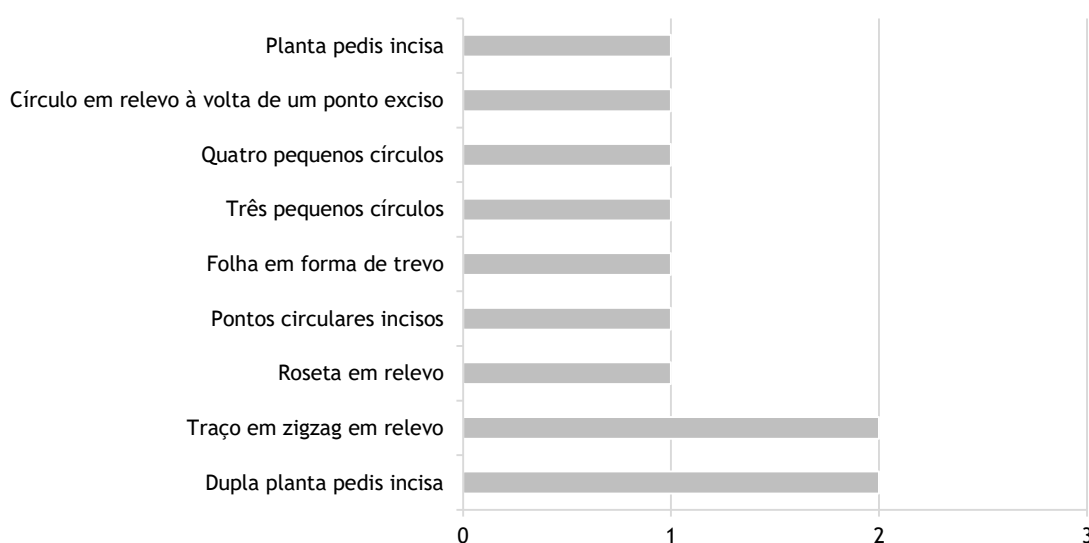
Estes são muito variados, predominando os círculos em relevo com dois exemplares (**nº239, 240**).

Os restantes símbolos estão distribuídos por 2 exemplares com dupla *planta pedis* (**nº234, 235**) e traços em zigue-zague em relevo (**nº241, 242**) e 1 exemplar de cada com

círculos incisos (**nº236**), *planta pedis* (**nº233**), folhas de trevo (**nº237**) e rosetas em relevo (**nº238**).

Estes símbolos repartem-se por 3 exemplares de volutas (Dressel 10 e indeterminados), 3 exemplares alto-imperiais de fabrico hispânico (derivados do tipo Dressel 3), 1 exemplar de disco de tipo indeterminado, um exemplar de canal (Loeschcke X), 2 exemplares de tipo indeterminado e uma lucerna intacta em bronze de corpo piriforme do tipo Loeschcke XX.

Nos parágrafos que se seguem, fazemos uma breve alusão a cada símbolo anepígrafo registado nas lucernas presentes neste estudo.



Histograma 15 - Símbolos anepígrafos

Planta Pedis incisa anepígrafa

Marca *in planta pedis*, incisa e anepígrafa. Como foi referido anteriormente, as marcas *in planta pedis*, tanto anepígrafa como com marca no seu interior, são habituais em qualquer reportório lucernário, embora se desconheça o seu local de produção. Ainda assim, sabe-se que algumas delas foram produzidas em oficinas emeritenses, a par de paredes finas e de cerâmica comum.

Cronologicamente situam-se nos meados do século I d.C. (Rodríguez Martín, 2002: 183).

A marca documentada neste estudo aparece num exemplar derivado do tipo Dressel 3 (**nº233**), proveniente das escavações do centro Histórico de Bragança (Praça Camões).

Dupla planta pedis incisa anepígrafa

As marcas *in planta pedis*, adotam a forma de uma sola de sapato ou de um pé, preferencialmente o direito, em que por vezes são representados os dedos.

Por vezes, duplica-se a *planta pedis* no fundo da lucerna, obtendo a chamada *dupla planta pedis*, com marca de oleiro ou anepígrafa. Tendo em conta as formas de volutas sobre as quais se documenta, e a sua inspiração direta nas marcas dos objetos em *terra sigillata*, a *planta pedis* simples surge na época de Tibério, alcançando o auge durante o reinado de Cláudio (Balil, 1969: 19 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 286). Porém, a *dupla planta pedis*, não aparece até à época de Nero, embora tenha perdurado durante o século II.

No mundo romano esta está presente nas formas Loeschcke IV, Loeschcke V, Dressel 19, Dressel 20, Dressel 27 e Loeschcke IX, em conjuntos provenientes de Bengasi, Mogador, Alcácer do Sal, Faro, Bética, Múrcia, Mérida (*id.*, *ibid.*), bem como, Badajoz, Sevilha, Cádiz, Itália, Castelo Branco, Vaiamonte, British Museum, Museu de Trento, entre outros (Rodríguez Martín, 2002: 186).

Esta marca está muito difundida na Península Ibérica. Sabemos que a maioria das lucernas depositadas no MNAR foi produzida nas oficinas emeritenses por sobremolde. O número de lucernas e o achado de vestígios associados à produção deste tipo de lucernas em Mérida pressupõe a existência de uma sucursal nesta cidade.

Estas apresentam uma pasta ocre-amarelada e esbranquiçada, de fratura ondulada e um engobe que oscila entre o amarelo e laranja, mais ou menos diluído (Rodríguez Martín, 2002: 183).

Entre nós documenta-se esta marca em 2 exemplares. Um pertence a uma lucerna de disco (nº235), de tipo indeterminado, e o outro, a uma lucerna indeterminada (nº234). Ambos provêm de Braga, nomeadamente, do Teatro e da Rua de S. Geraldo, nº27-31.

Círculo em relevo à volta de um ponto exciso

No nosso estudo esta marca está presente numa lucerna em bronze de corpo piriforme, do tipo Loeschcke XX, proveniente do castro de Alvarelhos (nº208).

Esta consiste na representação de uma pérola de dimensões reduzidas, incluída num círculo, também ele de pequenas proporções.

Círculos incisos organizados em círculo, formando duas filas, sendo que no centro destas se dispõem oito fiadas diagonais

O motivo dos círculos está também presente numa lucerna onde se representam duas filas de círculos impressos de reduzido tamanho, dispostos em redor do fundo (nº236). Dentro destas, oito fiadas de círculos com as mesmas dimensões, que se dispõem na horizontal, vertical e diagonal, formam uma espécie de asterisco.

Estes motivos figuram numa lucerna de volutas, do tipo Dressel 10, proveniente da Necrópole de Santa Eulália, Vizela.

Roseta em relevo

O símbolo de uma roseta em relevo remete para uma produção centro-italica de lucernas datadas dos finais do século I a inícios do século II.

No nosso caso, este símbolo aparece numa lucerna de tipo indeterminado (nº238) proveniente do Cardoso da Saudade, em Braga.

Folha em forma de trevo em relevo

Este símbolo, feito a molde, aparece geralmente no fundo das lucernas, e, nalguns casos, nos apêndices das aletas laterais (Rodríguez Martín, 2005: 50).

Conhecem-se lucernas com este motivo fabricadas em Andújar, Córdoba e Mérida. O exemplar que aqui apresentamos é, provavelmente, proveniente de Andújar.

Segundo López Rodríguez e Amaré Tafalla esta produção da época Júlio-Cláudia, perdura até a época Flávia (López Rodríguez, 1982: 382; Amaré Tafalla, 1989-90: 144).

Esta marca difunde-se maioritariamente no Sul da Península, nomeadamente em Badajoz, Azuaga, Mérida, Andújar, Córdoba, Granada, Jaén, Itália e Sevilha (Rodríguez Martín, 2005: 50).

Entre nós esta marca encontra-se numa lucerna de volutas de tipo indeterminado (nº237), proveniente da intervenção arqueológica efetuada no Colégio da Sagrada Família, em Braga.

Três pequenos círculos rodados que incluem no seu interior outros pequeníssimos círculos. Sobre estes círculos a representação de um outro desta vez sem decoração interior. Sobre estes pequenos círculos, um outro desta vez sem pérolas no seu interior

Estes símbolos estão representados numa lucerna de canal ou “Firmalampen” do tipo Loeschcke X (nº239), proveniente da intervenção arqueológica efetuada nas Termas, em Braga.

Trata-se de um fragmento em *terra sigillata* hispânica alto-imperial com um fabrico característico das produções de Tricio. Insere-se cronologicamente nos finais do século I e os meados do século II d.C.

Quatro pequenos círculos colocados na extremidade de diâmetros opostos

Impressos na base da lucerna, estes símbolos descrevem quatro círculos de pequeno tamanho, colocados na extremidade de diâmetros opostos. Este tipo de marca é mais comum nos exemplares tardo-republicanos. Documenta-se em numerosas coleções de lucernas, tanto itálicas como hispânicas, fundamentalmente sobre formas tardo-republicanas Dressel 2, Dressel 3 e Dressel 4. Encontram-se presentes no Museu Arqueológico de Sevilha, de Chicarro, de Maguncia, de Tarragona, entre outros (Morillo Cerdán, 1999: 284).

Esta marca perdura até a segunda metade do século I d.C. em lucernas de volutas dos tipos Loeschcke IB e IV. Está ainda presente num exemplar de disco da forma Dressel 27.

Nas produções peninsulares esta marca anepígrafa encontra-se em lucernas derivadas da forma Dressel 3. Moreno Jiménez assinalou a presença desta marca em exemplares dos tipos Sotomayor B e D-1 de procedência Bética (Moreno Jiménez, 1991: 303, 789, 930; Morillo Cerdán, 1991: 284).

Entre nós esta marca está presente numa lucerna alto-imperial de fabrico hispânico, derivada do tipo Dressel 3 (nº240), proveniente da necrópole de Monteiras, Bustelo (Penafiel).

Traço em zigue-zague em relevo

Este símbolo está representado por um pequeno traço em zigue-zague, em relevo, colocado numa das extremidades do fundo da lucerna.

No nosso estudo, este símbolo está presente em 2 exemplares. O primeiro corresponde a uma lucerna derivada do tipo Dressel 3 (nº241), e o segundo, pertence a um fragmento de tipo indeterminado (nº242). Ambos foram descobertos na necrópole da Via XVII (Avenida da Liberdade), em Braga.

2.8.3. Letras isoladas

As letras isoladas ou o conjunto de letras isoladas, em conexão entre si, têm sido associadas a numerais e ao controlo da produção dos artesãos, ou mesmo à identificação do usuário do molde ou de uma marca representativa de uma oficina concreta (Balil, 1982: 14-15).

Não podemos descartar, que tais marcas poderão ter sido utilizadas em simultâneo para aquelas funções, ou com alguma outra finalidade imprecisa.

Como bem referiu Balil (1982: 14), apenas a caracterização das peculiaridades gráficas de cada caso, permitiria identificar a procedência das marcas. A questão ainda é mais complexa no caso de figurarem em moldes, pois, como se sabe, estas podiam circular de oficina em oficina (Morillo Cerdán, 1992: 155). Por este motivo, não podemos identificar, nem oficinas produtivas, nem áreas de difusão.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 287), a cronologia das letras isoladas coincide com a das marcas anepígrafas, que terá sido empregue durante as últimas décadas do século I a.C. até a primeira metade da centúria seguinte, reaparecendo novamente durante o século IV d.C.

Documentam-se, essencialmente, nos tipos tardo-republicanos e de volutas, apresentando-se, por vezes, com grafias arcaicas.

O caso que aqui apresentamos documenta-se numa lucerna de disco do tipo Dressel 28 (nº243), proveniente da Necrópole do Outeiro dos Foguetes, em Paços de Ferreira.

Consiste na letra “P”, incisa, em capital no centro do fundo, ligeiramente côncavo.

Segundo Armando Coelho Ferreira da Silva, este tipo de lucerna, incluindo a decoração, é muito frequente na Mauritânia e com vários paralelos conhecidos entre nós, nomeadamente, em S. Sebastião de Setúbal, no Monte de Farrobo (Aljustrel) e em Conimbriga, em estratos datáveis entre 150-200 d.C. até do séc. III d.C. (Silva A, 1986: 125).

2.8.4. Grafitos

Em qualquer contexto arqueológico de época romana, a presença de grafitos é uma constante (Marichal, 1988). Contudo, a lucerna, seguramente pela sua peculiar morfologia, não constitui um suporte demasiado adequado para este fim, tendo em conta a escassez de exemplares documentados (Morillo Cerdán, 1999: 308). Muitas das peças pertencem a lucernas de canal, uma vez que a inscrição podia ocupar a orla da peça.

Estas inscrições, feitas à mão livre com um instrumento pontiagudo sobre a superfície da lucerna já cozida, deve adotar um significado de posse, mais do que qualquer fórmula ou invocação festiva como aparecem noutra tipo de peças (Morillo Cerdán, 1999: 308).

No nosso estudo apenas identificamos dois casos. Ambos surgem em fragmentos de tipo indeterminado. Um deles consiste num grafito em forma de Y invertido (**nº245**), cuja cronologia e fabrico são indeterminadas. Sabemos que provém da Mina do Poço das Freitas, mas carecemos de dados estratigráficos. O segundo, em forma de X (**nº244**), está presente no fundo externo de uma lucerna indeterminada oriunda da África Proconsular (Morais, 2005 I: 365, Nº15; II 461, Nº15). Foi descoberto nas escavações do Albergue Distrital, em Braga.

2.9. Padrões de importação no contexto do norte de Portugal. Algumas reflexões.

A análise e contextualização cronológica das lucernas até à data recolhidas no norte de Portugal, permite-nos não só enquadrar o aparecimento de determinadas formas, mas também perceber que o seu advento não é um feito isolado e arbitrário.

De facto, esta região está bem integrada nos circuitos comerciais do Império, em particular a cidade romana de *Bracara Augusta*.

Um centro urbano como *Bracara Augusta* implicava uma importante diversificação na vida económica (Morais, 2005: 392). Nesse sentido, poderá inclusivamente aceitar-se que “a cidade teria partilhado com as duas outras cidades capitais do noroeste peninsular, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*, a função de centro redistribuidor (Morais, 2005: 392).

Efetivamente, a ligação entre os diferentes portos costeiros e as vias de penetração até localidades do interior, foi importante, não só para *Bracara Augusta*, mas para todo o Noroeste Peninsular, uma vez que a existência destas vias garantia a continuidade da atividade comercial (Morais, 1997-98: 72). A comprová-lo temos os vestígios materiais que vêm sendo exumados no Noroeste peninsular e, em particular, no contexto da cidade de Braga, que evidenciam a necessidade daqueles estabelecimentos costeiros que serviam de apoio à navegação e, consequentemente, à importação e exportação de produtos.

No entanto, não podemos deixar de constatar o testemunho de uma aculturação precoce já nos finais do século I a.C.

Como mostra a **Figura 6**, de entre as produções documentadas, destaca-se a presença significativa das produções itálicas, como é habitual, também de acordo com os padrões de importação conhecidos noutras regiões.

No baixo-império constata-se uma maior presença das lucernas de fabrico peninsular, produzidas em *terra sigillata* hispânica da forma 50, e de lucernas tardo-antigas de produção africana.

Estes circuitos comerciais acompanham a difusão de outras produções cerâmicas, como são exemplo as produções de *terra sigillata*, as paredes finas e as ânforas de origem itálica no século I d.C. e, no baixo-império, a presença da *terra sigillata* e ânforas de origem africana.

A época de auge das importações no território analisado sucede durante os inícios e meados do século I. No caso da cidade de Braga, estas importações sucedem com um plano complexo e alargado de valorização e requalificação urbana, ocorrido nas dinastias flávia e antonina. Tal facto leva-nos a crer que já em plena época flávia a cidade obedecia de uma classe de proprietários fundiários, de comerciantes e de artesãos que nela viviam e desenvolviam uma colossal atividade favorável ao incremento da vida urbana (Morais, 2005: 393).

No século II d.C. observa-se uma progressiva descentralização da produção e uma diversificação das vias de comercialização destes produtos. É o momento em que aparecem os centros provinciais de produção, que elaboram formas locais de diversa natureza.

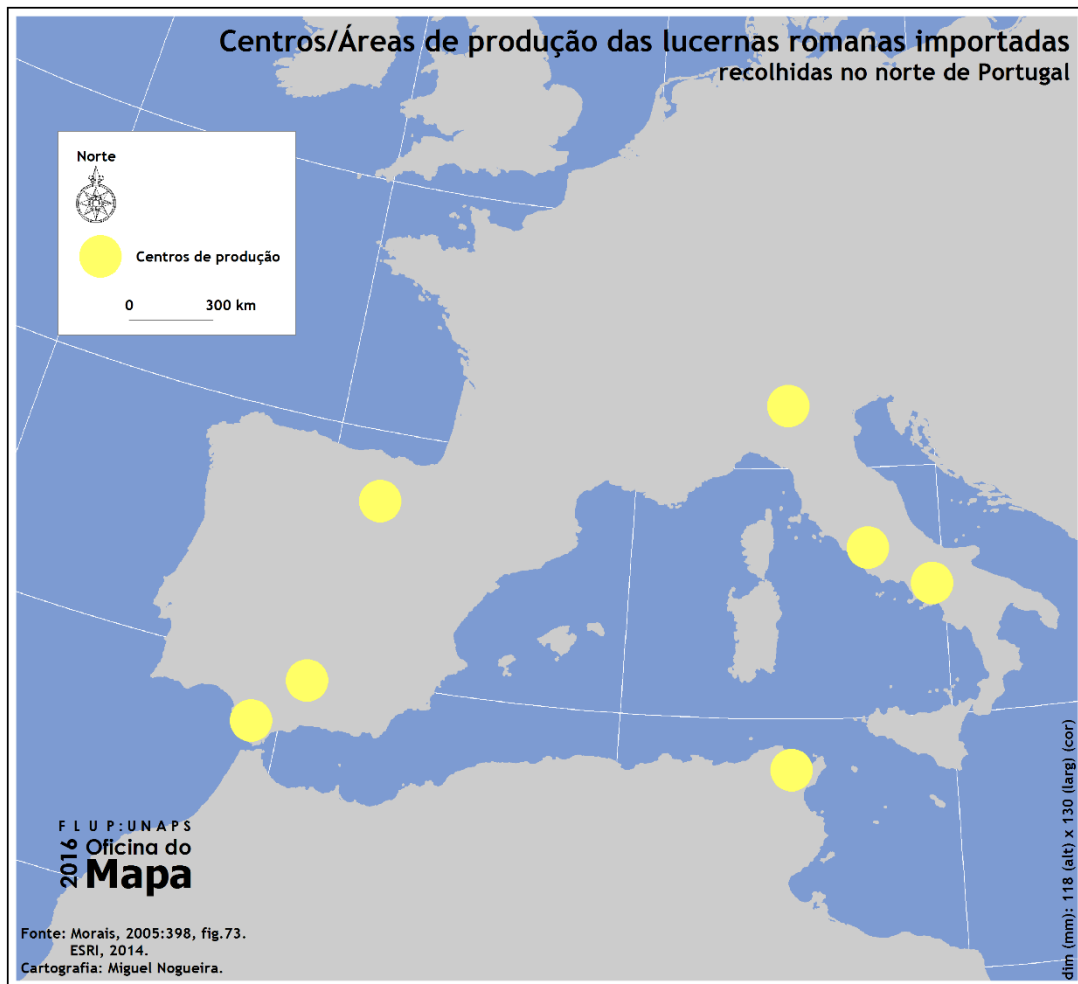


Fig. 6 - Proveniência por áreas e centros de produção das lucernas importadas recolhidas no norte de Portugal

Relativamente às lucernas em bronze, utensílios de luxo do quotidiano romano, a sua presença é bastante mais escassa, comparativamente às lucernas em cerâmica. Salvador Pozo (1997: 203) estabelece duas razões principais que justificam a sua escassez: a primeira prende-se com o seu custo elevado, quando comparado com as de cerâmica, a segunda, provocada pelo facto de o bronze poder ser refundido e reaproveitado no fabrico de outros objetos.

A uniformidade tipológica da produção de lucernas em bronze no mundo romano durante o século I d.C. remete-nos para a Itália como o provável centro produtor (Pozo, 1997: 204). Trata-se de um centro muito helenizado, e com uma longa tradição no artesanato e manufatura do bronze. Esta hipótese é reforçada pelas referências literárias de Plínio e pelos testemunhos arqueológicos alusivos à exportação de manufaturas em bronze.

O intercâmbio comercial sempre foi uma constante, mesmo no mundo antigo. As transações comerciais internas fizeram-se, prioritariamente, através dos grandes eixos viários que convergiam para os grandes centros, como demonstra a concentração de sítios cartografados que ladeiam as respetivas trajetórias (Pinto, 2002: 37).

É notório que os sítios cartografados, correspondendo essencialmente a *civitas* ou *povoados fortificados*, se distribuem em função da rede viária e fluvial, bem como, em situações específicas, dispersos por zonas de valor agrícola considerável.

Como mostra a **Figura 7**, da região compreendida entre *Bracara Augusta* e *Cale* registou-se a presença de seis exemplares em bronze provenientes, respetivamente, da Cidade, de São Cosme do Vale, do Castro de Alvarelhos (3 exemplares) e de *Tongobriga* (Marco de Canaveses).

Da capital da província, *Emerita Augusta*, irradiavam vias em todas as direções, três das quais se dirigiam para ocidente atravessando o território peninsular.

A lucerna em bronze proveniente de *Aquae Flaviae*, designada como um modelo itálico, seguiu muito provavelmente as rotas tradicionais que uniam *Bracara Augusta* a *Emerita*, tanto por Salamanca, pela via da Prata, como atravessando a província em direção à ponte de Alcântara, *Emerita* e os portos do Guadalquivir.

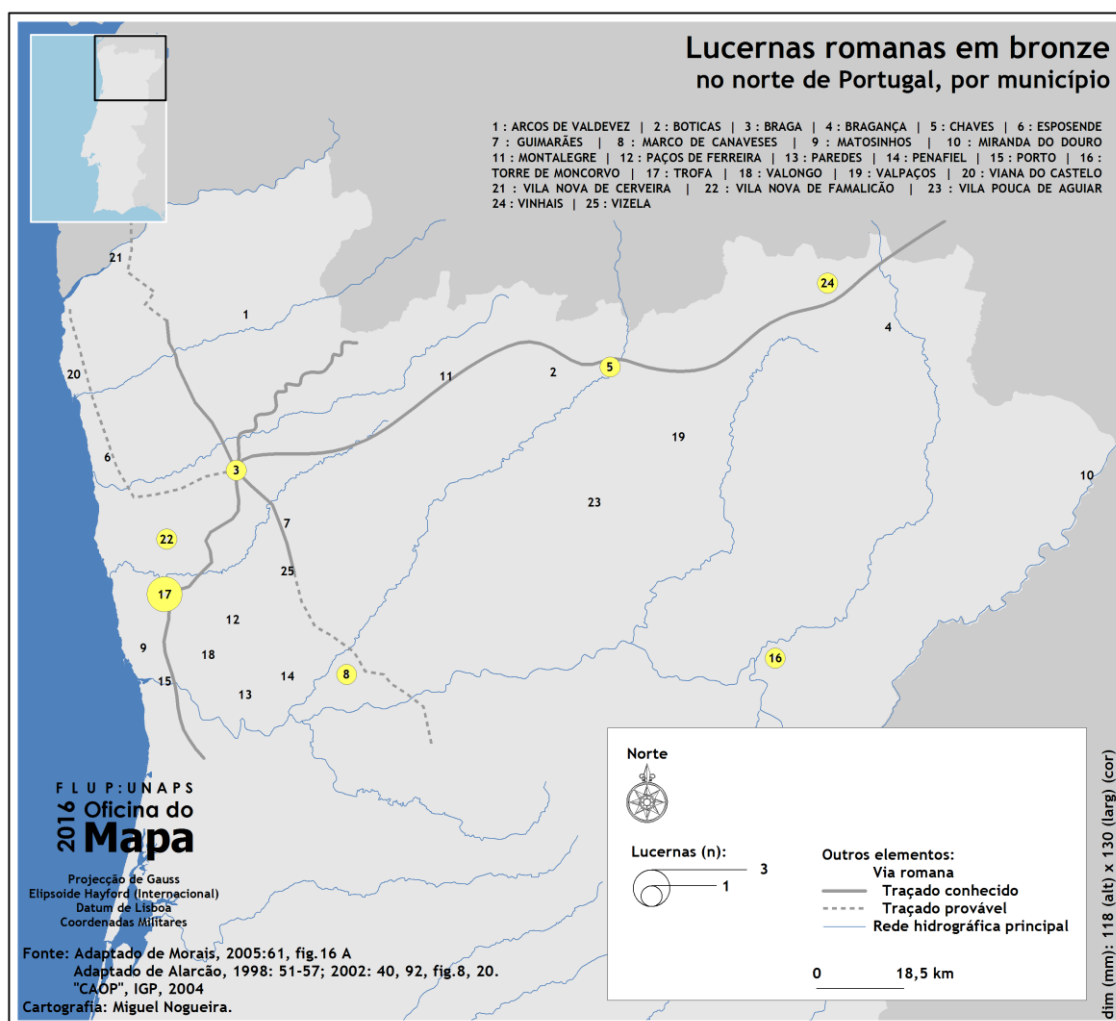


Fig. 7 - Lucernas romanas em bronze encontradas no Norte de Portugal

Parte 3 – Considerações finais

Neste estudo sobre as lucernas romanas importadas no norte de Portugal não pretendemos fazer uma simples quantificação, mas também proceder à sua análise crono-tipológica e respetivos padrões de difusão.

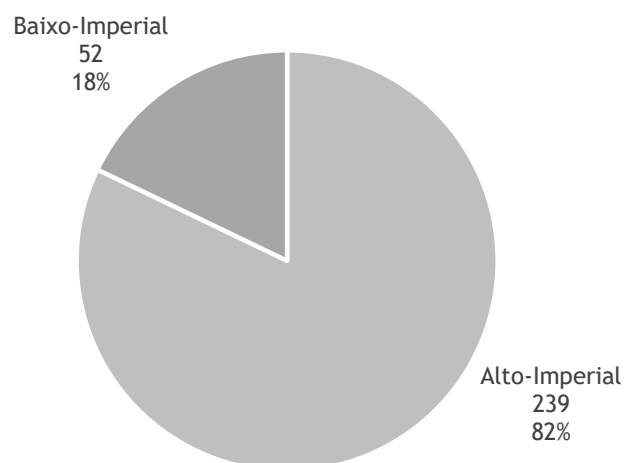
As lucernas, tal como outras cerâmicas finas, constituem um fóssil diretor em qualquer contexto romano.

Como referimos, contabilizaram-se cerca de 786 lucernas, das quais se destacam 291, motivo de estudo específico (**ver anexo 7, mapas**). A grande maioria destes exemplares, bastante fragmentados, provém de escavações em contexto urbano, como é o caso de Braga, Chaves e Bragança.

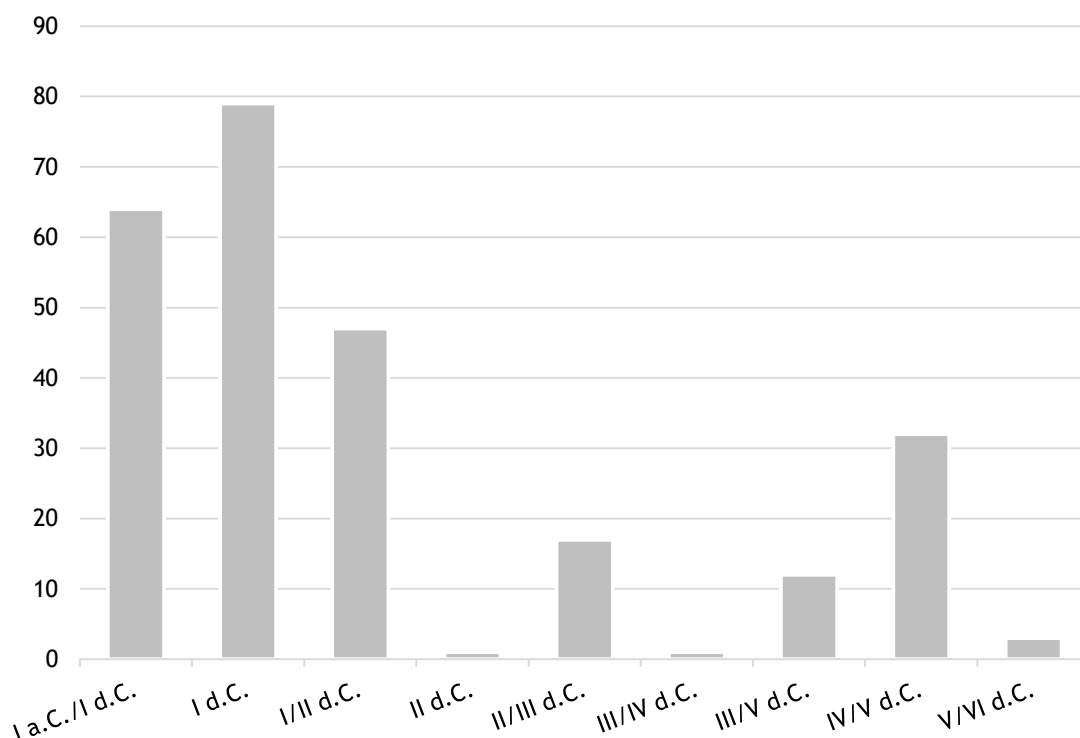
Como se observa no **Histograma 16**, predominam as lucernas alto-imperiais, com cerca de 82%, relativamente às tardias com apenas 18% do total.

Esta relação percentual também pode ser apreciada no **Histograma 17**, onde se destaca uma maior concentração destes materiais no período de mudança de Era e o século I, aumentando significativamente no decorrer deste última centúria. Os finais do século I e todo o século II correspondem a um momento de retração das importações de lucernas, fruto do decréscimo do comércio inter-provincial e o aumento significativo da autarcia local em diferentes cidades da Península, como é o caso de *Bracara Augusta*.

No período médio e baixo-imperial, denota-se um recrudescer das importações, com início no século III e uma retoma significativa nos finais do século IV/V.



Histograma 16 – Quantidade de lucernas dos períodos alto e baixo imperiais



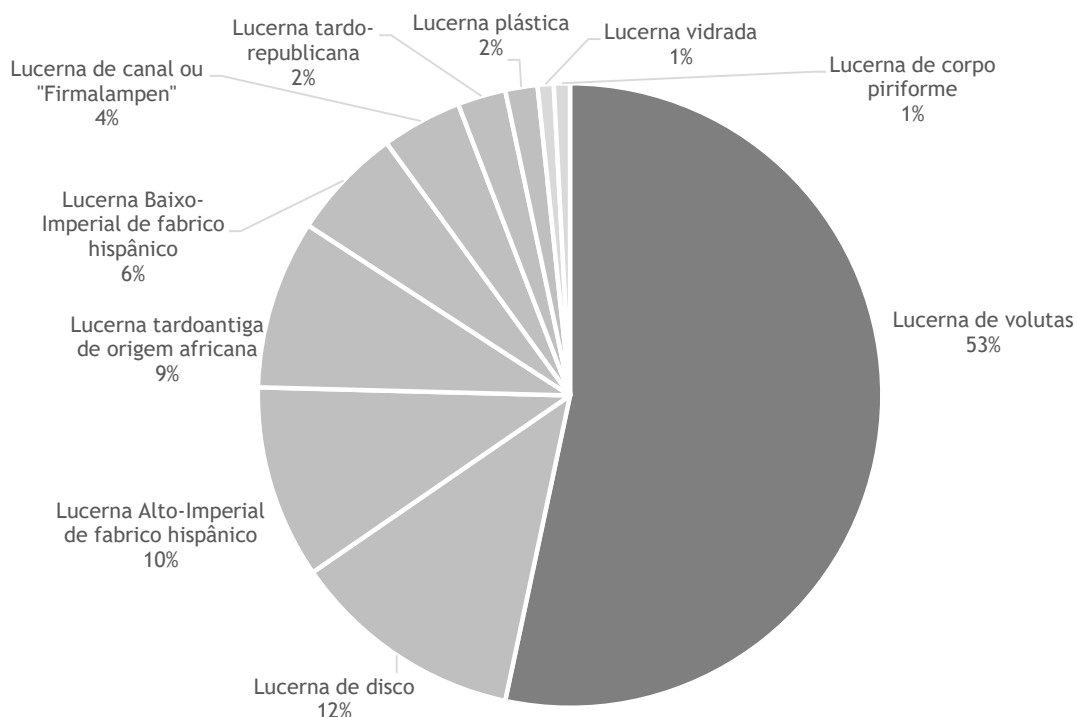
Histograma 17 – Quantidade de lucernas no decorrer do período imperial

Como seria de prever e tivemos oportunidade de referir no decorrer deste estudo, grande é a diversidade tipológica, tendo sido documentadas lucernas em cerâmica integradas nos tipos tardo-republicanos, de volutas, de disco, alto e baixo imperiais de fabrico hispânico, de canal e tardo-antigas de origem africana. A estas acresce-se, ainda, lucernas menos comuns em contextos arqueológicos, como é o caso de duas com vidro de chumbo de origem itálica encontradas em Braga, e de lucernas em bronze de corpo piriforme (Castro de Alvarelhos, Trofa) e com decoração plástica (Famalicão, Vinhais e Chaves) recolhidas noutras estações arqueológicas do norte de Portugal.

Numa análise mais pormenorizada dos diferentes tipos de lucernas, constata-se um predomínio dos tipos de volutas, com c. de 28 exemplares (c.de 53%).

Como se aprecia no **Histograma 18**, seguem-se as lucernas de disco com 29 exemplares (c.de 12%), as lucernas alto-imperiais de fabrico hispânico, com 24 exemplares (c.10%) e as lucernas tardo-antigas de origem africana, com 9 exemplares (c.de 9%). Os restantes tipos identificados estão menos representados: as lucernas baixo-imperiais de fabrico hispânico em TSHT, com 14 exemplares (c.6%), as lucernas de canal, com 10 exemplares (c.4%) e as lucernas tardo-republicanas com 6 exemplares (c.2%).

Ainda menos significativas são as lucernas plásticas, com apenas 4 exemplares (c.2%), 3 em bronze e 1 em cerâmica, e as lucernas vidradas e de corpo piriforme em bronze, com apenas 2 exemplares cada (c.1%).



Histograma 18 – Percentagens totais dos exemplares por tipos

Como referimos no decorrer deste estudo, os exemplares mais antigos, datados entre finais do século I a.C. e o reinado de Tibério (Morillo Cerdán, 1999: 311), estão representados por 6 lucernas do tipo Dressel 4 ou *Vogelkopflampen*, 4 provenientes de intervenções arqueológicas efetuadas em Braga e as restantes 2 de Arcos de Valdevez e Valpaços. A acompanhar estas lucernas temos as primeiras variantes de volutas Loeschcke IA, encontradas em níveis augusto-tiberianos.

O primeiro tipo de volutas, Loeschcke IA, está associado aos exemplares tardo-republicanos do tipo Dressel 4, inserido nos níveis de Augusto e Tibério.

Na **Tabela 5**, constata-se que esta variante alcança um valor considerável, com 19 exemplares, maioritariamente recolhidos nas cidades de Braga e Chaves. O Forte de Lovelhe em Vila Nova de Cerveira e o Couto Mineiro das Banjas em Paredes proporcionaram 1 único exemplar.

As lucernas de volutas com grande asa plástica (tipo Loeschcke III) contam com 5 exemplares, e as variantes de volutas do tipo Loeschcke IB e IC, apenas 1 e 2 exemplares respetivamente. Concentram-se, mais uma vez, nos contextos urbanos de Braga, Bragança e Chaves e nos Castros de Alvarelhos, Monte Mozinho e Penices, no decorrer da 1ª metade do século I.

	Quantidade	Percentagem por tipo
Indeterminada	125	42,96%
Derivada do tipo Dressel 3	20	6,87%
Loeschcke I A	19	6,53%
Loeschcke IV	18	6,19%
Loeschcke I, variante indeterminada	15	5,15%
TSHT 50	14	4,81%
Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe	8	2,75%
Loeschcke V	6	2,06%
Dressel 28	6	2,06%
Dressel 4 (<i>Vogelkopflampen</i>)	6	2,06%
Deneauve V G	5	1,72%
Loeschcke X (<i>Firmalampen</i>)	5	1,72%
Loeschcke III	5	1,72%
Dressel 19	3	1,03%
Dressel 18	3	1,03%
Dressel 20	3	1,03%
Hayes IB (<i>Atlante VIII D1/Bonifay tipo 50</i>)	3	1,03%
Plástica	2	0,69%
Loeschcke XIX	2	0,69%
Derivada do tipo Dressel 9 ou "lucerna mineira", atípica	2	0,69%
Dressel 17	2	0,69%
Loeschcke XX	2	0,69%
Deneauve XI B (<i>Bonifay tipo 33, variante A</i>)	2	0,69%
Plástica de volutas	2	0,69%
Loeschcke I C	2	0,69%
Derivada do tipo Dressel 9 ou "lucerna mineira"	2	0,69%
Volutas estreitas e alongadas	1	0,34%
Deneauve IVD/VE	1	0,34%
Deneauve VF	1	0,34%
Dressel 10	1	0,34%
Hayes IB, atípica (<i>Atlante VIII C1a, var. C/Bonifay tipo 46</i>)	1	0,34%
Loeschcke I, "variante rara"	1	0,34%
Loeschcke I B	1	0,34%
Derivada de disco (<i>Loeschcke VIII</i>)	1	0,34%

Hayes IB (Atlante VIII D4/Bonifay tipo 50)	1	0,34%
Total Geral	291	100,00%

Tabela 5 – Quantidades e percentagens totais das tipologias das lucernas

Em torno das décadas centrais do século I, tem lugar um processo de transformação que afeta profundamente a organização dos territórios provinciais. No espaço correspondente ao norte de Portugal, o número de lucernas importadas diminui globalmente, mas assiste-se a uma difusão geográfica mais ampla e equilibrada das novas variantes tipológicas. Nesta fase, destacam-se as lucernas do tipo Loeschcke IV, que perduraram até aos inícios do século II em locais como Braga (18 exemplares) e Monte Mozinho (1 exemplar).

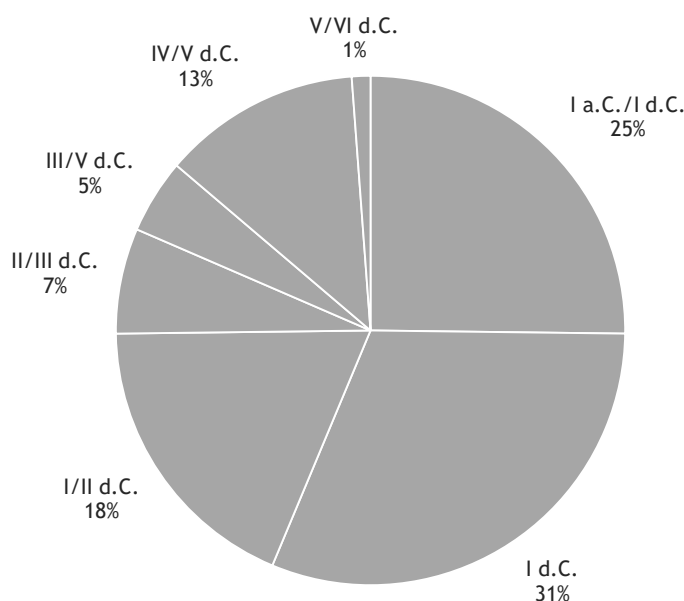
Entre os meados do reinado de Cláudio e os inícios do período Flávio, imperam as lucernas derivadas do tipo Dressel 3 (ou tipo “Andújar”), com 20 exemplares recolhidos nas cidades de Braga, Chaves e Bragança, nos povoados de Monte Mozinho, Guifões e Briteiros, e nos complexos mineiros da Serra de Santa Justa e Tresminas. Apenas 1 exemplar provém da necrópole de Monteiras, em Penafiel.

Do ponto de vista estratigráfico encontramos exemplares do tipo Loeschcke IV em estratos da 2ª metade do século I, acompanhados de outros tipos de lucernas, geralmente minoritários. Este é o caso de variantes de volutas Loeschcke I C (2 exemplares), Loeschcke V (6 exemplares), Dressel 10 (1 exemplar), Deneauve VF (1 exemplar), Deneauve V G (5 exemplares) e Deneauve IVD/VE (1 exemplar).

Nos finais do séc. I/inícios do séc.II, a variante de Loeschcke IV está ainda acompanhada de algumas (poucas) lucernas de disco do tipo Dressel 17, 18, 19 e 20) e 28, com destaque para esta última com 6 exemplares. A presença destes tipos de disco prolonga-se, cronologicamente, durante as primeiras décadas da seguinte centúria.

No século II d.C., o número de lucernas baixa consideravelmente. Como consequência, também se reduzem drasticamente as tipologias.

No **Histograma 19**, pode apreciar-se uma diferença significativa das lucernas datadas entre os finais do século I e os inícios do século II, com 25% dos exemplares, relativamente aqueles recolhidos em estratos dos séculos II e III, com apenas 7%.



Histograma 19 – Percentagem de lucernas no decorrer do período imperial

A pouca representatividade destas últimas lucernas é compensada, todavia, por uma certa variabilidade formal: lucernas de canal do tipo Loeschcke X, com 10 exemplares, e de variantes de disco, como a Dressel 28, com 6 exemplares, e Dressel-Lamboglia 30B, com 8 exemplares. Surgem ainda alguns testemunhos de lucernas mineiras de fabrico hispânico, fabricadas no Sudoeste Peninsular com 4 exemplares.

Este período caracteriza-se também por uma maior dispersão dos achados, processo que tem lugar já desde os meados do século I d.C. Embora a maior parte proceda da cidade de Braga, pequenas quantidades de lucernas documentam-se em contextos situados entre os rios Cávado e Douro, nomeadamente *Cale*, *Tongobriga*, *Oculis*, Castros de Guifões, Alvarelhos, Monte Mozinho, Penices e nas Necrópoles de Santa Eulália e Monteiras. Também se detetam lucernas em contextos mineiros, como é o caso das minas das Banjas e da Serra de Santa Justa e Pias.

Como já referimos, esta dispersão está, todavia, associada a uma menor representatividade dos exemplares importados, e, provavelmente, associada a uma descentralização produtiva nas províncias, destinadas a satisfazer as necessidades locais.

Como vimos, apesar destas circunstâncias a importação de lucernas sofre uma retoma nos séculos IV e V, apenas representada por 13% do total. As do século V/VI constituem apenas 1%.

Algumas destas lucernas são fabricadas em *terra sigillata* hispânica tardia da Forma 50, com 14 exemplares. A maioria corresponde, porém, às lucernas tardo-antigas de fabrico norte-africano, dos tipos Hayes IB e Deneauve XI B, com 21 exemplares.

A cidade de Braga concentra a maior parte destas lucernas, embora também apareçam noutros contextos, como em Picote (Miranda do Douro), Guifões (Matosinhos), Valongo (Vila da Ponte) e na Estação Arqueológica de Perrelos (Famalicão).

Como mostra a **Figura 8** e **Histograma 20**, o conjunto analisado apresenta uma distribuição significativa, ainda que com um claro predomínio na cidade de Braga, seguida de Chaves, Penafiel e Alvarelhos. Os restantes contextos proporcionaram apenas poucos vestígios, por vezes de meros achados isolados sem contexto estratigráfico.

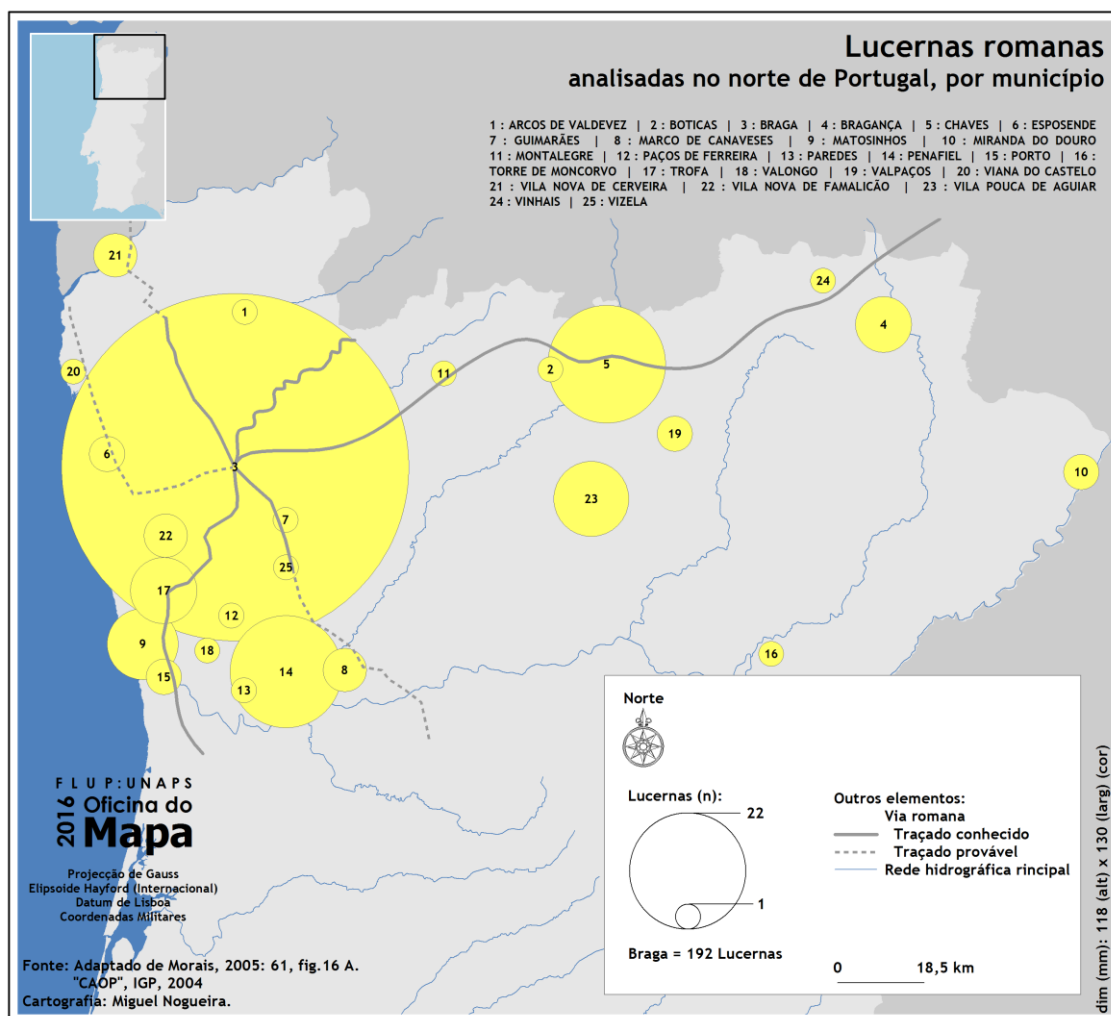
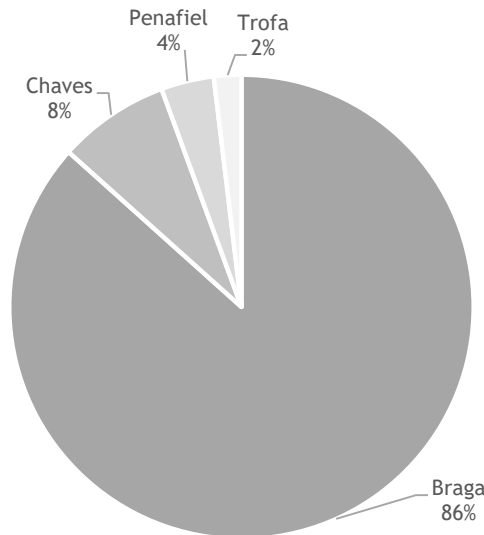


Fig. 8 – Lucernas encontradas por município no norte de Portugal



Histograma 20 – Sítios com maior percentagem de achados

A dispersão das lucernas no território estudado permite constatar uma maior concentração nos centros urbanos, à semelhança de outros contextos conhecidos na Península (Morillo Cerdán, 1999: 315).

Na **Figura 9** e **10** podemos observar uma forte concentração em Braga, evidenciando a cidade como o centro de redistribuição das lucernas importadas, como se de uma plataforma viária se tratasse. Daí se dispersavam ao longo da rede fluvial, com destaque para os vales dos rios Ave e Tâmega, e terrestres, principalmente ao longo das vias XVI e XVII, e pela via que fazia a ligação de *Bracara Augusta* a *Emerita Augusta*, passando por *Tongobriga*. Destas, *Bracara Augusta* destaca-se como capital de convento jurídico no alto-império e capital da província da *Gallaecia* no baixo-império, justificando assim a referência de Ausónio (*Ausónio Ordo XIV*) como *Dives Bracara*.

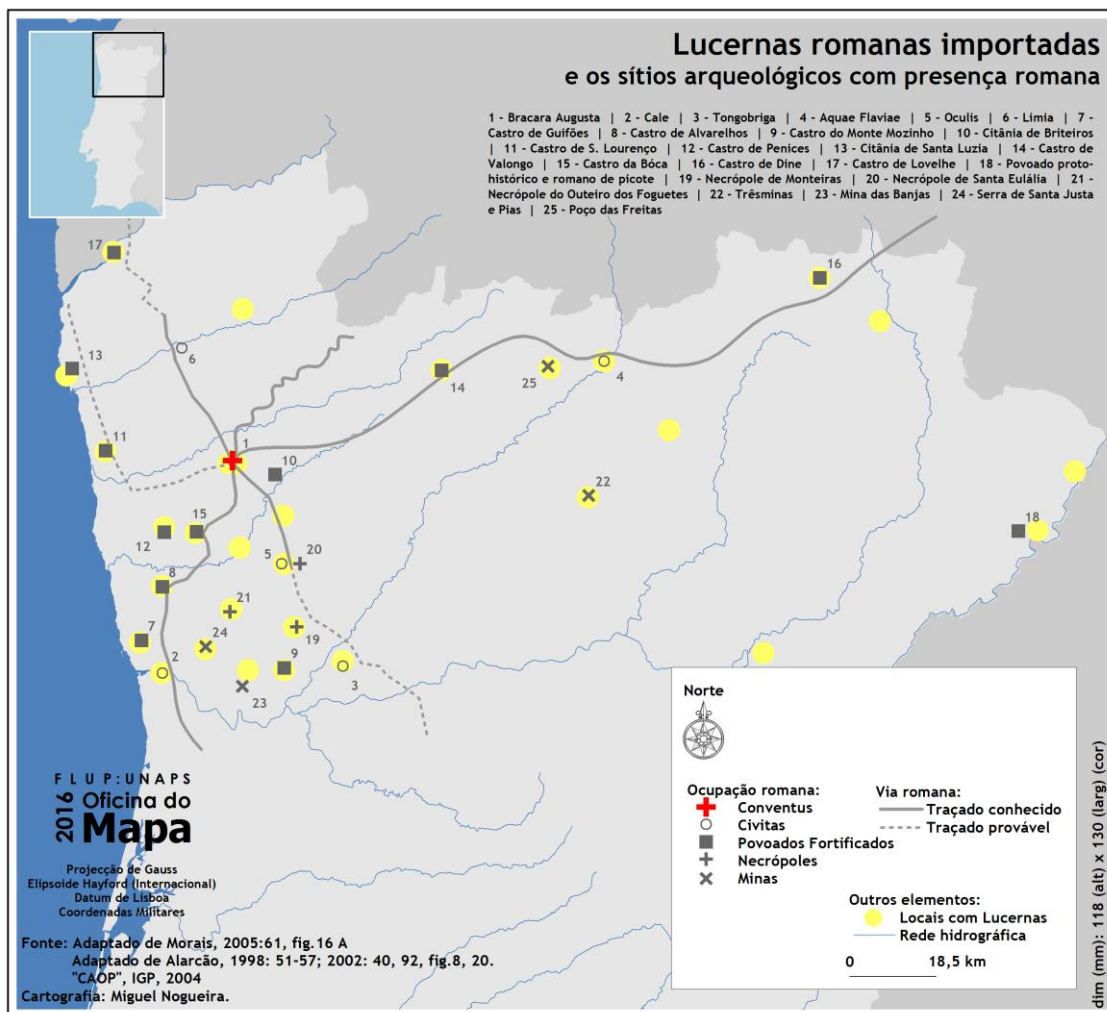


Fig. 9 – Locais de proveniência das lucernas e sua distribuição na rede viária e fluvial

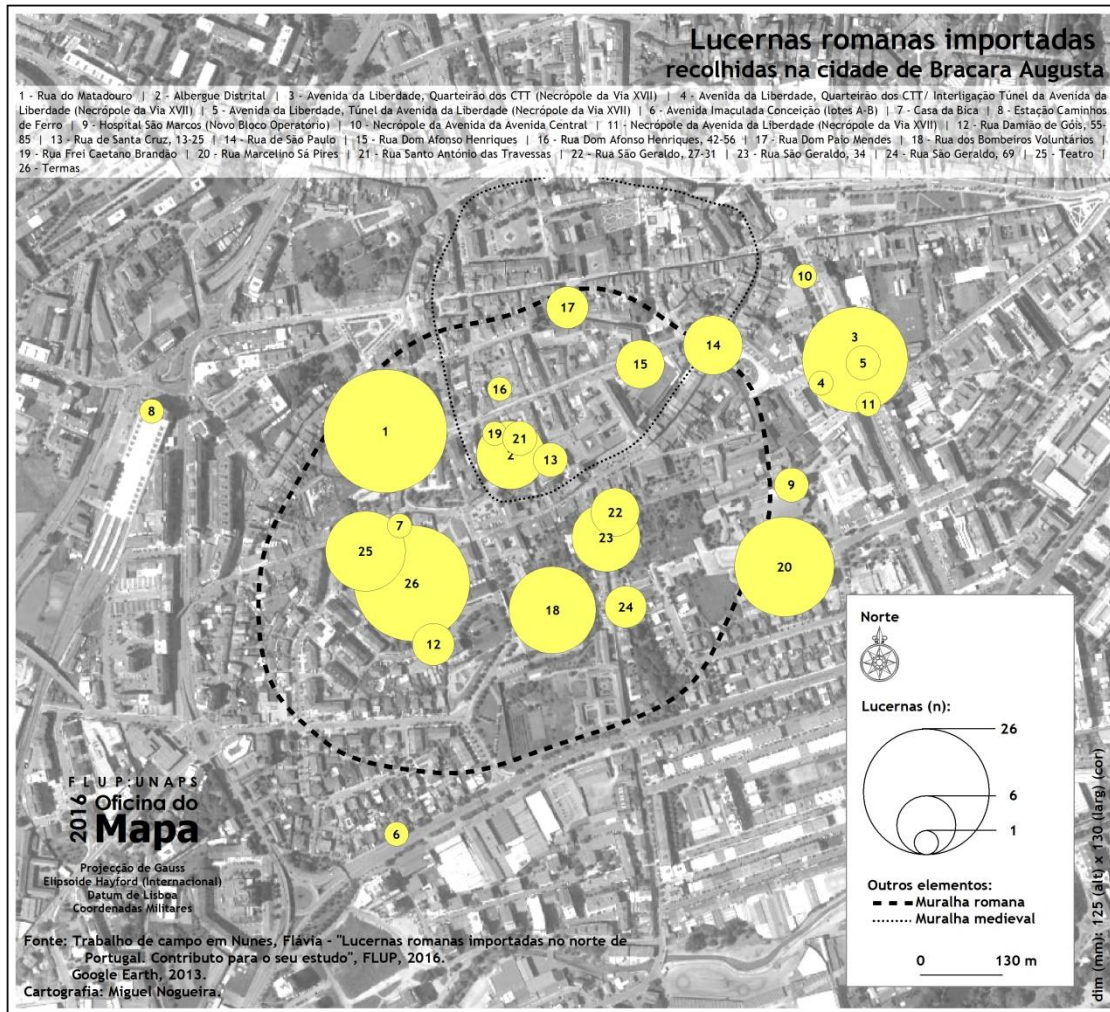


Fig. 10 - Distribuição das lucernas importadas na cidade de Braga⁴

Do conjunto estudado destacamos uma vez mais as importações itálicas, seguidas das de produção peninsular, do Vale do Ebro e da Bética, e de proveniência norte-africana, em particular do centro produtor de *El-Mahrine*.

Naturalmente que estas lucernas chegaram não só como resultado de um mercado à escala “global” do mundo romano, que uniu comercialmente todo o império, mas também como resultado da presença cada vez mais efetiva dos romanos na Península e a gradual afirmação dos poderes locais.

⁴ 1- Carvalheiras; 2 - Albergue Distrital; 3 - Quarteirão dos CTT; 4 - Quarteirão dos CTT/ Túnel da Av.Lib; 5 - Túnel da Av.Lib; 6 - Av.Imaculada Conceição; 7 - Casa da Bica; 8 - Est. Caminhos-de-ferro; 9 - Novo Bloco Operatório; 10 - Necrópole da Avenida Central; 11 - Necrópole da Avenida da Liberdade; 12 - Praia das Sapatas; 13- Edifício Cardoso da Saudade; 14 - Cardoso da Saudade; 15 - Cerca do Seminário de Santiago; 16 - R.D.Afonso Henriques, nº 42-56; 17 - Sé Catedral; 18 - Cavalariças; 19 - Rua Frei Caetano Brandão; 20 - Quinta do Fajal; 21 - R.S.António das Travessas; 22 - R.S.Geraldo, nº 27-31; 23 - R.S.Geraldo, nº 34; 24 - Colégio da Sagrada Família; 25 - Teatro; 26 - Termas

Referências bibliográficas

- ABASCAL, J.M. (1989) - Lucernas romanas de Segobriga. *Segobriga III: la muralla norte y la puerta principal. Campañas 1986-1987*, Cuenca, pp. 299-341.
- ABREU, J. (2002) – *Necrópoles romanas do Território Português*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- ALARCÃO, A. (1971) - Lucernas romanas no Museo Machado de Castro. In *Conimbriga*, vol. X: 79-84.
- ALARCÃO, A; PONTE, S. (1976) – As lucernas romanas do Paço Ducal de Vila Viçosa. Faculdade de Letras do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. In *Conimbriga*, vol. XV, pp.73-90.
- ALARCÃO, J. (1988b) – *O domínio romano em Portugal*. Publicações Europa-América. Lisboa, p.27.
- ALARCÃO, J. (1995-96) – As civitates do Norte de Portugal. In *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 12-13, pp.25-30.
- ALARCÃO, J. (1998a) – Ainda sobre a localização dos *Populi* do *Conventus Bracaraugustanus*. In *ACC9*, pp.51-57.
- ALMEIDA, C. A. B.; RAMALHO, P. (2015) – *Memorias Arqueológicas do Forte de Lovelhe 1985 – 2015*, Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira.
- ALMEIDA, C. A. B. (1990) – *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, nº 7/8, Viana do Castelo.
- ALMEIDA, C. A. B. (2000) – *A arqueologia proto-histórica e romana do concelho de Vila Nova de Cerveira*, p.143.
- ALMEIDA, C. A. B. (2003) – *Povoamento romano do Litoral Minhoto entre o Cávado e o Minho*. Dissertação de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia apresentada à FLUP, vol. VII, Porto.

ALMEIDA, C.A.F. (1974) – *Escavações no Monte Mozinho (1974)*, Centro Cultural de Penafidelis, Penafiel, pp.48-49.

ALMEIDA, CAF (1975-76) – *Escavações no Monte Mozinho II*. Centro Cultural de Penafidelis, Penafiel, 1977, pp.5-38.

ALMEIDA, D. F. (1970) - Minas de ouro na ‘Gallaecia’ portuguesa. *Coloquio Internacional de Romanistas*. Catedral de San Isidoro, León: Instituto Leones de Estudios Romano-Visigóticos.

ALMEIDA, J. A. F. (1953) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal. In *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Nova série, II.

ALVAREZ-OSSORIO, F. (1942) - Lucernas o lámparas antiguas de barro cocido del Museo Arqueológico Nacional. In *Archivo Español de Arqueología*, vol. XV, pp. 271-287.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1983) - *Representaciones literarias sobre lucernas romanas*. XVII Congreso Arqueológico Nacional, Logroño, pp. 739- 748.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1984) - *Lucernas romanas de Bílbilis*, Nueva Colección Monográfica “F”, vol. 6, Zaragoza.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1985) - Representaciones relativas al ejército y a la guerra sobre lucernas romanas”. In *Temas de Historia Militar (I Congreso de Historia Militar)*, vol. I, Zaragoza, pp.74-80.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1986a) - Lucernas romanas de procedencia desconocida en colecciones aragonesas. In *Boletín el Museo de Zaragoza*, vol. 5 (*Homenaje a Antonio Beltrán*), pp. 209-258.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1986b) - Lucernas romanas de Navarra. In *Trabajos de Arqueología Navarra*, vol. 5, pp.176-193.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1986c) - Numismática y cerámica romanas: relaciones iconográficas. *In Estudios en homenaje al Dr. Antonio Beltrán Martínez*, Zaragoza, pp. 851-858.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1987a) - *Lucernas romanas de la Rioja*, Instituto de Estudios Riojanos, vol. VI. Logroño.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1987b) - Lucernas en *terra sigillata* hispánica. *XVIII CNA*, Zaragoza.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1987c) - Lucernas romanas del extremo sur del Convento Jurídico Caesaraugustano: provincias de Guadalajara y Madrid. *In Wad-al-Hayara*, vol. 14, pp.9-34.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1987d) - Notas sobre la presencia romana en Guipúzcoa: lucernas de Irún”. *Munibe*, vol. 39: 129-137.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1988) - *Lucernas romanas en Aragón*, Instituto Fernando el Católico, Zaragoza.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1988-89) - Notas sobre un posible taller de lucernas romanas en Córdoba. *In Ifigea*, vol. V-VI: 103-115.

AMARÉ TAFALLA, M^a. (1989-90) - Lucernas romanas en Hispania (las lucernas romanas de cerámica en la Península Ibérica hasta el siglo IV: introducción y elementos de trabajo”. *In Anas*, vol. 2-3, pp.135-172.

AMARÉ TAFALLA, M^a. e GARCIA MARCOS, V. (1994) - Una producción de lucernas en Asturica Augusta. *In Zephyrus*, vol. XLVII, pp.273-285.

AMARÉ TAFALLA, M^a. e LIZ GUIRAL, J. (1994) - *Representaciones arquitectónicas en lucernas romanas*, León.

APRAIZ, R. de (1958) - Lucernas romanas en el Museo Numantino. *Revista Archivo Bibliotecas y Museos*, vol. LXV, pp. 607-613.

ARXE, J. (1982) - *Les llànties tardo-republicaines d'Empúries*, Barcelona.

BAILEY, D. M. (1975) - *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, I: Greek, Hellenistic and Early Roman pottery lamps*, London.

BAILEY, D. M. (1980) - *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, II: Roman Lamps made in Italy*, British Museum London.

BAILEY, D. M. (1988) – *A Catalogue of the Lamps in the British Museum, III. Roman Provincial Lamps*, Londres.

BAILEY, D.M. (1996) – *A catalogue of the lamps in the British Museum, IV: Lamps of metal and stone, and lampstands*, British Museum, Londres.

BAIRRÃO, J.M. (1952) - *Catálogo de lucernas romanas*. Museu Machado de Castro, Coimbra.

BALIL, A. (1968-69) - Marcas de ceramista en lucernas romanas halladas en España. In *Archivo Español de Arqueología*, vol. 41-42, pp. 158-178.

BALIL, A. (1969) – Estudios sobre lucernas romanas I. Seminário de Arqueologia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Santiago de Compostela. In *Studia Archaeologica* 2.

BALIL, A. (1980) - Estudios sobre lucernas romanas II. Departamento de Prehistoria e Arqueologia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid. In *Studia Archaeologica*, vol. 62, Santiago de Compostela, pp.5-31.

BALIL, A. (1982) – Estudios sobre lucernas romanas III. Departamento de Prehistoria e Arqueologia, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid. In *Studia Archaeologica* 70, pp.5-17.

BALIL, A. (1984) – Estudios sobre lucernas romanas IV. Universidad de Valladolid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. In *Seminario de Estudios de Arte y Arqueologia*, pp.189-196.

BARBERA, M. e PETRIAGGI, R. (1993) - *Museo Nazionale Romano. Le lucerne tardo-antiche di produzione africana*, Cataloghi dei Musei e Gallerie d'Italia, Roma.

BARTOLI, P. e BELLORI, J. (1691) - *Le antiche lucerne sepolcrali figurate raccolte dalle cave e grotte di Roma*, Roma.

BASSETT, S. (1903) - The Cave at Vari VI. The terracotta lamps. In *AJA*, vol. 7, pp. 338-349.

BATATA, C. (2009) - Resultados das escavações arqueológicas de 2007 e 2008 realizadas no complexo mineiro romano de Tresminas e Jales. In *Revista Aquae Flaviae*, N.º41, pp. 417-430.

BATATA, C.; BORGES N.; CORREIA, H.; SOUSA A. (2008) - *Carta Arqueológica do concelho de Vila Pouca de Aguiar*, Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar, pp. 9-14; 22-24; 134-36; 164-66.

BELCHIOR, C. (1969) - *Lucernas romanas de Conimbriga*, Coimbra: Museu Monográfico de Conimbriga.

BELTRÁN LLORIS, M. (1966) - Lucernas romanas del Museo Arqueológico de Zaragoza. In *Caesaraugusta*, vol. 27-28, pp.77-88.

BELTRAN LLORIS, M. (1978) - *Las lucernas. Cerámica romana: tipología y clasificación*, Libros Pórtico, Zaragoza, pp.179-187.

BELTRAN LLORIS, M. (1990) – *Lucernas. Guía de la cerámica romana*, Libros Pórtico, Zaragoza, pp. 263-277.

BEMONT, C. (2003) - *Les lampes de Glanum*, *Revue Archéologique Narbonnaise supp.*, vol. 34, Montpellier.

BERGES, M. (1963) - Un lote de lucernas ingresado en el Museo Arqueológico de Barcelona. In *Ampurias*, vol. XXV, pp. 234-240.

BERGES, M. (1989) - *Les lampes de Montans (Tarn). Une production céramique des I^{er}. et II^e. siècle ap. J. C.: modes de fabrication, typologie et chronologie*, Editions de la Maison des Sciences de l' Homme, Documents d'Archéologie Française, vol. 21, Paris.

BERNAL CASASOLA, D. (1993) - Lucernae Tarraconenses: las lámparas romanas del Museu Nacional Arqueològic y del Museu i Necròpolis Paleocristians. In *Butlletí Arqueològic Tarragona*, época V, vol. 15, pp. 59-298.

BERNAL CASASOLA, D. (1995) – Economía lychnológica hispana: valoración actual del proceso de manufactura de lucernas en época romana y su inserción en el contexto mediterráneo. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (1) Porto, pp. 369-396.

BERNAL CASASOLA, D. y GARCÍA GIMÉNEZ, R. (1995) - Talleres de lucernas en *Colonia Patricia Corduba* en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas. In *Anales de Arqueología Cordobesa*, vol. 6, pp. 175-216.

BONIFAY, M. (2004) - *Etudes sur la céramique romaine tardive d' Afrique*, British Archaeological Reports, Londres, pp.312-428.

BONNET, J. (1982) - La production d' un atelier de lampes romaines en terre cuite". *Céramique antique en Gaule. Actes du Colloque de Metz*: 107-131.

BONNET, J. (1988) - Lampes céramiques signées. Definition critique d' ateliers du Haut Empire, *Documents d' Archéologie Française*, vol. 13, La Maison des Sciences de l' Homme, Paris.

BONNET, J. e DELPLACE, C. (1983) - Etude d' une production de lampes en Gaule. In *Gallia*, vol. 41, I, pp.167-189.

BONNET, J. e DELPLACE, C. (1989) – *Les lamps*. Conseil General de Haute-Garonne, Collections du Musée Archéologique départemental de Saint-Bertrand-de-Comminges, vol. 2.

BOTELHO, H. (1987) – Antiguidades de Trás-os-Montes 2 – sepulturas romanas de tijolos. In *O Archeologo Português*, pp.69-72.

BRAGA, C. (2010) – *Rituais funerários em Bracara Augusta: o novo núcleo da necrópole da Via XVII*. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.

BRAGA, C. (2014). A cerâmica romana do balneário da rua D. Afonso Henriques: estudo preliminar da sequenciação cronológica e ocupacional do edifício (Braga, Portugal). *Monografias EX OFFICINA HISPANA II*, tomo I, pp. 483-505.

BRANDÃO, J. (1988) - *Atas do Seminário, Arqueologia e Museologia Mineiras* Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro, pp. 57-68.

BRANTS, J. (1913) - *Antieke Terracotta Lampen uit het Rijksmuseum van Oudheden te Leiden Bechsreven*, Leiden.

BRUNEAU, P. (1965) - *Les lampes, Exploration archéologique de Délos*, vol. XXVI, Paris.

BUCHI, E. (1975) - *Lucerne romane del Museo di Aquileia I. Lucerne romane con marchio di fabbrica*, Aquileia.

CAETANO, J. C. (1993) - *Lucernas romanas da Villa Cardílio (Torres Novas)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Arqueologia. Técnicas de Investigação Arqueológica.

CAETANO, J. (2001) – *Lucernas romanas de Conímbriga. Escavações de 1963-1970*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, área de especialização em Arqueologia Romana, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

CAETANO, J. (2002) - Lucernas da necrópole romana da Lage do Ouro (Crato). In *Conimbriga*, vol. 41, pp. 197-217.

CALO LOURIDO, F. (1997) – *A cultura castrexa. História de Galicia*, 2ª edição, Vigo: Ediciones a Nosa Terra.

CARDOZO, M. (1954) – A propósito da lavra de ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana. In *Revista de Guimarães*, volume LXIV; números 1-2, p.113.

CARDOZO, M. (1990) – *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, 11ª edição, Guimarães.

CARNEIRO, S. (2013) – *As termas medicinais romanas de Chaves*. Arqueologia em Portugal 150 anos. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Chaves, pp.793-802.

CARRE, F. (1985) - Les lampes en terre cuite d' Alesia. Collections des musées d' Alesia. In *Revue Archéologique de l'Est et du Centre-Est*, vol. 36, 3-4, pp. 277-297.

CARRETERO, S. (1989) - Lucernas romanas con paisajes de influência alejandrina: temas pastoriles. In *Boletín de Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. LV, pp.149-165.

CARRETERO, S. (1991) - Lucernas romanas con paisajes de influência alejandrina: temas marítimos. In *Boletín Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. LVII, p.193.

CARRETERO, S. (2000) - *El campamento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora). La ceramica*, Zamora.

CASTRO, L. A. (1946) – Um achado romano – lucernas. *Estudos, Notas e Trabalhos*, vol. II, fasc.3, Porto, pp.108-110.

CASTRO, L. A. (1960) – Lucernas mineiras. In *Estudos, Notas e Trabalhos dos Serviços de Fomento Mineiro, Serviço de Fomento Mineiro, Direção Geral de Geologia e Minas*, Lisboa, vol. XIV, pp.281-294.

CASTRO, L. A. (1961) – Achados romanos na mina do Fojo das Pombas (Valongo). In *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*. Porto, vol. XV (3-4), pp. 431-448.

CAUSEUS, M. A. (1746) - *Romanum Museum II*, V, *Aenae Antiquorum Lucernae*, Roma.

CEREZA, E. (2005) – *Lucerna Antiguidades Romanas 2. Vidrios, Antiguidades Romanas 3*, Madrid.

CERULLI, G. (1977) - Officina de lucerne fittili a *Pompei*. L' *Instrumentum Domesticum di Ercolano e Pompei* nella prima età imperiale, In *Quaderni di Cultura Materiale*, vol. 1, Roma, pp. 53-72.

CHYZANOVSKI, L. (2000) - *Lumieres antiques. Les lampes à huile du Musée romain de Nyon*, Nyon.

CHYZANOVSKI, L. (2006) – *Lumière. L'éclairage dans l'antiquité*, Milano.

CLARIANA, F. (1976) - Les llánties de la villa romana de Torre Llauder (Mataró). In *Miscellànies Arqueològiques de Mataró i El Maresme*, vol. 1, Mataró, pp.41-84.

CORZO, R. (1981-82) - El ceramista Caius Iunius Dracus. In *Boletín del Museo de Cádiz*, vol. 3, pp.55-60.

CORREIA, A. (1916) – Sobre alguns objetos proto-históricos e lusitano-romanos especialmente de Alpiarça e Silvã. In *O Archeologo Português*, Lisboa,21, pp.336-337.

CORTEZ, R. (1951) – As escavações arqueológicas do “Castellum” da Fonte do Milho. Contributo para a Demografia Duriense. In *Separata dos Anais do Instituto do Vinho do Porto* (vol.1), Edição do Instituto do Vinho do Porto, Porto.

COUTO, H.; SOEIRO, T. (2005) – O ouro na região do Baixo Douro (Portugal): da serra das Banjas à serra das Flores – um património natural e histórico a preservar. In *III Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, Porto, pp.119-130.

CUNHA, A. *et al.* (2014) – Salvamento de *Bracara Augusta*. Rua D. Afonso Henriques, 42-56 (Braga). In *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M/Memórias*, Nº48, pp.47,58,185.

DE CAROLIS, E. (1988) - *Lucerne greche e romane*, Roma.

DELGADO, M. (1984) - Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante. In *Lucerna*. Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão. Porto, pp. 179-196.

DELGADO, M. (1985) - Marcas de oficinas de *sigillatas* encontradas em Braga. In *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho /Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, série II: 2, pp. 9-40.

DELGADO, M. (1987) - Noticia preliminar sobre o salvamento no quarteirão da Rua Gualdim Pais, In *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 4, 1987, pp.187-199.

DELGADO, M. (1988) - Contribuição para o estudo das cerâmicas romanas tardias do Médio Oriente encontradas em Portugal. In *Cadernos de Arqueologia*, Braga, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho / Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, série II: 5, pp. 35-49.

DELGADO, M.; MORAIS, R. (2009) - Guia das Cerâmicas de produção local de Bracara Augusta, CITCEM, pp. 103-105.

DENEAUVE, J. (1969) – *Lampes de Carthage*, CNRS, Paris.

DIAS DE CARVALHO, A. (1978) - Quatro exemplos de jazidos auríferos portugueses. *Congresso 78 da Ordem dos Engenheiros, Tema 3, Comunicação 2*. 22-29 Novembro, Porto, p. 1-25.

DIAS DIOGO, A.M. (1980) – *Cerâmica romana de Alcácer do Sal -1*, G.E.C.A., Lisboa.

DIAS DIOGO, A. M. e DE SEPULVEDA, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1983/93 do teatro romano de Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 3, 1, pp. 153-161.

DIAS, L. (1997) – *Tongobriga*. Ed.1, IPPAR Ministério da Cultura.

DINIS, A.P. (1993) – *Ordenamento do território do Baixo Ave no I milénio a.C.*, Porto, pp.68-70.

DOMERGUE, C. (1990) - *Les mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine*, École Française de Rome – 127, Paris – Roma.

DRESSEL, H. (1899) - *Corpus inscriptionum latinarum, XV, 2: inscriptiones, urbis romae latinae: instrumentum domesticum: Partis Posterioris*, fasciculos I. Berlim.

FARIÑA, B. (1976) - Lucernas romanas de los museos de Orense y Pontevedra. In *Boletín Avriense*, Ano IV, p. 131-148.

FALLOLA, L. e MURCIANO, J. M. (2010) - Nuevas lucernas del Museo Nacional de Arte Romano. In *Anas*, vol. 23, pp.37-64.

FARKA, C. (1977) - *Die römischen Lampen vom Magdalensberg*, Kärntner Museumschriften 61, Klagenfurt.

FERNANDEZ CHICARRO, C. (1952-53) - La colección de lucernas antiguas del Museo Arqueológico de Sevilla. In *Memorias Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. XIII-XIV, pp. 61 124.

FERNÁNDEZ OCHOA, C. (1993) - *La ciudad hispanorromana en los territorios setentrionales de la península ibérica. La ciudad hispanorromana*. Barcelona: Ministerio de Cultura / Àmbit Servicios Editoriales, S. A., p. 225-245.

FERNANDEZ, J.; MANERA, E. (1979) – Lucernas romanas del Museo Arqueológico de Ibiza. In *Trabalhos do Museo Arqueológico de Ibiza*, Ministerio de Cultura, Direccion Ganeral del Patrimonio artístico Archivos y Museos, IBIZA.

FERREIRA, O. da V. TEIXEIRA, A. (1955) – “Sobre uma lucerna romana de bronze da Mina de Jales. In *Revista de Guimarães*. Guimarães, vol. LXV, nº 3-4, pp. 392-398.

FIGUEIREDO, M. (1974-77) - Lucernas romanas de Alcácer do Sal. In *O Arqueólogo Português*, vol. VII-IX, pp.347-354.

FITCH, C. e GOLDMAN, N. W. (1994) - *Cosa: The Lamps*, Memoirs of the American Academy in Rome, vol. XXXIX, Roma.

FOGLIATO, D. (1989) – Colegno Romana, Lions Club Rivoli Valsusa Gruppo Archeologico «AD QUINTUM» Collegno, pp.9-39.

FONTES, L. e RORIZ, A. (2010) – *O castro. Castelo de Vieira (Cantelães, Vieira do Minho*, relatório UAUM.

FONTES L.; MARTINS M.; ANDRADE F. (2010) – Salvamento de *Bracara Augusta*. Quarteirão dos CTT/ Interligação Túnel Avenida da Liberdade. Relatório Final. In *Trabalhos arqueológicos da UAUM/ Memórias*, 2, Braga.

FONTES, L. (2013) - Proposta de Programa para a Conservação, Estudo, Valorização e Divulgação do Complexo Mineiro Antigo do Vale Superior do Rio Terva, Boticas. In *Trabalhos da U.A.U.M. / Memórias*, 40, Braga.

FREIRE, R. (1959) - As lucernas do cemitério lusitano-romano de Valdoca, Aljustrel. In *Arqueologia e Historia*, vol. VIII, pp. 155-172.

FREMERSDORF, F. (1922) - *Römische Bildlampen unter besonderer Berücksichtigung einer neuentdeckten Mainzer Manufaktur*. Ein Beitrag zur Technik und Geschichte der frühkaiserzeitlichen Keramik, Forschungen zur Kunstgeschichte Westereuropas, vol. 5, Bonn- Leipzig.

GARABITO, T., AMARE TAFALLA, M^a e SOLOVERA, M^a. (1993) - La producción de lucernas en Tricio. In *Estrato. Revista Riojana de Arqueología*, vol. 5, pp. 35-40.

GARCIA GIMÉNEZ, R., BERNAL, D. e MORILLO CERDÁN, A. (1999) - Consideraciones sobre los centros productores de lucernas tipo Andújar: análisis arqueométrico de materiales procedentes de los Villares de Andújar (Jaen) y de la

Submeseta Norte. In J. Capel (ed.): *Arqueología y Arqueometría. Segunda Reunión de Arqueometría. Primer Congreso Nacional*, Granada, pp. 187-196.

GENOVER, J. e SOLER FUSTÉ, V. (2006) - *Llànties romanes d'empúries. Materials augustals i alto-imperials*, Monografies Emporitanes, vol. 13, Girona.

GIL FARRÉS, O. (1947-48) - Lucernas romanas decoradas del Museo Emeritense. In *Ampurias*, vol. 9-10, pp. 97-115.

GRANADOS, J. O. e MANERA, E. (1980) - Lucernas romanas de la colonia Barcino, I: lucernas procedentes de la Plaza del Rey y Casa Padellós (excavaciones de 1931-35). In *Quaderns Arqueologia Ciutat*, vol. XVIII, pp. 51-68.

GUALANDI, M. (1977) - *Lucerne fittili della Collezione del Museo Civico Archeologico di Bologna*, Fonti per la Storia di Bologna, Cataloghi, vol. 3, Bolónia.

HAKEN, R. (1958) - *Roman Lamps in the Prague National Museum and in Other Czechoslovak Collections*, Acta Musei Nationalis Pragae (serie A. Historia), vol. XII, 1-2, Prague.

HARRIS, W. (1980) - Roman Terracotta Lamps: the Organization of an Industry. In *JRS*, vol. LXX, pp. 126-145.

HAUTECOUER, L. (1909) - *Les lampes romaines du Musée Alaoui*. In *Gazette des Beaux-Arts*, vol. 4, II, Paris, pp. 265-271.

HAUTECOUER, L. (1910) - *Lampes*. In *Catalogue du Musée Alaoui. Supplément. Catalogues des Musées et Collections Archéologiques de l'Algérie et de la Tunisie*, vol. XV, Paris, pp. 173-277.

HAYES, J. (1980) - *Ancient Lamps in the Royal Ontario Museum: I, Greek and Roman Clay Lamps*, Toronto.

HELLMANN, M. C. (1985) - *Lampes antiques de la Bibliothèque Nationale I: Collection Froehner*, Paris.

HELLMANN, M. C. (1987) - *Lampes antiques de la Bibliothèque Nationale II: Fonds général. Lampes pré-romaines et romaines*, Paris.

HERES, G. (1972) - *Die römischen Bildlampen der Berliner Antiken-Sammlung, Schiften zur Geschichte und Kultur der Antike*, vol. 3, Berlin.

HOWLAND, R. M. (1958) - *The Athenian Agora. Result of Excavations conducted by the American School of Classical Studies at Athens, IV: Greek Lamps and their Survivals*, Princeton.

INGRASSIA, A. (1977) – *Le lucerne fittili dei Nuovi Scavi di Ercolano, Quadreni Di Cultura Materiale, L'instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale*, Roma, pp.73-104.

IVANY (1935) – *Die pannonischen Lampen. Eine typologisch – chronologische, Urbersicht*, Dissertationes pannonicae, Budapest.

LAMBOGLIA, N. e BELTRÁN, A. (1952) - Apuntes sobre cronología cerámica. In *Caesaraugusta*, vol. 3, pp. 87-89.

LE ROUX, P. (1994) - *Bracara Augusta: ville latine*. In *Trabalhos de Antropologia e Etnografia: 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas*, vol. VI. Porto, XXXIV: 3-4, pp. 229-241.

LEIBUNDGUT, A. (1977) - *Die Römischen Lampen in der Schweiz*, Berna.

LE MOS, F. S. (1993) - *O povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental* (Tese de doutoramento, policopiada) Braga: Universidade do Minho, 5.

LERAT, L. (1954) - *Catalogue des Collections Archéologiques de Besançon. I: les lampes antiques*, Annales Littéraires de l' Université de Besançon s. 2, Besançon.

LICETO, F. (1653) – *De lucernis antiquorum recenditis*, Venecia.

LIMA, A.; MEÉNDEZ, J. (2004) - *Bragança: Um Olhar sobre a história*, Bragança.

LIESSEN, B. (1994) - *Lampen aus Asberg, Funde aus Asciburgum*, vol. 11, Duisburg.

LOESCHCKE, S. (1919) – *Lampen aus Vindonissa*. Ein Beitrag zur Geschichte von Vindonissa und des Antiken Beleuchtungswesens, Zurich.

LOPES, António (2003) – *Proto-História e Romanização do Baixo Minho*, DCTP, FLUP; p. 173.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1981) - *La colección de lucernas de la Casa de la Condesa de Lebrija (Sevilla)*. In *Studia Archeologica*, vol. 67, Valladolid.

LÓPEZ RODRÍGUEZ, J. R. (1982) - Cuatro lucernas hispanorromanas. In *Homenaje a Conchita Fernández Chicharro*, Madrid, pp. 379-390.

LOURENÇO, M. (2012) – *Objetos do quotidiano de Bracara Augusta*. Relatório de Estágio, 2º ciclo em Arqueologia apresentado à Universidade do Minho.

LUZÓN, J. (1967) - Lucernas romanas de Rio Tinto. In *Archivo Español de Arqueología*, vol. 40, pp.138-150.

MACHADO, J. (2006) – *Crónica da Vila Velha de Chaves*, 3ª edição, Chaves, pp.27-61.

MAIA, G. P.; MAIA, M. (1997) - *Lucernas de Santa Bárbara*. Núcleo de arqueologia da Cortiçol, Castro Verde: Edição Cortiçol.

MANTAS, V. (1996) - *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga*. Braga: Universidade de Coimbra: Faculdade de Letras, Coimbra, Tese policopiada, I.

MARCONI COSENTINO, R. e RICCIARDI, L. (1993) - Catacomba di Comodilla. Lucerne e altri materiali dalle gallerie. In *Studia Archeologica*, nº 66, Roma.

MARICATO, C. (1995) – A Mineração Romana no extremo ocidental do Império, In *Troogle - Boletim da Associação de estudos subterrâneos e defesa do ambiente*, p.4.

MARTÍN, G. (2005) - *Lucernas Vidrios – Antiguedades Romanas II*; Real Academia de la Historia, Catálogo del Gabinet de Antiguedades. Madrid.

MARTINS *et al.* (2010) – Salvamento de Bracara Augusta. Quarteirão dos CTT/Avenida da Liberdade. In *Relatório Final, Trabalhos arqueológicos da UAUM*, Memórias 1, Braga.

MARTINS, C. (2008) - *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga, vol. I e II.

MARTINS, C. (2014) – Paisagens Mineiras em Portugal. Balanço da investigação. In *Actas do Simpósio Internacional: paisagens mineiras antigas na Europa Ocidental*, PAVT, Boticas, pp.17-25.

MARTINS, J. (1992) – *Materiais para a História do concelho de Boticas. Concelho de Boticas a sua História*, Edição da Câmara Municipal de Boticas, Boticas, p.20; 41.

MARTINS, J. (1995) - *Moimenta da Raia: uma aldeia comunitária em evolução e mudança*. Braga: Junta de Freguesia de Moimenta.

MARTINS, M. (1990) - O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado. In *Cadernos de Arqueologia: Monografias*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho / Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, 5.

MARTINS, M. (2000) - *Bracara Augusta: cidade romana*. Braga: Universidade do Minho.

MARTINS, M. (2001) - Arqueologia urbana de Braga: uma experiência multidisciplinar em busca de Bracara Augusta. In *Actas do Ier Simposi Patrimoni i Turisme Cultural*. Arqueologia viva de las civitats de l'Antiguitat. Lérida.

MARTINS, M. e DELGADO, M. (1996) Bracara Augusta: Uma Cidade na Periferia do Império. In *Los Finisterres Atlanticos en la Antigüedad: Época*

Preromana e Romana: Actas do Colóquio Internacional de Arqueologia. (coord. Cármen Fernandez Ochoa), Gijón: Electra, 121-127.

MARTINS, M.; DELGADO, M (1989/90a) – Historia e Arqueologia de uma cidade em devir: Bracara Augusta, In *cadernos de arqueologia*, série II, /7, Braga.

MARTINS, M.; DELGADO, M. (1989/90b) - As necrópoles de Bracara Augusta. Os dados arqueológicos. In *Cadernos de Arqueologia*, nºs 6/7 série 2, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga, pp. 41.

MENZEL, H. (1954) - *Antike Lampen in Römisch-Germanischen Zentralmuseum zu Mainz*, Mainz.

MERCANDO, L. (1962) - *Lucerne greche e romane dell'Antiquarium Comunale*, Roma.

MÍNGUEZ, J. A. e MAYAYO, A. (2014) - Evidencias de la fabricación de lucernas en la ciudad tardorrepública de La Cabañeta (El Burgo de Ebro, Zaragoza). In *Monografías Ex Officina Hispana II*, tomo I, Braga, pp. 151-164.

MODRZEWSKA, I. (1988) – Lucernas tardoantigas en la colección del MAN. In *Boletín del Museo Arqueológico*. Madrid: MAN. Tomo VI, nº 1 e 2.

MODRZEWSKA, I. (1989) - Lucernas escogidas del Museo Arqueológico de Alicante y Elche. In *Boletín Seminario Estudios de Arte y Arqueología*, vol. LV, pp. 216-245.

MORAIS, R. (1997) – Sobre a hegemonia do vinho e a escassez do azeite no Noroeste Peninsular nos inícios da Romanização. In *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 14-15, pp. 75-182.

MORAIS, R (1997-98) – Importações de cerâmicas finas em *Bracara Augusta*: da fundação até à época flávia. In *Cadernos de Arqueologia*, série II, 14-15, Braga, pp.47-135.

MORAIS, R. (1997-98b) – Estudo de duas lucernas vidradas de época romana encontradas em *Bracara Augusta*. In *Cadernos de Arqueologia*. Braga, série II, vol. 1415, pp. 165-173.

MORAIS, R. (1998a) – As ânforas da zona das Carvalheiras. Contribuição para o estudo das ânforas romanas de *Bracara Augusta*. In *Cadernos de Arqueologia, Monografias*, 8, Braga.

MORAIS, R. (1998b) – As ânforas béticas em *Bracara Augusta*, *Congresso Ex Baetica Amphorae*, Sevilha, no prelo.

MORAIS, R. (2004) - Um caso único em marcas de lucernas – uma figlina em *Bracara Augusta* documentada pela oficina de Lucretius. In *Conimbriga*, vol. 42, pp. 227-240.

MORAIS, R. (2005) - *Autarcia e comércio em Bracara Augusta*, *Bracara Augusta*. Escavações Arqueológicas, vol. 1 e 2, Braga.

MORAIS, R. (2008) - *A colecção de lucernas romanas do Norte de África no Museu D. Diogo da Sousa*, Coimbra.

MORAIS, R. (2010) – Estudio preliminar de la *Terra Sigillata* Hispánica Tardía de *Bracara Augusta*, *Rei Cretariae Romanae Favtorum*, Acta 41, pp.437-461.

MORAIS, R. (2011) - *A colecção de lucernas romanas do Museu de Évora*, Coimbra.

MORAIS, R. (2012a) - Las lucernas de producción regional de *Bracara Augusta*. In *Cerámicas Hispanorromanas*, vol. II, Cádiz, pp. 369-391.

MORAIS, R. (2012b) – Braga. In ALARCÃO, Jorge – *Dicionário de arqueologia Portuguesa*, Figueirinhas, pp. 62-63.

MORAIS, R. *et al.* - (2013) - Contextos Ceramicos de la Transición de era y de la primera mitad del s, i provenientes de la Necrópolis de la Via xvii de Bracara Agusta. In *Actes du congrès d'Amiens. Société Française d'Étude de la Céramique Antique en Gaule*, pp.312-326.

MORAIS, R.; BARBOSA, C (2008) – *Catálogo, A coleção de lucernas romanas do Norte de África do Museu D. Diogo de Sousa*, Coleção Fluir Perene, 7, Coimbra

MORAIS, R.; RIBEIRO J. (2013) – Produções cerâmicas de Bracara Augusta, In I Congresso internacional de la Secah – *EX OFFICINA HISPANA*, Fornos, olarias e centros de produção oleira na Hispania (3 a 4 de Março de 2011), Tomo II, Cádiz, pp. 193-208.

MORAIS, R.; SOUSA, M. (2014) – Arqueologia de la música: Gaita, órgão hidráulico y outros instrumentos musicales Romanos de Bracara Augusta (Braga, Portugal) In *Portugália* – Nova série; vol. 35, Porto, DCTP-FLUP; pp. 101-116.

MORAIS, R.; SOUSA, M. J. (2015) – Bracara Augusta Figlina. Capita selecta, In *Ex officina Hispana. Cuadernos de la secah*, 2; pág. 15-32.

MOREIRA, A. (2007) – *Museu municipal Abade Pedrosa. Coleção arqueológica*, Câmara Municipal de Santo Tirso, Santo Tirso.

MOREIRA, A. (2009) - *Castellum Madae. Formação e desenvolvimento de um “aglomerado urbano secundário” no ordenamento do povoamento romano entre Leça e Ave*, Santiago de Compostela.

MOREIRA, A.; SILVA, A. (2010) – A Romanização do Vale do Rio Leça, In *O Rio de Memória – Arqueologia no Território do Leça*, Câmara Municipal de Matosinhos- Gabinete Municipal de Arqueologia e História, pp. 125-198.

MORENO JIMENEZ, F. (1991) - *Lucernas romanas de la Bética*, Universidad Complutense, Madrid.

MORILLO CERDÁN, A. (1990) - En torno a la tipología de lucernas romanas: problemas de nomenclatura. In *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 17, pp. 143-167.

MORILLO CERDÁN, A. (1992) - *Cerámica romana de Herrera de Pisuerga (Palencia, España): las lucernas*, Santiago de Chile.

MORILLO CERDÁN A. (1993), A. – Una nueva produccion de lucernas en la Peninsula Iberica: el taller militar de *Herrera de Pisuergra* (Palencia, España). In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: S.P.A.E. vol. 33 (1-2), pp. 351-364.

MORILLO CERDÁN A. (1996) - *Lucernas vidriadas de época romana en la Península Ibérica: dos ejemplares inéditos depositados en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid*. AUISEK. 2, pp. 29-44.

MORILLO CERDÁN A. (1999) - *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica: contribución al conocimiento de la implantación romana en Hispania*. Monographies Instrumentum. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl, 8/2: I e II.

MORILLO CERDÁN, A. (2003) – Lucernas. In *Astorga IV*. Arqueologia Leonesa, I série (dir. M^a Teresa Amaré Tafalla), León: Electra, 9-569.

MORILLO CERDÁN, A. (2012) - Una nueva producción de lucernas de canal en *terra sigillata* hispánica en el norte de la Península. D. Bernal y A. Ribera (eds.). In *Cerámicas Hispanorromanas*, vol. II, Cádiz, pp. 299-308.

MORILLO CERDÁN, A (2015) - Lucernas romanas en Hispania: entre lo utilitário y lo simbólico. In *Manual de cerâmica romana II – Cerámicas romanas de época alto imperial en Hispania. Importación y producción*, Madrid.

NAVEIRO LÓPEZ, J. (1991) – O comércio marítimo na Galicia romana: O rexistro arqueológico. *Ciclo de Conferencias de Arqueoloxia Subacuática*. Vigo: Escola Taller de Mergullo Científico, pp. 21-27.

NUNES, J.; FABIÃO, C. (1988) – *O acampamento militar romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Arganil: Museu Regional de Arqueologia.

NUNES, J.; FABIÃO, C. (1990) – As lucernas do acampamento militar romano da Lomba de Canho – Arganil. In *Revista Conímbriga*. Conímbriga, vol. XXIX, pp. 69-90.

OLEIRO, B. (1952) – *Catálogo de lucernas romanas*, Museu Machado de Castro, Coimbra, pp.7-46.

OZIOL, Th. e REBUFFAT, R. (dirs.) (1987) - *Lampes en terre cuite en Méditerranée des origins a Justinien* (Colloque du C.N.R.S. 1981), Travaux de la Maison de l' Orient, vol. 13, Lyon.

PALANQUES, M^a L. (1992) - *Las lucernas de Pollentia*, Palma de Mallorca.

PALOL, P. (1948-49) - La colección de lucernas romanas de cerámica procedentes de Ampurias en el Museo Arqueológico Provincial de Gerona. In *Memorias Museos Arqueológicos Provinciales*, vol. IX-X, pp. 233-65.

PARRA, M^a C. (1983) - La fornace di Savignano sul Panaro. In *Misurare la terra. Centuriazione e coloni nel mondo romano. Il caso Modenese*, Modena, pp.103-108.

PAVOLINI, C. (1977) - *Le lucerne fittili romane del Museo Nazionale di Napoli* "L'Instrumentum Domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale", Quaderni di Cultura Materiale, vol. 1, Roma, pp. 68-72.

PAVOLINI, C. (1981) - Le lucerne nell' Italia romana. In *Società romana e produzione schavistica, II: merci, mercati e scambi nel Mediterraneo*, Bari-Roma: pp. 139-184 e 278-288.

PAVOLINI, C. (1982) - Lucerne italiche a Delo nel II-I sec. A .C. In *Delo e l' Italia. Raccolta di Studi a cura di Coarelli, Nusti, Solin*, Opuscula Instituti Romani Finlandiae, vol. II, pp. 147.

PAVOLINI, C. (1992) - Prime esperienze di analisi di laboratorio sulle lucerne fittili del Museo Nazionale Romano. In *Arqueologia della Ceramica. Problemi di Metodo. Atti 8° Simposio Internazionale della Ceramica*, Rímini, pp. 115-117.

PAVOLINI, C. e ANSELMINO, L. (1981) -*Terra sigillata*. Lucerne. Atlante delle forme ceramiche I. Ceramica fina romana nel bacino mediterraneo (Medio e Tardo Impero). In *EAA*, Roma, pp. 184-208.

PEREIRA, C. (2008) – *As Lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, volume I e II.

PERLZWEIG, J. (1961) - *Lamps of the Roman Period*. The Athenian Agora, VII, Princeton.

PILO, Ch. (2014) – Una lucerna configurata da Gabii: valenze apotropaiche di un singolare strumento per l'illuminazione. In *ArcheoArte*, 3, pp. 173-181.

PINTO, A. (2002) – Bronzes figurativos romanos de Portugal, [S.I], Fundação Calouste Gulbenkian; pp.70-71, 245, EST.99-100.

PINTO, G. (1996) – *A Necrópole de Montes Novos – Croca*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, p.312 (nº25).

PINTO, G. (1998) – A necrópole romana de Montes Novos/ Croca, Penafiel. In *Cadernos do Museu*, 2, Penafiel, p.187-240.

PINTO, J. (1993) - *A Mineração do ouro em época romana nas Serras de Santa Justa e Pias (Valongo)*, pp. 287-311.

PINTO, R. (1929) - Museu Martins Sarmento. In *Revista Guimarães*, nºs 3/4, vol. 39, Publicação da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, pp. 169; 181.

PITA, L. (1993) – Lucernas inéditas da necrópole romana do monte do Farrobo (Aljustrel). In *Vipasca*. Aljustrel, nº 2, pp. 61-72.

PITA, L. (1995) - Un conjunto de lucernas da “Casa do Procurador” (Aljustrel). In *Vipasca*.

PODVIN, J. (2011) - *Luminaire et cultes isiaques*. In *Monographies Instrumentum*, vol. 44, Montagnac.

PONSICH, M. (1961) – *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane, Rabat*. Publications du service des antiquités du Maroc, Fascicule 15.

POVEDA NAVARRO, A. M. (2012) - La producción de lucernas en el sureste peninsular: primeros datos. In *D. Bernal y A. Ribera (eds.): Cerámicas Hispanorromanas*, vol. II, Cádiz, pp. 353-368.

POVEDA NAVARRO, A. M. (2013) - La oficina de lucernas romanas de Elo (El Monastil, Elda, Alicante) en los siglos I a.C./I d.C. D. Bernal, *et alii.* (eds.): *Hornos, talleres y focos de producción alfarera en Hispania*, vol. II. In *Monografías Ex Officina Hispana I*, Cádiz, pp. 455-468.

POZO, S. (1997) – Lucernas antiguas en bronce de la Baetica: ensayo de clasificación: Tipología y cronología. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología: BSAA*, N.63, pp.203-251.

QUEVEDO SÁNCHEZ, A. (2012) - Lucernas a torno de época imperial: una producción singular de Carthago Nova. In *D. Bernal y A. Ribera (eds.): Cerámicas Hispanorromanas*, vol. II, Cádiz, pp. 325-352.

REDENTOR, A. (2002) – Epigrafia Romana na região de Bragança. *Trabalhos de Arqueologia*, 24, Lisboa, pp.13-32.

REDENTOR, A. (2011) – *A cultura epigráfica no conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis)*. Percursos pela sociedade Bracara da época Romana, I, Tese de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp.25-60.

RIBEIRO, A. (1974) - *Contribution á l'étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental*, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória; 24 – nova série).

RIBEIRO, F. (1960) – *Lucernas romanas de Peroguarda (Ferreira do Alentejo)*, pp.3-26

RIBEIRO, J., FERNÁNDEZ, A., CUNHA, A., MARTINS, M., MAGALHÃES, F., & BRAGA, C. (2014) - A cerâmica romana do balneário da rua D. Afonso Henriques: estudo preliminar da sequenciação cronológica e ocupacional do edifício (Braga, Portugal). As produções cerâmicas de imitação na Hispania. In *Monografias EX OFFICINA HISPANA II*, tomo I, pp. 483-505.

RICCI, M. (1974) - Per una cronologia delle lucerne tardo- repubblicaine. In *Studi Liguri*, vol. XXXIX, 2-4, pp. 168-234.

RIVET, L. (2003) - *Lampes antiques du Golfe de Fos*, Aix-en-Provence.

RODRÍGUEZ COLMENERO, A. (1997) – *Aquae Flaviae: II. O tecido urbanístico da cidade romana*. Chaves: Câmara Municipal, pp.115-116.

RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (1996) - *Materiales de un alfar emeritense: paredes finas, lucernas, sigillatas y terracotas*. In *Cuadernos Emeritenses*, vol. 11, Mérida.

RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2002) - *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano*. In *Monografías Emeritenses*, vol. 7, Madrid.

RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2005a) - Las lucernas de la villa romana de Torre Águila (Barbaño, Badajoz). In *Cuadernos Emeritenses*, vol. 30, Mérida.

RODRÍGUEZ MARTÍN, G. (2005b) - *Lucernas. Antigüedades romanas 2*, RAH, vol. 2, Madrid.

RODRIGUEZ NEILA, J. F. (1977) - Serie de lucernas de Osuna. In *Habis*, vol. 8, pp. 385-97.

RODRIGUEZ NEILA, J. F. (1978-79) - Lucernas romanas expuestas al público en el Museo Arqueológico de Córdoba. In *Corduba*, vol. 7, pp. 5-74.

ROMAN, C. (2009) – *Lampi din Dacia Porolossensis*, Ed. Mega, Cluj-Napoca, pp.71-72.

ROMERO CARNICERO, M^a V. (1989) - Las lucernas republicanas de los campamentos de Numancia. In *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. LV, pp.257-290.

ROSENTHAL, R. e SIVAN, R. (1978) - *Ancient Lamps in the Schloessinger Collection*, QEDM. Monographs Institute Archaeology, Jerusalem.

SALOMONSON, J. W. (1968) - Etudes sur la céramique romaine d'Afrique. Sigillée claire et céramique commune de Henchir el Ouiba (Raqqada) en Tunisie Central. In *Bulletin van den vereeniging tot bevordering der kennis van de antike Beschairing*, vol. XLIII, pp. 80-145.

SANTOS JÚNIOR, J. (1978) – Estação Arqueológica do Olival das Fragas, Quinta da Terrincha – Vilariça – Moncorvo. In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIII – FASC.II e III, Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa» - Faculdade de Ciências, Porto, pp.235-252.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, V. (2000) – *Lucernas romanas. Torres Vedras*: Câmara Municipal de Torres Vedras / Museu Municipal Leonel Trindade.

SEPÚLVEDA, E.; SOUSA, V. (2001) – Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal de Torres Vedras: as lucernas. In *Conimbriga*, XL, pp.239-282.

SERRANO, L. (2011) - *lucernas, candis e candeias – para uma distribuição geográfica no território português*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

SILVA, A. C. F. (1986) – Paços de Ferreira - as origens do povoamento: do megalitismo à romanização. In *Paços de Ferreira. Estudos monográficos*, volume 1, pp.131- 132.

SILVA, A. C. F. (2000) - Proto-história e romanização do Porto. In *Al-madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, II série: 9 (outubro), p. 94-103.

SILVA, A. C. F. (2007) - *A cultura castreja do noroeste de Portugal. Paços de Ferreira*, Câmara Municipal de Paços de Ferreira, 2ª edição.

SILVA, M.; FELIX, N. (2008) - Mineração Romana no concelho de Paredes. In *Oppidum*: Número especial, pp.66-81.

SOEIRO, T. (1984) – Monte Mozinho. Apontamentos sobre a ocupação entre Sousa e Tâmega em época romana. *Boletim Municipal de Cultura*, 3ª série, nº1, Penafiel.

SOEIRO, T. (1985/86) - Contribuição para o inventário arqueológico do concelho de Paredes, In *Portugália*; pp.107-115

SOEIRO, T. (1988) – *Monte Mozinho – sítio arqueológico*, Penafiel, p.31-32.

SOEIRO, T. (2009/2010) - Monteiras (Bustelo). Uma necrópole com dois mil anos, In *Cadernos do Museu*, nº12 – 13. Penafiel: Museu Municipal.

SOEIRO, T. (2015) – *A preferência pela Inumação nas Necrópoles Romanas dos Séc. III – IV d.C. do Município de Penafiel (Norte de Portugal); Arqueologia de transição: o mundo funerário*; pp.159-174.

SOTGIU, G. (1968) - *Inscrizioni latine della Sardegna, II: Instrumentum Domesticum. 1. Lucerne, CIL Suppl. Vol. X, Padova.*

SOTOMAYOR, M. (1981) - Los alfares romanos de *Los Villares de Andujar*, Noticiario Arqueologico Hispanico; Ministerio de educacion y ciência Direccion General de bellas Artes; Vol. 11; pp.307-368.

SOTOMAYOR, M., PEREZ CASAS, A. e ROCA, M. (1976) - Los alfares romanos de Andújar (Jaén): Dos nuevas campañas. In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, vol. 4, pp. 111-147.

SOTOMAYOR, M., ROCA, M. y SOTOMAYOR, A. (1979) - Los alfares romanos de Andújar. Campañas de 1974, 1975 y 1977. In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, vol. 6, pp. 443-497.

SOTOMAYOR, M., ROCA, M., SOTOMAYOR, A. e ATIENZA, R. (1981) - Los alfares romanos de *Los Villares de Andújar* (Jaén, campaña 1978-9). In *Noticiario Arqueológico Hispánico*, vol. 11, pp.307-16.

SOUSA, A. (2005) – *Terra de Aguiar de Pena. Das origens ao Povoamento e à Formação do Concelho – contributo para uma monografia do concelho de Vila*

Pouca de Aguiar, edição da livraria e papelaria Aguiarense, Vila Pouca de Aguiar, p.121-148.

SOUSA, J. J. R. (1965-66) - Acerca de um molde de lucerna. In *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto, XX: 1-2, p. 165-172.

SOUSA, J. J. R. (1966) - Subsídios para o estudo da arqueologia Bracarense. In *Lucerna*. Porto: Centro de Estudos Humanísticos, 5, p. 589-99.

SOUSA, J. J. R. (1969) - Novo molde de lucernas aparecido em Braga. In *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto, XXI, p. 309-311.

SOUSA, J. J. R. (1982) – *Subsídios para o estudo das olarias de Bracara Augusta*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

SZENTLELEKY, T. (1969) - *Ancient Lamps*, Mèlanges d'Archéologie et d'Histoire, vol. I, Budapest.

TEIXEIRA, C. (1938) - Subsídios para a Arqueologia Bracarense II – Lucernas. In *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, nº 8, 3/4, Porto, pp. 379.

TEIXEIRA, C. (1941) – Notas arqueológicas sobre as minas de ouro das Banjas (na Serra de Valongo). In *Revista Prisma*, Porto, ano 5, nº1, pp.1-2.

TEIXEIRA, R. (1996) – *De Aquae Flaviae a Chaves*. Dissertação de Mestrado apresentada à FLUP, Porto, p.111.

TRANOY, A. (1981) - *La Galice romaine: recherches sur le Nord-Ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris: De Boccard (Publications du Centre Pierre Paris; 7. Collection de la Maison des pays ibériques; 7).

TRANOY, A. (1985) - *Centralisme, decentralisation ou provincialisation? L'exemple de deux régions atlantiques d'Auguste à Constantin: l'Aquitaine et la Galice*. Madrid, pp. 51-75.

VALENZA MELE, N. (1977) – *Le lucerne di bronzo del Museo di Napoli*, Quadreni Di Cultura Materiale, L'instrumentum domesticum di Ercolano e Pompei nella prima età imperiale, Roma, pp.157-161.

VASCONCELOS, J. (1980) - *Etnografia portuguesa: tentame de sistematização*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Vol. 3.

VASCONCELLOS, J. (1913) - *Religiões da Lusitânia*, vol. III, ed. 1988, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa.

VÁZQUEZ PAZ, J. (2012) - Producción de lucernas altoimperiales de Hispalis: el taller de la plaza de la Encarnación de Sevilla. *Cerámicas Hispanorromanas*, vol. II, Cádiz, pp.309-324.

VEGAS, M. (1966) – *Novaesium II. Die römischen Lampen von Neuss*, Limesforschungen, vol. 7, Berlin, pp.63-127.

VIEIRA, V. (2011) – *As Lucernas Romanas da Praça da Figueira (Lisboa): Contributo para o conhecimento de Olisipo*. Dissertação de 2ºciclo, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, pp. 19-109.

WAHL, J. (1998) - *Aspetos tecnológicos da indústria mineira e metalúrgica romana de Três Minas e Campo de Jales*, Vila Pouca de Aguiar.

WALDHAUER, O. (1914) - *Die antiken Tonlampen. Kaiserliche Ermitage*, San Petersburgo.

WALTERS, H. B. (1914) – *Catalogue of the Greek and Roman lamps in the British Museum*. Londres.

ZARZALEJOS, P. (1992-1994) – Lucernas romanas inéditas del Museo de Santa Cruz (Toledo). In *Lvcentvm*, XI-XIII, p.131-144.

Estampas

NOTA: Autoria dos desenhos técnicos/fotografias

Desenhos do autor – nº 1, 4, 6-8, 10, 17-18, 20-22, 31, 34-35, 38, 45-48, 57, 58, 63, 64, 66, 69, 71, 72-75, 82, 93, 103-105, 107, 112, 115-120, 122-124, 134-137, 139-141, 147, 155, 161-172, 179, 181, 184-186, 188, 190, 193-200, 202, 203, 205, 219, 221, 224, 226, 228, 234-236, 241, 242

Autoria do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa - nº 3, 5, 9, 11-16, 19, 24-30, 33, 36, 37, 40-44, 49-56, 65, 67-68, 70, 76-80, 84-85, 87-92, 94, 96-102, 113, 115, 121, 125-129, 131-133, 138, 142-143, 149-153, 156-160, 173-178, 180, 182, 204, 213-215, 217-218, 220, 222-223, 225, 227, 229-230, 232, 237-239, 244

Autoria do Museu Nacional de Arqueologia – nº 2, 207, 210

Retirado de Teixeira (1940) - nº 23

Retirado de Lima e Menéndez (2004) – nº 32, 106, 108, 109, 233

Retirado de Moreira (2008) - nº 39, 187, 192, 206, 208, 209,

Retirado de Soeiro (1984) - nº 59, 61, 125, 183, 216,

Retirado de Soeiro (2000-2001): nº 201

Retirado de Soeiro (2009-2010): nº 240

Cedido pelo Gabinete de Arqueologia de Vila Nova de Cerveira – nº 60, 81, 191,

Cedido por Martins (2008) – nº 62, 144, 146, 148, 189, 212, 231, 245

Cedido pelo Palacete dos Viscondes de Balsemão – nº 83

Cedido pelo Gabinete de Arqueologia de Chaves – nº 86, 95

Retirado de Veiga Ferreira e Pires Teixeira (1955) - nº 110

Retirado de Almeida (1953) – nº 111

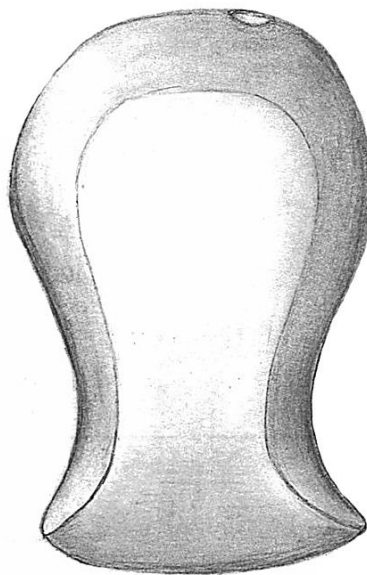
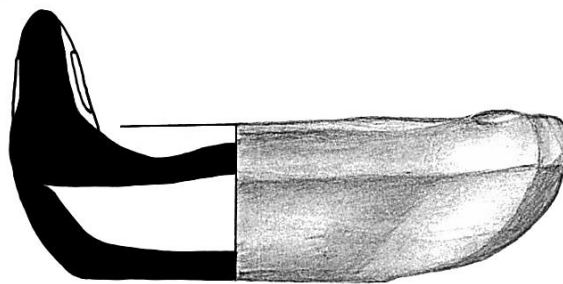
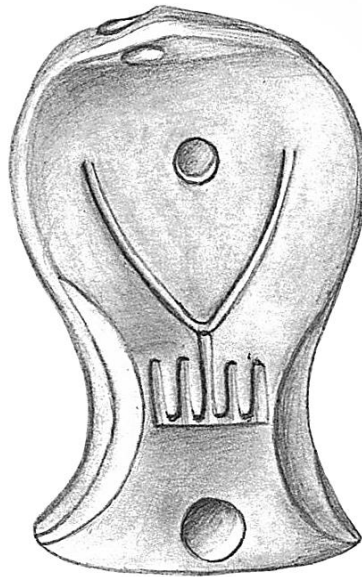
Cedido pela Casa dos Nichos de Viana do Castelo – 130

Cedido por Patrícia Machado – nº 145

Cedido por João Ribeiro (Archeo 3D) – nº 211

Retirado de Silva A. (1986) – nº 243

Est. 1



1

Esc.1:1

Est. 2



2

Esc.aprox.



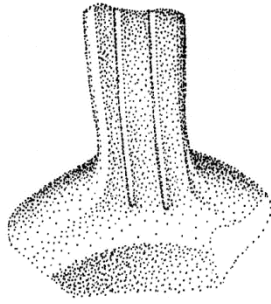
3



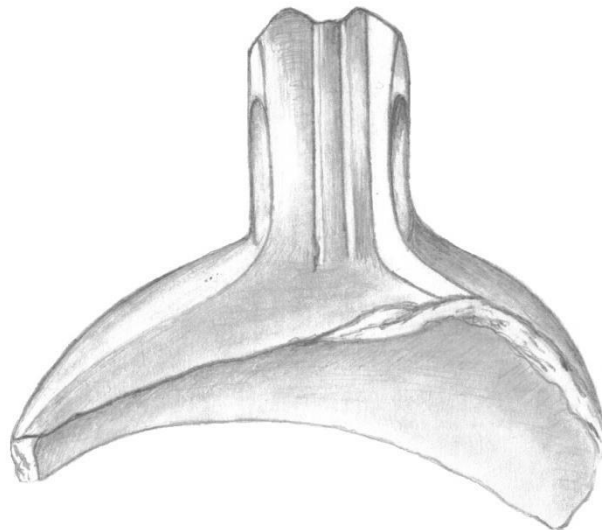
4

Esc.1:1

Est. 3



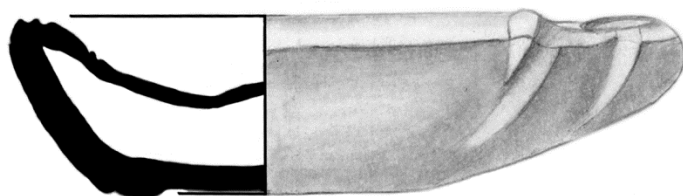
5

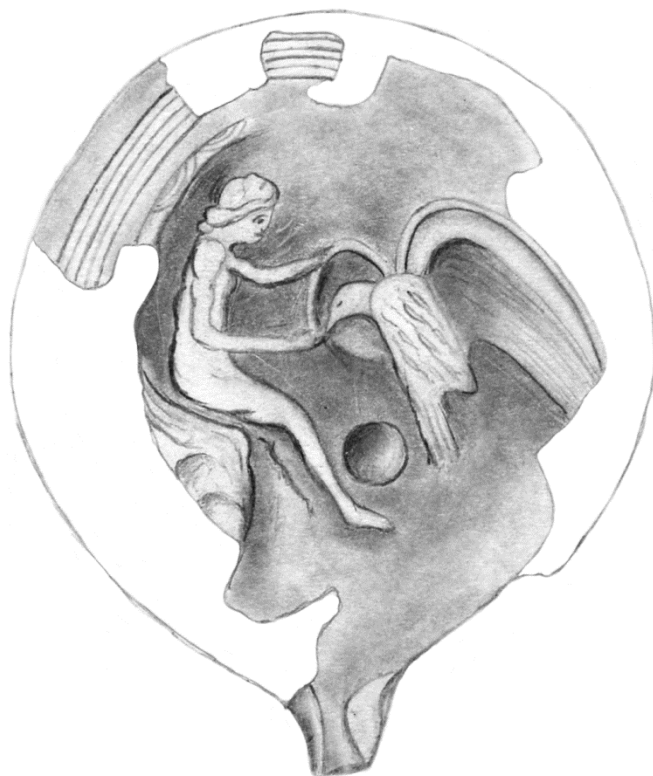


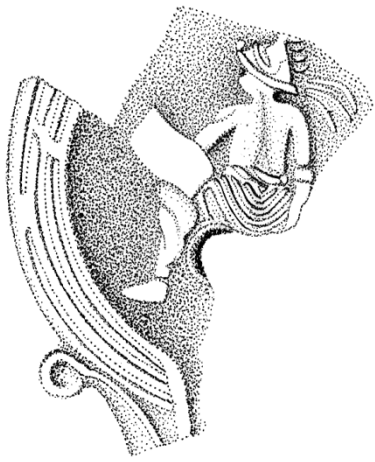
6

Esc.1:1

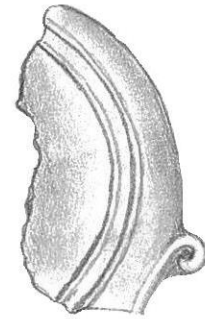
Est. 4



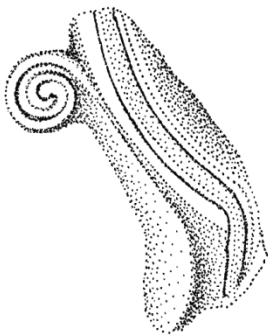




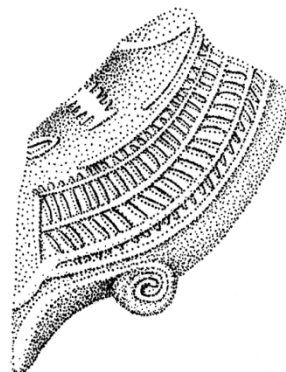
9



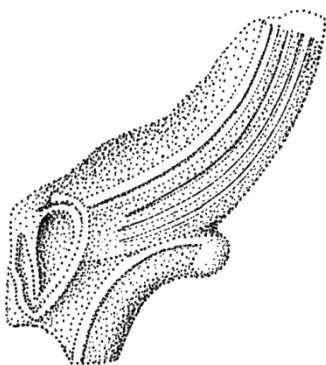
10



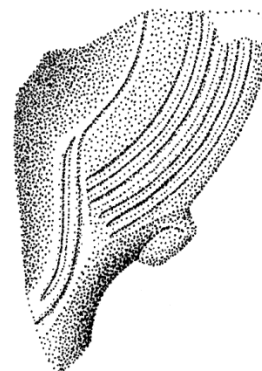
11



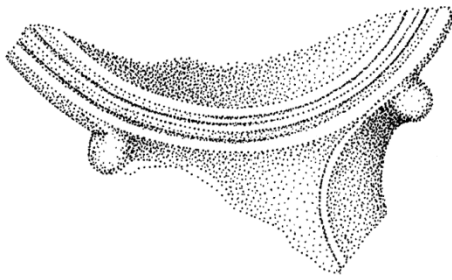
12



13



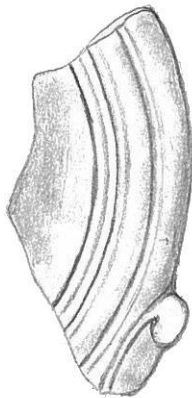
14



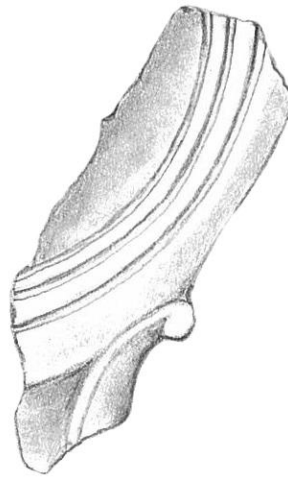
15



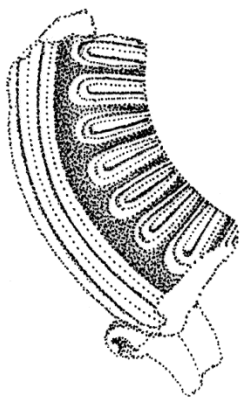
16



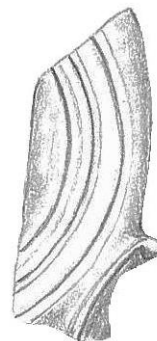
17



18



19



20



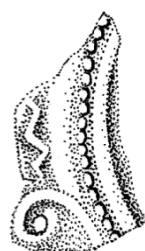
21



22



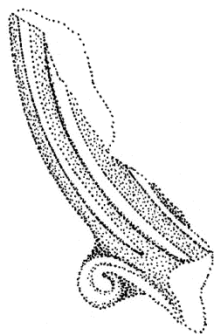
23



24

Esc.aprox.

Segundo Teixeira (1940), no fundo desta lucerna
está presente a marca de oleiro PHOETASPI



25



26

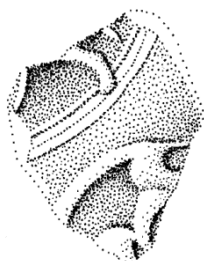
Esc.1:1



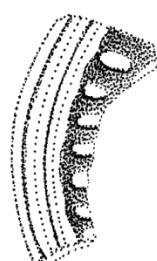
27



28



29



30



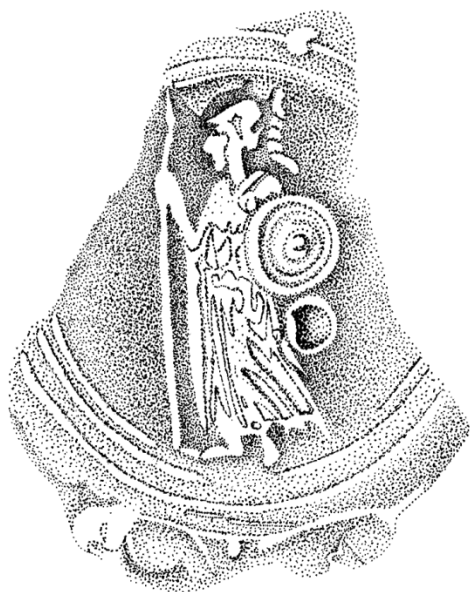
31



32

Esc.1:1

Esc.aprox.



33

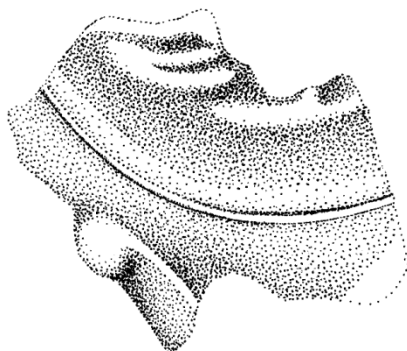


34

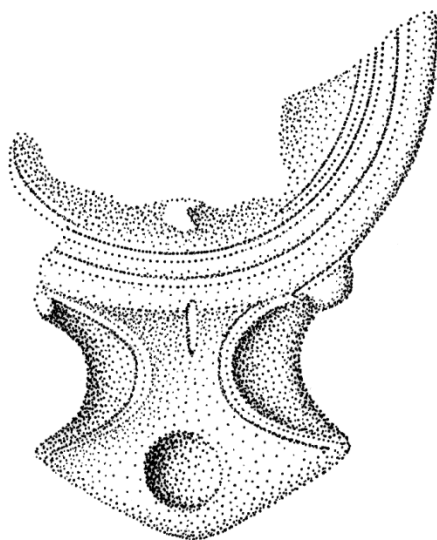


35

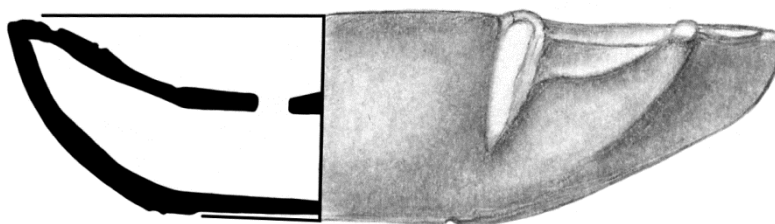
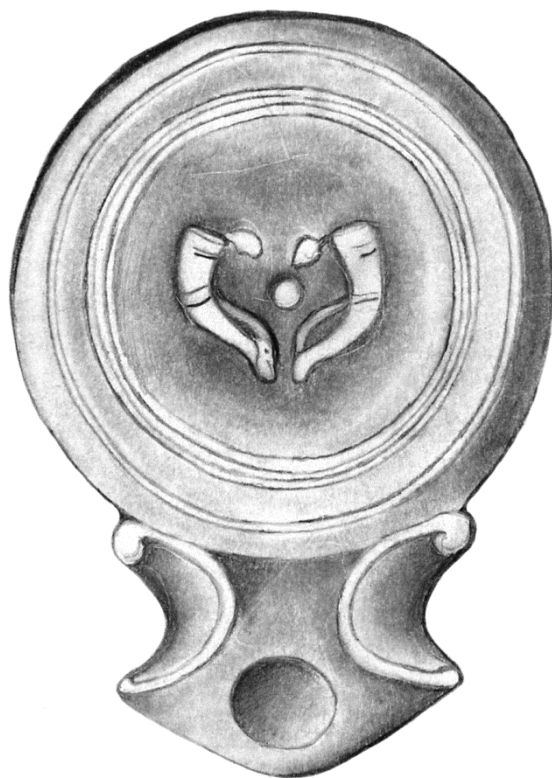
Esc.1:1



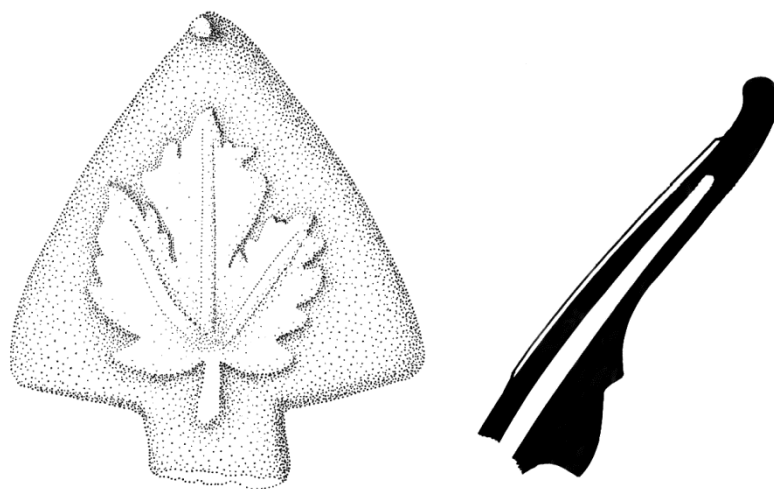
36



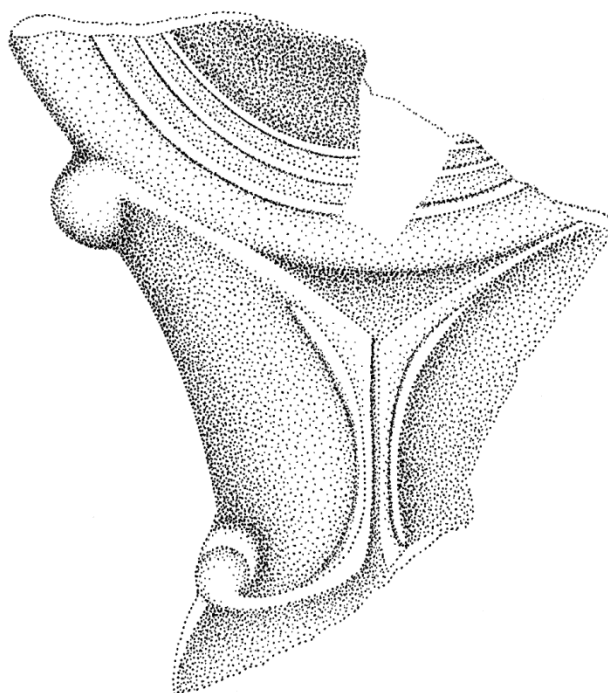
37



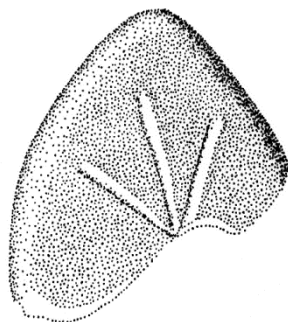




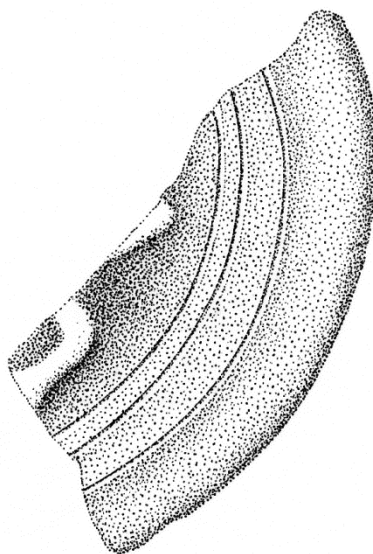
40



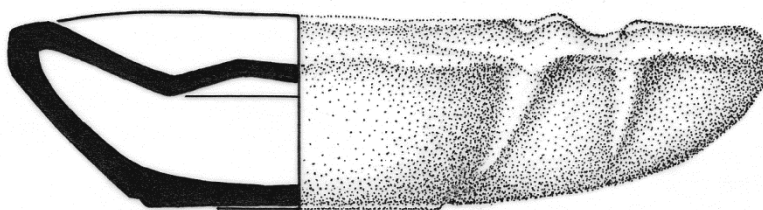
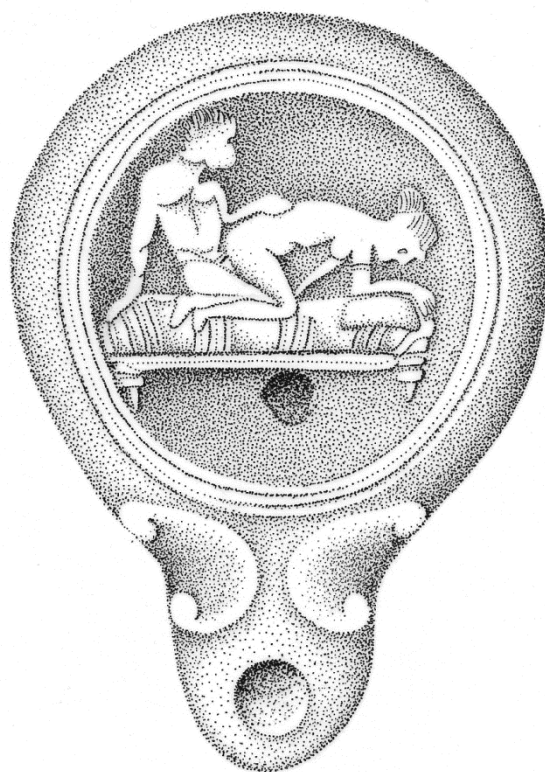
41



42

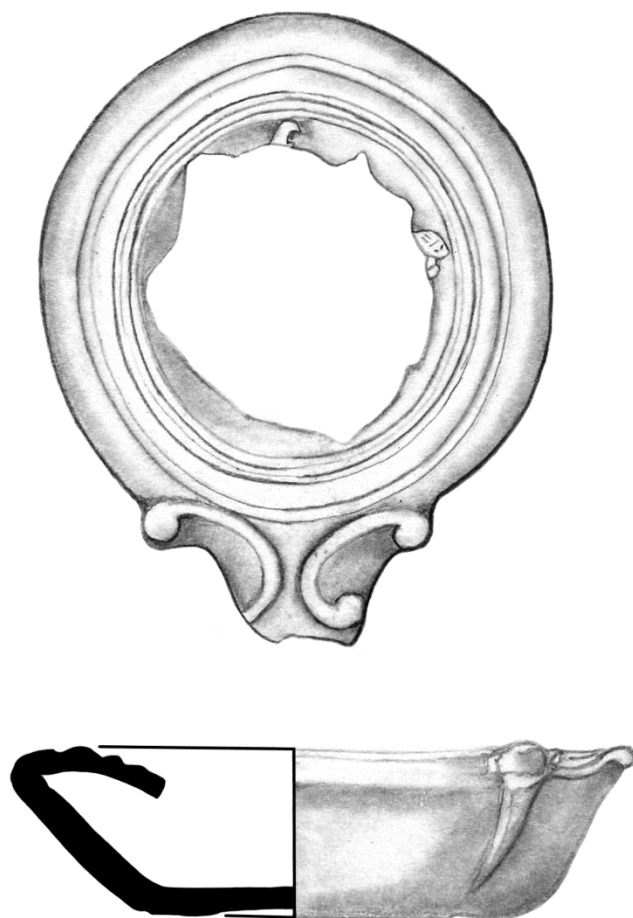


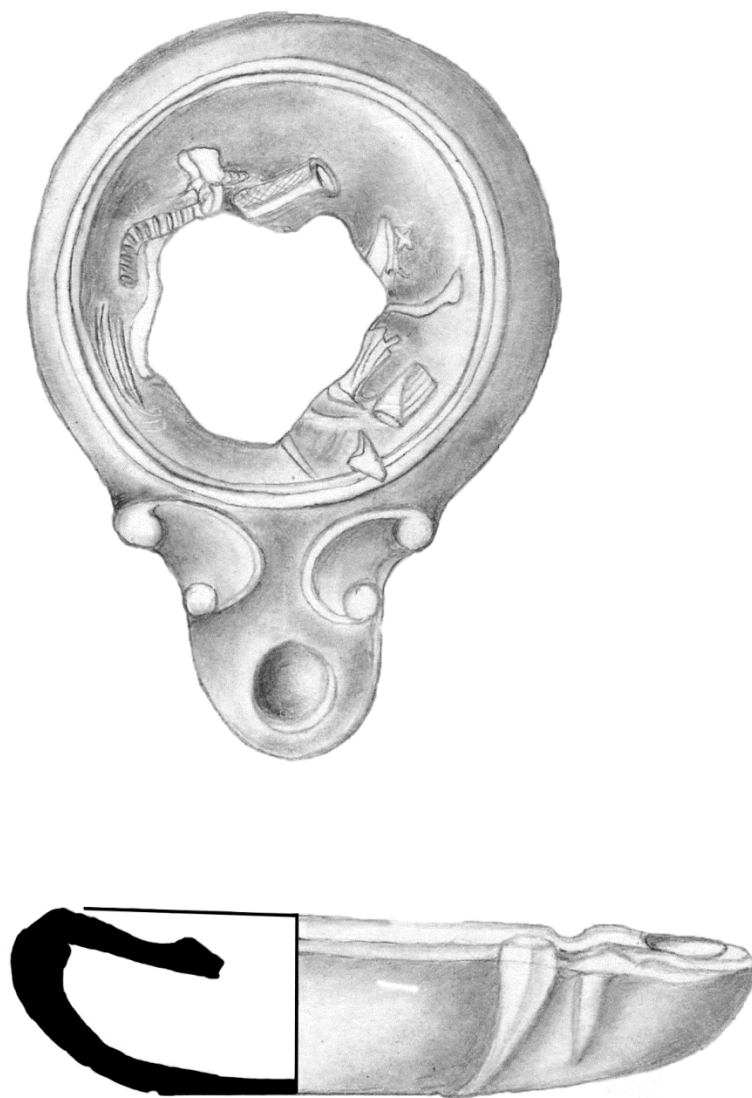
43

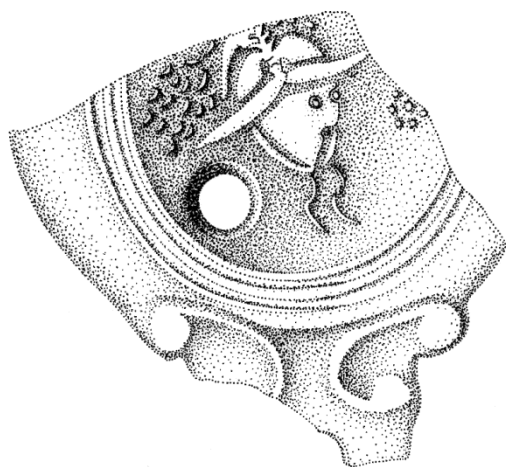




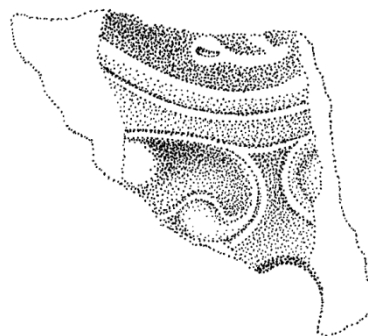




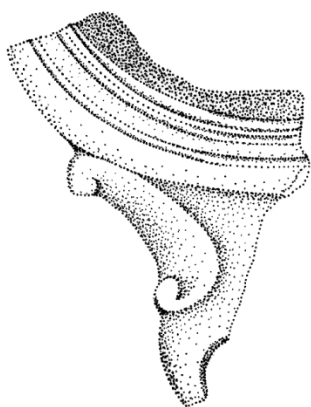




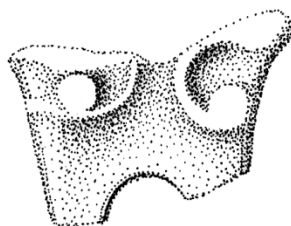
49



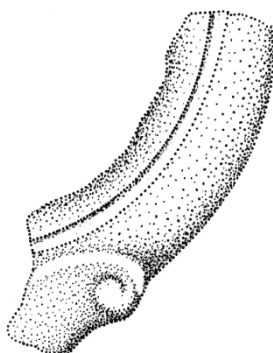
50



51



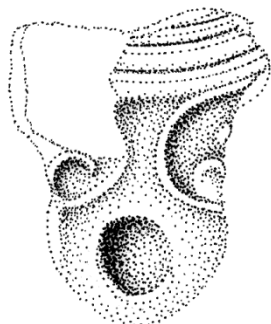
52



53



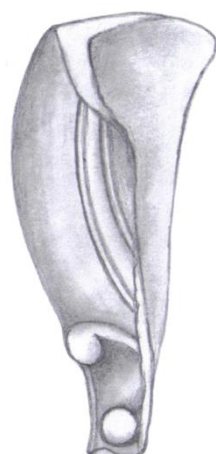
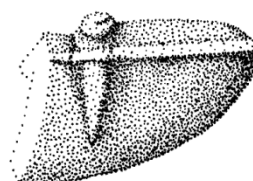
54



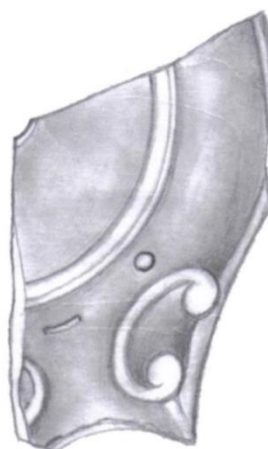
55



56



57



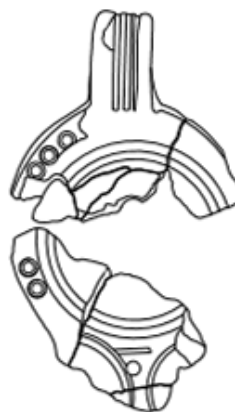
58



Est. 23



59



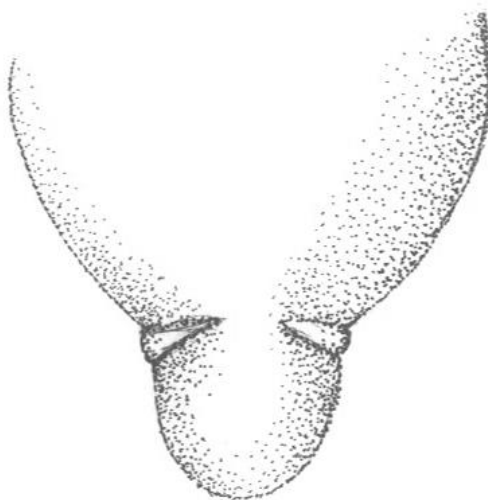
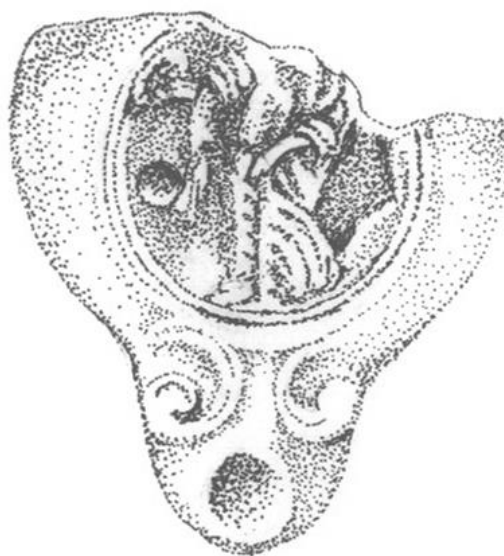
60

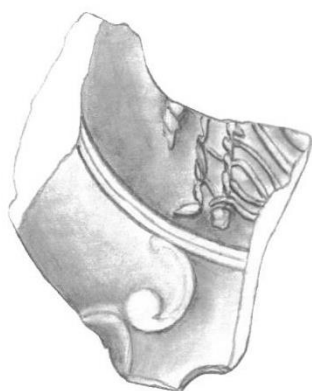
Esc.1:2



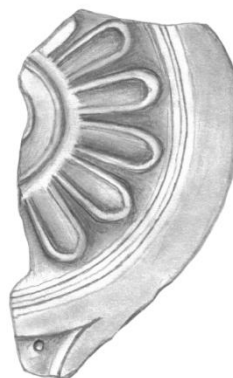
61

Esc.1:1

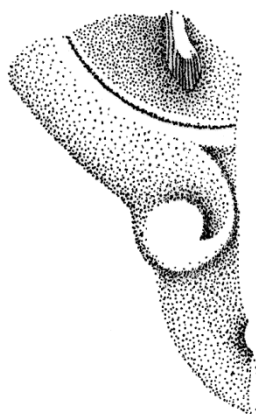




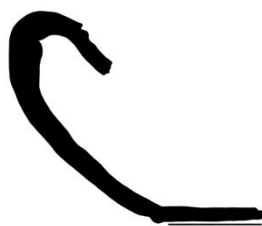
63

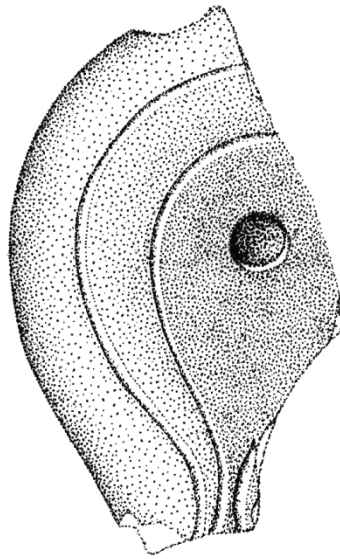


64

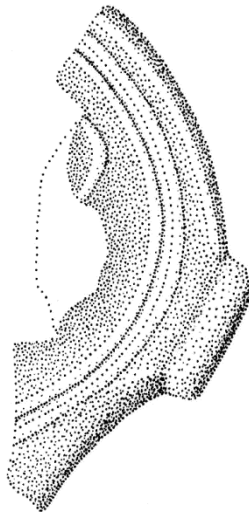


65

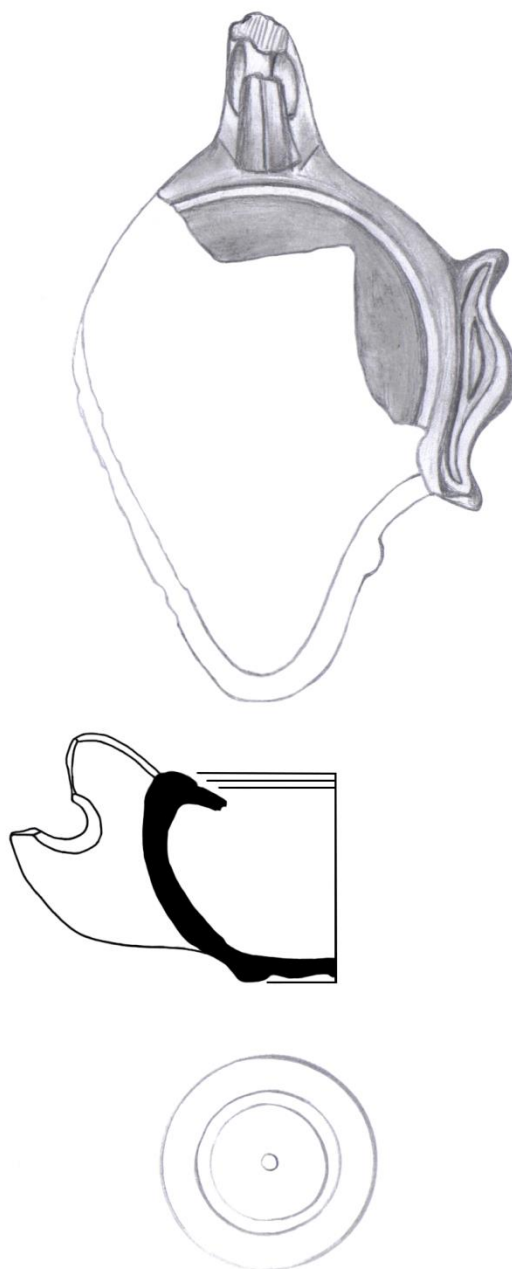


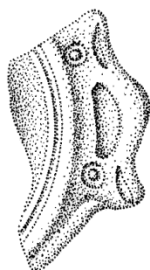


67



68

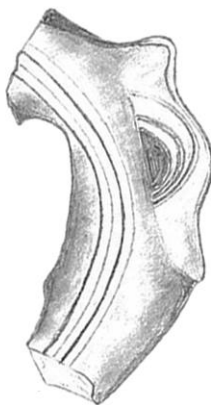




70



71



72



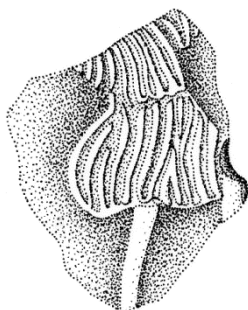
73



74



75



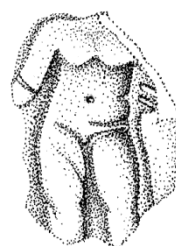
76



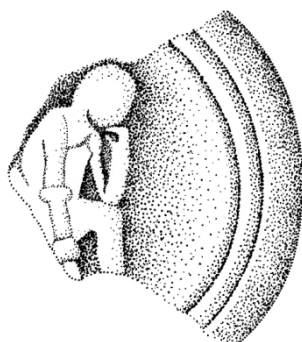
77



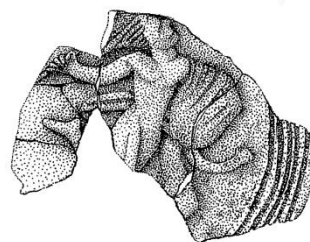
78



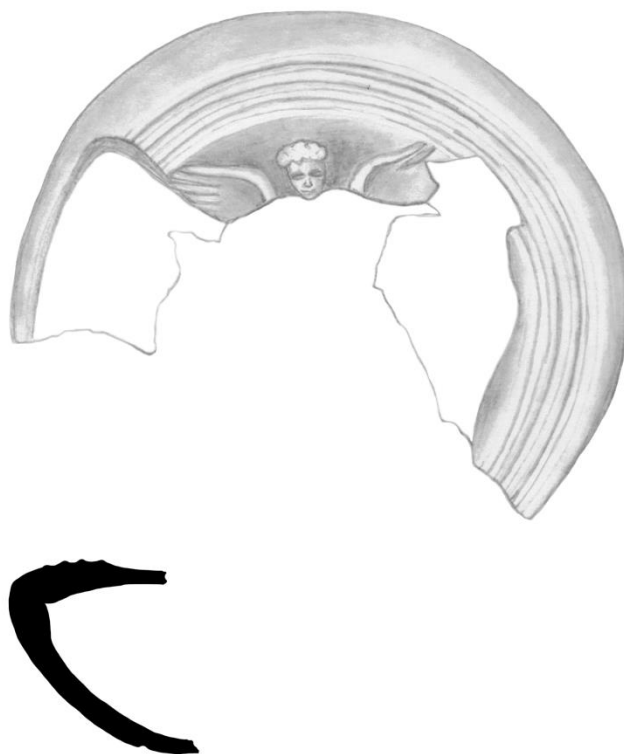
79



80



81



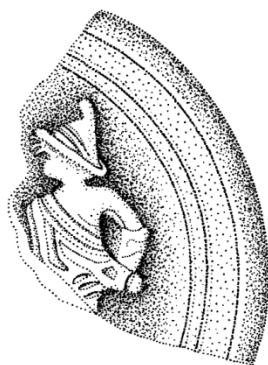
82

Esc.1:1



83

Esc.1:2



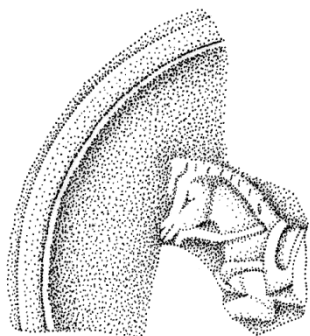
84



85



86



87



88



89



90



91



92



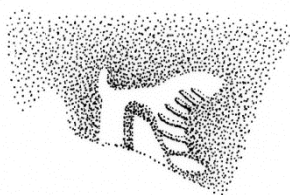
93



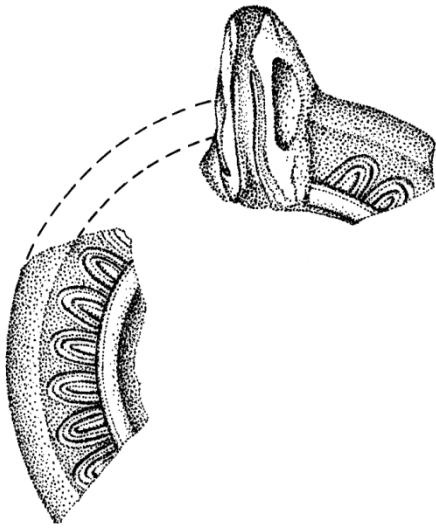
94



95



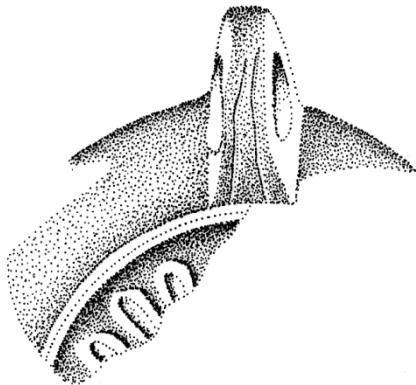
96



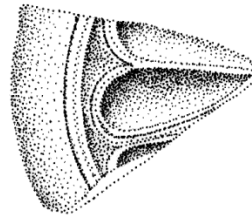
97



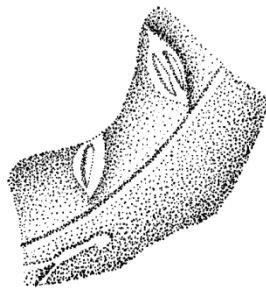
98



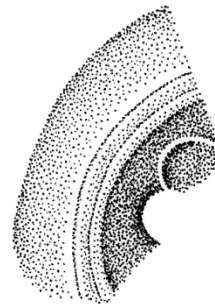
99



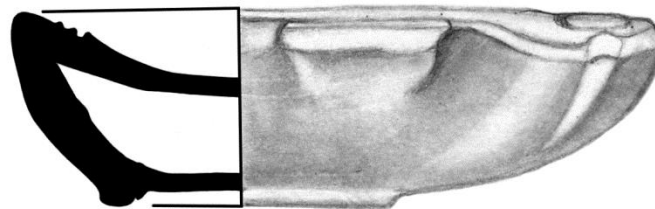
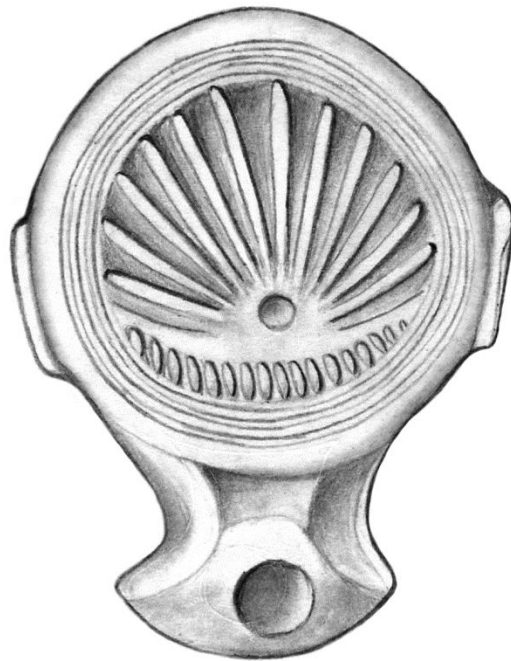
100

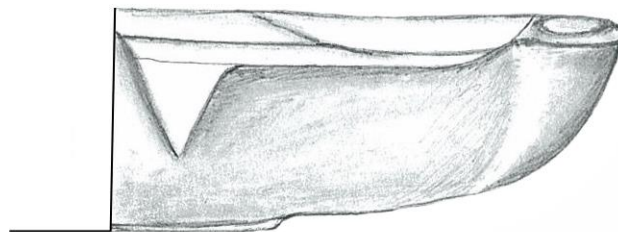
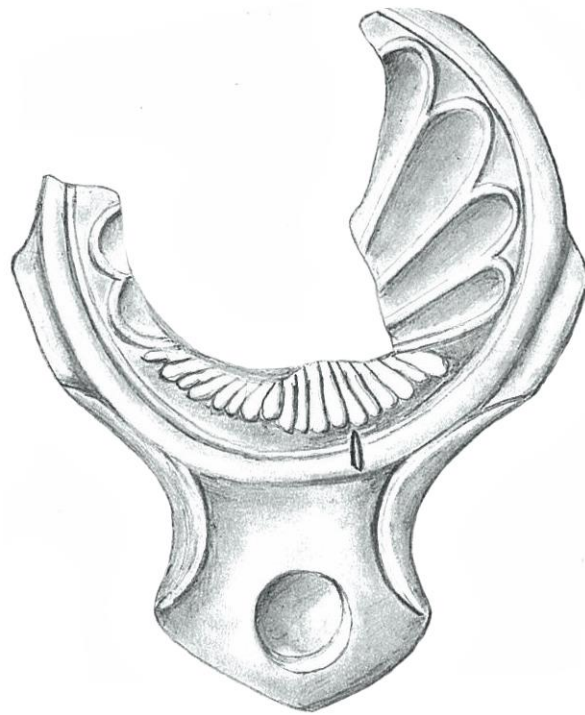


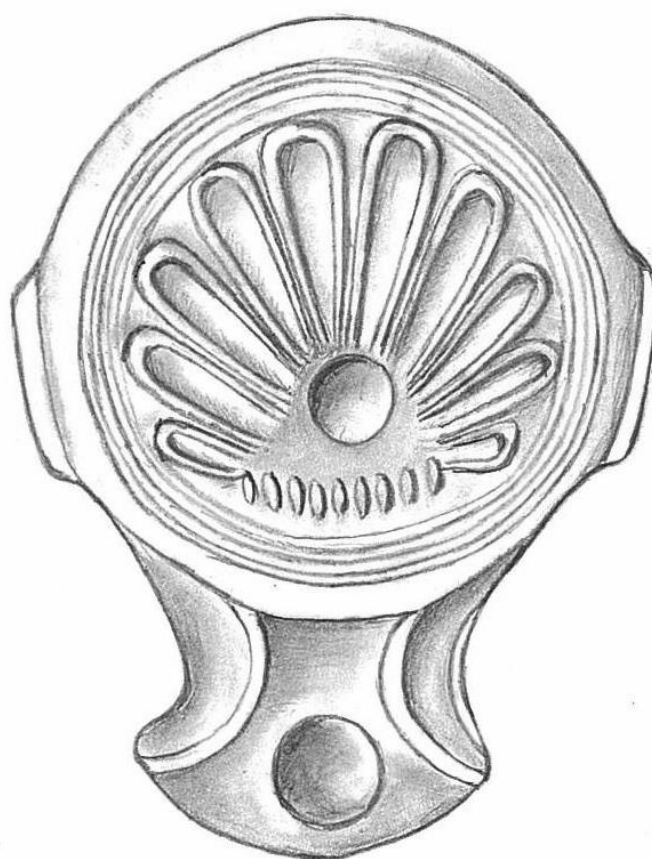
101



102







105

Esc.1:1



106



107

Esc. aprox.



108



109

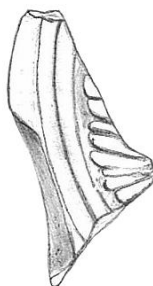


110



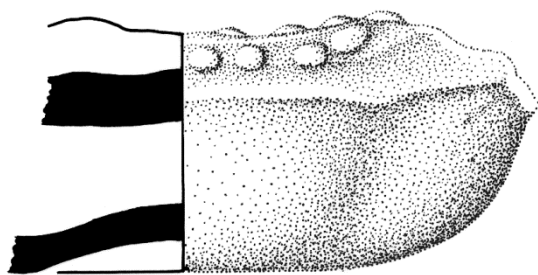
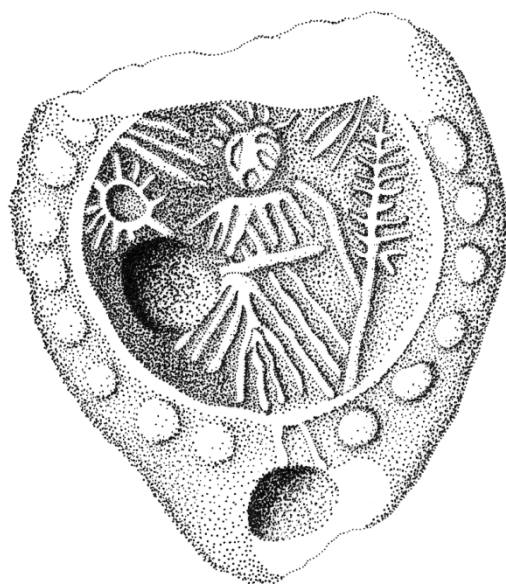
111

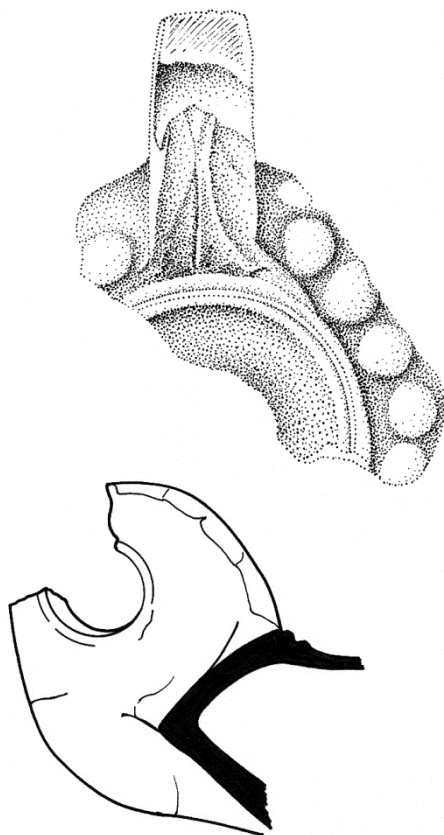
Esc.aprox.



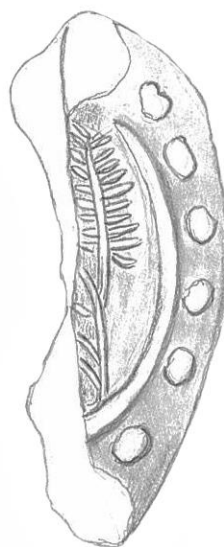
112

Esc.1:1

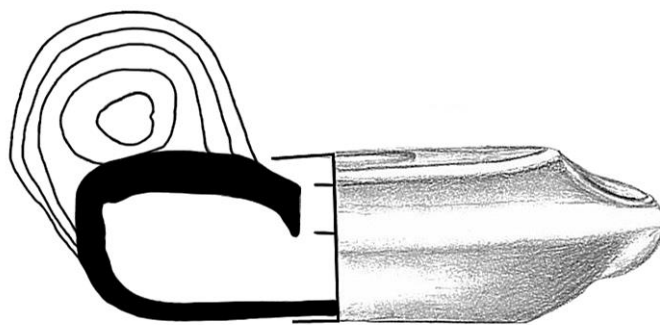
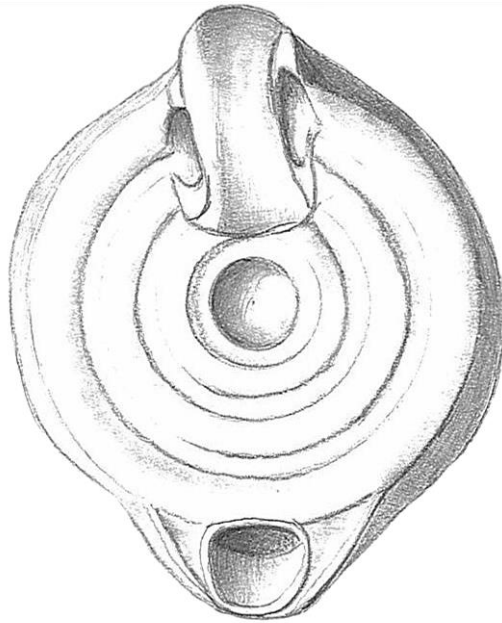




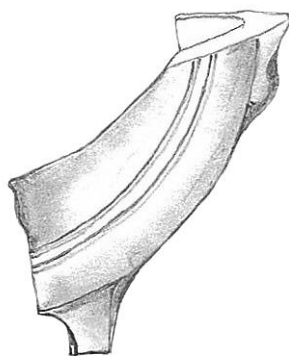
114



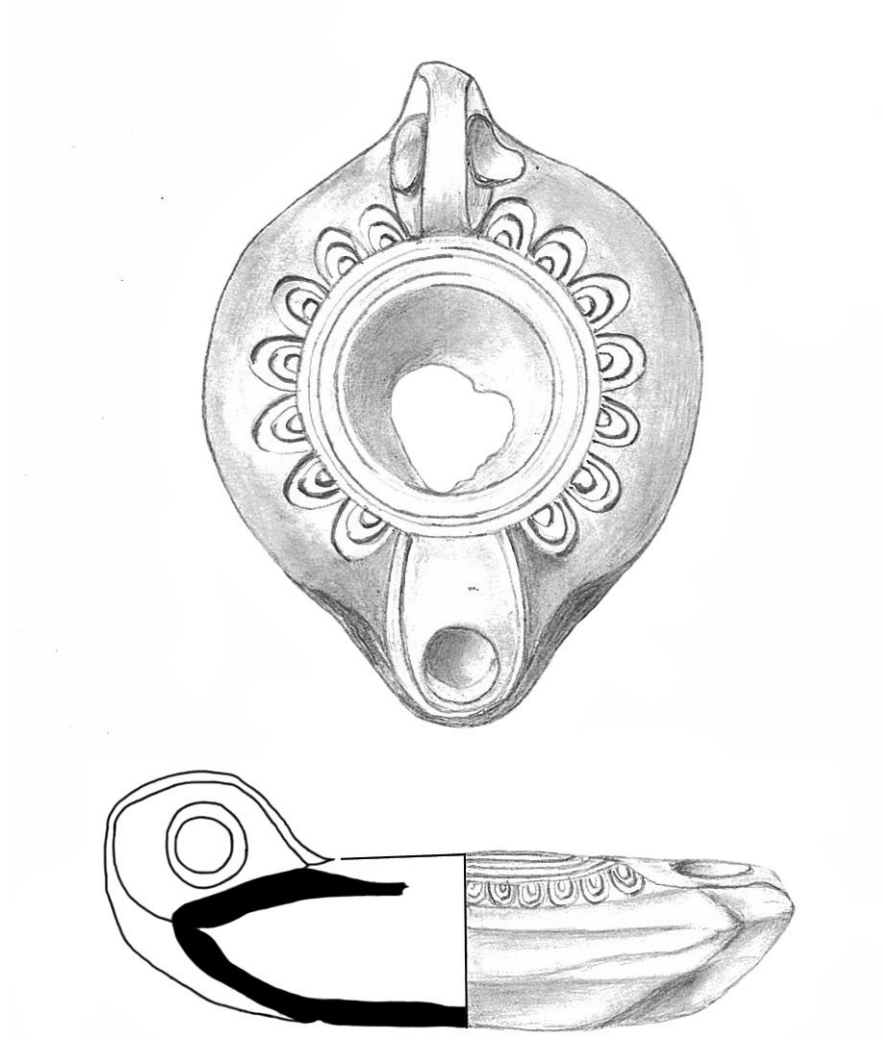
115

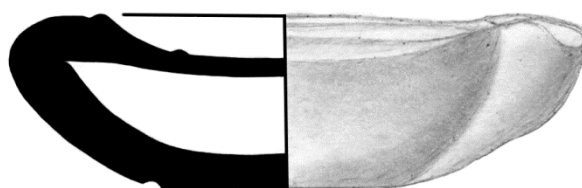


116

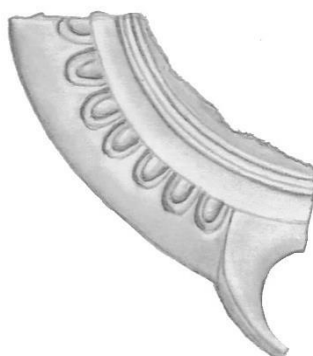


117





119



120



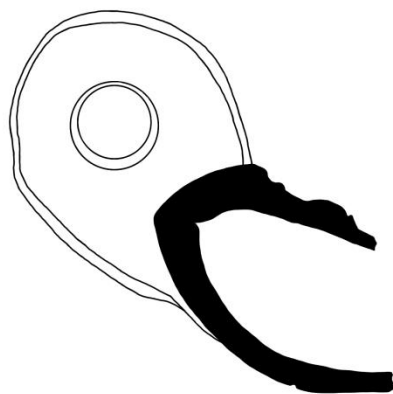
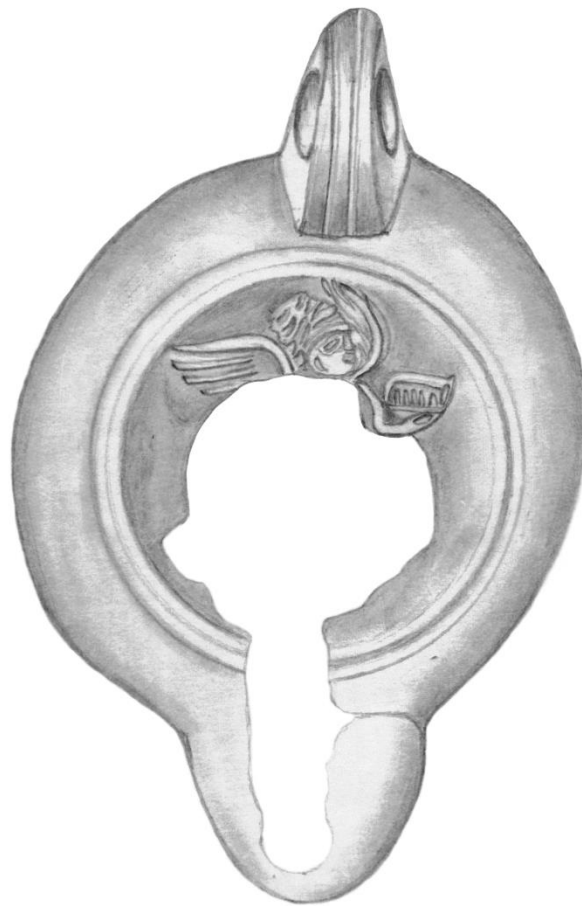
121



122



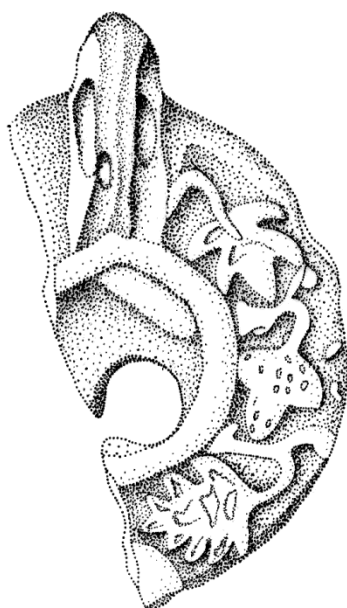
123



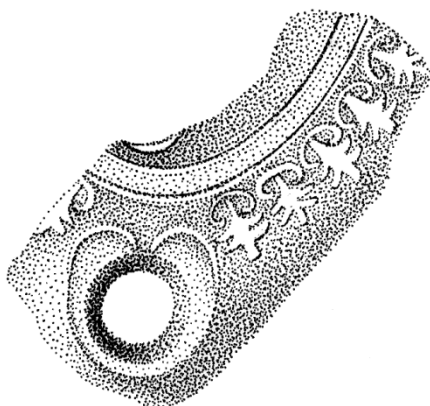


125

Esc.1:2



126

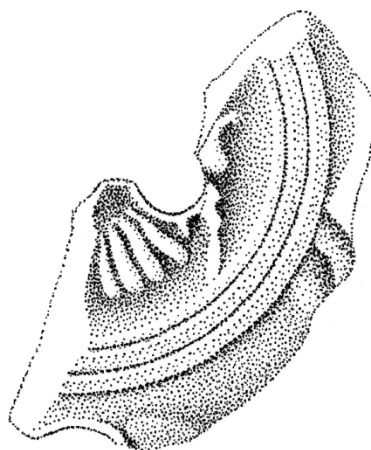


127

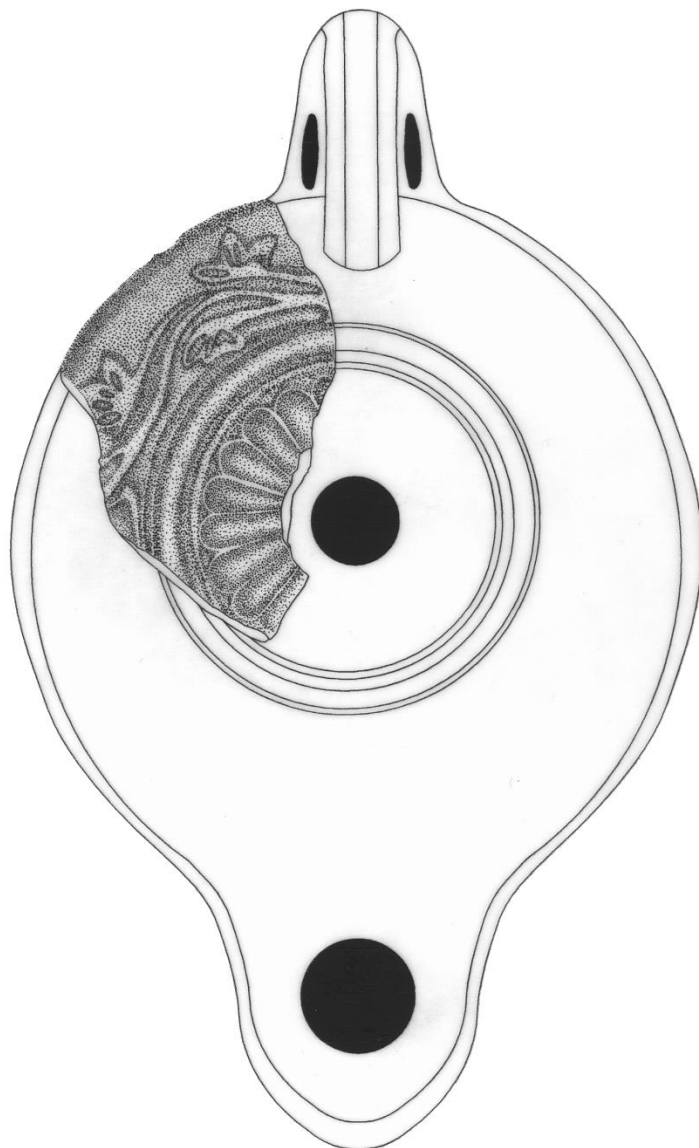
Esc.1:1



128

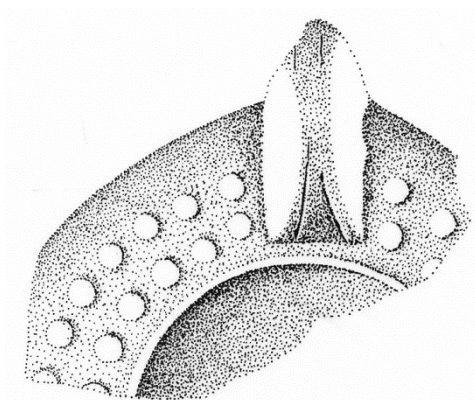


129



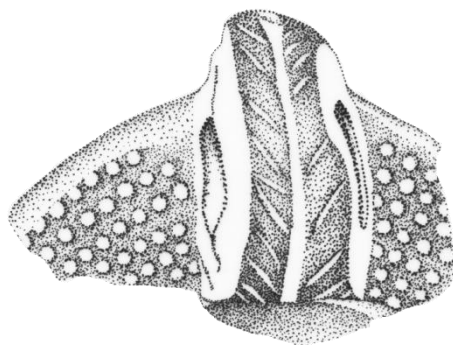
130

Esc.aprox.

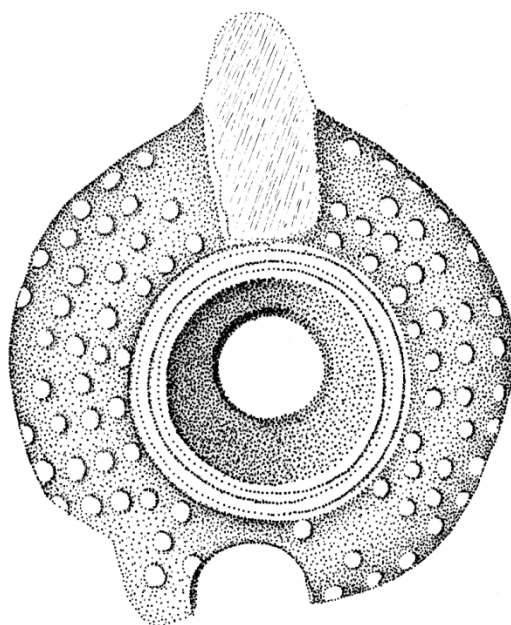


131

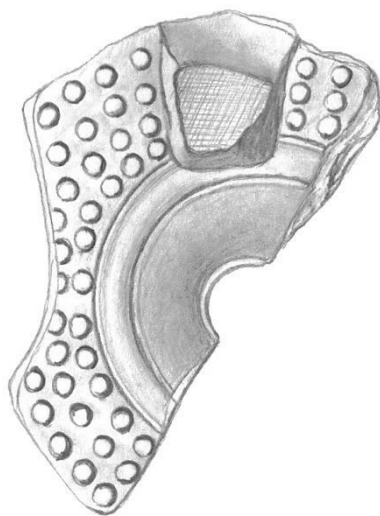
Esc.1:1



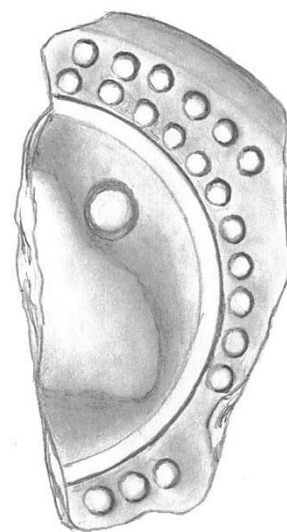
132



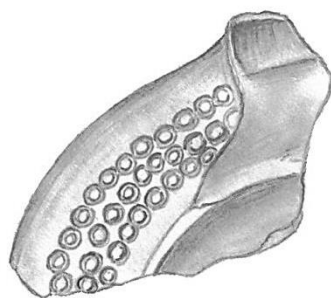
133



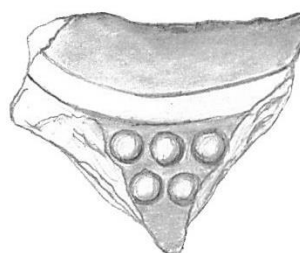
134



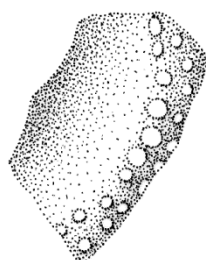
135



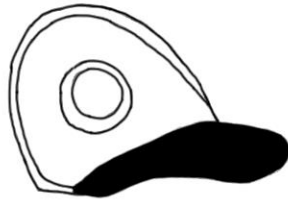
136



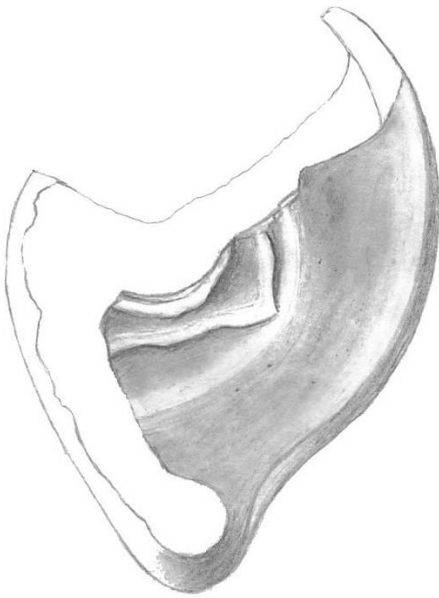
137



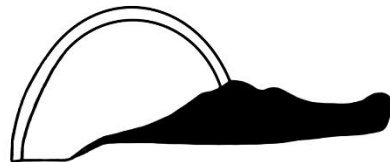
138



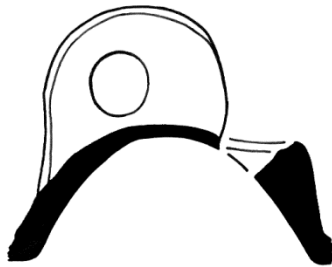
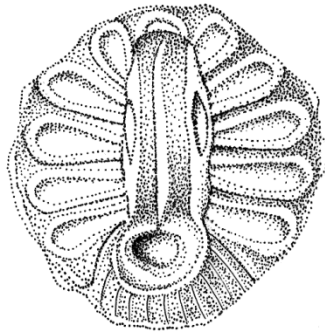
139



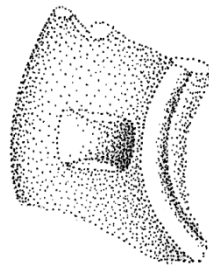
140



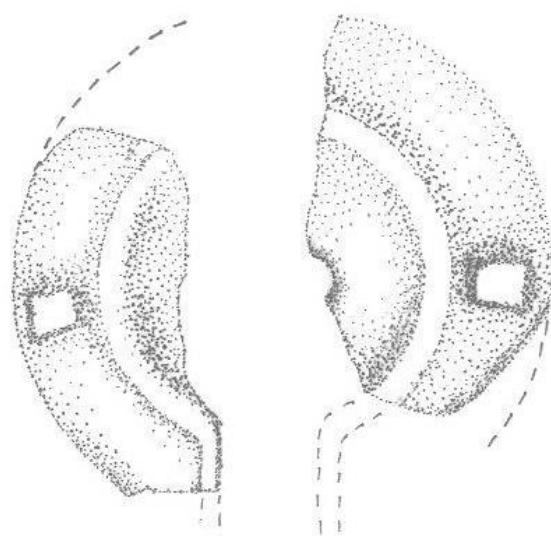
141



142



143



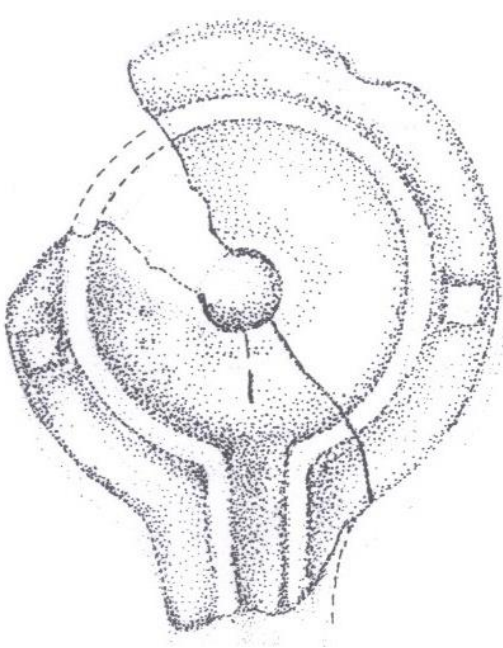
144

Esc.1:1

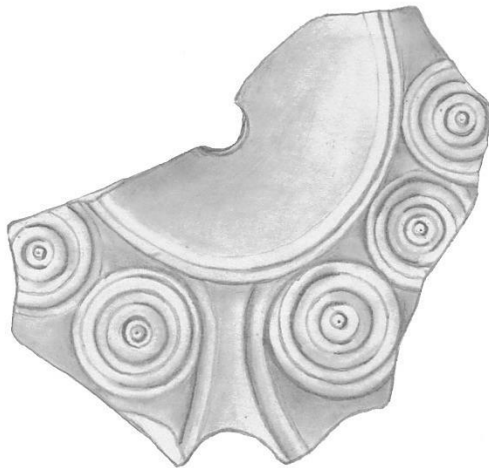


145

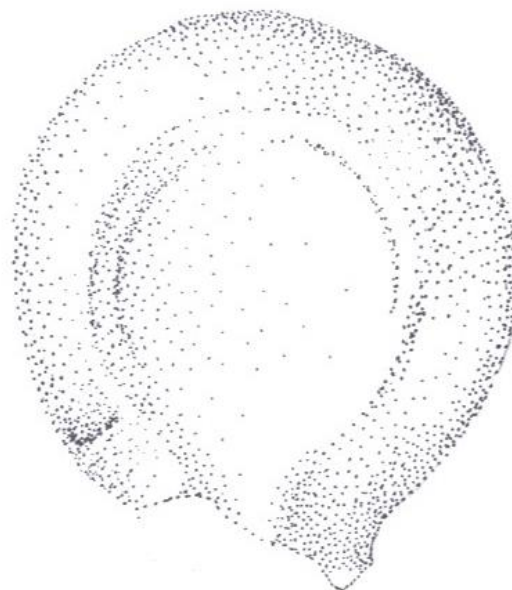
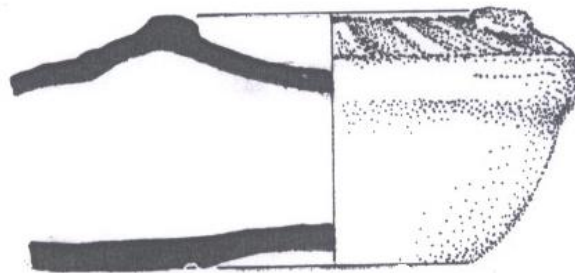
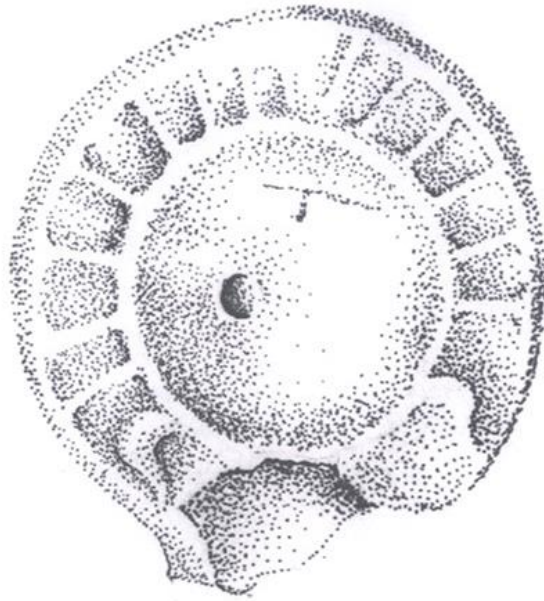
Esc.aprox.

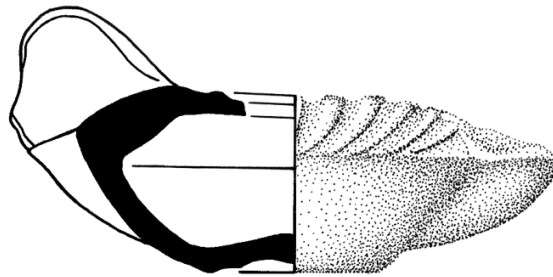
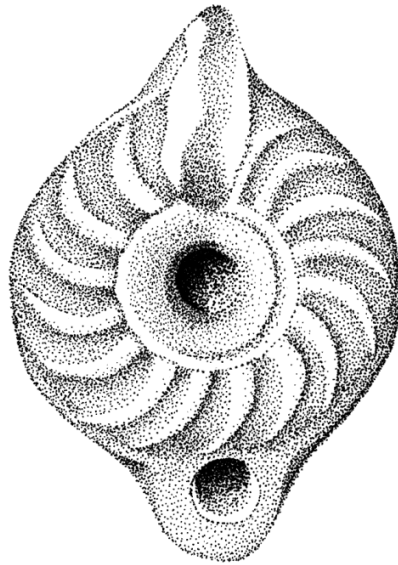


146



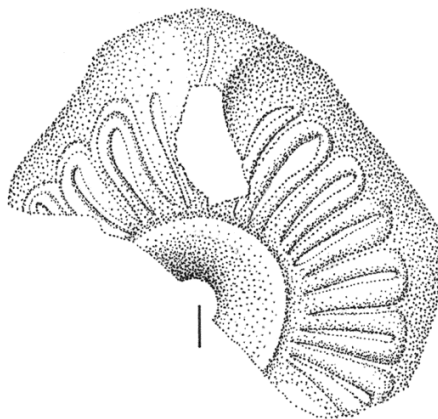
147





149

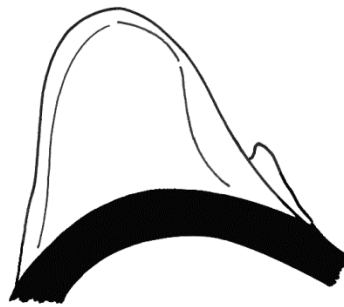
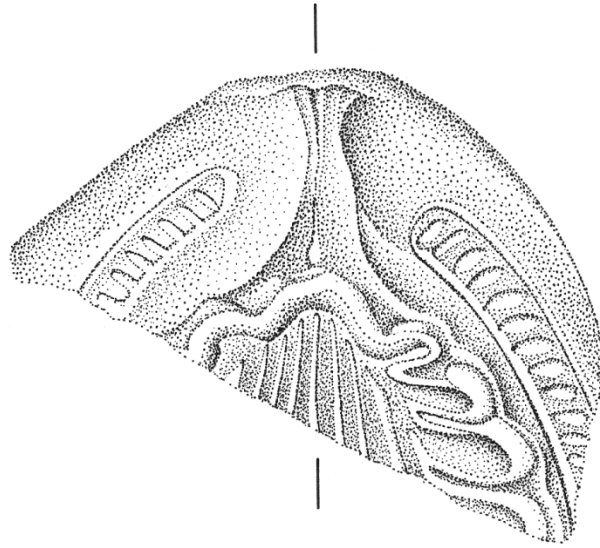
|

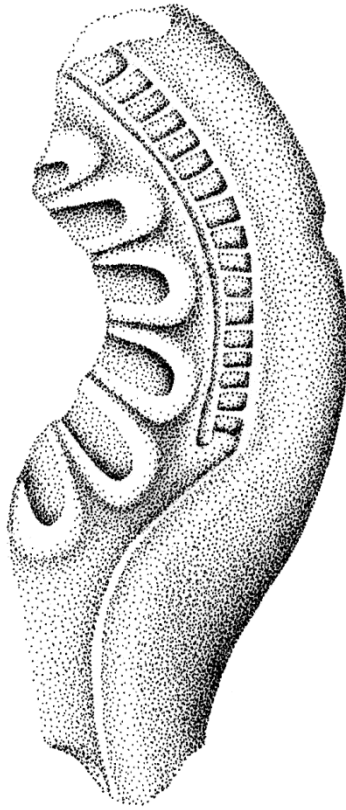


|

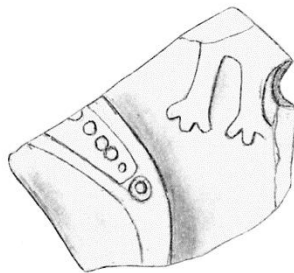


150





152



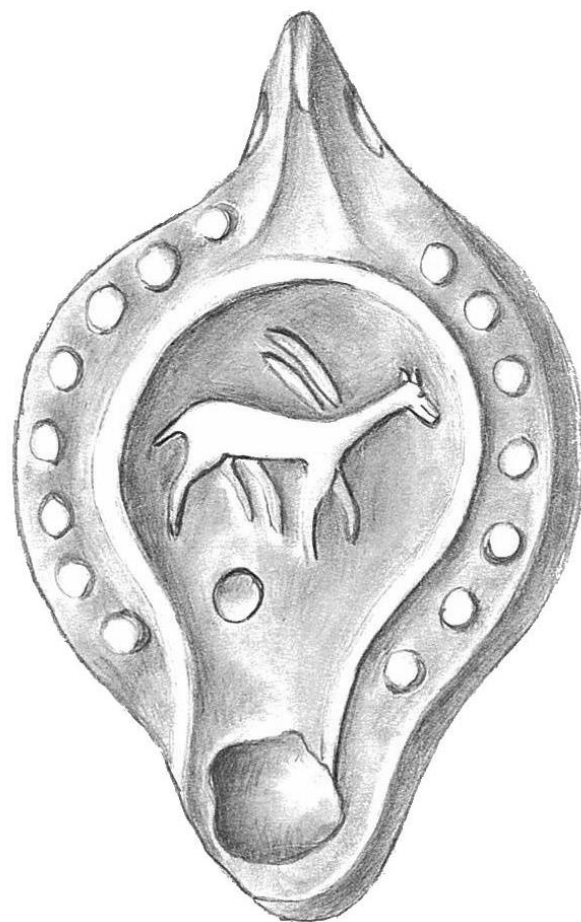
153

Est. 61

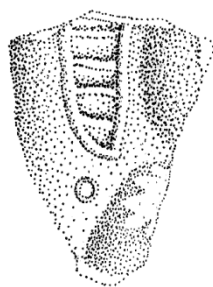


154

Esc.aprox.



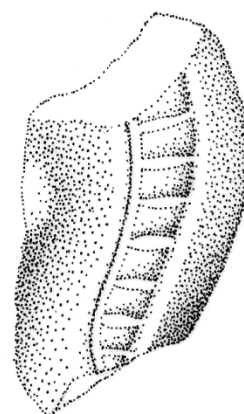
155



156



157



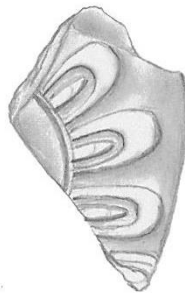
158



159



160



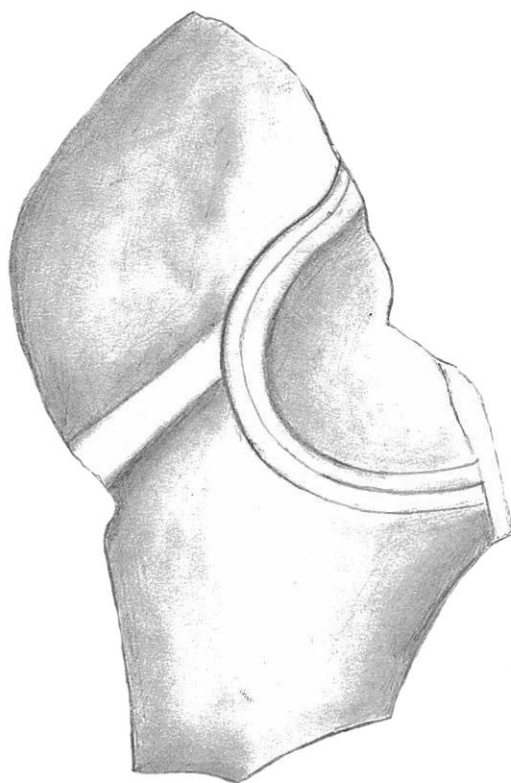
161



162



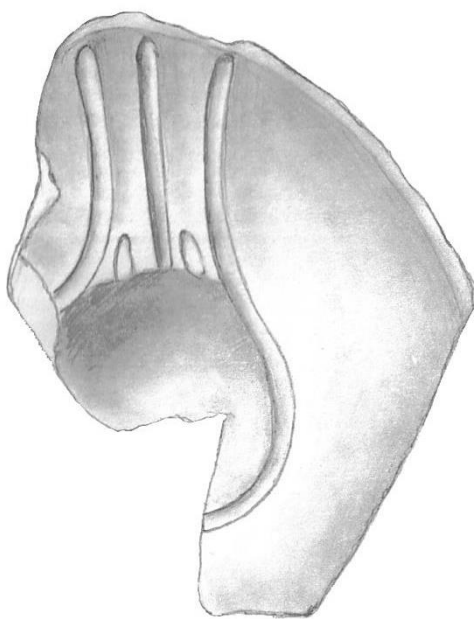
163



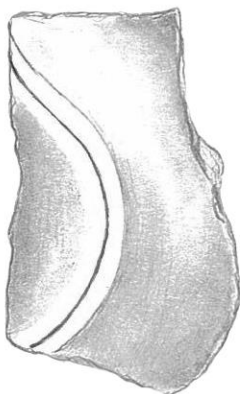
164



165



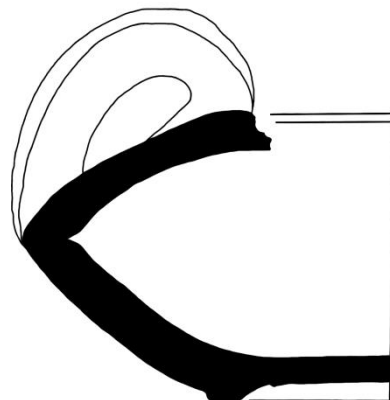
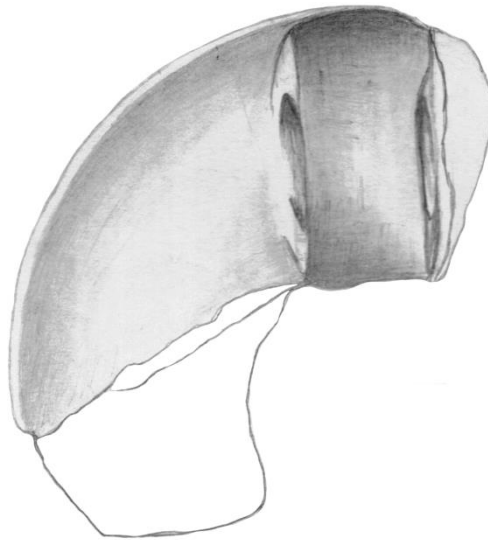
166



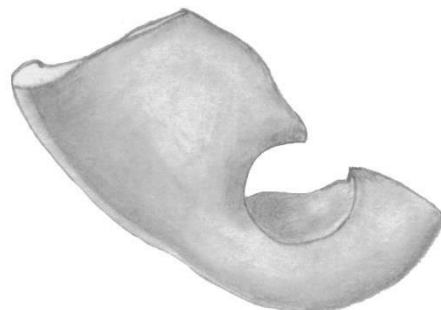
167



168



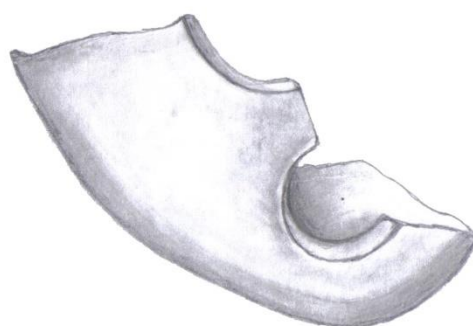
169



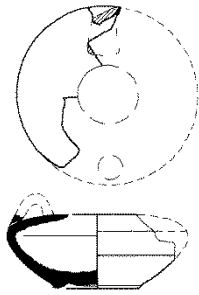
170



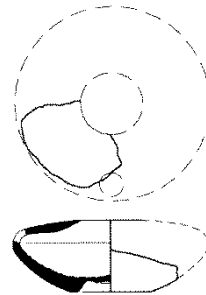
171



172



173



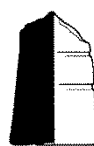
174



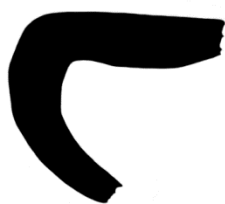
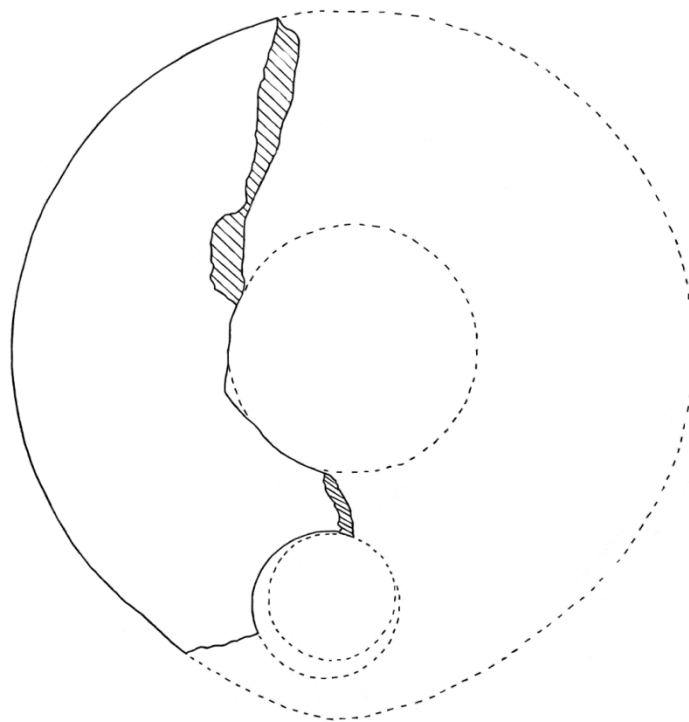
175



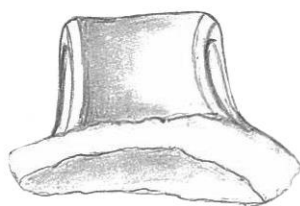
176



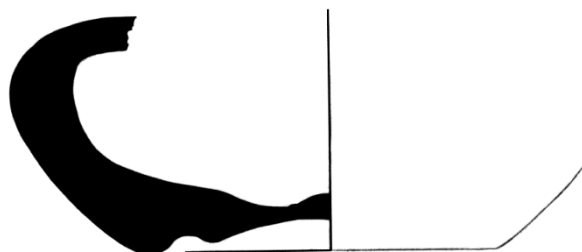
177



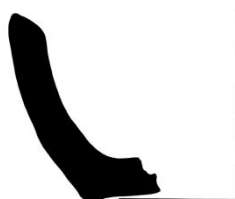
178



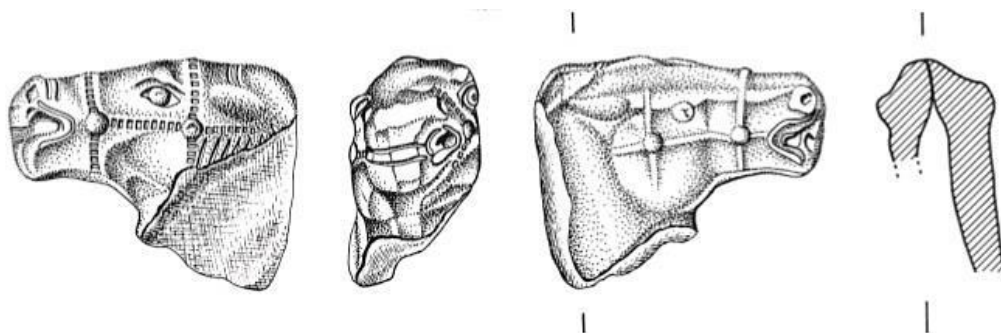
179



180

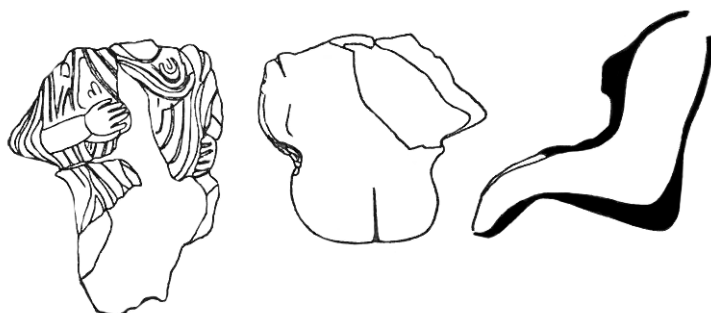


181



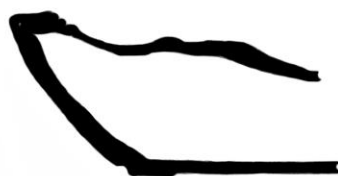
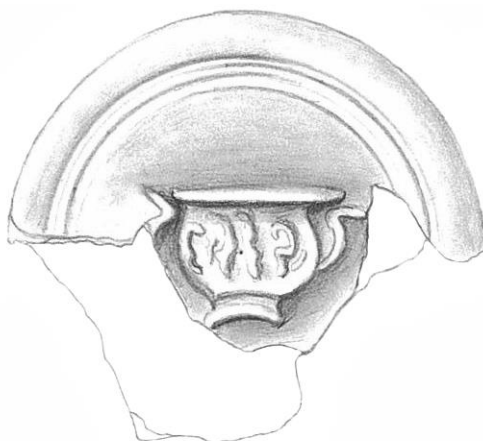
182

Esc.1:1

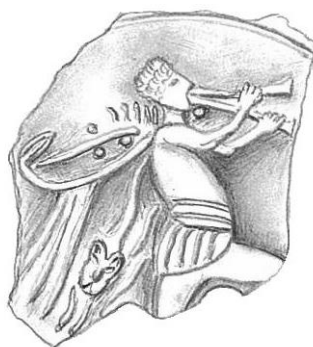


183

Esc.1:2



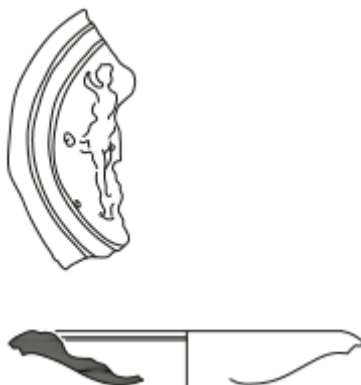
184



185

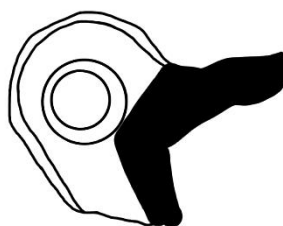
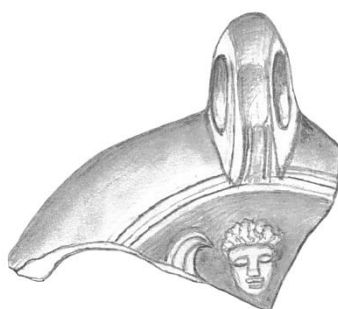


186



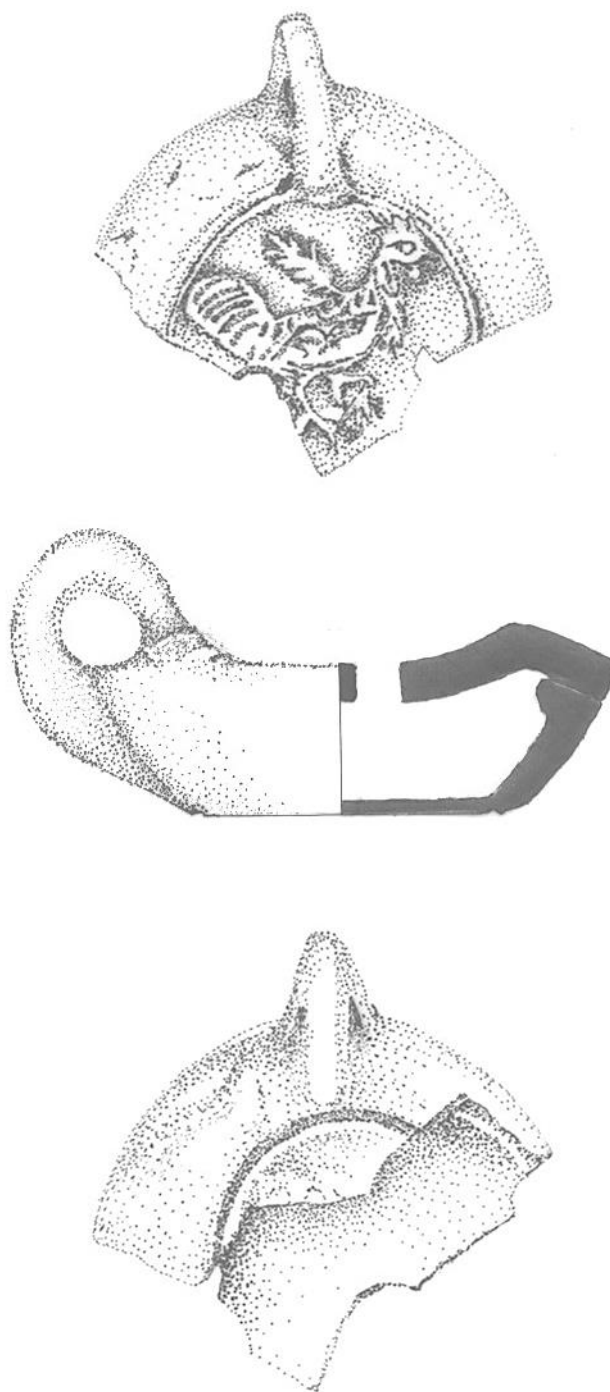
187

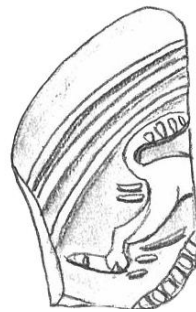
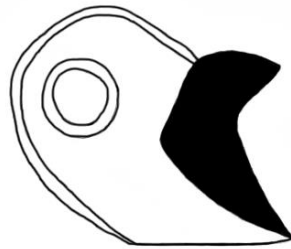
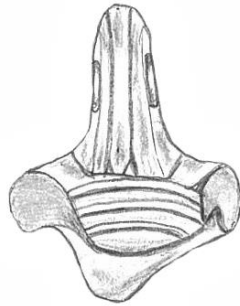
Esc.2:3



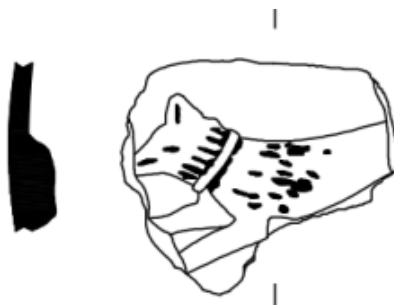
188

Esc.1:1





190



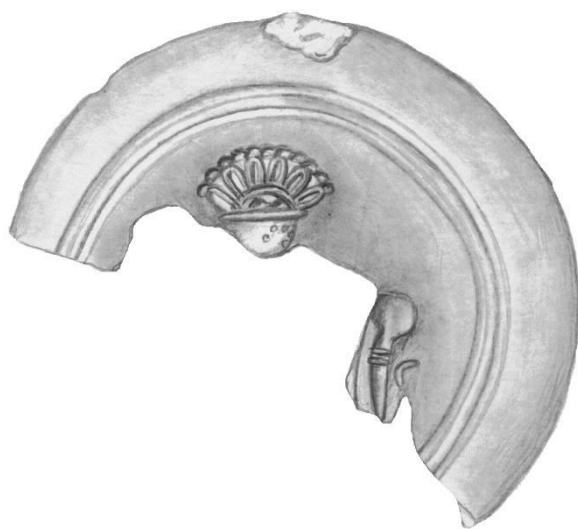
191

Esc.1:1



192

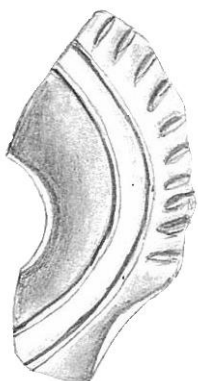
Esc.2:3



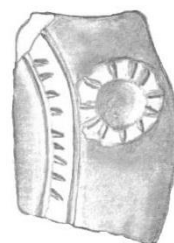
193



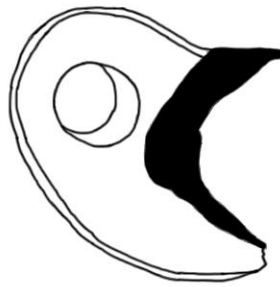
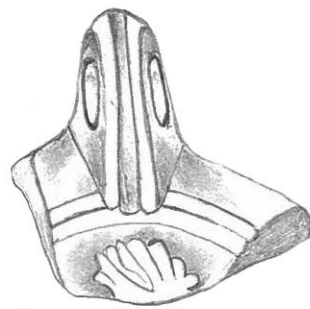
194



195



196



197



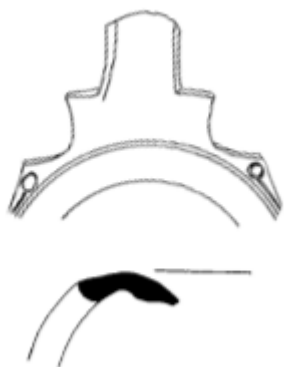
198



199



200



201



202

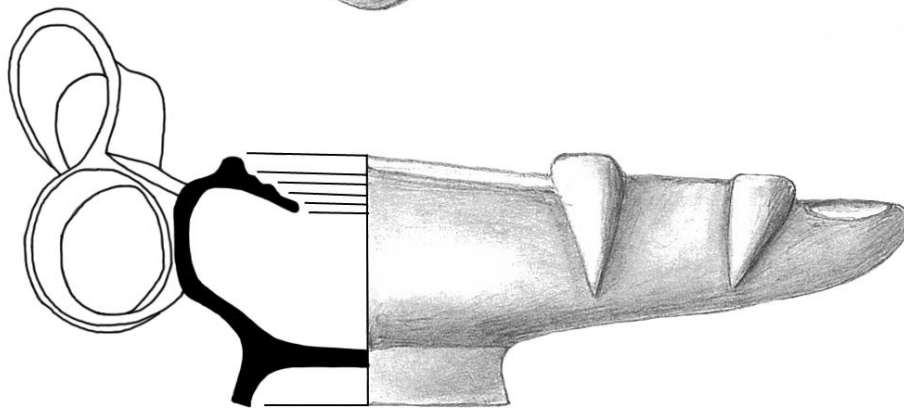
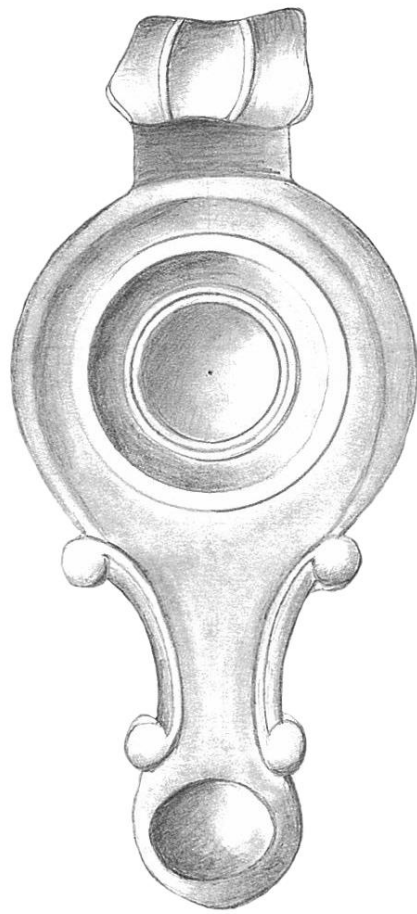


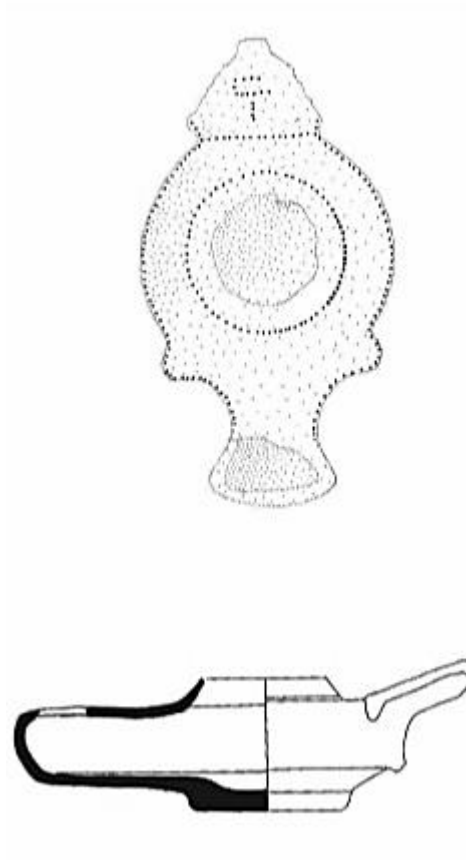
203



204

Lucernas em bronze





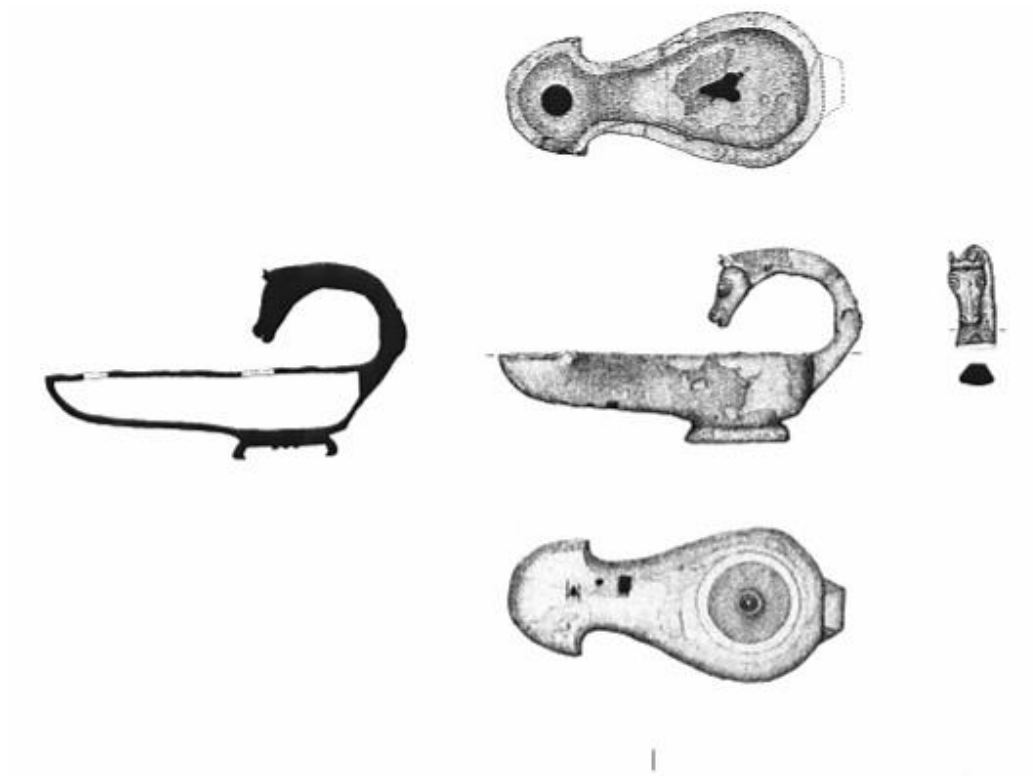
206

Est. 81

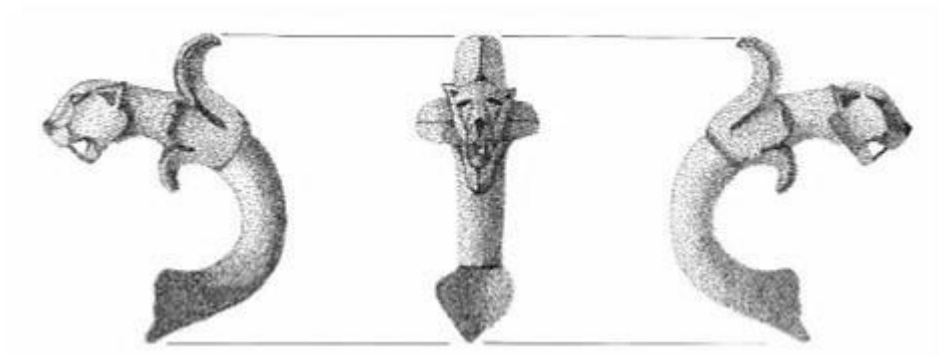


207

Esc.aprox.



208

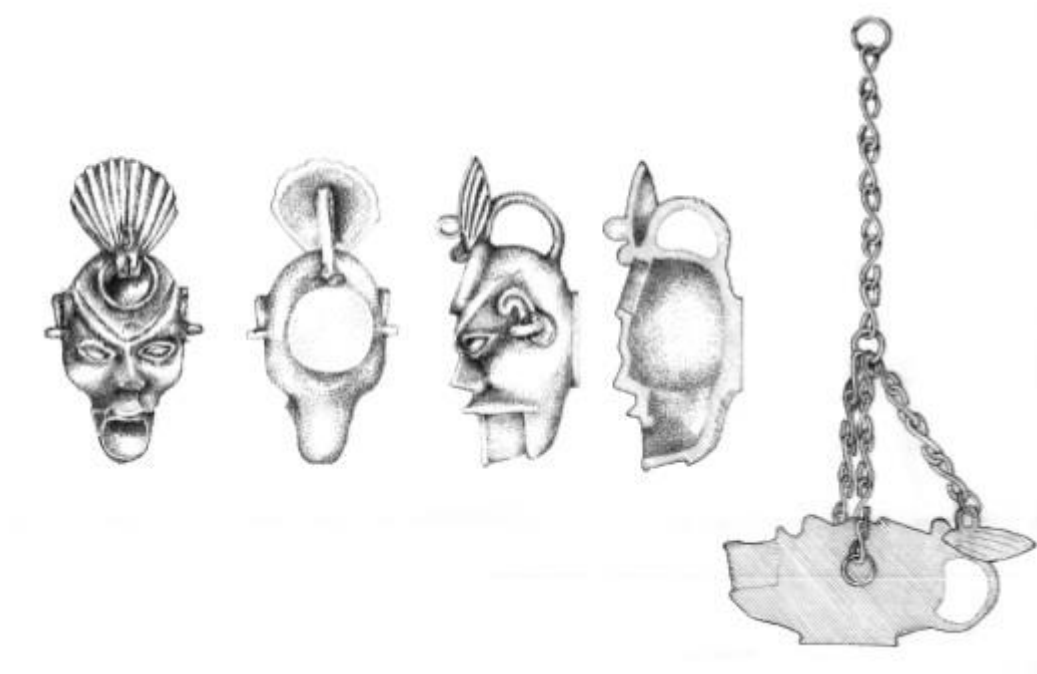


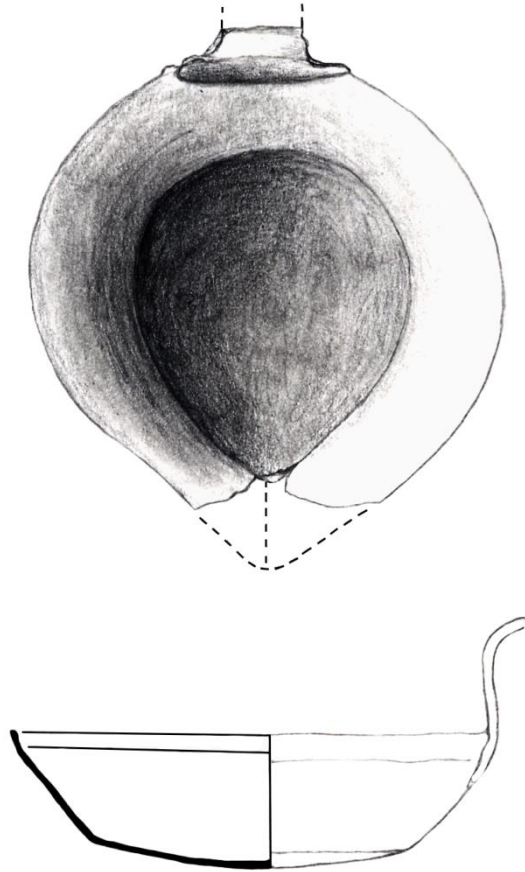
209



210

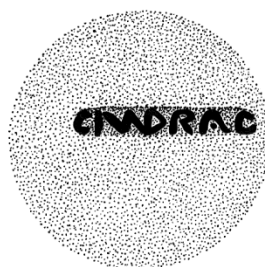
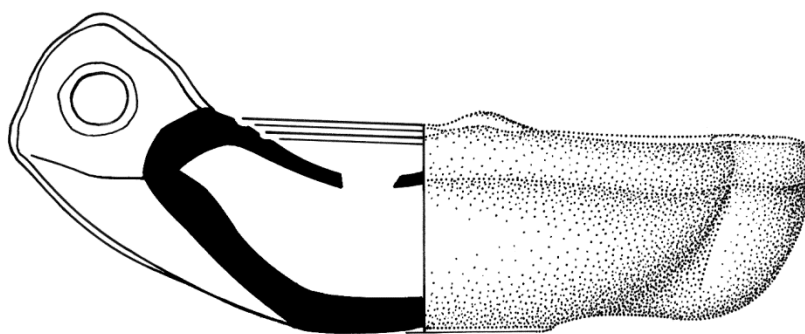
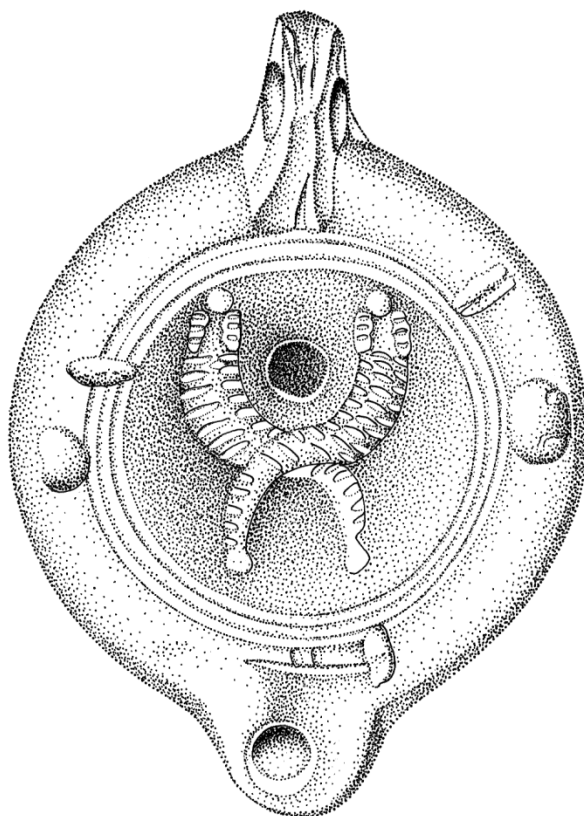


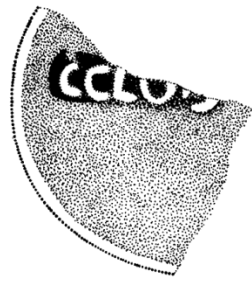




213

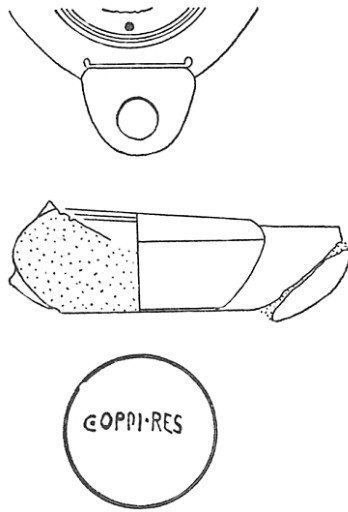
**Marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas
e grafitos**





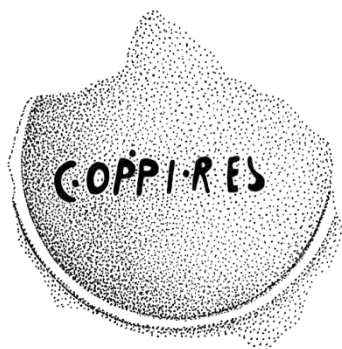
215

Esc.1:1

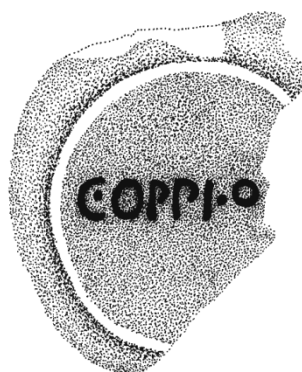


216

Esc.1:2



217



218



219



220



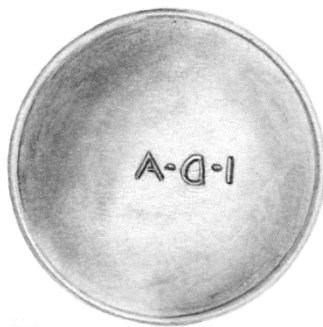
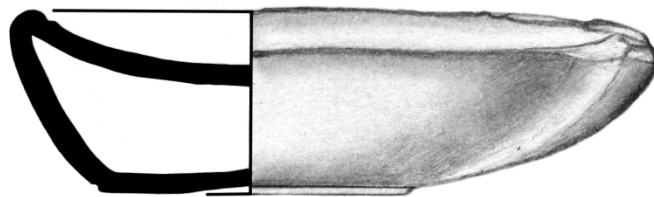
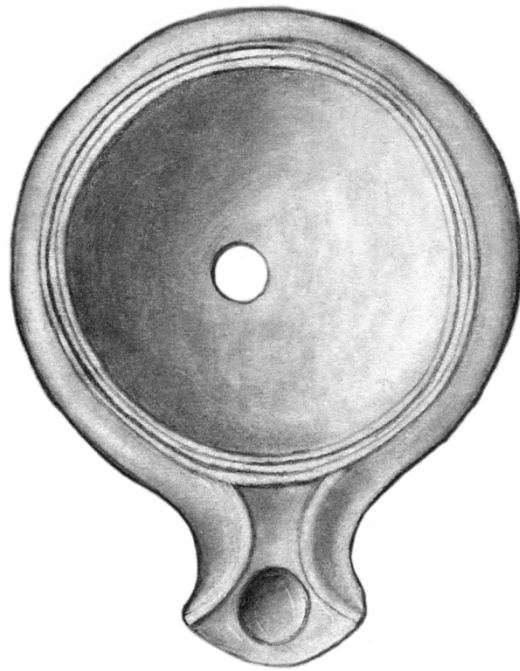
221



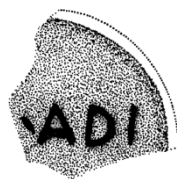
222



223

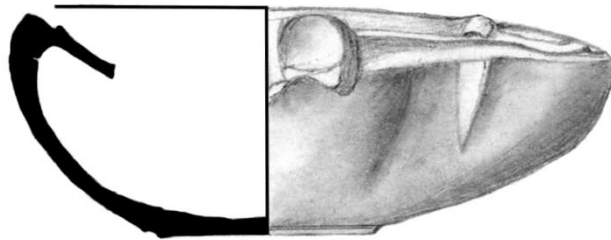
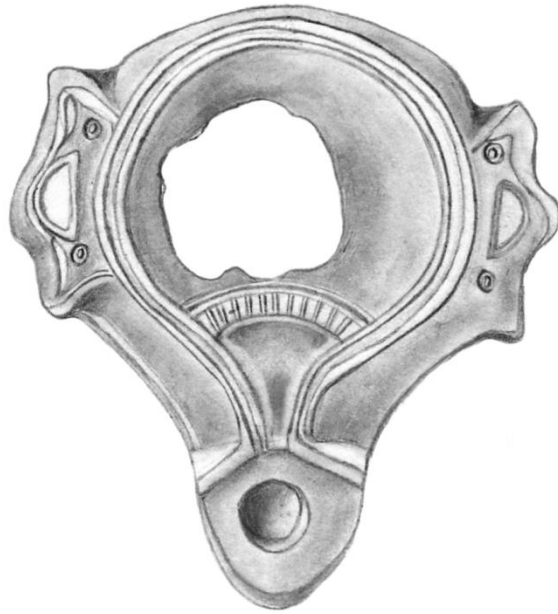


224



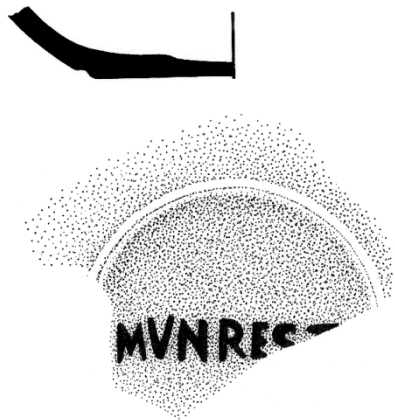
225

Est. 92



226

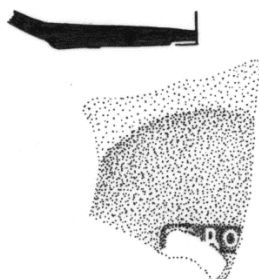
Esc.1:1



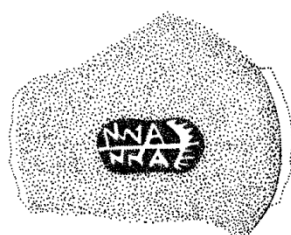
227



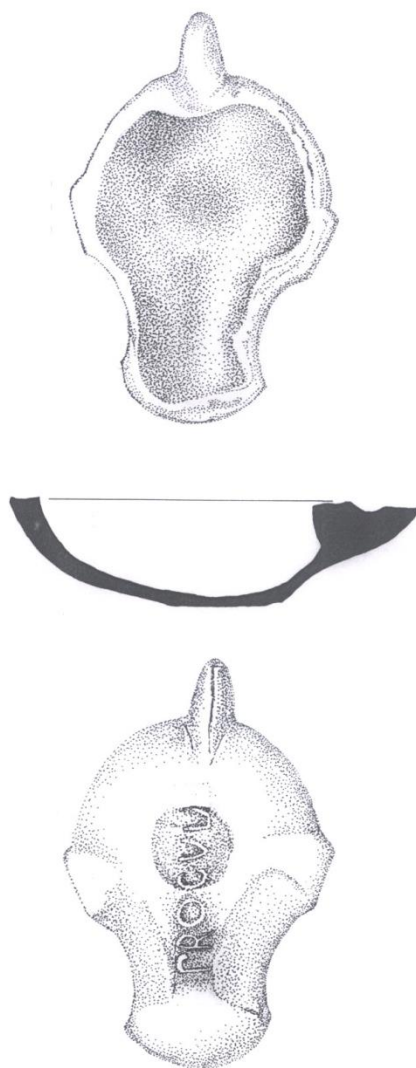
228



229



230



231

Esc.1:2



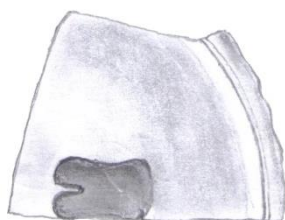
232

Esc.1:1

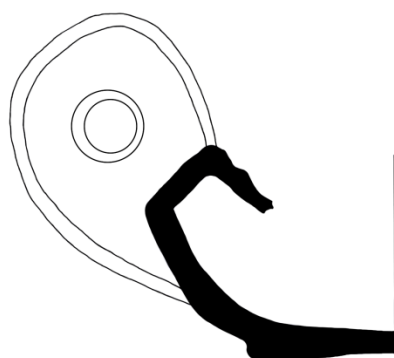


233

Esc.aprox.

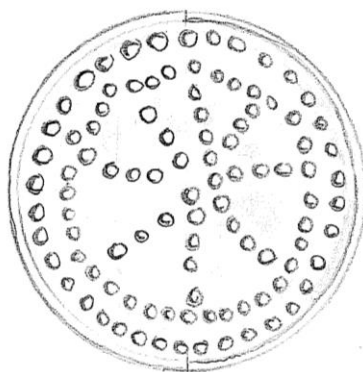
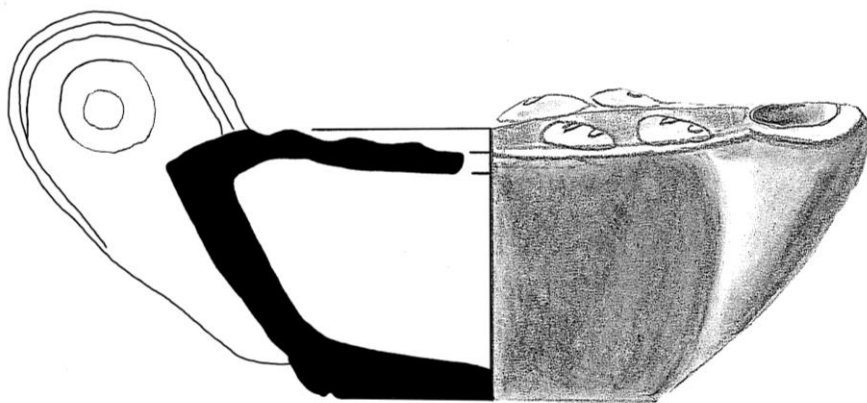


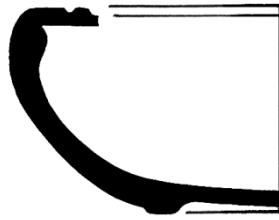
234



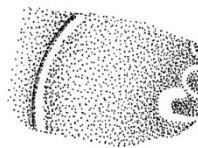
235

Esc.1.1

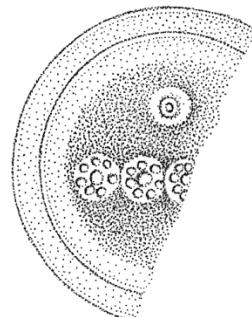




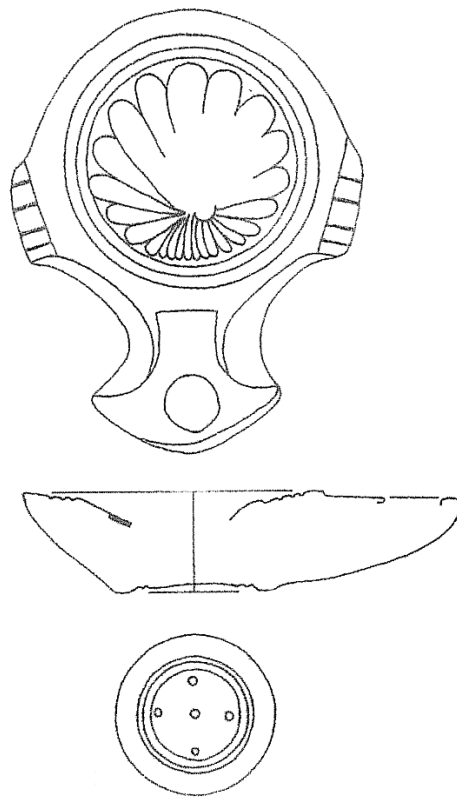
237



238

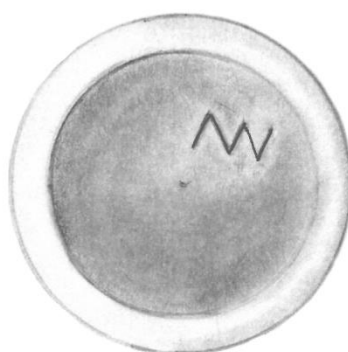
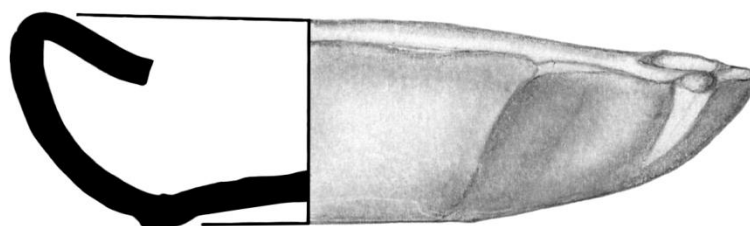
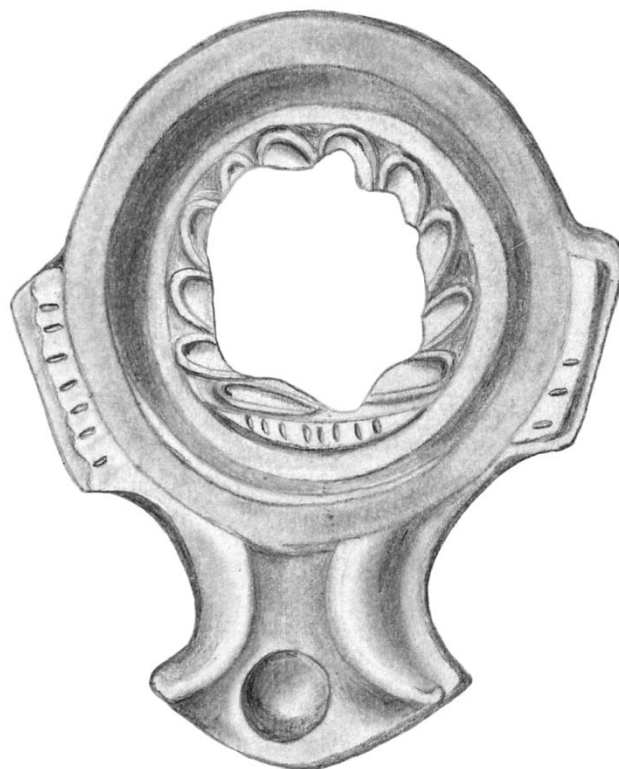


239



240

Est. 100



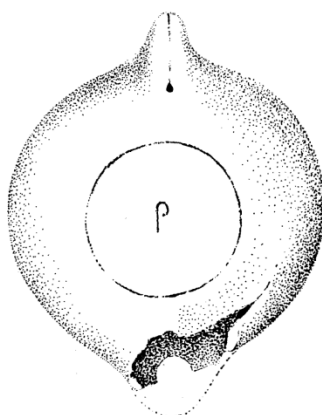
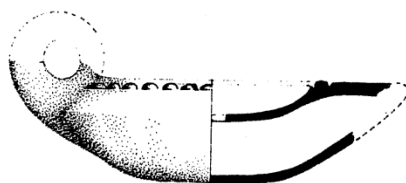
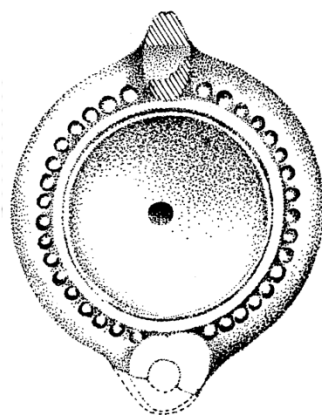
241

Esc.1:1



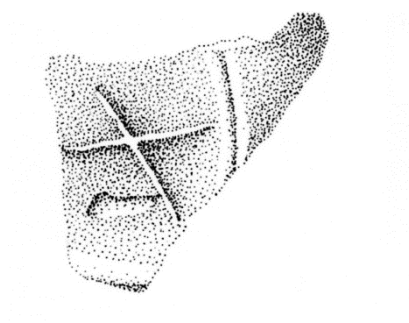
242

Esc.1:1



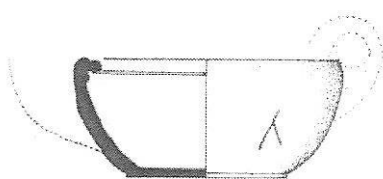
243

Esc.1:2



244

Esc.1:1



245

Esc.1:2

Flávia Maria Magalhães Nunes

**Lucernas romanas importadas no Norte de Portugal.
Contributo para o seu estudo.**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo Professor
Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Volume II - Anexos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2016

Anexo 1 – crono-tipologias

Lucernas tardo-republicanas

Segundo Morillo Cerdán (1999: 57), os dois últimos séculos da República romana foram uma época em que muito se experimentou na produção de lucernas. O uso da técnica de moldagem levou ao surgimento de uma nova lucerna, cujo conceito e morfologia se distanciam das raízes helenísticas. As primeiras manifestações dessas lucernas são denominadas de tardo-republicanas (Dressel 1 a 4).

Para o mesmo autor (1999: 57), neste tipo de lucernas, as novidades estão na existência de um encerramento do disco por completo, e ainda, a introdução de decorações com maior ou menor complexidade. O facto de se utilizar um molde no processo de fabrico levou à produção em série, aumentando assim a sua procura. Estas produções situam-se entre 20 a. C. e 10 a. C. (Ricci, 1974 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 57).

Lucernas do tipo Dressel 4 (Vogelkopflampen)

As lucernas do tipo Dressel 4, ou *Vogelkopflampen*, são as últimas das lucernas tardo-republicanas. O seu aspeto define-se por linhas elegantes e estilizadas, e os traços ainda têm muito do período helenístico. Este tipo de lucernas apresenta características produtivas e comerciais, que já as aproxima das lucernas imperiais de volutas, constituindo uma forma de transição dos tipos tardo-republicanos. Para além disso, é de destacar o facto de ser a primeira variedade de lucernas romanas produzidas fora da península romana (Morillo Cerdán, 1999: 57).

A nível morfológico, as *Vogelkopflampen* estão ainda associadas aos exemplares helenísticos, ou seja, o disco é plano, quase não têm decoração e as paredes do depósito assumem um aspeto troncocónico. Ainda de referenciar é o alargamento do *rostrum*, que termina em forma de bigorna, bem como a suavidade da orla e os vários frisos, entre esta e o disco. No entanto, o traço formal mais expressivo deste tipo de lucernas é a existência de duas “cabeças de ave” com o pescoço dobrado a olhar para o exterior, localizadas de ambos os lados do *rostrum*. Indubitavelmente foi esta particularidade que deu o nome a esta tipologia. Por vezes, os frisos à volta do disco estendem-se até ao orifício de iluminação, formando assim um pequeno canal aberto entre as duas “cabeças de ave”.

Quanto às aves representadas, Morillo Cerdán (1999: 57) afirma que as leituras variam entre a íbis, o cisne, ou o ganso. Este dado ainda é desconhecido, no entanto, é possível compreender que se trata de uma ave de grandes dimensões, pescoço longo e

bico grande. Para o autor Deonna (1925 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 57), tal facto tem um significado religioso, assente na relação entre a íbis e Thot, divindade egípcia incumbida de pesar as almas dos mortos.

As maiores concentrações de exemplares de lucernas do tipo Dressel 4 registam-se em Roma e nas proximidades. Este tipo de lucerna começa por difundir-se pelo Mediterrâneo Ocidental, a partir da região do Lácio, e continua com a sua propagação pela zona da costa. Na Itália, registam-se lucernas deste tipo na Ligúria, planície do Pó, Campânia, Apúlia, Sardenha e Sicília, onde surgem com características morfológicas um pouco distintas. As lucernas do tipo Dressel 4 encontram-se ainda ao longo do litoral mediterrâneo de França, Espanha e no norte de África. Muitas foram as descobertas no sul da Gália, principalmente na região narbonesa, na Aquitânia, e seguindo acima do rio Ródano, até à província Lugdunense (atual Lyon) e *Raetia* (Morillo Cerdán, 1999: 59).

Foram registadas várias lucernas deste tipo nas costas norte-africanas, na Mauritânia Tingitana, na África Proconsular e ainda na Cirenaica, que comprovam a sua comercialização. No caso da região este da Península Itálica, só se encontrou exemplares em Solin (Croácia) e na ilha de Corfu (Grécia). Quanto ao Mediterrâneo Oriental, não foram encontradas lucernas desta tipologia.

No que diz respeito à Península Ibérica, as lucernas deste tipo foram documentadas em maior quantidade em *Herrera de Pisuerga* e Ampúrias (Morillo Cerdán, 1999: 60).

Lucernas de volutas

De acordo com Morillo Cerdán (1999: 66), as lucernas de volutas são consideradas as primeiras da produção imperial. Todas as tipologias desta variedade formal, em especial as mais antigas, caracterizam-se por uma grande qualidade técnica e artística, onde podemos contemplar um elevado cuidado com os motivos decorativos no disco.

O facto de utilizarem um molde durante o processo produtivo desta lucerna leva a que esta possa ser produzida em grande número e de forma célere, fator determinante para a sua difusão. As mesmas poderão ser encontradas em todo o Império, incluindo na periferia. Esta propagação terá ainda auxílio da prosperidade económica sentida no império, durante o período de Augusto, o que conduzirá a uma multiplicação do número de sucursais e oficinas locais (Morillo Cerdán, 1999: 67).

Como afirma Morillo Cerdán (1999: 67), as lucernas de volutas estão presentes em todos os contextos romanos desde o período Augusto até aos finais do século I d.C.

A nível morfológico, a utilização do molde possibilitou o máximo aproveitamento das alternativas decorativas do disco, cujo tamanho aumentou consideravelmente. O mesmo apresenta um formato côncavo e é abundante em ornamentação, na qual figuram motivos decorativos alusivos à vida quotidiana, aos animais, aos desenhos florais, às formas geométricas, e entre outras.

A orla, separada do disco por várias molduras, em número e espessura variável, estreita-se até desaparecer em alguns casos (Morillo Cerdán, 1999: 67).

Segundo Morillo Cerdán (1999: 67), as lucernas de volutas devem a sua designação à característica formal de maior relevância, isto é, à presença de elementos decorativos em forma de voluta nas extremidades do arranque do *rostrum*. No entanto, notam-se diferenças na configuração do bico, que pode ser de forma arredondada ou triangular.

De acordo com Loeschcke (1919: 24- 46 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 67), este tipo de lucernas pode ser dividido em cinco grandes grupos, sendo eles Loeschcke I, III, IV, V e VI. No caso dos primeiros tipos, o *rostrum* seria triangular, enquanto nos restantes redondo ou ogival. As lucernas do primeiro tipo subdividem-se em três variantes, sendo elas Loeschcke IA, IB e IC, isto baseado na relação entre a separação das volutas e dos vértices do bico (Morillo Cerdán, 1999: 67).

As variantes mais antigas, Loeschcke IA e IB, podem carecer de asa, que começa a aparecer com certa frequência nos exemplares Loeschcke IV e V. O tipo Loeschcke III caracteriza-se precisamente pela presença de uma grande asa plástica triangular, em forma de coração ou crescente lunar. Também nas variantes iniciais, especialmente na IA, é habitual o aparecimento de um pequeno orifício de arejamento entre o disco e o *rostrum*. O perfil adota distintas formas, segundo as variantes e a disposição das molduras, detetando-se uma redução paulatina da altura das paredes do depósito. A base pode ser plana ou anelar, frequentemente com a presença de letras isoladas ou marcas de oleiro, das quais se conhece um amplo reportório.

Quanto aos locais de produção destas lucernas, estes concentram-se principalmente no Lácio e na Campânia. Em Roma, conhecemos uma oficina vinculada à família *Oppi* na colina de Janículo, cujo funcionamento teve lugar durante a segunda metade do século I d.C. Porém, devido à influência do comércio nessa altura e à sua voga, sentiu-se uma descentralização produtiva e posterior expansão das mesmas.

Podemos encontrá-las em quase todos os locais do Mediterrâneo, incluindo até as províncias orientais helenizadas. Na Península Itálica, para além do Lácio e da Campânia, surge ainda outro local de grande produção, o Vale do Pó, devido à sua posição estratégica e comercial (Morillo Cerdán, 1999: 68).

De acordo com o mesmo autor (*id. ibidem*) verifica-se o fabrico de lucernas de volutas em diversos locais, tais como a França, a Alemanha, a Espanha, a Grã-Bretanha e a África Proconsular. No caso da França, destacam-se as oficinas de Montans, Saint Pierre de Milhac, Auvergne, Galane, Pradoulín e ainda, Lyon. Na Grã-Bretanha destaca-se a oficina de *Colchester*. No caso da Alemanha, podemos citar as oficinas de *Xanten*, *Haltern*, *Neuss*, *Colónia* e *Weisenau*. Quanto à Península Ibérica, cerca de 25 oficinas de lucernas de volutas são identificadas e como exemplos temos Tarazona, *Bracara Augusta*, *Herrera de Pisuergra*, Mérida, *Los Villares de Andújar* e São Fernando de Cádiz.

Lucernas do tipo Loeschcke I A

As lucernas com *rostrum* triangular ladeado por volutas recebem a denominação genérica de tipo Loeschcke I. Esta categoria caracteriza-se pela ausência de asa e orla estreita e horizontal, separada do disco por um número variável de molduras de transição. Atendendo à relação existente entre a separação das volutas e dos vértices do bico, Loeschcke estabeleceu três subvariantes (Loeschcke, 1919: 24-25). Na primeira delas – IA – as volutas são mais salientes do que os vértices do bico, muito angulosos, unidos a estes através de linhas tangentes que convergem diante do *rostrum*. No tipo IB, a largura das arestas e volutas é idêntica, e ambos os elementos se unem através de linhas divergentes. Enquanto ocorre esta transformação, a orla evolui de formas estreitas e planas, para maiores e inclinadas para o exterior. As molduras de transição do disco reduzem progressivamente o seu número, enquanto aumenta o seu tamanho.

Cada uma das variantes constitui um marco temporal determinado: a variante Loeschcke IA corresponde ao período de Augusto - Tibério; o segundo tipo - Loeschcke IB - surge na época de Tibério para continuar até finais do reinado de Cláudio; o tipo Loeschcke IC desenvolve-se entre Nero e o acesso de Vespasiano ao trono (Loeschcke, 1919: 29-30). Estas três categorias estabelecidas por Loeschcke dentro do seu tipo I têm sido aceites como um critério cronológico pela maioria dos investigadores posteriores, embora alguns estudos incluam os três subtipos no genérico século I d.C.

As lucernas do tipo Loeschcke IA caracterizam-se por possuírem as volutas bem salientes relativamente ao vértice do bico. As orlas, de perfil horizontal, são reduzidas à mínima expressão. Na maioria pertencem aos tipos I e II de Loeschcke. Um número significativo de molduras e caneluras permite a transição da orla para o disco, tão característico das primeiras variantes. Estes são amplos e de concavidade muito pronunciada, decorados com distintas representações em relevo. Exceto em algumas produções provinciais, os exemplares carecem de asa. São comuns os orifícios de arejamento oblíquos no início do *rostrum*. Frequentemente dispõe-se um pequeno canal aberto delimitado por molduras entre o disco e o bico. Esta peculiaridade morfológica tem uma origem funcional: conduzir novamente o azeite que é expelido através do orifício de iluminação para o interior do depósito.

Estas lucernas foram largamente difundidas em toda a bacia do Mediterrâneo ocidental, sendo a grande maioria de origem centro-italica, caracterizadas por possuírem uma grande qualidade técnica e artística e fabricos bem depurados de tons amarelados.

Lucernas do tipo Loeschcke I B

Esta segunda variante da forma Loeschcke I apresenta praticamente as mesmas características morfológicas que a variante IA, distinguindo-se por um *rostrum* maior, na qual os vértices e as volutas de arranque apresentam a mesma largura e poderiam unir-se por meio de linhas quase paralelas. Do ponto de vista técnico e artístico, Loeschcke assinala um retrocesso nesta variante em relação à anterior. Os exemplares mais antigos da forma IB são relativamente direitos, enquanto a maioria das peças mais recentes manifestam um certo descuido na sua execução. A decoração assinala igualmente um processo degenerativo devido ao emprego cada vez mais frequente do sobremolde, que reduz o tamanho das peças e a nitidez do relevo (Loeschcke, 1919: 26-27 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 353) Não obstante, as lucernas do tipo IB ainda são produtos de uma grande qualidade.

A maioria dos investigadores está de acordo em atribuir à forma IB uma origem tiberiana, provavelmente para os anos centrais do reinado deste imperador. Alcança o máximo desenvolvimento durante a época cláudia (Loeschcke, 1919: 30). Desde meados do século que este tipo vai sendo substituído pela variante IC (Morillo Cerdán, 2015: 354).

Lucernas do tipo Loeschcke I C

O processo de degeneração técnica e artística, registada pelas lucernas de volutas com *rostrum* triangular, alcança o seu ponto culminante com o tipo I C (Loeschcke, 1919: 26-27 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 353). A forma da lucerna, caracterizada pelo largo *rostrum*, torna-se mais simples e compacta. A orla alarga-se adotando um perfil inclinado para o exterior - tipo IV de Loeschcke -, enquanto o número de volutas reduz e diminui o diâmetro do disco. Os motivos decorativos que representados no disco empobrecem do ponto de vista iconográfico, restringindo-se a um repertório cada vez mais reiterativo composto por figuras humanas ou animais isolados, máscaras e motivos vegetais e geométricos. O emprego habitual da técnica de sobremolde reduz progressivamente o tamanho dos exemplares e a profundidade do relevo.

A cronologia do tipo Loeschcke IC é igualmente muito diferente das categorias precedentes. Tem origem no reinado de Nero, estendendo-se durante toda a época flávia (Loeschcke, 1919: 29-30 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 353). Esta datação é aceite pela maioria dos autores (Menzel, 1954: 30; Deneauve, 1969: 108 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 353). Bailey prolonga o seu fabrico até o início do reinado de Trajano (Bailey, 1980: 150). Em meados do século II encontra-se em uso na Panónia (Ivanyí, 1953 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 353).

Lucernas do tipo Loeschcke III

Lucernas de volutas de grandes dimensões, com um *rostrum* arredondado ou ogival ladeado por volutas duplas. Caracteriza-se por uma grande asa plástica decorada que adota uma forma triangular, cuoriforme, em crescente lunar ou figurada. Os discos são de grandes dimensões e muito côncavos, especialmente adequados para receber decorações de tipo geométrico e vegetal. Caracteriza-se numa forma bastante individualizada e bem conhecida em todas as regiões do Império, variante do tipo Loeschcke IV (Morillo Cerdán, 2015: 354).

As lucernas deste tipo podem apresentar um ou mais *rostra*. Loeschcke unificou num só grupo - Loeschcke III - as duas categorias estabelecidas por Dressel, tendo unicamente em atenção o número dos *rostra* - Dressel 12 e Dressel 13. A maioria dos investigadores seguiu esta reflexão, embora Walters, Heres, Lamboglia e Leibundgut mantenham a divisão de Dressel. A asa leva na sua parte posterior um orifício circular para sustentar a peça. Tem sido apontado que uma das finalidades da asa plástica é atuar como contrapeso ao grande *rostrum* ou aos *rostra* (Amaré Tafalla, 1988: 33 *apud*

Morillo Cerdán, 2015: 354).

A origem iconográfica da decoração aplicada sobre a pega foi inspirada nos exemplares metálicos, que chegam a Itália durante o período de Augusto através das regiões orientais helenizadas (Broneer, 1930: 73-76; Heres, 1972: 11 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 355). As formas mais adotadas são a crescente lunar e a triangular ornamentadas com palmetas ou acantos estilizados em relevo. Uma terceira variante morfológica, menos comum, consiste numa folha vegetal cordiforme. Podem aparecer asas figuradas em forma de águia ou busto humano.

O início da produção de lucernas com bico arredondado e grande asa plástica tem origem na época Augusta (Loeschcke, 1919: 35 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 355). Este investigador documenta-a em Haltern, em contextos anteriores a 9 d.C., associada a exemplares dos tipos Loeschcke I A e Dressel 4. A sua cronologia prologa-se até finais da época Flávia e inclusivamente até às primeiras décadas da centúria seguinte (Bailey, 1980: 244-45), embora o momento de auge corresponda à primeira metade do século I d.C., momento a partir do qual se rarificam paulatinamente.

Os principais centros produtores localizam-se, também neste caso, nas proximidades de Roma. As lucernas de volutas com asa plástica difundem-se por todo o Império (Morillo Cerdán, 1999: 81-84).

Lucernas do tipo Loeschcke IV

Estas lucernas apresentam bico arredondado ou ogival, sem asa.

O disco é côncavo, rodeado por várias molduras. A orla apresenta um perfil estreito e horizontal. Loeschcke, partindo da coincidência temporal com as formas I e III, considera que o tipo IV consiste numa derivação morfológica daquelas (Loeschcke, 1919: 37 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 356). A presença de asa em alguns exemplares levou a que Dressel estabelecesse uma forma 14 diferente da 11, sem asa.

Inserida na mesma variante Loeschcke IV, convivem duas produções com ímpetus morfológicos quase idênticos, mas de cronologia algo distinta. A variante inicial caracteriza-se por uma orla estreita e moldurada, assim como por um *rostrum* ladeado por duas volutas finas e alongadas. Alguns exemplares ostentam um pequeno canal entre o bico e o disco, idêntico ao canal das formas mais antigas do tipo Loeschcke I A. Durante o período Tiberiano surge uma forma distinta, com o bico mais curto, volutas mais reduzidas e compactas, e orla simplificada. Belchior, quem melhor percebeu a significativa dualidade, confirmada mais tarde por Lamboglia (Lamboglia-

Beltrán, 1952: 88), situa o apogeu desta última variante, durante o segundo e terceiro quartel do século I d.C., embora as margens temporais se prolonguem durante todo o período flávio (Belchior, 1969: 33 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 356).

A maioria dos autores não distingue estas duas subvariantes, pelo que tendem a prolongar a cronologia da forma Loeschcke IV durante todo o século I d.C. Todos os investigadores estão de acordo que o momento de auge corresponde às décadas centrais do século I d.C. (Belchior, 1969: 33; Bailey, 1980: 153). O final da produção deverá situar-se nos anos finais desta centúria (Deneauve, 1969: 126; Belchior, 1969: 33) e mesmo nas primeiras décadas do século II (Leibundgut, 1977: 29; Bailey, 1980: 172). Dá a impressão de que, a norte dos Alpes, esta forma perdura durante mais tempo (Morillo Cerdán, 1999: 357).

Lucernas do tipo Loeschcke V

O tipo Loeschcke V, claramente derivado do anterior, apresenta um corpo alargado terminado com um *rostrum* de forma arredondada. As volutas iniciais do bico desaparecem, deixando apenas um círculo impresso no lugar. A orla é ampla, de perfil inclinado para o exterior e, por vezes, adornada com óvalos ou pérolas. O disco é côncavo e de reduzidas dimensões, decorado com motivos simples e rodeado por uma ou duas molduras. Os exemplares constam de uma asa de disco elevada, com perfil de forma triangular. No âmbito do tipo genérico Loeschcke V, Dressel individualiza duas variantes sucessivas - Dressel 15 e Dressel 16 -, que se distinguem fundamentalmente pela forma do corpo e a presença de decoração na *margo*, que aparece na segunda destas duas.

Alguns investigadores observaram que tanto a morfologia como a decoração desta variante guardam estreitas semelhanças com os modelos helenísticos (Loeschcke, 1919: 41-42; Bisi, 1977: 86 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 358), pelo que levou a supor inclusivamente uma origem helénica para a mesma. Estas similitudes, num momento em que a estrutura da lucerna tende à simplificação, não foram todavia bem argumentadas.

Loeschcke, ao rever os materiais de *Vindonissa*, fecha a forma V no decorrer do segundo e terceiro quartel do século I d.C. (Loeschcke, 1919: 43-44 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 358). Bailey atrasa o seu aparecimento para os finais do reinado de Cláudio, prolongando até a época de Trajano ou Adriano (Bailey, 1980: 184-185).

Outros autores inclinam-se para a segunda metade do século I e as primeiras décadas da centúria seguinte (Ivanyí, 1935: 12; Deneauve, 1969: 149).

As lucernas da forma Loeschcke V difundem-se amplamente tanto pelo Mediterrâneo Oriental como pelo Ocidente do Império (Morillo Cerdán, 1999: 92-94).

Lucernas do tipo Dressel 10

Constitui uma forma relacionada com a Loeschcke I, à qual se assemelham numerosas características morfológicas. O *rostrum* é triangular, suavizado no centro e ladeado por volutas, cujas curvas são menos amplas e, por vezes, se reduzem a simples molduras de ambos os lados do *rostrum*. No centro deste poderão aparecer motivos decorativos. Deneauve estabelece a existência de seis variantes diferentes de bico entre os exemplares norte-africanos (Deneauve, 1969: 210 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 358). O disco é muito largo, côncavo e, geralmente, rico em ornamentações (máscaras teatrais, naturezas mortas e figuras humanas). A orla apresenta um perfil horizontal, com várias molduras muito estreitas de transição do disco. Por vezes aparece decorada com elementos decorativos em relevo. A base é plana ou anular, e a asa é de disco, elevada e perfurada. Pode aparecer associada a marca de oficina *Pvllaeni*, embora se tenham constatado outras oficinas.

A cronologia desta variante ainda apresenta grandes incógnitas. Deneauve situa-a ao longo da segunda metade do século II d.C. (Deneauve, 1969: lám. XVI *apud* Morillo Cerdán, 2015: 359).

A sua área de comercialização restringe-se às áreas costeiras do Mediterrâneo Ocidental, de preferência o litoral norte-africano e tirrénico, onde poderia localizar-se a oficina original (Morillo Cerdán, 1999: 94-95).

Lucernas do tipo Deneauve VF (Bonifay tipo II)

As lucernas do tipo Deneauve VF apresentam um corpo alongado, de forma troncocónica. A orla é larga e inclinada para o exterior, geralmente sem decoração. Quando tem, predominam as pérolas em relevo. A canelura que separa a orla do disco não é circular, prolongando-se em forma de canal junto ao *rostrum*. O disco é oval, de dimensões reduzidas, geralmente sem decoração e com orifício de alimentação central. O bico é curto e arredondado na extremidade. As volutas denominam-se de degeneradas, pois desaparecem. A asa é elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. A base é plana, de formato oval, circunscrita por

uma canelura.

J. Bussière (2000: 82) distingue claramente o tipo C V 2 do tipo Deneauve VF (tipo Bussière C V 1), muito pouco divulgados, e cuja origem africana é muito duvidosa. O mesmo autor estabelece duas variedades (1ª e 5ª) no que concerne à decoração na orla. A primeira, que corresponde aos exemplares sem decoração, é datada dos meados do século II. A quinta, cujos exemplares contêm decoração, atribui-se aos meados e finais do século II d.C.

As decorações mais conhecidas correspondem a fiadas de pérolas ou glóbulos em relevo, de pequenas dimensões.

As marcas de oficina documentadas distribuem-se por símbolos anepígrafos e marcas de oleiro. A primeira compõe, geralmente, a representação de uma folha de palma ou de circunferências incisas. A segunda associa-se à marca OMISE.

Conhecem-se exemplares desta variedade morfológica em *Pupput*, *Tipasa* e *Sétif* (Bonifay, 2004: 313).

Do ponto de vista tipológico, estas lucernas antecipam as de disco, embora os investigadores, atendendo principalmente à presença das volutas degeneradas, a incluam nos exemplares de volutas.

Lucernas do tipo Deneauve IVD/VE

Lucernas de corpo arredondado com disco refundido e sem decoração. A orla é ampla e inclinada para o exterior, decorada com uma fiada de óvalos, e separada do disco por uma ou duas molduras. O *rostrum*, curto e rematado de forma triangular, carece de volutas. Os exemplares constam de duas aletas laterais afrontadas, constituindo uma variante intermédia entre os tipos Deneauve IVD e Deneauve VE.

Do ponto de vista tipológico, antecede as lucernas de disco, embora os investigadores, atendendo principalmente à sua cronologia e à forma do bico, a incluam nos exemplares de volutas. Loeschcke considera o bico triangular uma reminiscência de época tardo republicana (Loeschcke, 1919: 33-34 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 96).

O tipo Deneauve IVD, também conhecido na bibliografia usada para o tipo Loeschcke II, é pouco habitual. Loeschcke atribui a sua origem a um momento pós-Augusto (Loeschcke, 1919: 33 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 96), embora outros autores a situem em Itália durante o reinado de Augusto (Szentleleky, 1969: 75). A sua cronologia não parece exceder os anos centrais do século I d.C., tal como observou

Deneauve (Deneauve, 1969: 121, lám. XVI). Palol prolonga, porém, até começos do século II, tal como Ivanyí, que não encontra testemunhos anteriores a esta data. Por sua parte, os exemplares do tipo Deneauve VE apresentam uma cronologia semelhante (Deneauve, 1969: 158).

Os exemplares do tipo Deneauve VE são pouco habituais. Constatase a sua presença em escassos reportórios, entre os quais devemos mencionar *Vindonissa*, Cartago, Panónia, Ampúrias e Peroguarda. Estes três últimos parecem ser os únicos exemplares hispânicos.

A escassez do tipo impede que se faça uma apreciação das características físicas das pastas e engobes, assim como a oficina de procedência, possivelmente itálica.

Lucernas do tipo Deneauve V G

As lucernas desta variante caracterizam-se por apresentar um corpo arredondado, ao que se adiciona um bico curto terminado de forma ogival. Entre o disco côncavo, sem decoração, e os orifícios de alimentação e iluminação, abre-se um estreito canal delimitado por uma moldura ou duas incisões. A orla é ampla e sem decoração, com perfis do tipo III, IV e VII de Loeschcke. Dos lados da mesma dispõem-se duas aletas laterais, com os extremos pontiagudos e a parte central de forma arredondada. Alguns exemplares contam com uma asa de disco elevada. Gualandi considera estas peças como uma variante degenerada de lucernas de volutas (Gualandi, 1977: 125-126 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 359). Segundo Morillo Cerdán (2015: 359), trata-se de um tipo de transição para as lucernas de disco.

A maioria dos investigadores situa este tipo durante o segundo e o terceiro quartel do século I, embora continue até aos últimos séculos da centúria ou inícios do século II (Loeschcke, 1919: 43; Bailey, 1980: 233-234 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 359).

A abundância das lucernas desta forma no Mediterrâneo Oriental, assim como a constatação de numerosas produções locais na Ásia Menor (Bailey, 1988), levou alguns autores a considerar uma origem egeia (Perlzweig, 1961: 130). Bailey refere uma origem itálica (Bailey, 1980: 233).

Lucernas Alto-Imperiais de fabrico hispânico

O fabrico de lucernas na Península Ibérica, intitulada por Balil a partir das suas recompilações de marcas de oleiro de proveniência hispânica (Balil, 1964; 1966; 1968-69; 1980; 1984 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99), não constitui atualmente nenhuma dúvida. O achado de fornos ou estruturas industriais de produção, dos quais se destaca a oficina de *Los Villares de Andújar*, bem como a exumação de um número crescente de materiais como moldes e exemplares com defeitos de cozedura, atestam a presença de numerosas manufaturas lucernárias (Amaré Tafalla, 1989-90 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99).

A avaliar pelas análises dos dados referentes à infraestrutura produtiva das oficinas, não transparece uma especialização produtiva unicamente de lucernas. Em *Andújar* e nas oficinas da área de Tricio, aparece vinculada à produção de *terra sigillata*. Por outro lado, a oficina de Tarazona centra a sua atividade principal na cerâmica comum, passando a produção de lucernas para segundo plano.

O volume de produção lucernária parece bastante limitado, com uma projeção que, no geral, se restringe às áreas vizinhas, embora não falem centros que comercializem a longa distância.

Ainda que se conheçam alguns antecedentes em época republicana, o arranque do fabrico de lucernas na Península Ibérica, situa-se nos inícios do período imperial (Morillo Cerdán, 1999: 99).

A oficina militar de *Herrera de Pisuergra* é, sem dúvida, uma das mais antigas documentadas até hoje (Morillo Cerdán, 1992: 99).

Mais do que imitações realizadas por ceramistas autóctones, devemos mencionar a presença de oleiros itálicos estabelecidos na Hispânia, no calor das amplas possibilidades comerciais que oferece esta província. No entanto, o distanciamento destes oleiros lucernários das fontes originais de inspiração e experimentação pessoal, cristaliza rapidamente as categorias tipológicas de maneira definida e diferente das utilizadas de forma coeva em áreas nucleares do Império.

As mais conhecidas entre as formas novas do período alto-imperial, claramente inspiradas em modelos itálicos, são as lucernas derivadas do tipo Dressel 3, as derivadas do tipo Dressel 9 ou “lucernas mineiras”, as derivadas de disco e as designadas “del Minotauro”. Posterior a esta reprodução, imitam-se as decorações originais vindas de Itália, através do tráfego comercial. As oficinas da Bética parecem ser as mais inovadoras e ativas durante este período (Morillo Cerdán, 1999: 99).

A partir do último terço do século I d.C., as imitações, que reproduzem quase exatamente os tipos forâneos (empregando a técnica do sobremolde), substituem quase por completo as formas originais hispânicas que haviam proliferado durante o período Júlio-Cláudio. As lucernas de tipo mineiro e as “del Minotauro” continuam a fabricar-se posteriormente a esta data (López Rodríguez, 1982: 383-84 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99).

No presente estudo, iremos ocupar-nos de forma específica das lucernas derivadas do tipo Dressel 3 e das derivadas de Dressel 9, ou “mineiras”. Quanto às lucernas derivadas de disco, optámos por incluí-las nas lucernas de disco.

Lucernas derivadas do tipo Dressel 3

As lucernas derivadas da forma Dressel 3 constituem um conjunto perfeitamente individualizado, com características morfológicas muito peculiares, que se podem resumir num corpo troncocónico de paredes altas e retas, com duas aletas laterais a metade da altura do disco ou perto do *rostrum* que adotam uma forma triangular ou de bigorna. De ambos os lados deste, insinuam-se duas curvas de volutas em relevo. O disco é côncavo, de tendência oblonga, e encontra-se frequentemente decorado com uma vieira cujos gomos partem do orifício de alimentação, que se situa habitualmente na zona inferior central do disco. O fundo é geralmente plano, assente numa moldura, muitas vezes com marca.

Tem sido documentada a presença de marcas em forma de golfinho, folha com configuração de coração e a letra “T” impressa, assim como distintas combinações realizadas mediante círculos incisos e a marca MCS retrógrada (López Rodríguez, 1982: 381 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 100). As peças carecem de asa.

As pastas podem apresentar cor ocre, amarelada e, na maioria das vezes, esbranquiçada, caracterizando assim este tipo de lucernas. No geral, são suaves e arenosas, desfazendo-se ao toque. Por vezes, observa-se a presença de volumosos desengordurantes micáceos. Grande parte não apresenta engobe.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 100), estas lucernas constituem uma das produções Alto Imperiais Hispânicas melhor definidas na atualidade.

As campanhas de escavação desenvolvidas nas oficinas localizadas em *Villares de Andújar* (Jaén) traduziram-se no conhecimento de um fabrico de lucernas simultânea com *Terra Sigillata* Hispânica, cujas características correspondiam às que acabamos de referir. Este facto determinou que a bibliografia arqueológica tenha utilizado a

denominação “Lucernas de Andújar” para referir-se a este tipo de peças.

A partir da análise das suas características morfológicas, López Rodríguez (1981: 100; 1982: 381), classifica esta categoria como uma variante do tipo Dressel 3, sem asa.

Os limites temporais destas peças situam-se entre o reinado de Cláudio e os Flávios (Sotomayor *et al.*, 1976: 135). López Rodríguez estabeleceu o marco referencial desta produção durante a época Júlio-Cláudia, com possíveis sobrevivências no período Flávio (López Rodríguez, 1982: 382). Os achados de lucernas do “tipo Andújar” nos contextos do norte da Península corroboram perfeitamente a cronologia Tiberiano-Cláudia (Morillo Cerdán, 1999: 100-104).

Relativamente à área de dispersão, os mapas de distribuição deste tipo confirmam uma concentração na área meridional, principalmente no Vale de Guadalquivir (Morillo Cerdán, 1999: 101). Um dos aspetos mais relevantes desta produção é a sua significativa presença a norte da Serra Morena, no noroeste peninsular e no vale do Ebro (Morillo Cerdán, 1999: 101).

Recentes estudos arqueométricos permitiram identificar novos centros produtores de lucernas derivadas do tipo Dressel 3 em *Corduba e Emerita Augusta*. Este aspeto complica o panorama das lucernas deste tipo, pois as suas características físicas e morfológicas, a sua cronologia e comercialização podem variar sensivelmente de uma para outra oficina.

Lucernas derivadas do tipo Dressel 9 ou “Lucernas mineiras”

As lucernas “mineiras” caracterizam-se por apresentar um corpo circular de tendência piriforme, com disco de concavidade suave, e geralmente sem decoração, na qual se abre um orifício de alimentação centrado. O bico é largo e angular, rematado de forma arredondada e ladeado por volutas incisadas entre as quais se dispõe, por vezes, uma folha de hera. A *margo* é ampla e inclinada para o exterior, lisa ou decorada com pérolas em relevo. Com asa elevada e perfurada e base plana, em que normalmente podem surgir marcas de oleiro como L.I.R; T; RTVG; G.T.G; MVS; AN; LAT; G:A:G ou R.T.I (Morillo Cerdán, 1999: 104). O aspeto geral é tosco e maciço. As pastas são geralmente suaves, de tonalidades alaranjadas ou ocre, mais ou menos depuradas e cobertas, por vezes, por um engobe ocre claro.

Pela fisionomia do *rostrum*, rematado de forma triangular e com volutas laterais, considera-se um tipo derivado de Dressel 9. O mais comum na bibliografia é a utilização do termo lucernas “mineiras” ou tipo “Rio Tinto-Aljustrel”, denominação que

faz alusão aos locais onde foram localizadas primeiramente este tipo de peças, principalmente em torno de povoados e necrópoles mineiros do Sudoeste Peninsular.

Atendendo à presença de decoração na orla, López Rodríguez estabeleceu uma primeira classificação, que distingue entre lucernas com *margo* decorada e lucernas sem decoração na orla (López Rodríguez, 1981: 14-15; 1982: 383 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 105). Este investigador intui uma certa evolução cronológica entre ambas as variantes, baseando-se no desaparecimento das volutas e na crescente aspereza do segundo tipo, embora não encontre argumentos que garantam esta hipótese. A partir dos dados disponíveis, estabelece um amplo marco temporal centrado no século II, especialmente na segunda metade, e boa parte da centúria seguinte para estas peças (López Rodríguez, 1981: 14).

O fabrico destas peças verifica-se em diversos centros produtores, destinados a satisfazer a demanda local de recipientes para iluminação sólidos e adequados para as necessidades do trabalho nas minas (Modrzewska, 1999: 66 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 392).

Lucernas de disco

De acordo com Morillo Cerdán (1999: 107), as lucernas de disco surgem como uma inovação no que respeita aos objetos de iluminação, pois são distintas das restantes, especialmente do ponto de vista morfológico. Ainda assim, é possível encontrar certas semelhanças com as lucernas de volutas do seu período mais tardio.

O início da produção deste tipo de lucernas inicia-se nas mesmas oficinas itálicas, onde já eram fabricadas as lucernas de volutas. Quanto à sua expansão, detiveram uma grande difusão nas províncias do Mediterrâneo Ocidental, e no caso das variantes gregas, nas costas orientais do mar Mediterrâneo (Morillo Cerdán, 1999: 107).

Segundo Morillo Cerdán (1999: 107), poucos são os estudos sobre esta tipologia de lucernas, o que nos leva a carecer de informações acerca das mesmas. Assim sendo, a designação de “lucernas de disco” é mais convencional do que propriamente descritiva, como noutras categorias. A nível de cronologia, as primeiras lucernas datam do século I d.C.

Quanto ao aspeto formal, as lucernas de disco apresentam-se com um corpo circular, possuindo uma grande orla inclinada para o exterior, um disco pequeno e ainda uma abertura pequena e redonda. O disco pode conter algum tipo de decoração,

nomeadamente figuras maiores e toscas, denotando assim uma certa semelhança com o repertório decorativo das lucernas de volutas.

Quanto à orla, esta surge lisa ou decorada. A decoração surge apenas com estas lucernas, já que as formas de volutas do início do século I apresentam a mesma com uma largura reduzida, não dando azo a que contenham qualquer tipo de decoração, que se centraliza apenas no espaço do *discus*. Nas lucernas de disco, no século II, dá-se um aumento de espessura desta área da lucerna, começando a surgir decorações com motivos repetitivos com o objetivo de emoldurar a decoração central do *discus*. Os motivos mais recorrentes são geométricos, destacando-se a coroa de óvalos, e os vegetais, na qual predominam coroas, uvas e cachos de uvas.

A base é anelar e a asa nem sempre aparece. Por vezes, há a incorporação de aletas laterais com finalidades funcionais ou ornamentais (Morillo Cerdán, 1999: 107).

Dressel (1899 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 107) determinou os principais grupos de lucernas de disco, e os mesmos foram confirmados mais tarde, e até mesmo aumentados por Loeschcke (1919 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 107). Podemos então referir de forma geral, os seguintes grupos de lucernas de discos: Dressel 17, Dressel 18, Dressel 19, Dressel 20, Loeschcke VIIIIL, Dressel 28, Dressel-Lamboglia 30B e lucernas derivadas de disco, ainda que esta última esteja também inserida nas lucernas de tipologia hispânica (Morillo Cerdán, 2015: 388).

Para Morillo Cerdán (1999: 108), o lugar primitivo da produção das lucernas de disco é o centro da Itália. Muito rapidamente, estes modelos serão reproduzidos por oficinas e sucursais da África Proconsular, em que estes inserem novos elementos decorativos e formais, levando ao fabrico de um número elevado de peças e completamente individualizado.

Os exemplares produzidos na África Proconsular tornam-se mais célebres e podemos encontrar exemplares na Itália, Sardenha, Baleares, França, norte de África e Espanha. Relativamente à Península Ibérica, as lucernas de disco são mais comuns no litoral Mediterrâneo e na região meridional, por exemplo em Tarazona, Tarragona, Alcácer do Sal, Puig Rodon, Quinta do Rouxinol, Serpa e *Conimbriga*. No Mediterrâneo Oriental surge uma variante de lucernas de disco, as designadas lucernas de disco gregas (Morillo Cerdán, 1999: 109).

Lucernas do tipo Dressel 17

A forma Dressel 17 apresenta um corpo circular, com uma orla ampla e inclinada para o exterior, habitualmente sem ornamentação. O disco é côncavo e ostenta orifício de alimentação central, separado da orla por uma ou duas molduras. O bico, curto e arredondado, encontra-se separado do corpo da lucerna por uma linha curva incisa. Pode apresentar uma asa elevada e perfurada.

Por vezes, o bico prolonga-se, formando um canal alargado com paredes inclinadas, rematado de forma pontiaguda e com uma superfície ovoide que se projeta em torno do orifício de iluminação. Esta peculiaridade morfológica levou a que o investigador Bisi estabelecesse uma variante específica, do tipo IXA, que seria acompanhada pela versão *bilychne* – IXB.

Pode apresentar uma decoração de óvalos na orla e, por vezes, incorpora aletas laterais.

Loeschcke estabelece o seu aparecimento entre os reinados de Cláudio e Nero (Loeschcke, 1919: 51 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 364). O modelo original desta variante encontra-se, possivelmente, nas oficinas centro-italicas (Morillo Cerdán, 1999: 111-112).

Lucernas do tipo Dressel 18

Lucerna de corpo circular, com disco côncavo, separado da orla ampla e inclinada para o exterior, por uma ou duas molduras. O bico é curto e arredondado, limitado por uma linha curva incisa, que se corta com o disco. Geralmente apresenta uma asa elevada e perfurada. As marcas de oleiro incisas aparecem frequentemente.

A forma Dressel 18 constitui uma variante intermédia entre os tipos Dressel 17 e Dressel 19, distinguindo-se apenas pela fisionomia da linha de separação entre o *rostrum* e a *margo*. Numerosos autores, entre os quais se encontra Loeschcke, identificam esta forma, bem como a Dressel 17, bem como a Dressel 19. Do ponto de vista cronológico não parecem existir diferenças significativas entre estes três tipos, pelo que se aceita de forma geral o marco temporal atribuído à variante anterior. Bailey situa o tipo Dressel 18 ao longo da segunda metade do século I d.C. Palol prolonga-a durante todo o século II.

A procedência desta modalidade parece ser igualmente a Itália Central, onde atinge alguns pontos do Mediterrâneo Ocidental.

Lucernas do tipo Dressel 19

A maior parte das características morfológicas que definimos para as variantes Dressel 17 e Dressel 18 podem ser extrapoladas para o tipo Dressel 19, que unicamente se distingue dos tipos anteriores pela separação entre o bico e o corpo da lucerna. Esta realiza-se mediante dois traços incisivos mais ou menos retos, dispostos de forma oblíqua entre os extremos do *rostrum* e as molduras de transição do disco. A orla encontra-se decorada com motivos vegetais de desenhos distintos. Aparece grande parte com asa de disco elevada.

Já referimos que muitas vezes é confundida com a variante Dressel 18, com a qual mantém evidentes afinidades morfológicas. A cronologia parece ser, em traços largos, a mesma que a dos tipos anteriores, embora Bailey (1980: 303) a retarde até ao período Flávio. Deneauve amplia a duração temporal do tipo até meados do século II (Deneauve, 1969: 165).

Os exemplares deste tipo são ligeiramente mais numerosos do que as variantes anteriores de disco.

O centro produtor original também se localiza na Campânia ou na área Centro-Itálica, onde aparece com frequência, embora se conheçam oficinas provinciais como *Montans*.

Lucernas do tipo Dressel 20

Lucerna de corpo circular e secção troncocónica. Orla ampla e inclinada para o exterior, correspondente ao perfil VIIa ou VIIb de Loeschcke. Uma ou duas molduras separam a orla do disco côncavo e frequentemente decorado.

Como nas variantes anteriores, o bico é curto e arredondado, embora a separação com o restante corpo apresente peculiaridades muito bem definidas. A linha de delimitação é reta, com dois traços oblíquos nos extremos e um ponto impresso em cada um dos vértices. Os exemplares apresentam uma asa de disco elevada e perfurada, incluída no molde.

Geralmente apresentam uma marca de oficina impressa, que habitualmente inclui os *tria nomina* do oleiro abreviados.

Sem dúvida que esta variante alcança um maior grau de perfeição artística entre todas as modalidades de disco ocidentais. Os motivos que decoram o disco, frequentemente de tipo animalesco, são cuidados e muito detalhados, lembrando, por vezes, as figurações próprias das lucernas de volutas.

As pastas, que abarcam uma ampla gama cromática, podem encontrar-se bem depuradas e cobertas com engobes de boa qualidade, e até mesmo vidrados de chumbo, embora junto a estes exemplares de melhor qualidade se encontrem outros que mostram uma ostensiva decadência técnica.

O tipo Dressel 20 pode considerar-se uma evolução da variante intermédia Loeschcke VIIIIL, pelo que a maioria dos autores inclui esta última dentro daquele (Morillo Cerdán, 1999: 117).

Carecemos de datações estratigráficas precisas para este tipo, tal como indicou Bailey (1980: 314). Numerosos exemplares da forma Dressel 20 aparecem em Pompeia e Herculano antes da sua destruição no ano 79 d.C. Bailey situa esta variante entre o momento Flávio e os anos centrais do século II (1980: 316). Esta hipótese é partilhada por Deneauve (Deneauve, 1969: 165).

As lucernas Dressel 20 constituem o tipo maioritário entre as versões mais antigas de disco. A partir dos seus centros produtores originais, localizados na Itália Central, alcança uma enorme expansão, difundindo-se por todo o Mediterrâneo Ocidental. Num segundo momento, junto às oficinas matrizes surgem sucursais das primeiras oficinas na África Proconsular, que se tornam bastante difíceis de distinguir dos exemplares Centro-italícos (Pavolini, 1981: 176). As peças desta tipologia documentam-se na Itália Central e Meridional, Sicília, Cerdeña, Las Baleares, Gália, Hispânia e Norte de África, alcançando inclusivamente a Panónia. Conhecemos a existência de grandes cargas de lucernas transportadas por via marítima e compostas de forma quase exclusiva para exemplares do tipo Dressel 20.

Lucernas do tipo Dressel 28

As lucernas da forma Dressel 28 caracterizam-se por apresentar um corpo circular, com uma orla ampla e inclinada para o exterior, geralmente ornamentada com motivos geométricos ou vegetais de diferentes variantes, entre os quais se destacam as grinaldas, linhas de pérolas, cachos e ramos de videira. O disco, separado da *margo* por uma moldura, reduz de tamanho, perdendo progressivamente a decoração. A separação entre o bico, curto e arredondado, e o corpo da lucerna faz-se mediante dois traços curvilíneos, que dão ao *rostrum* uma forma cuoriforme. Os exemplares apresentam uma asa de disco elevada. A base é plana, apresentando frequentemente marcas de oficina.

Dressel estabelece duas variantes morfológicas no âmbito das lucernas de disco com bico cordiforme, a Dressel 27 e a Dressel 28, que se distinguem principalmente

pela presença de uma abundante e excessiva decoração na *margo* do segundo tipo (Dressel, 1899). Embora estas duas modalidades coincidam na estrutura do bico, apresentam diferenças mais que significativas do ponto de vista decorativo, cronológico e produtivo.

Na realidade, este é um dos aspetos mais confusos e problemáticos no âmbito da evolução geral das lucernas de disco. Apesar dos esforços implantados pelos investigadores, todavia desconhecemos qual é a exata relação cronológica e evolutiva entre ambas as categorias, pelo que não é possível pronunciar-se objetivamente sobre a sua inclusão num único aglomerado ou em duas variantes diferenciadas.

A bibliografia lucernária empregou indistintamente tanto um como outro critério, o que complica ainda mais a correta definição dos dois grupos. Bailey chegou a distinguir dez subtipos dentro das lucernas de disco tardias (Bailey, 1980: 336-37). Alguns autores integram dentro da variante Dressel 28 os exemplares do tipo *Warzenlampen*, caracterizados pela presença de filas de pérolas ou glóbulos sobre a *margo* e habitualmente considerados como a categoria Dressel 30. De qualquer das formas, não existem dúvidas que as lucernas com bico cuoriforme constituem a segunda geração que se caracteriza pelas variantes tipológicas mais tardias como a Dressel 28 e a Dressel 30, em uso durante os séculos II a IV d.C. e que apresentam significativas diferenças cronológicas e produtivas com os tipos mais antigos.

Documentam-se em diversos contextos arqueológicos datados durante a segunda metade do século II e ao longo de toda a centúria seguinte (Morillo Cerdán, 1999: 120). A origem desta produção encontra-se, também neste caso, na Itália Central, embora posteriormente surjam imitações no Norte de África. Torna-se assim muito difícil distinguir os exemplares de uma e outra procedência, uma vez que os nomes dos oleiros são repetidos com fórmulas idênticas.

O tipo Dressel 28 encontra-se largamente difundido ao longo das margens do Mediterrâneo ocidental, especialmente na Itália central e meridional, assim como na África Proconsular. Alcança também regiões interiores como a Panónia.

De acordo com a diversidade produtiva desta variante, as pastas apresentam uma grande heterogeneidade, com notáveis diferenças entre os exemplares itálicos e africanos, produzidos com argilas bem depuradas e engobadas, e as produções locais, com pastas menos cuidadas e sem engobe.

Lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 30 B

As lucernas do tipo Dressel-Lamboglia 30B apresentam um corpo circular de perfil troncocónico. A orla é estreita e inclinada para o exterior, decorada com uma ou várias filas de pérolas ou glóbulos em relevo, que valeu a esta variante a denominação de *Warzenlampen*. Uma grossa moldura constitui a transição do disco côncavo, bastante reduzido e com orifício de alimentação central. O bico é arredondado e curto, e insere-se no corpo da lucerna sem separação aparente. A asa, que pode ser de disco, elevada e perfurada, ou maciça, encontra-se presente em todos os exemplares deste tipo. A base é um anel simples, por vezes com marca de oficina.

As pastas são muito heterogéneas, variando desde as depuradas às porosas, com desengordurantes volumosos. A coloração apresenta igualmente uma ampla gama de tons.

As lucernas do tipo Dressel 30 constituem a expressão mais tardia das chamadas lucernas de disco. A partir do estudo dos materiais de Roma, Dressel estabeleceu as variantes iconológicas principais, entre as quais se encontravam as lucernas de disco com várias filas de pequenas pérolas na orla, ao qual atribuiu o numeral 30 (Dressel, 1899: I, lám. III *apud* Morillo Cerdán, 1999: 122). Anos mais tarde, Lamboglia introduziu um novo critério no âmbito do grupo Dressel 30, atendendo à forma de delimitação entre o corpo e o bico da lucerna. Os exemplares com bico cuoriforme, separada da orla por dois traços curvilíneos, constituem a forma Dressel-Lamboglia 30A, enquanto aqueles nos quais não existe separação aparente entre o bico e a orla denominam-se Dressel-Lamboglia 30 B (Lamboglia-Béltran, 1952 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 122). Este último tipo, que pertence às peças que aqui apresentamos, pode caracterizar-se pela multiplicação de filas de pérolas e redução de tamanho das mesmas. Já observamos acima que alguns investigadores consideram que o tipo Dressel-Lamboglia 30 A é uma variante mais aproximada da forma Dressel 28, com a qual é relacionada.

O âmbito cronológico a que geralmente podem circunscrever-se as lucernas do tipo Dressel 30 são os séculos III e IV d.C. (Morillo Cerdán, 1999: 122). Deneauve situa-as no virar do século III e começos do século IV (Deneauve, 1969: 220). Bailey considera que a origem do tipo tem lugar nos meados do século III, embora atinja o auge produtivo nas últimas décadas da centúria referida, prolongando-se até inícios do século V (Bailey, 1980: 378-379). Moreno Jiménez assinala que a evolução cronológica do tipo tem o seu reflexo na redução do tamanho das pérolas e na sua distribuição

irregular na superfície da orla (Moreno Jiménez, 1991: 160).

A difusão do tipo Dressel-Lamboglia 30B das oficinas centro-italicas originais para o âmbito Mediterrâneo ocidental é bastante ampla. Alcança as costas italianas meridionais, o norte de África, o sul da Gália, a Península Ibérica e a Grécia (Morillo Cerdán, 1999: 122-23). A Norte do Sistema Central, esta forma lucernária é muito menos numerosa. Nesta região apenas se documenta no Museu Machado de Castro de Coimbra, *Conimbriga*, Palácio Ducal de Vila Viçosa, Museu de Pontevedra, Navarra e Quintanilla de Cueva. Neste marco geográfico devemos incluir os exemplares inéditos de Leão, Astorga e Lancia.

Devemos fazer uma breve menção ao contexto de Tricio de um molde correspondente a uma lucerna da forma Dressel-Lamboglia 30B, que garante uma produção marginal de exemplares deste tipo no centro oleiro riojano. A peça parece ter sido obtida por sobremolde a partir de uma lucerna original.

Lucernas derivadas de disco (Loeschcke VIII)

As lucernas deste tipo caracterizam-se por um corpo circular compacto com bico levantado, proporcionando um aspeto ovalado. Apresentam a parte superior convexa, sem separação entre a orla e o disco, ainda que em algumas ocasiões se verifique uma orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco, ligeiramente côncavo, por uma ou várias molduras de transição. A superfície da peça mostra por vezes uma decoração geométrica ou vegetal muito simples. Na parte posterior ostenta uma asa de disco, elevada, que pode ser perfurada ou não. As paredes do depósito são globulares. A base é plana ou com uma ligeira concavidade. O aspeto é tosco e irregular, bastante menos cuidado que o das produções clássicas de disco.

Estes exemplares, entre os que se advertem certas diferenças morfológicas, devem enquadrar-se dentro da categoria geral das lucernas de disco ou Loeschcke VIII. Os modelos de inspiração mais diretos são as variantes mais tardias, sobretudo a Dressel 28, das quais derivam do ponto de vista conceptual (Morillo Cerdán, 2015: 394). Os investigadores incluíram os exemplares derivados de disco dentro destas modalidades, embora alguns reconheçam que não respondem exatamente às características atribuídas pela bibliografia das mesmas (Pita, 1995: 16, nº1). Morillo Cerdán (1999: 393), tendo em conta estes problemas de classificação, considerou necessário criar uma secção específica para distinguir estes exemplares daqueles pertencentes aos grupos canónicos de disco, dos quais separam numerosas peculiaridades morfológicas, produtivas e

cronológicas, principalmente o empobrecimento técnico e decorativo causado pelo uso reiterado do sobremolde e o afastamento cada vez maior das fontes de inspiração originais (Morillo Cerdán, 1999: 124-127).

As lucernas derivadas de disco devem interpretar-se como uma particular produção hispânica, que se insere dentro do processo de descentralização produtiva e que extrai progressivamente o monopólio do comércio lucernário às grandes oficinas itálicas e africanas, transpondo-o para oficinas provinciais. Os exemplares deste tipo são muito comuns na Mediodía e no Ocidente peninsulares.

Atualmente, a cronologia deste tipo ainda não se encontra estabelecida com exatidão. As descobertas feitas no norte da Península Ibérica permitiram aperfeiçoar de forma mais precisa a cronologia. Das associações estratigráficas infere-se a sua presença maioritária durante o século III, com possíveis perdurações durante os primeiros anos da centúria seguinte. Coexistem dentro dos mesmos níveis arqueológicos com as variantes de disco avançadas, Dressel 28 e Dressel-Lamboglia 30B, das quais derivam do ponto de vista morfológico, assim como a forma de canal Loeschcke X (Morillo Cerdán, 1999: 125-127, tabela XVI).

Lucernas de canal

De acordo com Morillo Cerdán (1999: 127), a atenção voltada para as lucernas de canal deve-se a diferentes aspetos, tais como a existência de um amplo repertório de olarias, a estrutura interna da oficina e a sua rápida expansão comercial. As lucernas de canal com marca de oficina são o primeiro exemplar de lucernas criadas com a finalidade de serem exportadas comercialmente.

A denominação dada a estas lucernas faz referência ao seu fabrico em série e daí serem apelidadas de *Firmalampen*, que significa literalmente “lucernas de fábrica”. Somente em publicações espanholas é que estas surgem com o nome de “lucernas de canal” (Morillo Cerdán, 1999: 127).

O autor Loeschcke (1919 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 127) situa estas lucernas de canal no ano 75 d.C. Esta tipologia teve uma vasta difusão, principalmente nas regiões centro-europeias e no norte de Itália. Vários foram os achados de lucernas de canal em França, na Alemanha e nos Balcãs, o que nos permite concluir o que acima foi referido, ou seja, que este tipo de lucernas era fabricado em grande série, o que prova também a existência de variadas oficinas e sucursais. Muitos são os nomes de oleiros

que surgem como marca nas lucernas de canal, tais como *Fortis*, *Strobilvs*, *Commvnis*, *Cresces*, *Phoetaspvs*, *Atimetvs*, *Agilis*, *Vibianis* ou *Vibivs* (Morillo Cerdán, 1999: 129).

Para Morillo Cerdán (1999: 127), a morfologia deste tipo de lucernas nasce exatamente como vontade de responder a uma necessidade: fabricar em série grandes quantidades de peças. Assim sendo, a decoração é descurada, até mesmo inexistente. A nível formal, a funcionalidade e a simplicidade são os principais traços característicos destas lucernas. Apresentam corpo troncocónico, com uma grande orla inclinada para o exterior. Nesta mesma, estão dispostos dois ou três pequenos apêndices ou proeminências de forma retangular, dispostos radialmente. Estas particularidades serviam de apoio às peças que eram colocadas em pilha durante a sua cozedura. O disco é plano, com um orifício de alimentação central e geralmente desprovido de decoração. Certas vezes surgem no centro uma máscara alusiva à tragédia ou comédia. O mesmo é separado da *margo* por uma grossa moldura. Existe uma abertura larga que termina de forma arredondada, onde surge por vezes um pequeno canal fechado, ou então um pequeno canal aberto delimitado pela moldura e que separa a orla e o disco, prolongando-se e encerrando assim o orifício de iluminação. Neste tipo de lucernas encontramos a presença de marcas de oficina na base anelar simples ou dupla. Quanto à cor e textura das pastas e engobes, não é possível fazer uma generalização. Porém, a maioria surge de cor alaranjada ou vermelho tijolo, e em certas regiões as cores ocre.

Dressel apresenta duas categorias morfológicas destas lucernas: Dressel 5 e 6, ambas com um canal aberto. Já Loeschcke (1919 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 128) incorpora a tipologia inicial de canal cerrado, em que distingue três subtipos: as formas Loeschcke IX, Loeschcke X e ainda Loeschcke XK.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 128), as lucernas de canal têm origem no norte de Itália. Encontramos ainda exemplares nas antigas Raetia, Gália, Germânia e Britânia. Este tipo de lucernas não é muito comum nas regiões do Mediterrâneo. No que diz respeito à Península Ibérica, a sua frequência é maior no centro e noroeste. Exemplos destas lucernas de canal aparecem nas Ampúrias, em Zaragoza, Rosinos de Vidriales, Galiza, Astorga, *Herrera de Pisuergra*, *Conimbriga* e *Bracara Augusta*.

Lucernas do tipo Loeschcke X (Firmalampen)

A forma Loeschcke X constitui a segunda grande categoria no âmbito das lucernas de canal. Apresenta um corpo de perfil troncocónico, com disco plano normalmente sem decoração, orla ampla e inclinada para o exterior sobre a qual se

dispõem radialmente duas ou três protuberâncias retangulares. O bico é alongado e rematado de forma arredondada. O fundo apresenta uma ou duas molduras e exhibe, frequentemente, uma marca de oleiro em relevo.

Caracteriza-se pela presença de um canal aberto ao longo do *rostrum*, delimitado por uma alta e grossa nervura que separa a orla e o disco, e se prolonga em direção ao orifício de iluminação, encerrando-o.

Todos os investigadores estão de acordo que as *Firmalampen* de canal aberto constituem uma variedade tipológica mais evoluída que a modalidade de canal fechado. Dentro das lucernas de canal aberto encontra-se também a variante Loeschcke XK - Dressel 6 - caracterizada por apresentar um corpo circular e bico curto.

Loeschcke encontra alguns exemplos da forma XK em *Vindonissa*, acampamento abandonado nos inícios do século II, pelo que leva a datar o seu aparecimento em Itália durante o momento Flávio tardio (Loeschcke, 1919: 81 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 135). Porém, neste contexto não se conhecem versões do tipo Loeschcke X. Outros contextos confirmaram uma origem anterior ao século II de ambos os tipos. Ivanyí situa a introdução dos tipos X e XK em Panónia durante a última década do século I.

A produção das formas X e XK no Norte de Itália concentra-se principalmente ao longo do século II, perdurando provavelmente durante parte da centúria seguinte (Lamboglia e Beltrán, 1952: 88 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 376).

Como no caso da forma Loeschcke IX, o aparecimento desta modalidade tipológica tem lugar no Vale do Pó. Loeschcke atribui o seu fabrico ao oleiro Fortis, cuja oficina se localizava, possivelmente, perto da antiga *Mutina* (Módena) (Buchi, 1975: 65; Parra, 1983).

As *Firmalampen* com canal aberto são muito habituais no norte dos Alpes (Morillo Cerdán, 2015: 376).

Lucernas de canal em terra sigillata hispânica alto-imperial

As lucernas fabricadas em *terra sigillata* hispânica tardia nas olarias riojanas, são muito comuns nos Vales do Ebro e do Douro.

A utilização da técnica de *terra sigillata* na elaboração de lucernas durante o Alto Império é um acontecimento raro, mas não anómalo dentro dos reportórios de lucernas conhecidos. Documenta-se em exemplares de formas muito distintas, procedentes de diferentes lugares. Um exemplar da forma Loeschcke V, encontrado no centro oleiro ruteno de *La Graufesenque*, apresenta a superfície recoberta com um verniz de *sigillata*.

Na Península Ibérica conhece-se um exemplar do tipo de volutas Loeschcke IC procedente da Serra de Sintra e uma lucerna derivada da forma Dressel 3 fabricada na oficina de *Los Villares de Andújar*. Amaré publicou o achado de uma nova forma de lucerna alto imperial em *sigillata*, procedente de Tricio (Amaré Tafalla, 1987).

O investigador anteriormente referido apontou a existência de três fragmentos de lucernas de canal procedentes da Líbia, *Los Bañales* e *Los Pedreñales*.

Os contextos de *Herrera de Pisuerga*, Astorga e Leão proporcionam achados deste tipo (Morillo Cerdán, 1999: 141).

Lucernas tardo-antigas de origem africana

De acordo com Morillo Cerdán (1999: 146), as lucernas tardo-antigas de origem africana são o último grupo correspondente às lucernas romanas. Estas diferenciam-se das precedentes quanto ao seu local de produção, tendo sido fabricadas no norte de África.

Quanto às suas características, destaca-se o facto de o seu fabrico ser em *terra sigillata* africana. Apesar de existirem diversas variantes nesta categoria de lucernas, certos traços característicos mantêm-se presentes.

As lucernas tardo-antigas de produção africana caracterizam-se por possuir um corpo ovoide de perfil troncocónico e dimensões notáveis. O bico é largo e rematado de forma arredondada, apenas diferenciado do corpo da lucerna e unido ao disco por um amplo canal aberto. O disco é reduzido, côncavo e frequentemente possui elementos decorativos. A ampla orla, de forma horizontal ou sensivelmente convexa, pode também apresentar decoração, constituindo um dos elementos fundamentais para determinar a variante tipológica a que a peça pertence (Morillo Cerdán, 1999: 146).

As asas destas lucernas são maciças e projetadas para trás. A base é plana ou de forma anular, e não se evidenciam marcas de oficinas. No entanto, quando estas surgem, reduzem-se a monogramas, letras isoladas, ou ainda duas ou três letras combinadas entre si. O disco possui uma grande variedade de ornamentos, tais como, elementos geométricos, vegetais, figuras animais (leões, coelhos, cavalos, veados, e algumas figuras humanas). Os elementos decorativos podem ainda ser de cariz cristão, como o Chi-Rho e a cruz (Morillo Cerdán, 1999: 147).

A pasta e o engobe são dois dos aspetos mais característicos desta tipologia de lucernas. Ambos coincidem exatamente com os recipientes fabricados em *terra sigillata* africana C e D. A pasta é dura, muito depurada, e de cor vermelho-alaranjada, enquanto

o engobe é brilhante e denso, tendo também uma tonalidade alaranjada (Morillo Cerdán, 1999: 147).

Segundo Morillo Cerdán (1999: 146), no que diz respeito à sua difusão, as lucernas tardo-antigas de origem africana estenderam-se consideravelmente pelo Mediterrâneo ocidental. A origem destas lucernas é de facto o norte de África, porém, constatou-se o seu fabrico em certas províncias da Itália e Espanha (Morillo Cerdán, 1999: 147). No início da época imperial, a África romana é uma zona de receção das lucernas itálicas importadas. Contudo, nos finais do século I d.C., com um desenvolvimento das variedades de disco, assiste-se a um curioso processo de mudança produtiva das oficinas matrizes centro-itálicas para novas oficinas e sucursais instaladas na África Proconsular, arrebatando progressivamente aos comerciantes itálicos, o monopólio de fabrico e comércio de lucernas.

Inicialmente imitam-se os modelos itálicos, utilizando marcas bem conhecidas como C.OPPI.RES, L.MVN:SVC, C.CLO.SVC, para passar posteriormente a marcas próprias, como GABINIA, L.MVN.ADIEC, C.IVNI.ALEXI, C.IVNI.DRAC, M.NOVLIVSTI. Esta evolução verifica-se ao longo do século II d.C. Nos finais deste século e durante as primeiras décadas da centúria seguinte introduzem-se numerosas novidades decorativas e formais dentro das variantes de disco, sobre as quais se constata novas marcas de oficina, como AGI, LVCCEI, MAVRICI, EX OF PVLLAENI.

O fim do século III d.C. constitui um período de experimentação produtiva, dando lugar a novas formas de lucernas, algumas deles muito locais, prefigurando também o aparecimento dos primeiros exemplares em *terra sigillata*.

As primeiras produções lucernárias realizadas em TSA, simultâneas aos recipientes de africana C e D, aparecem na região central da Tunísia durante as primeiras décadas do século IV d.C. Os exemplares do tipo Hayes I (Atlante VIII) constituem a modalidade mais antiga deste tipo. O fabrico do tipo Hayes II inicia-se nos inícios do século V, perdurando até as décadas centrais da centúria seguinte (Morillo Cerdán, 1999: 147).

Quanto aos centros produtores deste tipo de lucernas, ressalta-se a importância de Cartago, um dos mais ativos, bem como *El Djem* e *El Mahrine*.

As distintas oficinas, situadas nas cercanias de grandes portos, fabricam grandes quantidades de lucernas de *terra sigillata* que se difundem por toda a costa norte-

africana, expandindo-se massivamente para os mercados de Itália, do sul da França, Espanha, Dalmácia, o Mediterrâneo oriental, e ainda certas regiões da Alemanha.

Lucernas do tipo Deneauve XI B (Bonifay tipo 33)

As lucernas do tipo Deneauve XI B caracterizam-se por apresentar um corpo oval e compacto, de perfil troncocónico. A orla, larga e convexa, encontra-se muitas vezes ornamentada com incisões oblíquas. A separação entre esta e o disco faz-se mediante uma moldura. O disco, de reduzidas dimensões, apresenta-se côncavo, sem decoração e com orifício de alimentação centrado. O bico é curto e arredondado. A asa é maciça, projetada para cima como um apêndice ou pedúnculo. A base apresenta uma forma anelar.

Deneauve define esta tipologia como uma modalidade do seu tipo XI B (Deneauve, 1969). Mais tarde, o investigador Bonifay integra esta forma no seu tipo 33, e distingue três variantes: A, B e C (Bonifay, 2004: 349).

A primeira variante é caracterizada por não apresentar canal, ou seja, existe separação entre a orla e o *rostrum*.

A segunda variante já apresenta canal, e detém um ligeiro estreitamento no início do disco. A extremidade é arredondada, e a *margo*, por vezes, ostenta uma decoração de glóbulos ou incisões oblíquas. A última, variante C, apresenta um canal largo e retilíneo, destacando-se um forte rebordo, que separa a orla do disco. Apresenta nervuras estreitas separadas por incisões profundas.

A variante A continua ainda próxima, morfologicamente, dos exemplares do século III. Surge nos contextos do século IV em *Pupput* e nos finais do século IV ou início do século V em *Thuburbo Majus* e em Cartago. A variante B é bastante característica do século V d.C. Surge em contextos como *Pupput*, *Nabeul* e *Sidi Jdidi*.

Os exemplares com o canal muito estreito no início do reservatório são provavelmente mais antigos (Bonifay, 2004: 351).

A maioria dos exemplares atribui-se, cronologicamente, ao segundo quartel ou à segunda metade do século V d.C.

As peças que detêm um largo canal e dois orifícios de alimentação no disco são, tipologicamente, mais evoluídas.

A última variante (C) poderá ser ainda mais tardia. Encontra-se associada a *Nabeul*, a materiais dos finais do século V/inícios do século VI d.C. Surge noutros contextos, como *Oudhna* e *Sidi Jdidi*.

As pastas são duras, muito depuradas, e de cor vermelho-alaranjada. Geralmente não apresentam engobe.

Lucernas do tipo Hayes IB (Atlante VIII D/Bonifay tipo 50)

As lucernas da tipologia Hayes IB ou Atlante VIII apresentam um corpo oval e compacto, de perfil troncocónico, com um bico curto e arredondado separado do corpo, que apresenta um grande sulco aberto entre o orifício de iluminação e o disco. Este é côncavo, com um ou dois orifícios de alimentação e, por vezes, com alguma decoração simples. A orla, larga e levemente convexa, encontra-se ornamentada com palmetas mais ou menos estilizadas, que por vezes se reduzem a simples incisões oblíquas. A asa é maciça, projetada para cima como um apêndice ou pedúnculo. A base apresenta uma forma anelar.

Hayes define esta categoria como uma modalidade do seu tipo I, que se distingue da IA pela forma da asa (Hayes, 1972: 310-11 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 149).

As lucernas deste tipo podem denominar-se de *Henchir el Srira*, tanto pela especial abundância neste local como pelo seu aparecimento neste local (Solomonson, 1968: 87, tipo j *apud* Morillo Cerdán, 1999: 149).

Solomonson data o seu aparecimento durante o segundo ou terceiro quartel do século IV, podendo avançar a cronologia alguns anos antes. Permanecem em uso até meados do século V d.C., rarificando-se progressivamente (Anselmino, 1983: 34).

Desde as oficinas tunisinas, o tipo difunde-se pelas costas africanas, Sicília, Península Itálica, Dalmácia, sul de França, e sul e oeste da Hispânia. Alcança esporadicamente a Panónia e a Alemanha, assim como o Mediterrâneo oriental.

Lucernas baixo-imperiais de fabrico hispânico

Como ocorre durante os primeiros séculos do Império, surgem produções subsidiárias de lucernas tardorromanas. Entre elas destacam-se, tanto pela sua quantidade, como pelo seu original desenho morfológico, as lucernas de *terra sigillata* hispânica tardia, estreitamente vinculadas do ponto de vista produtivo e comercial aos recipientes realizados mediante esta mesma técnica. Integram este grupo as lucernas em TSHT das formas 50.

Lucernas em TSHT 50

As lucernas de *terra sigillata* hispânica tardia, da forma 50, caracterizam-se essencialmente pela sua grande simplicidade formal. Ao contrário da maior parte das variantes romanas, são fabricadas a torno.

Apresentam um corpo circular, de secção troncocónica ou bitroncocónica, com cobertura convexa, sem separação entre o disco e a orla, em cujo centro se abre um grande orifício de alimentação. No bico, levemente apontado em comparação ao restante corpo, encontra-se o orifício de iluminação, igualmente de grandes proporções. Na parte posterior da peça, existe uma asa de cinta, geralmente rebaixada, substituída por vezes por uma aleta pequena e maciça, de formato triangular. A base pode ser ligeiramente côncava, embora existam exemplares com um pé alto, quase cilíndrico.

O rasgo mais representativo desta produção é a utilização de pastas e engobes próprios dos recipientes de TSHT. As pastas variam entre tons rosados ou alaranjados, apresentando-se duras, grossas e bem depuradas. Os engobes são untuosos e brilhantes, de cor vermelho-alaranjado.

Apesar do que se conhece da existência de exemplares deste tipo desde há várias décadas, López Rodríguez foi o primeiro investigador que abordou o trabalho de definição tipológica e produtiva das lucernas de *terra sigillata* hispânica tardia (López Rodríguez, 1982: 384-85). Mezquíriz (1983: lám.7; 1985: 157-159, lám. XXXVII, 1 e XXXVIII, 6) incorpora estas peças no catálogo das formas de TSHT, distinguindo duas variantes de lucernas, a forma 50 e a 63. Também Mayet inclui as lucernas nas suas tabelas tipológicas.

No que concerne à cronologia, o atraso no conhecimento das fases cronológicas e produtivas de *terra sigillata* hispânica tardia não permite avançar dados decisivos. As associações estratigráficas disponíveis permitem datar o fabrico de lucernas de TSHT entre o século IV e a primeira metade do século V d.C. Paz Peralta prolonga a vigência desta forma ao longo de todo o século V e inclusivamente mais tarde (Paz Peralta, 1991: 103).

López Rodríguez divulga pela primeira vez os achados deste tipo dispersos pela geografia peninsular, concentrados especialmente na metade setentrional (López Rodríguez, 1982: 385), mapa atualizado posteriormente (Morillo Cerdán, 1999: 155; Morillo Cerdán e Rodríguez Martín, 2008: 304-306).

Tendo em conta a estreita vinculação destas lucernas com os recipientes de TSHT, assegura-se, com certeza, que na área de *Tritium Magallum* (Tricio) deveriam

fabricar-se lucernas deste tipo junto da cerâmica doméstica em *sigillata*. As análises ceramológicas efetuadas numa lucerna deste tipo, entre outros recipientes de TSHT de *Conimbriga*, parecem confirmar uma origem riojana (Picon, 1984: 317, nota 20 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 395).

Lucernas vidradas

A cerâmica romana vidrada não é muito abundante do ponto de vista quantitativo, mas difundiu-se de forma muito ampla por todo o Império. Esta denominação compreende um reportório tipológico muito variado, cujo denominador comum é a presença de um revestimento vitrificado (Casas Merino, 1990: 139 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 85).

Depois de uma primeira cozedura da peça, aplica-se sobre a mesma um esmalte vítreo e submete-se a uma segunda cozedura, numa atmosfera oxidante de entre 700 a 1000° C.

O engobe de chumbo é usado habitualmente no fabrico deste tipo de cerâmica.

A adição de óxidos metálicos proporciona diversas colorações ao vidrado. O verde e o amarelo são os pigmentos mais frequentemente aplicados.

Durante o século I a.C. desenvolvem-se várias produções vidradas de chumbo nas costas da Ásia Menor e no norte da Síria (Maccabruni, 1987: 193 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 85). Uma das principais oficinas foi em Tarso, onde foram encontrados restos de fornos (Jones, 1950: 193).

Da Península da Anatólia, os exemplares vidrados difundem-se por todo o Mediterrâneo, sendo rapidamente imitados, primeiro em Itália, e mais tarde nas províncias setentrionais. A partir da mudança de era, inicia-se uma produção de cerâmica vidrada plúmbica em oficinas norte-italicas (Maccabruni, 1987: 171).

Outras oficinas surgem em Léon e na Gália Central, durante a época tardo-Augusta e Tiberiana. Posteriormente surgem imitações na Britânia, Germânia e Panónia, que se estendem ao longo dos séculos II e III d.C. No que concerne à Península Ibérica, constatou-se a presença de uma produção vidrada na Bética durante o século I, associada a recipientes de paredes finas.

Como foi referido por Rui Morais (1997-98: 165-73), estas lucernas representam objetos de elevada qualidade pela sua originalidade, devendo ser encaradas como objetos de prestígio.

O revestimento vidrado confere às lucernas diversas vantagens de ordem funcional e estética. Proporciona impermeabilidade, evitando a exsudação do azeite contido no depósito, enquanto disfarça as irregularidades e imperfeições da superfície da peça, que adquire um aspeto vistoso e refinado. Os engobes mais frequentes nas lucernas são os de cor esverdeada, que podem adotar várias *nuances*.

Uma das funções principais da cerâmica vidrada é a imitação dos recipientes e exemplares metálicos. As cores esverdeadas tentariam reproduzir a pátina do bronze oxidado, enquanto os amarelados sugerem o bronze recém-fundido (Morillo Cerdán, 1999: 86).

Estas lucernas documentam-se desde meados do século I d.C. até finais da centúria seguinte. Estas correspondem principalmente a duas modalidades tipológicas completamente distintas: a forma Loeschcke III, de grande tamanho, *monolychne* ou *bilychne*, com grandes asas plásticas e, frequentemente, a parte superior das volutas rematada com cabeças de cavalos ou grifos; e as lucernas de disco, dos tipos Dressel 20, Dressel 27 e Dressel 28, de dimensões mais reduzidas e de maior simplicidade decorativa (Morillo Cerdán, 1999: 86). A estes dois grupos devemos adicionar um terceiro constatado nos contextos arqueológicos tardios de Panónia, onde apareceram algumas *firmalampen* vidradas.

Alguns investigadores situam os centros produtores na Ásia Menor, principalmente em Cnidos (Bailey, 1988: 327, Q 2688-2701), enquanto outros se inclinam para a Itália Central. Inclusivamente pensa-se numa importação anatólica que recebe o revestimento vitrificado em Itália.

A difusão dos exemplares do tipo Loeschcke III sugere uma origem centro-Itálica. A maioria concentra-se na região do Lácio e da Campânia, com alguma exportação esporádica para pontos concretos do litoral Mediterrâneo, como as Ampúrias ou Kertch, e acampamentos militares de cronologia antiga, como *Vindonissa* ou Astorga.

Por outro lado, documentam-se algumas marcas de oleiro nas lucernas deste tipo - CAI, CIVNDRAC, C.I.L., LNL.

Uma recente análise às pastas dos fragmentos em cerâmica vidrada, procedentes de Lyon, Ostia e Viena, demonstram que todas elas apresentam uma composição idêntica, com oligoelementos característicos das argilas da Campânia. Não obstante, outros autores assinalam o Norte de Itália e a oficina de Lyon como as principais zonas

de origem dos exemplares vidrados hispânicos durante os séculos I e II d.C. (Morillo Cerdán, 1999: 87).

Lucernas em bronze de volutas

As lucernas em bronze de volutas não são muito comuns, mas difundiram-se amplamente por todo o Império. Distribuem-se pelos tipos *Mahdia*, de “volutas estreitas e alongadas”, Loeschcke XVIII e Loeschcke XIX.

As primeiras predominam na costa norte-africana de Mahdia (Tunísia) e denotam grande influência das produções helenísticas da Grécia. Datam-se entre o século I a.C. e o século I d.C. (Pozo, 1997: 206).

Este grupo constitui um elo vital na evolução tipológica das lucernas. Deste derivam os restantes tipos “de volutas estreitas e alongadas” e Loeschcke XIX, que podem considerar-se um dos mais difundidos durante a primeira época imperial. Documentam-se em Marrocos, Pompeia, Egito, entre outros.

A produção das lucernas do tipo de volutas estreitas e alongadas está limitada aos finais do século I a.C. a inícios do século I d.C. O mapa de difusão deste tipo de lucernas segue o que referimos para o tipo anterior.

As lucernas do tipo Loeschcke XVIII não são muito comuns. O elemento diferenciador está presente no disco, com molduras concêntricas, e na orla com pérolas. Atribuem-se cronologicamente ao século I d.C. O *rostrum* plano e pronunciado relaciona-se com o tipo seguinte (Loeschcke XIX).

A produção das lucernas do tipo Loeschcke XIX abarca o século I d.C. e parte do século II. Documentam-se na Panónia, *Vindonissa*, no Egito, em Éfeso, Madrid, entre outros (Pozo, 1997: 209).

À semelhança das lucernas em cerâmica de volutas, também as lucernas em bronze derivam de uns tipos para os outros.

Lucernas de volutas estreitas e alongadas

As lucernas de volutas estreitas e alongadas constituem um tipo de transição, derivado das lucernas com volutas *Mahdia* (Tunísia). Morfologicamente apresentam um depósito globular, disco plano com molduras concêntricas em relevo e um amplo orifício de alimentação. O bico é alongado e possui de ambos os lados sinuosas volutas estreitas e alongadas. As asas são angulares e, frequentemente, rematadas por uma folha ou outros elementos fitomorfos, crescentes lunares, entre outros.

É provável que o início da produção do tipo Loeschcke IV esteja relacionado com estas lucernas em bronze.

Evidencia-se que a produção está limitada entre os finais do século I a.C. e os inícios da centúria seguinte. Esta datação surge posteriormente confirmada pelas lucernas de imitação em cerâmica (Pozo, 1997: 207).

Produziram-se exemplares em diversas áreas do Império mas, sobretudo, na Itália (Torre Anunziata, Pompeia), Egito, Síria, Panónia, Gália, Germânia, Mauritânia Tingitana, Ásia Menor, Nijmegen, Luzern (Suíça), Mor, *Vindonissa* e Xanten.

Lucernas do tipo Loeschcke XIX

As lucernas do tipo Loeschcke XIX apresentam um *rostrum* largo terminado em forma semicircular. O depósito é globular, com disco plano e amplo orifício de alimentação (Pozo, 1997: 209). Geralmente, o bico apresenta na união com o restante corpo, dois apêndices laterais arredondados, que por vezes formam uma roseta com pétalas individualizadas, bem como espirais. A asa é frequentemente bipartida, unida ao depósito mediante duas folhas lanceoladas e na extremidade existe, geralmente, uma folha cuoriforme.

A sua produção abrange o século I d.C. e parte da centúria seguinte.

Conhecem-se exemplares provenientes de Pompeia, Panónia, *Vindonissa*, Delos, Éfeso, Egito, Síria, Marrocos, entre outros de origem imprecisa localizados nos Museus de Aquileia e Siracusa, Londres, Madrid (Col. Biblioteca Nacional, possivelmente de procedência Italiana) e Paris.

Lucernas em bronze de corpo piriforme

As lucernas de corpo piriforme são, com toda a probabilidade, de origem helenística, com um limite cronológico estabelecido entre o século I a.C. e nunca posterior à primeira metade do século II d.C. Esta atribuição cronológica pode ter sido confirmada com exemplares de Delos (Bruneau, 1965, tav.23, nº4249 *apud* Pinto, 2002: 73).

Loeschcke XX

As lucernas do tipo Loeschcke XX caracterizam-se por apresentar um corpo

piriforme, muito alongado ligado diretamente ao *rostrum*, o qual termina em semicírculo depois de ter sofrido um estrangulamento. Uma aresta relativamente larga rodeia a parte superior da lucerna. O orifício de alimentação é, normalmente, em forma de folha de trevo, lágrima ou lanceolado, enquanto o da mecha é circular. A sua base pode ser plana ou anelar, tendo, por fim, uma asa que se estende em semicírculo sobre o *infundibulum* (Valenza Mele, 1983: 47). A asa, de secção triangular, é adornada com folhas, cabeças de patos, cavalos, panteras ou máscaras trágicas.

Segundo Salvador Pozo, devido ao número elevado de exemplares exumados, deduz-se que as lucernas terão sido o tipo mais comum durante os meados do século I d.C. e os primeiros decénios do século II (Pozo, 1997: 210), altura em que se deixam de produzir com estas características¹, as mais comercializadas em todo o império romano.

No entanto, torna-se difícil traçar um mapa da difusão deste tipo de lucernas o mais completo possível, devido à escassez de exemplares que referimos. Podemos, a título de exemplo, apontar os seguintes sítios arqueológicos e/ou museus onde as podemos encontrar: Dalmácia, Gália, Mauritânia Tingitana, Síria, Egito, Panónia, *Limes* renanos (*Vindonissa*), Pozarevac, Itália (Herculano e Pompeia, Museu Cívico de Bolonha), Marrocos, entre outros.

Em artigo publicado por Eurico de Sepúlveda (Sepúlveda, 2003: 36), documenta-se a presença de um exemplar, proveniente da Quinta de São Gião e que pertence a esta forma, embora lhe falte a asa.

Lucernas plásticas em bronze

As lucernas em bronze antigas foram moldadas em grande número através de formas plásticas com representações humanas, animais e florais. Estas manifestam-se num longo período de tempo, desde o período helenístico até aos finais do período romano, e são produzidas em diversas áreas do mundo clássico (Bailey, 1996: 12).

A maioria é de bronze, mas também se podem documentar em latão, em base de prata e em cerâmica.

As formas exibem grande variedade. Divindades menores incluem, maioritariamente, a figura de Eros, *Priapus*, Hércules bebé, Silenus, entre outros.

¹ Estas lucernas foram, durante os séculos III e IV, novamente produzidas apresentando um corpo mais esferoide (Sepúlveda, 2003:36).

Muitas lucernas são moldadas como cabeças, tanto humanas como não-humanas. Documentam-se em diversas coleções, distintas cabeças, tanto de africanos como grotescas.

Pés humanos, normalmente com sandálias e, ocasionalmente, nus, são numerosos desde a antiguidade. Datam-se, maioritariamente, do século I d.C., ainda que se documentem exemplares do século III. Tais pés poderão ter ligação com o culto a Serápis (Bailey, 1996: 12 *apud* F. Santoro L'hoir, 1983: 225-37).

Animais e cabeças de animais são abundantes e dividem-se em mamíferos (como golfinhos, elefantes, cães, panteras, cavalos e ratos); aves (gansos ou cisnes e patos); e invertebrados, principalmente animais marinhos (caranguejo e caracol). São comuns, tanto no Alto como no Baixo-Império.

Os motivos florais estão representados maioritariamente por lucernas de pétalas e em forma de pinha.

“Cabeça de negro ou etíope”

O tema do “negro” existia na Grécia e na Etrúria, embora se atribua a Alexandria um papel importante na difusão deste tipo, tornando-se possível pensar que foram criados em oficinas do Próximo Oriente e Egito. Porém, é importante assinalar que o Egito não teve um predomínio claro na produção de época romana (Pozo, 1997: 213).

As lucernas que adotam a forma de cabeça humana são frequentes desde o século III a.C., aparecendo exemplares cerâmicos deste tipo.

O tema era conhecido em Itália (Pompeia e Herculano), e do estudo destes achados pode constatar-se que o motivo preferido no mundo romano foi a cabeça de negro, reproduzida com algumas variantes ou subtipos. Igualmente o motivo do “negro” encontra-se em lucernas de cerâmica de época helenística.

Estas lucernas adotam forma de cabeça de negro, representado segundo o modelo iconográfico utilizado nos bustos/balsamários, e peças de balança (*aequipondia*), isto é, com os rasgos étnicos muito pronunciados: nariz achatado; arcos supraorbitais marcados; maçãs do rosto salientes; e o tipo de penteado, muito característico, com numerosos cachos entrançados e sobrepostos em vários níveis.

Na zona superior da cabeça localiza-se o orifício de alimentação, amplo, fornecido de tampa, atrás da asa. A boca do negro disposta desmesuradamente aberta, transforma-se no *rostrum* da lucerna, de forma mais ou menos triangular ou arredondada. A cronologia proposta para esta produção abarca o século I a.C. até finais do século I d.C.

Estas lucernas tiveram grande difusão, a julgar pelos achados conhecidos através das diversas províncias do Império, como o Egito, Panónia, Dura-Europos, Tasos, Germânia, Síria, Itália, Palestina, norte de África, Suíça, Jugoslávia e Dácia. Também se conhecem outras lucernas conservadas em distintos Museus, embora sem procedência precisa, sendo eles: Hermitage de San Petersburgo (Rússia), Beaux-Arts de Lyon, Biblioteca Nacional de Paris, Louvre, British Museum, Calvet de Avignon, entre outros (Pozo, 1997: 213).

Anexo 2 – Áreas de produção

Produções itálicas

O fabrico de lucernas na Itália é dos que se encontra melhor documentado e o que consta de um maior número de exemplares.

As lucernas tardo-republicanas do tipo Dressel 4 documentam-se nos centros produtores originários de Roma e Campânia, bem como em oficinas militares (Haltern, *Vetera Castra*, Oberaden, *Herrera de Pisuerga*).

Os exemplares de volutas difundem-se por todo o Império, alcançando as regiões mais periféricas do mesmo. Esta difusão, impulsionada pela prosperidade económica do período de Augusto, dará origem a uma multiplicação do número de sucursais e oficinas locais, que caracterizam Itália como líder na produção e importação de lucernas.

Os centros produtores de lucernas de volutas concentram-se principalmente no Lácio e na Campânia (Morillo Cerdán, 2015: 348).

Em Roma conhecemos uma oficina vinculada à família *Oppi* na Colina de Janículo, cujo funcionamento teve lugar durante a segunda metade do século I d.C.

As oficinas deveriam ser frequentes nas cercanias de grandes portos comerciais, como Ostia ou Pozzuoli, onde os navios chegavam carregados com produtos de primeira necessidade para a cidade. Estes barcos, que deveriam regressar para os pontos de origem, poderiam ser usados como meio de transporte para exportar para as províncias importantes embarques de lucernas ou produções cerâmicas (*terra sigillata* itálica, por exemplo), como carregamento secundário.

O próspero comércio de lucernas é responsável pela sua popularidade e conseguinte descentralização produtiva (Morillo Cerdán, 1992: 81). A demanda de lucernas é cada vez maior devido ao aumento de mercados. Multiplicam-se as oficinas locais, primeiro em Itália e depois no resto das províncias.

A variante mais antiga de volutas (Loeschcke IA) é documentada, principalmente, por exemplares de origem centro-itálica, caracterizados pela qualidade técnica e artística e pelas pastas bem depuradas de tons amarelados. Não obstante, surgem em distintos acampamentos do *limes* germânico, imitações locais que seguem os modelos itálicos (Morillo Cerdán, 1999: 71-75).

O começo da produção de lucernas de disco tem lugar nas mesmas oficinas itálicas que, de forma simultânea, fabricavam exemplares de volutas. A zona de produção original parece ser o centro de Itália, cujos modelos vão ser rapidamente imitados pelas oficinas e sucursais da África Proconsular. Esta introduz o seu próprio

reportório decorativo e formal, gerando uma produção muito numerosa e perfeitamente individualizada, que se estende pelas províncias mediterrânicas.

A existência de sucursais e imitações que reproduzem a marca de oleiro, mediante a técnica do sobremolde, constitui um problema na identificação das áreas produtivas.

O tipo Dressel 18 tem procedência na Itália Central (Bailey, 1980: 296), e alcança alguns pontos no Mediterrâneo Ocidental. O centro produtor original do tipo Dressel 19 localiza-se na Campânia ou na área centro-italica. As lucernas Dressel 20 e Dressel 28, a partir dos seus centros produtores localizados na Itália Central, alcançam uma enorme expansão, difundindo-se por todo o Mediterrâneo Ocidental. Num segundo momento, junto às oficinas matrizes, surgem sucursais das principais marcas na África Proconsular, que se tornam muito difíceis de distinguir dos exemplares centro-italicos (Pavolini, 1981: 176). A difusão do tipo Dressel-Lamboglia 30 B desde as oficinas centro-italicas originais para o âmbito do Mediterrâneo Ocidental é bastante ampla. Alcança as costas italianas meridionais, o Norte de África, o Sul da Gália, a Península Ibérica e a Grécia (Morillo Cerdán, 1999: 122-23).

As lucernas de canal conhecem uma vasta difusão, sobretudo nas regiões centro-europeias e no Norte de Itália, que se encontra ligada ao desenvolvimento de grandes oficinas do Vale do Pó, onde foram descobertas as matrizes mais antigas.

Do ponto de vista produtivo, o aparecimento das *Firmalampen*, praticamente ao mesmo tempo que as lucernas de disco, representa a rutura da unidade mediterrânea que havia presidido a evolução lucernária desde o período de Augusto. O mundo romano é fraturado em três regiões produtivas e comerciais: o Mediterrâneo Ocidental, dominado pelos exemplares de disco itálicos ou africanos; o Norte de Itália e as províncias setentrionais do Império; e por último, a Grécia e as províncias orientais (Pavolini, 1987: 149).

O aparecimento do tipo Loeschcke X tem lugar no Vale do Pó.

O investigador Loeschcke (1919: 92 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 376) atribui a sua invenção ao oleiro Fortis, cuja oficina principal se localiza possivelmente nas cercanias de Módena, a antiga *Mutina* (Buchi, 1975: 65; Parra, 1983).

Produções hispânicas

O fabrico de lucernas na Península Ibérica, identificada por Balil a partir das suas recompilações de marcas de oleiro de proveniência hispânica (Balil, 1964; 1966; 1968-69; 1980; 1982 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99), é hoje consensual. O achado de fornos ou estruturas industriais de produção, dos quais se destaca a oficina de *Los Villares de Andújar*, bem como a exumação de um número crescente de materiais como moldes, punções e exemplares com defeitos de cozedura, atestam a presença de numerosas manufaturas lucernárias (Amaré Tafalla, 1989-90 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99).

A avaliar pelas análises dos dados referentes à infraestrutura produtiva das oficinas, não transparece uma especialização produtiva unicamente de lucernas. Em *Andújar* e nas oficinas da área de Tricio, aparece vinculada à produção, *terra sigillata*. Por outro lado, a oficina de Tarazona centra a sua atividade principal na cerâmica comum, passando a produção de lucernas para segundo plano.

Exemplo desta realidade parecem ser as produções da área de Cádiz, que estão associadas às produções em cerâmica comum, e assumem, geralmente, as mesmas características de pastas. Grande parte destas oficinas corresponde a instalações de pequenas dimensões familiares ou supra-familiares (Pereira, 2008: 31).

O volume de produção lucernária parece bastante limitado, com uma projeção que, no geral, se restringe às áreas vizinhas, embora não falem centros que comercializem a longa distância.

Ainda que se conheçam alguns antecedentes em época republicana, o arranque do fabrico de lucernas na Península Ibérica situa-se nos inícios do período imperial (Morillo Cerdán, 1999: 99).

A oficina militar de *Herrera de Pisuerga* é, sem dúvida, uma das mais antigas documentadas até hoje (Morillo Cerdán, 1992: 94). Da variante mais antiga das lucernas de volutas (Loeschcke IA), só se identificou uma possível produção nesta oficina (Morillo Cerdán, 1992: 94).

As oficinas de *Emerita*, *Tarraco*, *Turiaso* e, provavelmente, *Herrera de Pisuerga* produziram lucernas do tipo Loeschcke IB.

Recentemente apontou-se a existência de uma produção particular do tipo Loeschcke IA/IB, com asa de suspensão e marca externa GEMINI, em *Caesaraugusta* (Zaragoza) (Morillo Cerdán, 2015: 384).

No que se refere ao tipo Loeschcke III, o fabrico local constata-se nas olarias de *Turiaso* (Morillo Cerdán, 2015: 383), *Emerita* e, provavelmente, na mencionada oficina militar de la *legio III Macedonica* em *Herrera de Pisuerga*, em funcionamento durante o período Tiberiano (Morillo Cerdán, 1992: 92).

Na referida oficina, mais do que imitações realizadas por ceramistas autóctones, devemos mencionar a presença de oleiros itálicos estabelecidos na Hispânia, no calor das amplas possibilidades comerciais que oferece esta província. No entanto, o distanciamento destes oleiros lucernários, das fontes originais de inspiração e experimentação pessoal, cristaliza rapidamente nas categorias tipológicas perfeitamente definidas e diferentes, às utilizadas de forma coeva em áreas nucleares do Império.

A presença de dois fragmentos de espelho do tipo Loeschcke III recolhidos em Braga (Morais, 2005: I 323, N°17-18, II: 388, n°17-18), cuja produção, sob o ponto de vista macroscópico, parece local, leva a que Rui Morales (2012: 374) considere a existência de uma produção deste tipo em *Bracara Augusta*.

O número de oficinas aumenta significativamente nos meados do século I d.C. A forma Loeschcke IV é muito abundante, constituindo a primeira produção que alcança todos os cantos peninsulares. Constatou-se a presença desta forma, por vezes dotada de asa, em *Italica* – as chamadas “lucernas do Minotauro”.

Os exemplares de *Bracara Augusta* parecem pertencer a uma sucursal ou imitação das produções de *L. Munatius Treptus*.

No Vale do Ebro esta forma aparece incluída no reportório da oficina de Tarazona. A oficina produtora de tais peças poderia encontrar-se na Bética.

As últimas variantes de volutas são minoritárias, detetando-se tanto em exemplares importados como locais. A forma Loeschcke V encontra-se na oficina de *Lucretius* de *Bracara Augusta* (Morais, 2005: 372, n°28) (fig.26). Do tipo Deneauve VG verifica-se o seu fabrico em Tarazona e Mérida (Morillo Cerdán, 2015: 384).

As mais conhecidas entre as formas novas do período alto-imperial, claramente inspiradas em modelos itálicos, são as lucernas derivadas do tipo Dressel 3, Dressel 9 ou “lucernas mineiras”, as derivadas de disco e as designadas “del Minotauro”. Posterior a esta reprodução, imitam-se as decorações originais vindas de Itália, através do tráfego comercial. As oficinas da Bética parecem ser as mais inovadoras e ativas durante este período (Morillo Cerdán, 1999: 99).

A partir do último terço do século I d.C., as imitações, que reproduzem quase exatamente os tipos forâneos (empregando a técnica do sobremolde), substituem quase

por completo as formas originais hispânicas que haviam proliferado durante o período Júlio-Cláudio. As lucernas de tipo mineiro e as “del Minotauro” continuam a fabricar-se posteriormente a esta data (López Rodríguez, 1982: 383-84 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 99).

As lucernas de disco são muito abundantes no litoral Mediterrâneo e na região meridional da Península Ibérica. Em menor quantidade documentam-se nas áreas interiores e setentrionais, ao mesmo tempo que as *Firmalampen*.

Conhecem-se produções importadas itálicas e norte-africanas, especialmente nas zonas de contacto com o comércio do mediterrâneo, e oficinas locais de lucernas de disco que imitam os modelos forâneos (Morillo Cerdán, 1999: 109).

Documenta-se o fabrico do tipo Dressel 17 em *Turiaso* (Amaré Tafalla *et al.*, 1993: 98, lâm. I, 4 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 385). O fabrico do tipo Dressel 20 documenta-se em Braga, graças aos rasgos decorativos dos exemplares ali fabricados e à presença de marcas de oficina de *Lucretius* (Morillo Cerdán, 1999: 295-296). As características desta oficina foram bem definidas por Rui Morais (2005: 366-375; 2012).

Bernal (1993: 74, nº180-182) detetou há alguns anos a presença de uma produção local do tipo Dressel 28 em *Tarraco*, à qual devemos acrescentar a oficina Bracarense de *Lucretius* (Morais, 2005: 375, nº42).

O achado de um molde do tipo Dressel-Lamboglia 30 B em Tricio suporta uma produção deste tipo no centro oleiro riojano (Garabito *et al.*, 1993 *apud* Morillo Cerdán, 1999: 124).

As lucernas de canal concentram-se nas regiões setentrionais da Hispânia. Balil (1983: 306) levanta inclusivamente a possibilidade de que as lucernas de canal sejam o tipo mais usado no centro e noroeste peninsular, a julgar pelo crescente número de achados regionais. Este autor aponta a existência de imitações hispânicas.

Atualmente constata-se a presença de produções locais de lucernas deste tipo em *Asturica*, *Complutum* e *Turiaso*, *Bracara Augusta* e Galícia (Naveiro, 1991: 51). A abundância de exemplares nos contextos dos séculos II e III do acampamento de *la legio VII gemina* em Léon e as características das pastas, aponta sem dúvida para um fabrico local (Morillo Cerdán, 1999: 138).

Uma produção de lucernas do tipo Loeschcke X, fabricadas em *terra sigillata* hispânica alto-imperial, poderá ter tido lugar na área de *Tritium Magallum* (Tricio, La Rioja) (Morillo Cerdán, 1999: 140-143).

As lucernas tardo-antigas de produção norte-africana, fabricadas entre os séculos IV e VI, encontram-se bem documentadas nas províncias hispânicas. As principais concentrações encontram-se na região de Múrcia-Alicante e na costa catalã, zonas perfeitamente comunicáveis com o norte de África por via marítima. Alguns exemplares destas variantes documentam-se em distintos pontos da Bética e da Lusitânia (Moreno Jiménez, 1991: 161-66).

Em *Lucentum* constata-se uma produção local do tipo Hayes IIA (Reynolds, 1987: 140-142, nº1062-1066 *apud* Morillo Cerdán, 2015: 387).

Inseridas numa produção mais tardia (século IV e a primeira metade do século V), documentam-se as lucernas produzidas em TSHT 50. Na área de *Tritium Magallum* (Tricio) fabricaram-se lucernas deste tipo, juntamente com a restante vasilha doméstica em *sigillata*. As análises ceramológicas, efetuadas numa lucerna deste tipo, parecem confirmar uma origem riojana (Picon, 1984: 317, nota 20).

Uma das mais importantes cidades romanas da Península, com forte tradição oleira foi, sem dúvida, *Bracara Augusta*.

Apesar de ainda não se terem encontrado os principais centros de produção da cidade, é consensual aceitar-se que as oficinas de oleiros e telheiros foram estabelecidas na periferia. É possível que este local corresponda à atual região de Prado/Ucha, cerca de 6 km a noroeste. Trata-se de um local de exploração de barreiras e centro de olaria bem documentado desde o período medieval até à atualidade (Morais e Sousa, 2015: 17). Para além desta área, existiam certamente outras na proximidade da cidade, de que é testemunho um forno identificado em 2009, provavelmente destinado à cozedura de materiais de construção.

Igualmente constatamos que a existência de oficinas de oleiro fora da cidade não invalidou o seu estabelecimento no interior da mesma. Como refere Morais, a articulação das informações relativas a antigas referências e dos vários achados encontrados nas escavações permite situar um importante setor artesanal fora da malha regular das *insulae*, situado no quadrante sudoeste da cidade, testemunhado pela referência a um forno, um tanque de decantação de argila e dois moldes bivalves de lucernas (Morais, 2005: 392; Morais e Sousa, 2015: 17).

Nas marcas de oleiro distinguem-se, pelo menos, sete nomes. Destes, as abreviaturas *Luc* e *Muntrept* (L. Munatius Treptus) correspondem a reproduções locais a partir de lucernas fabricadas por conhecidos oleiros oriundos da Itália. As restantes marcas correspondem a oleiros de origem Bracarense cujo nome se conhece

designadamente, *P (ublius) Domitius, Lucretius, Octavius, Passus* e *Mic(cio)*. Destes vários *officinatores*, diretamente ligados à produção de lucernas, a família dos *Lucretii* seria, pela quantidade e diversidade de lucernas e marcas, uma das mais importantes da cidade. De entre estas destacam-se as siglas EX.OF/L.V./B.A.F. que devem ser interpretadas como *Bracara Augusta figlinis* (Morais, 2006: 125-137).

Como noutros casos conhecidos do mundo romano, (f) *iglina* deve ser entendida como zona de barreiras e de produção.

Nesta perspetiva, podemos supor que o governo municipal de *Bracara Augusta*, proprietária de uma zona de barreiras e de produção, tenha estabelecido um contrato com os produtores de cerâmica (em latim, de tipo *locatio conductio*) (Morais e Sousa, 2015: 18).

As lucernas são prova de romanização da cidade, com destaque para o maior número de oleiros locais até à data documentados no contexto do Noroeste peninsular (Morais, 2005: 392).

Um outro molde da parte inferior de uma lucerna de bico redondo apareceu em Setúbal, na Praça do Bocage, nas camadas de entulho de uma fábrica romana de salga (Silva e Coelho Soares, 1980-81: Est. V, 45).

Em Conímbriga encontrou-se um fragmento de molde. As lucernas que dele saíam, seriam profusamente decoradas, mas até agora ainda não se conhece nenhuma (Belchior, 1969: 78, Est. XXIV, 3).

Outros dois moldes aparecem no sítio do Nicolau (Serpa) e em Alcácer do Sal. O de Serpa datará do século III d.C. ou IV e com ele se fabricavam lucernas decoradas com nervuras (Teixeira e Silva, 1986: 147-152), enquanto no de Alcácer a decoração é um cão a perseguir um javali (Viana, 1948: 12-13).

Ainda dois pequenos moldes foram encontrados nos fornos de ânforas da Quinta do Rouxinol (Seixal) (Caetano J, 1993: 21).

Podem ainda individualizar-se mais algumas produções lusitanas datáveis dos séculos III e IV d.C. Uma delas é a que marcava os produtos com as letras G E S acompanhadas do desenho de uma palma. O centro de fabrico parece ser em território atualmente espanhol, e os seus produtos tiveram grande difusão no sul de Portugal.

Algures no Alentejo situar-se-ia a fábrica que marcava as lucernas com MV, MTV e LV. São produções assaz tardias, com peças de qualidade inferior e com motivos decorativos copiados de outras lucernas, aparecendo mal definidos e sem relevo (Caetano J, 1993: 22).

Produções africanas

As lucernas tardo-antigas de origem africana têm a sua origem em distintos lugares do Norte de África, principalmente na África Proconsular. De entre os seus traços característicos destaca-se, igualmente, o fabrico em *terra sigillata* africana, idêntica às variantes C e D. As lucernas deste tipo difundem-se consideravelmente pelo Mediterrâneo Ocidental, alcançando esporadicamente as províncias orientais e setentrionais do Império (Morillo Cerdán, 2015: 379).

Na atualidade não existem dúvidas acerca da origem norte-africana das denominadas lucernas tardo-antigas, embora o seu fabrico se tenha constatado também nas províncias como Itália e Hispânia.

No início da época imperial, a África seria uma zona de receção das lucernas itálicas importadas. Desde os finais do século I, assiste-se a um crescente processo de transferência produtiva das oficinas matrizes centro-itálicas, para novas oficinas e sucursais instaladas na África Proconsular. Primeiramente imitam-se os modelos itálicos (C.OPPI.RES; L.MVN.SVC), para paulatinamente passar a marcas próprias (GABINIA; CIVNIDRAC).

As primeiras produções lucernárias realizadas em TSA, simultâneas aos recipientes de africana C e D, aparecem na região central Tunisina, durante as primeiras décadas do século IV d.C. (Anselmino, 1983: 33-4). Dentro dos centros produtores de lucernas tardo-antigas africanas devemos mencionar o papel de Cartago, possivelmente um dos mais ativos. Outras oficinas de certa importância são *El Djem* (Morillo Cerdán, 1999: 147) e *El Mahrine* (Mackensen, 1993).

As distintas oficinas, situadas nas cercanias de grandes portos, fabricam grandes quantidades de lucernas de *terra sigillata*, que se difundem por toda a costa Norte-africana, exportando massivamente para os mercados de Itália, sul da Gália, Hispânia, Dalmácia e Mediterrâneo Oriental.

Imitações locais das lucernas deste tipo surgem em distintos pontos do Mediterrâneo e das províncias setentrionais, das quais se destacam as italianas (Morillo Cerdán, 1999: 147).

As lucernas tardo-antigas de origem africana dispersam-se por Portugal e Espanha (Modrzejewska, 1988: 30-32). A mesma autora assinala que as principais concentrações se encontravam na região de Múrcia-Alicante e na zona catalã, áreas inteiramente bem comunicáveis com o Norte de África, através do tráfego marítimo.

Alguns exemplares destas variantes documentam-se em distintos pontos da Bética e da Lusitânia.

Modrzewska opina que a maior parte dos achados hispânicos pertencem a imitações locais de modelos africanos. Contudo, é evidente que junto a estas deve coexistir uma grande quantidade de lucernas importadas, especialmente nos sítios arqueológicos costeiros que melhor comunicam com o norte de África (Tarragona e Cartagena) (Morillo Cerdán, 1999: 148).

Anexo 3 – Iconografia

Durante a época clássica, na Grécia, a lucerna constituía um objeto de carácter eminentemente prático, onde a estética era, praticamente, inexistente.

A ostentação de um gosto artístico, característico da época helenística, e o crescente avanço técnico no processo de fabrico de lucernas, levaram à sua transformação conceptual, permitindo a conjugação de funcionalidade com a estética ornamental (Morillo Cerdán, 1999: 163).

As lucernas de tradição helenística apresentavam-se de forma muito simples, com o orifício de alimentação bastante desenvolvido que ocupava grande parte do disco, impossibilitando a ornamentação no mesmo, apresentando-se, maioritariamente, na ampla orla.

A partir de inícios do século I a.C., a introdução do molde bivalve na produção de lucernas vai possibilitar mudanças substanciais na sua morfologia. O orifício de alimentação reduz, o disco amplia e, por sua vez, a orla diminui. Estas transformações começam por evidenciar-se com as formas tardo-republicanas, atingindo o auge morfológico e estético, com as lucernas de volutas.

A grande aceitação das lucernas, como peças de iluminação, leva à rápida criação de uma extensa rede de *oficinae*, assim como filiais, que se destinavam a suportar a procura das mesmas (Morillo Cerdán, 1999: 163).

Relativamente à iconografia que estas patenteavam, especialmente nos tipos de volutas mais antigos, destaca-se a representação de figurações de uma ou duas personagens isoladas, bem como, inseridas num contexto mais elaborado (Morillo Cerdán, 1999: 163).

Durante o primeiro século do Império, a qualidade artística das representações de lucernas alcança a eleição de uma vasta compilação iconográfica distinta. Contudo, a partir do período Flaviano, esta qualidade artística decai, progressivamente, empobrecendo-se, de igual forma, ao nível de diversidade e tratamento dos motivos decorativos. Na verdade, as peças de grande qualidade apresentam-se de forma muito escassa.

Apenas a partir dos finais do século I d.C., se depara, novamente, com a ornamentação da orla, a qual perdura ao longo dos séculos seguintes.

Já no século III d.C., denotamos a ausência de separação entre a orla e o disco, restringindo-se a ornamentação a uma nomenclatura breve e simplesmente geométrica (Morillo Cerdán, 1999: 163). As produções norte africanas, mais tardias, introduzem um

renovado repertório iconográfico, substancialmente diferenciado daquele que foi utilizado ao longo do Alto Império.

No que concerne à iconografia, denota-se que os fabricantes de lucernas não foram muito inovadores, pois parecem influenciados pela cultura helenística.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 164), os produtores deste tipo de materiais puderam ainda tirar partido dos modelos iconográficos representados em relevos escultóricos, o que não significa, que não se tenham baseado em qualquer outro tipo de inspiração.

Entre os diferentes produtores, poderão ter existido “cadernos”, que compunham a compilação das cenas destinadas a figurar nas lucernas. Tal coleção destinar-se-ia a circular entre os artesãos, os quais selecionavam e recolhiam as cenas que pretendiam usar nas suas peças. A possível circulação de moldes poderá estar também aqui implicada.

A possibilidade de existência de tais compilações prende-se com o facto de os repertórios iconográficos serem bastante semelhantes entre as lucernas e, por exemplo, a *terra sigillata*. Destas, destaca-se a fauna, a flora, bem como, cenas mitológicas e eróticas (Morillo Cerdán, 1999: 164).

De entre as temáticas introduzidas pelos produtores de lucernas, destacam-se as figurações relacionadas com o quotidiano. Embora alguns vasos gregos pintados exibam, por vezes, iconografia relacionada com aspetos do dia-a-dia, parecem ser os oleiros romanos a desenvolver estes temas, dos quais evidenciamos as cenas eróticas, os jogos de circo e anfiteatro, as representações teatrais, satíricas, festivas, laborais, privadas e também literárias.

Os critérios utilizados na escolha do repertório iconográfico dos produtores de lucernas deveriam seguir, provavelmente, os gostos das “classes” sociais médias e baixas, às quais se destinavam este tipo de peças (Morillo Cerdán, 1999: 164).

Assim sendo, tais temas deveriam integrar-se numa coletânea de temas e ornamentos que variavam a nível cronológico e geográfico.

Uma das classificações mais completas realizada para a temática iconográfica presente em especial nos discos das lucernas, atribui-se à investigadora W. Deonna (1927), atualizada mais tarde por Amaré Tafalla (1985). Contudo, e segundo Morillo Cerdán (1999: 166), denotam-se alguns problemas de uso, devido ao facto de várias cenas se poderem enquadrar nos diferentes grupos definidos.

A classificação apresentada por Loeschcke (1919), posteriormente atualizada por Bailey (1980), já apresenta uma divisão temática bem elaborada e estruturada, pela qual nos devemos orientar.

Ainda assim, não só o disco das lucernas se apresenta decorado. As decorações podem igualmente estar presentes na orla, na asa ou no *rostrum*.

A decoração da orla aparece, geralmente, enquanto esta se encontra ampla e convexa, apresentando ornamentos temáticos reduzidos a elementos vegetais e/ou geométricos, de composição simplificada.

Relativamente à decoração na asa, somente alguns tipos apresentam tais características ornamentais figuradas em relevo (Morillo Cerdán, 1999: 270), predominando nas designadas “asas plásticas”, específicas do tipo III de Loeschcke.

No que concerne ao *rostrum*, predominam as decorações tipológicas, especialmente presentes nas lucernas tardo-republicanas do tipo Dressel 4.

Anexo 4 – Marcas, símbolos anepígrafos, letras isoladas e grafitos

A análise das marcas de oficina é uma das principais linhas de investigação prioritárias no estudo das lucernas romanas. De facto, a prioridade supramencionada não é em vão. As marcas apresentadas pelas lucernas fornecem grande diversidade de dados, permitindo auferir, a partir dessas conclusões, indicadores cronológicos bastante fiáveis.

Não obstante, as distintas informações que as lucernas permitem conhecer, poderão ser deturpadas por uma panóplia de problemáticas com que os investigadores se deparam frequentemente.

A possibilidade de reconhecer oficinas e áreas produtoras, partindo da análise da dispersão de determinadas marcas de oleiro de lucernas, impulsionou a deliberação e composição de variadas e longas listas de marcas, baseadas na componente epigráfica (Morillo Cerdán, 1999: 277). Dos trabalhos efetuados para a Península Ibérica destacamos, entre outros, os de A. Balil (1968). Este autor mostra ter investido grande esforço na sua obra, numa tentativa de assimilar marcas primárias de oleiro com as suas respetivas oficinas produtoras. Obra que, mais tarde, é atualizada por Amaré Tafalla.

Segundo Morillo Cerdán (1999: 277), os trabalhos recentes baseados unicamente nestas recompilações de marcas têm-se mostrado ineficazes, pois a dispersão geográfica das mesmas não é fator suficientemente determinante para restringir a localização dos centros produtores.

De acordo com o referido autor, tem-se dado demasiado valor à investigação das marcas enquanto ferramenta decisiva na distinção e definição das *oficinae* produtoras de regiões concretas, e na distribuição e comercialização deste tipo de materiais.

Uma vez que as lucernas constituem um tipo de material elaborado, maioritariamente pela prática de moldagem, esta permite a sua reprodução em série, através da técnica de sobremoldagem de peças idênticas que incluíam a marca de oleiro da peça originalmente copiada (Amaré Tafalla, 1987: 56). Esta, apesar de constituir uma peça produzida numa oficina especializada e exclusiva, poderia ser copiada na sua totalidade por um outro oleiro numa outra oficina.

Tendo este fator em conta, a dispersão geográfica das marcas poder-se-á encontrar bastante deturpada. A cópia de lucernas consiste numa técnica menos dispendiosa, destinando-se a suportar o mercado local, de clientes de maior carência monetária. Esta realidade está bem documentada no norte de Portugal, com relevância para a região de *Bracara Augusta* (Morais, 2005; Nunes *et al.*, 1990: 82).

Segundo Balil (1969), as produções locais poderiam constituir igualmente

produções originais. Contudo, seriam de qualidade inferior e não apresentariam marcas de oleiro, sendo a sobremoldagem rara.

Esta problemática levou a que o investigador Bonnet (1988) correlacionasse não só as marcas e as formas das lucernas, mas também a decoração. Contudo, o investigador Morillo Cerdán afirma que não se deverá atribuir demasiado valor a esta hipótese, pois apenas uma elaborada análise química e física às pastas efetuada nos diferentes sítios arqueológicos, bem como a realização de uma base de dados internacional, poderiam dissipar o problema (Morillo Cerdán, 1999: 278).

Assim sendo, deveremos interpretar os dados relativos à dispersão de marcas de lucernas romanas exclusivamente para orientação das conclusões que deveremos referir, sem apontar, no entanto, propostas demasiado dedutivas. Estes oferecem-nos apenas o conhecimento da área principal de produção de um oleiro, bem como o seu período de laboração, através das formas e decoração das lucernas aí encontradas, não apontando a procedência de cada exemplar.

Como referido anteriormente na investigação deste tipo de peças, é fulcral a relação das marcas de oleiro com a decoração e a forma tipológica correspondente. Algumas das marcas encontram-se associadas a um conjunto tipológico e decorativo específico, permitindo atingir conclusões cronológicas mais precisas. Exemplos desta realidade documentam-se nas marcas FORTIS (Alarcão *et al.*, 1976) e STROBILI, associadas sempre a lucernas de canal (Morillo Cerdán, 1999: 278).

O estudo das marcas de oleiro constitui-se mais árduo e complexo, comparativamente ao dos centros de produção deste tipo de peças. Juntamente com os nomes de oleiros, que constituem o maior volume das marcas de oficina, documenta-se um vasto conjunto de marcas que consistem apenas em simples letras isoladas, conexão de várias letras, monogramas, signos anepígrafos ou símbolos abstratos.

Anexo 5 – Histogramas



Fig. 1 – Quantidade de lucernas por instituição

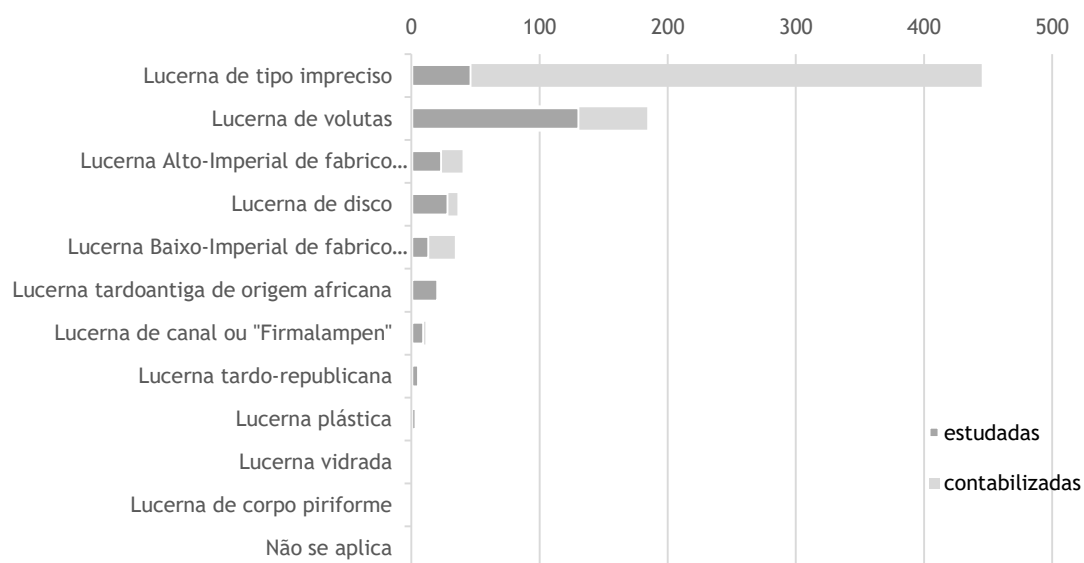


Fig. 2 - Quantidade de lucernas estudadas e contabilizadas por tipologia

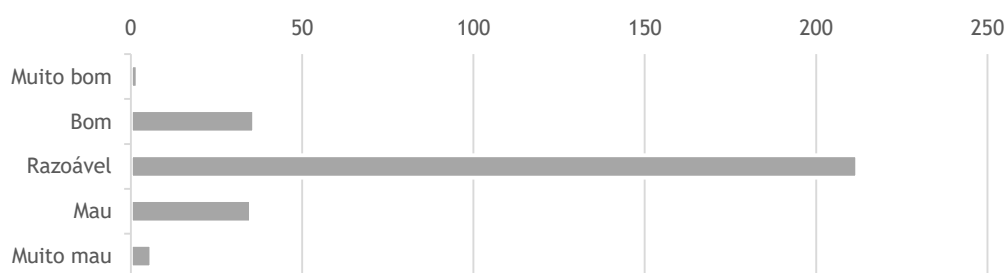


Fig. 3 – Quantidade de lucernas por estado de conservação



Fig. 4 – Quantidade de lucernas completas, incompletas e em fragmentos

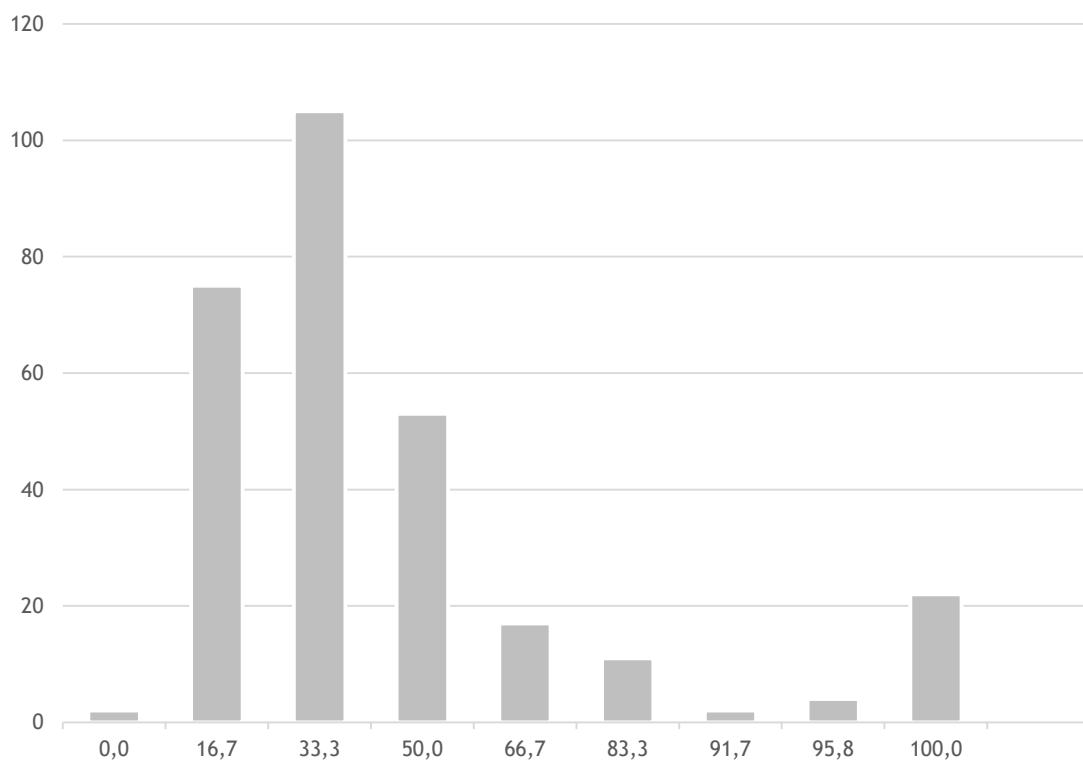


Fig. 5 – Percentagens de fragmentação das lucernas

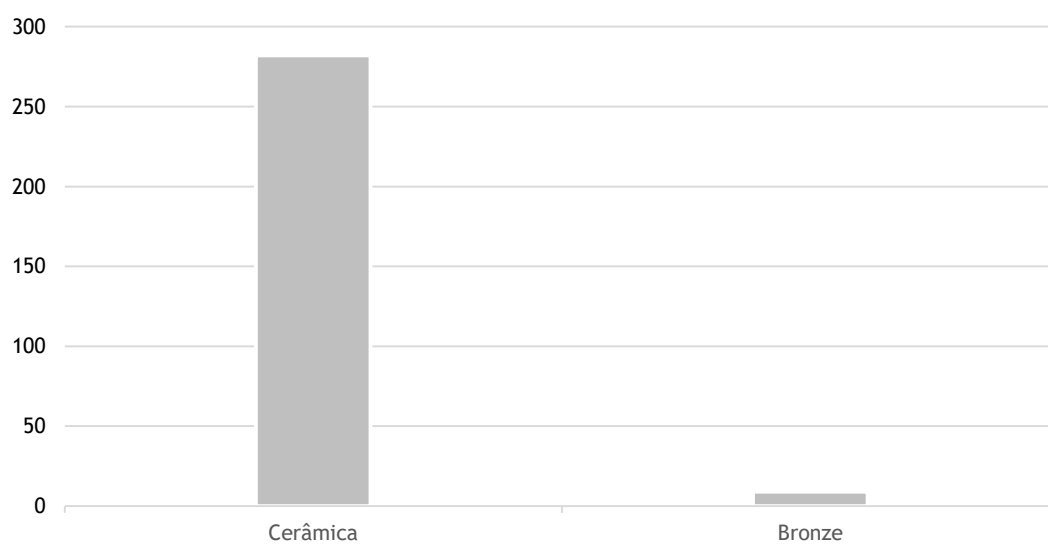


Fig. 6 - Quantidade de lucernas em cerâmica e em bronze

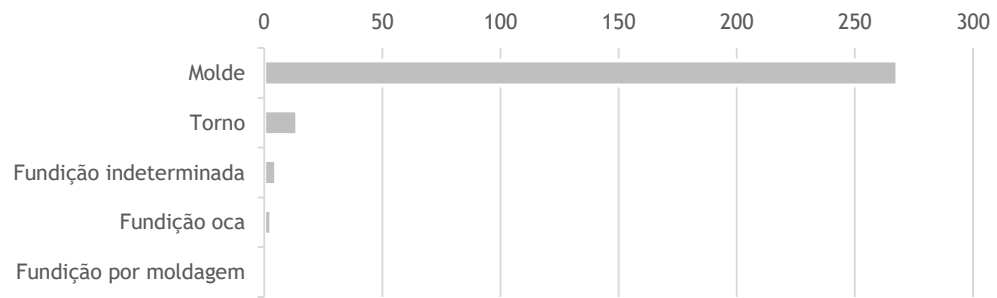


Fig. 7 – Técnicas de fabrico das lucernas

Anexo 6 – Tabelas

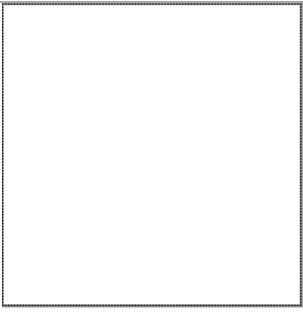
	Instituição		Nº inventário	
	Classificação			
	Série		Tipologia	
	Império		Cronologia	
	Produção		Centro Produtor	
	Matéria		Técnica	
Estampa		Descrição		
Marcas, inscrições e grafitos				
Marca de oleiro documentada				
Oleiro				
Símbolos anepígrafos				
Letras isoladas				
Grafitos				
Proveniência				
Distrito			Freg + Município	
Lugar			Sítio/intervenção arq.	
Acrónimo		Sepultura		Sondagem
Camada		Complexo		UE
Corte estratigráfico				
Dimensões				
Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)
Estado de conservação				
Conservação		Observações		
Referências bibliográficas				
Paralelos				

Tabela 1 - Modelo de Ficha-tipo

Decoração no disco
Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico
Derivada do tipo Dressel 3
Vieira
Derivada do tipo Dressel 9 ou "lucerna mineira", atípica
Vitória alada
Palma
Lucerna de canal ou "Firmalampen"
Loeschcke X
Cenas de circo (Jubilator)
Lucerna de disco
Dressel 18
Mamíferos (dois cães alternados com duas lebres)
Dressel 19
Geométrica
Dressel 20
Cupido como caçador
Dressel 28
Busto de Hélios com diadema
Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
Roseta
Lucerna de volutas
Deneauve V G
Geométrica
Dressel 10
Ícaro
Indeterminada
Águia-real
Gladiador
Ginete armado com espada e escudo gálico
Auriga fustigando uma biga
Pugilista derrotado
Homem montado num crocodilo
Symplegma erótico
Coroa de folhas de oliveira
Diana
Cupido
Lares Compitales
Vitória alada
Rosácea

Hércules barbado
Cão de caça/urso?
Javali atacado por um cão
Javali
Leão a atacar um cervo
Génio com asas e tridente
Roseta
Loeschcke I A
Íbis?
Gladiador
Águia de Zeus e Ganimedes
Tritão segurando uma concha
Rosácea
Geométrica
Loeschcke I C
Golfinho
Duas cornucópias afrontadas
Loeschcke I, var. Indeterminada
Minerva
Rosácea
Loeschcke IV
Gladiador
Symplegma erótico
Loeschcke V
Vitória alada
Roseta
Loeschcke XIX
Geométrica
Lucerna vidrada
Dressel 20
Duas serpentes afrontadas
Lucerna indeterminada
Galo com palma
Gladiador
Krâter
Cupido
Dionísio e seus seguidores
Figura feminina
Geométrica (pontos incisos)
Hércules
Canídeo
Carneiro

Leão a atacar um cervo
Roseta
Lucerna tardo-antiga de origem africana
Deneauve XI B (Bonifay tipo 33, variante A)
Roseta
Vieira
Hayes IB (Atlante VIII D4/Bonifay tipo 50)
Geométrica
Hayes IB, atípica (Atlante VIII C1a, var.C/Bonifay tipo 46)
Animal mitológico (Pégaso)

Tabela 2 – Decorações nos discos das lucernas por tipologia

Anexo 7 - Mapas

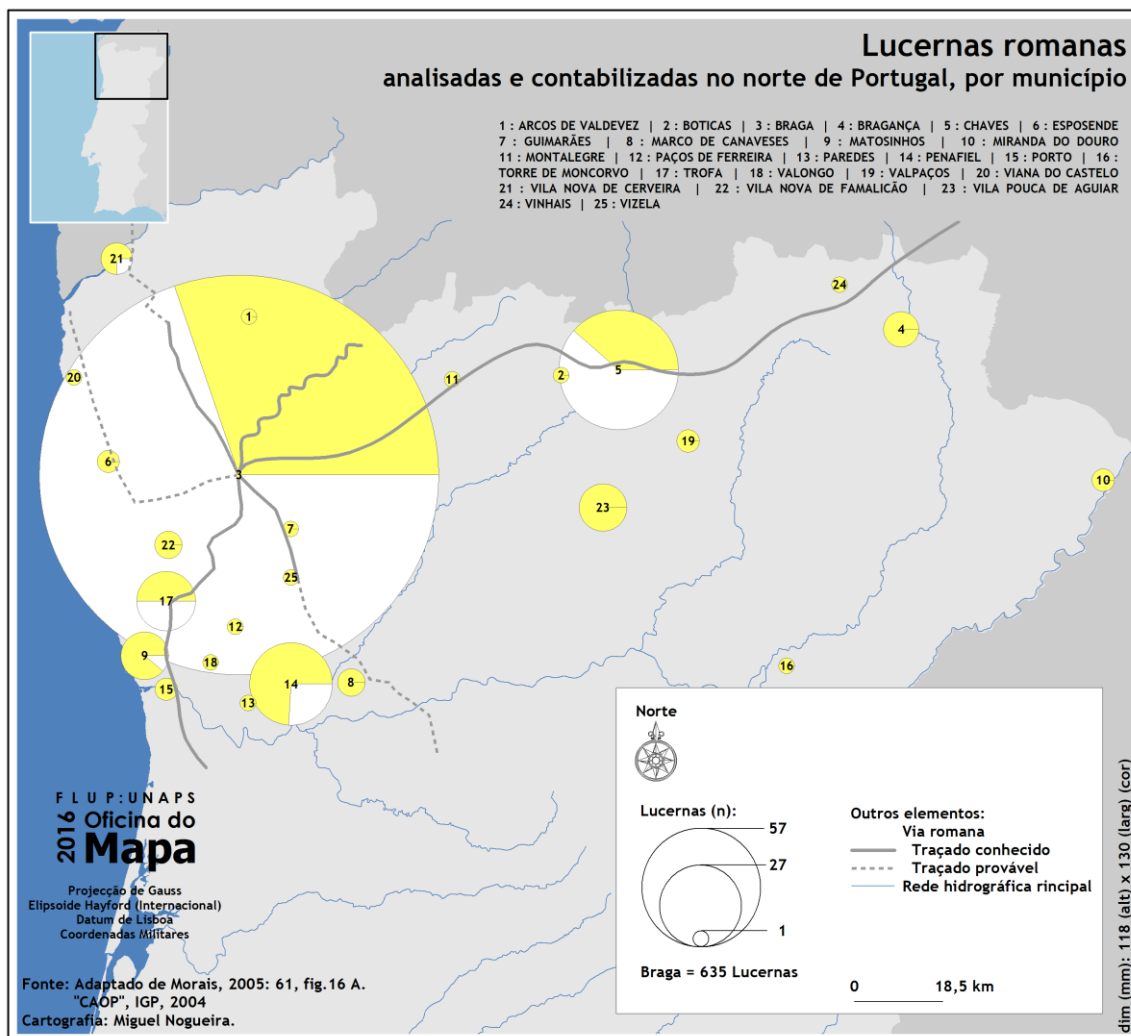


Fig. 8 - Lucernas analisadas e contabilizadas encontradas por município no norte de Portugal

Anexo 8 – Fichas de inventário

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu do Abade de Baçal	Nº inventário	1321
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (VogelKopflampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.001, nº001	Descrição	Lucerna completa do tipo Dressel 4 (Vogelkopflampen). Orla ampla e inclinada para o interior, separada do disco por uma canelura que se fundem e prolonga até meio do rostrum. De ambos os lados desta, dispõem-se dois traços verticais incisos, podendo estar associados às características "cabeças de ave". Rostrum em forma de bigorna. Asa vertical, espalmada e repuxada, com presença de duas perfurações distintas. Fundo plano constituído pela quase totalidade da lucerna. Pasta de cor bege com vestígios de engobe acastanhado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Valpaços		
Lugar	Valpaços	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	8	Larg (cm)	5	Alt (cm)	2,2
-----------	---	-----------	---	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Muito Bom	Observações	Completa
-------------	-----------	-------------	----------

Referências bibliográficas	Almeida, 1953:185; estampa XLIII; Nº212; Abreu, 2002:169
----------------------------	--

Paralelos	Deneauve, 1969:105,Pl.XXXIV,Nº271
-----------	-----------------------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.002, nº002

Instituição	Museu Nacional de Arqueologia	Nº inventário	17430
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (VogelKopflampen)
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	Lucerna completa de forma Dressel 4 (VogelKopflampen). Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por três molduras e igual número de caneluras. O disco, côncavo e sem decoração, ostenta orifício de alimentação centrado. O rostrum é triangular e de extremo de formato retangular, dispondo-se de ambos os lados as características "cabeças de ave". Uma das caneluras que rodeia o disco prolonga-se até ao orifício de iluminação, delineando um pequeno canal aberto entre as duas cabeças. A asa é anular e elevada.
-----------	--

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Viana do Castelo	Freg + Município	S. Paio, Arcos de Valdevez		
Lugar	Arcos de Valdevez	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10.5	Larg (cm)	5.7	Alt (cm)	2,8
-----------	------	-----------	-----	----------	-----

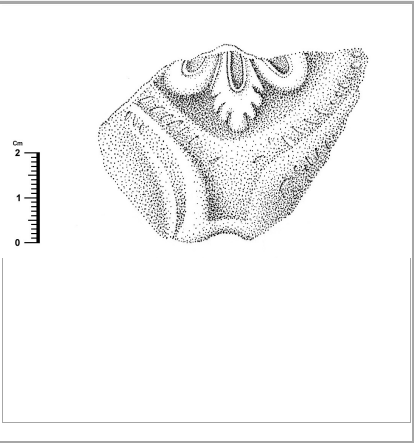
Estado de conservação

Conservação	Muito bom	Observações	Completa
-------------	-----------	-------------	----------

Referências bibliográficas	Almeida, 1953:150, estampa XXX, Nº9; Catálogo da Exposição: Portugal das origens à época romana; 1989; http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=119880
----------------------------	--

Paralelos	Morillo Cerdán, 1992:411, fig.43, nº233
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1618
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (VogelKopflampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.002, nº003	Descrição	"Fragmento de disco, orla e rostrum. Orla larga e inclinada para a exterior decorada por uma bordadura que inclui no seu interior pequenos traços paralelos incisos. Do disco côncavo vê-se parte de uma decoração com um motivo vegetal. Conserva-se uma parte do rostrum demarcado por uma moldura que se prolonga a partir do disco delimitando um pequeno canal aberto. A ladear este canal a representação, praticamente imperfectível, das características “cabeças de ave”" (Morais, 2005: I 319, Nº1; II 385, Nº1).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	5.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 319, Nº1; II 385, Nº1
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Morillo Cerdán, 1992:411, fig.43, nº233
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1054
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (VogelKopflampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.002, nº004	Descrição	Fragmento de lucerna tardo-republicana do tipo Dressel 4, constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada com uma fiada de pequenos retângulos em relevo dispostos de forma alinhada. A separação desta com o disco faz-se mediante duas molduras e uma canelura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum ornamentado com as características "cabeças de ave", em relevo, dispostas de ambos os lados.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acrónimo	BRA 05 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	745
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.3	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

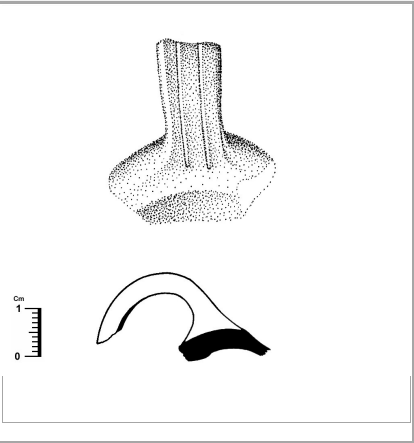
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Pasta desagregada; destacamento do engobe
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Morillo Cerdán, 1992:411, fig.43, nº233
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2314
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (Vogelkopflampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.003, nº005	Descrição	"Fragmento de orla e asa. Asa circunscrita longitudinalmente por duas finas caneluras" (Morais, 2005: I 319, Nº2; II 385, Nº2).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA91 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	20
Camada	Sem dados	Complexo	13	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

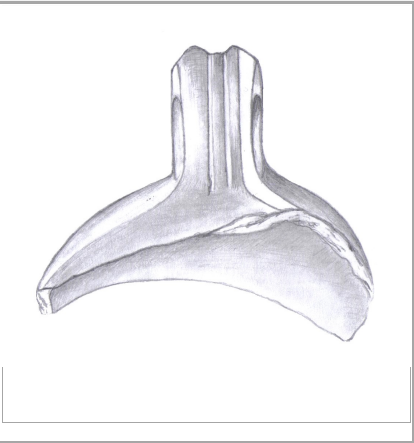
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 319, Nº2; II 385, Nº2
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Morillo Cerdán, 1992:411, fig.43, nº233
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2008-0042
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-republicana	Tipologia	Dressel 4 (VogelKopflampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.003, nº007	Descrição	Fragmento de lucerna tardo-republicana do tipo Dressel 4, constituído pela asa, parte da orla e do infundibulum. A asa, de grandes dimensões, é elevada e perfurada e circunscrita por duas caneluras que se dispõem longitudinalmente. A orla é estreita e ligeiramente inclinada para o interior.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acrónimo	BRA 07 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PIN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1629
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	7.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Pasta desagregada; destacamento de engobe
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Morillo Cerdán,1992:411, fig.43, nº233
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2009-0604
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.004, nº007	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke I A. Orla estreita e ampla, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por quatro caneluras e três molduras concêntricas. Disco côncavo decorado com uma ave em relevo, e em movimento para a direita, tratando-se, provavelmente, da representação de uma íbis. O rostrum é triangular e de extremo levemente arredondado, conservando-se orifício de iluminação central e vestígios de utilização. Base plana circunscrita por uma canelura e uma moldura de grandes dimensões. Pasta fina de cor alaranjada e engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

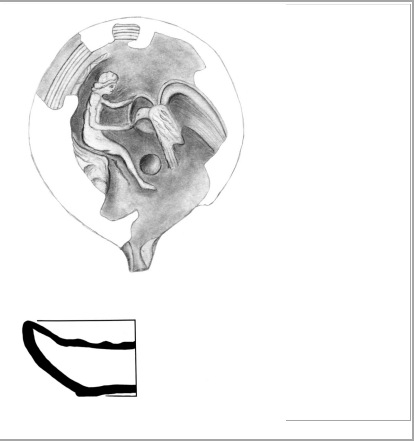
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	187
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Sem dados
		UE	2076

Dimensões			
Comp (cm)	10.1	Larg (cm)	7.5
		Alt (cm)	2,7

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada na orla, no disco e no rostrum

Referências bibliográficas	Braga, 2010: ficha nº33, Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013: 314; 316; 318, 320, fig.7, nº16; Morais et al., 2014:1260, fig.3, nº2
Paralelos	Rodríguez Martín, 2002: 317, fig. XVII, Nº250

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de volutas ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro - Itálica MatériaCerâmica	Nº inventário2008-0308 TipologiaLoeschcke I A CronologiaAugusto a inícios do século I d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde		
Estampa	Est.005, nº008	Descrição Lucerna de volutas do tipo Loeschcke I A. Orla estreita e ampla, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas, tendo a segunda moldura no seu interior, três semicírculos concêntricos. O disco é côncavo e largo e encontra-se decorado com a imagem da águia de Zeus acompanhada de Ganimedes, sentada de perfil à esquerda "desnuda", e Eros bebé. Base larga circunscrita por uma moldura.			
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S. José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 08 CTT	Sepultura	2	Sondagem	2
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	198
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	10.1	Larg (cm)	8.5	Alt (cm)	3
Estado de conservação					
Conservação	Muito mau		Observações	Muito fragmentada. Pasta desagregada e engobe destacado	
Referências bibliográficas	Braga, 2010:46; 54; 89, sep.II, ficha Nº41; Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013:314; 316, fig.5, nº2				
Paralelos	Bailey, 1988: 4, fig.3, Q1930				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.006, nº009

Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2353
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	"Fragmento de lucerna de volutas. Pequena orla, inclinada para o interior, separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Canal aberto entre o disco e o rostrum do qual apenas se conserva a parte superior da voluta esquerda. Disco côncavo ornamentado com a representação de um gladiador posicionado à esquerda com a perna direita fletida preparado para o ataque; segura na mão esquerda um escudo retangular e na direita a sica ou espada curta. Com um equipamento característico dos Samnitas (também chamado na época imperial de Hoplomachus ou Secutor porque seguia o seu rival), veste um saiote curto (balteus) e usa um elmo com penacho (galea cristata). Apesar do estado de fragmentação vê-se ainda que este gladiador protegia as pernas e os músculos com as botas e grevas (ocreae e fasciae) e o antebraço esquerdo com um protetor metálico articulado (manica). Na zona do disco, no eixo do rostrum, conserva-se parte do orifício de alimentação"(Morais, 2005: I 322, Nº3; II 386, Nº 3).
-----------	---

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cividade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA02 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	25	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.5	Larg (cm)	4.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

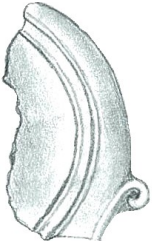
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 322, Nº3; II 386, Nº 3; Morales et al., 2012: 501, tab.1; 503; 505, nº33
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 1085
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.006, nº010	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. O disco é côncavo, conservando-se apenas uma pequena parte. Presença da parte superior da voluta direita.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1085
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

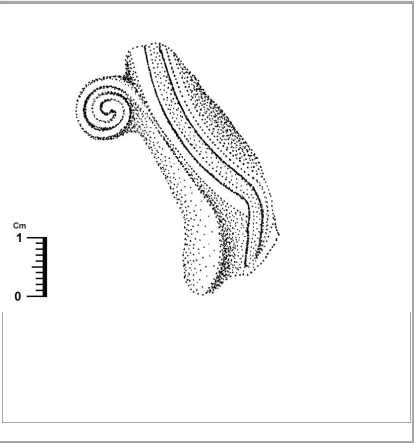
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:101-114; 186-194; 267
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0986
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.006, nº011	Descrição	"Pequena orla inclinada para o interior, separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Canal aberto entre o disco e o rostrum do qual apenas se conserva a parte superior da voluta esquerda" (Morais, 2005: I 322, Nº5; II 386, Nº5)."	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cerca do Seminário de Santiago	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Afonso Henriques		
Acrónimo	BRA96 SST	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H12
Camada	Sem dados	Complexo	34	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.2	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

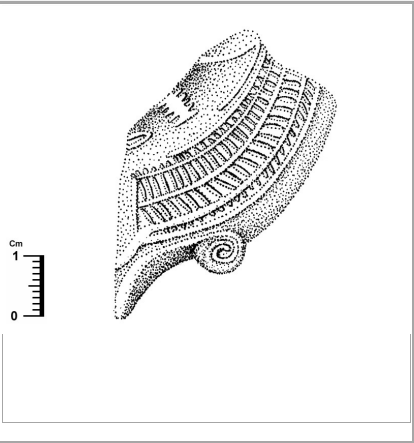
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 322, Nº5; II 386, Nº5
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1224
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.006, nº012	Descrição	"Orla estreita, retilínea e lisa. A transição para o disco, muito rebaixado, faz-se por meio de cinco bordaduras, quatro das quais incluem pequenos traços em relevo transversais. Conserva-se parte da voluta direita" (Morais, 2005: I 322, Nº6; II 384, Nº6).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro (Braga)		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA98 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q15
Camada	Sem dados	Complexo	192	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

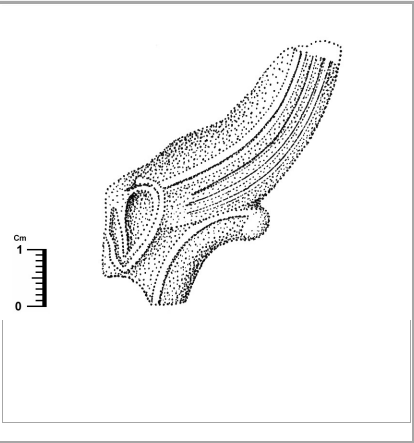
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 322, Nº6; II 384, Nº6
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.006, nº013

Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-2352
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla estreita e horizontal, separada do disco por quatro molduras definidas por igual número de finas caneluras concêntricas. Do disco côncavo apenas resta uma secção sem decoração figurada. Do rostrum apenas se conserva parte da voluta direita e a representação do que parece ser uma folha de hera" (Morais, 2005: I 323, Nº7; II 386, Nº7).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Casa da Bica		
Acrónimo	BRA77 B	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	2.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

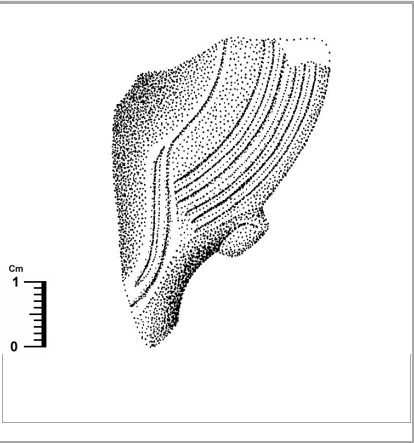
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº7; II 386, Nº7
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2003-0480
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.006, nº014	Descrição	"Orla larga, inclinada para o interior, separada do disco por seis pequenas molduras definidas por igual número de finas caneluras concêntricas. Canal aberto entre o disco e o rostrum do qual apenas se conserva a parte superior da voluta direita" (Morais, 2005: I 323, Nº8; II 386, Nº8).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

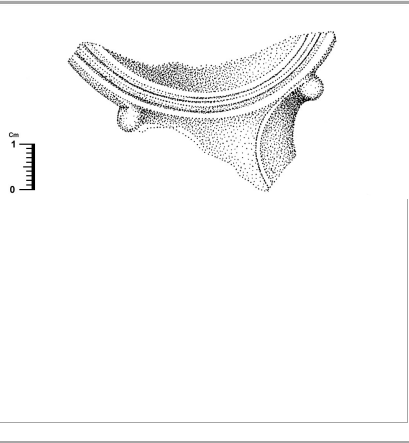
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários
Acrónimo	BRA02 CVL	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	22
		UE	230
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	4	Larg (cm)	3
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Engobe destacado parcialmente

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº8; II 386, Nº8; Moraes et al., 2012:501,tab.1; 503; 505, nº34
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.007, nº015

"Pequena orla inclinada para o interior, separada do disco por três molduras definidas por igual número de finas caneluras concêntricas. Do disco côncavo apenas resta uma secção sem decoração figurada. Do rostrum conserva-se a quase totalidade da voluta direita e a parte superior da voluta esquerda" (Morais, 2005: I 322, Nº4; II 386, Nº4).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Largo de São Paulo

Albergue Distrital

BRA96 ALB

Sem dados

F1

Sem dados

860

Sem dados

Sem dados

Dimensões

3

5.5

Indeterminada

Estado de conservação

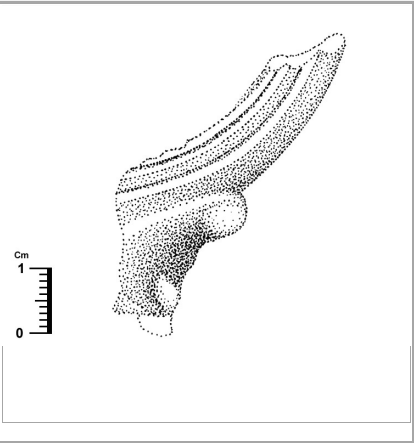
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 322, N°4; II 386, N°4

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0982
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.007, nº016	Descrição	"Orla ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três pequenas molduras definidas por igual número de finas caneluras concêntricas. Do rostrum conserva-se a voluta direita" (Morais, 2005: I 323, Nº9; II 386, Nº9).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acróimo	BRA85 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	2041	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

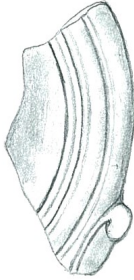
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

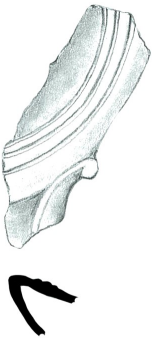
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº9; II 386, Nº9
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 925	
	Classificação	Lucerna			
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A	
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.	
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado	
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.007, nº017	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Presença da parte superior da voluta direita.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	925
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	5	Larg (cm)	2.3	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:80-89; 172-177; 262; fig.321				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário AMC07 112
		Classificação Lucerna	
		Série Lucerna de volutas	Tipologia Loeschcke I A
		Império Alto-Imperial	Cronologia Augusto a inícios do século I d.C.
		Produção Centro - Itálica	Centro Produtor Indeterminado
		Matéria Cerâmica	Técnica fabrico Molde
Estampa Est.007, nº018	Descrição Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla, disco e infundibulum. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Do rostrum apenas se conserva a parte superior da voluta direita.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	santa maria Maior, Chaves
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22

Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	1
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	112
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

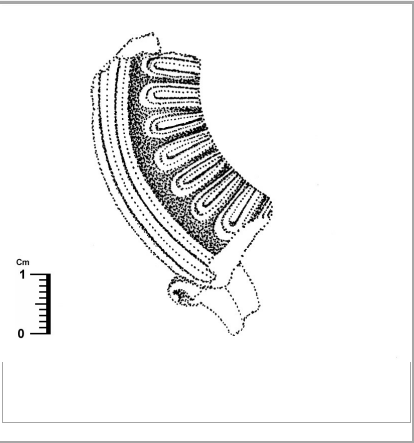
Comp (cm)	6.3	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

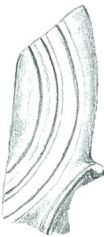
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:26-29; 137-139; 239
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de volutas ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro - Itálica MatériaCerâmica	Nº inventário2001-0960 TipologiaLoeschcke I A CronologiaAugusto a inícios do século I d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde			
EstampaEst.007, nº019		Descrição"Pequena orla, inclinada para o interior, separada do disco por três pequenas molduras definidas por igual número de caneluras. Disco côncavo decorado com uma rosácea em relevo. Conserva-se parte da parede do reservatório e do arranque de voluta esquerda" (Morais, 2005: I 323, Nº10; II 387, Nº10).				
Marcas, inscrições e grafitos						
Marca de oleiro documentada		Não apresenta				
Oleiro		Não apresenta				
Símbolos anepígrafos		Não apresenta				
Letras isoladas		Não apresenta				
Grafitos		Não apresenta				
Proveniência						
Distrito		Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar		Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo		BRA91 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	110
Camada		Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico		Sem dados				
Dimensões						
Comp (cm)		5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação						
Conservação		Razoável		Observações		Fragmentada
Referências bibliográficas		Morais, 2005: I 323, Nº10; II 387, Nº10				
Paralelos		Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 669
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
		Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.007, nº020	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Do disco, côncavo, conserva-se apenas uma pequena parte. Do rostrum, conserva-se a parte superior da voluta direita.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Vila Real	Freg + Município	santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	6
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	669
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	4.3	Larg (cm)	1.4	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada; engobe destacado	
Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:52-61; 151-159; 250, fig.294				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 946
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.008, nº021	Descrição	Lucerna de volutas constituída por parte da orla, do infundibulum, do disco e do rostrum. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum triangular de extremo arredondado, que conserva a voluta direita e parte da voluta esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	946
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6	Larg (cm)	2.4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

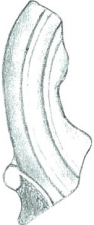
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:80-89; 172-177;263
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoGabinete de Arqueologia de Chaves ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de volutas ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro - Itálica MatériaCerâmica	Nº inventárioAMC07 760 A TipologiaLoeschcke I A CronologiaAugusto a inícios do século I d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.008, nº022	Descrição Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Do disco côncavo, apenas se conserva o arranque. Presença da parte superior da voluta esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22

Acrónim	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	7
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	760 A
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

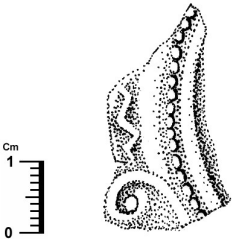
Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:61-73; 159-166; 255
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição Não se conhece o local de depósito Classificação Lucerna Série Lucerna de volutas Império Alto-Imperial Produção Centro - Itálica Matéria Cerâmica	Nº inventário Sem número Tipologia Loeschcke I A Cronologia Augusto a inícios do século I d.C. Centro Produtor Indeterminado Técnica fabrico Molde		
Estampa Est.008, nº023	Descrição Lucerna de volutas do tipo Loeschcke I A. Orla estreita, separada do disco por três caneluras e igual número de molduras. Disco côncavo e de reduzida dimensão, ornamentado com uma banda radiada. Três caneluras e igual número de molduras dispõem-se em torno do orifício de alimentação. Rostrum triangular de extremo arredondado com presença de volutas pouco pronunciadas e orifício de alimentação centrado. No fundo conserva-se a marca PHOETASPI, em relevo. "Trata-se de Phoetaspus, um oleiro italiano com oficinas no Norte de Itália e que exportou para as províncias do Norte e Leste, sobretudo em época Cláudia" (Soeiro, 1984:148). "Pasta fina de cor ocre escuro amarelado (Munsell 7.5 YR 6/5), com reduzido teor de inclusões. Os minerais mais característicos são a mica amarelada e os cristais de pirite, geralmente alterados. Engobe de coloração laranja escuro (Munsell 2,5 YR 4/8)" (Teixeira, 1940:2)				
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada		PHOETASPI			
Oleiro		Phoetaspus			
Símbolos anepígrafos		Não apresenta			
Letras isoladas		Não apresenta			
Grafitos		Não apresenta			
Proveniência					
Distrito		Porto	Freg + Município	Sobreira, Paredes	
Lugar		Serra de Montezelo	Sítio/intervenção arq.	Couto Mineiro das Banjas	
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável	Observações		Fragmentada no disco	
Referências bibliográficas	Teixeira, 1940: 1-2; Carvalho et al., 1954: 14-15, 23; Soeiro, 1984: 148; Maricato, 2001:11; Carvalho, 2008, vol.II: 74; Martins, 2008: 302; Silva et al., 2008:75				
Paralelos	Bailey, 1988: 124, 234, pl.33, fig.127, Q 1899; Genover e Fusté, 2006: 144-45, fig.73, E280; http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objects/ObjectsConsultar.aspx?IdReg=125610				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0990
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.008, nº024	Descrição	"Orla estreita, ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada por uma fiada de pequenas pérolas junto à moldura que assinala a transição para o disco côncavo. Parte superior da voluta esquerda"(Morais, 2005: I 323, Nº11; II 387, Nº11).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	97
Camada	Sem dados	Complexo	51	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	1.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

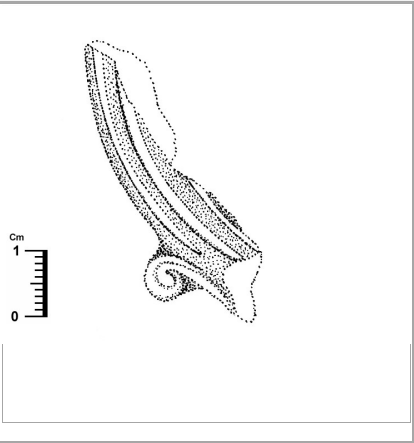
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº11; II 387, Nº11
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0984
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.008, nº025	Descrição	"Orla inclinada para o interior, separada do disco por quatro molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Do rostrum apenas se conserva a parte superior da voluta esquerda" (Morais, 2005: I 324, Nº22; II 389, Nº22).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acróimo	BRA94 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	506
Camada	Sem dados	Complexo	11	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

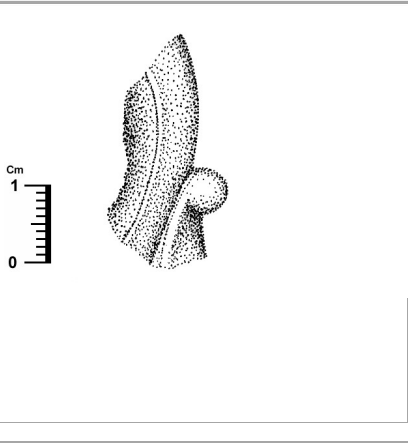
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 324, Nº22; II 389, Nº22
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.008, nº026

"Orla estreita e horizontal, separada do disco côncavo por uma fina canelura. Apenas se conserva parte da voluta direita" (Morais, 2005: I 324, Nº24; II 389, Nº24).

"Orla estreita e horizontal, separada do disco côncavo por uma fina canelura. Apenas se conserva parte da voluta direita" (Morais, 2005: I 324, Nº24; II 389, Nº24).

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
-----------------------------	---------------

Oleiro Não apresenta

Símbolos anepígrafos | Não apresenta

Letras isoladas	Não apresenta
-----------------	---------------

Grafitos	Não apresenta
----------	---------------

Proveniência

Distrito Braga

Freg + Município | Cidade, Braga

Lugar Colina da Cividade

Sítio/intervenção arq.	Sem dados
------------------------	-----------

Acrónimo	BRA77 H
----------	---------

Sepultura	Sem dados
-----------	-----------

Sondagem	14 E1
----------	-------

Camada	Sem dados
--------	-----------

Complexo	Sem dados
----------	-----------

UE	Sem dados
----	-----------

Corte estratigráfico	Sem dados
----------------------	-----------

Dimensões

Comp (cm)

Larg (cm)

1.5

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

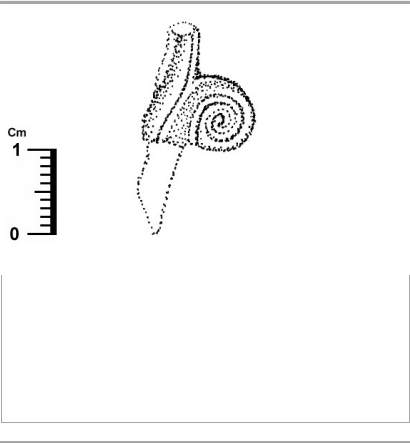
Conservação	Razoável
-------------	----------

Observações	Fragmentada
-------------	-------------

Referências bibliográficas | Moraes, 2005: I 324, Nº24; II 389, Nº24

Paralelos Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.009, nº027

"Orla muito estreita separada do disco por uma fina canelura. Do rostrum apenas se conserva a parte superior da voluta direita" (Morais, 2005: I 324, Nº25; II 389, Nº25).

MDDS

2001-0983

Lucerna

Lucerna de volutas

Loeschcke I, var.
indeterminada

Alto-Imperial

Augusto a finais do século I d.C.?

Centro - Itálica

Indeterminado

Cerâmica

Molde

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Cavaliariças

Rua dos Bombeiros Voluntários

BRA98 CVL

Sem dados

54

Sem dados

27

Sem dados

Sem dados

Dimensões

2.5

1.3

Indeterminada

Estado de conservação

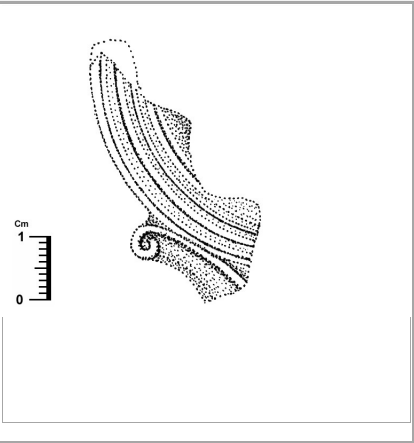
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 324, Nº25; II 389, Nº25

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0981
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.009, nº028	Descrição	"Orla muito inclinada para o interior, separada do disco por quatro molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Do rostrum apenas se conserva a parte superior da voluta esquerda" (Morais, 2005: I 324, Nº21; II 389, Nº21).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acrónimo	BRA95 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	404
Camada	Sem dados	Complexo	15	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

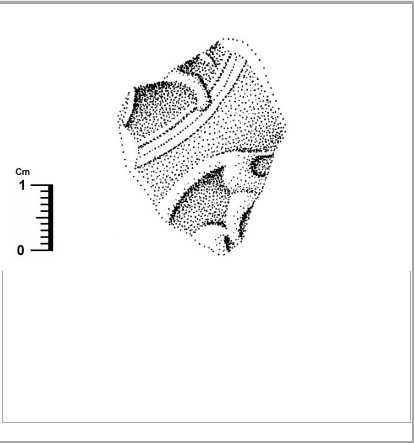
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 324, Nº21; II 389, Nº21
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1592
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
	Descrição	"Orla curta, ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por duas molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Do disco apenas se vê parte de uma decoração indeterminada dado o estado excessivo de fragmentação. Do rostrum apenas se conserva parte da voluta direita" (Morais, 2005 I: 324, Nº23; II 389, Nº23).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

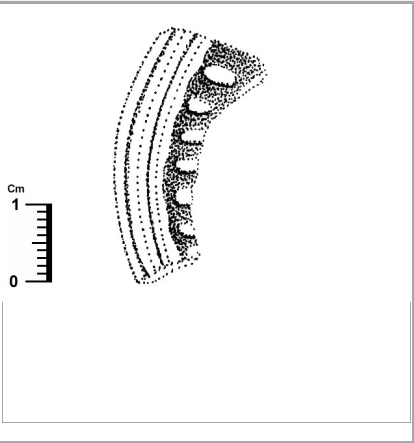
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005 I: 324, Nº23; II 389, Nº23
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0991
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.009, nº030	Descrição	"Orla estreita e horizontal, separada do disco por duas molduras definidas por igual número de caneluras. Disco côncavo decorado com uma rosácea em relevo" (Morais, 2005: I 324, Nº26; II 389, Nº26).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA90 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	80
Camada	Sem dados	Complexo	44	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 324, Nº26; II 389, Nº26
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 Estampa Est.009, nº031		Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 915	
		Classificação	Lucerna			
		Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada	
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?	
		Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado	
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Descrição		Fragmento de lucerna de volutas, constituído por parte da orla, do disco, do rostrum e do infundibulum. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum triangular de extremo arredondado, que conserva a voluta direita.				
Marcas, inscrições e grafitos						
Marca de oleiro documentada		Não apresenta				
Oleiro		Não apresenta				
Símbolos anepígrafos		Não apresenta				
Letras isoladas		Não apresenta				
Grafitos		Não apresenta				
Proveniência						
Distrito		Vila Real	Freg + Município	santa Maria Maior, Chaves		
Lugar		Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo		AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada		Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	915
Corte estratigráfico		Sem dados				
Dimensões						
Comp (cm)		6.5	Larg (cm)	2.3	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação						
Conservação		Razoável		Observações	Muito fragmentada; engobe destacado	
Referências bibliográficas		Guedes et al., 2012:80-89; 172-177;261				
Paralelos		Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Sob guarda Sob guarda científica do re	Nº inventário	[034]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.009, nº032	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla e parte superior da voluta esquerda. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Do arranque da orla para o rostrum, conserva-se a parte superior da voluta esquerda. Pasta fina de cor bege, com vestígios de engobe de cor castanho-escuro.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Sé, Bragança		
Lugar	Centro Histórico de Bragança	Sítio/intervenção arq.	Praça Camões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.3	Larg (cm)	2.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

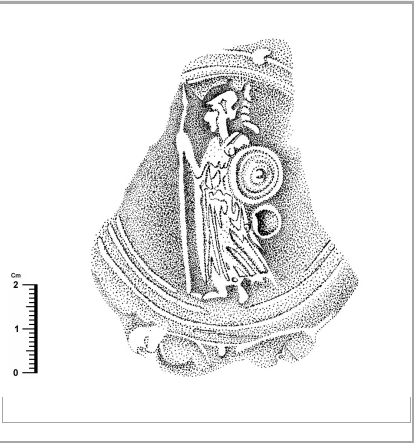
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Lima et al., 2004:86; 128; 176, nº5
----------------------------	-------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Pio XII	Nº inventário	1991-1653
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.010, nº033	Descrição	"Orla inclinada para o interior, separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Disco com orifício de alimentação à esquerda da decoração representada por uma Minerva, à esquerda, vestida com peplos grego. Identificando-se com Palas Atenea possuindo todos os seus atributos guerreiros: o elmo de cimeira emplumada, a lança na sua mão direita e o escudo oval moldado na sua mão esquerda. Do rostrum apenas se conserva a parte superior das volutas"(Morais, 2005: I, 324, Nº19; II, 389, Nº19).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Braga
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
		UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	7	Larg (cm)	6
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I, 324, Nº19; II, 389, Nº19
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 1179
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.010, nº034	Descrição	Fragmento de disco de reduzidas dimensões decoração com a figura de Minerva, à esquerda, vestida com peplos grego. Idêntica à Palas Atenea, possui todos os seus atributos guerreiros: o elmo de cimeira emplumada, a lança na sua mão direita e o escudo oval moldado na sua mão esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acróimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	11
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1179
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I, 324, Nº19; II, 389, Nº19; Guedes et al., 2012:101-114; 186-194; 272
----------------------------	--

Paralelos	Morais, 2005: I, 324, Nº19; II, 389, Nº19
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Vila Nova	Nº inventário	GA-FO201500040
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.010, nº035	Descrição	Lucerna de volutas muito fragmentada. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo decorado com duas figuras, Minerva e outra não identificada, dado o estado de deterioração que a peça apresenta. Presença d orifício de alimentação centrado. Rostrum triangular de extremo arredondado, que conserva a parte superior das duas volutas que se dispõem lateralmente. Presença de alguns sinais de combustão.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

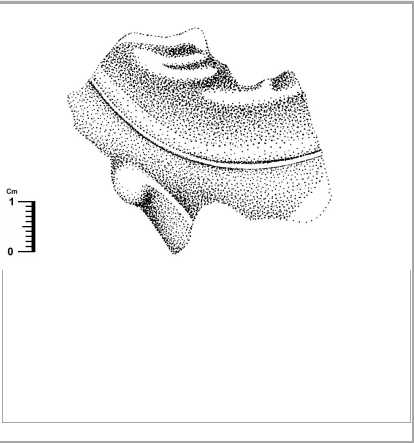
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Gondifelos, Vila Nova de Famalicão		
Lugar	Castro de Penices	Sítio/intervenção arq.	Rua Castro de Penices		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação			
Conservação	Muito mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado

Referências bibliográficas	Carvalho, 2008: II 55; Dinis, 1993:146
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.011, nº036

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0980
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla inclinada para o interior, separada do disco por duas molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Decoração do disco impercetível dado o estado de deterioração da peça. Do rostrum apenas se conserva a metade superior da voluta esquerda e vestígios da voluta direita" (Morais, 2005: I 324, Nº20; II 389, Nº20).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimio	BRA97 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q25-26-27
Camada	Sem dados	Complexo	2	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.3	Larg (cm)	4.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

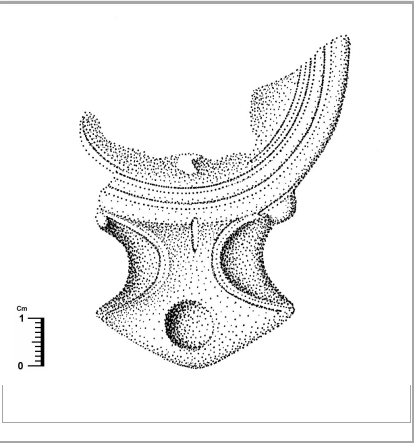
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 324, Nº20; II 389, Nº20
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.011, nº037

Instituição	MDDS	Nº inventário	2000-0618
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I B
Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Caracterize-se por possuir um amplo rostrum triangular. A distância entre os extremos superiores das volutas é igual à dos extremos inferiores. A transição para disco côncavo faz-se por duas molduras definidas por três finas caneluras concêntricas. Possui no rostrum uma pequena abertura vertical de arejamento" (Morais, 2005: I 323, Nº12; II 387, Nº12).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acróimo	BRA93 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	90
Camada	Sem dados	Complexo	8	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.5	Larg (cm)	5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

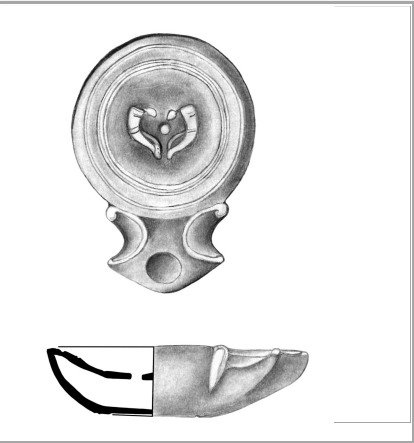
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº12; II 387, Nº12
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2009-0525
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I C
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Reinado de Nero até época Flávia
	Produção	Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.012, nº038	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IB. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e uma moldura. Disco côncavo, de grandes dimensões, decorado com duas cornucópias afrontadas em relevo, símbolo da fortuna e abundância. Entre estas figura o orifício de alimentação. Rostrum triangular, com o extremo levemente arredondado, que conserva o orifício de iluminação, com poucos vestígios de utilização. Fundo plano circunscrito por duas caneluras, formando uma larga moldura. Pasta fina de cor bege com presença de engobe de tom acastanhado.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	188
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	13 J
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	10.3	Larg (cm)	7.3
		Alt (cm)	2,8

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada no disco e no rostrum

Referências bibliográficas	Braga, 2010: ficha nº33; Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013: 314; 316; 318, 320, fig.7, nº19; Morais et al, 2014:1260, fig.3, nº1; Morillo Cerdán, 2015:354,fig.13
Paralelos	Genover e Fusté, 2006: 87, fig.37, E234

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	ALV.97 B3,A1,op.316;345
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I C
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Reinado de Nero até época Flávia
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.013, nº039	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IC. Orla estreita, separada do disco por três molduras. Disco amplo, ligeiramente côncavo, decorado com um golfinho à direita e orifício de alimentação ligeiramente descentrado, posicionado em função da figura. Rostrum triangular e de extremo arredondado, onde figuram duas volutas. "A pasta é muito depurada com apenas 5 a 10 % de elementos não-plásticos de pequeno calibre. Conserva um engobe de cor laranja-amarelado, aderente e de boa qualidade" (Moreira, 2009:727;735, Nº1; Estampa CXLV, Nº1).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

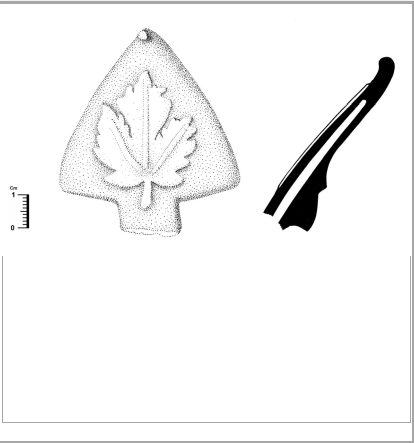
Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Trofa, Alvarelhos
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá
Acrónimo	Alv.97	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Artesanal e Área H
Corte estratigráfico	6	Sondagem	Sem dados
		UE	4

Dimensões			
Comp (cm)	9.9	Larg (cm)	7
		Alt (cm)	1,9

Estado de conservação	
Conservação	Bom
Observações	Parcialmente fragmentada

Referências bibliográficas	Moreira, 2007: 86; 2009:727;735, Nº1; Estampa CXLV, Nº1
Paralelos	Belchior, 1969:49, Est.X,Nº4; Rodríguez Martín, 2005:65,198, fig.8,Nº71, lam.III,Nº35

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1561
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke III
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.014, nº040	Descrição	"Grande asa plástica que adota uma forma triangular, ornamentada com uma folha de acanto em relevo" (Morais, 2005: I 323, Nº13; II 388, Nº13).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA77 H	Sepultura	Sem dados	Sondagem	14 E1
Camada	4	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6	Larg (cm)	5.4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

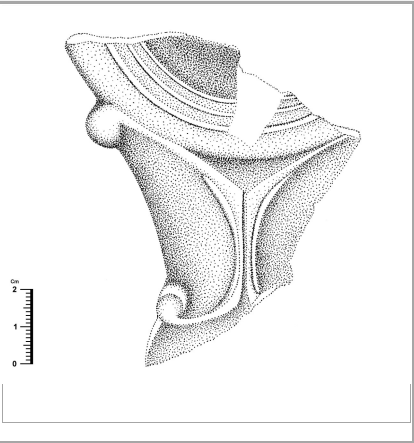
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº13; II 388, Nº13
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.014, nº041

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0993
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke III
Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla larga ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras concêntricas. Do disco apenas resta uma secção sem decoração figurada. Do rostrum conserva-se a totalidade da voluta esquerda e parte da voluta direita" (Morais, 2005: I 323, Nº16; II 388, Nº16).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 27-31		
Acrónimo	BRA00 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C8
Camada	Sem dados	Complexo	97	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9.5	Larg (cm)	8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

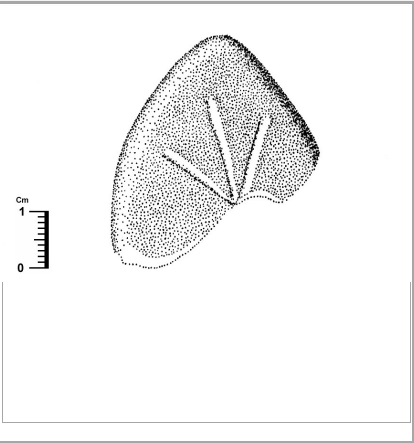
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº16; II 388, Nº16
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1581
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke III
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.015, nº042	Descrição	"Asa plástica que adota uma forma ogival" (Morais, 2005: I 323, Nº14; II 388, Nº14).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Avenida Imaculada Conceição (lotes A-B)		
Acrónimo	BRA78 VX	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

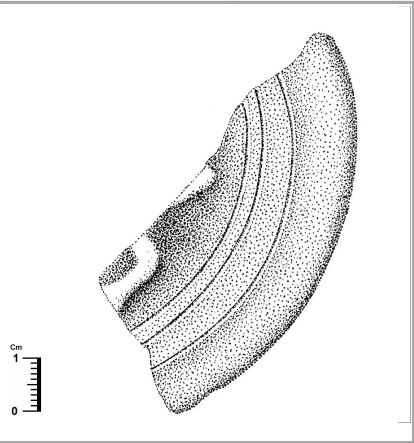
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº14; II 388, Nº14
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2260
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke III
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.015, nº043	Descrição	"Orla larga, ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras concêntricas. Disco com início de decoração" (Morais, 2005: I 323, Nº15; II 388, Nº15).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua Frei Caetano Brandão		
Acróimo	BRA98 FCB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	D1
Camada	Sem dados	Complexo	6	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.8	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

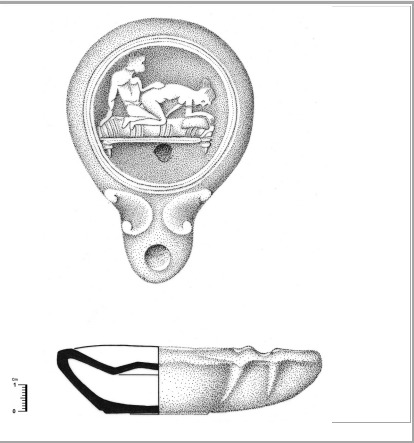
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 323, Nº15; II 388, Nº15
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1994-0732
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.016, nº044	Descrição	"Lucerna de volutas. Rostrum arredondado e ogival. Sem asa. Pequena orla de perfil estreito e horizontal separada do disco por três molduras, definidas por igual número de finas caneluras concêntricas. Disco côncavo, com orifício de alimentação alinhado pelo eixo do bico e sob a decoração. Disco decorado com um symplegma erótico no qual se representa uma dupla heterossexual sobre triclinum. Ambos estão ajoelhados à direita estando o homem por detrás, repousando sob o dorso da mulher a sua mão esquerda. No rostrum as volutas apenas sobressaem do corpo da lucerna. Fundo plano delimitado por uma canelura concêntrica"(Morais, 2005: I, 325, Nº35; II, 391, Nº35)".	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Avenida da Liberdade	Sítio/intervenção arq.	Necrópole da Via XVII		
Acrónimo	BRA94 AVL	Sepultura	1	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9	Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	2,4
-----------	---	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Muito bom	Observações	Completa
-------------	-----------	-------------	----------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I, 325, Nº35; II, 391, Nº35
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0002
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
		Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.017, nº045	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV, constituído por parte do disco, que se encontra decorado com uma cena de tipo erótico, na qual se representa uma dupla heterossexual sobre triclinum. Homem, à esquerda, recostado, com figura feminina, à direita, que apoia o braço direito sobre a perna do Homem. Este, pousa o braço esquerdo sobre a cabeça da mulher, que olha para baixo, enquanto executa um felácio.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Braga		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acróimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.9	Larg (cm)	5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Muito fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------------

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos

Paralelos	Ponsich, 1961:49, 91, pl.XV, 155; fig.12, Nº155; Rodríguez Martín, 2002:314, fig. XIV, Nº190
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu de História Natural da FCUP	Nº inventário	2014-5035
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.018, nº046	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV. Orla estreita, de perfil horizontal, separada do disco por duas molduras e uma fina canelura. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum arredondado com presença de duas salientes volutas laterais e orifício de iluminação com alguns sinais de utilização. Fundo plano, circunscrito por uma canelura e assente numa coroa circular. Pasta muito depurada de cor bege, com elementos não plásticos de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de engobe de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

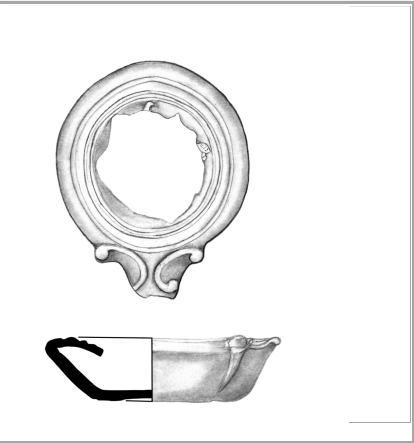
Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho
Acrónimo	M75	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Sem dados
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	9.8	Larg (cm)	6.9
		Alt (cm)	2,4

Estado de conservação	
Conservação	Mau
Observações	Fragmentada no disco, na orla e no fundo

Referências bibliográficas	Pinho, 1931: 14-15; Sousa, 1966:318-19, Nº4; Soeiro, 1984: 293, Fig. CXXXIX.4
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de volutas ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro - Itálica MatériaCerâmica	Nº inventário2010-0038 TipologiaLoeschcke IV CronologiaAugusto a inícios do século II (auge no 2º e Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde		
Estampa	Est.019, nº047	Descrição Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV, muito fragmentada. Orla de perfil estreito e horizontal, ligeiramente convexa, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo e amplo, muito fragmentado. Rostrum arredondado, ladeado por duas volutas bem salientes que arrancam da orla. Fundo plano circunscrito por uma canelura. Pasta fina de cor bege/acastanhada com vestígios de engobe da mesma cor.			
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	126	Sondagem	17
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3916
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	9.1	Larg (cm)	7.3	Alt (cm)	2,5
Estado de conservação					
Conservação	Mau		Observações	Fragmentada no disco e no rostrum	
Referências bibliográficas	Braga, 2010: ficha nº29; Fontes et al., 2010: 43				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2008-0698
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.020, nº048	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura e uma canelura. O disco, côncavo e amplo, apresenta uma grande lacuna, impossibilitando a leitura da iconografia. O bico, arredondado, ostenta duas salientes volutas que arrancam da orla e orifício de iluminação central com sinais de pouca utilização. Fundo plano circunscrito por uma canelura. Pasta fina de cor alaranjada com engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

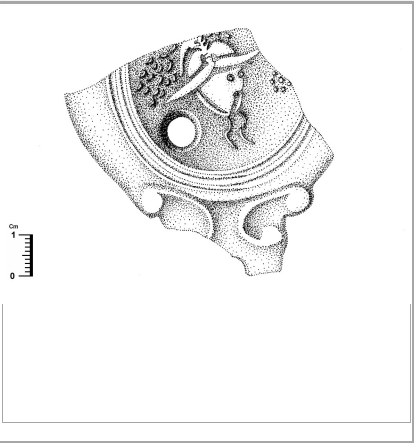
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S. José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 I
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	467
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	9.9	Larg (cm)	7	Alt (cm)	2,4

Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada no disco; engobe parcialmente destacado

Referências bibliográficas	Braga, 2010:23, 77
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0470
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.021, nº049	Descrição	"Orla larga separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Disco com orifício de alimentação à esquerda da decoração representada por um capacete de gladiador Trácio ou Mirmidão. À direita desta representação um pequeno motivo circular constituído por pequenas pérolas que incluem no seu interior outra pequena pérola. Do rostrum conserva-se apenas a voluta direita, a parte superior da voluta esquerda e parte do orifício de iluminação" (Morais, 2005: I 325, Nº27; II 390, Nº27).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 27-31		
Acrónimo	BRA00 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	E8
Camada	Sem dados	Complexo	21	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.7	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

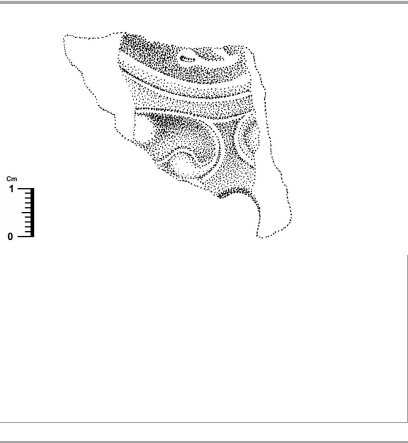
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº27; II 390, Nº27
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.021, nº050

"Fragmento de lucerna de volutas. Orla lisa e horizontal separada do disco por uma moldura definida por duas finas caneluras concêntricas. Do disco côncavo apenas resta uma secção com vestígios de uma decoração figurada. Do rostrum conserva-se a voluta esquerda e parte da voluta direita e do orifício de iluminação" (Morais, 2005: I 325, Nº30; II 390, Nº30).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Colina da Cividade

Terminas

BRA95 T

Sem dados

18b-b1a

Sem dados

15

Sem dados

Sem dados

Dimensões

3

4

Indeterminada

Estado de conservação

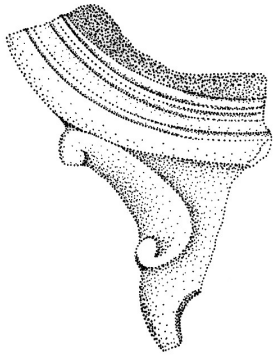
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 325, Nº30; II 390, Nº30

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0955
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.021, nº051	Descrição	"Rostrum com bico arredondado e ogival. Pequena orla de perfil estreito, inclinada para o interior, separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Do rostrum apenas se apenas se conserva a voluta esquerda, uma pequena abertura vertical de arejamento e parte do orifício de iluminação" (Morais, 2005: I 325, Nº29; II 390, Nº29).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 27-31		
Acrónimo	BRA00 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C8
Camada	Sem dados	Complexo	97	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)	3.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

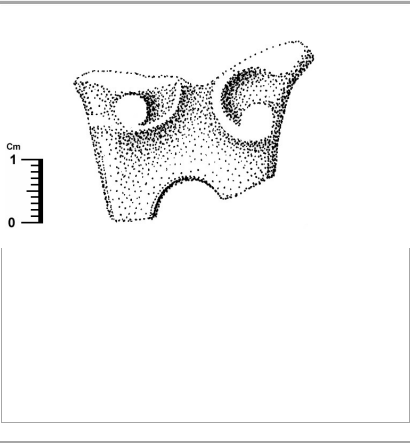
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº29; II 390, Nº29
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.021, nº052

MDDS

2001-0977

Lucerna

Lucerna de volutas

Loeschcke IV

Alto-Imperial

Augusto a inícios do século II (auge no 2º e

Centro - Itálica

Indeterminado

Cerâmica

Molde

"Do rostrum conserva-se parte das duas volutas e do orifício de iluminação" (Moraes, 2005: I 325, Nº33; II 390, Nº33).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Cerca do Seminário de Santiago

Rua Dom Afonso Henriques

BRA96 SST

Sem dados

114

Sem dados

12

Sem dados

Sem dados

Dimensões

2.1

3

Indeterminada

Estado de conservação

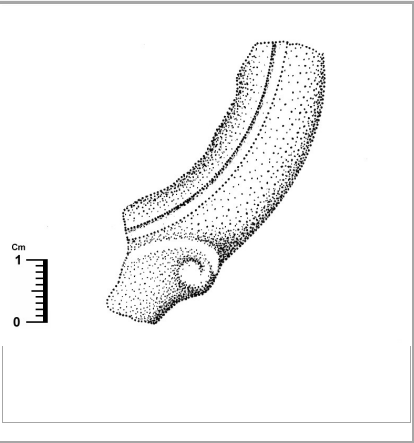
Bom

Fragmentada

Morais, 2005: I 325, Nº33; II 390, Nº33

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0979
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.021, nº053	Descrição	"Orla lisa, inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Do disco côncavo apenas resta uma secção sem decoração figurada. Apenas se conserva parte da voluta direita" (Morais, 2005: I 325, Nº32; II 390, Nº32).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA93 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	95
Camada	Sem dados	Complexo	39	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

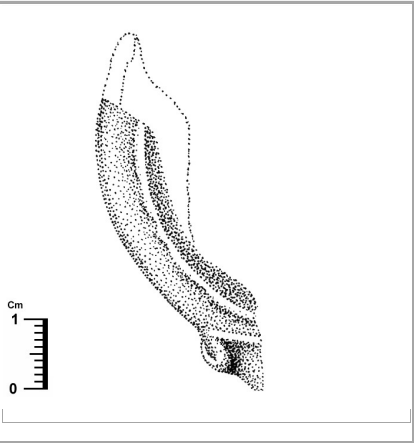
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº32; II 390, Nº32
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.021, nº054

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0978
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla lisa e horizontal separada do disco por uma moldura. Conserva-se o início da voluta esquerda do arranque do rostrum e parte do perfil do depósito, baixo e curto" (Morais, 2005: I 325, Nº31; II 390, Nº31),		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34

Acrónimo	BRA94 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	506
Camada	Sem dados	Complexo	36	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

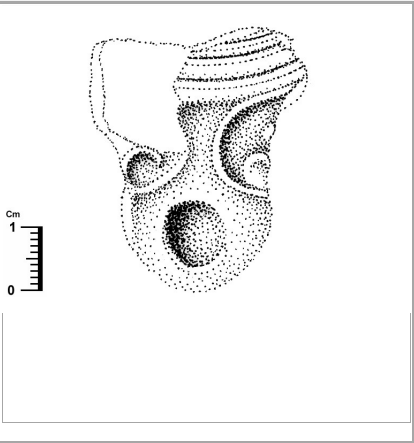
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº31; II 390, Nº31
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 EstampaEst.022, nº055	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0987
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
	Descrição	"Rostrum arredondado e ogival. Conserva parte da voluta esquerda e a quase totalidade da voluta direita. Pequena orla estreita e horizontal, separada do disco por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas" (Morais, 2005: I 325, Nº28; II 390, Nº28).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónim	BRA92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	46
Camada	Sem dados	Complexo	20	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

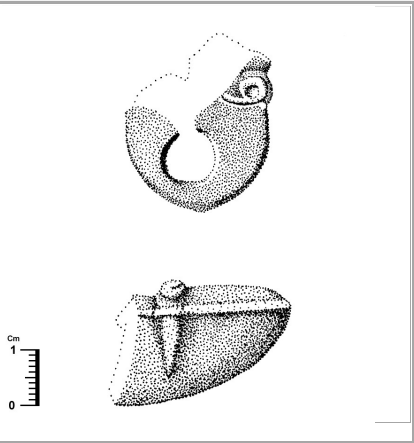
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº28; II 390, Nº28
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1603
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.022, nº056	Descrição	"Rostrum com bico arredondado e ogival. Conserva-se parte da voluta direita e a quase totalidade do orifício de iluminação" (Morais, 2005: I 325, Nº34; II 390, Nº34).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Praia das Sapatas	Sítio/intervenção arq.	Rua Damião de Góis, 55-85		
Acrónimo	BRA77 AX	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	2
-----------	---	-----------	-----	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 325, Nº34; II 390, Nº34
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1024
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.022, nº057	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV, constituído por parte da orla, do disco, do rostrum e do infundibulum. Orla larga e ampla, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas finas caneluras e uma grossa moldura. Rostrum que conserva a voluta esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 93 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	98/58
Camada	Sem dados	Complexo	51	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.9	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

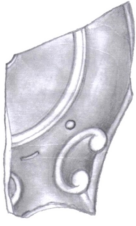
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1044
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.022, nº058	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV, constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla larga e ampla, ligeiramente inclinada pra o exterior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo que conserva parte do orifício de alimentação central. Rostrum muito fragmentado, que conserva a voluta direita e parte da voluta esquerda. Entre estas, dispõe-se o orifício de arejamento de formato retangular.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua Santo António das Travessas		
Acrónimo	BRA 01 SAT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	D1, D2, F2
Camada	Sem dados	Complexo	82	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.6	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13132
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Estampa	Est.023, nº059	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV, constituída por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum arredondado com presença da voluta direita. Pasta de cor bege, coberta por engobe acastanhado.
---------	----------------	-----------	--

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.8	Larg (cm)	3	Alt (cm)	1,4
-----------	-----	-----------	---	----------	-----

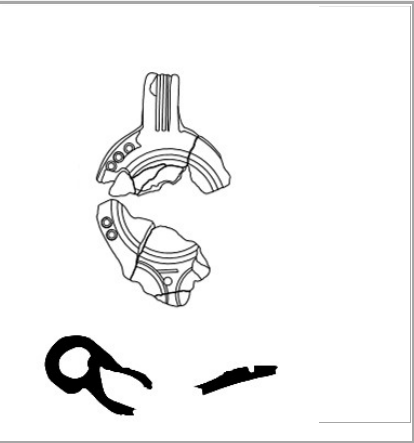
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Almeida, 1977: 16, Est.IV, nº8; Soeiro, 1984:203, fig.XCIV.20
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Vila Nova	Nº inventário	LVL/04-M A8
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século II (auge no 2º e
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.023, nº060	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke IV. Orla estreita e inclinada para o interior, decorada a toda a volta com uma fiada de círculos, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, com presença de parte do orifício de alimentação centrado. Rostrum parcialmente conservado com presença do arranque das volutas e orifício de arejamento. Presença de asa elevada e perfurada, circunscrita por três caneluras dispostas longitudinalmente, formando duas molduras. Pasta fina, depurada, de cor alaranjada, com vestígios de engobe de cor vermelho-acastanhado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Viana do Castelo	Freg + Município	Lovelhe, Vila Nova de Cerveira		
Lugar	Forte de São Francisco de Lovelhe	Sítio/intervenção arq.	Rua do Forte		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	siló 7
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	06a
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Almeida CAB e Ramalho, 2015:157, Fig.146.1
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13119
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
		Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.023, nº061	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke V, constituído por parte do infundibulum, da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum arredondado, que conserva a voluta esquerda. Pasta fina de cor bege.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M75	Sepultura	Sem dados	Sondagem	V
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	4	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado		
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.024, nº062	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke V. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura e uma canelura concêntricas. Disco côncavo, decorado com uma vitória alada à esquerda, que segura na mão direita uma coroa e no braço esquerdo suporta o manto. Na mão, exhibe uma palma. Da orla arrancam duas volutas simples, que se prolongam até meio do rostrum. Este é arredondado e apresenta orifício de iluminação central com evidentes sinais de utilização. Fundo plano, assente numa coroa circular pouco evidente. "Pasta fina de cor esbranquiçada / bege (4A2), com vestígios de engobe de coloração alaranjada (8C8) (Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 201 (nº3.1), 225, fig.18 (nº3.1).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.5	Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	2
-----------	-----	-----------	-----	----------	---

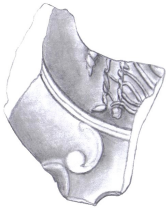
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Fragmentada na orla e no disco; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	--

Referências bibliográficas	Castro, 1960:281; 285-86, Est. I (corte 3) e Est. II (3); Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 201 (nº3.1), 225, fig.18 (nº3.1)
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1096
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.025, nº063	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke V. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com uma Vitória alada de perfil para a esquerda, conservando-se apenas os membros inferiores. Do rostrum, conserva-se a voluta esquerda e parte do orifício de iluminação.	

Marcas, inscrições e grafitos			
Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro

Acrónim	BRA 05 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PIN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	500
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	5	Larg (cm)	3.8	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação				
Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; engobe destacado	

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0130
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.025, nº064	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Loeschcke V, constituído por parte da orla, do disco, do rostrum e do infundibulum. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, ornamentado com uma roseta de gomos côncavos e proporcionais dispostos a partir do centro. Duas molduras e uma canelura concêntricas circundam o orifício de alimentação central. Do rostrum apenas se conserva parte da voluta direita.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

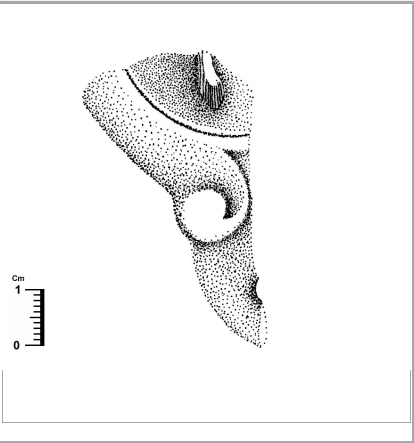
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
		UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	5.4	Larg (cm)	3.2
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2251
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.025, nº065	Descrição	"Orla larga inclinada para a exterior separada do disco por uma fina canelura. Disco côncavo com vestígios de decoração"(Morais, 2005: I 328, Nº59; II 397, Nº59).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº59; II 397, Nº59
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2010-0045
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke V
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do reinado de Cláudio a inícios do
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.026, nº066	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Loeschcke V. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Do rostrum, igualmente fragmentado, conserva-se parte da voluta direita.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S. José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónim	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 H
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2948
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7.5	Larg (cm)	5.7	Alt (cm)	2,8
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

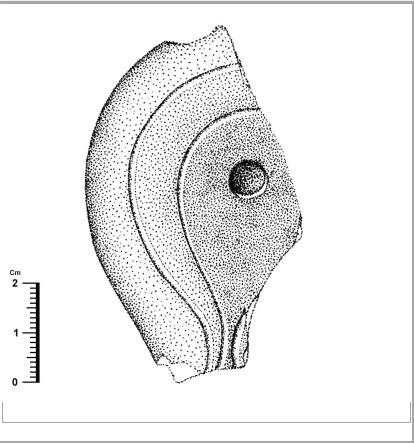
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fraturada no disco, orla e rostrum
-------------	----------	-------------	------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1641
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Denaue VF
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2º quartel do século I?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.027, nº067	Descrição	"Fragmento de lucerna de volutas degeneradas. As volutas desaparecem; a canelura que separa a orla do disco não é circular prolongando-se em forma de canal junto ao rostrum" (Morais, 2005: I 329-30, Nº68; II 400, Nº68).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.8	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

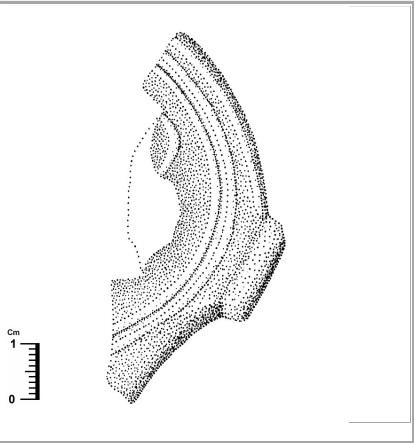
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 329-30, Nº68; II 400, Nº68
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2003-1080
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Denaue IVD/VE
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a antes de meados do século I
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.027, nº068	Descrição	"Corpo circular. Orla larga. A transição para o disco faz-se por duas molduras que definem duas caneluras concêntricas. Disco côncavo com vestígios de decoração. Aleta lateral direita de forma aproximadamente retangular" (Morais, 2005: I 329-30, Nº69; II 400, Nº69).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acróimo	BRA95 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	504
Camada	Sem dados	Complexo	14	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.5	Larg (cm)	2.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

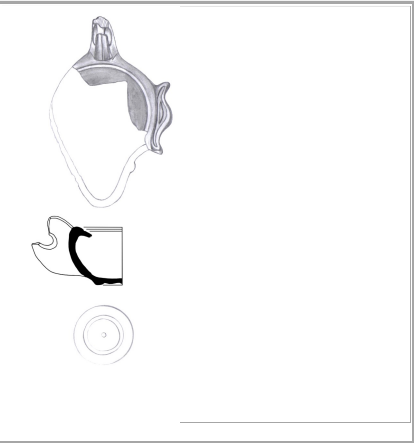
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 329-30, Nº69; II 400, Nº69
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2010-0044
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Deneauve VG
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I/inícios do século
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.028, nº069	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Deneauve V G. Asa elevada e perfurada, fragmentada no extremo superior. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura e uma canelura concêntricas. Presença da aleta lateral direita, cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada. Disco côncavo, muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 F
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2978
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9	Larg (cm)	5,8	Alt (cm)	2,8
-----------	---	-----------	-----	----------	-----

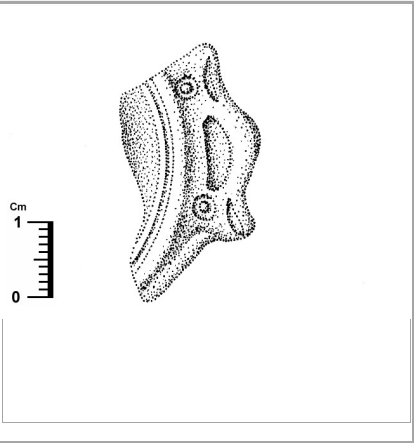
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fraturada no asa, orla, disco e rostrum
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1242
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Deneauve VG
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I/inícios do século
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.029, nº070	Descrição	"Orla curta, inclinada para o exterior. A transição para o disco faz-se por duas molduras que definem duas caneluras concêntricas. Aleta lateral cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada" (Morais, 2005: I 329-30, Nº70; II 400, Nº70; Torres et al., 2014:349-360, tab.1 e 2; fig.6, Nº6.12).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	183
Camada	Sem dados	Complexo	27	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	1.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 329-30, Nº70; II 400, Nº70; Torres et al., 2014:349-360, tab.1 e 2; fig.6, Nº6.12
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13124
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Deneauve VG
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I/inícios do século
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Estampa

Est.029, nº071

Descrição

Lucerna de volutas do tipo Deneauve V G, constituída por parte da orla e da aleta direita. Orla larga, inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras que definem igual número de caneluras concêntricas. Parte da aleta lateral, cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M76	Sepultura	Sem dados	Sondagem	XII
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Bastante fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	--

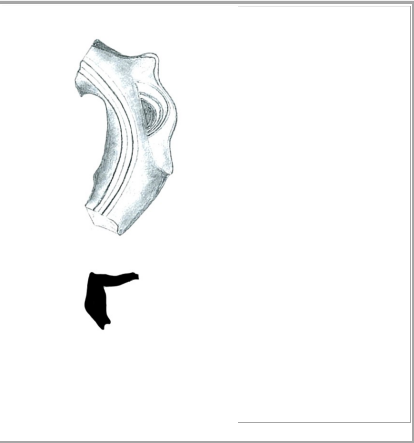
Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete da Estação Arqueológica do F	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Deneauve VG
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I/inícios do século
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.029, nº072	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas do tipo Deneauve V G, constituído por parte da orla, do disco e da aleta lateral direita. Orla larga, inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Presença da aleta lateral direita, cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada, decorada com pequenas imprecisões circulares.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Freixo, Marco de Canaveses		
Lugar	Freixo	Sítio/intervenção arq.	Estação Arqueológica do Freixo (Tongobriga)		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Ve, Ve - 28, 28
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

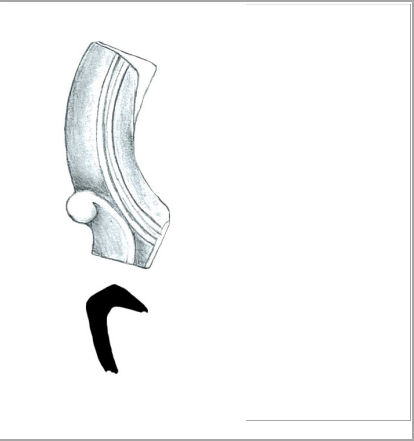
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.030, nº073

Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-8]
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituído por parte do infundibulum, da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e uma canelura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Do rostrum, apenas se conserva a parte superior da voluta esquerda. Pasta depurada de cor bege, com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície com engobe de tonalidade acastanhado-avermelhada.
-----------	---

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13126
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Estampa

Est.030, nº074

Descrição

Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituindo-se por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo muito fragmentado. Presença da parte superior da voluta esquerda.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Porto

Freg + Município

Oldrões, Penafiel

Lugar

Oldrões

Sítio/intervenção arq.

Castro de Monte Mozinho

Acrónimo

M97

Sepultura

Sem dados

Sondagem

III

Camada

Sem dados

Complexo

Sem dados

UE

4

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

3.2

Larg (cm)

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Muito mau

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

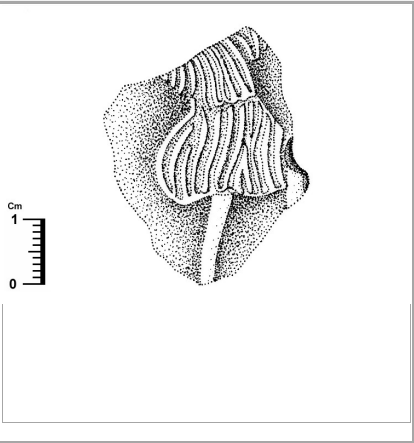
Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13101
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
		Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.030, nº075	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituído por parte da orla e do infundibulum. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Presença da parte superior da voluta direita.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónim	M83	Sepultura	Sem dados	Sondagem	XXIX
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	6	Larg (cm)	2.7	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1238
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.031, nº076	Descrição	"Fragmento de lucerna de volutas . Diana vestida com chitón curto ou apoxygma, caminhando para a direita. Braço esquerdo fletido e mão à altura da cabeça em atitude de tirar uma flecha da aljava, enquanto que com o direito, erguido à altura do ombro, segura o arco. A corda do arco passa por detrás do braço. Neste exemplar apenas se vê as vestes da deusa e parte dos membros inferiores" (Morais, 2005: I 326, Nº36; II 392, Nº36).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	46
Camada	Sem dados	Complexo	16	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

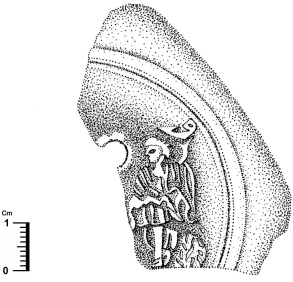
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326, Nº36; II 392, Nº36
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.031, nº077

"Fragmento de disco côncavo e orla estreita, duplamente moldurada. Cena com representação de duas estatuetas de Lares Compitales (protectores dos caminhos e das propriedades rurais) afrontadas sobre dois pedestais, frequentemente representadas com um altar central entre ambas. Estas envergando uma túnica curta presa à cintura com um cordão recuam uma das suas pernas e levantam o braço, erguendo um rhytos numa atitude dançante e de libação ritual. Na outra mão transportam uma pequena sítula que recebe o líquido vazado a partir de um rhytos, assinalado por uma linha incisa. Dado o estado de fragmentação deste exemplar apenas se conserva a estatueta do deus do lado direito" (Morais, 2005: I 326, N°37; II 392, N°37).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Colina da Cividade

Termas

BRA95 T

Sem dados

179

Sem dados

5

Sem dados

Sem dados

Dimensões

5.2

3.3

Indeterminada

Estado de conservação

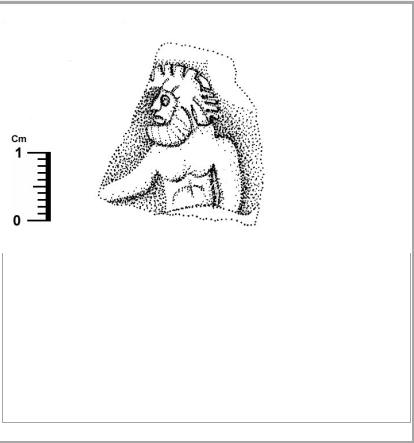
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 326, Nº37; II 392, Nº37

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1245
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.031, nº078	Descrição	"Representação de Hércules barbado, à esquerda, sentado numa rocha coberta com a sua pele de leão. Segura a clava, pendente na sua mão esquerda, e estende a sua mão direita, a qual segura uma taça de duas asas, de tipo scyphus, com corpo estriado. No fragmento apenas está representada a metade superior da figura" (Morais, 2005: I 326, Nº38; II 392, Nº38).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA96 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	F1
Camada	Sem dados	Complexo	828	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	2.4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

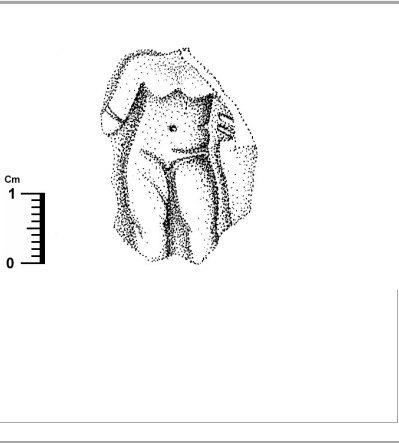
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326, Nº38; II 392, Nº38
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2355
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.031, nº079	Descrição	"Da ornamentação do disco apenas se vê o tronco e membros inferiores de uma figura masculina nua, provavelmente representado um génio com asas com um tridente em cuja extremidade repousava um golfinho" (Morais, 2005: I 326; MORAIS et all; 2012:501,tab.1; 503; 505, nº36).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA02 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	25	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

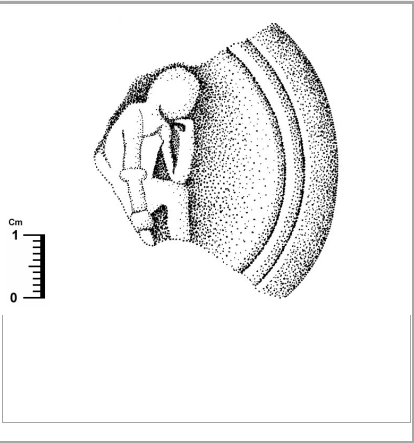
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326; MORAIS et all; 2012:501,tab.1; 503; 505, nº36
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2003-0479
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.031, nº080	Descrição	"Da ornamentação do disco vê-se um pugilista derrotado, virado à direita, ajoelhado e com a cabeça apoiada no punho do seu braço esquerdo" (Morais, 2005: I 326, nº40; II 392, Nº40).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA96 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C2
Camada	Sem dados	Complexo	266	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

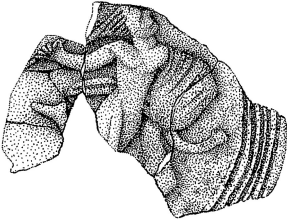
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326, nº40; II 392, Nº40
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Não se conhece o local de depósito	Nº inventário	LVL88AX9a
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I A
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a inícios do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.031, nº081	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas que conserva parte da orla e do disco. Orla estreita, separada do disco por três molduras e igual número de caneluras. Disco côncavo, decorado com uma figura masculina em movimento, podendo trata-se de Tritão a segurar uma concha. Pasta de cor bege/acastanhada, constituída por "desengordurantes à base de grãos de quartzo muito finos. Superfícies alisadas e cobertas com uma aguada de teor alaranjado" (Almeida CAB, 2000: 143 - grupo 5B, estampa XXI, Nº1).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Viana do Castelo	Freg + Município	Lovelhe, Vila Nova de Cerveira
Lugar	Forte de São Francisco de Lovelhe	Sítio/intervenção arq.	Rua do Forte
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
		UE	09a
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	4	Larg (cm)	5.7
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Almeida CAB, 2000: 143 - grupo 5B, estampa XXI, Nº1
Paralelos	Morillo Cerdán, 1999: I 186, Nº35(fig.138); II Nº35 (fig.138)

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2010-0041
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.032, nº082	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três molduras e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo, bastante fragmentado, que conserva o rosto de Eros que olha em frente.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S. Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	144	Sondagem	12
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2670
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7	Larg (cm)	8	Alt (cm)	2,4
-----------	---	-----------	---	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Empresa Arqueologia e Património	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.032, nº083	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco largo e côncavo, ornamentado com uma vitória alada, à direita, segurando com a mão direita um escudo no qual parece figurar uma inscrição. Pasta fina, muito depurada, de cor bege, com elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície coberta de engobe de boa aderência e de cor esverdeada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Sé, Porto		
Lugar	Centro Histórico do Porto	Sítio/intervenção arq.	Morro da Sé		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	[2110]
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.5	Larg (cm)	5.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

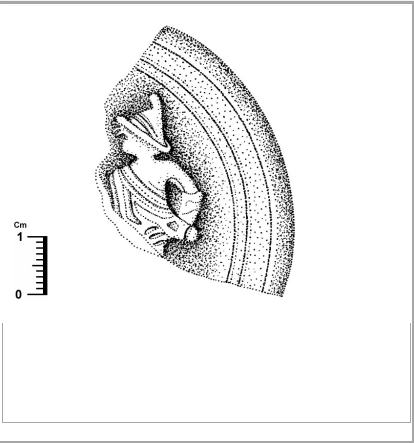
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Marçal et al., 2011: 96, Fig.192
----------------------------	----------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.033, nº084

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1236
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	"Fragmento de disco cavado e orla duplamente moldurada. A cena completa estaria representada por dois gladiadores avançando para a esquerda: um lutando, o outro recuando. O primeiro, de perfil à direita, segurava um escudo rectangular erguido com a mão direita e uma pequena espada na sua mão esquerda. Exibia um elmo Trácio, roupagem a encobrir o ombro esquerdo, grevas e protecção no braço direito. O vencido, à esquerda, sustentava-se de pé com dificuldade; a sua espada pendia da mão direita e o seu escudo rectangular jazia no chão à sua frente. Exibia um elmo encimado com penacho, roupa pela cintura, botas e protecção. A figura do lado esquerdo seria provavelmente um Mirmillo, a outra um Trácio. Desta decoração apenas se conserva a metade superior da figura do lado direito" (Morais, 2005: I 326, Nº41; II 393, Nº41).
-----------	---

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA96 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C3
Camada	Sem dados	Complexo	801	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

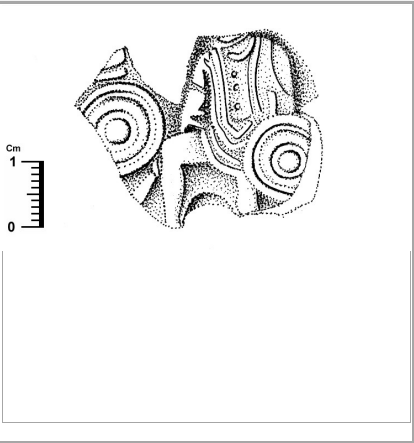
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326, Nº41; II 393, Nº41
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2354
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.033, nº085	Descrição	"Disco ornamentado com a representação de dois gladiadores. Dado o estado de fragmentação apenas se vê o gladiador com túnica do lado direito. Este com a perna direita flectida em posição de ataque, segura com a mão esquerda um escudo redondo e com a mão direita uma espada comprida. O outro gladiador, do qual apenas se vê um escudo redondo igual ao anterior, estaria provavelmente de joelhos numa posição de derrotado. A denominação destes gladiadores é desconhecida" (Morais, 2005: I 326, Nº42; II 393, Nº42).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acróimo	BRA02 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	25	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

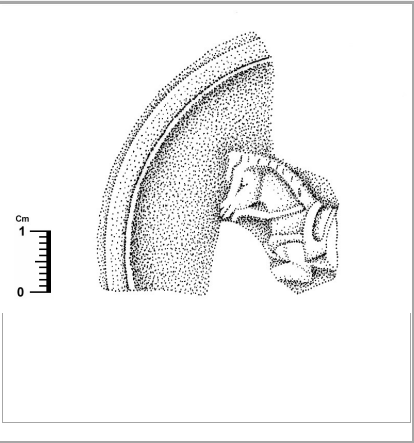
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 326, Nº42; II 393, Nº42; Morales et al., 2012:501,tab.1; 503; 505, nº35
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	MRF.99.VI s1[18] Cx. 27	
	Classificação	Lucerna			
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada	
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	3º quartel do século I d.C.	
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado	
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.033, nº086	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla e do disco. Orla praticamente fragmentada, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, com orifício de alimentação e decoração. A cena completa estaria representada por dois gladiadores avançando para a esquerda: um lutando, o outro recuando. O primeiro, de perfil à direita, segura um escudo rectangular erguido com a mão direita e uma pequena espada na sua mão esquerda. Exibia um elmo Trácio, roupagem a encobrir o ombro esquerdo, grevas e protecção no braço direito. O vencido, à esquerda, sustentava-se de pé com dificuldade; a sua espada pendia da mão direita e o seu escudo rectangular jazia no chão à sua frente. Exibia um elmo encimado com penacho, roupa pela cintura, botas e protecção. A figura do lado esquerdo seria provavelmente um Mirmillo, a outra um Trácio. Desta decoração apenas se conserva a metade inferior da figura do lado direito.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Cerca Medieval	Sítio/intervenção arq.	Rua do Poço (Cerca Medieval)		
Acróimo	MRF 99	Sepultura	Sem dados	Sondagem	VI
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	18
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	3	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Bom	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado		
Referências bibliográficas	Carneiro, 2005: 45; 160; 182 - prancha IV, Nº33				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1575
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.034, nº087	Descrição	"Fragmento de disco e orla moldurada. Apesar da fragmentação não facilitar a correta identificação do motivo decorativo, algumas características específicas da representação do cavalo, como a posição das patas dianteiras, leva a pensar estarmos na presença de uma decoração onde estava representada a figura de um jinete armado com espada e escudo gálico, galopando à esquerda" (Morais, 2005: I 327, Nº44; II 393, Nº44).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cividade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acrónimio	BRA82 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q1
Camada	Sem dados	Complexo	40	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

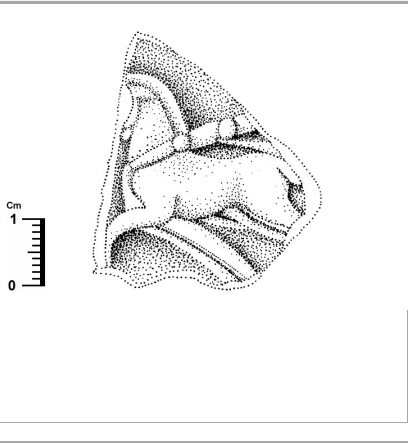
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº44; II 393, Nº44
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.034, nº088

MDDS

1991-1568

Lucerna

Lucerna de volutas

Indeterminada

Alto-Imperial

c. 40/80 d.C.

Centro - Itálica

Indeterminado

Cerâmica

Molde

"Fragmento de disco com a representação de um auriga fustigando uma biga para a esquerda. Apenas se conserva a imagem de um dos cavalos atrelados" (Moraes, 2005: I 327, N^o43; II 393, N^o43).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Colina da Cividade

Sem dados

BRA77 H

Sem dados

6A

0

Compartimento	Compartimento	Compartimento	Compartimento
Sem dados			

Sem dados

Sem dados

Dimensões

3.5

3.2

Indeterminada

Estado de conservação

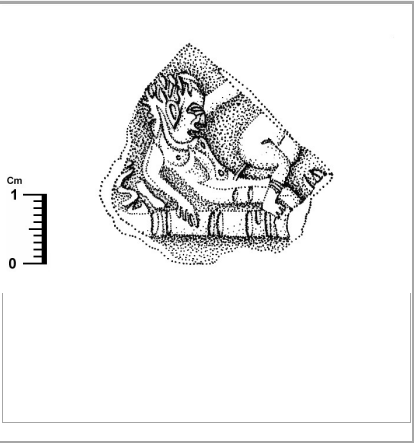
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 327, Nº43; II 393, Nº43

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1237
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.034, nº089	Descrição	"Symplegma erótico. Cena de tipo erótico na qual se representa uma dupla de anões, provavelmente cómicos, sobre triclinum. O homem inclinado de costas para a direita e de cabeça para baixo apoia-se no cotovelo direito e levanta o braço esquerdo na direção da mulher. Esta senta-se sobre ele, também para a direita, embora voltando a cabeça para a esquerda. Os seus braços estão levantados e possui em cada mão uns crótalos. A dupla está completamente nua, com exceção de uma banda de tecido que oculta os peitos da mulher. Neste exemplar está representada a quase totalidade da decoração, excerto a parte superior da mulher" (Morais, 2005: I 327, Nº47; II 393, Nº47).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

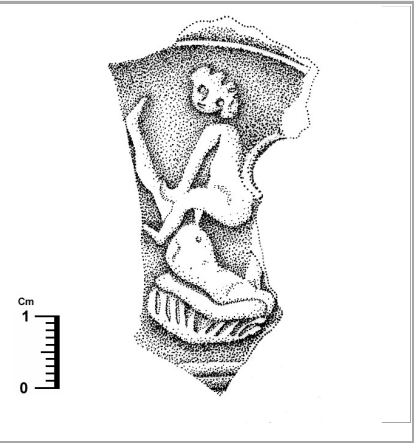
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro
Acrónimo	BRA85 CARV	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	2152
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Sem dados
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	3	Larg (cm)	3.2
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº47; II 393, Nº47
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-2345
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.034, nº090	Descrição	"Symplegma erótico. Cena de tipo erótico na qual se representa uma dupla heterossexual nua sobre triclinum. Homem, à esquerda, recostado, com figura feminina, também à esquerda, de tronco inclinado e apoiando os braços sobre os joelhos do homem. O homem repousa o braço esquerdo sobre o dorso da mulher e esta olha na sua direção" (Morais, 2005: I 327, Nº46; II 393, Nº46).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimio	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.7	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº46; II 393, Nº46
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.034, nº091

"Paralelo temático para um possível crocodilo em Bailey (1980: 77, Fig. 83, nº Q 976). Segundo Bailey (1980: 77), as cenas nilóticas ocorrem em lucernas tardias provinciais da forma Loeschcke I" (Morais, 2005: I 327, Nº48; II 393, Nº48).

2001-1228

Tipologia

Indeterminada

Cronologia

c. 40/80 d.C.?

Centro Produtor

Indeterminado

Técnica fabrico

Molde

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
-----------------------------	---------------

Oleiro	Não apresenta
--------	---------------

Símbolos anepígrafos	Não apresenta
----------------------	---------------

Letras isoladas	Não apresenta
-----------------	---------------

Grafitos	Não apresenta
----------	---------------

Distrito Braga

Braga

Freg + Município

Sé, Braga

Lugar	Carvalheiras
-------	--------------

Sítio/intervenção arq.

Rua do Matadouro

Acrónimo	BRA86 CARV
----------	------------

Sepultura	Sem dados
-----------	-----------

Sondagem

Sem dados

Camada	Sem dados
--------	-----------

Complexo	3113
----------	------

UE

Sem dados

Corte estratigráfico	Sem dados
----------------------	-----------

Comp (cm) 2.9

2.9

Larg (cm)

2

Alt (cm)

Indeterminada

Conservação	Razoável
-------------	----------

Razoável

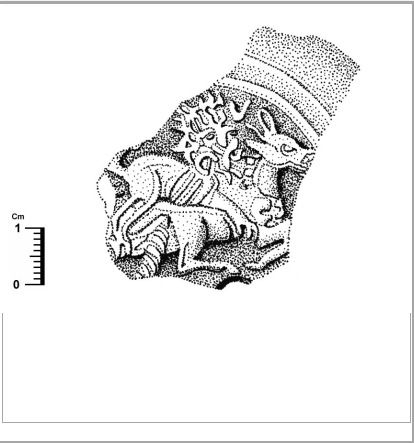
Observações

Fragmentada

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº48; II 393, Nº48
----------------------------	---

Paralelos Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Pio XII	Nº inventário	1991-1654
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.035, nº092	Descrição	"Fragmento de orla e disco de lucerna de volutas. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e uma canelura. No disco a representação de um leão a atacar um cervo. A presa está sentada à direita tendo a pata traseira esticada para trás; o leão ataca por trás" (Morais, 2005: I, 327, Nº49; II, 394, Nº49).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I, 327, Nº49; II, 394, Nº49
----------------------------	---

Paralelos	Bonnet, 1984:70, fig.17,nº10
-----------	------------------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0165
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C./meados do século II
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.035, nº093	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas, possivelmente atribuível ao tipo Loeschcke IV, constituído por parte do disco decorado com uma águia real, de perfil, voltada para a direita. Parte do orifício de alimentação conservado, à esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	12
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2647
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

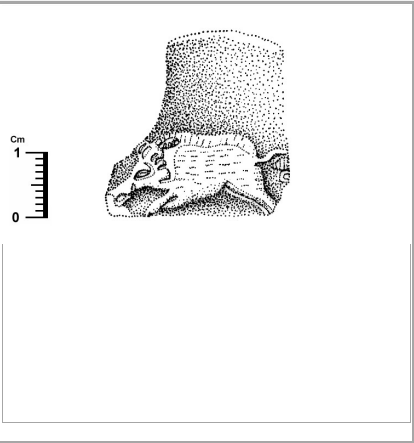
Referências bibliográficas

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos

Paralelos	Deneauve, 1969: vol.I: p.176, Nº778; vol.II: pl.LXXIII, Nº778; Morillo Cerdán, 1999: I, Rodríguez Martín, 2002: 132, 317, 372, fig. XVII, Nº249, lám. XLII, Nº 227; Rodríguez Martín, 2005:63,193, fig.7,Nº67-69, lam.III,Nº32.33
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1233
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.035, nº094	Descrição	"Javali atacado por um cão. Apenas se conserva o javali de pelo encrespado e minuciosamente trabalhado, correndo à esquerda" (Morais, 2005: I 327, Nº50; II 395, Nº50).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA84 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	1136	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.8	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

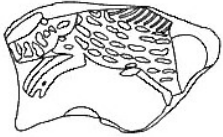
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº50; II 395, Nº50
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	MRF.99.VI s1[18] Cx. 27
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	3º quartel do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.035, nº095	Descrição	Fragmento de disco de lucerna de volutas de dimensões muito reduzidas. Conserva-se, quase na totalidade, um javali de pelo encrespado e minuciosamente trabalhado, correndo à esquerda. Presença de parte do orifício de alimentação. Pasta fina, depurada, de cor bege, com vestígios de engobe de coloração alaranjada-acastanhada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Cerca Medieval	Sítio/intervenção arq.	Rua do Poço (Cerca Medieval)		
Acrónimo	MRF 100	Sepultura	Sem dados	Sondagem	VI
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	18
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.2	Larg (cm)	2.1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Carneiro, 2005: 45; 160; 181 - prancha IV, Nº34
----------------------------	---

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: 49, fig.13, lám.I, 3; Morais, 2005: I 327, Nº50; II 395, Nº50
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 Estampa Est.035, nº096	Instituição MDDS	Nº inventário 2003-0481
	Classificação Lucerna	
	Série Lucerna de volutas?	Tipologia Indeterminada
	Império Alto-Imperial	Cronologia c. 40/80 d.C.?
	Produção Centro - Itálica	Centro Produtor Indeterminado
	Matéria Cerâmica	Técnica fabrico Molde
Descrição	"Da ornamentação do disco apenas se vê a representação muito estilizada de um animal. Tratar-se-á de um cão de caça ou de um urso?" (Morais, 2005: I 328, Nº51; II 394, Nº51).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA92 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C2
Camada	Sem dados	Complexo	228	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

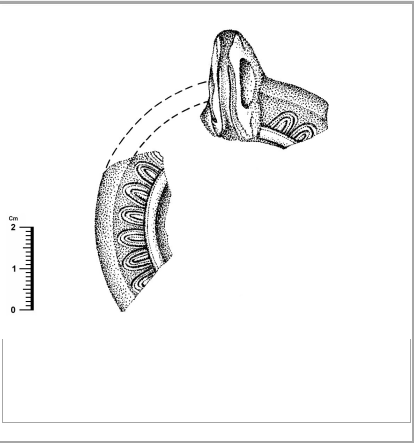
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº51; II 394, Nº51
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.036, nº097

Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-2359
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Fragmento do reservatório e da orla, conservando a asa. Orla média, decorada com linguetas e asa perfurada sobrelevada"(Morais, 2005: I 328, Nº56; II 395, Nº56).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA77 K	Sepultura	Sem dados	Sondagem	2B
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6	Larg (cm)	5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

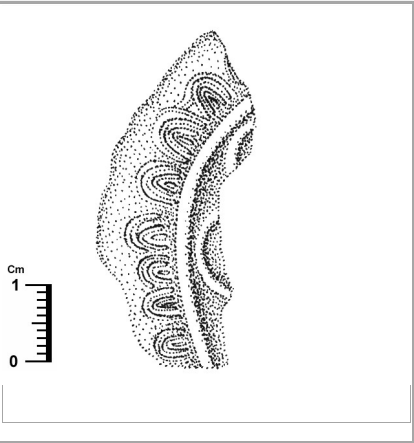
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº56; II 395, Nº56
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-0961
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.036, nº098	Descrição	"Orla larga, ligeiramente encurvada para o exterior, decorada com uma fi ada de óvalos, separados do disco por uma grossa moldura. Do disco, côncavo, apenas resta a decoração com duas pétalas de uma rosácea" (Morais, 2005: I 328, Nº55; II 395, Nº55).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acrónimo	BRA94 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	305
Camada	Sem dados	Complexo	17	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

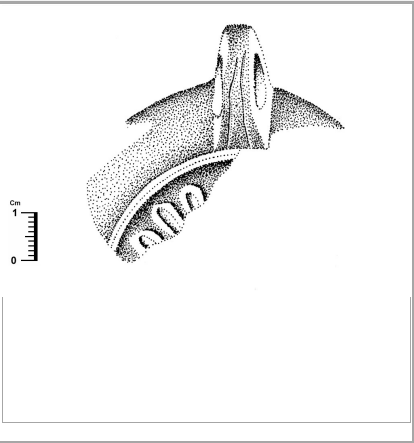
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº55; II 395, Nº55
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.036, nº099

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1243
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Parte superior de secção troncocónica. Orla larga e lisa, inclinada para o exterior. A transição para o disco faz-se por uma canelura. Disco côncavo ornamentado com uma roseta com pétalas arredondadas. Asa elevada e perfurada com duas caneluras longitudinais" (Morais, 2005: I 328, Nº53; II 395, Nº53).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA79 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	18A
Camada	Sem dados	Complexo	630	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.8	Larg (cm)	5.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº53; II 395, Nº53
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

Cm 1 0		Instituição MDDS Nº inventário 2001-1241 Classificação Lucerna Série Lucerna de volutas Tipologia Indeterminada Império Alto-Imperial Cronologia c. 40/80 d.C.? Produção Centro - Itálica Centro Produtor Indeterminado Matéria Cerâmica Técnica fabrico Molde
Estampa Est.036, nº100	Descrição "A transição para o disco faz-se por uma canelura definida por uma moldura concêntrica. Disco côncavo decorado com uma rosácea em relevo"(Morais, 2005: I 328, Nº54; II 395, Nº54).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

Cidade, Braga

Lugar

Cavaliariças

Sítio/intervenção arq.

Rua dos Bombeiros Voluntários

Acrónimo

BRA90 CVL

Sepultura

Sem dados

Sondagem

80

Camada

Sem dados

Complexo

42

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

2.5

Larg (cm)

3

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Fragmentada

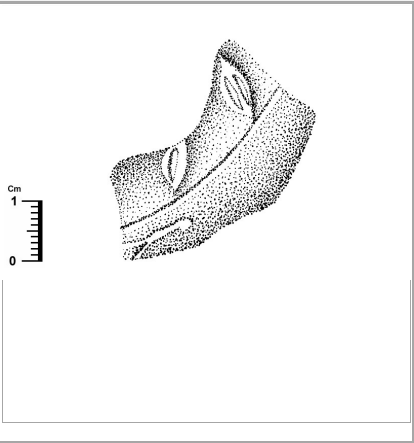
Referências bibliográficas

Morais, 2005: I 328, Nº54; II 395, Nº54

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-2357
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.036, nº101	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do dico por uma fina canelura. "Disco ornamentado com uma coroa de folhas de oliveira" (Morais, 2005: I 328, Nº52; II 395, Nº52).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA77 K	Sepultura	Sem dados	Sondagem	2B
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

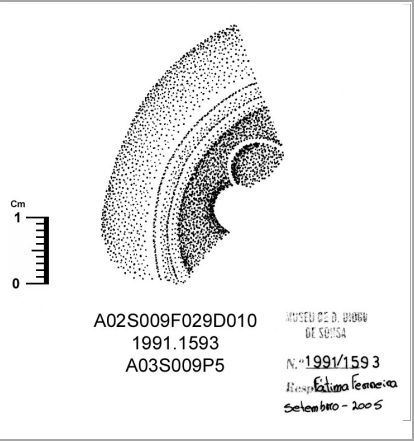
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº52; II 395, Nº52
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1593
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.036, nº102	Descrição	"Orla lisa, larga, inclinada para o exterior. A transição para o disco faz-se por três molduras definidas por igual número de caneluras concêntricas. Disco, côncavo, com decoração indeterminada dado o estado de fragmentação" (Morais, 2005: I 328, Nº57; II 395, Nº57).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

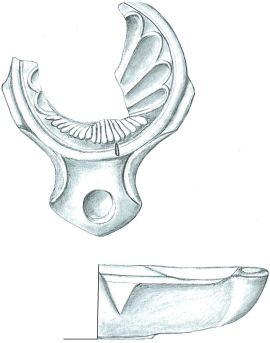
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 328, Nº57; II 395, Nº57
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico ImpérioAlto-Imperial ProduçãoHispanica (Bética) MatériaCerâmica	Nº inventário2009-0264 TipologiaDerivada do tipo Dressel 3 CronologiaMeados do século I d.C. Centro ProdutorAndújar? Técnica fabricoMolde		
Estampa	Est.037, nº103	Descrição Lucerna completa derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras, formando duas molduras concêntricas. De ambos os lados da orla dispõem-se duas aletas de formato retangular. Disco côncavo decorado com uma vieira de gomos convexos, que se dispõem a partir do orifício de alimentação. Rostrum triangular com o extremo levemente arredondado, que conserva o orifício de iluminação central, com sinais de pouca utilização. Fundo plano, circunscrito por duas molduras e uma canelura concêntricas. Pasta fina de cor bege com vestígios de engobe da mesma cor.			
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	90	Sondagem	13 J
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	4336
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	9.3	Larg (cm)	7.1	Alt (cm)	2,8
Estado de conservação					
Conservação	Muito bom	Observações	Completa		
Referências bibliográficas	Braga, 2010: 88, sep.XC (ficha nº23); Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013: 314; 316; 321, fig.8, nº27; Morais et al., 2014:1260, fig.3, nº8; Morillo Cerdán, 2015:389,fig.29				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMMPNF ClassificaçãoLucerna SérieLucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico ImpérioAlto-Imperial ProduçãoHispanica (Bética) MatériaCerâmica	Nº inventárioMMPNF/2016/13127 TipologiaDerivada do tipo Dressel 3 CronologiaMeados do século I d.C. Centro ProdutorAndújar? Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.038, nº104	Descrição	Lucerna derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por uma saliente moldura e canelura concêntricas. Disco côncavo parcialmente fraturado, decorado com uma vieira de gomos côncavos, que se dispõem a partir do centro. Presença na orla de duas aletas laterais de formato retangular. Rostrum triangular, de extremo arredondado com orifício de iluminação centrado, que apresenta sinais evidentes de utilização. Fundo plano, assente numa moldura. Pasta depurada, de cor bege e cerne de tonalidade acinzentada.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acronimo	M97	Sepultura	Sem dados	Sondagem	VI
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9.5	Larg (cm)	7.5	Alt (cm)	3
-----------	-----	-----------	-----	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

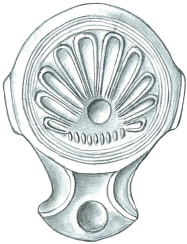
Referências bibliográficas

Referências bibliográficas	Soeiro, 2000-2001:111, fig.14.7
----------------------------	---------------------------------

Paralelos

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Arquivo Municipal de Chaves	Nº inventário	1180001
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.039, nº105	Descrição	Lucerna derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Presença de aletas laterais de formato retangular. Disco côncavo, parcialmente fraturado, decorado com uma vieira de gomos côncavos dispostos a partir do orifício de alimentação central. Rostrum triangular, de extremo arredondado, com presença de orifício de iluminação central, sem vestígios de combustão.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	11
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1180
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10.2	Larg (cm)	6.8	Alt (cm)	1,5
-----------	------	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:101-114; 186-194; 272
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Sob guarda científica do resp.esc.	Nº inventário	[030]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.039, nº106	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, que conserva a aleta lateral direita decorada com três traços incisos, dispostos verticalmente, onde figuram três círculos de reduzidas dimensões. A separação entre o disco e a orla faz-se mediante duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. O disco é côncavo e está decorado com uma vieira de gomos côncavos. Da transição da orla para o rostrum, em forma de bigorna, estão presentes três orifícios, possivelmente de arejamento. Pasta fina, muito depurada, de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Bragança	Freg + Município	Sé, Bragança
Lugar	Centro Histórico de Bragança	Sítio/intervenção arq.	Praça Camões
Acrónimo	BGRPV.02/03	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Sem dados
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	4	Larg (cm)	4.5
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Lima et al., 2004:37; 76; 128; 174, nº1
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 765
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.039, nº107	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte do infundibulum, da orla e do rostrum. Orla estreita, que conserva a aleta lateral direita decorada com três traços incisos, dispostos verticalmente, onde figuram três círculos de reduzidas dimensões. Orla separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com uma vieira.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	7
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	765
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6	Larg (cm)	4.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:61-73; 159-166; 255; fig.303
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição Sob guarda científica do resp.esc.	Nº inventário [031]
		Classificação Lucerna	
		Série Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia Derivada do tipo Dressel 3
		Império Alto-Imperial	Cronologia Meados do século I d.C.
		Produção Hispânica (Bética)	Centro Produtor Andújar?
		Matéria Cerâmica	Técnica fabrico Molde
Estampa Est.040, nº108	Descrição Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte da orla e disco. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas finas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com os gomos de uma vieira. Pasta fina, muito depurada, de cor bege.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Sé, Bragança
Lugar	Centro Histórico de Bragança	Sítio/intervenção arq.	Praça Camões

Acrónimo	BGRPV.02/03	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	3.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas

Lima et al., 2004:37; 76; 128; 175, nº2

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Sob guarda científica do resp.esc.	Nº inventário	[032]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.040, nº109	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído pela parte inferior do disco, onde é representada a charneira de uma vieira. O arranque deste para o rostrum, faz-se mediante duas caneluras e uma moldura concêntricas. Presença de, possível, orifício de arejamento. Pasta fina, muito depurada, de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Sé, Bragança		
Lugar	Centro Histórico de Bragança	Sítio/intervenção arq.	Praça Camões		
Acrónimo	BGRPV.02/03	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.2	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Lima et al., 2004:37; 76; 128; 175, nº3
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Não se conhece o local de depósito	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.040, nº110	Descrição	Lucerna completa derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com uma vieira de gomos côncavos que se dispõem a partir do orifício de alimentação central. Rostrum curto e em forma de bigorna com orifício de iluminação centrado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Valongo		
Lugar	Valongo	Sítio/intervenção arq.	Mina da Serra de Santa Justa e Pias		
Acrónim	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
-----------	--	-----------	--	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Almeida, 1953: 150, estampa XXX, N.º5; Ferreira et al., 1955: vol.LXV, Est. II
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Não se conhece o local de depósito	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.040, nº111	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, que conserva a aleta lateral direita. A transição da orla para o disco faz-se mediante duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, decorado com uma vieira.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.Paio, Guimarães		
Lugar	Salvador de Briteiros	Sítio/intervenção arq.	Citânia de Briteiros		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
-----------	--	-----------	--	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Almeida, 1953:150: estampa XXX, N.º7
----------------------------	--------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-25]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.040, nº112	Descrição	Fragmento de lucerna do tipo Dressel 3, constituído por parte do infundibulum, da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o interior, que conserva parte da aleta esquerda. A separação desta e do disco faz-se mediante duas molduras salientes e uma canelura. Disco côncavo, decorado com alguns gomos que pertenceriam, provavelmente, a uma vieira. Pasta depurada de cor bege com presença de elementos não plásticos de reduzida dimensão e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de uma aguada fina de cor bege amarelada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

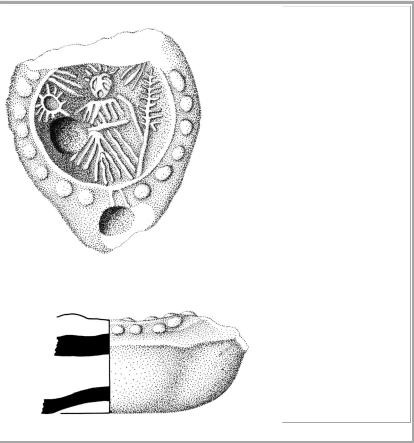
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1999-0442
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 9 ou "Lucerna mineira",
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	século II a inícios do século III (auge na 2ª
	Produção	Sudoeste Peninsular	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.041, nº113	Descrição	"Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 9 ou “lucerna mineira”, atípica?. Orla inclinada para o exterior, ornamentada com uma fiada de grossas pérolas ou glóbulos em relevo, bastante irregulares. A transição para o disco, côncavo, faz-se por uma grossa moldura. O disco, com orifício de alimentação lateral, possui uma fruste ornamentação representando uma Vitória alada, de frente, com asas abertas elevadas à altura da cabeça; segura com o seu braço esquerdo uma palma até acima e, com o braço direito levantado, ostenta uma coroa de louros. O rostrum, com orifício de iluminação apenas levemente fraturado, apresenta sinais evidentes de utilização. As paredes do depósito são altas e curvas e a base possui uma pronunciada concavidade. Neste exemplar falta-lhe, por fratura, a parte posterior correspondente à zona da asa" (Morais, 2005: I 331, Nº73; II 401, Nº73).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

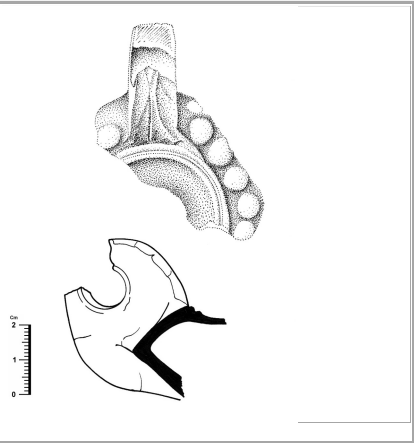
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro
Acrónimo	BRA92 CARV	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	11
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	50
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	7	Larg (cm)	6
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 331, Nº73; II 401, Nº73
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1623
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 9 ou "lucerna mineira"
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	século II a inícios do século III (auge na 2ª)
	Produção	Sudoeste Peninsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.042, nº114	Descrição	"Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 9 ou “lucerna mineira”. Disco com concavidade suave sem decoração. A orla é larga e inclinada para o exterior, decorada com grandes pérolas em relevo. Parte do reservatório e asa elevada e perfurada" (Morais, 2005: I 330, Nº71; II 401, Nº71).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónim	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

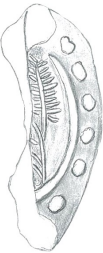
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 330, Nº71; II 401, Nº71
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1046
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 9 ou "Lucerna mineira",
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	século II a inícios do século III (auge na 2ª
	Produção	Sudoeste Peninsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.042, nº115	Descrição	Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 9 ou “lucerna mineira”, atípica?. Orla inclinada para o exterior, ornamentada com uma fiada de grossas pérolas ou glóbulos em relevo, bastante irregulares. A transição para o disco, côncavo, faz-se por uma grossa moldura. O disco, com orifício de alimentação lateral, possui uma fruste ornamentação de uma palma. Sabemos, por paralelo semelhante, que caso a forma estivesse completa, seria representada a figura de uma Vitória alada, de frente, com as asas abertas elevadas à altura da cabeça, segurando com o seu braço esquerdo a palma até acima e, com o braço direito levantado, uma coroa de louros.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Sé Catedral	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Paio Mendes		
Acrónimo	Bra98 SÉ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	V115
Camada	Sem dados	Complexo	7	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

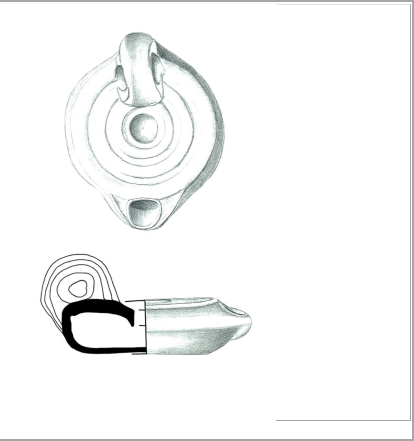
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Morais, 2005: I 331, Nº73; II 401, Nº73
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu do Abade de Baçal	Nº inventário	1320
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 17
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2º e 3º quartel do século I d.C. (Cláudio e Nero)
	Produção	Centro-Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.043, nº116	Descrição	Lucerna de disco do tipo Dressel 17. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três salientes molduras. Disco côncavo, ocupado quase na totalidade pelo orifício de alimentação central. Rostrum curto e arredondado, ocupado, em grande parte, pelo orifício de iluminação, que apresenta poucos sinais de utilização.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Valpaços		
Lugar	Valpaços	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimio	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	8.8	Larg (cm)	6.6	Alt (cm)	2,5
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

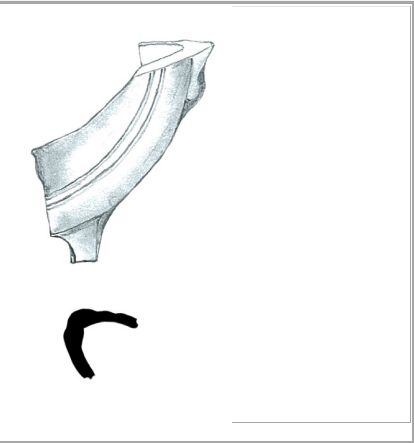
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Abreu, 2002:169
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1034
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 17
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2º e 3º quartel do séc. I (Cláudio e Nero)
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.043, nº117	Descrição	Fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel 17. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Presença de parte da aleta lateral direita, cuja extremidade é pontiaguda e a parte central arredondada. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum curto, igualmente fragmentado que conserva parte do orifício de iluminação com evidentes sinais de utilização. Pasta de cor bege, com presença de engobe de tonalidade alaranjada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 02 CARV LESTE	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	532
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

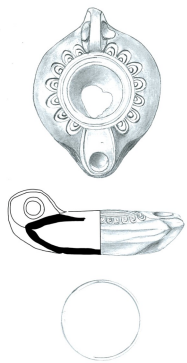
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.044, nº118

Lucerna de disco do tipo Dressel 18. Orla larga e inclinada para o interior, ornamentada a toda a volta com uma fiada de óvalos incisos e regulares. A transição desta para o disco, faz-se mediante duas caneluras e uma saliente moldura. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum arredondo, com orifício de iluminação centrado e poucos sinais de combustível. Presença de asa elevada e perfurada. Fundo plano circunscrito por uma canelura.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
-----------------------------	---------------

Oleiro	Não apresenta
--------	---------------

Símbolos anepígrafos	Não apresenta
----------------------	---------------

Letras isoladas	Não apresenta
-----------------	---------------

Grafitos	Não apresenta
----------	---------------

Proveniência

Distrito	Bragança
----------	----------

Freg + Município	Miranda do Douro
------------------	------------------

Lugar	Largo da Sé
-------	-------------

Sítio/intervenção arq.	Altar-mor da Concatedral
------------------------	--------------------------

Acrónimo	Sem dados
----------	-----------

Sepultura	Sem dados
-----------	-----------

Sondagem	Sem dados
----------	-----------

Camada	Sem dados
--------	-----------

Complexo	Sem dados
----------	-----------

UE	Sem dados
----	-----------

Corte estratigráfico	Sem dados
----------------------	-----------

Dimensões

Comp (cm)	8.2
-----------	-----

Larg (cm)	6.6
-----------	-----

Alt (cm)	2,8
----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Razoável
-------------	----------

Observações	Fragmentada no disco; engobe destacado
-------------	--

Referências bibliográficas Sem referências

Paralelos Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Nº inventário 2009-0726
		Classificação Lucerna
Série Lucerna de disco		Tipologia Dressel 18
Império Alto-Imperial		Cronologia 2ª metade do século I d.C.
Produção Centro-Itálica		Centro Produtor Indeterminado
Matéria Cerâmica		Técnica fabrico Molde
Estampa Est.045, nº119		Descrição Lucerna de disco do tipo Dressel 18. Orla estreita e arredondada, decorada com uma fiada de óvalos concêntricos, bem delineados e incisos. A separação entre esta e o disco, faz-se mediante uma saliente moldura. Disco amplo e côncavo, decorado com dois cães alternados com duas lebres, dispostos em círculo. Rostrum curto e arredondado, com presença de orifício de iluminação central que o ocupa quase na totalidade. Fundo plano circunscrito por uma fina canelura. Pasta depurada de cor bege com vestígios de engobe da mesma cor.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

S.José de S.Lázaro, Braga

Lugar

S.Lázaro

Sítio/intervenção arq.

Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)

Acrónimo

BRA 09 CTT

Sepultura

62

Sondagem

Sem dados

Camada

Sem dados

Complexo

Sem dados

UE

4421

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

7.5

Larg (cm)

6.8

Alt (cm)

2,3

Estado de conservação

Conservação

Muito bom

Observações

Completa

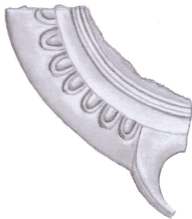
Referências bibliográficas

Braga, 2010: 88, sep.LXII, (ficha nº19); Fontes et al., 2010: 43; Morillo Cerdán, 2015:364, fig.18

Paralelos

Deneauve, 1969 I:183; Amaré, 1988:86, fig.162; Bailey,1988:74-75, 246, pl.42, fig.95, Q 2012; Nº382; vol.II: pl. LXXII, Nº382; Rodríguez Martín, 2002:332, lám.II, Nº25; 370, lám.XL, Nº212; Genover e Fusté,2006: 126, fig.61,

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1028
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 18
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.045, nº120	Descrição	Fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel 18. Orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada a toda a volta com uma fiada de óvalos incisos e regulares, separada do disco por uma grossa moldura, seguida de duas finas caneluras e, novamente, duas molduras. Disco côncavo, muito fragmentado. Presença de parte do rostrum, curto e arredondado, com evidentes sinais de utilização no orifício de iluminação. Pasta de cor bege, bem depurada, com vestígios de engobe de cor acastanhado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 98 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	P10
Camada	Sem dados	Complexo	147	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

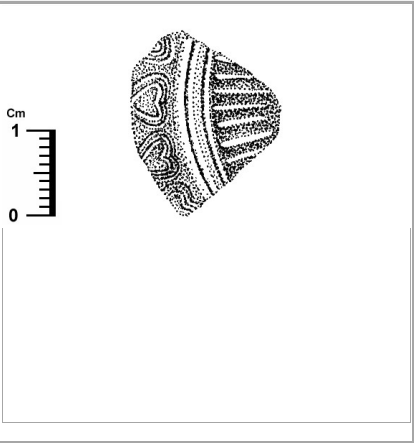
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Bastante fragmentada
-------------	----------	-------------	----------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.046, nº121

Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2301
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 19?
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Flávios a meados do século II (auge 80 / 110)
Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Fragmento de lucerna de disco. Orla larga, levemente inclinada para o exterior, decorada por uma fiada de folhas de hera impressas em forma de coração. Uma grossa moldura separa a orla do disco côncavo, decorado com traços dispostos de forma oblíqua" (Morais, 2005: I 330-31, Nº74; II 402, Nº74).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Sousa, 1966:15, EST.IX, Nº17; Moraes, 2005: I 330-31, Nº74; II 402, Nº74
----------------------------	--

Paralelos	Sousa, 1966:15, EST.IX, Nº17
-----------	------------------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0086
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 19?
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Flávios a meados do século II (auge 80 / 110)
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.046, nº122	Descrição	Fragmento de lucerna de disco constituído por parte da orla e do disco. Orla larga, levemente inclinada para o exterior, decorada por uma fiada de folhas de hera impressas em forma de coração. A transição desta para o disco faz-se através de duas finas caneluras e igual número de molduras. Disco côncavo, decorado com traços incisos (dos quais se conservam sete) dispostos de forma oblíqua.	

Marcas, inscrições e grafitos			
Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires

Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	F14
Camada	Sem dados	Complexo	147	UE	147
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	2.1	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação				
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	

Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sousa, 1966:15, EST.IX, Nº17; Morais, 2005: I 330-31, Nº74; II 402, Nº74				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 925 B
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 19?
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Flávios a meados do século II (auge 80 / 110)
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.046, nº123	Descrição	Fragmentos de lucerna de disco constituídos por parte da orla e do rostrum. Orla larga, levemente inclinada para o exterior, decorada por uma fiada de folhas de hera impressas em forma de coração. Três molduras e igual número de caneluras separam-na a do disco côncavo. Rostrum de reduzidas dimensões que conserva parte do orifício de iluminação.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	925 B
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
-----------	--	-----------	--	----------	---------------

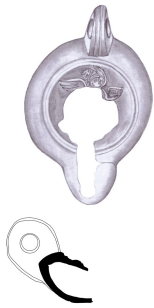
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:80-89; 172-177;262
----------------------------	--

Paralelos	Sousa, 1966:15, EST.IX, Nº17; Morais, 2005: I 330-31, Nº74; II 402, Nº74
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de disco ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro-Itálica MatériaCerâmica	Nº inventário2009-0591 TipologiaDressel 20 CronologiaFinais do século I/1ªmetade século II d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.047, nº124	Descrição Lucerna de disco do tipo Dressel 20. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, parcialmente fraturado, ornamentado com a figura de Eros como caçador, conservando o rosto, as asas e o braço esquerdo que segura com a mão um objeto indefinido. Rostrum arredondado, bastante fragmentado, que ostenta parte do orifício de iluminação. Asa de disco, elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Conhecemos um paralelo completo com a mesma iconografia, atribuível à forma Dressel 20, facto que nos levou a integrar o nosso exemplar nesse mesmo tipo. No desenho não foi possível proceder a essa representação, uma vez que o rostrum se encontra muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Avenida da Liberdade, Quarteirão dos CTT/ Interl

Acrónimo	BRA 09 CTT/ITAVL	Sepultura	27	Sondagem	6
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	237
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	11.8	Larg (cm)	7.6	Alt (cm)	2

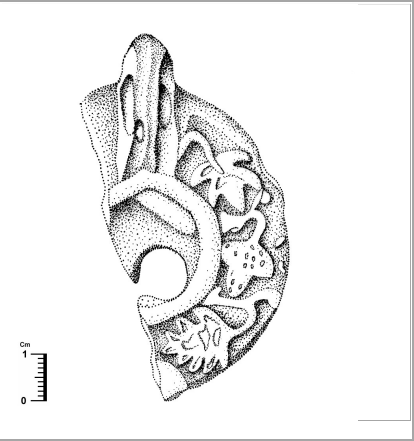
Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Bailey, 1988: 14-15, pl.157, fig.17, Q1287

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13116
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 28
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
		Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.048, nº125	Descrição	Fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel 28 constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e ligeiramente inclinada para o interior, decorada a toda a volta com uma fiada de óvulos incisos e bastante regulares. A separação desta para o disco faz-se mediante duas molduras e uma canelura concêntricas. "Disco côncavo ornamentado com o busto de Hélios (Mitra) com diadema. Pasta bege, fina"(Soeiro, 1984:203).		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acróimo	M75	Sepultura	Sem dados	Sondagem	VI
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	4
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	3.8	Larg (cm)	8.2	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Bastante fragmentada	
Referências bibliográficas	Soeiro, 1984:203, fig.XCIV.19				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de disco ImpérioAlto-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2001-0998 TipologiaDressel 28 Cronologia2ª metade do século II d.C./ século III d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.048, nº126	Descrição "Fragmento de lucerna de disco. Orla larga, ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada com folhas de videira em relevo. A transição para o disco faz-se por uma grossa moldura. Disco fraturado, côncavo, sem decoração e com orifício de alimentação lateral. Do rostrum apenas se vê parte de um meio círculo impresso, correspondente à parte superior do bico em forma de coração" (Morais, 2005: I 332, Nº80; II 404, Nº80).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA79 P	Sepultura	Sem dados	Sondagem	J1
Camada	Sem dados	Complexo	4	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7.5	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

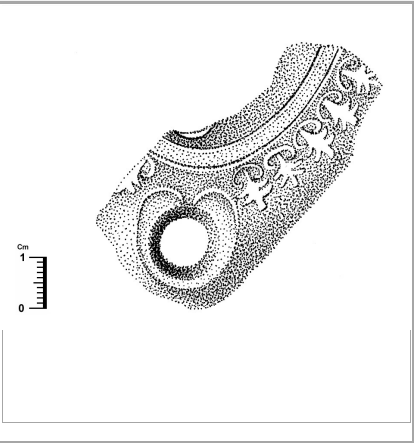
Referências bibliográficas

Morais, 2005: I 332, Nº80; II 404, Nº80

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1005
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 28
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.048, nº127	Descrição	"Orla larga, ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada com peltas. A transição para o disco, côncavo, com parte do orifício de alimentação centrado na proximidade do rostrum, faz-se por uma grossa moldura que define duas caneluras concêntricas. Rostrum curto e arredondado, com orifício de iluminação, com a parte superior em forma de coração, encimada por dois meios círculos impressos. Sinais evidentes de utilização na zona do rostrum" (Morais, 2005: I 333, Nº83; II 405, Nº83).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.João do Souto, Braga		
Lugar	Edifício Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de Santa Cruz, 13-25		
Acrónimo	BRA96 ECS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	46
Camada	4	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

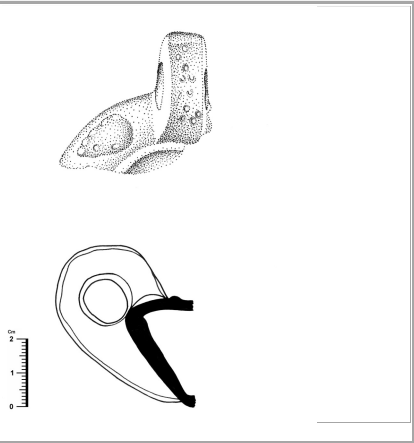
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

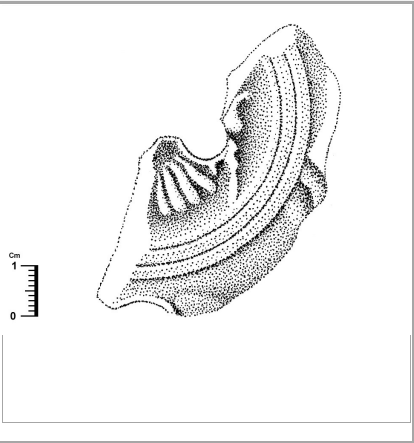
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 333, Nº83; II 405, Nº83
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 EstampaEst.049, nº128		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de disco ImpérioAlto-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2001-0999 TipologiaDressel 28 Cronologia2ª metade do século II d.C./ século III d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde			
		Descrição "Corpo circular e secção troncocónica. Orla larga, ligeiramente inclinada para o exterior, cuja fratura apenas permite ver um cacho de uvas. A transição para o disco, também fraturado, faz-se por uma grossa e alta moldura. A asa é sobrelevada e perfurada, decorada longitudinalmente com pequenos motivos circulares incisos" (Morais, 2005: I 332, Nº81; II 404, Nº81).				
Marcas, inscrições e grafitos						
Marca de oleiro documentada		Não apresenta				
Oleiro		Não apresenta				
Símbolos anepígrafos		Não apresenta				
Letras isoladas		Não apresenta				
Grafitos		Não apresenta				
Proveniência						
Distrito		Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar		Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo		BRA92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	45
Camada		Sem dados	Complexo	8	UE	Sem dados
Corte estratigráfico		Sem dados				
Dimensões						
Comp (cm)		4	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação						
Conservação		Razoável		Observações	Fragmentada	
Referências bibliográficas		Morais, 2005: I 332, Nº81; II 404, Nº81				
Paralelos		Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1609
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 28
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.049, nº129	Descrição	" Orla plana com vestígios de ornamentação em relevo e disco côncavo com parte do orifício de alimentação posicionado à direita. A transição para o disco, côncavo, faz-se por três molduras que definem duas caneluras concêntricas. A decoração do disco é impercetível dado o estado de deterioração da peça. Conserva-se ainda parte do orifício de iluminação" (Morais, 2005: I 333, Nº82; II 404, Nº82).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Praia das Sapatas	Sítio/intervenção arq.	Rua Damião de Góis, 55-85		
Acrónimo	BRA77 A	Sepultura	Sem dados	Sondagem	1C
Camada	0	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

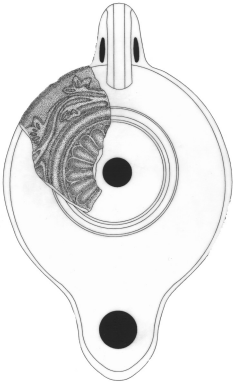
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 333, Nº82; II 404, Nº82
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Casa dos Nichos de Viana do Castelo	Nº inventário	2446
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.050, nº130	Descrição	Fragmento de lucerna de disco, constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e ampla, ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada com folhas de videira em relevo. A separação desta para o disco faz-se mediante uma saliente moldura e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo decorado com uma roseta de gomos côncavos. Pasta de cor bege, muito depurada, com presença de elementos não-plásticos de reduzidas dimensões e sem presença de engobe.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Viana do Castelo	Freg + Município	Areosa, Viana do Castelo		
Lugar	Citânia de Santa Luzia	Sítio/intervenção arq.	Rua de Santa Luzia		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.4	Larg (cm)	4.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

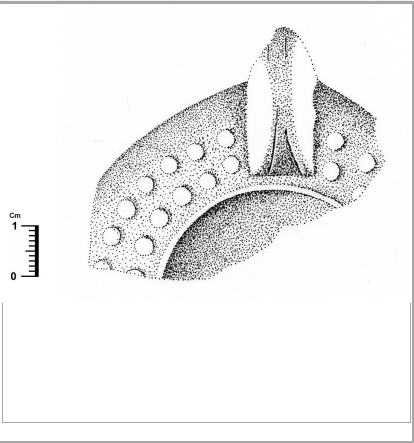
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Almeida JAF, 1953: 169, estampa XXXVIII, Nº131; Almeida CAB, 2008:246
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.050, nº131

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1293
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)
Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla larga, inclinada para o exterior, ornamentada com duas fiadas de pequenas pérolas ou glóbulos em relevo. A transição para o disco, côncavo e liso, faz-se por uma moldura. Asa triangular maciça com duas caneluras longitudinais" (Morais, 2005: I 340, Nº139; II 422, Nº139).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	119
Camada	Sem dados	Complexo	2	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

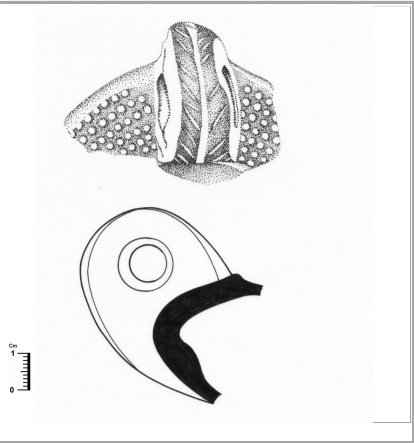
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 340, Nº139; II 422, Nº139
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Nº inventário 2001-1294
		Classificação Lucerna
Série Lucerna de disco		Tipologia Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
Império Baixo-Imperial		Cronologia Século III/IV (ainda que esporadicamente)
Produção África Proconsular		Centro Produtor Indeterminado
Matéria Cerâmica		Técnica fabrico Molde
Estampa Est.051, nº132	Descrição "Fragmento de lucerna de disco. Orla muito larga, inclinada para o exterior, ornamentada com cinco fiadas de pequenas pérolas ou glóbulos em relevo. O disco é côncavo e liso. Asa de disco, elevada e perfurada com traços incisos oblíquos separados por uma canelura longitudinal composito, dessa forma, um motivo floral estilizado" (Morais, 2005: I 340, Nº138; II 422, Nº138).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

S.José de S.Lázaro, Braga

Lugar

Quinta do Fujacal

Sítio/intervenção arq.

Rua Marcelino Sá Pires

Acrónymo

BRA93 FUJ

Sepultura

Sem dados

Sondagem

H14

Camada

Sem dados

Complexo

96

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

4

Larg (cm)

5.5

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Bom

Observações

Fragmentada

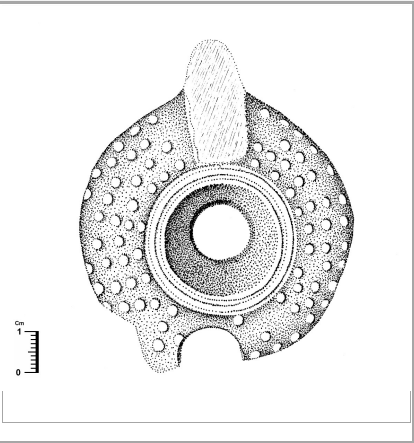
Referências bibliográficas

Morais, 2005: I 340, Nº138; II 422, Nº138

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1263
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)
	Produção	Bética (Cádiz)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.051, nº133	Descrição	"Orla muito larga, inclinada para o exterior, ornamentada com cinco fiadas paralelas de pequenas pérolas ou glóbulos em relevo. A transição para o disco, côncavo, faz-se por meio de duas molduras que definem duas caneluras concêntricas. O disco, pequeno e liso, é praticamente ocupado pelo orifício de alimentação central. Na parte posterior conserva-se parte da parede do reservatório e o início do arranque da asa. Conserva-se, ainda, parte do rostrum sem separação relativamente ao corpo da orla, com cerca de metade do orifício de iluminação com sinais evidentes de utilização" (Morais, 2005: I 340, Nº141; II 422, Nº141).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acróimo	BRA91 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	99-102
Camada	Sem dados	Complexo	3	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7.5	Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

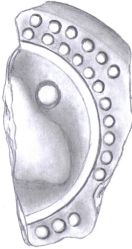
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 340, Nº141; II 422, Nº141
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

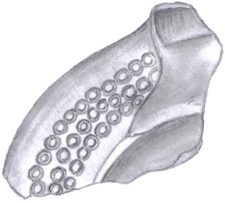
Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de disco ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2015-1052 TipologiaDressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe CronologiaSéculo III/IV (ainda que esporadicamente) Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde		
Estampa	Est.052, nº134	Descrição Fragmento de lucerna de disco, do tipo Dressel-Lamboglia 30 B, constituído pelo arranque de asa, parte da orla e do infundibulum. Orla larga ornamentada com quatro fiadas de pérolas ou glóbulos em relevo e de pequenas dimensões. A separação desta para o disco faz-se mediante duas caneluras e uma saliente moldura. Disco côncavo com orifício de alimentação central.			
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acrónimo	BRA 05 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	500
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	6.6	Larg (cm)	4.2	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1067
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
		Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)
		Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.052, nº135	Descrição	Fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel-Lamboglia 30 B, constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada com duas fiadas de pérolas ou glóbulos em relevo, separada do disco por uma grossa moldura. Disco côncavo, com orifício de alimentação à direita e início de decoração indeterminada.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acróimo	BRA 05 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	745
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	6.9	Larg (cm)	3.6	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada		
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

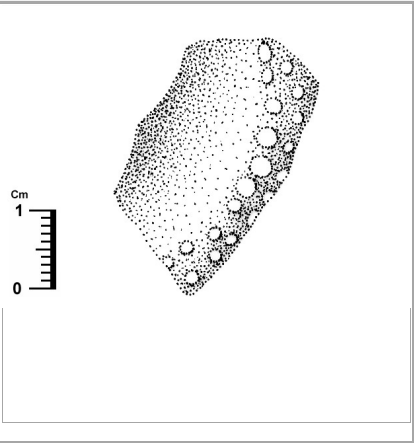
Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1025	
	Classificação	Lucerna			
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe	
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)	
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado	
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.052, nº136	Descrição	Fragmento de lucerna de disco do tipo Dressel-Lamboglia 30 B, constituído pelo arranque de asa, parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o interior, ornamentada com três fiadas de círculos de reduzidas dimensões. A separação desta para o disco, faz-se mediante uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acróimo	BRA 83 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	B-4-7-/Q7
Camada	Sem dados	Complexo	589	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	5	Larg (cm)	2.9	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1022	
	Classificação	Lucerna			
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Indeterminada	
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)	
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado	
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.052, nº137	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla larga ornamentada com duas fiadas de grandes pérolas ou glóbulos em relevo. A separação desta para o disco, côncavo, faz-se mediante uma grossa moldura.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónim	BRA 98 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	M,N/25,26
Camada	Sem dados	Complexo	12	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	3	Larg (cm)	3.7	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada		
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.052, nº138

Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1297
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel-Lamboglia 30 B ou Warzenlampe
Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/IV (ainda que esporadicamente)
Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	"Orla ornamentada com duas fiadas de pequenas pérolas ou glóbulos em relevo. Disco liso e côncavo" (Morais, 2005: I 340, Nº140; II 422, Nº140).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA93 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	102
Camada	Sem dados	Complexo	21	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 340, Nº140; II 422, Nº140
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Derivada de disco (Loeschcke VIII)
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século III/inícios do século IV d.C.
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.053, nº139	Descrição	Lucerna de disco do tipo Dressel-Lamboglia 30 B, constituída por asa, parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, com presença de reentrâncias incisas a toda a volta, separada do disco por duas molduras e uma canelura concêntricas. Asa elevada e perfurada com uma canelura disposta longitudinalmente. Pasta bem depurada de cor bege, com elementos não plásticos de reduzida dimensão e distribuição uniforme. Superfície sem presença de engobe.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Muito mau	Observações	Muito fragmentada; pasta muito desagregada
-------------	-----------	-------------	--

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2011-0165
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.053, nº140	Descrição	Fragmento de lucerna de disco de tipo indeterminado constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla ampla e larga, inclinada para o exterior, separada do disco por uma grossa moldura. Disco côncavo, muito fragmentado, que conserva parte do orifício de alimentação e motivo geométrico não identificado. Rostrum muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	205	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	4328
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7.8	Larg (cm)	5.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fraturada na orla, dico e rostrum
-------------	----------	-------------	-----------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Nº inventário 2015-1030 Classificação Lucerna Série Lucerna de disco Tipologia Indeterminada Império Baixo-Imperial Cronologia Século III/IV (ainda que esporadicamente) Produção África Proconsular Centro Produtor Indeterminado Matéria Cerâmica Técnica fabrico Molde
Estampa Est.053, nº141	Descrição Fragmento de lucerna constituído por asa, parte da orla e do disco. Asa elevada, não perfurada. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura e uma canelura concêntricas. Disco côncavo, com início de decoração indeterminada, dado o estado de fragmentação.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

Cidade, Braga

Lugar

Colina da Cidade

Sítio/intervenção arq.

Termas

Acrónimo

BRA 80 T

Sepultura

Sem dados

Sondagem

33

Camada

Sem dados

Complexo

700

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

5.4

Larg (cm)

5.5

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

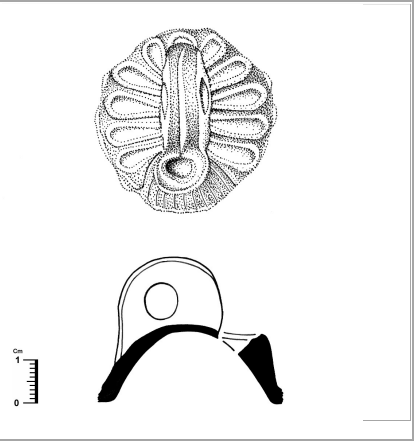
Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1999-3067
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Loeschcke X (Firmalampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do século I/meados do século II
	Produção	Norte - Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.054, nº142	Descrição	"Fragmento de lucerna de canal. Asa de suspensão central que figurava no centro do disco. A asa, perfurada e com uma canelura longitudinal, é sobrelevada por uma concavidade ornamentada externamente por uma rosácea de onze pétalas arredondadas. O orifício de alimentação encontra-se num dos eixos da asa" (Morais, 2005: I 342, Nº154; II 425, Nº154).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acróimo	BRA97 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	180
Camada	Sem dados	Complexo	14	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

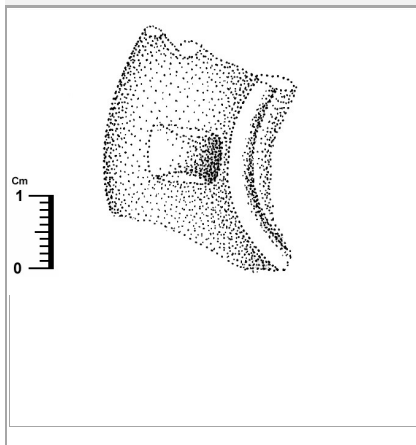
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 342, Nº154; II 425, Nº154
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.054, nº143

MDDS

1991-2339

Lucerna

Lucerna de canal ou "Firmalampen"

Loeschcke X
(Firmalampen)

Alto-Imperial

Finais do século
I/meados do século II

Terra Sigillata Hispânica (Triccio)

Tricio

Cerâmica

Molde

"Orla larga, inclinada para o exterior, ornamentada por uma protuberância de forma aproximadamente piramidal e separada do disco por uma grossa moldura. O disco é cavado e horizontal" (Morais, 2005: I 342, Nº155; II 425, Nº155; Morillo Cerdán, 2012:299-308, fig.1, nº9).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Braga

Cividade, Braga

Colina da Cividade

Termas

BRA79 T

Sem dados

11B

Sem dados

265

Sem dados

Sem dados

Dimensões

2.6

2.2

Indeterminada

Estado de conservação

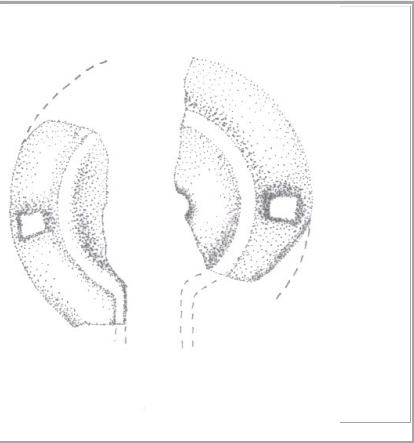
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 342, Nº155; II 425, Nº155; Morillo Cerdán, 2012:299-308, fig.1, nº9

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século II/inícios do século III d.C.
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.055, nº144	Descrição	Lucerna de canal, constituída por dois fragmentos de orla e disco. Orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada com duas protuberâncias laterais de forma aproximadamente piramidal. A separação entre esta e o rostrum faz-me mediante uma grossa moldura, que, caso a peça estivesse completa, se prolongaria pelo rostrum até ao bico, delimitando o orifício de iluminação. Disco côncavo, sem decoração, com presença de parte do orifício de alimentação central. Pasta depurada de cor alaranjada (8B6) com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Vestígios de engobe castanho alaranjado (8C8).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência					
Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	6	Larg (cm)	6.7	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação			
Conservação	Muito mau	Observações	Muito fragmentada; sem engobe

Referências bibliográficas	Castro, 1960:281; 289, Est. I, (7 e corte 7); Almeida CAF, 1973:555; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 203 (nº3.7), 230, fig.24 (nº3.7)
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Sob guarda científica do responsável d	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Loeschcke X (Firmalampen)
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do século I/meados do século II
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.055, nº145	Descrição	Lucerna completa de canal do tipo Loeschcke X, constituída por um corpo de perfil troncocónico. Orla larga e inclinada para o exterior sobre a qual se dispõem radialmente duas protuberâncias rectangulares. A separação entre esta e o rostrum faz-me mediante uma grossa moldura, que se prolonga pelo rostrum até ao bico, delimitando o orifício de iluminação. Disco plano, sem decoração, com presença de orifício de alimentação central. Base anelar.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Povoado da Veiga de Samardã		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C6
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
-----------	--	-----------	--	----------	---------------

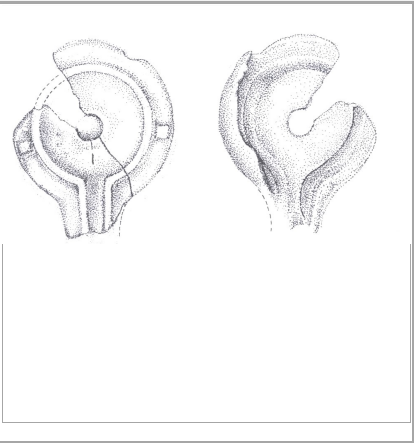
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa; engobe destacado
-------------	-----	-------------	----------------------------

Referências bibliográficas	Batata, 2009: 417-431
----------------------------	-----------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoLNEG ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de canal ou "Firmalampen" ImpérioAlto-Imperial ProduçãoNorte - Itália MatériaCerâmica	Nº inventárioSem número TipologiaLoeschcke X (Firmalampen) CronologiaFinais do século I/meados do século II Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde				
Estampa	Est.056, nº146	Descrição Fragmento de lucerna de canal de corpo circular e troncocônico, constituído pela orla, disco e parte do infundibulum. Orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada com duas protuberâncias laterais de forma piramidal. O disco está unido ao rostrum por um canal de lados paralelos formado por uma moldura contínua que rodeia o disco e, caso se conservasse, o orifício de iluminação. Disco côncavo com orifício de alimentação central. Pasta muito depurada de cor alaranjada, com elementos não plásticos de pequeno calibre e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de engobe de cor castanha-avermelhada.					
Marcas, inscrições e grafitos							
Marca de oleiro documentada		Não apresenta					
Oleiro		Não apresenta					
Símbolos anepígrafos		Não apresenta					
Letras isoladas		Não apresenta					
Grafitos		Não apresenta					
Proveniência							
Distrito		Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar			
Lugar		Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo			
Acrónimo		Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados	
Camada		Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados	
Corte estratigráfico		Sem dados					
Dimensões							
Comp (cm)		8.5	Larg (cm)	7	Alt (cm)	Indeterminada	
Estado de conservação							
Conservação		Mau		Observações			Muito fragmentada; engobe destacado
Referências bibliográficas		Castro, 1960:281; 288-89, Est. I (6 e corte 6); Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 202 (nº3.4), 227, fig.21 (nº3.4)					
Paralelos		Sem referências					

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2008-0310
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século II/inícios do século III d.C.
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.056, nº147	Descrição	Fragmento de lucerna de canal constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, decorada a toda a volta com seis círculos concêntricos, formando três caneluras e igual número de molduras. A transição desta para o disco, faz-se mediante uma moldura e uma canelura concêntricas. Disco côncavo que conserva parte do orifício de alimentação central. Do disco arrancam duas grossas molduras, que se prolongam em canal até ao rostrum. Este encontra-se fragmentado, conservando apenas parte do orifício de iluminação.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

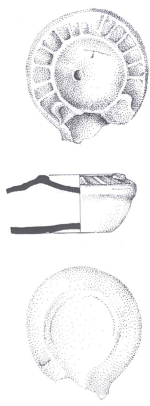
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)
Acrónimo	BRA 08 CTT	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	3
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
		UE	1047
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	5.9	Larg (cm)	6.6
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Bailey, 1988: 266, pl.51, Q2204MLA

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século II/inícios do século III d.C.
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.057, nº148	Descrição	Lucerna de canal de corpo circular. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada a toda a volta com traços paralelos e três protuberâncias de forma aproximadamente piramidal. A separação desta e do disco, faz-se mediante uma saliente moldura que, muito provavelmente, se prolongaria em forma de canal de lados paralelos até ao rostrum. Disco largo e côncavo com orifício de alimentação descentrado, à direita. Rostrum partido. Fundo plano que assenta numa coroa circular. Pasta dura, de boa cozedura em ambiente oxidante e de cor acastanhada (8C5).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7.3	Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	3,1
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

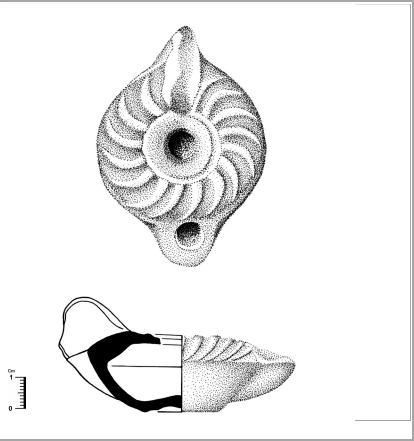
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada no rostrum
-------------	----------	-------------	------------------------

Referências bibliográficas	Castro, 1960:281; 287-88, Est. I (corte 5) e Est. II (5); Almeida CAF, 1973:555; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 202 (nº3.5), 228, fig.22 (nº3.5); Ferreira, 2013:42
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDSDiv ClassificaçãoLucernaDiv SérieLucerna tardo-antiga de origem africanaDiv ImpérioBaixo-ImperialDiv ProduçãoÁfrica ProconsularDiv MatériaCerâmicaDiv	Nº inventário2002-0955Div TipologiaDeneauve XI B (Bonifay tipo 33, variante A)Div CronologiaSéculo IV/inícios do século V d.C.Div Centro ProdutorIndeterminadoDiv Técnica fabricoMoldeDiv	
Estampa	Est.058, nº149	Descrição	"Lucerna completa da forma Deneauve XI B. Orla ornamentada por sulcos raiados em torno de um pequeno disco preenchido na sua quase totalidade por um orifício central de alimentação. Asa não perfurada. Possui um pequeno orifício no infundibulum junto ao arranque da asa" (Morais, 2005: I 346, Nº183; II 438, Nº183).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Cerca do Seminário de Santiago	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Afonso Henriques

Acrónimo	BRA02 DAH	Sepultura	Sem dados	Sondagem	423
Camada	Sem dados	Complexo	16	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

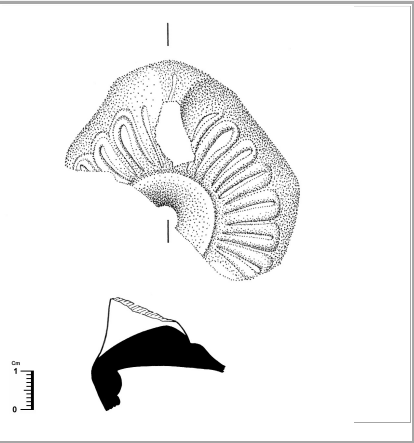
Comp (cm)	7.4	Larg (cm)	5.2	Alt (cm)	2,4
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 346, Nº183; II 438, Nº183; Delgado e Morales, 2009:104 -105
Paralelos	Bonifay, 2004: 349-351; Fig.197, tipo 33 A, Nº1

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1622
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Deneauve XI B (Bonifay tipo 33, variante A)?
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/inícios do século V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.058, nº150	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da asa, da orla e do disco. Asa plana, não perfurada, circunscrita por uma fina canelura disposta longitudinalmente. Orla larga e inclinada para o exterior, decorada com uma roseta de pétalas côncavas dispostas em espiral. Disco côncavo, que conserva parte do orifício de alimentação central.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	6.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

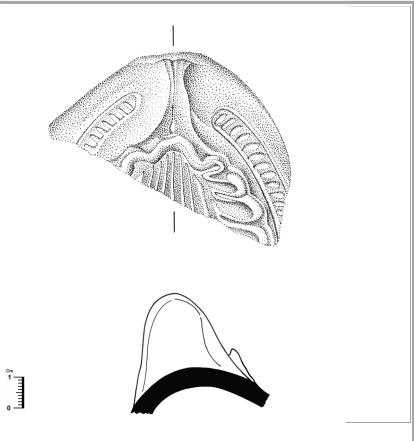
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005:55-67; Fig.4, Nº21
----------------------------	---------------------------------

Paralelos	Bonifay, 2004: 349-351; Fig.197, tipo 33 A, Nº1
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1565
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Hayes IB (Atlante VIII D1/Bonifay tipo 50)
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Finais do séc. V/1ª metade do séc. VI d.C.?
	Produção	Africana	Centro Produtor	El Mahrine
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.059, nº151	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por asa, parte da orla e do disco. Asa plana, não perfurada, circunscrita por uma fina canelura disposta longitudinalmente. Orla larga, ligeiramente inclinada para o exterior, ornamentada com incisões oblíquas de pequenas dimensões e separada do disco por uma fina canelura. Disco côncavo, decorado com um medalhão em forma de concha, tendo no seu interior finos traços paralelos em relevo.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA 77 H	Sepultura	Sem dados	Sondagem	7A
Camada	0	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.6	Larg (cm)	7.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

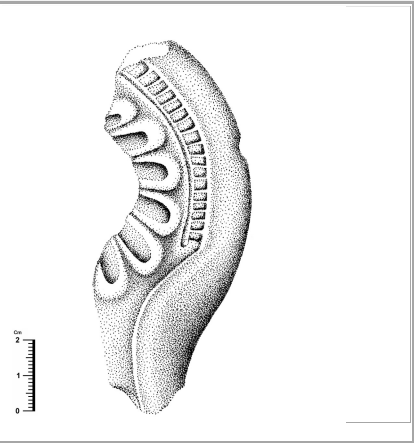
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005:55-67; Fig.4, Nº20
----------------------------	---------------------------------

Paralelos	Bonifay, 2004: 367-68, Fig.206, tipo 50 VIII D1, Nº1
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2006-0069
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Hayes IB (Atlante VIII D1/Bonifay tipo 50)
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	2ª metade do século V/ 1ª metade do século VI
	Produção	Africana	Centro Produtor	El Mahrine
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.060, nº152	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla, do disco, do rostrum e infundibulum. Orla larga, inclinada para o exterior, ornamentada com incisões paralelas de reduzidas dimensões e formato retangular. A transição desta para o disco faz-se mediante uma fina canelura, que se prolonga pelo rostrum. Disco côncavo ornamentado por uma roseta de pétalas côncavas (seis) dispostas a partir do centro.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acróónimo	BRA 92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	45
Camada	Sem dados	Complexo	2	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	11	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	----	-----------	---	----------	---------------

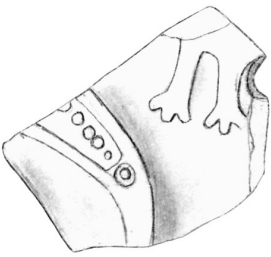
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=983195
----------------------------	---

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 10; Sepúlveda e Sousa, 2000: p.55, Nº 10 (AP/81)
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2359
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Hayes IB (Atlante VIII D1/Bonifay tipo 50)
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	2ª metade do século IV/ inícios do século V d.C.
	Produção	Africana	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.060, nº153	Descrição	Fragmento de lucerna em terra sigillata africana C, constituído por parte da orla e do disco. Orla larga ornamentada com uma fiada de pérolas ou glóbulos em relevo que termina por duas pequenas incisões circulares, separada do disco por uma moldura. Disco decorado com os possíveis membros inferiores de animal indeterminado e parte do orifício de alimentação.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cerca do Seminário de Santiago	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Afonso Henriques, 42-56		
Acrónimio	BRA 98 DAH	Sepultura	Sem dados	Sondagem	422
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	361
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.8	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Cunha et al., 2014:26-27,47, 58, 185; Ribeiro et al., 2014: 493-94, Estampa III, Nº3
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.061, nº154

Instituição	Gabinete de Arqueologia de Vila Nova	Nº inventário	GA-FA07-00137
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Hayes IB (Atlante VIII D4/Bonifay tipo 50)
Império	Baixo-Imperial	Cronologia	2ª metade do século V/ 1ª metade do século VI
Produção	África Proconsular	Centro Produtor	El Mahrine
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	Lucerna de canal em TSA. Orla larga e inclinada para o interior, separada do disco por uma decoração esteliforme (medalhão octogonal em relevo), que se prolonga em canal para o rostrum. Asa elevada, não perfurada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinalmente. Disco côncavo com presença de orifício de alimentação centrado. Parte do rostrum redondo fraturado que conserva metade do orifício de iluminação. Ostenta sinais evidentes de utilização. Fundo circunscrito por uma fina canelura aberta para a asa. Pasta de cor alaranjada clara, depurada, com vestígios de engobe da mesma cor.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Delães, Vila Nova de Famalicão		
Lugar	Perrelos	Sítio/intervenção arq.	Rua São João de Perrelos		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9.4	Larg (cm)	7.6	Alt (cm)	3,4
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada no rostrum
-------------	-----	-------------	------------------------

Referências bibliográficas	Silva, 2007: Nº75
----------------------------	-------------------

Paralelos	Bonifay, 2004:367-68, fig.206, tipo 50 VIII D4, Nº9; Serrano, 2011:148, Nº33
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Não se aplica	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Hayes IB, atípica (Atlante VIII C1a,
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Finais do séc. IV/inícios do século V?
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Estampa	Est.062, nº155	Descrição	Lucerna completa em TSA. Orla larga e ligeiramente inclinada para o interior, ornamentada com uma fila de pérolas ou glóbulos em relevo. A separação desta para o disco, faz-se mediante uma grossa moldura que se prolonga até ao orifício de iluminação. Disco côncavo, decorado com a figura de Pégaso em relevo e movimento para a direita. Asa elevada e perfurada. Fundo plano assente numa tênue moldura. Pasta fina, depurada, de cor castanho-escura. Embora o fabrico não seja de cor avermelhada, como é característica das produções africanas, Bailey (1988: 447; Q3509, plate 141, fig.158) refere um exemplar afim de cor acastanhada, possivelmente proveniente de El Djem, centro produtor de terra sigillata e lucernas, situado na Tunísia.
---------	----------------	-----------	--

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Vila da Ponte, Montalegre		
Lugar	Ladrugães	Sítio/intervenção arq.	Castro de Valongo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	11.2	Larg (cm)	7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	------	-----------	---	----------	---------------

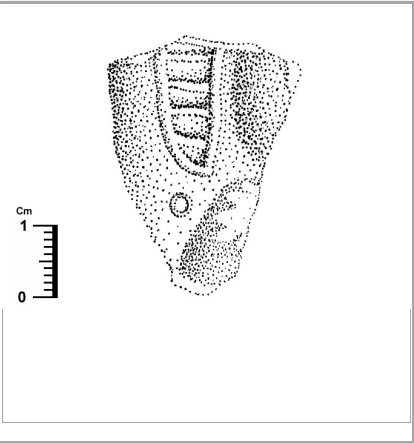
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Bailey, 1988: 447, pl.141, fig.158, Q 3509; Bonifay, 2004:360, 364, fig.204, tipo 46, VIII C1a, Nº3
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna tardo-antiga de origem africana ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2001-1356 TipologiaIndeterminada CronologiaSéculo IV/V d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.062, nº156	Descrição Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla estreita e inclinada para o exterior, ornamentada com traços dispostos na horizontal, delimitados por duas caneluras, que terminam junto ao rostrum por duas pequenas incisões circulares. Disco côncavo, muito fragmentado. Rostrum com início de decoração indeterminada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro

AcrónimobRA 92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	60	
Camada	Sem dados	Complexo	3	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

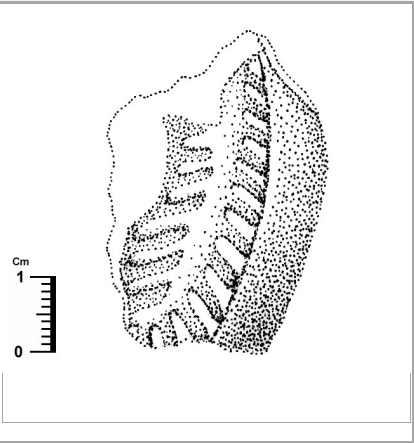
Referências bibliográficas

Morais, 2005:55-67; Fig.4, Nº23

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna tardo-antiga de origem africana ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2001-1355 TipologiaIndeterminada CronologiaSéculo IV/V d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.062, nº157	Descrição Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla, estreita e inclinada para o exterior, decorada com uma folha de palma em relevo, disposta de forma oblíqua.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H12
Camada	Sem dados	Complexo	145	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.3	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

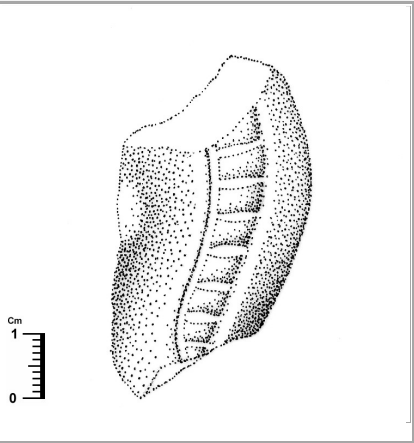
Referências bibliográficas

Morais, 2005:55-67; Fig.4, Nº24

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1354
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.062, nº158	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, decorada com incisões paralelas delimitadas por duas finas caneluras. Disco côncavo, muito fragmentado, com início de decoração indeterminada.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	J14
Camada	Sem dados	Complexo	0	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.6	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005:55-67; Fig.4, Nº22
----------------------------	---------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Classificação Lucerna Série Lucerna tardo-antiga de origem africana Império Baixo-Imperial Produção África Proconsular Matéria Cerâmica	Nº inventário 1991-2358 Tipologia Indeterminada Cronologia Século IV/V d.C. Centro Produtor Indeterminado Técnica fabrico Molde
Estampa	Est.063, nº159	Descrição Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla, muito fragmentada, ornamentada com uma folha de palma em relevo, disposta de forma oblíqua.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

Cidade, Braga

Lugar

Colina da Cidade

Sítio/intervenção arq.

Termas

Acrónimodiv>BRA 77 B

Sepultura

Sem dados

Sondagem

10B

Camada

Sem dados

Complexo

Sem dados

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

2.8

Larg (cm)

1.7

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1594
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.063, nº160	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada com duas folhas de palma em relevo, dispostas de forma oblíqua.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX X	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

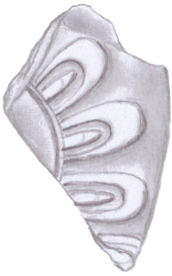
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna tardo-antiga de origem africana ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2015-1027 TipologiaIndeterminada CronologiaSéculo IV/V d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
Estampa	Est.063, nº161	Descrição Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, decorada com uma quatro óvalos dispostos simetricamente. A transição desta para o disco faz-se mediante uma fina canelura. Disco côncavo muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro

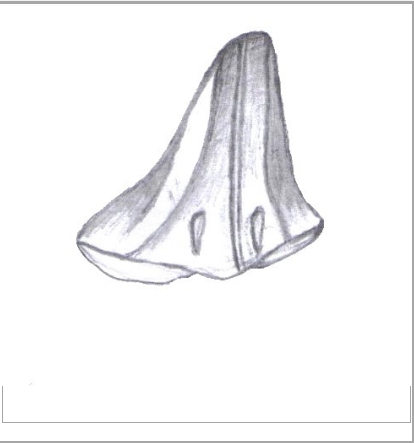
Acrónimo	BRA 00 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	207
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	533
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	3.7	Larg (cm)	2.3	Alt (cm)	Indeterminada

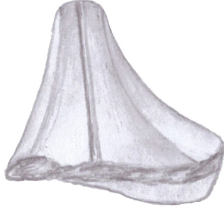
Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

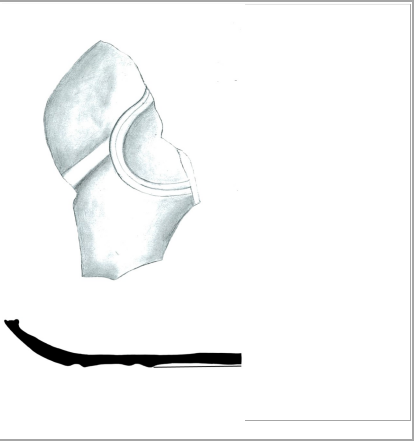
Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1031
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
		Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
		Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa	Est.063, nº162	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da asa elevada e não perfurada, circunscrita por uma fina canelura disposta longitudinalmente. De ambos os lados desta, desenvolvem-se duas incisões de pequenas dimensões e de formato oval.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Sé Catedral	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Paio Mendes		
Acrónimo	BRA 98 SÉ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	V 116
Camada	Sem dados	Complexo	8	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	2.4	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1026
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
		Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
		Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.063, nº163	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da asa elevada e não perfurada, circunscrita por uma fina canelura disposta longitudinalmente.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acróimo	BRA 03 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	503
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.064, nº164

Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-0221
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição

Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte do infundibulum e fundo côncavo, circunscrito por uma canelura e assente numa moldura concêntrica, que se prolongam paralelamente até à asa. Do lado esquerdo do infundibulum denota-se a presença de um elemento de formato retangular em relevo, não identificável.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA 96 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	J2
Camada	Sem dados	Complexo	867	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10.2	Larg (cm)	5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	------	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-0215
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.064, nº165	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da parede do infundibulum e fundo côncavo, que assenta numa moldura, circunscrita por uma canelura concêntrica.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 78 C	Sepultura	Sem dados	Sondagem	1A
Camada	S/E	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

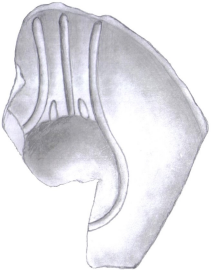
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2003-1093
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.065, nº166	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte do infundibulum e fundo côncavo, circunscrito por uma canelura que se prolonga de ambos os lados até à asa. Entre estas duas, dispõe-se uma terceira canelura e duas pequenas incisões paralelas de formato oval.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acróimo	BRA 95 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	504
Camada	Sem dados	Complexo	12	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	8	Larg (cm)	6.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

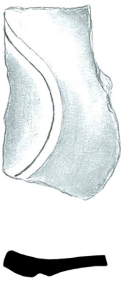
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 EstampaEst.065, nº167		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna tardo-antiga de origem africana ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoÁfrica Proconsular MatériaCerâmica	Nº inventário2015-1040 TipologiaIndeterminada CronologiaSéculo IV/V d.C. Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde
		Descrição Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte do infundibulum e fundo côncavo, assente numa moldura e circunscrito por uma canelura, prolongando-se ambas paralelamente até a área da asa.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA 88 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	27
Camada	Sem dados	Complexo	0	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1039
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.065, nº168	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte do infundibulum e fundo circunscrito por uma canelura, assente numa moldura, seguida novamente de uma canelura.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimio	BRA 85 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X156 Y136
Camada	Sem dados	Complexo	2414	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	3
-----------	--	-----------	--	----------	---

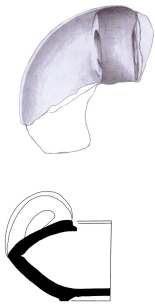
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-0420
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.066, nº169	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica constituído por asa, parte superior da lucerna, parede do infundibulum e fundo. Asa plana e perfurada. Parte superior convexa e circular. Infundibulum e fundo ligeiramente côncavo, assente numa moldura. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimio	BRA 98 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H19,20,21,22
Camada	Sem dados	Complexo	207	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.5	Larg (cm)	6.4	Alt (cm)	3,8
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0181
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.066, nº170	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT, de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído pela parte superior, rostrum e parede do infundibulum. Disco convexo e circular. Rostrum ligeiramente levantado e arredondado que conserva parte do orifício de iluminação central com evidentes sinais de utilização. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acróimo	BRA 98 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	K20,21,22,23
Camada	Sem dados	Complexo	30	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Nº inventário 2016-0142
		Classificação Lucerna
		Série Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico Tipologia TSHT 50
		Império Baixo-Imperial Cronologia Século IV/1ª metade do século V d.C.
		Produção Terra Sigillata Hispânica Tardia Centro Produtor Trício
		Matéria Cerâmica Técnica fabrico Torno
Estampa Est.067, nº171	Descrição Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por asa, parte da orla, disco e parede do infundibulum. Asa de fita, plana e perfurada. Orla e disco convexos, onde se conserva parte do orifício de alimentação central. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

Sé, Braga

Lugar

Carvalheiras

Sítio/intervenção arq.

Rua do Matadouro

Acrónimo

BRA 92 CARV

Sepultura

Sem dados

Sondagem

58

Camada

Sem dados

Complexo

30

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

3

Larg (cm)

7,5

Alt (cm)

1,8

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11, Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4;

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1055
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.067, nº172	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocônica, constituído por parte do disco e do rostrum e da parede do infundibulum. Disco convexo e circular que conserva parte do orifício de alimentação central. Rostrum ligeiramente levantado e arredondado que conserva parte do orifício de iluminação central com evidentes sinais de utilização. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acrónimo	BRA 08 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PIN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1868
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

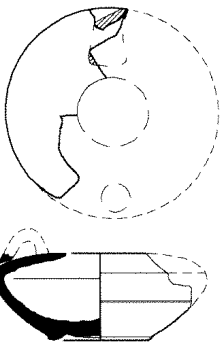
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1584
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.068, nº173	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por parte do arranque da asa, da parede do infundibulum e do disco. Asa plana e perfurada. Disco convexo e circular, que conserva parte do orifício de alimentação central. Fundo ligeiramente côncavo assente numa moldura definida por uma canelura concêntrica. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA 78 P	Sepultura	Sem dados	Sondagem	B1
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	7	Larg (cm)	2,7	Alt (cm)	3,2
-----------	---	-----------	-----	----------	-----

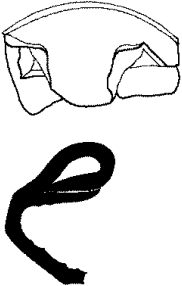
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2010:437-461; Nº35
----------------------------	----------------------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lám. 7, Nº4
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2348
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.068, nº176	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT, de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por parte do arranque da asa e da parede do infundibulum. Asa plana e perfurada. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H12
Camada	Sem dados	Complexo	51	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	6	Alt (cm)	5
-----------	--	-----------	---	----------	---

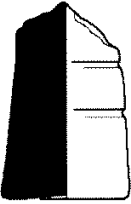
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Morais, 2010:437-461; Nº37
----------------------------	----------------------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1999-0357
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.068, nº177	Descrição	Fragmento de pé alto de lucerna em TSHT. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, sem vestígios de engobe.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cerca do Seminário de Santiago	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Afonso Henriques		
Acrónimo	BRA 96 SST	Sepultura	Sem dados	Sondagem	K20
Camada	Sem dados	Complexo	35	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	4.2	Alt (cm)	7,8
-----------	--	-----------	-----	----------	-----

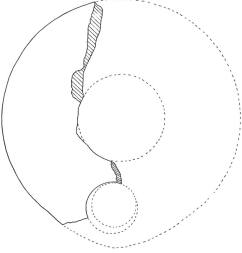
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

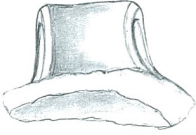
Referências bibliográficas	Morais, 2010:437-461; Nº39
----------------------------	----------------------------

Paralelos	Sepúlveda e Sousa, 2000:53-54, Nº9 (QP/84)
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico ImpérioBaixo-Imperial ProduçãoTerra Sigillata Hispânica Tardia MatériaCerâmica	Nº inventário1991-1635 TipologiaTSHT 50 CronologiaSéculo IV/1ª metade do século V d.C. Centro ProdutorTrício Técnica fabricoTorno			
Estampa	Est.069, nº178	Descrição Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por parte do disco, da parede do infundibulum e do rostrum. Disco convexo e circular que conserva parte do orifício de alimentação central. Rostrum ligeiramente levantado, com parte do orifício de iluminação central. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.				
Marcas, inscrições e grafitos						
Marca de oleiro documentada		Não apresenta				
Oleiro		Não apresenta				
Símbolos anepígrafos		Não apresenta				
Letras isoladas		Não apresenta				
Grafitos		Não apresenta				
Proveniência						
Distrito		Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar		Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo		BRA 79 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	2
Camada		Sem dados	Complexo	212	UE	Sem dados
Corte estratigráfico		Sem dados				
Dimensões						
Comp (cm)		8.3	Larg (cm)	3	Alt (cm)	2,8
Estado de conservação						
Conservação		Razoável		Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas		Sem referências				
Paralelos		Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDSNº inventário2002-2229 ClassificaçãoLucerna SérieLucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânicoTipologiaTSHT 50 ImpérioBaixo-ImperialCronologiaSéculo IV/1ª metade do século V d.C. ProduçãoTerra Sigillata Hispânica TardiaCentro ProdutorTrício MatériaCerâmicaTécnica fabricoTorno
EstampaEst.069, nº179	Descrição Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por asa e arranque da parede do infundibulum. Asa elevada e perfurada decorada com duas molduras de ambos os lados, dispostas longitudinalmente.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência	
DistritoBraga	Freg + MunicípioMaximinos, Braga
LugarMaximinos	Sítio/intervenção arq.Sem dados

AcrónimoBRA MAX	SepulturaSem dados	SondagemX
CamadaSem dados	ComplexoSem dados	UESem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	

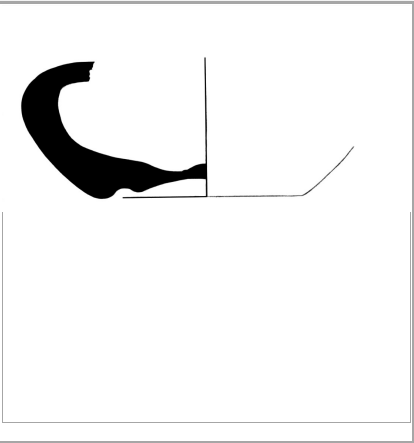
Dimensões		
Comp (cm)2.3	Larg (cm)3.8	Alt (cm)Indeterminada

Estado de conservação	
ConservaçãoRazoável	ObservaçõesMuito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-1325
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.070, nº180	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocônica, constituído por parte do arranque da asa e da parede do infundibulum. Fundo côncavo que assenta numa moldura definida por uma canelura concêntrica. Pasta de cor alaranjada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	58
Camada	Sem dados	Complexo	36	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	5	Alt (cm)	3,5
-----------	--	-----------	---	----------	-----

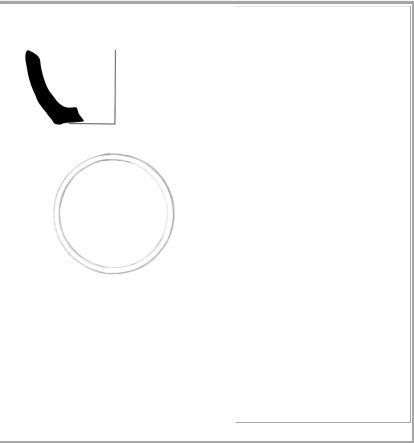
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LabCR FLUP	Nº inventário	HistPP15 D4/E4/D5/E5 [0
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa	Est.070, nº181	Descrição	Fragmento de lucerna em terra sigillata hispânica tardia da forma 50 constituído por parte da parede do infundibulum e do fundo ligeiramente côncavo e assente numa coroa circular. Pasta rosada, grossa, dura e bem depurada, coberta com engobe vermelho-alaranjado, brilhante, denso e bem conservado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Picote, Miranda do Douro		
Lugar	Picote	Sítio/intervenção arq.	Povoado Proto-Histórico e Romano		
Acrónimo	HISTPP15	Sepultura	Sem dados	Sondagem	D4-D5/E4-E5
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	96
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	4	Alt (cm)	2,5
-----------	--	-----------	---	----------	-----

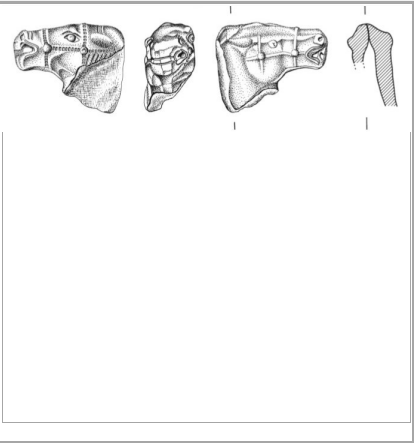
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1998-1520
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna vidrada	Tipologia	Loeschcke III
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.071, nº182	Descrição	"Fragmento vidrado em forma de cabeça de cavalo correspondente à parte superior que remata uma das volutas e que servia de apêndice a uma lucerna bilychne do tipo Loeschcke III" (Morais, 2005: I, 359, Nº277; II 455, Nº277).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónim	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	183
Camada	Sem dados	Complexo	40	UE	130
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	4.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

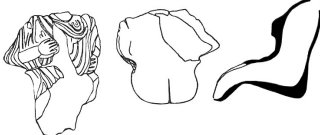
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Morais, 1997-98: 166, 169: Est.I; Moraes, 2005: I, 359, Nº277; II 455, Nº277; Torres et al., 2014:349-360, tab.1 e 2; fig.6, Nº6.13
----------------------------	---

Paralelos	Morais, 1997-98: 167: Est.II; Rodríguez Martín, 2005:20,193, fig.3,Nº20
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2008/004847
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna plástica	Tipologia	Plástica
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.071, nº183	Descrição	Lucerna de tipo indeterminado que se caracteriza pela representação de uma figura feminina, com manto, que deixa as costas e as nádegas nuas (Soeiro, 1984: 203, fig. XCIV.18). Está muito fragmentada, faltando-lhe a cabeça e o pescoço, bem como o seio esquerdo, os joelhos e os pés, servindo estes últimos muito possivelmente de rostrum. As mãos apertam-se contra o peito. O manto, desenhado por incisões bastante inseguras, de traçado com recordação helenística, só se vê na parte da frente. Na parte de trás, a figura mostra as costas e as nádegas nuas e aplanadas, permitindo que fosse colocada na posição de sentada. Falta-nos a cabeça que conteria, talvez, o critério mais seguro para a sua identificação, bem como a zona dos pés. Segundo Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1977: 18), poderá tratar-se da representação da deusa Cybele.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acróimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	V
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	8,4
-----------	--	-----------	-----	----------	-----

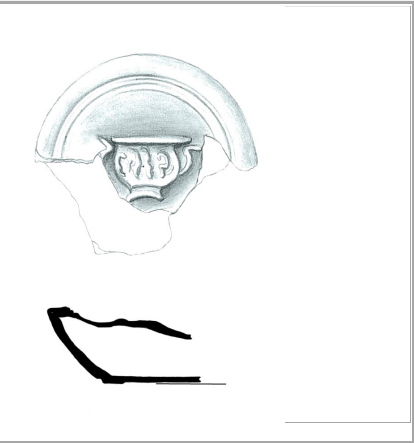
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------

Referências bibliográficas	Almeida, 1977: 18; 33, Est.XVIII, nº1, 2 e 3; Soeiro, 1984:203, Est. XCIV.18
----------------------------	--

Paralelos	PILO, 2014: 173-181
-----------	---------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Arquivo Municipal de Chaves	Nº inventário	757023
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.072, nº184	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla larga e inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com um Krâter ao centro e em relevo. Presença de parte do orifício de alimentação. Pasta medianamente dura, rosada e com restos de engobe castanho escuro.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Chaves, Santa Maria Maior		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	7
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	757
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.6	Larg (cm)	6.3	Alt (cm)	2,1
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

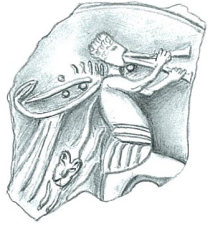
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada na orla, no disco e no rostrum
-------------	----------	-------------	--

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:61-73; 159-166; 255
----------------------------	---

Paralelos	Caetano, 1993:fig.7, est.III, nº85.
-----------	-------------------------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Arquivo Municipal de Chaves	Nº inventário	10110009
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.072, nº185	Descrição	Fragmento de disco de lucerna de tipo indeterminado que conserva parte da canelura que fazia a transição entre este e a orla. Está decorado com a figura de Eros de perfil para a direita e em movimento, com a perna esquerda avançada e a direita recuada. Segura com as duas mãos uma gaita de foles (tibia utricularis). Atrás deste vê-se toda a indumentária que acompanha este instrumento musical, podendo figurar a cabeça estilizada de uma pantera.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1011
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:89-101; 178-186; 264
----------------------------	--

Paralelos	Bailey, 1988: 9, fig.13, pl.64, Q 2432
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	Arquivo Municipal de Chaves	Nº inventário	1087008
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
		Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.072, nº186	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o interior, muito fragmentada, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo ornamentado com uma figura feminina de perfil à esquerda, com o braço direito levantado e o esquerdo atrás das costas. Poderá tratar-se da imagem de uma Vitória.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Vial Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1087
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	5.2	Larg (cm)	3.2	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Muito Fragmentada	
Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:89-101; 178-186; 267, fig.333				
Paralelos	Perlzweig, 1961:75, Pl. 2, nº2945				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	Alv. 98 B3, A2, op. 43
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.073, nº187	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita, separada do disco por duas caneluras. Disco muito fragmentado com eventual representação moldada de Hércules (?). "Infelizmente a qualidade da modelagem e o facto de se conservar apenas um terço do disco não permite com segurança identificar os atributos iconográficos da personagem representada. Pasta de qualidade média, pouco depurada com abundantes elementos não-plásticos na ordem de 15%, compostos por quartzo, quartzitos, feldspato de calibre médio/baixo com distribuição uniforme e mica de cor acastanhada com minerais ferruginosos. O engobe é espesso e aderente de cor castanho-avermelhado e encontra-se mal conservado" (Moreira, 2009: 727-728; 735, Nº3, Estampa CXLV, Nº3).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa		
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá		
Acrónimo	Alv.98	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Pública e Área Hab	UE	1
Corte estratigráfico	3				

Dimensões

Comp (cm)	6.4	Larg (cm)	2.6	Alt (cm)	1,4
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Moreira, 2009: 727-728; 735, Nº3, Estampa CXLV, Nº3
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MDDS Nº inventário 2016-0166
		Classificação Lucerna
		Série Lucerna indeterminada Tipologia Indeterminada
		Império Alto-Imperial Cronologia Indeterminada
		Produção Indeterminada Centro Produtor Indeterminado
		Matéria Cerâmica Técnica fabrico Molde
Estampa Est.073, nº188	Descrição Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por asa, parte da orla, do disco e do infundibulum. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com o rosto alado de Eros que olha em frente, conservando-se apenas a parte superior da asa esquerda.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)

Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 I
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2730
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	4	Larg (cm)	3.9	Alt (cm)	2

Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição LNEG	Nº inventário Sem número
		Classificação Lucerna	
		Série Lucerna indeterminada	Tipologia Indeterminada
		Império Alto-Imperial	Cronologia Indeterminada
		Produção Itália	Centro Produtor Indeterminado
		Matéria Cerâmica	Técnica fabrico Molde
Estampa Est.074, nº189	Descrição Lucerna incompleta de tipo indeterminado, constituída por parte da orla, da sa e do infundibulum. Asa elevada e perfurada. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo decorado com um galo voltado para a direita com uma das patas levantada a segurar uma palma. Pasta muito depurada de cor bege-esbranquiçada (5A 2), de má cozedura. Superfície com vestígios de uma aguada alaranjada.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acróimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.5	Larg (cm)	6.2	Alt (cm)	2
-----------	-----	-----------	-----	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas

Castro, 1960:281; 286-87, Est. I (corte 4) e Est. II (4); Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 203 (nº3.8), 231, fig.25 (nº3.8)

Paralelos

Ponsich, 1961:58, fig.18, nº135; p.90, nº135; pl. XIII,135; Deneauve, 1969: vol.I: 119, Nº360; p.176, Nº779; vol.II: pl.XLI, Nº360; pl.LXXIII, Nº779; Genover e Fusté, 2006: 132, fig.65, E799

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-6]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	c. 40/80 d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.075, nº190	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por asa, parte da orla e disco. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntrica. No disco, côncavo, a representação das patas traseiras de um leão que, caso a forma estivesse completa, estaria a atacar um cervo. A presa encontrar-se-ia sentada à direita, tendo a pata traseira esticada para trás; o leão ataca por trás. Pasta de cor rosada, bem depurada, com a presença de vestígios de engobe de tonalidade avermelhada.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Sondagem	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	4	Larg (cm)	2.3
Alt (cm)	Indeterminada		

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Muito fragmentada; engobe destacado

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Bonnet, 1984:70, fig.17,nº10; Morais, 2005: I, 327, Nº49; II, 394, Nº49

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Vila Nova	Nº inventário	LVL/04-M sup
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto-Tibério
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.075, nº191	Descrição	Fragmento de disco de reduzidas dimensões decorado com um canídeo em relevo e em movimento para a esquerda. Pasta muito fina, depurada, de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Viana do Castelo	Freg + Município	Lovelhe, Vila Nova de Cerveira		
Lugar	Forte de São Francisco de Lovelhe	Sítio/intervenção arq.	Rua do Forte		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Recolha de superfície
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

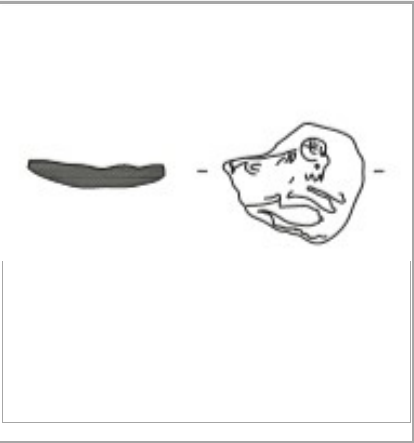
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Almeida CAB e Ramalho, 2015:157, Fig.146.2
----------------------------	--

Paralelos	Morillo Cerdán, 1999: I 191, Nº41(fig.139); II Nº41 (fig.139)
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	Alv. 92 A, lg. 4222
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Indeterminada	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.075, nº192	Descrição	Fragmento de disco que possui a representação de um carneiro voltado para a direita. "Pasta muito depurada de tonalidade bege-amarelada, com uma reduzida percentagem de elementos não-plásticos, quase exclusivamente constituídos por mica. O engobe, de boa qualidade e bem aderido, apresenta uma cor castanho-avermelhado e encontra-se muito bem conservado" (Moreira, 2009: 727; 733, 737, Nº21, Estampa CXLVII, Nº21).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá
Acrónimo	Alv.92	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Habitacional Sude
Corte estratigráfico	13	Sondagem	Sem dados
		UE	3

Dimensões			
Comp (cm)	2.8	Larg (cm)	3.4
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Mau
Observações	Muito fragmentada

Referências bibliográficas	Moreira, 2009: 727; 733, 737, Nº21, Estampa CXLVII, Nº21
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0164
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.076, nº193	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e levemente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo no qual se vê, à esquerda, o penacho de gladiador Trácio ou Mirmidão e à direita um elemento não identificado. Presença de metal incrustado na parte superior da orla.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Túnel da Av. Liberdade (Necrópole da Via XVII)
Acrónimo	BRA 09 TAVL	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	12 B
		UE	1722

Dimensões			
Comp (cm)	6.8	Larg (cm)	7.5
		Alt (cm)	Indeterminada

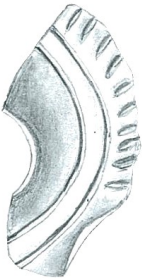
Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Bastante fraturada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Morais, 2005: I 338, Nº121; II 418, Nº121

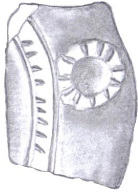
Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0361
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
		Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.076, nº194	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla muito fragmentada, separada do disco por uma moldura. Disco côncavo decorado com a parte superior de um gladiador que usa elmo, encontrando-se de perfil para a direita.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 08 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	506
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	1.8	Larg (cm)	2.3	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado		
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1033
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
		Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.076, nº195	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, decorada com pequenas incisões paralelas, separada do disco por duas caneluras e uma grossa moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, que conserva parte do orifício de alimentação central.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	71
Camada	Sem dados	Complexo	4	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1021
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.076, nº196	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e ampla, decorada com uma coroa de louro. A transição entre esta e o disco faz-se mediante duas caneluras e uma grossa moldura, que se encontra decorada com pequenas incisões paralelas. Disco côncavo, muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos			
Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro

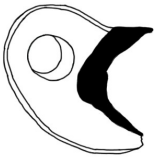
Acrónimo	BRA 92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	58
Camada	Sem dados	Complexo	12	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	2.3	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação			
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Morillo Cerdán, 1999: I 269, Nº243 (fig.161); II fig.161, Nº243

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.077, nº197

[La-11]

Lucerna

Indeterminada

Indeterminada

Indeterminado

Molde

Fragmento de lucerna de tipo indeterminado, constituindo pela asa, parte da orla e do disco. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras longitudinais que formam uma moldura. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do dico por duas caneluras e uma moldura. Disco côncavo com presença de decoração indeterminada. Fundo plano, circunscrito por uma fina canelura. Pasta bem depurada de cor bege-esbranquiçada, com presença de elementos não plásticos de reduzida dimensão e distribuição uniforme. Superfície com aguada de tonalidade bege-amarelada.

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Guifões, Matosinhos

Rua Ponte de Guifões

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Dimensões

Indeterminada

Estado de conservação

Muito fragmentada; pasta desagregada

Sem referências

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0151
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.077, nº198	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo ornamentado com motivo indeterminado, dado o excessivo estado de fragmentação.	

Marcas, inscrições e grafitos			
Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga
Lugar	Largo da Estação	Sítio/intervenção arq.	Estação Caminhos de Ferro

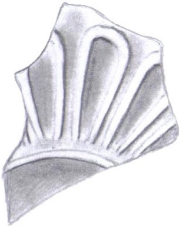
Acróónimo	BRA 03 ECF	Sepultura	Sem dados	Sondagem	12
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	7
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	2.2	Larg (cm)	4.2	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação				
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	

Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1053
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.077, nº199	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o interior, decorada com uma roseta de gomos côncavos e simétricos, dispostos a partir do centro. A separação desta e do disco faz-se mediante uma moldura e uma canelura concêntricas.	

Marcas, inscrições e grafitos			
Marca de oleiro documentada	Não apresenta		
Oleiro	Não apresenta		
Símbolos anepígrafos	Não apresenta		
Letras isoladas	Não apresenta		
Grafitos	Não apresenta		

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro

Acrónimo	BRA 06 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	833
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	3.2	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação				
Conservação	Bom	Observações	Fragmentada	

Referências bibliográficas	Sem referências
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0180
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.077, nº200	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, decorada com uma fiada de círculos concêntricos de reduzidas dimensões. A transição desta para o disco, faz-se mediante uma fina canelura. Disco côncavo muito fragmentado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acrónimo	BRA 82 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q8
Camada	Sem dados	Complexo	333	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.8	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

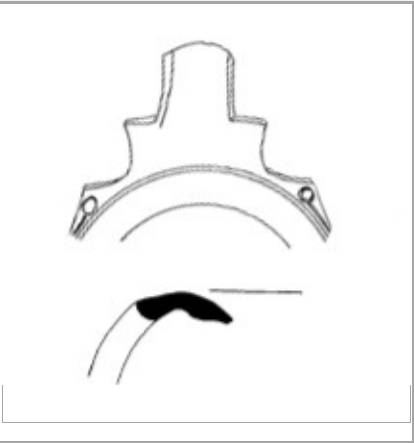
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13128
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
		Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde		
Estampa	Est.078, nº201	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituída pelo arranque da asa, parcialmente fraturada e com presença de duas saliência de formato quadrangular de ambos os lados. Presença de parte da orla ornamentada com um traço inciso que termina num círculo de ambos os lados.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M97	Sepultura	Sem dados	Sondagem	I (BURACO)
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	3.7	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Bastante fragmentada	
Referências bibliográficas	Soeiro, 2000-2001:111, fig.13,8				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Centro Interpretativo de Esposende	Nº inventário	C.S.L.86.S.
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.078, nº202	Descrição	Fragmento de arranque de asa, elevada e perfurada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinal. Pasta muito bem depurada de cor bege-acinzentada com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Superfície com vestígios de engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Vila Chã, Esposende		
Lugar	Castro de São Lourenço	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Lourenço		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)		Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	--	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Almeida CAB, 1988: 90; 105; 2006: 90; Carvalho, 2008: II, 38
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LabCR FLUP	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.078, nº203	Descrição	Fragmento de lucerna em terra sigillata itálica, constituída por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura. Disco côncavo, com decoração indeterminada, dado o estado de fragmentação da peça.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Sé, Porto		
Lugar	Centro Histórico do Porto	Sítio/intervenção arq.	Rua do Infante		
Acrónimo	INF9.09	Sepultura	Sem dados	Sondagem	16
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1609
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.5	Larg (cm)	2.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

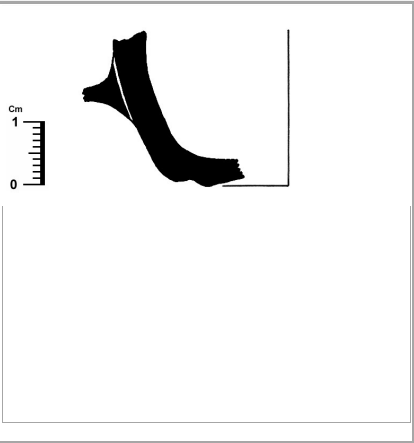
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.078, nº204

MDDS

1991-1612

Lucerna

Lucerna indeterminada

Indeterminada

Alto-Imperial

Indeterminada

Hispanica

Indeterminado

Cerâmica

Molde

"Fragmento de lucerna indeterminada. Parte inferior do infundibulum e arranque inferior de asa" (Morais, 2005: I 359, Nº280; II 456, Nº280).

Marcas, inscrições e grafitos

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

BRAGA

BRAGA (CIVIDADE) (BRAGA)

Colina da Cividade

Sem dados

BRA77 L

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Dimensões

Alt (cm)

2,5

Estado de conservação

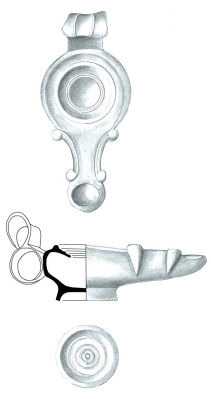
Razoável

Fragmentada

Morais, 2005: I 359, Nº280; II 456, Nº280

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete da Estação Arqueológica do F	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Volutas estreitas e alongadas
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição indeterminada
Estampa	Est.079, nº205	Descrição	Lucerna completa em bronze do tipo de volutas estreitas e alongadas. Asa de grandes dimensões, elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma saliente moldura. Disco côncavo ocupado quase na totalidade pelo orifício de alimentação. Rostrum alongado, com presença de duas volutas bastante salientes, arredondado na extremidade. Base assente em pé alto, demarcado por uma grossa moldura, seguindo-se de três de menores proporções.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Freixo, Marco de Canaveses		
Lugar	Freixo	Sítio/intervenção arq.	Estação Arqueológica do Freixo (Tongobriga)		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	12	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	3,5
-----------	----	-----------	-----	----------	-----

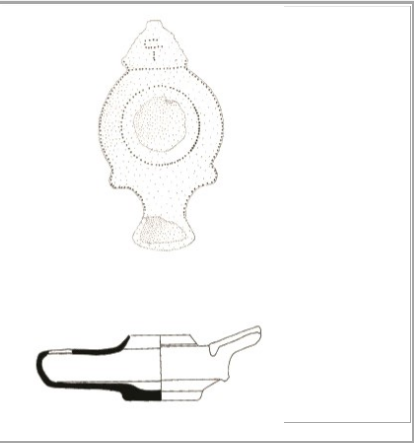
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Valenza Mele, 1983:33-34, Nª48; Fig.48-48a; Bailey, 1996: 25-28, pl.28, Q 3625
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	Alv. 94 A, op. 107
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke XIX
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I/ inícios do século II d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição indeterminada
Estampa	Est.080, nº206	Descrição	"Disco circular sobrelevado com orifício de alimentação de recorte irregular, sem canal. Volutas estilizadas demarcando e estrangulando o bico, que remata com um orifício oval que se encontra ligeiramente fragmentado. Fundo discóidal, plano, formado por um falso pé. A decoração é formada por motivos geométricos muito simples, constituída por um círculo concêntrico de pontos incisos no disco e pela mesma composição em toda a orla. A asa é uma pegadeira simples, com nervura central na face anterior" (Moreira, 2009:737, Nº17; 945, Estampa CCII, Nº8).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá
Acrónimo	Alv.94	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Habitacional Sude
Corte estratigráfico	9	Sondagem	Sem dados
		UE	2

Dimensões			
Comp (cm)	11.1	Larg (cm)	6.1
		Alt (cm)	3,2

Estado de conservação	
Conservação	Bom
Observações	Rostrum ligeiramente fragmentado

Referências bibliográficas	Moreira, 2007, MMAP n.º 245 (1), 133; 2009:737, Nº17; 945, Estampa CCII, Nº8
Paralelos	Valenza Mele, 1983:47-50, Nº84; Fig.84-84a

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Nacional de Arqueologia	Nº inventário	BSA 987.57.1
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke XIX
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I/ inícios do século II d.C.
	Produção	Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição indeterminada
Estampa	Est.081, nº207	Descrição	Lucerna completa em bronze do tipo Loeschcke XIX. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por quatro molduras. Disco côncavo, ocupado quase na totalidade pelo orifício de alimentação. Rostrum alongado com presença de duas volutas, de extremidades triangulares. Presença de orifício de iluminação centrado e de grandes dimensões, com poucos sinais de utilização. Não possui asa e o seu estado de conservação não permite dizer com segurança se a teve inicialmente.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Torre de Moncorvo		
Lugar	Torre de Moncorvo	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	12.2	Larg (cm)	4	Alt (cm)	4,5
-----------	------	-----------	---	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Catálogo da exposição do MNA; 1995:192, Nº416; http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=115109
----------------------------	--

Paralelos	Loeschcke, 1919:322, 453, nº1054, est. II, XXI; Valenza Mele, 1983:47-50; 75, Nº185, Fig.185-185a; Spagnolis e Carolis, 1988:102, nº48; Bailey, 1996: 24-25; pl.26,56,186, Q 3617
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	ALV.97 B2,A2,op.50
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de corpo piriforme	Tipologia	Loeschcke XX
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I/1ª metade do século II d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição indeterminada
Estampa	Est.082, nº208	Descrição	"Lucerna com pega representando a cabeça de um cavalo. Disco oval, rebaixado por orla de secção retangular, marcado por volutas estilizadas e bico semicircular. O orifício de alimentação é recortado e possui uma configuração cordiforme. Orifício de iluminação circular perfeitamente centrado no bico. O assentamento é feito a partir de um pé circular soldado ao infundibulum, de secção retangular com base ligeiramente alargada e redobrada para o interior. Na face interna possui um círculo em relevo à volta de um ponto exciso. O remate da asa representa a cabeça de um cavalo de desenho pormenorizado e realista. A crina estilizada é representada por linhas incisas com orientação oblíqua estando todos os pormenores anatómicos da cabeça do cavalo bem representados e devidamente proporcionados"(Moreira, 2009: 736, Nº16; 946-47, Estampa CCIII, Nº10).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Círculo em relevo à volta de um ponto exciso
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá
Acrónimo	Alv.97	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Habitacional Sude
		UE	2
Corte estratigráfico	2		

Dimensões			
Comp (cm)	1.78	Larg (cm)	9.5
		Alt (cm)	5

Estado de conservação	
Conservação	Bom
Observações	Completa

Referências bibliográficas	Moreira, 2007, MMAP n.º 245, 132; 2009: 736, Nº16; 946-47, Estampa CCIII, Nº10
Paralelos	Valenza Mele, 1983:91-95;116 , Nº285; fig.285-285a; Bailey, 1996:12-13, 41, pl.50, 182, Q 3675

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	Alv. 95 B, A4, op. 49
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de corpo piriforme	Tipologia	Loeschcke XX
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I/1ª metade do século II d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição oca
Estampa	Est.082, nº209	Descrição	"Pega de lucerna cujo remate é emoldurado por um florão de três pétalas de onde emerge um prótomo de felino, provavelmente uma pantera. A representação do felino reveste-se de um assinalável realismo, perfeição formal e de proporção assinalável, encontrando-se inclusivamente representados os caninos. A pega de secção circular, maciça, desenvolve um arco semicircular revelando no seu extremo inferior uma alargamento de perfil convexo de adaptação à face anterior de uma lucerna de bronze onde estaria soldada. A moldura a partir da qual se desenvolve a representação felina é formada por um florão composto por quatro folhas que desenham um perfil curvo, compondo um enquadramento à cabeça do animal" (Moreira, 2009: 737, Nº 17 (1); 945-46, Estampa CCII, Nº9).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá
Acrónimo	Alv.95	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Habitacional Sude
Corte estratigráfico	2	Sondagem	Sem dados
		UE	2

Dimensões			
Comp (cm)	7.75	Larg (cm)	1.3
		Alt (cm)	7,6

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Apenas se conserva a asa plástica

Referências bibliográficas	Moreira, 2007, MMAP n.º 245 (2), 133; 2009: 737, Nº 17 (1); 945-46, Estampa CCII, Nº9
Paralelos	Perlzweig, 1961:200, Pl. 48, nº36; Valenza Mele, 1983:91-95; 111, Nº269; fig.269-269a; Spagnolis e Carolis, 1988:164, nº100; Bailey, 1996: pl.37, Q 1966 EA;

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Nacional de Arqueologia	Nº inventário	17.868
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna plástica	Tipologia	Plástica de volutas
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição oca

Estampa	Est.083, nº210	Descrição	"Lucerna em bronze, em forma de cabeça de bacante, ou Baco jovem, envolvido por folhagem. Ao centro da testa, uma excrescência aparenta a estilização de um florão. O tratamento facial está bem idealizado: testa alta, com rugas assinaladas; olhos pequenos, íris representada por um ponto, pálpebras em relevo; sobrancelhas bem marcadas; nariz comprido; boca aberta, envolvida pelo bigode e farta barba, cabelos encaracolados. O bico, executado pelo prolongamento do queixo e pescoço, está separado deste por duas volutas laterais; ao centro, o orifício da mecha, o "rostrum". O orifício de alimentação, posicionado na parte superior da cabeça, é circundado por um pequeno espaldar que teria tido a forma de folha de lótus. No centro da folha, dois orifícios, colocados de um e de outro lado da asa arredondada, que se encontra por detrás, poderiam ajudar à suspensão da lucerna. A peça assenta numa base circular, furada, com um rebordo baixo" (Pinto, 2002:806, nº100: 246;703, Estampa 101; Silva, 2007: N.º74).
---------	----------------	-----------	--

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência					
Distrito	Braga		Freg + Município	Vila Nova de Famalicão	
Lugar	São Cosme do Vale		Sítio/intervenção arq.	Castro da Bóca	
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	13.4	Larg (cm)	5.5	Alt (cm)	6,1

Estado de conservação			
Conservação	Bom	Observações	Asa fragmentada

Referências bibliográficas	Pinto, 2002:806, nº100: 246;703, Estampa 101; Silva, 2007: N.º74; http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=114947&EntSep=3#gotoPositi
Paralelos	Perlzweig, 1963: N.º46; Valenza Mele, 1983: 152-154, fig.361, 361a; Bailey, 1996:12-13,16, pl.15, Q 3577

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu da Região Flaviense	Nº inventário	MRF/NcARQ/551/09
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna plástica	Tipologia	Plástica de volutas
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itália	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição por moldagem
Estampa	Est.084, nº211	Descrição	"Lucerna composta de dois rostra, dita “bilychnis”, decorados com volutas. O reservatório ou infundibulum apresenta uma forma globular com a parte superior totalmente preenchida por um rosto humano definido e em relevo. A fisionomia, fortemente expressiva, está perfeitamente delineada: olhos grandes e salientes, pálpebras e íris assinaladas, nariz direito e boca fechada, de finos lábios. Os cabelos sobrepõem-se à testa e são sugeridos por traços incisos, ondulados e paralelos. A asa, ligeiramente inclinada sobre o corpo da lucerna, apresenta-se tubular e termina por um motivo floriforme, com cinco pétalas de pontas recurvadas; serve, simultaneamente, de orifício de alimentação, o operculum. Uma roseta de quatro pétalas no alto da cabeça, círculos e linhas incisas de ambos os lados completam a decoração da peça. O pé é anelar, plano e sem ornamentação" (Pinto, 2002:70-71, 245; N.º 99, Est.99-100).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Praça da República	Sítio/intervenção arq.	Largo do Pelourinho		
Acróimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	14	Larg (cm)	7	Alt (cm)	6
-----------	----	-----------	---	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Rostra fragmentados; pátina verde-escura
-------------	-----	-------------	--

Referências bibliográficas	Rodríguez Colmenero, 1997:115-116; Catálogo do Museu da Região Flaviense, 1997: 20, Nº6.6; Pinto, 2002:70-71, 245; N.º 99, Est.99-100;
----------------------------	--

Paralelos	Bailey, 1996: 12-13, 16, pl.14, 184, Q 3576
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu do Abade de Baçal	Nº inventário	1387
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna plástica	Tipologia	Plástica
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Bronze	Técnica fabrico	Fundição oca
Estampa	Est.085, nº212	Descrição	"Lucerna em bronze, de base circular em forma de "cabeça de negro", com dois orifício. Destes, um está situado na testa, que seria para introduzir o material de combustão, e outro na boca, por onde saía a chama. Do primeiro orifício sai uma espécie de concha, na horizontal, à moda de penacho que esconde a argola. Tem uma corrente a sair da orelha direita e presume-se que teria outras duas (uma na outra orelha e outra na concha) para suspensão" (Pinto, 2002:68-71, 247-48, N.º 102, Est.103).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Fresulfe, Vinhais		
Lugar	Fresulfe	Sítio/intervenção arq.	Castro de Dine		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10	Larg (cm)	6	Alt (cm)	5
-----------	----	-----------	---	----------	---

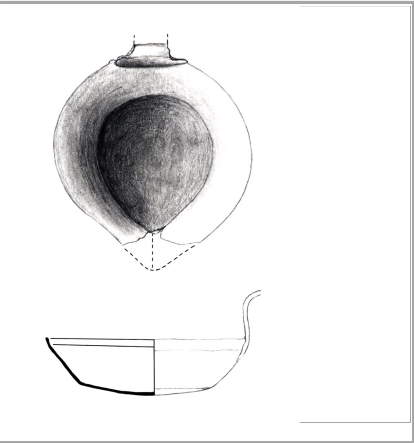
Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Completa
-------------	-----	-------------	----------

Referências bibliográficas	Almeida, 1953:189-90, Nº 229, Est.XLIV; Amaré Tafalla, 1988: 47, fig.37, lam.II,4a,4b; Silva, 1994, Roteiro do MAB: 59; Pinto, 2002:68-71, 247-48, N.º 102, Est.103; Martins, 2008: I, 62, fig.14; http://www.matriznet.dgpc.pt
----------------------------	--

Paralelos	Valenza Mele, 1983: 152-154, fig.361; Bailey, 1996: 12-13, 16, pl.15,182, Q 3580
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDSNº inventário1991-2413 ClassificaçãoSuporte de lucerna de bronze SérieSuporte de lucerna em bronzeTipologiaIndeterminada ImpérioAlto-ImperialCronologiaIndeterminada ProduçãoItáliaCentro ProdutorIndeterminado MatériaBronzeTécnica fabricoFundição indeterminada			
Estampa	Est.086, nº213	Descrição	Suporte de lucerna em bronze que serviu de apoio, eventualmente, a uma lucerna de disco. Além do fundo e infundibulum, apresenta apenas o arranque de asa e o rostrum, que se encontra parcialmente fraturado. Carecemos de dados concretos que auxiliem a sua atribuição a um determinado período cronológico e respetivo local de produção. Contudo, tendo em conta a análise da forma e o contexto em que surgiu, e dá-lo como oriundo de uma oficina itálica.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	BRAGA	Freg + Município	BRAGA (CIVIDADE) (BRAGA)		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA82 DDS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	38	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	6.4	Larg (cm)	6.4	Alt (cm)	1,8
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Fragmentada	
Referências bibliográficas	Lourenço, 2012: 38-39; http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=313106&EntSep=5#gotoPositi				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1994-0899
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna vidrada	Tipologia	Dressel 20
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do século I/1ª metade século II d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.087, nº214	Descrição	"Lucerna vidrada de disco. Corpo circular e baixo. Orla lisa com duas protuberâncias medianamente desenvolvidas, à semelhança das lucernas de canal ou firmalampen, e três ressaltos nos quais o vidrado adquire uma tonalidade escura causada, muito provavelmente, por uma acumulação de revestimento vidrado no momento de fusão nos lugares onde se apoiava o tripóde que separava as peças umas das outras, evitando que aderissem entre si durante o processo da cozedura. Rostrum curto e arredondado, com a parte superior plana, separado do disco por um segmento de reta inciso. A transição para o disco faz-se por duas molduras que definem uma canelura concêntrica. O disco côncavo, com um orifício de alimentação de tamanho médio, inclui a representação de duas serpentes. Asa perfurada. O fundo, que assenta numa base plana, possui a marca CIVNDRAC, na qual a letra N está invertida" (Morais, 2005: I 359, Nº278; II 455, Nº278).	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	CIVNDRAC
Oleiro	C.Iunius Draco
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

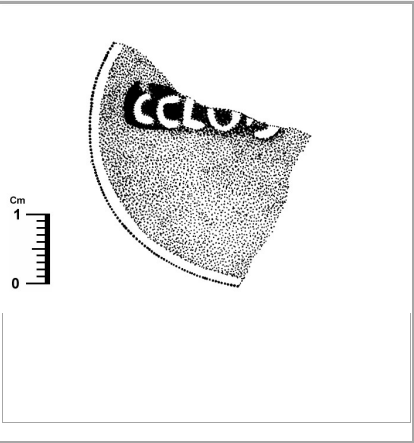
Proveniência			
Distrito	BRAGA	Freg + Município	BRAGA (S. JOSÉ DE S. LÁZARO) (BRAGA)
Lugar	Avenida da Liberdade	Sítio/intervenção arq.	Necrópole da Avenida da Avenida Central
Acrónimo	BRA94 AVC	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Cista
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	11	Larg (cm)	8
		Alt (cm)	3

Estado de conservação	
Conservação	Bom
Observações	Completa

Referências bibliográficas	Morais, 1997-98: 167-69: EST.III; Moraes, 2005: I 359, Nº278; II 455, Nº278; Rodríguez Martín, 2005:44, 112-13, Nº45; Genover e Fusté, 2006: 47, 49-50, fig.19, E715
Paralelos	Bonnet, 1988:97-107

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1542
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.088, nº215	Descrição	"Fragmento de lucerna de volutas. Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca C.CLO.S [VC] incisa, incluída numa cartela retangular de ângulos arredondados, fraturada à direita. Trata-se de Clodius Successus, um prolífero produtor de lucernas itálico que trabalhou durante os Finais do período flávio até os inícios do período antonino (vid.Bailey, 1980:94)" (Morais, 2005: I 363, Nº1; II 459, Nº1)	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	C.CLO.S [VC]
Oleiro	Clodius Successus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados
		Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
		UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados		

Dimensões			
Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	3
		Alt (cm)	Indeterminada

Estado de conservação	
Conservação	Razoável
Observações	Fragmentada

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 363, Nº1; II 459, Nº1
Paralelos	Bonnet, 1988:150-158

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/1993/3065
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 20
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do século I/1ª metade século II d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.088, nº216	Descrição	Lucerna de disco de tipo Dressel 20. Orla ampla e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. A separar a orla do rostrum redondo, encontra-se um segmento de reta que termina num círculo inciso de ambos os lados. Presença de orifício de iluminação com sinais de utilização. Infundibulum com presença de resíduos. Base plana circunscrita por uma canelura com presença da marca C.OPPI.RES do oleiro Caius Oppius Restitutos, "um dos mais divulgados nas províncias ocidentais particularmente em África e na Península Ibérica, sendo também conhecidas na Campânia grande número de produções suas. Trabalhou no último quartel do século I e na primeira metade do século II d.C., e certamente teria oficinas em varos locais, com mais incidência na área mediterrânica" (Soeiro, 1984:295, Fig. CXLI.8). Pasta bege, coberta por engobe de cor acastanhado.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	C-OPPI-RES
Oleiro	CAIVS OPIIVS RESTITVTVS
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M75	Sepultura	5	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	8.5	Larg (cm)	6.7	Alt (cm)	2,6
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

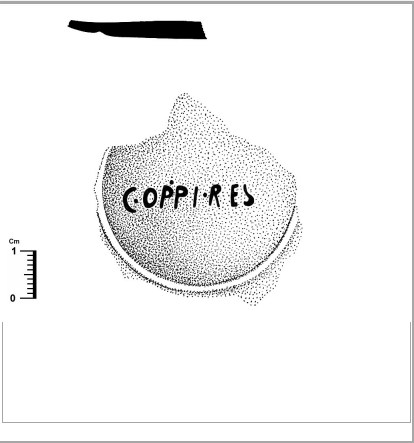
Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Fragmentada na asa e no disco; pasta muito desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Pinho, 1931:22, fig.3; Almeida JAF, 1953: 191, Nº240, EST.XXX, Nº240; Sousa, 1966:318-19; Almeida CAF, 1974: 48-49, Est.II, nº2-3; Soeiro, 1984:293; 295, fig.CXLI, Nº8
----------------------------	---

Paralelos	Bonnet, 1988:181-205
-----------	----------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2238
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.089, nº217	Descrição	"Infundibulum e fundo plano com marca que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca C·OPPI·RES incisa, em letras bem definidas. Trata-se de CAIVS OPPIVS RESTITVTVS o mais prolífero fabricante de lucernas do seu período (Bailey, 1980: 99) e que pertence a uma ampla família dedicada a este mesmo ofício (Morillo Cerdán, 1999: 300). A descoberta de uma oficina na Colina do Janículo, em Roma, permite avançar a hipótese da oficina matriz dos OPPI se situar nesta Urbe (id. Ibidem). As marcas deste oleiro estão datadas dos finais da dinastia Flávia aos inícios do período de Antonino (Bailey, 1980: 99)" (Morais, 2005: I 365, Nº10; II 460, Nº10).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	C·OPPI·RES
Oleiro	CAIVS OPPIVS RESTITVTVS
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	182
Camada	Sem dados	Complexo	24	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	4.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

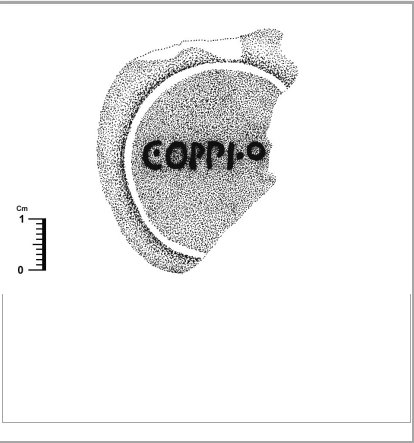
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 365, Nº10; II 460, Nº10
----------------------------	---

Paralelos	Bonnet, 1988:181-205
-----------	----------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1532
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.089, nº218	Descrição	"Infundibulum e fundo plano com marca que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca C·OPPI· [RES] incisa, em letras bem definidas. Trata-se de CAIVS OPPIVS RESTITVTVS o mais prolífero fabricante de lucernas do seu período (Bailey, 1980: 99) e que pertence a uma ampla família dedicada a este mesmo ofício (Morillo Cerdán, 1999: 300). A descoberta de uma oficina na Colina do Janículo, em Roma, permite avançar a hipótese da oficina matriz dos OPPI se situar nesta Urbe (id. ibidem). As marcas deste oleiro estão datadas dos finais da dinastia Flávia aos inícios do período de Antonino (Bailey, 1980: 99)" (Morais, 2005: I 365, Nº9; II 460, Nº9).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	C·OPPI· [RES]
Oleiro	CAIVS OPPIVS RESTITVTVS
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA83 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X168 Y132
Camada	Sem dados	Complexo	226	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.3	Larg (cm)	3.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 365, Nº9; II 460, Nº9
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Bonnet, 1988:181-205
-----------	----------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-0423
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.089, nº219	Descrição	Fragmento de lucerna de tipologia indeterminada, constituído por parte do infundibulum e fundo, relativamente plano, que assenta numa moldura, onde se lê: IIX. Trata-se do formulário EXOF - Ex (Officina), típico das produções peninsulares. Ocorre o mesmo tipo de marca em terra sigillata hispânica alto-imperial com um fabrico característico das produções de Tricio.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	IIX [OF]
Oleiro	Ex (Officina)
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Sé Catedral	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Paio Mendes		
Acrónimo	BRA 91 SÉ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	O17
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	1.6	Alt (cm)	0,5
-----------	---	-----------	-----	----------	-----

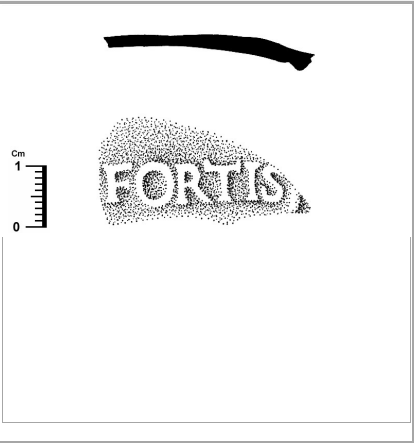
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2003-1094
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século II/inícios do século III d.C.
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.089, nº220	Descrição	"Fundo côncavo praticamente reduzido à marca. FORTIS em relevo, com letras bastante cuidadas e regulares. Trata-se de L.Aemilius Fortis um dos primeiros e o mais prolífero produtor de lucernas do tipo Firmalampen que trabalhou no Norte de Itália, muito provavelmente perto de Módena (vid. Bailey, 1980: 96). Com início de produção no reinado de Vespasiano o auge de produção desta oficina situa-se nos finais do século I às primeiras décadas da centúria seguinte (Bailey, 1980: 96). Alguns exemplares com esta marca encontram-se em contextos do período Severo (c. de 200/230 d. C.) (Bailey, 1980: 96), perdurando, nalgumas regiões periféricas, no século IV (Morillo Cerdán, 1999: 293)" (Morais, 2005: I 363, Nº2; II 459, Nº2).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	FORTIS
Oleiro	L.Aemilius Fortis
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua Santo António das Travessas		
Acrónimo	BRA01 SAT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	D2
Camada	Sem dados	Complexo	145	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.5	Larg (cm)	3.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

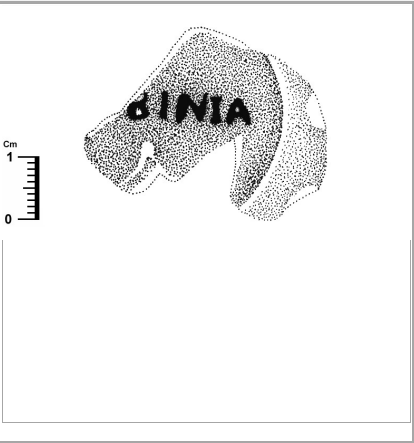
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 363, Nº2; II 459, Nº2; Rodríguez Martín, 2005:45-7, 129-31, Nº64
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna indeterminada ImpérioAlto-Imperial ProduçãoCentro-Itálica MatériaCerâmica	Nº inventário2016-0179 TipologiaIndeterminada CronologiaIndeterminada Centro ProdutorIndeterminado Técnica fabricoMolde			
Estampa	Est.090, nº221	Descrição Fragmento de lucerna de volutas, constituído por parte do infundibulum e fundo relativamente plano, que assenta numa coroa circular definida por uma fina canelura concêntrica. GAB[INIA] incisa, em letras bem definidas.				
Marcas, inscrições e grafitos						
Marca de oleiro documentada		GAB [INIA]				
Oleiro		Gabinianus				
Símbolos anepígrafos		Não apresenta				
Letras isoladas		Não apresenta				
Grafitos		Não apresenta				
Proveniência						
Distrito		Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar		Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 34		
Acrónimo		BRA 94 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	405
Camada		Sem dados	Complexo	34	UE	Sem dados
Corte estratigráfico		Sem dados				
Dimensões						
Comp (cm)		4	Larg (cm)	2	Alt (cm)	1
Estado de conservação						
Conservação		Mau		Observações	Muito fragmentada; pasta muito desagregada	
Referências bibliográficas		Sem referências				
Paralelos		Amaré Tafalla, 1987: 57, fig.28, lám. II, 3b; Bonnet, 1988:170-176; Morais, 2005:363				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1616
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.090, nº222	Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma fina canelura concêntrica. Marca [GA] BINIA incisa, em letras bem definidas. Esta marca identifica uma oficina de um ceramista centro-italico cujo cognomen provavelmente era Gabinianus (Morillo Cerdán, 1999: 294). Bailey refere a possibilidade de se tratar de uma mulher (Bailey, 1980: 96). As marcas desta oficina datam dos finais do período Flávio ao período Antonino (id. Ibidem)" (Morais, 2005: I 364, Nº4; II 459, Nº4).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	[GA] BINIA
Oleiro	Gabinianus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Praia das Sapatas	Sítio/intervenção arq.	Rua Damião de Góis, 55-85		
Acrónimo	BRA76 B	Sepultura	Sem dados	Sondagem	1B4
Camada	6a	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

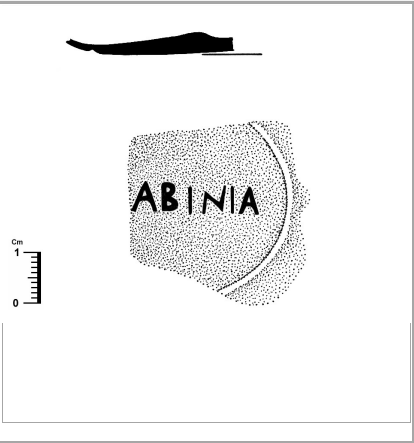
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 364, Nº4; II 459, Nº4
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: 57, fig.28, lám. II, 3b; Bonnet, 1988:170-176;
-----------	---

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1998-1533
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.090, nº223	Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma fina canelura concêntrica. [G] ABINIA incisa, em letras bem definidas. Esta marca identifica uma oficina de um ceramista centro-italico cujo cognomen provavelmente era Gabinianus (Morillo Cerdán, 1999: 294). Bailey refere a possibilidade de se tratar de uma mulher (Bailey, 1980: 96). As marcas desta oficina datam dos finais do período Flávio ao período Antonino (id. ibidem)" (Morais, 2005: I 364, Nº3; II 459, Nº3).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	[G] ABINIA
Oleiro	Gabinianus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	183
Camada	Sem dados	Complexo	44	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

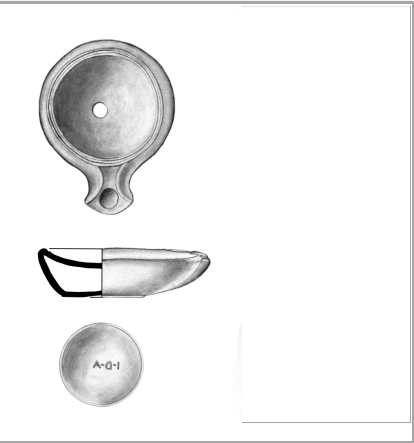
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 364, Nº3; II 459, Nº3
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: 57, fig.28, lám. II, 3b; Bonnet, 1988:170-176
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2009-0526
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, “variante rara”
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio ao reinado de Trajano
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.091, nº224	Descrição	Lucerna do tipo Loeschcke I, “variante rara”. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras, formando uma canelura concêntrica. Disco amplo e côncavo, com presença de orifício de alimentação ligeiramente centrado. O rostrum é idêntico às variantes IA, B e C de Loeschcke, mas não apresenta as volutas superiores, facto que nos levou a integrar a lucerna nas designadas “variantes raras”. Fundo com marca retrógrada, em relevo, onde se lê - A·G·I. em letras bem definidas (vid. Denauve, 1974: 90). "Trata-se de Lucius Munatius Adiectus, um oleiro centro-italico que partilha o mesmo praenomen e nomen com um amplo grupo de oleiros lucernários (Bailey, 1980: 98; Morillo Cerdán, 1999: 298). O período de atividade desta oficina data dos finais do período Flávio ao reinado de Trajano (Bailey, 1980: 98)" (Morais, 2005: I 364, Nº5; II 459, Nº5). Pasta muito fina de cor bege-acastanhada com engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	[L M]·ADI
Oleiro	Lucius Munatius Adiectus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	187	Sondagem	13 J
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2076
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	9.4	Larg (cm)	7.2	Alt (cm)	2,6
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

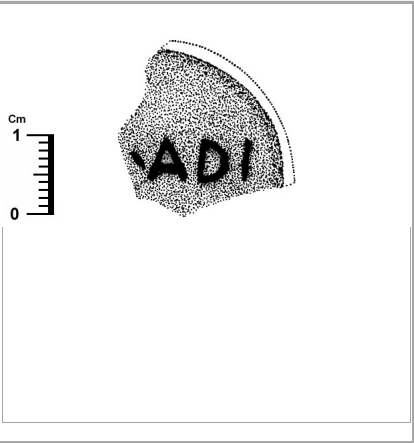
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada no disco e no rostrum
-------------	----------	-------------	-----------------------------------

Referências bibliográficas	Braga, 2010: ficha nº33; Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013: 314; 316; 318, 320, fig.7, nº17a
----------------------------	---

Paralelos	Bonnet, 1988:133-141
-----------	----------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1540
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio ao reinado de Trajano
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.091, nº225	Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca [L M]·ADI incisa, em letras bem definidas (vid. Denauve, 1974: 90). Trata-se de Lucius Munatius Adiectus um oleiro centro-itálico que partilha o mesmo praenomen e nomen com um amplo grupo de oleiros lucernários (Bailey, 1980: 98; Morillo Cerdán, 1999: 298). O período de atividade desta oficina data dos finais do período Flávio ao reinado de Trajano (Bailey, 1980: 98)" (Morais, 2005: I 364, Nº5; II 459, Nº5).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	[L M]·ADI
Oleiro	Lucius Munatius Adiectus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 364, Nº5; II 459, Nº5
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Bonnet, 1988:133-141
-----------	----------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2009-0185
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Deneauve VG
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I/inícios do século
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.092, nº226	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Deneauve V G. Orla ampla e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e uma canelura concêntricas, que se prolongam até ao rostrum, formando um pequeno canal. De ambos os lados da orla dispõem-se duas aletas laterais, cujas extremidades são pontiagudas e a parte central arredondada, encontrando-se decoradas com pequenas incisões circulares. Disco côncavo, muito fragmentado, decorado na parte inferior com uma banda preenchida com linhas paralelas, formando duas molduras e uma canelura. O bico, nitidamente separado do corpo da lucerna, termina de forma arredondada com orifício de iluminação central. Fundo plano e circunscrito por uma canelura, com marca. Pasta depurada, de cor alaranjada com engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Planta pedis incisa à direita com as siglas M L no interior. A rodear esta marca, três traços relevados em zigzag
Oleiro	Indeterminado
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S. José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 I
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3299
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	8	Larg (cm)	7.3	Alt (cm)	3
-----------	---	-----------	-----	----------	---

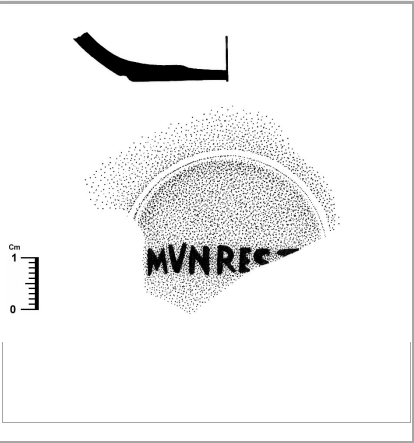
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada no disco; engobe parcialmente destacado
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Braga, 2010:23, 77; Morillo Cerdán, 2015:360, fig.16
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.093, nº227

Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2232
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke IV?
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I à 1ª metade do século II
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica" (Morais, 2005: I 364, Nº6; II 459, Nº6). Fundo com marca MVNREST incisa, em letras bem definidas. Trata-se de Lucius Munatius Restitutus, um oleiro centro-italico que à semelhança do oleiro anterior partilha o mesmo praenomen e nomen com um amplo grupo de oleiros lucernários. O período de atividade desta oficina data dos meados do século I à 1ª metade do século II (vid. Denauve, 1974: 165)" (Morais, 2005: I 364, Nº6; II 459, Nº6).
-----------	---

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	MVNREST
Oleiro	Lucius Munatius Restitutus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cerca do Seminário de Santiago	Sítio/intervenção arq.	Rua Dom Afonso Henriques		
Acrónimo	BRA96 SST	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H12
Camada	Sem dados	Complexo	27	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 364, Nº6; II 459, Nº6
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0199
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.093, nº228	Descrição	Fragmento de lucerna de tipologia indeterminada, constituído por parte do infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. A parte externa da parede encontra-se com incrustação de metal oxidado. No fundo a marca de oleiro MUNTREPT incisa, em letras bem definidas e conservadas.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	MVNTREPT
Oleiro	Lucius Munatius Threptus
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Túnel da Av. Liberdade (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 TAVL	Sepultura	16	Sondagem	12 B
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1722
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	2.4	Alt (cm)	2,5
-----------	--	-----------	-----	----------	-----

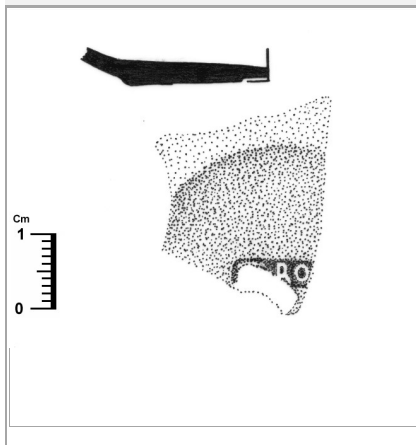
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Est.094, nº229

MDDS

2002-2235

Lucerna

Indeterminada

Nero até finais da
dinastia Flávia

Indeterminado

Molde

"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca [MY] RO em relevo, in planta pedis. Trata-se de um oleiro centro itálico que trabalhou provavelmente no período de Nero até finais da dinastia Flávia (Bailey, 1980: 98). Segundo D. M. Bailey (id. ibidem), este oleiro foi um dos primeiros produtores da Itália Central a copiar as Firmalampen Norte-Itálicas, muito provavelmente depois de 70 d. C." (Morais, 2005: I 364, Nº7; II 460, Nº7).

Marcas, inscrições e grafitos

[MY] RO

Myro

Não apresenta

Não apresenta

Não apresenta

Proveniência

Sé, Braga

Rua do Matadouro

Sem dados

Sem dados

Sem dados

Dimensões

Indeterminada

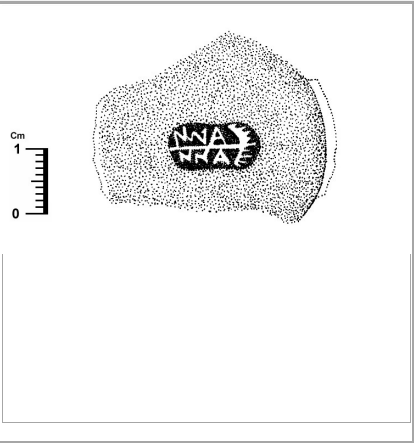
Estado de conservação

Fragmentada

Morais, 2005: I 364, Nº7; II 460, Nº7

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 Estampa Est.094, nº230	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1541
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
	Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Marca NNA/NNA em relevo com linha separadora, in planta pedis. Trata-se de um oleiro centro itálico que trabalhou desde os finais da dinastia Flávia até ao período de Adriano (Bailey, 1980: 99)" (Morais, 2005: I 364, Nº8; II 460, Nº8).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	NNA/NNA in planta pedis
Oleiro	N.Naevivs Luci
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sem dados		
Lugar	Braga	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

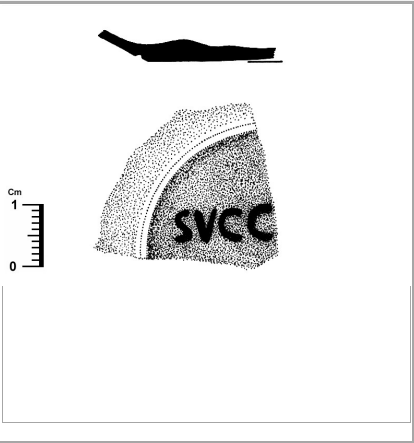
Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 364, Nº8; II 460, Nº8
----------------------------	---------------------------------------

Paralelos	Ponsich, 1961:Nº526; Balil, 1969:18
-----------	-------------------------------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição LNEG Nº inventário Sem número Classificação Lucerna Série Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico Tipologia Derivada do tipo Dressel 3 Império Alto-Imperial Cronologia Meados do século I d.C. Produção Hispânica (Bética) Centro Produtor Indeterminado Matéria Cerâmica Técnica fabrico Molde			
Estampa Est.095, nº231	Descrição Lucerna derivada do tipo Dressel 3, constituída pelo infundibulum, fundo e arranque da asa. De ambos os lados do infundibulum dispõem-se duas aletas laterais de secção retangular, relativamente proporcionais. Rostrum triangular, arredondado na extremidade. Asa fragmentada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinalmente. Fundo ligeiramente côncavo, assente numa moldura com presença de marca de oleiro PROCVL, em relevo e caracteres capitais, disposta na horizontal. "Pasta muito depurada de cor bege-rosada, com elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de aguada de cor castanha-alaranjada (8B7)" (Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 203 (nº3.6), 229, fig.23 (nº3.6).				
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	PROCVL				
Oleiro	Proculi				
Símbolos anepígrafos	Não apresenta				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	10.5	Larg (cm)	6.9	Alt (cm)	2,6
Estado de conservação					
Conservação	Mau	Observações	Apenas se conserva o molde inferior		
Referências bibliográficas	Castro, 1960: 281-84 Est.1 (1); Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 203 (nº3.6), 229, fig.23 (nº3.6)				
Paralelos	Sem referências				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2241
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do período Flávio até aos inícios do
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.095, nº232	Descrição	"Infundibulum e fundo plano com marca que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica Marca SVCC [ESSE] incisa, em letras bem definidas. Trata-se de Ti. IVLIVS SVCCCESSVS um oleiro centro-italico que laborou desde os finais da dinastia Flávia até aos inícios do período Antonino (Bailey, 1980: 101)" (Morais, 2005: I 365, Nº11; II 460, Nº11).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	SVCC [ESSE]
Oleiro	Ti. IVLIVS SVCCCESSVS
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA98 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	65-66
Camada	Sem dados	Complexo	13	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	2.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 365, Nº11; II 460, Nº11
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Sob guarda científica do resp.esc.	Nº inventário	[033]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.096, nº233	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo forma Dressel 3 constituído pelo fundo côncavo, assente numa moldura, circunscrito por uma canelura e, novamente, uma moldura. Apresenta uma marca anepígrafa, na qual figura uma planta pedis incisa. Pasta fina, muito depurada, de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Planta pedis incisa
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Bragança	Freg + Município	Sé, Bragança		
Lugar	Centro Histórico de Bragança	Sítio/intervenção arq.	Praça Camões		
Acrónimo	BGRPV.02/03	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)	5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

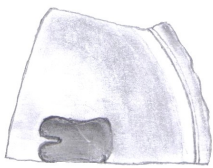
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

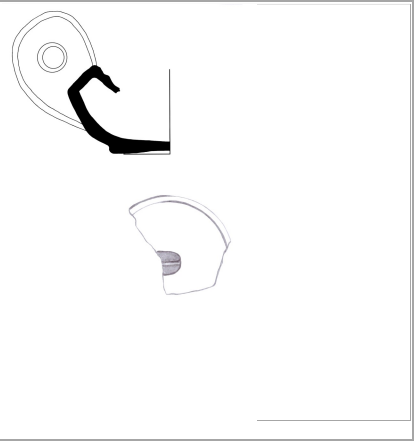
Referências bibliográficas	Lima et al., 2004:37; 76; 128; 175, nº4; Rodríguez Martín, 2002:184, 325, fig.XXV, Nº73
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

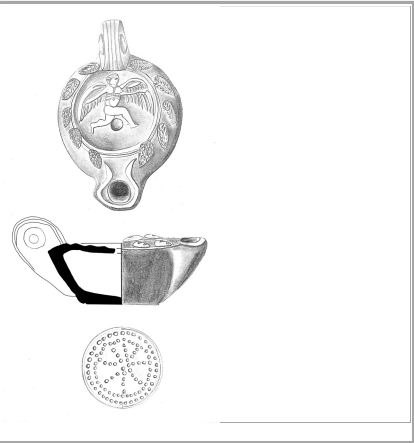
Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-0421
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
		Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.096, nº234	Descrição	Fragmento de fundo plano que assenta numa moldura definida por uma fina canelura concêntrica, onde figura uma dupla planta pedis incisa.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Dupla planta pedis incisa				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cidade	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 27-31		
Acrónimo	BRA 00 SG	Sepultura	Sem dados	Sondagem	E8
Camada	Sem dados	Complexo	38	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)	2.6	Larg (cm)	3.6	Alt (cm)	Indeterminada
Estado de conservação					
Conservação	Razoável		Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada	
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Rodríguez Martín, 2002:185, 315, fig.XV, Nº201				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0379
		Classificação	Lucerna		
		Série	Lucerna de disco	Tipologia	Indeterminada
		Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
		Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
		Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.096, nº235	Descrição	Fragmento de lucerna de disco de tipo indeterminado, constituído pela asa, arranque do infundibulum e fundo. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente. Arranque do infundibulum e fundo ligeiramente côncavo que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica. Ao centro, uma dupla planta pedis incisa.		
Marcas, inscrições e grafitos					
Marca de oleiro documentada	Não apresenta				
Oleiro	Não apresenta				
Símbolos anepígrafos	Dupla planta pedis incisa				
Letras isoladas	Não apresenta				
Grafitos	Não apresenta				
Proveniência					
Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acronimo	BRA 03 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	509
Corte estratigráfico	Sem dados				
Dimensões					
Comp (cm)		Larg (cm)	4	Alt (cm)	3
Estado de conservação					
Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada		
Referências bibliográficas	Sem referências				
Paralelos	Rodríguez Martín, 2002:185, 325, fig.XXV, Nº76				

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu da Sociedade Martins Sarment	Nº inventário	MAS-2497
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Dressel 10
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.097, nº236	Descrição	Lucerna de volutas do tipo Dressel 10. Orla larga, decorada com cachos de uvas em relevo e separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Disco côncavo, com presença de orifício de alimentação central e decorado com a figura juvenil alada de ícaro a iniciar o voo, aparecendo de lado em atitude de corrida, com os braços esticados e asas abertas. Rostrum triangular composto por volutas, cujas parecem reduzir-se a simples molduras. Fundo ligeiramente convexo, circunscrito por uma canelura circular e decorado com círculos. Asa de grandes dimensões, elevada e perfurada, composta por duas molduras e igual número de caneluras. Pasta depurada, de cor bege, com engobe de tonalidade acastanhada.	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Pontos circulares incisos organizados em círculo, formando duas filas, sendo que no centro destas dispõem-se oito fiadas diagonais, formando uma espécie de asterisco.
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

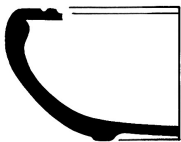
Proveniência			
Distrito	Braga	Freg + Município	Santa Eulália, Vizela
Lugar	Santa Eulália	Sítio/intervenção arq.	Necrópole de Santa Eulália
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados	Sondagem	Sem dados
		UE	Sem dados

Dimensões			
Comp (cm)	15.6	Larg (cm)	9.8
		Alt (cm)	6

Estado de conservação	
Conservação	Bom
Observações	Completa

Referências bibliográficas	Pinto,1930: 176-181; Bairrão Oleiro, 1952; Almeida, 1953: 169; Estampa XXXVIII, Nº130; Belchior, 1969; Guimarães, 1980.
Paralelos	Rodríguez Martín, 2005:20,193, fig.3,Nº20

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

 		InstituiçãoMDDS ClassificaçãoLucerna SérieLucerna de volutas? ImpérioAlto-Imperial ProduçãoHispânica (Bética) MatériaCerâmica	Nº inventário2002-2230 TipologiaIndeterminada Cronologia2ª metade do século I d.C. Centro ProdutorAndújar Técnica fabricoMolde	
Estampa	Est.098, nº237	Descrição	"Corpo circular. Conserva-se parte da orla com uma fina canelura na proximidade do disco e infundibulum com vestígios do arranque inferior de uma voluta. Fundo que assenta numa grossa moldura em forma de pé baixo" (Morais, 2005: I 365, Nº13; II 461, Nº13).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Folha em forma de trevo em relevo
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colégio da Sagrada Família	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 69		
Acróimo	BRA96 CSF	Sepultura	Sem dados	Sondagem	14
Camada	14	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	2,7
-----------	-----	-----------	-----	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

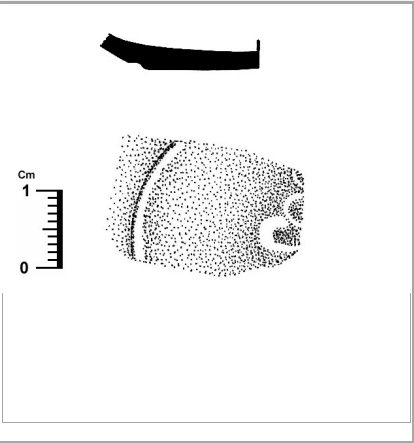
Referências bibliográficas

Morais, 2005: I 365, Nº13; II 461, Nº13

Paralelos

Rodríguez Martín, 2005:50, 99-101, Nº30 e 31
--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.098, nº238

Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2239
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Finais do século I a inícios do século II
Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde

Descrição	"Infundibulum e fundo plano que assenta numa coroa circular definida por uma canelura concêntrica" (Morais, 2005: I 365, Nº12; II 461, Nº12).
-----------	---

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Roseta em relevo
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cividade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acrónimo	BRA82 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q6
Camada	Sem dados	Complexo	155	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.5	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

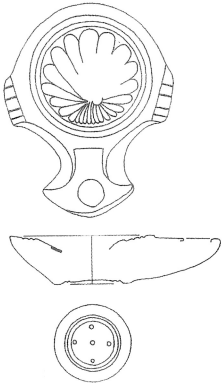
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 365, Nº12; II 461, Nº12
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

		Instituição MMPNF Nº inventário MMPNF/2010/8275
		Classificação Lucerna
Série Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico		Tipologia Derivada do tipo Dressel 3
Império Alto-Imperial		Cronologia Meados do século I d.C.
Produção Hispânica (Bética)		Centro Produtor Indeterminado
Matéria Cerâmica		Técnica fabrico Molde
Estampa Est.099, nº240	Descrição Lucerna derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita e inclinada para o interior, com presença de duas aletas laterais com incisões. A transição da orla para o disco faz-se mediante duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Disco côncavo decorado com uma vieira de gomos côncavos, que partem do orifício de alimentação central. Rostrum triangular com o extremo arredondado. Fundo assente numa moldura com presença de marca anepígrafa expressa por "quatro pequenos círculos dispostos na extremidade de diâmetros opostos. A marca expressa é semelhante, por exemplo, à de algumas lucernas republicanas de Cosa. Pasta fina esbranquiçada" (Soeiro, 2009-10:142-43).	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Quatro pequenos círculos colocados na extremidade de diâmetros opostos em relevo

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Porto

Freg + Município

Bustelo, Penafiel

Lugar

Monteiras

Sítio/intervenção arq.

Necrópole de Monteiras

Acrónimo

Sem dados

Sepultura

40

Sondagem

Sem dados

Camada

Sem dados

Complexo

Sem dados

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

10

Larg (cm)

7.9

Alt (cm)

1,78

Estado de conservação

Conservação

Bom

Observações

Fragmentada no disco

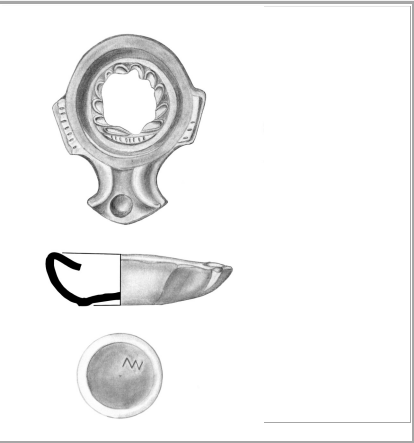
Referências bibliográficas

Abreu, 2002: 156, Nº464; Soeiro, 2009-2010:142-43; Morais et al., 2014:1260, fig.3, nº9

Paralelos

Soeiro, 2000-2001:111, fig.14.7; Morais et al., 2013: 314; 316; 321, fig.8, nº27; 324-25, fig.11, nº47; Morais et al., 2014:1260, fig.3, nº8

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2009-0191
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispânica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.100, nº241	Descrição	Lucerna derivada do tipo Dressel 3. Orla estreita, arredondada e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma canelura e uma moldura. De ambos os lados da margo dispõem-se duas aletas retangulares decoradas com pequenas linhas transversais (7 do lado esquerdo e 3 do lado direito). Disco côncavo, muito fragmentado, decorado com uma vieira de gomos côncavos, que partem do orifício de alimentação. Rostrum triangular com o extremo levemente arredondado, insinuando volutas que arrancam da orla. Presença do orifício de iluminação central com sinais de evidente utilização. Fundo plano assente numa moldura com presença de marca anepígrafa. Pasta fina, de cor esbranquiçada e vestígios de engobe da mesma cor.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Traço em zigzag em relevo
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	91	Sondagem	13 J
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3265
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	10.1	Larg (cm)	8	Alt (cm)	2,7
-----------	------	-----------	---	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada no disco
-------------	----------	-------------	----------------------

Referências bibliográficas	Braga, 2010: sep.XCI, (ficha nº24); Fontes et al., 2010: 43; Morais et al., 2013: 314; 316; 324-25, fig.11, nº47
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1029
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.101, nº242	Descrição	Fragmento de lucerna de tipologia indeterminada, constituído por parte do infundibulum e fundo ligeiramente côncavo que assenta numa moldura definida por uma fina canelura concêntrica. Na extremidade esquerda um traço em ziguezague em relevo.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Traço em ziguezague em relevo
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Quarteirão dos CTT (Necrópole da Via XVII)		
Acrónimo	BRA 09 CTT	Sepultura	Sem dados	Sondagem	13 I
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2739
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	1.4	Alt (cm)	1,3
-----------	---	-----------	-----	----------	-----

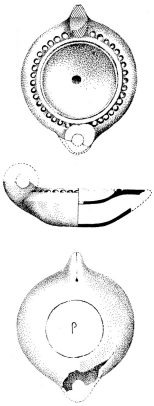
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Arqueológico da Citânia de San	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de disco	Tipologia	Dressel 28
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	2ª metade do século II d.C./ século III d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.101, nº243	Descrição	Lucerna de disco do tipo Dressel 28. Orla larga e inclinada para o exterior, ornamentada a toda a volta com uma fiada de trinta e quatro óvulos, incisos, em distribuição simétrica. Asa elevada e perfurada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinalmente. A separação da orla e do disco faz-se mediante uma grossa moldura e uma canelura concêntrica. O disco, côncavo, apresenta orifício de alimentação centrado. Bico redondo e cuoriforme, com orifício de iluminação centrado. Fundo ligeiramente convexo, circunscrito por uma canelura, com presença de uma letra isolada incisa, provavelmente um "P"	

Marcas, inscrições e grafitos	
Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	"P" inciso
Grafitos	Não apresenta

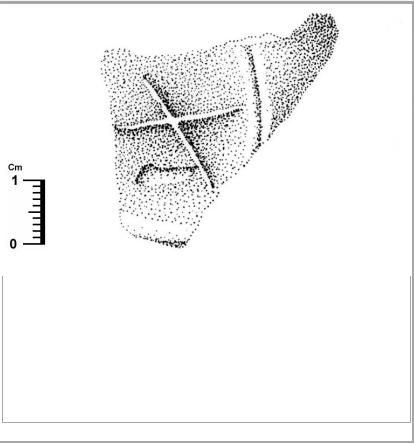
Proveniência					
Distrito	Porto	Freg + Município	Seroa, Paços de Ferreira		
Lugar	Lugar do Outeiro dos Foguetes	Sítio/intervenção arq.	Necrópole do Outeiro dos Foguetes		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões					
Comp (cm)	8.7	Larg (cm)	6.9	Alt (cm)	2,5

Estado de conservação			
Conservação	Bom	Observações	Asa e parte do rostrum restaurados

Referências bibliográficas	Silva, 1986:97, 118-119,124-125,131-132, EST. XXIX; Abreu, 2002:155, Nº457
Paralelos	Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal



Estampa Est.102, nº244

Instituição	MDDS	Nº inventário	1999-1445
Classificação	Lucerna		
Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Descrição	Infundibulum e fundo côncavo que assenta numa coroa circular definida por uma fina canelura concêntrica. Figura um grafito indeterminado em forma de X.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Grafito no fundo externo em forma de X

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Largo de São Paulo	Sítio/intervenção arq.	Albergue Distrital		
Acrónimo	BRA92 ALB	Sepultura	Sem dados	Sondagem	I2
Camada	Sem dados	Complexo	119	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

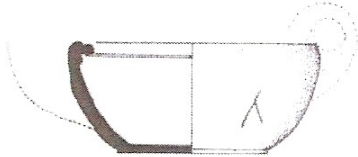
Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 365, Nº15; II 461, Nº15
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Indeterminada	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa	Est.102, nº245	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por dois fragmentos de infundibulum, figurando num deles um grafito indeterminado em Y invertido. Fundo plano, assente numa grossa moldura. Pasta de tonalidade esbranquiçada, muito depurada. Presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de aguada de cor bege.	

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Grafito no infundibulum em forma de Y invertido

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Bobadela, Boticas		
Lugar	Cerro do Limarinho	Sítio/intervenção arq.	Mina do Poço das Freitas		
Acróónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)	6	Alt (cm)	2,7
-----------	--	-----------	---	----------	-----

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Cardozo, 1954: 135; Martins, 1992: 20; Brandão e Silva, 2006: 10; Martins, 2008: I, 63 (tab. VII.1); II, 143-45 (ficha nº13); 146 (nº3.2), 153, fig.23 (nº3.2); Fontes, 2013: 5-6
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13103
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas, constituído por parte da orla e do rostrum. Orla estreita, ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Conserva-se parte do rostrum, triangular, e com presença da voluta direita e parte do orifício de iluminação.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M75	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Casa Retangular	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.7	Larg (cm)	3.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------

Referências bibliográficas	Soeiro, 1984: 186, fig.LXXXIX.7
----------------------------	---------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13110
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas que conserva parte do rostrum triangular com presença da voluta esquerda e orifício de iluminação centrado. Pasta bege, fina, com vestígios de engobe de cor acastanhado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M76	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Recolha de superfície
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Soeiro, 1984:260, est.XXIV.3
----------------------------	------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 943
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Loeschcke I, var. indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.?
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras e uma grossa moldura concêntrica. Disco côncavo com presença de decoração indeterminada, dado o excessivo estado de fragmentação.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	943
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:80-89; 172-177; 263
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	1ª metade do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da orla e do infundibulum. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Pasta muito depurada, de coloração rosada (6A3), com elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Vestígios de engobe acastanhado (8C8/ 8D8).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.5	Larg (cm)	6.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Castro, 1960: 281; 284, Est. I (2 e corte 2); Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 201 (nº3.2), 226, fig.19 (nº3.2)
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-5]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Período de Augusto até finais do século I
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e uma canelura. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras longitudinais. Disco côncavo, muito fragmentado. Pasta depurada de cor bege com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de uma aguada de cor bege-amarelada.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.3	Larg (cm)	5.9	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Museu Municipal Abade Pedrosa	Nº inventário	Alv. 95 B, A4, lg. 9066
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla ampla, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Pasta muito depurada com cerca de 5 a 10% de elementos não plásticos de pequeno calibre e distribuição pouco uniforme. Superfície com vestígios de engobe, espesso e aderente, de cor laranja-acastanhada (Moreira, 2009: 727-728; 735, Nº2 Estampa CXLV, N.º2).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Alvarelhos, Trofa		
Lugar	Castro de Alvarelhos	Sítio/intervenção arq.	Rua Sobre-Sá		
Acrónimo	Alv.95	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Área Pública e Área Hab	UE	4
Corte estratigráfico	2				

Dimensões

Comp (cm)	4.1	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada
-------------	-----	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Moreira, 2009: 727-728; 735, Nº2 Estampa CXLV, N.º2
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Estampa

Sem estampa

Instituição

MMPNF

Nº inventário

MMPNF/2016/13107

Classificação

Lucerna

Série

Lucerna de volutas

Tipologia

Indeterminada

Império

Alto-Imperial

Cronologia

Augusto a finais do século I d.C.

Produção

Centro - Itálica

Centro Produtor

Indeterminado

Matéria

Cerâmica

Técnica fabrico

Molde

Descrição

Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Porto

Freg + Município

Oldrões, Penafiel

Lugar

Oldrões

Sítio/intervenção arq.

Castro de Monte Mozinho

Acrónimo

M77a

Sepultura

Sem dados

Sondagem

XXVI

Camada

Sem dados

Complexo

Sem dados

UE

4

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

1.5

Larg (cm)

2.2

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Mau

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13120
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituída por parte do infundibulum com presença da voluta direita. Pasta bege, depurada, com vestígios de engobe de cor acastanhado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M75	Sepultura	Sem dados	Sondagem	V
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	3
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	1.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Bastante fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	--

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13122
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M76	Sepultura	Sem dados	Sondagem	II
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	2
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.6	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Bastante fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0085
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA 02 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	4	UE	2294
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.2	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0087
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por três molduras e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo muito fragmentado. Conserva-se parte da voluta da direita.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Hospital São Marcos (Novo Bloco Operatório)		
Acrónimo	BRA 95 HOSP C	Sepultura	Sem dados	Sondagem	C
Camada	Sem dados	Complexo	32	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.4	Larg (cm)	1.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0098
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas finas caneluras, formando uma moldura concêntrica. Disco côncavo, com início de decoração indeterminada, dado o estado de fragmentação. Conserva-se a parte superior da voluta esquerda.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA 80 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	65
Camada	Sem dados	Complexo	1087	UE	1087
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.3	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta muito desagregada
-------------	----------	-------------	--

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0132
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura. Da transição desta para o rostrum conserva-se a parte superior da voluta esquerda.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	S.Lázaro	Sítio/intervenção arq.	Hospital São Marcos (Novo Bloco Operatório)		
Acrónimo	BRA 95 HOSP	Sepultura	Sem dados	Sondagem	B
Camada	Sem dados	Complexo	16	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.2	Larg (cm)	1.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1036
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.João do Souto, Braga		
Lugar	Edifício Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de Santa Cruz, 13-25		
Acrónimo	BRA 96 ECS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	35
Camada	8	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	6.6	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13130
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do infundibulum. Orla estreita inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Pasta de cor bege, coberta por aguada acastanhada.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Casa com Vestíbulo	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	2
-----------	--	-----------	--	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Soeiro, 1984:142, fig.LXV.18
----------------------------	------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13131
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de volutas	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Augusto a finais do século I d.C.
	Produção	Centro - Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de volutas de tipo indeterminado, constituído por parte da orla e do infundibulum. Orla estreita inclinada para o interior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Pasta esbranquiçada, coberta por engobe acastanhado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Casa com Vestíbulo	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)		Larg (cm)		Alt (cm)	1
-----------	--	-----------	--	----------	---

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Soeiro, 1984:142, fig.LXV.19
----------------------------	------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 925 A	
	Classificação	Lucerna			
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3	
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.	
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?	
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde	
Estampa		Sem estampa	Descrição		Lucerna derivada do tipo Dressel 3 constituída por parte do infundibulum, da orla e do disco. Orla estreita e plana, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com uma vieira.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	9
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	925 A
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.3	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:80-89; 172-177;262; fig.320
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1023
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 3 constituído por parte do disco e do rostrum. Disco côncavo que conserva apenas a parte inferior de uma vieira, separado do rostrum por uma canelura e uma moldura concêntricas. O rostrum é largo e triangular e conserva a voluta esquerda degenerada e parte do orifício de iluminação. Pasta bege, muito depurada.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Teatro		
Acrónimo	BRA 13 TR	Sepultura	Sem dados	Sondagem	PSN
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	834
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0092
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 3, constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas molduras e igual número de caneluras concêntricas. Disco côncavo que conserva três gomos de uma vieira, sendo que na extremidade de cada um se dispõem dois círculos concêntricos incisos e de reduzidas dimensões.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 97 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q 24
Camada	Sem dados	Complexo	28	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.8	Larg (cm)	2.7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0094
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, com presença da aleta lateral esquerda, separada do disco por uma fina moldura. Disco côncavo, muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colégio da Sagrada Família	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 69		
Acrónimo	BRA 96 CSF	Sepultura	Sem dados	Sondagem	15
Camada	Sem dados	Complexo	8	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.6	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0095
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Andújar?
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte da orla, do disco e do rostrum. Orla estreita, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras concêntricas. Da transição desta para o rostrum conserva-se parte da voluta degenerada do lado direito. Disco côncavo muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acrónimo	BRA 82 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Q1
Camada	Sem dados	Complexo	29	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.3	Larg (cm)	2.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0140
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 3?
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Meados do século I d.C.
	Produção	Hispanica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna derivado do tipo Dressel 3 constituído por parte do disco, côncavo e decorado com uma vieira de gomos dispostos a partir do centro. Conserva-se parte do orifício de alimentação.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Maximinos, Braga		
Lugar	Maximinos	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA MAX	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.8	Larg (cm)	3.1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Bom	Observações	Fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	1991-1632
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Alto-Imperial de fabrico hispânico?	Tipologia	Derivada do tipo Dressel 9 ou "lucerna mineira"
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	século II a inícios do século III (auge na 2ª
	Produção	Sudoeste Peninsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	"Fragmento de lucerna derivada do tipo Dressel 9 ou “lucerna mineira” constituído por parte da asa perfurada" (Morais, 2005: I 330, Nº72; II 401, Nº72).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Sem dados		
Acrónimo	BRA79 S	Sepultura	Sem dados	Sondagem	3
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 330, Nº72; II 401, Nº72
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2001-1234
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna de canal ou "Firmalampen"	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século II/inícios do século III d.C.
	Produção	Norte-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	"Fragmento de disco decorado com a representação de um homem nu à direita, montando um cavalo em corrida, com o braço direito levantado, em cuja mão levaria um látego. Trata-se, provavelmente, de um jubilator (encarregado de excitar nas corridas os aurigas e os cavalos com os seus gestos), no ato de incitar um cavalo de corrida de carros a grande esforço, ou, mesmo, um jinete participando em corridas associadas aos Ludi Apollinares" (Morais, 2005: I 327, Nº45; II 393, Nº45).		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA92 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	46
Camada	Sem dados	Complexo	22	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------

Referências bibliográficas	Morais, 2005: I 327, Nº45; II 393, Nº45
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-18]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna tardo-antiga de origem africana	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/V d.C.
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa		Sem estampa		
Descrição		Fragmento de lucerna em TSA constituído por asa elevada e perfurada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinalmente. Pasta de cor bege alaranjada, com presença de elementos não plásticos de médias dimensões. Superfície sem presença de engobe.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2002-2351
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna Baixo-Imperial de fabrico hispânico	Tipologia	TSHT 50
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Século IV/1ª metade do século V d.C.
	Produção	Terra Sigillata Hispânica Tardia	Centro Produtor	Tricio
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Torno
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna em TSHT de corpo circular e secção bitroncocónica, constituído por parte da orla, disco e parede do infundibulum. Orla larga, ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por duas caneluras, formando uma grossa moldura concêntrica. Disco côncavo muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA 78 P	Sepultura	Sem dados	Sondagem	B5
Camada	1	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.1	Larg (cm)	2.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Amaré Tafalla, 1987: lám. III, 11; Rodríguez Martín, 2005:134-35, Nº69, lam.7, Nº4
-----------	--

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	LNEG	Nº inventário	Sem número
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna constituído por parte da asa e do infundibulum. "Pasta muito depurada, de tonalidade esbranquiçada-rosada (6A3), com elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Superfície com vestígios de engobe de tom alaranjado (8C6)" (Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 202 (nº3.3), 226, fig.20 (nº3.3))		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Tresminas, Vila Pouca de Aguiar		
Lugar	Complexo Mineiro Romano de Tresmin	Sítio/intervenção arq.	Corta de Covas, Galeria do Texugo		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.3	Larg (cm)	2.1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Muito mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Castro, 1960:281; 290 nº 9; Almeida CAF, 1973:555; Maricato, 2001:4-13; Brandão e Silva, 2006: 7; Martins, 2008: I, 63 (tab.VII.1); II, 196-99 (ficha nº19); 202 (nº3.3), 226, fig.20 (nº3.3)
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete da Estação Arqueológica do F	Nº inventário	78771
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o exterior, separada do disco côncavo por uma canelura. Presença de decoração indeterminada.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Freixo, Marco de Canaveses		
Lugar	Freixo	Sítio/intervenção arq.	Estação Arqueológica do Freixo (Tongobriga)		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Pf-7
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada
-------------	----------	-------------	-------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MMPNF	Nº inventário	MMPNF/2016/13129
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Centro-Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento com arranque de asa, parte do infundibulum e da orla. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e igual número de molduras. Asa elevada e perfurada circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Oldrões, Penafiel		
Lugar	Oldrões	Sítio/intervenção arq.	Castro de Monte Mozinho		
Acrónimo	M97	Sepultura	Sem dados	Sondagem	VI
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.6	Larg (cm)	5.3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Bastante fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	---

Referências bibliográficas	Soeiro, 2000-2001:111, fig.13.8
----------------------------	---------------------------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Centro Interpretativo de Esposende	Nº inventário	C.S.L.86.S.
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de orla e disco. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco, côncavo, por uma canelura. Pasta muito bem depurada de cor bege com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões. Superfície sem vestígios de engobe.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Vila Chã, Esposende		
Lugar	Castro de São Lourenço	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Lourenço		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada e engobe destacado
-------------	-----	-------------	---

Referências bibliográficas	Almeida CAB, 1988: 90; 105; 2006: 90; Carvalho, 2008: II, 38
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete Municipal de Arqueologia de	Nº inventário	[La-15]
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de orla e de disco. Orla larga e ligeiramente inclinada para o exterior, separada do disco por uma moldura e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado. Pasta bem depurada de cor bege esbranquiçada, com presença de elementos não plásticos de reduzidas dimensões e distribuição uniforme. Sem vestígios de engobe.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Porto	Freg + Município	Guifões, Matosinhos		
Lugar	Castro de Guifões	Sítio/intervenção arq.	Rua Ponte de Guifões		
Acrónimo	Sem dados	Sepultura	Sem dados	Sondagem	Sem dados
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2	Larg (cm)	3	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	-----	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2015-1037
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Baixo-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	África Proconsular	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna em TSA constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita, separada do disco por três caneluras e duas molduras concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 91 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	15
Camada	Sem dados	Complexo	2	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	1.7	Larg (cm)	5.1	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 1059
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Indeterminada	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita, separada do disco por uma coroa circular. O disco, grande convexidade, está bastante fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1059
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	7	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:89-101; 178-186; 266
----------------------------	--

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 1180
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Indeterminada	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Lucerna de tipo indeterminado, constituída por parte da orla, do disco, do infundibulum e do fundo. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por uma canelura e uma moldura concêntricas. Disco côncavo decorado com uma espécie de rosácea em relevo.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa Maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	11
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1180
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	6.8	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Guedes et al., 2012:101-114; 186-194; 272
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	Gabinete de Arqueologia de Chaves	Nº inventário	AMC07 1031
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Século I d.C.
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído pela asa, parte da orla, do disco e do fundo. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco côncavo por uma moldura. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras que se dispõem longitudinalmente. Fundo plano assente numa coroa circular, circunscrito por uma canelura.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Vila Real	Freg + Município	Santa maria Maior, Chaves		
Lugar	Arquivo Municipal de Chaves	Sítio/intervenção arq.	Rua do Bispo Idácio, 20 e 22		
Acrónimo	AMC 07	Sepultura	Sem dados	Sondagem	10
Camada	Sem dados	Complexo	Sem dados	UE	1031
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4	Larg (cm)	6	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	---	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Gudes et al., 2012:89-101; 178-186; 265
----------------------------	---

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0096
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita, decorada com incisões oblíquas em relevo, separada do disco por duas molduras. Disco muito fragmentado, que apenas conserva parte do orifício de alimentação.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colégio da Sagrada Família	Sítio/intervenção arq.	Rua São Geraldo, 69		
Acrónimo	BRA 96 CSF	Sepultura	Sem dados	Sondagem	15
Camada	4	Complexo	Sem dados	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.1	Larg (cm)	1.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0088
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S. José de S. Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 82 25Ab	Sepultura	Sem dados	Sondagem	E14
Camada	Sem dados	Complexo	52	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.8	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Mau	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	-----	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0107
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Asa elevada e perfurada, circunscrita por uma canelura disposta longitudinalmente, conservando o arranque do infundibulum.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Colina da Cidade	Sítio/intervenção arq.	Termas		
Acrónimo	BRA 91 T	Sepultura	Sem dados	Sondagem	116
Camada	Sem dados	Complexo	2	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	2.9	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0106
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente, conservando o arranque do infundibulum.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Sé, Braga		
Lugar	Carvalheiras	Sítio/intervenção arq.	Rua do Matadouro		
Acrónimo	BRA 83 CARV	Sepultura	Sem dados	Sondagem	X168 Y132
Camada	Sem dados	Complexo	230	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.5	Larg (cm)	1.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; engobe destacado
-------------	----------	-------------	-------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0144
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla estreita e inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras e duas caneluras concêntricas. Disco côncavo decorado com motivo indeterminado, dado o excessivo estado de fragmentação.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA 02 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	8
Camada	Sem dados	Complexo	25	UE	5304
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.5	Larg (cm)	2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	---	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0133
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Hispânica (Bética)	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o exterior, separada do disco por uma grossa moldura. Disco côncavo, decorado com traços dispostos de forma oblíqua e em relevo. Parte do orifício de alimentação conservado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	J14
Camada	Sem dados	Complexo	0	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	4.5	Larg (cm)	3.2	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0146
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Fragmento de lucerna de tipo indeterminada constituído por parte da orla, do disco e do infundibulum. Orla estreita e ligeiramente inclinada para o interior, separada do disco por três caneluras e uma moldura. Disco côncavo muito fragmentado.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cavaliariças	Sítio/intervenção arq.	Rua dos Bombeiros Voluntários		
Acrónimo	BRA 88 CVL	Sepultura	Sem dados	Sondagem	54
Camada	Sem dados	Complexo	7	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	5.3	Larg (cm)	1.9	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

Estampa

Sem estampa

Instituição

MDDS

Nº inventário

2016-0131

Classificação

Lucerna

Série

Lucerna indeterminada

Tipologia

Indeterminada

Império

Alto-Imperial

Cronologia

Indeterminada

Produção

Indeterminada

Centro Produtor

Indeterminado

Matéria

Cerâmica

Técnica fabrico

Molde

Descrição

Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituída pelo arranque de asa, parte da orla e do disco. Orla larga e inclinada para o interior, separada do disco por duas caneluras e uma moldura concêntricas. Disco côncavo, muito fragmentado, que conserva parte do orifício de alimentação.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

S.José de S.Lázaro, Braga

Lugar

Quinta do Fujacal

Sítio/intervenção arq.

Rua Marcelino Sá Pires

Acrónimo

BRA 93 FUJ

Sepultura

Sem dados

Sondagem

H12

Camada

Sem dados

Complexo

176

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

3.3

Larg (cm)

4

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0149
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Lucerna de tipo indeterminado constituída pela asa e parte do arranque do infundibulum. Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	Cidade, Braga		
Lugar	Cardoso da Saudade	Sítio/intervenção arq.	Rua de São Paulo		
Acrónimo	BRA 83 CS	Sepultura	Sem dados	Sondagem	B-4-7-/Q7
Camada	Sem dados	Complexo	617	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	2.4	Larg (cm)	3.5	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

	Instituição	MDDS	Nº inventário	2016-0148
	Classificação	Lucerna		
	Série	Lucerna indeterminada	Tipologia	Indeterminada
	Império	Alto-Imperial	Cronologia	Indeterminada
	Produção	Itálica	Centro Produtor	Indeterminado
	Matéria	Cerâmica	Técnica fabrico	Molde
Estampa Sem estampa	Descrição	Asa elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente.		

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada	Não apresenta
Oleiro	Não apresenta
Símbolos anepígrafos	Não apresenta
Letras isoladas	Não apresenta
Grafitos	Não apresenta

Proveniência

Distrito	Braga	Freg + Município	S.José de S.Lázaro, Braga		
Lugar	Quinta do Fujacal	Sítio/intervenção arq.	Rua Marcelino Sá Pires		
Acrónimo	BRA 93 FUJ	Sepultura	Sem dados	Sondagem	H12
Camada	Sem dados	Complexo	175	UE	Sem dados
Corte estratigráfico	Sem dados				

Dimensões

Comp (cm)	3.5	Larg (cm)	2.4	Alt (cm)	Indeterminada
-----------	-----	-----------	-----	----------	---------------

Estado de conservação

Conservação	Razoável	Observações	Muito fragmentada; pasta desagregada
-------------	----------	-------------	--------------------------------------

Referências bibliográficas	Sem referências
----------------------------	-----------------

Paralelos	Sem referências
-----------	-----------------

Inventário das lucernas romanas importadas do Norte de Portugal

Estampa

Sem estampa

Instituição

MDDS

Nº inventário

2015-1038

Classificação

Lucerna

Série

Lucerna indeterminada

Tipologia

Indeterminada

Império

Alto-Imperial

Cronologia

Indeterminada

Produção

Itálica

Centro Produtor

Indeterminado

Matéria

Cerâmica

Técnica fabrico

Molde

Descrição

Fragmento de lucerna de tipo indeterminado constituído por asa, elevada e perfurada, circunscrita por duas caneluras dispostas longitudinalmente, e arranque do infundibulum.

Marcas, inscrições e grafitos

Marca de oleiro documentada

Não apresenta

Oleiro

Não apresenta

Símbolos anepígrafos

Não apresenta

Letras isoladas

Não apresenta

Grafitos

Não apresenta

Proveniência

Distrito

Braga

Freg + Município

Cidade, Braga

Lugar

Cidade

Sítio/intervenção arq.

Rua São Geraldo, 34

Acrónimo

BRA 94 SG

Sepultura

Sem dados

Sondagem

505

Camada

Sem dados

Complexo

13

UE

Sem dados

Corte estratigráfico

Sem dados

Dimensões

Comp (cm)

3.4

Larg (cm)

4

Alt (cm)

Indeterminada

Estado de conservação

Conservação

Razoável

Observações

Muito fragmentada; pasta desagregada

Referências bibliográficas

Sem referências

Paralelos

Sem referências